UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
DOUTORAMENTO EM COMUNICAÇÃO E ATIVISMOS

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, do programa CQC, na Ilha do Marajó

Tese de Doutoramento apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de doutor em Comunicação e Ativismos, sob a orientação do Professor Doutor Rui Alberto Mateus Pereira, da Universidade Lusófona, e a coorientação da Professora Doutora Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira, da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Fabiane Luisi Turisco
(n. a21808169)

2025

www.ulusofona.pt

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
DOUTORAMENTO EM COMUNICAÇÃO E ATIVISMOS

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores- Missão ao Espaço*, do programa CQC, na Ilha do Marajó

VERSÃO FINAL

Tese de Doutoramento defendida em provas públicas na Univerisdade Lusófona, Centro Universitário do Porto, no dia 24 de março de 2025, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 76/2025, de 31 de janeiro de 2025, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Moisés de Lemos Martins, (Professor Catedrático, Diretor da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação), por minha delegação; Vogal: Prof. Doutor Luís Miguel Nunes da Silva Loureiro (Professor Auxiliar, Universidade do Minho) - arguente; Vogal: Profª Doutora Denise Tavares da Silva (Professora do Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense) - arguente; Vogal: Profª Doutora Carla Preciosa Braga Cerqueira (Professora Associada, Universidade Lusófona); Vogal: Profª Doutora Alexandra Maria Gomes Costa Morais Figueira (Professora Auxiliar, Universidade Lusófona); Orientador: Prof. Doutor Rui Alberto Mateus Pereira (Professor Associado, Universidade Lusófona).

Este trabalho também foi co-orientado pela Profª Doutora Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira, da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Fabiane Luisi Turisco
(n. a21808169)

2025

www.ulusofona.pt

Dedicatória

Aos meus ancestrais.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a presença constante de Deus na minha vida, especialmente durante os momentos mais desafiadores, como foi o desenvolvimento desta tese. A Deus e ao meu mestre Meishu Sama, atribuo o início, o desenvolvimento, a conclusão deste trabalho, e todos os encontros, quase todos não casuais, que me permitiram, a partir desta investigação, a construção de uma nova visão do mundo.

De seguida, agradeço o suporte ininterrupto e amoroso do meu marido Vladimir Ramalho. A sua força e sabedoria sempre me guiaram para os caminhos em que a verdade pavimentava um porto seguro, um ponto externo e vital de equilíbrio.

Sou grata pela generosidade e pela profunda sabedoria do meu orientador, o Professor Rui Pereira, que sempre me proporcionou, em inúmeros momentos, um suprimento de oxigénio, de aprendizagens e de ajustes teóricos, através de palavras aquecidas com muita gentileza, cuidado e respeito. Com ele, os meus escritos, tornaram-se numa tese.

À minha coorientadora, a Professora Ivana Guimarães, agradeço por me ter apresentado os autores brasileiros e sul-americanos, que forneceram as bases essenciais para esta tese e para a minha vida. As suas sugestões foram como flechas certeiras, já que, em poucos minutos de conversa, fazia-se entender e chegava sempre ao ponto vital de tudo o que precisava ser discutido.

Minha sincera gratidão ao trabalho árduo e precioso de todos os autores que conheci durante esta investigação. Alguns deles trouxeram-me conteúdos que transformaram minhas perceções sobre a sociedade em que vivo, e deram-me uma firmeza sobre o lugar que me encontro nela.

Agradeço profundamente a confiança e a doação do tempo precioso de todos os professores da escola Ponta Alegre que participaram das entrevistas. Este trabalho só foi possível considerando a abertura e o profissionalismo que me ofereceram. Encontro em vocês o resplendor da resistência marajoara, uma referência e um exemplo para o mundo sobre o poder de regeneração e de união que existe na Ilha do Marajó. E, ainda no contexto da comunidade escolar, agradeço a disposição e a franqueza dos ex-alunos, e dos pais e mães de alunos, que se disponibilizaram a colaborar com esta pesquisa.

Agradeço aos dirigentes e ao corpo docente da Universidade Lusófona, na cidade do Porto. O período das aulas proporcionou-me momentos de inesquecíveis encontros com o conhecimento, partilhado por professores que o faziam com admirável dedicação.

Particularmente, agradeço as aulas orientadas pela professora Isabel Babo, que me inspiraram a desenvolver o tema sobre o Acontecimento mediático e a Experiência publica.

Gratidão a uma fiel rede de suporte técnico, na presença firme e amistosa da Carolina Gomes, do Rafael Serafim, da Lúcia Santiago, da Carolina Santiago, da Daisy Vasconcelos, da Tatiana Amato, da Maria Amália Dutra Machado e da Ana Raquel Maia.

Neste grupo de colaboração, ofereço o meu agradecimento especial à querida professora Ana Maria Kirschner, que me ajudou a prosseguir em um momento crítico desta investigação.

A minha gratidão ao inestimável suporte psíquico, físico, emocional e espiritual do Ministro António Carlos Pessoa, da Dra. Marina da Silveira Rodrigues, da professora Julia Boedo e dos amigos Symone Leão e Rafael José de Souza Reis, pela generosidade de partilhar o Sítio Mãe Natureza em Itamonte, Minas Gerais, onde esta tese floresceu.

Agradeço à organização Pro Natura e ao seu presidente Marcelo de Andrade, por mais de uma década de aprendizagens em territórios com desafios sociais e de grande riqueza humana no Brasil, em África e na América do Sul.

Ao meu amigo marajoara, o professor Carlos Baratinha, por me ensinar tanto sobre a força e a resiliência do povo da Ilha do Marajó.

Aos meus familiares amados, presentes fisicamente e espiritualmente, aos Luisis, aos Turiscos, aos Gomes e aos Ramalhos, agradeço pela paciência de tantas ausências, e pela preferência de algumas presenças.

Agradeço a Portugal, um país, aos meus olhos, com expressiva força social, que nos acolheu durante todos os anos que durou esta investigação, que nos deu segurança e todo o suporte que precisávamos; e à cidade do Porto, cuja beleza ficará gravada no meu coração.

E finalmente, e sempre, agradeço, à minha mãe, a professora Elisete, e ao meu pai, o gráfico Antônio, o presente da vida, e de todos os incentivos e recursos para que eu tivesse acesso ao conhecimento de forma contínua.

Resumo

A presente investigação doutoral analisa o programa *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, exibido pelo CQC (Custe o que Custar) (TV Bandeirantes, Brasil, 2014), realizado em torno da angariação de doadores para a construção de um Telecentro e uma biblioteca, na escola carenciada de uma comunidade escolar ribeirinha marajoara, na Amazónia.

Considerando que o programa se enquadrou num formato de infoentretenimento, interferindo e impactando na vida quotidiana dessa comunidade, a investigação foi realizada segundo 3 objetivos: analisar a constituição de um Acontecimento mediático; identificar os efeitos e as consequências decorridas a partir da participação comunitária, sob a perspetiva de uma Experiência pública; e explorar se a experiência e os resultados deste acontecimento, se constituíram como um fator de desenvolvimento, sob a ótica da Comunicação para o Desenvolvimento e para a Mudança Social.

A Análise Temática foi escolhida como metodologia qualitativa para examinar as perceções dos 30 entrevistados que participaram deste processo. Dez anos mais tarde, o resultado da análise permitiu a construção, o teste, e a resposta a uma hipótese final visando examinar em que medida o Acontecimento mediático e a Experiência pública, podem ou não constituir uma ferramenta com o potencial para a transformação social e o desenvolvimento de comunidades subalternas.

Palavras-chave: Acontecimento mediático; Experiência pública; Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social; Ilha do Marajó-Amazónia; CQC (Custe o que Custar).

Abstract

This doctoral research analyses a television programme entitled *Cadeia de Favores* – Missão ao Espaço (Chain of Favours – Mission to Space), aired by CQC (*Custe o que Custar*/Whatever it Takes) (*TV Bandeirantes*, Brazil, 2014) and produced with the intent of raising money to build a telecentre and a library for an underprivileged *Marajoara* riverside school community in the Amazon region.

Considering that the programme was in an infotainment format, interfering and impacting the daily life of this community, the research was carried out with 3 objectives: to analyse the constitution of a media Event; to identify the effects and consequences of community engagement from a Public experience perspective; and explore whether the experience and the results of this event constituted a development factor from a Communication for Development and Social Change viewpoint.

Thematic Analysis was the qualitative methodology used to examine the perceptions of the thirty interviewees who participated in this process. Ten years later, the result of such analysis, in addition allowing for the construction and testing of the final hypothesis, also aimed to examine the extent to which the Media event and the Public experience – may or may not be used as a tool that could potentially change social transformation and the development of subaltern communities.

Key words: media Event; public Experience; Communication for Development and Social Change; *Marajo* Island - *Amazon*; CQC (*Custe o que Custar*/Whatever it Takes).

Abreviaturas

Sigla	Designação
AIP	Acesso, Interação e Participação
ATLAS.TI	Software de análise de dados qualitativos
AMAM	Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó
AMPEC	Associação dos Moradores e Produtores Extrativistas do Canaticu
CCA	Comunicação Centrada na Cultura
CCC	Comunicação Centrada na Cultura
CEB	Comunidades Eclesiáticas de Base
CEMS	Centro de Estudos das Mobilizações Sociais
C4D	Communication for Development (Comunicação para o Desenvolvimento)
C4DMS	Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social
CNRS	Centre National de la Recherche Scientifique (Centro Nacional de Investigação Científica)
CQC	Custe o que Custar (programa de televisão)
EE	Entretenimento e Educação
EHESS	École des hautes études en sciences sociales (Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais)
FAO	Organização para a Alimentação e Agricultura
FAPESPA	Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas
IATAS	Academia Internacional das Artes e Ciências Televisivas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
I2AI	International Association of Artificial Inteligence (Associação Internacional de Inteligência Artificial)
LAM	*Lok Adhikar Manch (*Movimento social indiano)
MIB	*Men in Black* (Homens de negro) – filme
MoMA	Museu de Arte Moderna
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milénio
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
Osesp	Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo
PAE	Projeto de Assentamentos Extrativistas
PIB	Produto Interno Bruto
PNI	Pro Natura International
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
SAEB	Sistema de Avaliação de Educação Básica
SIC	Sociedade Independente de Comunicação
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UOL	Universo On Line

Índice

Dedicatória **3**

Agradecimentos **4**

Resumo **6**

Abstract **7**

Abreviaturas **8**

Índice **10**

Introdução **18**

Parte 1 ..... **23**

Capítulo 1: A Ilha do Marajó **23**

1.1. A Ilha do Marajó, o maior arquipélago de águas fluviais do mundo e uma das regiões mais pobres do Brasil 23

1.2 Caraterização geográfica, social e económica da Ilha do Marajó 24

1.3. O processo de constituição da ilha marajoara e o contexto amazónico 27

1.4. A formação das comunidades ribeirinhas marajoaras 30

1.5. A educação no contexto amazónico 33

1.6. Breve relato sobre a cultura marajoara 35

1.7.O município de Curralinho e a comunidade Sagrada Família 37

Capítulo 2: O programa CQC – *Cadeia de Favores - Missão ao Espaço*, na Ilha do Marajó **40**

2.1. O programa de televisão CQC 41

2.2 O enquadramento de género do programa de televisão CQC 47

2.3. O quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* do programa CQC, na Ilha do Marajó 50

2.4. Contexto histórico do CQC e do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* 53

2.5 O quadro de sentidos do *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* 57

2.6. A perspetiva da comunidade escolar após o término do programa 65

Parte 2 68

Capítulo 3: Comunicação como Cultura 68

3.1. A "visão ritual" da comunicação de James W. Carey 69

3.2. Os Estudos Culturais e o papel dos meios de comunicação 73

3.3. Uma abordagem latino-americana sobre comunicação e cultura 78

3.4. A televisão como veículo de socialização 82

3.4.1. A televisão pós-rede e a sua natureza industrial 89

3.4.2. Os géneros televisivos ao serviço da indústria televisiva 93

3.4.3. Quando tudo se pode tornar entretenimento 96

3.4.4. Infoentretenimento, entretenimento e jornalismo 98

3.4.4.1. O jornalismo e os "Estudos Culturais" 101

3.4.4.2. O onfoentretenimento e o papel das emoções 103

3.4.4.3. O infoentretenimento e a política 105

3.4.5. A participação como característica de uma nova cultura comunicacional 110

Capítulo 4: O Acontecimento Mediático 118

4.1. O acontecimento televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* 118

4.2. A construção da notícia e a construção mediática do acontecimento 119

4.3. O acontecimento mediático, jornalístico e televisivo 124

4.3.1. O acontecimento mediático 124

4.3.2. O acontecimento jornalístico 129

4.3.3. O acontecimento televisivo 133

4.4. A degradação do acontecimento televisivo 134

4.5. O acontecimento mediático e o seu potencial de integração 136

Capítulo 5: A Experiência Pública 143

5.1 A experimentação no pragmatismo 143

5.2. O público 145

5.3. A vivência do acontecimento na experiência pública 148
5.4. A configuração do acontecimento na experiência pública 149
5.5. Experiência pública e comunicação 151
5.6. O papel das emoções na Experiência pública 153
5.7. Os *media* na Experiência pública 154
Capítulo 6: Comunicação para o Desenvolvimento 159
6.1. O Desenvolvimento 160
6.2. Comunicação para o Desenvolvimento, um campo normativo em formação 165
6.3. Comunicação para o Desenvolvimento e os *Media* 172
6.3.1. Comunicação para o Desenvolvimento e o Entretenimento e Educação 175
6.4. Os paradigmas do Desenvolvimento 176
6.4.1. O paradigma do Pós-Colonialismo e os Estudos Subalternos 180
6.4.1.1. Epistemologias do Sul 186
6.4.1.2. *Amazônia Colônia do Brasil* 190
6.5. Comunicação, Desenvolvimento e Espiritualidade 196
6.5.1. Comunidade Eclesial de Base 199
Capítulo 7: Metodologia 202
7.1 Abordagem Qualitativa - o estudo de caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço,* do programa CQC, na Ilha do Marajó, através de entrevistas 203
7.1.1 O estudo de caso 203
7.1.2 As entrevistas semiestruturadas 204
7.1.3 Os entrevistados 205
7.1.3.1 Perfil sociodemográfico dos entrevistados 206
7.1.4 Transcrição das entrevistas 207
7.2 Análise e interpretação dos dados 209
7.2.1 Análise Temática - conceptualização e desdobramentos metodológicos 209
7.2.1.1 Aplicação da Análise Temática 212

7.2.1.2 O livro de códigos 213

7.3 Questões éticas 217

7.3.1 Comunicação e protocolo ético 217

7.3.2 Relações institucionais e pessoais entre a Escola Ponta Alegre, a Pro Natura Internacional e o programa CQC 218

7.3.2.1 A autora desta tese e a Escola Ponta Alegre 219

Capítulo 8: Análise temática do caso do programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço,* na Ilha do Marajó 221

8.1 O Acontecimento mediático do programa CQC, *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó 224

8.1.1 Emoções 224

8.1.1.1 O impacto das emoções 226

8.1.1.2 A alegria, a felicidade e a gratidão 226

8.1.1.3 Exaltação, entusiasmo e prazer 229

8.1.1.4 Um paradoxo de emoções 229

8.1.2 Memória e Significado 231

8.1.2.1 A lembrança viva do acontecimento 233

8.1.2.2 O encontro de realidades, o espetáculo e a vida quotidiana ribeirinha 234

8.1.3 Aprendizagens 236

8.1.3.1 A aprendizagem relacionada com a solidariedade e a união, e com uma experiência de amor 236

8.1.4 Participação mediática 238

8.1.4.1 A visibilidade e a valorização, um efeito transformador na comunidade escolar 239

8.1.4.2 Inclusão e motivação 242

8.1.5 Humor e entretenimento 245

8.1.5.1 O humor como ferramenta de mobilização, envolvimento e engajamento .. 246

8.1.5.2 O humor e o entretenimento na produção de diversão, prazer e felicidade . 247

8.1.5.3 O humor e o seu papel de evitar constrangimentos em assuntos sensíveis..248
8.1.5.4 O humor e o respeito no tratamento de assuntos sérios 249
8.1.5.5 O humor, um formato de amor.....249
8.1.6 Considerações finais a respeito do tema "O Acontecimento mediático do programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó".....250
8.2 Efeitos percebidos ao nível da Experiência pública vivenciada pela comunidade da Escola Ponta Alegre.....255
8.2.1 Organização 256
8.2.1.1 O envolvimento de toda a comunidade 257
8.2.1.2 As comissões e a divisão de tarefas.....257
8.2.1.2.1 A organização para a receção do programa televisivo 259
8.2.1.2.2 A organização para a entrega dos donativos 260
8.2.1.2.3 A organização para a construção do Telecentro e da biblioteca 261
8.2.1.3 A união como elemento pré-existente 261
8.2.1.4 Uma interferência externa na organização 262
8.2.2 Cooperação 263
8.2.2.1 A ênfase na cooperação entre os membros da comunidade escolar.....263
8.2.2.2 A identificação do "movimento social" como primeiro articulador da experiência vivida.....264
8.2.2.3 O reconhecimento da importância da cooperação do governo e das instituições públicas.....265
8.2.2.4 A indicação de outras instituições que cooperaram com a organização das tarefas executadas durante a experiência.....266
8.2.3 Relações Interpessoais 267
8.2.3.1 O fortalecimento das relações interpessoais da comunidade escolar 268
8.2.3.4. A aproximação dos pais e mães de alunos na comunidade escolar.....270
8.2.4 Sentido de compromisso e continuidade 271

8.2.4.1. Sobre a perceção de pertença do Telecentro e da biblioteca pela comunidade escolar 272

8.2.4.2 Um forte sentimento de preocupação 274

8.2.4.2.1. Inquietações relativas à manutenção e à continuidade funcional do Telecentro e da biblioteca 275

8.2.4.2.2. A preocupação em relação ao funcionamento do Telecentro e o seu vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho 277

8.2.5. Produção de conhecimento local 277

8.2.5.1 O Telecentro e a Biblioteca CQC – acesso ao conhecimento e a criação de novos campos de pesquisa 279

8.2.5.1.1 A inclusão digital da comunidade escolar 283

8.2.5.1.2 A Biblioteca CQC e a evolução da capacidade de leitura dos alunos e a influência no avanço da aprendizagem 285

8.2.5.1.3 O impacto no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Escola Ponta Alegre 288

8.2.5.1.4 O impacto no comportamento do corpo discente da Escola Ponta Alegre 289

8.2.5.1.5 O impacto na formação académica do corpo docente da Escola Ponta Alegre 292

8.2.5.1.6 O impacto na comunidade escolar, o uso público do Telecentro e da Biblioteca CQC 294

8.2.6. Considerações finais a respeito do tema "Efeitos percebidos ao nível da Experiência Pública vivida pela comunidade da Escola Ponta Alegre" 295

8.3 Acontecimento mediático e Experiência pública – convergências sob a perspetiva das teorias críticas à "Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social" 301

8.3.1. A participação radical da comunidade escolar e local 302

8.3.1.1. A participação radical e os *media* 302

8.3.1.2. A participação radical e a criação de um novo eixo de conhecimento 304

8.3.2. A definição de desenvolvimento pela própria comunidade escolar 306

8.3.3. Considerações finais a respeito do tema "Acontecimento mediático e Experiência Pública – convergências sob a perspetiva das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social" 309

Capítulo 9: Conclusão 323

9.1. Resumo geral da tese e o cumprimento dos objetivos 323

9.2. O caminho para uma hipótese embasada numa eficácia cultural 336

9.3. Acontecimento mediático e Experiência pública – a proposição e a resposta para uma hipótese final 341

9.4. Limitações da investigação e proposições para estudos futuros 345

Referências bibliográficas 348

Anexo 1 i

Anexo 2 v

Anexo 3 vii

Anexo 4 ix

Índice de tabelas

Tabela 1: Acesso, Interação e Participação - Modelo AIP (adaptado e traduzido) .. 113

Tabela 2: Sigla de identificação dos entrevistados participantes do programa Cadeia de Favores-Missão ao Espaço, na Ilha do Marajó 206

Tabela 3: Dados do perfil sociodemográfico dos entrevistados 207

Tabela 4: Etapas do processo de transcrição das entrevistas 208

Tabela 5: Fases da Análise Temática utilizada na pesquisa 211

Tabela 6: Códigos escolhidos para a dimensão Acontecimento mediático e seus fundamentos teóricos 215

Tabela 7: Códigos escolhidos para a dimensão Experiência pública e seus fundamentos teóricos 216

Tabela 8: Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre as perceções dos entrevistados e sua relação com os códigos indicados para o Acontecimento mediático 251

Tabela 9: Resultados IDEB da Escola Ponta Alegre – período 2009 a 2021 288

Tabela 10: Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre os efeitos percebidos ao nível da Experiência pública 297
Tabela 11: Convergências entre a Experiência pública de um acontecimento mediático e as teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social 322

Índice de figuras

Figura 1: Mapa dos Estados que compõem a Amazónia Legal – destaque Ilha do Marajó.....23
Figura 2: Mapa de localização dos rios, braços, furos e ilhas do Rio Canaticu - Município de Curralinho-Pará.....39
Figura 3: Fases da Análise temática.....212
Figura 4: Palavras usadas pelos entrevistados para descrever emoções sentidas a respeito de sua participação no acontecimento mediático.....231
Figura 5: O Espetáculo interativo com o potencial para o desenvolvimento e para a mudança social 344

Introdução

A Ilha do Marajó pertence ao Estado brasileiro do Pará e está localizada no bioma Amazónico. É a maior ilha fluviomarítima do mundo – e uma das mais importantes regiões húmidas do planeta –, onde desagua o que representa 1/4 do volume de água de todos os rios da Terra. Confirmando a existência do "paradoxo amazônico", uma expressão de Violeta Loureiro (2022, p.24), a Ilha do Marajó está imersa em abundantes riquezas naturais e apresenta um dos piores Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, com a maior taxa de pobreza do Estado do Pará.

Tendo em consideração este cenário, conduziremos este estudo, que se insere nas áreas das Ciências Sociais e da Comunicação, e diz respeito ao caso do programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, exibido em 2014 pelo CQC, no canal brasileiro Bandeirantes. O episódio foi gravado na Escola Ponta Alegre, localizada na comunidade de ribeirinhos Sagrada Família, pertencente à zona rural do Município de Curralinho, na Ilha do Marajó, com uma dimensão de acontecimento festivo televisivo, contando com a participação da população escolar e local que, no final do episódio, foi desafiada a construir um Telecentro – uma sala para projeto de formação digital – e uma biblioteca.

No programa, a questão da educação foi colocada como um problema sério no Brasil e pretendeu-se ajudar a escola, com um jornalista animador, que apelava às emoções, o que acabou por mobilizar doadores de todo o país: foram entregues, em direto, computadores; impressoras; sistema de energia solar; livros; brinquedos; alimentos; roupas, etc.

À partida, torna-se relevante a análise do formato do programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, do CQC, uma vez que é tipificado como um programa de jornalismo, por parte dos seus produtores, constituindo-se, ao mesmo tempo, como um programa de entretenimento. Dada a relevância desse formato sobre a análise do acontecimento mediático, neste estudo, iremos abordar o infoentretenimento, pretendendo demonstrar que é nesse género que o programa deve ser enquadrado.

Passo contínuo, esta investigação está subordinada à seguinte questão geral de investigação: tendo em consideração que se trata de um programa que intervém na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação e enquanto acontecimento, quais são os efeitos ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*?

É importante esclarecer que não se abordarão os efeitos dos *media*, e mais especificamente os da televisão, ao nível dos públicos e das audiências, na medida em que o que se pretende averiguar são os efeitos ao nível da experiência, i.e., se houve efeitos específicos nos sujeitos que foram chamados a participar do programa e na comunidade escolar que recebeu os donativos. Considerando-se, ainda, a entrega dos diversos bens – computadores; material escolar; alimentos; recursos para a construção de um Telecentro para a formação digital e uma biblioteca a essa população escolar –, pretendemos também aferir se a experiência deste acontecimento e os resultados que dele advieram, se constituíram como um fator (ou nível) de desenvolvimento, no âmbito mais específico do que se entende por Comunicação para o Desenvolvimento e para a Mudança Social.

Neste sentido, os objetivos desta investigação passam por demonstrar que existe uma produção de infoentretenimento, com características, ao mesmo tempo, próprias e híbridas, entre o jornalismo e o entretenimento. Pretende-se avaliar em que medida um programa televisivo de infoentretenimento e doação de bens, 1) constituiu um Acontecimento mediático; 2) teve efeitos ao nível de uma Experiência pública, e 3) gerou uma perceção de algum tipo de desenvolvimento, ou de mudança social, na pequena comunidade.

A respeito da condução teórica para alicerçar esta pesquisa, serão apresentados 4 eixos principais:

1) a Comunicação como Cultura: numa abordagem segundo a qual se considera a sociedade como uma forma de comunicação, enfatizando o caráter simbólico da comunicação na construção e na manutenção desta sociedade (Carey, 2009; Martín-Barbero, 2018; Hall, 1980, 2003; Morin, 2001, 2002), e o papel e a influência dos *media* na produção de um novo ecossistema cultural, a partir de estudos e conceitos-chave relacionados com a televisão, o entretenimento e o jornalismo (Babo, Loureiro & Pereira, 2021; Baym, 2006; Caldwell, 2004; Carpentier, 2011; Dahlgren, 2010; Damásio, 2021; França, 2006; Gerbener, 1972; Gitlin, 1979; Jost, 2004; Livingstone & Lunt, 2013; Morin, 2002; Murdock, 2005; e Wasko, 2005);
2) o Acontecimento mediático, televisivo e jornalístico, a partir de uma abordagem pragmática, em como estes eventos afetam, causam reações, e como através do seu poder hermenêutico, podem trazer novos significados, provocar transformações, ativar valores comuns e até mesmo provocar situações problemáticas com poder explicativo (Babo, 2013, 2015; Babo-

Lança 2002, 2010, 2011; Best & Kellner, 1997; Couldry, Hepp & Krotz, 2010; Csigo, 2010; Dahlgreen, 2010; Dayan & Katz, 1999; França, 2006; Noelle Neuman, 2002; Park, 1966; Quéré, 2005, 2011; Tuchman, 2009);

3) a Experiência pública, considerando a perspetiva de que a exposição às performances pode gerar um engajamento ativo; a partilha de uma visão de mundo de cooperação e comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação; e a formação de um público (Babo-Lança, 2005, 2006, 2012; Bieger, 2020; Bybee, 1999; Cefai, 2007, 2009, 2014, 2017; Dewey, 1946, 2001, 2008, 2010; Mateus, 2011, 2012, 2016; Quéré, 2017; Quéré & Terzi, 2012; Sales, 2021);
4) a Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social (Dutta, 2015; Grosfoguel, 2008; Manyoso, 2017; Loureiro, 2022; Melkote & Steves, 2015; Quijano, 2005; Spivak, 1994; Tuffte, 2005, 2012, 2017), evidenciando, neste último eixo, focalizado nas suas vertentes críticas ligadas aos Estudos Subalternos e Pós-Coloniais, possíveis pontos de convergência entre a Comunicação para o Desenvolvimento e a Experiência pública vivida a partir do Acontecimento mediático, que é o objeto desta investigação.

Em suma, a tese contará com 9 capítulos, divididos em 3 partes. A primeira parte inclui os 2 primeiros capítulos, que contêm as apresentações e contextualizações, sendo que, no Capítulo 1 é feita a descrição do contexto da Ilha do Marajó, com a exposição das dimensões relevantes a respeito do local onde se dá a experiência analisada neste trabalho; no Capítulo 2, é dado o devido destaque ao programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão* do CQC, sendo enquadrado como o acontecimento mediático objeto desta tese.

A segunda parte da tese abrange os Capítulos 3, 4, 5 e 6, em que desenvolvemos os fundamentos teóricos, que servirão de base para a formulação de uma posição face à questão geral formulada. No Capítulo 3, propomos estabelecer uma visão teórica aperfeiçoada sobre a comunicação e os *media* e, mais especificamente, sobre o programa de televisão em análise.

No Capítulo 4, será mantido o aprofundamento da perspetiva dos *media* acrescido, contudo, do suporte de conceitos afetos ao campo dos estudos da Sociologia, com o foco na sua dimensão como acontecimento. Levar-se-á em consideração que o acontecimento mediático apresenta um potencial de afetar, de causar rupturas, de dar ênfase a situações problemáticas, de agir como interruptor da vida quotidiana, e até mesmo de estar na base da constituição de novos públicos.

Reconhecendo o poder pragmático e hermenêutico da experiência do acontecimento mediático na formação de novos públicos, no Capítulo 5 tomaremos uma outra direção, com o suporte do conceito de "Experiência pública". Nessa dimensão, os afetados pelo acontecimento interessam-se, de forma coletiva, e envolvem-se porque se sentem atingidos, e estimulados a reagir e a posicionar-se como forma de compromisso e da organização de uma conduta.

E, por fim, encerrando a segunda parte desta tese, no Capítulo 6 apresentaremos o tema Comunicação para o Desenvolvimento (C4D), enfatizando elementos desse campo de estudos relacionado com as teorias críticas, nomeadamente as que estão ligadas ao Pós-Colonialismo e os Estudos Subalternos, quer estejam vinculadas, ou sejam convergentes com as características fundamentais do acontecimento mediático e da Experiência pública apresentadas nos 3 capítulos anteriores.

Na terceira parte da tese, constituída pelos Capítulos 7, 8 e 9, apresentaremos a metodologia utilizada nesta investigação; a análise das entrevistas com os 30 representantes da comunidade escolar; e a conclusão desta investigação, respetivamente.

Procurando dar resposta para à questão geral e aos objetivos definidos, optámos pela auscultação de representantes da comunidade escolar que participaram do programa televisivo, através de entrevistas semiestruturadas, cuja finalidade foi a de identificar as perceções dos próprios, relacionadas com os efeitos e as consequências da experiência deste acontecimento mediático na vida desta comunidade escolar. Enfatiza-se que a participação da comunidade escolar neste estudo, através das entrevistas, alinha-se com o seu propósito primordial, patente no trabalho de Saputro e Islam (2019, p.140), sobre a participação comunitária em projetos que envolvem os *media*, segundo o qual a análise dos estudos sobre comunicação, *media* e cultura, deve ser focada na perspetiva e nos interesses dos participantes. Esse é, também, o verdadeiro objetivo destas entrevistas e deste estudo.

A Análise Temática foi a metodologia selecionada para examinar as entrevistas realizadas com os 30 representantes da comunidade escolar que participaram do Acontecimento mediático em análise, tendo sido estabelecidos 3 temas, cada qual com o propósito de oferecer uma resposta para os 3 objetivos traçados no início desta investigação.

O primeiro tema – O Acontecimento Mediático do programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó – está relacionado com as teorias do Acontecimento mediático e da Comunicação como cultura, desenvolvidas nos Capítulos 3 e 4, em que nos propomos a avaliar em que medida o programa televisivo se constituiu como Acontecimento mediático, levando em consideração a informação

contida nos códigos: 1.1 emoções; 1.2 memória e significado; 1.3 aprendizagens; 1.4 participação mediática; e 1.5 humor e entretenimento.

O segundo tema – Efeitos percebidos ao nível da Experiência pública vivenciada pela comunidade da Escola Ponta Alegre – está vinculado às teorias discutidas no Capítulo 5, precisamente sobre a Experiência pública, em que se discorre sobre a experiência coletiva vivida pela comunidade escolar e os efeitos percebidos pelos entrevistados, centrado na análise com base nos seguintes códigos: 2.1 organização; 2.2 cooperação; 2.3 relações interpessoais; 2.4 sentido de compromisso e continuidade; e 2.5 produção de conhecimento local.

Por fim, no terceiro tema – Acontecimento mediático e a Experiência pública - convergências sob a perspetiva das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social –, procuraremos analisar de que forma os códigos expressos nos dois primeiros temas, e os resultados sistematizados através das entrevistas realizadas com os participantes do acontecimento, estão ligados, ou se convergem, com as teorias críticas sobre a Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social, sob a ótica dos Estudos Subalternos e Pós-coloniais; e, se é possível, a partir desses entendimentos, perceber algum tipo de desenvolvimento, ou de mudança social, na comunidade escolar.

A partir das análises finais apresentadas nos 3 temas supramencionados, e com uma melhor compreensão dos efeitos e das consequências de um Acontecimento mediático na Ilha do Marajó, pretende-se construir uma hipótese que possa revelar em que medida o Acontecimento mediático é uma ferramenta com potencial para a transformação social, capaz de dar suporte ao desenvolvimento das comunidades que fazem parte de regiões que apresentem contextos análogos à região que foi analisada nesta investigação.

Parte 1

Capítulo 1: A Ilha do Marajó

1.1. A Ilha do Marajó, o maior arquipélago de águas fluviais do mundo e uma das regiões mais pobres do Brasil

Com o propósito de oferecer uma melhor compreensão a respeito dos efeitos e das consequências de um acontecimento mediático vivido por uma comunidade escolar ribeirinha, localizada na Ilha do Marajó, é importante demonstrar em que espaço e em que contexto socioeconómico decorreu o evento em análise.

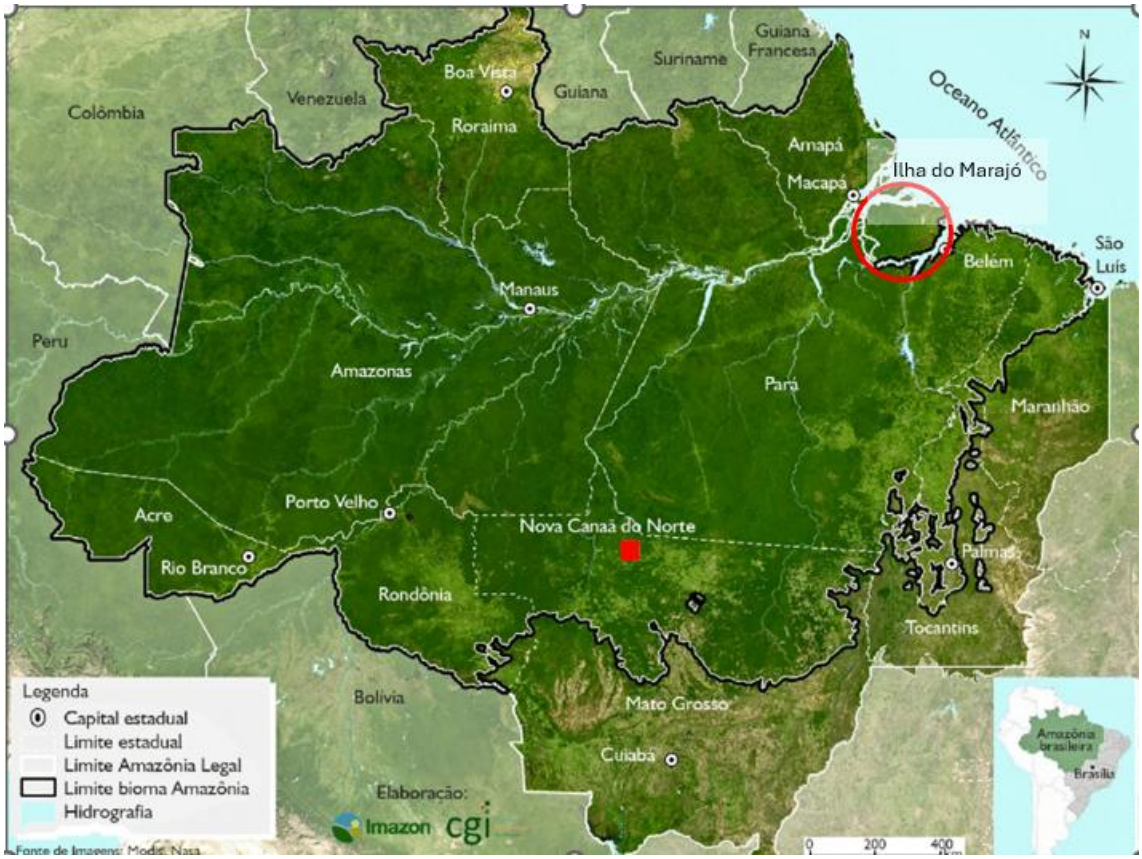

Figura 1: Mapa dos Estados que compõem a Amazónia Legal – destaque Ilha do Marajó
Fonte: Malheiros et al. (2017, p.389)

Por isso, nesta primeira parte da investigação, apresentaremos, de forma breve, a Ilha do Marajó, no que concerne aos seus aspetos históricos, geográficos, sociais, económicos e culturais.

A Ilha do Marajó está situada no estado brasileiro do Pará. É a maior ilha fluviomarítima[1] do mundo, banhada pelo Oceano Atlântico e pelos rios Amazonas, Pará e Tocantins. Enquanto uma das mais importantes regiões húmidas do planeta, sujeita-se à "ditadura das águas", porque na sua foz, desaguam o que representa 1/4 do volume de todos os rios da Terra.

Ao mesmo tempo que o Marajó se apresenta como uma região de grande diversidade ambiental, uma fonte expressiva de recursos naturais e um património cultural de grandes proporções, tem uma situação social e económica crítica, vivida pela imensa maioria de seus 630 mil habitantes (IBGE, 2022). Esta contradição foi descrita por Loureiro (2022) como o "paradoxo amazônico", com uma longa história de uma dinâmica civilizacional, baseada na exploração de recursos naturais, e na destruição e submissão de culturas e de povos amazónicos. Segundo a autora, uma grande parte da população amazónica sente-se inferiorizada, contribuindo para a construção de uma subalternidade dos povos amazónicos.

Loureiro (2022, p.217) evidenciou também uma nova situação colonial na Amazónia, produzida por uma "relação estrutural de colonialidade entre o Brasil moderno e a Amazônia atrasada", que enfrentou sérios desafios estruturais, em diversos segmentos como a educação, a saúde, as infraestruturas, entre outros, que contribuíram para uma subordinação económica e cultural dessa região. A região amazónica brasileira foi, inicialmente, uma colónia de Portugal, hoje, é uma colónia do próprio Brasil.

Esta dimensão colonial da Amazónia defendida por Loureiro (2022), será apresentada em pormenor na secção 6.5 desta tese. Não obstante, deixamos aqui este apontamento inicial, que define, desde já, o plano de fundo que será desenvolvido nos próximos capítulos.

1.2 Caraterização geográfica, social e económica da Ilha do Marajó

A Ilha do Marajó é composta por 17 municípios e cerca de 630 mil habitantes (IBGE, 2022), distribuídos por uma área de 104.354 Km^2, o que equivale a 8% do território paraense. Tem, como característica principal, o seu vasto sistema hidrográfico, que é, ainda, determinante para o desenvolvimento económico e para a ocupação espacial da região, com aglomerados populacionais que se foram formando ao longo dos rios, que utilizam, prioritariamente, o transporte pela via fluvial (Oliveira H.J.S, 2018). A presença dos rios é uma característica marcante do contexto marajoara, pois

[1] Ilha fluviomarítima é uma ilha que tem como contorno concomitante águas de rios e de mares.

> "é perceptível na pesquisa de campo que o rio é bem mais que um elemento da hidrografia e da circulação regional, é explicito que se trata de um espaço social, um espaço comunitário de vivência e produção, onde se aglutinam várias comunidades que o referenciam como localização geográfica, mas também como morada, espaços vividos, espaços de vida" (Oliveira H.J.S., 2018, p.44).

Outra característica relevante é a presença de floresta aluvial densa e de áreas de cerrado[2] e de capoeira[3], que marcam a cobertura vegetal da região, representada também por um relevo bastante moderno, com presença predominante de terraços e várzeas, típicos de planaltos rebaixados da Amazónia (Oliveira H.J.S., 2018).

A presença demográfica atual deu-se numa ocupação lenta, que resultou na formação de pequenos núcleos urbanos e de centenas de vilas pequenas, ou comunidades[4], acessíveis, principalmente, por meio aquático. Este isolamento contribuiu, muito certamente, para o desenvolvimento de formas de cultura originais, expressos através do património material e imaterial rico. A maioria da população encontra-se dispersa e distribuída pela área rural, composta por inúmeras comunidades tradicionais[5], formadas por "extrativistas, ribeirinhos, quilombolas e pescadores" (Oliveira H.J.S., 2018), que moram e exploram áreas em assentamentos extrativistas[6], ou em outras áreas sem regularização fundiária. Esta ambientação natural trouxe, também, o distanciamento dos grandes centros urbanos e dos grandes investimentos governamentais, o que resultou num Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo e desigualdades variadas, principalmente quanto ao acesso aos serviços e aos bens públicos. Assim, na área social, a região apresentava o pior IDH do país e a maior taxa de pobreza do Estado do Pará – 57% –, com 82% da população registada no programa de subsídio

[2] Vegetação típica do bioma brasileiro. Assemelha-se às savanas, que são mais conhecidas no cenário internacional.

[3] Vegetação secundária composta por erva e arbustos que nascem, regra geral, após o derrube da mata primária.

[4] Importa referir que o termo 'comunidade', referenciado para efeito deste estudo, assenta na ideia de território comum, uma mesma aldeia ou região. São agrupamentos familiares que partilham a mesma língua e espaço geográfico, onde se entrelaçam as relações sociais, representando uma entidade social de identidade e interconhecimento (Silva, 2002).

[5] "Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição". Decreto Federal nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2000. Consultado em http://www.ecobrasil.eco.br/30-restrito/categoria-conceitos/976-comunidades-ou-populacoes-tradicionais, a 26-04-2021.

[6] O Projeto de Assentamentos Extrativistas (PAE) é uma modalidade de assentamento criada em 1996, com o objetivo de explorar áreas dotadas de riquezas extrativas, através de atividades economicamente viáveis, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis (PORTARIA INCRA nº 268, de 23/10/1996)

governamental ‘Bolsa-Família’. Apresentava, ainda, uma taxa de 22% de analfabetismo, entre pessoas com 15 anos ou mais. Apenas 37,4% dos lares tinham abastecimento de água; 11,8% tinham esgoto sanitário; e 24% viviam sem energia elétrica (Governo do Estado do Pará, 2020).

Quanto à vertente económica da região marajoara, baseava-se na extração vegetal e na pecuária, vinculada ao trabalho precário, informal e de subsistência, na maioria das vezes. Destaca-se a produção de palmito (1º), de açaí (2º), da castanha de caju (3º) e da pecuária bubalina[7]. A pecuária extensiva (em especial a bubalina) é uma fonte de renda significativa (Lima, Oliveira, Fontinhas & Lima, 2004). A Ilha do Marajó contribui com 3,2% para o Produto Interno Bruto (PIB) do Pará, segundo o relatório do Governo do Estado do Pará – Projeto “Mulheres Marajoaras – com elas e por elas”, divulgado no ano de 2020.

Um olhar para a história e os desenvolvimentos desde a época da colonização portuguesa, pode trazer uma contribuição para a compreensão das dinâmicas de organização social, política e económica do Marajó. A ilha sempre foi um ponto de importância estratégica, desde a época da sua descoberta, por ser uma porta de entrada para a exploração de recursos na região amazónica. A conquista territorial encontrou uma forte resistência dos povos originais da ilha, e deu-se através da força militar e da catequização, através da presença de religiosos da “Companhia de Jesus na Amazônia de Padre Antônio Vieira” (Pacheco, 2009, p. 82).

O Padre António Vieira é lembrado como uma figura importante na história do Marajó por ter conseguido minimizar as hostilidades entre portugueses e os povos da região, possibilitando a consolidação da sua colonização, e por assumir o posicionamento de defesa do povo marajoara, contra injustiças dos poderosos (Pacheco, 2009, pp. 86-91). A referência ao Padre António Vieira é oportuna, pois representa 2 aspetos fundamentais da realidade local: a organização económica e política, que se desenvolveu ao longo dos séculos, em torno da exploração dos povos e das riquezas que a floresta oferecia; e o esforço de subsistência e de organização da população local, em busca de melhores condições de vida. Esses aspetos foram retomados na década de 70, pela Igreja Católica, com a formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), fundamentadas pelo Concilio Vaticano II, que instituíam a aproximação das

[7] Pecuária bubalina - o búfalo doméstico, *bubalus bubalis*, é uma espécie originária do continente asiático, tendo sido introduzidos, no Brasil, no final do século XIX, pequenos lotes de búfalos originários da Ásia, Europa (Itália) e Caribe.A bubalinocultura é uma atividade tradicional no Estado do Pará que, atualmente, detém o maior rebanho do País (Oliveira B.P.D., 2018).

práticas religiosas às realidades e às singularidades locais, arranhando o modelo que atrelava o poder político latifundiário existente e o eclesiástico. Deu-se, então, início às práticas de fortalecimento de iniciativas comunitárias e solidárias ligadas ao trabalho social, com a formação de lideranças pastorais e de jovens, na contextualização das aprendizagens do Evangelho às experiências concretas, e no envolvimento da população nas atividades pastorais (Pacheco, 2009). O autor afirmou que, embora esta formação de lideranças pastorais não se tenha refletido diretamente na reorganização política, lançou as sementes para o envolvimento comunitário em busca do bem comum.

1.3. O processo de constituição da ilha marajoara e o contexto amazónico

O processo de construção de uma sociedade ao longo do período colonial brasileiro, acarretou uma série de componentes, de natureza política e económica, até à definição de vilas, lugarejos e das relações que os compõem, entre os indivíduos e as suas necessidades. A partir dos anseios dos indivíduos, criaram-se estratégias para a sobrevivência, envolvendo diversas vertentes, como políticas, económicas, religiosas, culturais, entre outras. Forma-se, portanto, um mosaico de interesses: da Coroa, dos colonos, dos missionários, dos nativos, e todos os demais envolvidos (Cancela, 2013; Derby, 1898).

Além disso, é importante evidenciar que, com o processo de formação e de desenvolvimento, a Amazónia é, desde sempre, uma grande reserva de matérias-primas. Desde o período colonial, quando ingleses, holandeses, franceses, espanhóis e portugueses, numa acirrada disputa militar e mercantil, procuraram dominar a região, impondo uma certa soberania e criando o empório de matéria-prima que satisfizesse as necessidades dos mercados consumidores europeus (Lira & Chaves, 2016; Reis, 1997).

O Rei Dom Afonso VI de Portugal outorgou, em 1665, a António de Sousa Macedo, a gestão da Capitania da Ilha Grande de Joanes, constituída pelo território da atual Ilha de Marajó. Contudo, em 1754, a coroa portuguesa comprou de volta as terras da capitania, revertendo a sua administração ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, o que permaneceu em vigor até 1823, quando o Pará aderiu, como última província do país, à independência da Coroa Portuguesa.

A Ilha do Marajó, a maior ilha fluvial do mundo, situada em frente a Belém, capital do Estado do Pará, e dispondo de múltiplos recursos naturais, firmou-se, desde o século XVII, como "a despensa da capital" (Spix & Martius, 1981, p. 24). Enquanto a metade sudoeste da ilha é coberta por florestas e é utilizada, sobretudo, para a extração de madeira e para a colheita

de frutos silvestres, a metade nordeste é uma extensa área dedicada às pastagens e à criação de gado (Bolle, 2011).

Meggers & Evans (1957), no seu trabalho clássico sobre as culturas arqueológicas da foz do Amazonas, constataram que as populações teriam chegado à Ilha de Marajó pelo Norte, vindas do Amapá, tendo, algumas delas se estabelecido, inicialmente, nas ilhas de Caviana e de Mexiana. A imensa ilha na boca do rio Amazonas foi assim denominada durante o processo de conquista e de consolidação colonial. A antiga ilha de Joanes é o cenário de um processo colonizador, que envolveu diversos sujeitos, onde os moradores da vila, na época, constituíram um mundo de relações sociais e de poder, moldado, lentamente, pelas tentativas de ocupação e de resistência diárias das comunidades e dos indígenas que ali viviam (Derby, 1898).

> "Constituída em capitania e doada por Carta Régia de 23 de dezembro de 1665 a Souza Macedo, seu último barão, a Ilha Grande de Joannes, quando da visita de Alexandre Rodrigues Ferreira, já havia sido trocada pelo Visconde de Mesquitela e mais três mil cruzados. E passara a um domínio direto da Coroa, cuja surpresa primeira, ao balanceá-la, foi encontrar ali, com lavoura intensa e fazendas de gado, os Jesuítas e outros religiosos, senhores da técnica tão malsinada de converter índios e de plantar, paralelamente, cercas e moirões de currais. Subindo o rio Arari, por exemplo, na sua penosa viagem, o sábio naturalista foi ter ao lago de igual nome e informou que "no tempo do verão tem boa légua e meia de longo; e a perspectiva mais galante que os olhos humanos podem ver, porque as árvores em redor não são árvores, mas viveiros de infinitos jaburus, tijujus, iuarás, maguaris, patos; no do inverno é um oceano por toda a porção que se olha"'. A esse aspecto primoroso e original da paisagem física de Marajó, juntara o colorido, o movimento, a vida, afinal, de seres como aves e pássaros que participavam da sua ambiência" (Pereira, 1956, p.20).

Neste contexto, Bolle (2011) identificou que os primeiros colonizadores do arquipélago, no século XVII e no início do século XVIII, foram os padres jesuítas, que instalaram engenhos e fazendas de gado, recorrendo aos indígenas e aos negros como mão de obra escrava. De acordo com Soares (2010), a expansão do rebanho bovino reduziu a área disponível para a prática da agricultura, originando as primeiras fazendas dos jesuítas. A sua expulsão, em 1760, gerou a divisão das terras. A partir de então, deu-se uma intensificação das

doações de sesmarias[8], a realocação dos indígenas nos aldeamentos próximos e a distribuição das propriedades dos jesuítas entre as autoridades militares.

As vilas da ilha foram fundadas no século XVIII, como foi o caso de Ponta de Pedras, conhecida como a antiga aldeia de Mangabeira que, em 1737, se tornou a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Ponta de Pedras, situada na margem esquerda do Rio Marajóassu, recebendo o nome de Ponta de Pedras pela tradução da palavra indígena *itaguari*. Mais tarde, em 1757, Soure, antiga aldeia do Maruanas, converteu-se também numa vila.

As ocupações na Ilha do Marajó passaram por um processo de especialização em certos produtos, na escala de comércio e das próprias necessidades locais, com destaque para a agricultura e para a pecuária (Derby, 1898; Bolle, 2011). No início da colonização, procurando instituir as estruturas coloniais, apenas 4 grandes proprietários eram donos das fazendas do Marajó (Neto, 2005).

José Coelho da Cama Abreu (1992), o barão de Marajó, qualificou a ilha como uma grande "preciosidade" do Estado do Pará, sob todos os pontos de vista, mas fundamentalmente pela localização estratégica no centro do Amazonas. Dada a localização, o que propiciava a imensa fertilidade da terra, as matas e os campos eram valiosos para a alimentação do gado. Por essa razão, o controlo da ilha era vital. Os portugueses, estrategicamente, expulsaram os invasores e criaram conflitos para dominar a ilha. O ideal de manter a ilha sobre o domínio de Portugal era persistente, ao ponto de ter sido feita uma proposta para transferir a capital de Belém para o Marajó (Reis, 1997).

Com o avanço da colonização, os missionários mostraram-se excelentes administradores, e as localidades que estavam sob o seu controlo, desenvolveram-se. Centralizada a exploração das chamadas "drogas-do-sertão"[9], começaram a formar-se as fazendas, o que motivou o descontentamento dos colonos e dos portugueses, uma vez que era expressivo o poder dos missionários, visto como uma ameaça (Neto, 2005).

A denominada segunda fase da colonização decorreu a partir de meados do século XVIII, quando os jesuítas foram expulsos pelo governo português e substituídos por latifundiários leigos. Estes últimos resistiram ao movimento da Cabanagem (1835-1840) e da Abolição (1888), continuando o seu domínio sobre a ilha, com estruturas coloniais, mantidas

[8] Sesmaria era um lote de terras concedido a um beneficiário, em nome do Rei de Portugal, com o objetivo de cultivar as terras virgens. Originalmente uma medida administrativa, nos períodos finais da Idade Média em Portugal, a concessão de sesmarias foi amplamente utilizada no período colonial brasileiro.

[9] Termo que se refere a determinadas especiarias extraídas do chamado sertão brasileiro, na época das entradas e das bandeiras, e abarcava uma série de produtos como o guaraná, o anil, a salsa, o urucum, o pau-cravo, o gergelim, o cacau, a baunilha e a castanha-do-pará.

até ao início do século XX (Bolle, 2011). No início do século XIX, foi estabelecida uma comarca na Ilha do Marajó: "pelo Alvará, de 17 de agosto de 1816, foi criada a Comarca da Ilha Grande de Joanes, tendo a vila do Marajó, como cabeça da Comarca, compreendendo os territórios das vilas de Chaves, Soure, Salvaterra, Monforte e Monsarás" (Moura, 1989, p.51).

Até 1833, existiam apenas 2 comarcas: a do Pará e a da Ilha Grande de Joanes, esta com sede na vila do Marajó. Com o colapso da borracha e o declínio da economia, com algumas tentativas de reestruturação, entre 1915 e 1920, houve, na Ilha Grande de Joanes, uma escassez de empregos e o descontentamento da população com as condições de trabalho, o que resultou, então, no fenómeno histórico mais significativo daquele período: o êxodo da mão de obra. A partir de então, o destino principal dos imigrantes era a grande cidade da região: "em Belém, era o apito das fábricas chamando o pessoal de todas as vilas abandonadas do interior" (Jurandir, 2008, p. 68).

Ao longo do tempo, a organização do território da Ilha do Marajó foi-se moldando de acordo com as relações e as necessidades. A Ilha do Marajó pertence à Região Portel-Marajó, sub-região do Arquipélago do Marajó, que se localiza na foz do rio Amazonas, e imprime-lhe uma geomorfologia própria e paisagens naturais heterogéneas, que o tornam de grande interesse para o estudo dos ecossistemas e para o aproveitamento turístico (Watanabe, 2012).

Atualmente, a relevância ecológica da Ilha do Marajó não é contemplada com planos de gestão ambiental e hídrica, que minimizem as intervenções sofridas. O seu potencial natural tem sido duplamente empregue: se, por um lado, se desenvolveu a pesca e a extração vegetal, por outro, a atividade madeireira era a principal fonte de renda de diversos municípios. Esta atividade, executada sem planeamento, tem sido responsável por um quadro de degradação progressiva ao longo dos anos.

1.4. A formação das comunidades ribeirinhas marajoaras

> "Desvendar rotas de navegação, apreender o regime dos ventos e das águas, estabelecer contatos com exímios remadores para captar, de suas sabedorias, como situar-se numa labirintuosa planície que parecia se recompor quanto mais se avançava no curso de suas águas, foram prováveis preocupações que fizeram parte das motivações de nações, grupos e homens, ao pretenderem viajar, desbravar, povoar, colonizar, catequizar, (re)cristianizar a Amazônia Marajoara no correr dos séculos XVI ao XXI" (Schaan, 2010, p.8).

Na primeira década do século XVII, Portugal aventurou-se por estes ambientes "abastecidos de águas e talhados de rios" (Daniel, 2004, p. 93), uma vez que, franceses, ingleses, holandeses, antecipando-se na navegação por estas rotas, aprenderam a dialogar com os povos locais, para estabelecer novos contatos. O medo de perder aquele território importante, contudo, levou a Coroa Portuguesa a aventurar-se águas adentro do Mar-Dulce. Desenharam-se, a partir daí, motivações à fabricação de inúmeras memórias, material rico para muitas histórias, a ponto de, do lugar social e cultural de onde fossem produzidas e narradas, ganhavam, continuamente, outras conotações (Pacheco, 2009).

A Amazónia Marajoara, uma região rica em recursos hídricos e biológicos, nos 2 primeiros séculos da colonização Amazónica, chamada de "Ilha Grande de Joanes", constituiu-se como um trunfo geopolítico importante para a conquista portuguesa (Costa, 2021). Antes da colonização, habitavam, nesse território, várias nações indígenas, formadas por dois grupos: os Aruã e os Nheengaíba. Os Aruã, residentes no lado oriental, já falavam a língua *Arawak*, no Marajó, 200 anos antes da Colonização (1530). No lado ocidental, o grupo dos Nheengaíba – que significa gente de língua incompreensível – era formado por 29 nações indígenas (Anajá, Mapuá, Pacaucaca, Guajará, entre outros) que podem ter migrado das regiões Andinas para o Marajó (Schaan, 2007).

Parte dessas nações foi escravizada, e uma outra parte, dizimada pelos colonizadores. Desses grupos, herdaram-se os saberes e as práticas usados, como por exemplo, por quilombolas e por ribeirinhos. Esses grupos sociais, na relação com os nichos ecológicos, desenvolveram sistemas próprios de uso comuns e de acesso aos recursos da flora, da fauna e hídricos, formando, assim, as territorialidades e os conhecimentos sobre o uso e a preservação desse ambiente (Marin et al., 2015).

No que toca às populações ribeirinhas, há, na literatura, uma variedade de denominações para se referir a esses grupos, bem como ao seu modo de vida: Chaves e Furtado (2017) utilizaram o termo "povos das águas"; Magalhães e Cunha (2017) fizeram referência ao modo de vida ribeirinho que, no Xingu, era denominado de "beiradeiros", ou seja, os que vivem no beiradão; e Fraxe (2009), por sua vez, ressalvou a identidade dos caboclos-ribeirinhos[10]. Posto isto, pode-se afirmar que a expressão "ribeirinho" não apresenta uma definição única. Apesar dos diversos termos existentes que se referem a estes grupos, é comum, em todos os autores mencionados, a definição que os ribeirinhos são aqueles que, além de residirem nas

[10] Caboclo é a designação utilizada, no Brasil, para designar o indivíduo gerado da miscigenação de um índio com um branco.

margens de ambientes aquáticos, constroem relações simbólicas, culturais e sociais com esse espaço natural. Nesta perspetiva, a expressão carrega uma identidade sociocultural.

Em relação à cultura, às técnicas agrícolas e artesanais, Chaves (2001) afirmou que as populações ribeirinhas herdaram os conhecimentos dos indígenas que viviam nas várzeas: a confeção das redes; a preparação da farinha; a colheita de frutos, de óleos, de resinas silvestres e de materiais para habitação, como palha e tábuas; as técnicas de caça e de pesca; e a extração de matérias primas para confecionar peças artesanais e utensílios domésticos. No que tange à estrutura das residências, Neto e Furtado (2015) afirmaram que a maioria delas era construída com madeira e palha, e elevavam-se sobre estacas, chamadas de palafitas, para ficarem a salvo das inundações periódicas.

A relação quotidiana estabelecida entre os ribeirinhos e as águas evidencia que os rios são o seu território, enquanto lugar, espaço e tempo, portanto, "é o fluxo e o tempo-espaço das águas que dirigem a vida ribeirinha" (Pojo, Elias & Vilhena, 2014, p. 183). Além disso, esses autores também afirmaram que a afinidade e a interação com o rio contribuíram para a formação da identidade nativa. Um outro aspeto que contribuiu para a compreensão a respeito da formação das comunidades ribeirinhas marajoaras, foi a relação do seu processo de colonização com as práticas dominantes nos períodos colonial e imperial. A Igreja, sob a égide do padroado, referendou a escravização de nações africanas em território brasileiro, trazendo um cenário de afastamento com a espiritualidade. Nesse sentido, em 1786, com o suporte do Bispo, que recomendou e o orientou com livros sagrados (Soares, 2010), Frei Caetano procurou minimizar, na região, a distância que havia para com a religião católica. Os santos populares católicos acabaram por assumir uma relevância na vida das comunidades, visto que, representavam caminhos para "milagres" e "graças", através de promessas, colaborando, segundo Fraxe (2009), com uma diversidade significativa de práticas, mitos e crenças, com influência religiosa indígena, africana e portuguesa.

No que diz respeito ao desenvolvimento das atividades de trabalho dos ribeirinhos, Chaves (2001) ressalvou que estas se fundamentaram no desenvolvimento de técnicas simples e apropriadas ao atendimento das suas necessidades prioritárias. De entre as atividades desenvolvidas, destacam-se o acesso aos recursos pesqueiros e a produção agrícola para subsistência. Os ribeirinhos residem nas margens dos rios, vivendo, especialmente, da caça, da pesca e da extração vegetal. A gestão das áreas de várzea, das técnicas produtivas e da organização social são conhecimentos herdados dos indígenas que viviam nessas áreas, no período pré-colonial. A territorialidade ribeirinha estabelece-se, principalmente, a partir do rio.

As águas têm muita influência na vida ribeirinha, manifestando-se nas escolhas para a construção das casas, seja no horário para as práticas da pesca, entre outras. Por isso mesmo, o rio tem um alto poder simbólico e de representatividade (Fernandes &Moser, 2021).

1.5. A educação no contexto amazónico

Os estudos sobre a prática educativa foram, por muito tempo, realizados a partir de posições analíticas que enfatizavam aspetos isolados, norteados por uma perspetiva positivista, que entendia a realidade de forma fragmentada e que procurava explicações para cada variável levantada no ambiente, perdendo-se, com isso, a noção do todo, desconsiderando-se o caráter complexo, incerto e instável da prática docente. Em contrapartida, investigar a prática do professor é tentar ir além da sua aparência, procurando desvelar o seu conteúdo real, conhecer a sua produção e os meios utilizados na sua concretização – planeamento, condução, currículo, etc. –, bem como a competência do educador (Wenzel, 1994). Além disso, é de extrema relevância considerar o ambiente em que a prática se desenvolve, de modo a construir um planeamento condizente com a realidade dos alunos. Entenda-se o ambiente como algo mais amplo que o que é utilizado na maioria das vezes, como sinónimo de lugar, ou de situação. Neste sentido, recorremos ao conceito 'contexto', que indica as diferentes condições de vida em que as crianças nascem e se desenvolvem, considerando o ambiente físico e sociocultural (Lordelo, Carvalho & Koller, 2002).

A Amazónia é uma região rica em biodiversidade e em cultura, com uma população composta por 80 etnias diferentes, que têm pleno domínio e que falam as línguas locais e mantêm culturas específicas. Uma dessas culturas, a cabocla, é expressa pelos grupos ribeirinhos que habitam o interior, nas margens dos rios, lagos e igarapés[11]. Este contexto molda os modos de vida amazónicos, representando a experiência e o conhecimento sobre as formas de coexistência e utilização do meio local. Deste modo, pensar a educação no contexto ribeirinho amazónico é tentar estabelecer uma relação desta com a realidade que circunda o aluno, pois este contexto constitui-se como *locus* de desenvolvimento diferenciado, de que pouco se tem conhecimento na literatura. É um contexto com diversas peculiaridades, como o modo de vida extrativista, a ausência de energia elétrica, a falta de saneamento básico e, principalmente, com um acesso precário às políticas públicas, nas áreas da educação e da saúde.

[11] Igarapé é um termo utilizado para designar o curso de um rio ou canal dentro das matas. Derivado do tupi, "caminho de canoa", é conhecido por ser um canal estreito e pouco profundo, no qual apenas canoas e barcos pequenos conseguem navegar.

Neto e Oliveira (2004) afirmaram que as escolas ribeirinhas lidam com condições muito precárias, tanto físicas, como pedagógicas. Apresentam dificuldades no acesso e na continuidade dos estudos, provocadas, principalmente, pela distância e pela necessidade de deslocação até ao lugar onde decorrem as aulas, a estrutura do local da escola, a falta de professores, a constante rotatividade dos docentes e a baixa autoestima dos educandos.

Uma outra peculiaridade da escola rural ribeirinha é a organização pedagógica em turmas "multisseriadas". Este modelo é predominante nestes espaços ribeirinhos e apresentam-se nas residências ou nos salões comunitários, que são estabelecimentos educacionais, regra geral, do sistema municipal de ensino, que abrangem o nível fundamental incompleto – 1ª à 4ª série[12] –, proporcionando o convívio de estudantes em diferentes estágios de aprendizagem com um único professor lecionando (Barros, 2004; Neto & Oliveira, 2004).

No estudo realizado por Caetano e Silva (2016), no município de Breves, foram referenciados indicadores positivos e negativos no desenvolvimento educacional, na região do Marajó. É importante refletir sobre as problemáticas existentes nessa realidade, através de programas e projetos desenhados em prol da melhoria da qualidade das escolas com turmas "multisseriadas" que enfrentam, além das dificuldades de locomoção para as comunidades ribeirinhas, têm também de lidar com as questões políticas e com o número insuficiente de alunos por turma em várias localidades, impossibilitando a criação de turmas específicas por ano de ensino. Em suma, o quadro da educação do meio rural está diretamente ligado ao desenvolvimento dos municípios. É urgente a criação de ações concretas, no sentido de possibilitar a diminuição dos índices de distorção entre a idade e o ano escolar que frequentam, da taxa de abandono e de reprovação, possibilitando, assim, uma melhoria na qualidade da educação que está acessível para o povo do meio rural.

No seu processo de formação, os professores não são devidamente preparados para trabalhar os conteúdos escolares, nem as questões que permeiam a educação do meio rural da Amazónia, dadas as dificuldades de acesso e de comunicação, geradas pela distância que existe entre as comunidades locais e os centros urbanos, assim como pelo modelo de formação oferecido, vocacionado para uma educação centrada numa perspetiva urbana, sem considerar as necessidades do professor das turmas "multisseriadas" (Oliveira, França & Santos, 2011).

Tais circunstâncias conduziram a um modelo educacional excludente, que despreza as peculiaridades locais. Este não vê que, uma vez que os programas educativos devem ser

[12] Trata-se do equivalente do 1º ao 4º ano, em Portugal.

cumpridos, ao transformar o processo em multi e seriado, lança um olhar quantitativo sobre o indivíduo, e com isso, a ação educativa é fragmentada, efetivando uma hierarquização da aprendizagem escolar. A expressão 'multi' significa que há uma diversidade neste contexto, no que concerne às especificidades sociais, educacionais, históricas e culturais de cada ser humano. Na verdade, este termo ilustra a dinâmica sociocultural e educacional das escolas em contextos não urbanos, as "multisseriadas". Em contrapartida,

> "a visão de classes multisseriadas, no meio rural e ribeirinho, vai comportar em sua estrutura organizacional, um mecanismo rígido que limita as escolas dentro de quatro paredes, subordinada aos conteúdos curriculares específicos de cada série e esquecida nos tempos e espaços da sala de aula" (Barros, 2004, p.118).

Em linha com estas reflexões, é importante que se pense a educação formal em ambiente ribeirinho, pois este, pelas condições de trabalho difíceis e pelos desafios que enfrenta, acaba por transformar a educação em algo mecânico e distante da realidade do aluno, influenciando o desenvolvimento dos indivíduos (Oliveira I.A., 2001).

1.6. Breve relato sobre a cultura marajoara

A Amazónia ofereceu ao mundo elementos de bem-estar material e espiritual, ainda que não tenham sido criadas, na mesma proporção, condições existenciais para as próprias populações amazónicas. Desde o período colonial, as políticas públicas viabilizadas, trataram o espaço amazónico sem considerar, nem as formas de vida, nem os saberes construídos historicamente. Nesse sentido, a região da Amazónia é composta por um conjunto complexo de variáveis que envolvem as dimensões naturais, política, ideológica e sociocultural, que norteiam as relações sociais dos homens, entre si, e com a natureza (Reis, 1997).

A Ilha do Marajó, no Pará, expõe, por isso mesmo, os contrastes entre a exuberância natural e as problemáticas de caráter social, económico, político, entre outros. E, se por um lado, a tecnologia se faz mais presente no quotidiano dessas populações, por outro, ainda há pouca representação e exposição da sua realidade, cultura e saberes, a partir dos conteúdos veiculados em espaços académicos e mediáticos (Pacheco, 2012).

A "Cultura Marajoara" é um termo que tem sido utilizado para denominar, indistintamente, 3 tipos de fenómenos (Schaan, 2007): 1) uma cultura pré-colonial descoberta e estudada por arqueólogos; 2) um estilo estético de inspiração arqueológica, representado em produtos artesanais, principalmente cerâmica, e na arquitetura paraense; e 3) a cultura do

caboclo e do vaqueiro, habitantes da Ilha de Marajó. Num sentido mais amplo, "marajoara" refere-se simplesmente ao que vem da Ilha de Marajó e aos seus moradores (Schaan, 2007).

Segundo o investigador João de Jesus Paes Loureiro (2001), a cultura amazónica foi marcada, especialmente, na sua trajetória, por 2 elementos: isolamento e identidade, vinculados ao processo histórico. Para o autor, a "inibição metodológica", uma característica do trabalho independente à criação de estereótipos do caboclo amazónico, ilustra o distúrbio na investigação cultual por parte de etnógrafos e de antropólogos, ou seja, o de observar o nativo como um elemento humano tribal, isolado da civilização, excluído da dita sociedade global (Salles & Salles, 1969).

Além disso, há ainda os fatores ideológicos, relacionados com a conceção de raças inferiores e incapazes intelectualmente, determinantes para a desvalorização das sociedades caboclas, que se formaram no território amazónico, entravando o processo de autorreconhecimento dos valores e das práticas próprios destas sociedades. Ou seja, as práticas culturais do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia – fortemente cunhadas pelos costumes europeus – eram reputadas como "modernas" e "atuais", de tal forma que as práticas realizadas nas demais regiões, com índices de desenvolvimento económico inferiores, eram vistas como "folclóricas", "antigas" e "primitivas" (Loureiro, 2001).

A edificação da "cultura marajoara" baseou-se nos seguintes elementos:

1) a industrialização dos símbolos e tradicionalização destes, sem a participação popular efetiva;
2) a naturalização de um discurso erotizante e alienante, na grande quantidade de produtos culturais massivos, voltados essencialmente para o entretenimento descomprometido com a condição social do homem;
3) a tendência para a separação entre cultura/entretenimento, cultura/património e, em última instância, cultura/manifestação política;
4) o conjunto de políticas públicas voltadas para a museificação e tradicionalização da "cultura marajoara", através do discurso patrimonial, afastando, simbolicamente, o quotidiano do sujeito da narrativa cultural;
5) a forte relação entre os *media* e o poder político-económico na região, de forma a que o processo de fluidez entre o poder no mundo globalizado, do domínio estatal para o domínio mediático e simbólico, se concentrava nos mesmos atores que controlavam a vida no Marajó.

As histórias resultantes, então, sobre a ocupação pré-colonial, são recriações construídas com base na tradução popular de argumentos científicos, na transfiguração de hipóteses em factos objetivos e na imaginação popular. Os entendimentos populares sobre o que viria a ser considerado como cultura marajoara foram veiculados oralmente, principalmente nos contextos de produção, venda e circulação de mercadorias artesanais, cujos estilos estéticos, bastante diversos entre si, eram reconhecidos como "marajoara". Essa identidade remota, conferida ao produto contemporâneo, veio, dessa forma, agregar valor ao objeto comercial, dentro da lógica capitalista (Schaan, 2007).

É essencial compreender que a mercantilização de símbolos, como a cerâmica, a música, a indumentária, a culinária e os meios de transporte típicos do Marajó, é processada por agentes externos à realidade em que estes símbolos são produzidos e renovados, de forma que a sua estetização em demasia acaba por reforçar a representação da cultura marajoara, colocando-a no rol do tradicionalismo folclórico e museificado. Ao se revestir de um caráter de folclore, esta cultura acaba por se distanciar do real, do quotidiano de quem vive, produz e reproduz estes valores. Existe um paradoxo entre a cultura marajoara enquanto conjunto de produtos e de símbolos folclóricos acalentados pelo mercado turístico, e a cultura do Marajó enquanto forma de vida, de trabalho, de práticas sociais artísticas e culturais, realizadas na atualidade, tendo em conta as transformações sociais, económicas e políticas que marcaram a história recente da região (Gabbay, 2009).

Por outro lado, percebe-se um avanço na exposição da cultura marajoara, já que, segundo Loureiro (2001), a cultura contemporânea do Marajó apresenta características que evidenciam o seu caráter dinâmico, original e criativo, o que contribui para a expressão, interpretação e criação da sua realidade. Uma cultura que, como apontou a autora, pelo imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional, capaz de ultrapassar a natureza que o circunda.

1.7.O município de Curralinho e a comunidade Sagrada Família

O evento televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, do CQC no Marajó, decorreu na comunidade Sagrada Família, pertencente ao município de Curralinho, localizado na região mais a Sul da Ilha do Marajó, nas margens do Rio Pará. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município é composto por 34.448 habitantes, tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0.502, enquanto o Estado do Pará apresenta um IDH de 0.646, e o Brasil com 0.727. O município de Curralinho tem um PIB *per*

capita é de U$921,07[13], e uma taxa de analfabetismo superior a 50% (IBGE, 2022). A história de Curralinho teve início em 1850, a partir de uma fazenda particular com uma posição estratégica para a criação de um núcleo populacional, a Freguesia de São João Batista de Curralinho, instalando-se como município em 1866 (FAPESPA, 2016). A menor parte dos seus habitantes reside na área urbana, sendo que, a maioria deles vive espalhado por inúmeras comunidades ao longo dos rios da região.

O programa CCQ no Marajó foi gravado na escola Ponta Alegre, localizada numa destas comunidades afastadas do centro urbano de Curralinho, chamada Sagrada Família, onde moram cerca de 15 famílias. A escola Ponta Alegre, que é uma entidade pública de ensino básico, foi fundada em 2004, e conta com 17 professores para lecionar a cerca de 350 alunos, com idades compreendidas entre os 7 e os 18 anos de idade, vindos também de outras comunidades próximas: Sagrada Família, Sagrado Coração de Jesus, São João Apóstolo, São João Evangelista e João Paulo Segundo.

A principal referência para a localização da escola, bem como da comunidade Sagrada Família, é o rio Canaticu, que é um dos 4 grandes rios de Curralinho. Segundo dados da FAPESPA (2016), estima-se que, na zona do rio Canaticu (ver Figura 2) residam cerca de 1.500 famílias, e aproximadamente 6.000 pessoas, distribuídas por diversas zonas próximas aos rios, onde vivem comunidades católicas e congregações evangélicas (Oliveira H.J.S., 2018).

[13] Corresponde a € 876.70 ou R$5.533.60.

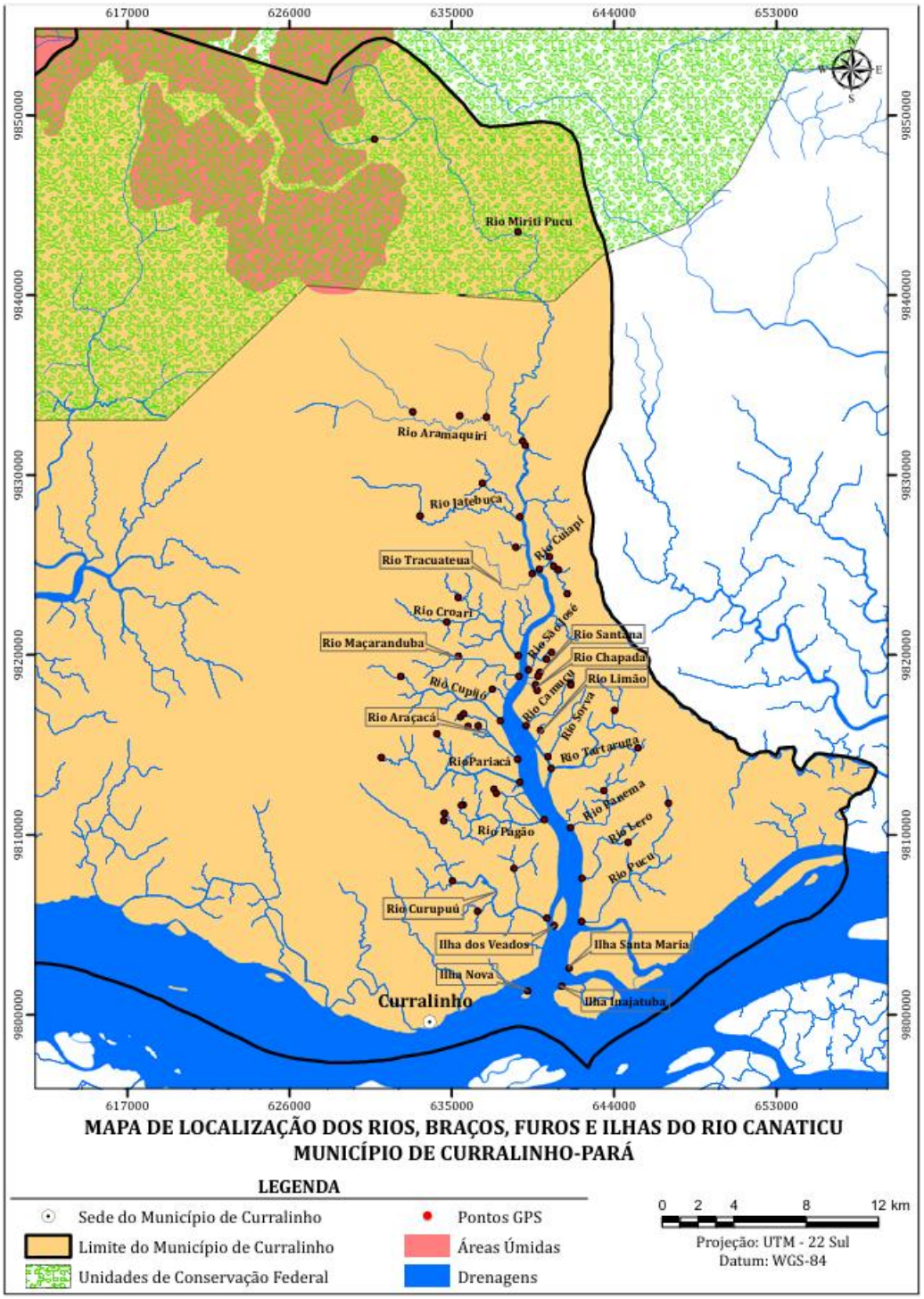

Figura 2: Mapa de localização dos rios, braços, furos e ilhas do Rio Canaticu - Município de Curralinho-Pará
Fonte: Instituto Peabiru, acedido em https://peabiru.org.br/wp-content/uploads/2015/08/201507_mapa_rio_canaticu_rios_bracos_furos_ilhas_total.pdf

Capítulo 2: O programa CQC – *Cadeia de Favores - Missão ao Espaço,* na Ilha do Marajó

Propomo-nos, neste capítulo, a apresentar o programa de televisão *Custe o Que Custar* (CQC) e o seu quadro *Cadeia de Favores*, exibido pela emissora brasileira de televisão Bandeirantes, em novembro de 2014. A apresentação será realizada especificamente como acontecimento dotado de identidade, inscrito num contexto causal e social, o que o torna manifesto e único. Dessa forma, "trata-se da redução do estranhamento e de seu entranhamento na estrutura do vivido (campo de experiência)" (França, 2011, p.67), promovendo, segundo Quéré (2005), uma dinâmica dupla, em que o acontecimento pode ser generalizado e entendido, relacionado com um género, a um tipo ou modelo, passando pela vertente geral até à sua singularidade. É a partir dessa singularização que o acontecimento pode ser analisado sob os ângulos teóricos que serão apresentados na segunda parte desta tese, nos Capítulos 3 a 6.

Com este propósito, neste capítulo, o acontecimento será inscrito numa intriga, apresentando-se os seus protagonistas, em que dinâmica as ocorrências foram encadeadas, contribuindo para a produção da inteligibilidade do fenómeno e a sua normalização, a fim de que seja possível compreender o que se passou, qual a causa e o seu sentido. Quéré (2011, p.14) exemplificou a importância desta fase, que se trata de

> "especificar as dimensões sociais destas operações de individualização efectuadas nos objectos, acontecimentos, pessoas, etc., ou seja, mostrar em que é que esta individualização passa por uma socialização, no sentido de uma inscrição num mundo social (de sentido e de coerência estabelecidos, de instituições, de usos e de costumes, de hábitos e de capacidades de acção etc.)".

Apresentaremos a história do surgimento e do término do programa CQC, em que género pode ser enquadrado, e em que contexto social, económico e cultural ocorreu o quadro do programa CQC *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, de 2014. Mostraremos, ainda, em que quadros de sentidos este episódio televisivo pode ser inscrito, bem como a descrição do que aconteceu na comunidade escolar, após a gravação do programa, quando da entrega de um camião de donativos para a construção de uma biblioteca e um centro de formação e inclusão digital.

Todos os pontos supramencionados servirão o propósito de identificação e de individualização do objeto em estudo, revestindo-se de especial relevância a descrição do que aconteceu após o término do programa. Note-se que, neste capítulo, faremos apenas a descrição

dessa fase, pois o seu aprofundamento será desenvolvido no Capítulo 5, centrado sobre a experiência pública vivida a partir do programa de televisão, primordial para a construção de uma resposta para a questão geral fixada a respeito de quais os efeitos ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*.

Ainda que reconheçamos a importância da compreensão do contexto e da textura causal para a inteligibilidade do acontecimento, que também serão aqui descritos, são os efeitos e as consequências do que ocorreu após o programa que apontam para os pontos fulcrais desta tese, e nesta direção,

> "não é o contexto e a textura causal que a ele se liga que esclarecem o acontecimento, mas é o próprio acontecimento que revela uma situação, desvenda possibilidades e eventualidades, produz efeitos e significações mediante as consequências que lhe advêm" (Babo-Lança, 2011, p.85).

2.1. O programa de televisão CQC

O programa *Custe o que custar* (CQC) foi concebido pela produtora Eyeworks-Cuatro Cabezas[14]e exibido no Brasil, pela rede Bandeirantes de televisão, entre 2008 e 2015, tendo recebido inúmeros prémios nacionais e 7 indicações ao *International Emmy Awards*[15]. O seu formato foi inspirado no original argentino *Caiga Quien Caiga*, criado por Mario Pergolini e Diego Guebel, em 1995, com versões exibidas no Chile, Argentina, Espanha e Itália, sendo conhecido por tratar assuntos relacionados com a política, através de reportagens humorísticas. O programa CQC, no Brasil, foi um dos primeiros, de entre outros vários realizados pela rede Bandeirantes, que seguiram formatos característicos da produtora argentina. O início da parceria entre a emissora de televisão e a produtora deu-se no ano de 2008, quando Diego Guebel, um dos proprietários da Eyeworks-Cuatro Cabezas, foi contratado para a direção artística da TV Bandeirantes.

[14] Produtora argentina especializada em conteúdo para televisão, rádio e cinema, publicidade e conteúdo para a internet. Foi fundada em 1993 pelos proprietários e fundadores, Diego Guebel, Sebastián Melendez, Caito Lorenzo e Mario Pergolini. A empresa também opera no Chile, Brasil, Espanha e Itália. A 16 de agosto de 2007, a Eyeworks adquiriu a Cuatro Cabezas e, a 11 de fevereiro de 2014, a Warner Bros anunciou a compra da Eyeworks por U$ 273 milhões. Acedido em https://en.wikipedia.org/wiki/Cuatro_Cabezas, a 13-07-2023.

[15] Os prémios *Emmy International* (ou *International Emmy Awards*) fazem parte da extensa gama de *Emmy Awards*, que premeiam o mérito artístico e técnico na indústria televisiva. Concedidos pela Academia Internacional das Artes & Ciências Televisivas (IATAS), com sede em Nova Iorque, os *Emmy Internacionais* são atribuídos aos melhores programas de televisão inicialmente produzidos e exibidos fora dos Estados Unidos da América. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio_Emmy_Internacional, a 12-06-2023.

A história do programa, no Brasil, pode ser mais bem compreendida a partir da entrevista de Guebel, concedida em 2012, ao canal UOL[16], em que conta que, inicialmente, apresentou o projeto de um programa que misturava humor e jornalismo para as maiores emissoras de televisão do Brasil, tendo recebido inúmeras respostas negativas, pois "falavam que isso não era humor brasileiro" (Zendron, 2012). Contudo, no ano de 2008, a rede Bandeirantes apostou no programa, que se tornou num sucesso logo nos primeiros anos de exibição, apresentando um conteúdo investigativo, com entoação humorística e focado no serviço à população.

> "À época, o programa surgiu como uma alternativa ao baixíssimo nível – em conceito e conteúdo – do humor na televisão brasileira. Sem apelação, não havia esquete que se destacasse na telinha. Nesse sentido, o *CQC* promoveu uma reformulação, sob a premissa de 'humor inteligente'" (Guidotti, 2016).

Marcelo Tas[17], um dos pioneiros do jornalismo de escracho[18], que foi contratado como âncora do CQC, participou na estreia do programa e lá permaneceu até 2014. Em entrevista ao *Flow PodCast* em 2020, sobre a sua experiência com o programa, Tas declarou que o CQC "influenciou o humor no Brasil, o humor na TV e fora da TV", dizendo ainda que "não descobrimos a pólvora, outros fizeram, mas nós consolidamos o humor e o jornalismo".

Em 2012, após 4 anos de veiculação na TV Bandeirantes, o programa CQC passou a ser um dos carros chefes da emissora, o que parece ter surpreendido Guebel que, numa entrevista ao canal UOL, declarou: "não pensamos que uma coisa pode dar certo porque já funcionou antes. É impossível saber o que as pessoas querem ver. É a mesma coisa quando você vai a um restaurante. Nosso trabalho é oferecer" (Zendron, 2012, s.p.).

O índice de audiência elevado do programa CQC coincidiu com a promoção de Guebel a diretor geral de conteúdo desse canal de televisão. Após o CQC, a produtora argentina

[16] A UOL (Universo on Line) é uma empresa multiplataforma brasileira, que desenvolve conteúdos, produtos e serviços na internet.

[17] Marcelo Tas (1959) é um comunicador e um educador. A ênfase do seu trabalho está em explorar as fronteiras da linguagem nos várias *media* com que colabora. Entre as suas obras destacam-se: o repórter ficcional Ernesto Varela; as séries *Rá-Tim-Bum* (TV Cultura); CQC (Band) e o *reality show Batalha Makers* (Discovery). Na área da educação, Tas coordenou a criação do *Telecurso* (Fundação Roberto Marinho/ TV Globo) e de jogos interativos para o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e para o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Na internet, tem cerca de 10 milhões de seguidores. Em 2023, teve um dos seus trabalhos incluídos na Signals, uma retrospetiva histórica entre artistas que contribuíram para expandir a linguagem da tecnologia do vídeo no MoMA- Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque. Atualmente, Marcelo Tas é apresentador do programa *Provoca*, e é comentador do *Jornal da Cultura*, ambos da TV Cultura; é Associado Notável da I2AI (International Association of Artificial Inteligence) e Membro do Conselho Consultivo na Fundação Osesp – Orquestra Sinfônica do estado de São Paulo. Acedido em https://marcelotas.com.br/bio/, a 18-06-2023.

[18] O jornalismo de escracho utiliza práticas que ridicularizam ou desmoralizam os entrevistados. A opção editorial de um jornalismo de escracho coloca-o na categoria de infoentretenimento.

promoveu diversos outros programas na TV Bandeirantes, tais como *A Liga*, *Polícia 24 Horas*, *Agora É Tarde*, e *Mulheres Ricas*. Entre 2008 e 2011, o programa manteve o foco investigativo e, segundo Guidotti (2016), fez inúmeras revelações, possibilitando o debate de questões gravíssimas e de interesse público. Nesse período, o CQC registou um crescimento da sua audiência (Folha de São Paulo online, 2009, s.p.) mas, a partir de 2012, os números começaram a decair.

A jornalista Cristina Padiglione[19] (2015), do jornal *O Estado de São Paulo*, vinculou esta queda do índice audiências do programa às trocas realizadas no elenco do programa. No entanto, tais alterações não parecem ser as únicas causas que justificam esta queda de audiência, uma vez que durante o seu percurso, o programa esteve envolvido em inúmeras controvérsias. O humor conhecido como "ácido", que marcava as abordagens dos factos políticos semanais, causou sérios conflitos com políticos e com celebridades. Este *modus operandi* trouxe ao programa algumas consequências, tais como: restrições sobre a liberdade editorial; processos judiciais; ofensas e agressões físicas aos repórteres do elenco e da produção; e confusões em municípios brasileiros, algumas delas levando, inclusive, à prisão do repórter Danilo Gentili[20]. Essa postura no programa fez com que lhe fosse barrado o acesso ao Senado Federal, e em 2010, foi um dos motivos que levou o Congresso Nacional a apresentar um projeto de alteração da legislação eleitoral, passando a ser proibido que políticos e candidatos fossem alvo de matérias de escracho, ou que fossem enxovalhados[21].

Facto é que, em 2010, o CQC era um dos programas da televisão brasileira com maior número de processos judiciais, o que para Marcelo Tas[22] os colocava numa posição difícil, pois "a pressão psicológica e financeira causada pelas ameaças de processo joga os artistas, jornalistas e empresas de comunicação contra a parede. A palavra para definir essa pressão é uma só: censura!".

---

[19] Cristina Padiglione é uma jornalista e escreve sobre televisão. Exerce atividade no jornalismo desde 1991, numa altura em que o serviço de TV por subscrição ainda estava a ter início, passou pelas redações dos jornais *Folha da Tarde* (1992-1995), *Jornal da Tarde* (1995-1997), *Folha* (1997-1999) e *O Estado de São Paulo* (2000-2016). Acedido em https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/, a 10-06-2023.

[20] Danilo Gentili foi preso em novembro de 2009, na cidade de Assis, situada no interior do Estado de São Paulo. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=1LwwZ3JvTF8, a 20-06-2023.

[21] Os deputados do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) decidiram apresentar um projeto de lei para alterar a Lei 9.504. De acordo com a legislação eleitoral, a programação da rádio ou da TV não pode usar de "trucagem, montagem ou outro recurso de áudio ou vídeo que, de alguma forma, degradem ou ridicularizem candidato. A resolução 23.191/09 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) foi publicada em dezembro de 2009. Acedido em https://veja.abril.com.br/brasil/o-humor-ou-a-falta-dele-na-campanha, a 10-06-2023.

[22] "Piada nos Tribunais. Programas humorísticos lideram lista de processos". 25 de abril de 2010. Acedido em https://www.conjur.com.br/2010-abr-25/programas-humoristicos-lideram-lista-processos-emissoras-tv, a 10-06-2023.

Neste ambiente polémico, há outros 2 casos que merecem destaque no que concerne à alteração da forma de atuação do programa e ao impacto na relação com o seu público e com a audiência. No primeiro caso, em 2011, numa entrevista, um dos pilares principais do programa CQC, Rafinha Bastos, fez uma declaração de cariz sexual, envolvendo a cantora brasileira Wanessa Camargo e o seu bebé. Essa declaração acabou por ser alvo de espetacularização pelos *media*, Wanessa arrecadou a solidariedade das mães brasileiras, e Rafinha Bastos acabou por ser afastado do CQC (Guidotti, 2016).

O segundo caso aconteceu também em 2011, quando o então deputado Jair Bolsonaro respondeu a perguntas do público no quadro *O povo quer saber*, do CQC, assumindo estar, entre outros temas polémicos, contra os movimentos que discutem a homossexualidade, e ainda fez declarações racistas, ao responder à cantora Preta Gil – uma mulher negra, e filha do ex-ministro de cultura do Brasil – que o seu filho não se casaria com uma mulher negra, já que, segundo ele, foi muito bem-educado[23].

O formato e a condução polémica do CQC, nessa entrevista, abriram um espaço mediático expressivo para o deputado, já que após a sua exibição na TV, as suas respostas foram amplamente debatidas noutros canais e em jornais, resultando numa popularização e numa escalada mediática de Jair Bolsonaro, que foi eleito presidente do Brasil, em 2019.

Dada a existência de temas polémicos incontáveis e das inúmeras alterações no elenco do programa, em dezembro de 2015, a rede de TV Bandeirantes anunciou que não renovaria a exibição do programa no ano seguinte, mencionando a possibilidade de reavaliação para 2017, o que, de facto, não ocorreu. Entre março de 2008 e dezembro de 2015, o programa CQC exibiu 8 temporadas e 339 episódios. Sobre o fim do CQC, a jornalista escreveu:

> "a curva descendente na audiência do CQC, mesmo depois de todos os esforços de Diego Guebel, cocriador do programa e diretor de programação da Band, teve peso essencial no seu fim - ou pausa. Em 2015, o CQC bateu recorde negativo: 2,3 pontos - ante 3,1 em 2014, 4,1 em 2012 e 5,5 em 2011, último ano da curva ascendente do programa. Desde 2012, já sem duas peças essenciais da formação original - Rafinha Bastos e Danilo Gentili -, a audiência caiu ano a ano, com várias tentativas de análises combinatórias do elenco - nenhuma delas com o efeito do original. Em seu ano de estreia, 2008, o CQC somou 4,3 pontos. Subiu para 5 em

[23] Entrevista realizada, em 2011, no quadro *O povo quer saber* com o deputado Jair Bolsonaro. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk&t=200s, a 23-06-2023.

> 2009, 5,3 em 2010 e atingiu seu ápice em 2011" (Padiglione, 2015).

As diversas causas possíveis do encerramento do programa foram, ainda, debatidas. Uma delas pode ter sido deflagrada no ano em que o CQC foi para o ar. A jornalista Bia Abramo (2008) assinou a notícia "CQC decola com jornalismo irônico" elogiando-o: "o programa continua sendo o mais legal das noites modorrentas da televisão aberta", mas também assinalou, no final do seu texto, uma preocupação, que pode estar na raiz das causas que levaram ao fim do CQC:

> "claro, há problemas (...) invasão de patrocinadores nas vinhetas e a aparição dos homens de preto como garotos-propaganda empana um pouco a independência do programa - a reverência à grana daqueles que financiam o 'CQC' não combina com a acidez com que eles tratam políticos e celebridades" (Abramo, 2008).

De forma complementar à mensagem de Abramo (2008), o texto de Guidotti (2016), parecia demonstrar uma maior lucidez, considerando o seu testemunho sobre todos os anos de vida do programa. O jornalista afirmou que o CQC trocou a sua antiga ênfase investigativa pela aposta na polémica, como forma de conquistar o público. A partir daí, investiam menos em informação, e parecendo dar ênfase às polémicas, as matérias apresentadas eram repetitivas, cortavam os depoimentos de pessoas, ou de empresas que os acusavam, e recorriam ao humor de forma mais apelativa, exagerando no uso de palavrões. Guidotti (2016, s.p.) complementou que

> "o CQC foi vitimado por um mal que assola a TV brasileira. O desespero pelo Ibope24 – em constante queda com a competição da internet – está levando as emissoras a fazer programas que garantam números, não importando os meios. Enquanto produzia jornalismo, o CQC funcionou".

Como complemento das causas do fim do programa CQC, trazemos agora alguns trechos de entrevistas realizadas a alguns dos integrantes e repórteres, publicadas na plataforma YouTube[25], com declarações que expressam as suas opiniões pessoais a respeito do fim controverso do CQC. Os guionistas do programa, Murilo Moraes e Luciano Guima (Podihhcast,

[24] O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) era uma empresa brasileira que atuava no ramo da pesquisa de opinião para os setores dos *media*, em especial para os veículos de comunicação e do mercado. Fundada em 1942 pelo empresário Auricélio Penteado, dono da Rádio Kosmos, a empresa esteve ativa durante quase 8 décadas, no Brasil, e encerrou a sua atividade em 2021. Acedido em https://brasilescola.uol.com.br/geografia/ibope.htm, a dia-06-2023.

[25] YouTube é uma plataforma *on line* de partilha de vídeos, criada em fevereiro de 2005, com sede em San Bruno, na Califórnia.

2022), afirmaram que a nota oficial indicava que haveria um ano sabático mas, pessoalmente, apontaram 2 outras razões: a dificuldade em entrar no Congresso Nacional, o que deixou a pauta do programa mais leve na política, e a falta de dinheiro para os guiões, causada pela perda do maior patrocinador do programa, a Ford[26].

Também os repórteres do programa expressaram abertamente, em entrevistas, as suas opiniões, que podem contribuir para a compreensão do contexto do programa e as causas do seu fim. Para Rafael Cortes (Real Podcast, 2021), a audiência teria ganho "ranço" ao CQC; para Oscar Filho (Venus Podcast, 2021), "acabou a política, acabou o CQC"; Marco Luque (Plugado Podcast, 2022) mencionou a censura política implícita e influência que teve na queda de audiências; Rafinha Bastos (Rádio Jovem Pan, 2018) disse: "acabou com ganância, covardia e burrice", pois os interesses comerciais e financeiros impediam a liberdade do programa; e por fim, Dan Stulbach (Talk TV, 2017) lembrou que o CQC terminou por questões políticas, no ano do pedido de *impeachment*, e pela acentuada crise financeira, motivada pela pressão e interferência na linha editorial do programa pelos anunciantes que ainda patrocinavam o programa.

Em entrevista ao jornal *Estadão de São Paulo*, em 2016 (Estadão, 2016), Mauricio Meirelles relatou que "o CQC acabou porque perdeu a relevância", pois o programa sempre esteve presente no meio digital, mas as pessoas pararam de comentar, e perante isso, Meirelles ensaiou uma justificação: "não sei se é porque deixamos de fazer matérias sobre política, ou se é porque investimos mais em festas com famosos".

Todos estes testemunhos são relevantes para uma melhor compreensão do formato e da proposta do programa CQC e a relação entre a sua jornada com o contexto político, económico e cultural do Brasil. A história do programa CQC, os anos de sucesso, o início da queda de audiências, e todos os elementos e hipóteses ilustrados acima a respeito do seu término, levantam questões que nos remetem para o limite ténue entre informação – no caso deste programa, política – e entretenimento. Por essa razão, a compreensão aprofundada e o devido enquadramento do programa CQC, é uma parte relevante para uma melhor análise do

[26] Ford Motor Company é um fabricante de automóveis multinacional estadunidense, sediado em Dearborn, Michigan, um subúrbio de Detroit. Foi fundado por Henry Ford e incorporada em 16 de junho de 1903. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ford_Motor_Company, a 20-06-2023.

objeto desta tese: o acontecimento mediático ocorrido a partir do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* na Ilha do Marajó, de 2014.

2.2 O enquadramento de género do programa de televisão CQC

No Brasil, o programa CQC utilizou um discurso informativo com técnicas próprias do entretenimento, como por exemplo, recursos de gravação e montagem de imagens e sons, para apresentar acontecimentos do campo cultural, económico, social e político.

Por outro lado, o programa foi anunciado com base em elementos que remetiam para a ideia do papel fulcral do telejornalismo, como fonte de notícias para os seus telespectadores, o que já era indicado nos primeiros segundos de início do programa, da seguinte forma: "começa agora, para todo o Brasil, seu resumo nacional de notícias. Esse é o Custe o que Custar".

Num formato híbrido de programa de auditório com duração de 120 minutos, cujo desenvolvimento se deu no espaço virtual das reportagens gravadas anteriormente, o programa era apresentado ao vivo, com foco na bancada de 3 apresentadores, com fatos pretos e óculos escuros, uma marca registada do programa. Apresentavam um novo estilo de telejornalismo suportado pelas estruturas clássicas, como a presença de jornalistas âncora[27], delegação de vozes que levavam o repórter até ao facto e aos entrevistados, bem como mudanças de planos, com ênfase nos primeiros planos. Uma outra característica relevante do programa era a interação com os *media* socias. Segundo Marcelo Tas, pivot do programa, em entrevista para o *Flow PodCast* (2020), "o CQC foi o primeiro programa nativo digital no Twitter[28], antes do programa ir ao ar e durante o programa também acontecia".

Marcelo Tas, acompanhado por Rafinha Bastos e Marco Lucque, que eram populares na área da comédia *stand up* e do teatro no Brasil, apresentavam reportagens performáticas, satirizavam personalidades públicas, faziam parodia das coberturas realizadas pela própria TV, recorrendo a jogos de sentido baseados em manipulação videográfica e intertextualidade constante.

27 O jornalista âncora, ou também chamado de pivot, é o apresentador de um telejornal, responsável por narrar, anunciar, comentar as notícias que serão exibidas. É ele também o responsável por apresentar os repórteres que entram ao vivo na programação.

28 O Twitter é, simultaneamente, uma rede social e um serviço de *microblog*, que permite aos utilizadores enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos – em textos com um limite até 280 caracteres, conhecidos como *tweets* –, através do website do serviço, por SMS e softwares específicos de gestão. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter, a 10-06-2023.

Gutmann (2008), professora e investigadora na área do telejornalismo na Universidade Federal da Bahia, apresentou, no seu artigo sobre o programa, uma descrição detalhada do telejornalismo do CQC – um eixo importante neste trabalho –, reconhecendo o seu género híbrido, que inclui características do jornalismo e do entretenimento. Demonstrou, ainda, que o programa recorreu a diversas estratégias para construir essa hibridez de géneros, como por exemplo, as vinhetas de abertura, de anúncio de quadros fixos e de matérias jornalísticas, que nos remetem para elementos da indústria cinematográfica, como os filmes *MIB: Homens de Negro*[29]– uma vez que os apresentadores usavam fato preto e óculos escuros e passavam um sentido de conspiração, aventura e segredo –; *Missão Impossível*[30]; e *Batman*[31]. Num dos quadros do programa, chamado *Proteste Já*, a vinheta projetou um chamado no céu da cidade, similar à que foi usada no filme *Batman*. Num outro quadro, utilizaram a intervenção gráfica de uma mosca, dando a entender, pela forma como a captaram, que o repórter vê tudo, que há uma vigilância contínua. Todos estes efeitos visavam, para Gutmann (2008, p.5), evocar o campo jornalístico como o "guardião do mundo" e produzir, continuamente, associações com características importantes do jornalismo, como vigilância, transparência e serviço público.

Contribuindo para este contexto de efeitos e de recursos que remetem para valores ou características do jornalismo, os apresentadores permaneciam numa bancada colocada numa espécie de ringue, em contraluz, com o auditório à sua volta, induzindo um clima de arena pública, com gritos, palmas e assobios. Esse clima descontraído era visível e identificado nos vários segmentos do programa. Nesse sentido, Gutmann (2008, p.14) explicou que "no CQC, explora-se os recursos audiovisuais, principalmente as intervenções videográficas e efeitos sonoros que caracterizam a mestiçagem de imagens, de modo a satirizar as fontes no momento

[29] *MIB - Homens de Preto* [Brasil] / *MIB: Homens de Negro* [Portugal] (título original do filme em inglês *Men in Black*) é um filme americano, de ficção científica, lançado em 1997. Foi dirigido por Barry Sonnenfeld, e tinha como atores principais Tommy Lee Jones, como Kevin (Agent K), e Will Smith, como James (Agent J). O filme foi baseado na série de banda desenhada com o mesmo nome, criada por Lowell Cunningham, publicada originalmente pela Aircel Comics, tendo sido, posteriormente, comprada pela Malibu Comics, pertencente à Marvel Comics. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Men_in_Black, a 23-06-2023.

[30] *Missão Impossível* (título original em inglês *Mission: Impossible*) é um filme de ação americano, lançado em 1996, baseado na série de TV homónima, dos anos 1960. Foi dirigido por Brian de Palma, e teve como protagonistas Ethan Hunt e Join Voightt interpretando Jim Phelps (o mesmo nome do personagem principal da série). Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o_Imposs%C3%ADvel, a 23-06-2023.

[31] *Batman*, também conhecido pelas alcunhas Homem-Morcego, Cavaleiro das Trevas, Cruzado Encapuzado, Maior Detetive do Mundo, é um personagem fictício e super-herói encapuzado da editora norte-americana DC Comics, criado pelo ilustrador Bob Kane e pelo escritor Bill Finger, aparecendo, pela primeira vez na história, na banda desenhada *Detective Comics* (maio de 1939) com o nome *O Bat-Man*. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Batman, a 2306- 2023.

das entrevistas e promover crítica através do riso". A autora afirmou, então, que o humor e a sátira passaram a ser instrumentos de uma forma de intervenção política.

Para além das sátiras, tentavam construir um sentido de "transparência", mostrando o processo de construção do facto, ou do acontecimento, deixando, propositadamente, à vista de todos, o que acontecia "por detrás das câmaras", tornando mais relevante a narrativa que se constrói no processo de cobertura, do que o próprio acontecimento. Um outro elemento frequente do programa eram os "furos de reportagem", com que demonstravam a capacidade de estar em locais improváveis, e de conseguir informações relevantes e exclusivas. Com uma suposta transparência constante oferecida pelo programa, apregoava-se o recurso a outras características relevantes do jornalismo, como a credibilidade e o serviço público. Não obstante, o CQC recorria, massivamente, a técnicas de entretenimento: sátira, humor, diversas linguagens gráficas e imagéticas, como estratégias para a conversação política, e para a apreensão da atenção do seu público.

Gutmann (2008) concluiu que o CQC podia ser enquadrado no campo entre o jornalismo e o entretenimento, como um espaço alternativo e legítimo de configuração do debate público. Similarmente, no artigo "Estratégias gráficas e humor sarcástico: a notícia levada a 'sério' no Programa CQC, da TV Bandeirantes, Brasil", Guimarães e Caetano (2009, p.16), declararam a singularidade do programa e a sua capacidade de "prender a atenção sem embotar o raciocínio, estetizar os discursos sem anestesiar os sentidos e a percuciência". Para estes autores, o CQC utilizava o prazer como forma de receção, sem ignorar a sua função informativa. Sendo assim, divertia, mas também informava, corroborando para um "sintoma de redimensionamento da percepção humana diante dos avanços tecnológicos" (Guimarães & Caetano, 2009, p.9).

A ideia de que o programa CQC divertia, mas também informava, foi, da mesma forma, demonstrada por Mundin (2010), que apresentou o seu trabalho baseando-se nas consequências políticas do jornalismo de entretenimento. O autor reforçou características importantes do telejornalismo do CQC, durante a cobertura das eleições municipais de 2008, da cidade de São Paulo. Nesse episódio, o programa dedicou-se, de forma intensiva, à cobertura dessa eleição, mantendo-se fiel à sua estratégia de utilização de sátira e de humor mas, ao mesmo tempo, os seus repórteres faziam perguntas relevantes para a informação do eleitor sobre o programa de governo dos candidatos. A questão fundamental demonstrada no estudo de Mundin (2010), refere-se ao aumento de acessibilidade de informações de interesse público, a uma parcela relevante de cidadãos que não se interessam por política, ou assuntos ditos mais

"sérios", mas que acabam por ser informados, por apreciarem a forma divertida de produzir notícias pelo CQC. Desta forma, por detrás das brincadeiras, o programa passava informações úteis para os eleitores, e acabavam por chegar a um público que não era acessível pelos meios que, normalmente, se dedicavam aos assuntos políticos, ou de interesse público.

Posto isto, podemos afirmar que há elementos que suportam a caracterização do programa como telejornalismo: a sua singularidade, que se expressava através do uso intensivo e constante do humor, da sátira, de diversas técnicas, bem como de estratégias gráficas e audiovisuais, com o objetivo de entreter e divertir o seu público. Assim, face à identificação de elementos do telejornalismo, bem como do entretenimento, este estudo parte do entendimento de que o programa CQC pertence a um género híbrido, o infoentretenimento, que será teoricamente aprofundado no Capítulo 3 desta tese.

2.3. O quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* do programa CQC, na Ilha do Marajó

O quadro *Cadeia de Favores* foi promovido pelo programa CQC, no Brasil, em 2008. Anualmente, um dos seus repórteres era desafiado a fazer trocas de objetos com pessoas anónimas ou famosas, com a finalidade de ajudar uma instituição, ou comunidade, a partir da doação de um objeto previamente definido. Assim, o jornalista pegava nesse objeto, por exemplo um *clip* e trocava-o, com alguma pessoa famosa, por um outro objeto, por exemplo, por uma caneta e depois trocava essa caneta por uma caneca, e assim sucessivamente, até que conseguissem algum objeto valioso o suficiente para vender, e angariar recursos para cumprir com o compromisso do quadro em ajudar uma causa social.

Na primeira edição do quadro, em 2008, foi entregue um camião de donativos numa escola municipal pública, na área rural do município de Itu, no Estado de São Paulo; na segunda edição, em 2009, foi beneficiada a Associação Bloco do Beco, localizada no Jardim São Luiz, na zona sul da cidade de São Paulo.

De forma bastante similar à linguagem de humor que era usada no programa CQC, no quadro *Cadeia de Favores,* empenharam-se em captar o interesse das pessoas em prol de uma causa social. A partir de elementos relacionados com temas de interesse público, o quadro demonstrou preocupação social e envolvimento, ao mesmo tempo que fomentaram a consciencialização de outras pessoas, para os grupos, ou instituições, que precisavam do apoio da sociedade.

Após 4 anos de interregno de exibição, retornou em 2014, quando resolveram fazer algo diferente no programa, pois tinham procurado, desde o início, pessoas famosas e celebridades, pedindo a doação de obras de arte, ou objetos valiosos, que seriam leiloados para angariar recursos para uma escola municipal pública, na Ilha do Marajó. A proposta do programa era conseguir donativos suficientes para a construção de um centro para a formação e inclusão digital, e de uma biblioteca, para atendimento dos alunos marajoaras. Este episódio foi nomeado *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, em que se conseguiu uma arrecadação volumosa de roupas, brinquedos e alimentos. Também foram arrecadadas obras de arte que foram leiloadas, para financiar a construção desse centro para a formação e inclusão digital e da biblioteca escolar.

Com esse objetivo de ajudar uma escola municipal na Ilha do Marajó, a produção do programa contatou a agência Pro Natura International (PNI)[32] que, à época, implementava, na região o "Programa de Desenvolvimento Sustentável da Ilha do Marajó". A PNI foi escolhida para que, de forma voluntária, agisse como elo entre o programa e a escola que recebesse os donativos, promovendo uma experiência que contemplasse a escuta, o envolvimento, a participação e a promoção do melhor uso possível dos donativos doados à comunidade local.

A autora deste trabalho foi a representante da PNI, tendo sido a responsável, naquela altura, pela coordenação geral do projeto CQC, na Ilha do Marajó, no contexto comunitário[33], e teve como propósito dar suporte à comunicação entre os produtores do programa e as autoridades locais; à escolha da comunidade e da escola, entre outras atividades relevantes levadas a cabo para fomentar a melhor participação comunitária possível, num acontecimento que nunca tinha decorrido na região.

A escola Ponta Alegre foi a escolhida por um grupo de lideranças locais, do município de Curralinho e, a partir dessa decisão, a Pro Natura iniciou um período de 6 meses de atividades, para trabalhar em cooperação com um grupo de trabalho, formado pelos professores e pelos moradores da comunidade Sagrada Família, com o objetivo de preparar a comunidade para receber o programa televisivo. Inicialmente, esse grupo comunitário preparou uma festa

[32] A Pro Natura International é uma agência de desenvolvimento que, há mais de 38 anos, promove economias sustentáveis, em regiões vulneráveis, ao redor do mundo. Já atuou em mais de 68 países, impactando cerca de 4,5 milhões de pessoas, ao longo da sua existência. O "Programa de desenvolvimento sustentável da Ilha do Marajó" foi iniciado em 2011, em colaboração com a fundação da Cooperativa Sementes do Marajó, que tem como objetivo dar suporte ao desenvolvimento profissional da cadeia produtiva de açaí, do Telecentro CQC, do projeto de inclusão digital que já formou cerca de 2.000 crianças; e da Mostra Cultural Marajoara, que reuniu todos os artistas do município de Curralinho, um evento com mais de 3.000 pessoas. Acedido em www.pronaturainternational.org.

[33] O envolvimento da autora desta investigação com o projeto CQC na Ilha do Marajó é detalhado no Capítulo 7 – Metodologia, especificamente na secção em que se abordam as questões éticas deste trabalho.

de receção para o CQC, e escolheu as pessoas que seriam entrevistadas e que participariam do programa.

Enquanto a comunidade escolar se organizava, foram gravadas as cenas que iriam compor o quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, compreendidas em duas fases: a arrecadação de donativos e a entrega dos mesmos na Ilha do Marajó, concentrada na procura envolvimento de doadores; a entrega desses donativos, que envolveu, inicialmente, a produção do programa na escolha de uma organização sem fins lucrativos que já tivesse experiência com projetos socioeconómicos naquela região, para determinar que comunidade escolar seria envolvida, e, posteriormente, o esforço do programa para a entrega de todos os donativos na comunidade amazónica. Foram realizadas várias gravações, em contextos e em momentos diferentes, posteriormente editadas:

1) exibição, em direto, no estúdio da emissora Bandeirantes, com os jornalistas e apresentadores do programa;
2) gravação, no Rio de Janeiro, com a ONG Pro Natura;
3) gravação na Escola Ponta Alegre, localizada na comunidade Sagrada Família, Ilha do Marajó;
4) gravação, na cidade de Amparo, município de São Paulo, do lançamento do balão para o espaço e arrecadação de donativos nas ruas da cidade e da escola;
5) gravação, em Palmas, a capital do Estado de Tocantins, da angariação de donativos nas ruas da cidade;
6) gravação, em São Paulo, em vários ambientes externos, à procura de donativos;
7) gravação, no estúdio da emissora, do leilão das obras de arte.

Durante os 47 minutos de exibição do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, os contextos acima descritos entravam e saíam, com alguma velocidade, de cena na TV, pois se num momento nos deparávamos com as imagens do contexto amazónico da Ilha do Marajó, noutro surgiam as imagens sobre o lançamento espacial de um balão – que simboliza o tema do quadro –, passando a ser exibido o leilão de obras de arte doadas por celebridades, gravado em estúdio, e ainda imagens dos jornalistas nas ruas onde decorrem as gravações da angariação dos donativos.

2.4. Contexto histórico do CQC e do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*

O quadro *Cadeia de Favores* começou a ser exibido no programa CQC, inicialmente em 2008, com uma segunda edição em 2009. A terceira edição só aconteceu quase 5 anos depois, em 2014, quando os responsáveis do programa decidiram ajudar uma escola municipal ribeirinha, localizada em território amazónico, na Ilha do Marajó, Estado do Pará, uma das regiões com o menor Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil.

Há um contexto histórico, que considera elementos culturais, políticos e económicos, que foi relevante para a individualização do quadro *Cadeia de Favores*, na Ilha do Marajó, e para a definição deste programa televisivo como objeto de investigação e análise, tendo em vista o cumprimento dos objetivos desta tese. Para esta análise, é preciso resgatar o contexto histórico, sendo o mesmo fundamental para delinear o significado do acontecimento televisivo. Como explicou Babo-Lança (2011, p.74), "a significação do acontecimento liga-se, portanto, a uma ordem convencional e simbólica, ao mesmo tempo que todo o acontecimento é interpretado e compreendido num horizonte de historicidade".

Assim, "a estrutura sensacionalista e o processo de manipulação de audiências nos diz sobre um momento histórico, sobre um contexto cultural" (França, 2011, p.61). Nesse sentido, tendo em conta a ênfase dada pelo programa aos temas políticos e de interesse público, interessa-nos compreender em que momento político e económico o Brasil se encontrava, no período de início do CQC, em 2008, até ao seu término, em 2015. É importante perceber, também, a posição da emissora de televisão Bandeirantes e como se comportou a audiência do programa, durante a sua existência. Desde a sua estreia, em 2008, até 2011, o programa CQC apresentou uma curva de audiências ascendente. A partir de 2012, a audiência do programa iniciou um trajeto de declínio, até ao seu encerramento, em 2015. De forma mais detalhada, segundo Padiglone (2015), "em 2015, o CQC bateu recorde negativo: 2,3 pontos - ante 3,1 em 2014, 4,1 em 2012 e 5,5 em 2011, último ano da curva ascendente do programa".

O novo formato do quadro *Cadeia de Favores*, do programa CQC, surgiu em 2014, quando a audiência do programa estava em queda. O quadro apresentou uma grande produção, focada em conseguir donativos e na travessia do país, para os entregar numa escola ribeirinha, na Ilha do Marajó.

Nesta altura, é importante deixar uma reflexão sobre o contexto político, económico e cultural que acompanhou o programa, desde o seu surgimento, em 2008, da produção do quadro *Cadeia de Favores*, na Ilha do Marajó, em 2014, até ao encerramento do CQC, em 2015.O

programa CQC foi para o ar em março de 2008, no segundo ano do segundo mandato do Presidente Luiz Inácio da Silva, filiado do Partido dos Trabalhadores (PT), quando o Brasil apresentava sinais de estabilidade económica. Uma boa síntese a respeito do contexto político e económico deste período entre o ano de 2008 e 2015, pode ser expressa através de 3 reportagens de capa, publicadas sobre o Brasil, pela revista britânica *The Economist* em 2009, 2013 e 2016. Em 2009, na notícia com o título *Brazil takes off*[34], reconhecia-se a eficácia das medidas tomadas pelo país, contra a crise financeira global[35], que deflagrou em 2008, conseguindo manter a sua estabilidade financeira, e validando-o como uma economia promissora.

Contudo, em 2013, a mesma revista publicou uma nova reportagem de capa, desta feita com o título *Has Brazil blown it*?[36], em que se apontou que a economia brasileira teve o seu pico em 2010 – período de eleições presidenciais – e, a partir daí, deu-se o início da sua queda, que estaria relacionada com as decisões político-económicas do governo, baseadas nas suas intenções eleitorais. Em 2010, o Partido Trabalhista elegeu a presidenta Dilma Roussef, que iniciou o seu mandato no meio de uma crise financeira, que se agravou nos anos seguintes. Ainda assim, a presidenta conseguiu ser reeleita em 2014 e, em 2015 teve início o processo de *impeachment*, tendo sido deposta em agosto de 2016.

Nesse mesmo ano, a revista *The Economist* publicou, na capa, uma terceira reportagem: "*The Great Betrayal*"[37], mencionando o espetáculo televisivo, em que 511 deputados declararam os seus votos, que levaram ao *impeachment* da então presidente, Dilma Roussef. Segundo a matéria, o Brasil enfrentava, naquele momento, a pior recessão desde a década de 1930, com a previsão de queda de 9% do PIB desde 2014, quando a recessão começou a apresentar inflação e desemprego com taxas em torno de 10%.

Todos esses factos – a estabilidade financeira do país, em 2008, o início e desenvolvimento de uma crise económica, em 2010, até ao pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, em 2015 –, ocorreram em paralelo com o trajeto ascendente e

[34] Tradução livre: "O Brasil decola". Na capa da revista *The Economist* constava a imagem do Cristo Redentor, um monumento construído no Estado do Rio de Janeiro, um símbolo do Brasil no mundo, como uma montagem, descolando, como se fosse um foguete.
[35] Uma crise financeira global séria deflagrou em setembro de 2008, a partir de um problema grave no sistema de hipotecas norte americano e pelo pedido de falência de um banco tradicional deste país, o Lehman Brothers.
[36] Tradução livre: "O Brasil estragou tudo?". Cerca de 4 anos após a capa da imagem que exibia o Cristo Redentor descolando, a revista britânica colocou, desta feita, na capa, uma montagem do monumento como um foguete em queda, em direção à Terra.
[37] Tradução livre: "A grande traição". A capa da revista mostrava uma montagem do Cristo Redentor, que segurava uma placa com "SOS".

descendente da audiência do programa CQC. Senão veja-se: o programa foi adquirido pela TV Bandeirantes e lançado em 2008; foi anunciada a saída de apresentadores e o impedimento de acesso ao Senado Federal em Brasília, em 2010, a curva de audiências começou a decair a partir de 2011, tendo o programa sido encerrado em 2015.Também é possível encontrar sincronias, a partir da perspetiva histórica e do contexto da emissora de televisão Bandeirantes, com as características e elementos essenciais relacionados com a proposta do programa CQC e do quadro *Cadeia de Favores*. Após a compra do CQC, em 2008, a emissora adquiriu, nos anos seguintes, outros programas com formatos populares, tais como: *A Liga*, *Polícia 24 Horas*, *Agora É Tarde*, e *Mulheres Ricas*.

A configuração sobre a escolha de programas populares pela TV Bandeirantes determina a natureza e o foco de atuação da emissora, que parecia querer, de alguma forma, manter-se fiel às suas raízes políticas e populistas. A emissora brasileira foi fundada em 1967, por João Saad (Tudo sobre TV, 2011)[38], com o apoio do seu sogro, Ademar de Barros que, à época, era dono da rádio Bandeirantes, um político de carreira extensa, ex-governador do Estado de São Paulo e candidato, por duas vezes, à presidência da República do Brasil.

No dia da inauguração, a TV Bandeirantes organizou uma grande festa, em frente à sua sede, com a presença do então presidente Costa e Silva, com um circo e um parque infantil, tem que foi feito o sorteio de 5 casas para mães pobres. Após a inauguração, a primeira novela a ser exibida pela Bandeirantes foi *Os Miseráveis*, uma adaptação da obra *Les Miserables*[39], *da autoria* do poeta e dramaturgo francês, Victor-Marie Hugo, um romance da literatura francesa, em que retratou a vida de pessoas pobres, na França do século XIX.

Após 47 anos da inauguração da TV Bandeirantes, em 2014, foi produzido e apresentado o quadro *Cadeia de Favores- Missão ao Espaço*, na Ilha do Marajó, uma zona com o menor Índices de Desenvolvimento Humano do Brasil. Exatamente no ano em que a recessão deflagrou, apresentando o país os piores indicadores socioeconómicos da última década e,

[38] "Tudo sobre TV" é um site que se destina à pesquisa e informações em televisão, desenvolvido por Mauricio Valim e Soraya Costa, desde 1998.

[39] *Os Miseráveis* (na versão original, *Les Miserables*) é um romance de Victor Hugo, publicado em 1862, que deu origem a muitas adaptações, tanto no cinema, como em muitos outros *media*. Neste romance emblemático da literatura francesa, em que se descreveu a vida das pessoas pobres, em Paris e na França provincial do século XIX, o autor concentrou-se, mais particularmente, no destino do condenado Jean Valjean. O romance expôs a filosofia política de Hugo, retratando a desigualdade social e a miséria decorrente, e, por outro lado, a visão do trabalho como benéfico para o indivíduo e para a sociedade. Ilustrou também o conflito na relação com o Estado, seja pela ação arbitrária do polícia, ou pela atitude do revolucionário, obcecado pela justiça. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Miser%C3%A1veis, a 10-06-2023.

concomitantemente, o programa CQC registava o seu pior índice de audiências, desde o seu início, em 2008.

Estas circunstâncias, marcadas por um país que atravessava uma crise económica grave, assim como a queda de audiência do programa CQC, permitem-nos tirar algumas ilações sobre a pertinência do quadro *Cadeia de Favores-Missão Espacial*, na Ilha do Marajó, e a relação com os interesses da emissora brasileira. Para esta reflexão, torna-se oportuno invocar o suporte do documentário *Esta Televisão é Sua*, de Mariana Otero, exibido em 1997.Otero (1997) expôs as lógicas de uma televisão comercial, o que determina a estratégia para a captação de audiências e, nesse sentido, ofereceu um contributo para uma melhor perceção do contexto mediático em que foi realizado o quadro *Cadeia de Favores*. Os trechos desse documentário que interessam para este estudo, são de declarações de Emídio Rangel que, à época, era Diretor de Programas e da Informação da SIC[40], quando debateu com a sua equipa a "luta complicada" da audiência:

> "o meu convencimento atual é de que nós temos que insistir muito na tecla do social. Eu estou convencido, que por exemplo, nós marcávamos muitos pontos, muitos pontos, se conseguíssemos, imaginava, que lá estávamos, um mês, todos os dias, a fazer em direto da cidade, eu já não estou a falar de mais nada, da cidade do Porto, todos os dias, eh pá, fazíamos uma inventariação das coisas, hoje é com o Gomes a ir ver as obras de não sei de quê, amanhã era sobre um rio que está poluído, depois amanhã é o lar de idosos não sei de quantos, depois é na ribeira do Porto não sei quanto, depois era um sítio onde se come fantasticamente bem, não sei que o não sei que mais, depois era um outro, e fazia todos os dias em direto do Porto. Para estação era também, para estação em geral é um enorme benefício" (Otero, 1997, transcrição do documentário em 00h04'30'').

Como se percebe, o documentário ofereceu uma perspetiva sobre a forma como as decisões eram tomadas dentro de uma estação de televisão, e como os temas sociais podem estar intimamente ligados com a procura de audiências e, como se leu nas palavras acima transcritas, de benefícios para a própria estação.

[40] A SIC (Sociedade Independente de Comunicação) foi a primeira estação privada de televisão, em Portugal. O seu principal impulsionador foi Francisco Pinto Balsemão, um milionário e antigo Primeiro Ministro português, também fundador do Partido Social Democrata. Este grupo de *media* engloba outros meios de comunicação, o principal dos quais, o semanário *Expresso*, considerado como o semanário político português de referência. A SIC era, à data do documentário, a única estação televisiva privada lucrativa na Europa, motivo que impulsionou a documentarista. Hoje, o grupo detém um conjunto de outos canais especializados, para além de títulos de imprensa.

Nos minutos finais do documentário, Emídio Rangel demonstrou preocupação sobre a necessária correção da imagem que as pessoas tinham da estação de "só pensar em dinheiro". Nesse sentido, o Diretor sugeriu que fossem dedicados projetos, mensalmente, a causas relacionadas com a luta contra o cancro, com os invisuais, com os que lutavam contra a SIDA, e com as crianças. Rangel deixou a questão: "por que não fazer o peditório a favor destas instituições por telefone?" (Otero, 1997, transcrição do vídeo em 00h 56'01").

Para além das conexões apresentadas entre a recuperação de audiência e o envolvimento em causas sociais, nos últimos minutos do documentário, Rangel demonstrou também as ligações entre os aspetos financeiros e os políticos, enfatizando que existiriam outras formas de se conseguir arrecadar receitas para a estação, além das usuais, pois uma estação que tinha, segundo ele, "50% de *share*"[41], vende tudo, até o Presidente da República" (Otero, 1997, transcrição do vídeo em 1h 00'56").

Com esta última declaração, retomamos o caso em estudo, mais especificamente os factos pontuais, relacionados com o programa CQC, na Ilha do Marajó, que também contribuem para a perceção acerca dos limites ténues entre os elementos financeiros, sociais e políticos, dentro da emissora brasileira Bandeirantes. O empresário João Dória – que em 2014 era o principal apresentador do leilão, realizado no quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço,* para venda das obras de arte doadas por celebridades, e arrecadação de dinheiro para a escola Marajoara, em 2016 –, foi eleito prefeito de São Paulo; em 2019, foi eleito governador desse mesmo Estado; e, em 2022, candidatou-se à presidência da República do Brasil.

2.5 O quadro de sentidos do *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*

Como foi visto na secção anterior, o programa CQC, na Ilha do Marajó, objeto desta tese, desenvolveu-se num cenário mediático complexo, com interferências políticas e económicas. A partir desse entendimento, e com base no episódio exibido no dia 10 de novembro de 2014[42], tentaremos perceber, nas próximas linhas, como é que o programa foi

[41] *Share* de audiência é um conceito de medição do nível de audiências de um programa nos meios audiovisuais. Obtém-se pela verificação da percentagem do número de espectadores de um programa, relativamente aos níveis de outros programas concorrentes, que decorram no mesmo período. A utilidade do conceito de *share* é permitir uma análise comparativa do desempenho de um programa. Acedido em https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$share-de-audiencia, a 8-07-2023.

[42] O programa completo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* foi dividido em 4 partes, que podem ser consultados nos seguintes links acedidos a 18-07-2023:
parte 1: https://www.uol.com.br/esporte/videos/videos.htm?id=cadeia-de-favores--missao-ao-espaco--parte-1-0402CD993460DC915326
parte 2: o link da segunda parte já não está disponível na internet.

categorizado, ou revestido de sentido, como decorreram as intervenções, as ações, as reações e as posturas das pessoas dentro, e em torno do programa.

Em alinhamento com o género híbrido do programa CQC, situado entre a informação e o entretenimento, o quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* iniciou a emissão apontando, por um lado, com um tom sério, o problema social da educação no Brasil e uma solução para o mesmo, e, por outro, feitos apoiados em ações espetaculares, como o lançamento de um balão para o espaço. Foram exibidas diversas cenas de humor, durante as arrecadações de donativos; foi organizado um leilão, com a presença de inúmeras celebridades; foi feita a travessia de um camião com os donativos, numa dimensão continental; e por fim, foi transmitida a chegada triunfal, e repleta de emoções, de um barco que aportou numa escola ribeirinha, na Ilha do Marajó.

Mesmo com esta variações de tons e de sentidos, é relevante sublinhar que se tratou de um programa marcado por elementos festivos, com apresentadores que exibiram impulsos heroicos, estimulando através do humor, celebridades e pessoas comuns a serem solidárias. Houve uma clara construção de uma interpelação emotiva e uma clara tentativa de estimular determinadas sensações e sentimentos fortes (França, 2011, p.60), centrados no despertar do interesse e do engajamento de pessoas comuns, assim como de celebridades, a uma causa social. Esta foi a ação que moveu a intriga e que colocou em destaque o papel heroico do programa CQC, inscrevendo-o num determinado quadro de sentido, e organizando os princípios de inteligibilidade sob os quais o mesmo aconteceu (França, 2011).

Neste capítulo, abordamos o programa de forma individualizada, tendo em mente a construção do seu significado e de uma identidade como acontecimento único, através dada descrição, em pormenor, da exibição do quadro *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, que foi para o ar no dia 10 de novembro de 2014. Nesse dia, o programa CQC foi iniciado num dos estúdios da TV Bandeirantes, com a presença de 3 jornalistas sentados atrás de uma mesa e de espectadores no auditório. De forma irreverente e informal, os jornalistas fizeram um resumo das notícias do dia e anunciaram o quadro *Cadeia de Favores*, na sua edição especial, *Missão ao Espaço*. Após cerca de 30 minutos, foi dado início ao referido quadro, que teve uma duração total de 47 minutos, divididos em 4 partes, separadas por intervalos com anúncios dos patrocinadores do programa.

---

parte 3: https://www.uol.com.br/esporte/videos/videos.htm?id=cadeia-de-favores--missao-ao-espaco--parte-3-04024C1A3460DC915326
parte 4: https://www.uol.com.br/comidasebebidas/videos/videos.htm?id=cadeia-de-favores--missao-ao-espaco--parte-4-04028C1A3460DC915326

O *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* começou com o jornalista âncora, Marcelo Tas, que apresentou o quadro, vinculando-o à missão de mobilizar os brasileiros para ajudar a resolver o problema da educação no Brasil que, segundo o jornalista era "um lixo", uma expressão que foi repetida algumas vezes, ao longo da sua apresentação. Em seguida, apresentaram as imagens e as entrevistas gravadas na Ilha do Marajó, com o objetivo de contextualizar e de explicar o problema em causa. Começaram com planos das crianças numa escola no contexto amazónico, imagens de rios, barcos, e construções em palafitas[43] e, ao fundo, ouvia-se a voz do jornalista com o seguinte texto, inaugurando o quadro: "toda criança sonha alto, mas para começar a voar todos nós precisamos de um combustível valioso: a educação. Crianças de todo o Brasil sonham, mas nem sempre podem voar" [44]. Na sequência, uma professora da escola Ponta Alegre apareceu, com um ar melancólico no mesmo ambiente descrito acima, a dizer a seguinte frase: "é um sonho ainda para gente né, para nós aqui, ainda é um sonho".

Continuaram a emitir as imagens dos rios e das palafitas, e o jornalista Tas encerrou a abertura, dizendo: "por isto é que o CQC se juntou com muita gente para ajudar a escola lá na Ilha do Marajó". Ele explicou que, nessa missão, seria preciso "voar alto, muito alto", pelo que, apresentou a ideia de lançar ao espaço uma boneca da personagem Mónica, criada pelo famoso cartoonista brasileiro Maurício de Sousa que, segundo o jornalista era o símbolo da educação no Brasil. Tas concluiu a sua ideia prometendo: "nós vamos até o espaço para mostrar que nenhum sonho é impossível para quem não desiste dele".

Nessa primeira parte, o programa expôs a sua vertente de missão, até mesmo heroica, considerando a sua disposição para enfrentar o problema da educação no Brasil. Para justificar a relevância da sua proposta, tentou sensibilizar os espectadores, apresentando as primeiras imagens que exibiam as crianças na Ilha do Marajó, relacionando-as com o sonho que tinham de voar. A palavra "sonho" foi repetida por diversas vezes, e foi reforçada na intervenção de uma professora marajoara, em que relatou as condições da educação naquela região. Com isto, o programa deixava bem patente o seu propósito e sentido: "juntar muita gente" para realizar um "sonho", assumindo-se como capaz de realizar algo que estava fora do mundo tangível, evidenciando o seu protagonismo e a atribuição da nomeação de heroico.

[43] Construção assente sobre um conjunto de estacas. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021.Acedido em https://dicionario.priberam.org/palafita, a 16-03-2021.

[44] Sendo uma transcrição de uma parte do programa, não foram feitas alterações na linguagem do Português do Brasil, transcrevendo-se exatamente como foi dito, mantendo-se, inclusive, as marcas do coloquialismo próprio da linguagem falada.

Desse modo, logo desde o início, percebia-se que o programa se colocava como um agente, o que ultrapassava o seu papel de mediação, posicionando-se como um personagem da história e, na sequência, apresentou os demais personagens da intriga: a comunidade escolar, representada pela imagem das crianças na escola e de uma professora; e os doadores, representados pela primeira celebridade envolvida no programa: o cartoonista Maurício de Sousa e a sua boneca Mónica, que seria lançada para o espaço. Esse lançamento simbolizava a ida do programa até ao espaço e a sua capacidade de realizar sonhos, demonstrando, à partida, que a utilização de cenas espetaculares daria o tom e a forma do desenvolvimento da intriga.

O primeiro passo para dar início a missão proposta por Tas nos primeiros minutos do quadro, levou outro jornalista do programa ao Rio de Janeiro, à sede da ONG, a Pro Natura. A diretora da ONG, naquela época, e autora deste estudo, apresentou o trabalho que era desenvolvido na Ilha do Marajó, dando sugestões do que poderia ser útil para ajudar uma escola marajoara. Na sequência, foram apresentadas cenas da Ilha do Marajó, com testemunhos do diretor e de professores da escola, que relataram a realidade ribeirinha e os desafios da comunidade, da escola, e do longo percurso dos alunos para se manterem na escola. Afirmaram também que a infraestrutura era precária: a escola não possuía energia elétrica, tinham dificuldades de obter material didático/pedagógico, e que precisavam de mais recursos tecnológicos para trabalhar.

No início da exibição do quadro, era notória uma narrativa mais séria, com a descrição do contexto social e económico da comunidade escolar, expostas nos testemunhos dos professores, que demonstraram uma realidade desafiadora e com recursos limitados. Nessa fase do programa, não houve elementos de sátira ou diversão, percebendo-se a exposição de um problema social e uma clara intenção de organizar uma experiência que pudesse ajudar a solucionar esse problema social.

O jornalista encerrou a abordagem inicial, dizendo que tinha tido uma ideia, que, de facto, "as coisas não estão fáceis", mas que "agora já sabe como pode ajudar e por onde começar". Desse ponto em diante, deu-se uma mudança no tom do programa e da postura do jornalista, que começou a preparar o público para momentos mais divertidos e performáticos, característicos do programa televisivo CQC. Também começaram a apresentar, e engajar, pessoas famosas e celebridades na missão assumida pelo programa.

Para concretizar a sua ideia, o jornalista encontrou um menino chamado Francesco, aluno de uma escola da cidade de Âmparo, no interior do Estado de São Paulo, que se comprometeu a colocar coisas num balão e lançá-lo para o espaço. O jornalista combinou com

o menino: "você constrói o balão e eu vou atrás das coisas". Dito isso, o jornalista informou que iria pedir a ajuda de alguém que tinha autoridade para falar sobre educação, referindo-se ao famoso cartoonista brasileiro, Maurício de Sousa[45]. No encontro entre eles, o cartoonista entregou uma boneca da Mónica ao jornalista, e foi informado que o brinquedo seria lançado para o espaço, para simbolizar o início da *Missão ao Espaço*.

Para o lançamento, conseguiram também a participação de uma outra celebridade brasileira, o artista plástico Vik Muniz[46], que doou um quadro com o rosto do cantor e compositor de *Seu Jorge*. Com estas duas peças, posteriormente lançadas para o espaço, foi dado início ao *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*. Para dar ênfase ao propósito central do programa em engajar pessoas para ajudar uma escola na Ilha do Marajó, o jornalista finalizou esta parte de arrecadação de donativos dizendo: “quando várias pessoas se unem para atingir um objetivo muito alto”, dando a entender que seria o programa CQC a cumprir esta nobre missão.

Ato contínuo, surgiu o primeiro intervalo do programa – no total foram três, apenas durante a exibição deste quadro –, altura em que foram exibidos os anúncios dos patrocinadores da edição. Os anúncios emitidos neste intervalo forma encenados em tom de humor e sátira, pelos próprios jornalistas que apresentaram o quadro *Cadeia de Favores*, reforçando a vertente comercial do programa, que pareceu destoar do discurso e do tom social e sensacionalista, que marcou o início da apresentação do quadro.

A segunda parte do programa foi iniciada com o lançamento do balão rumo ao espaço, amplamente explorado pelo jornalista, que informou: “o dia mais importante da nossa cadeia começou”. Esta frase, proferida no princípio do segundo bloco, revelou a importância e a relevância das performances que se seguiriam. Enquanto o balão subia, mostraram cenas dos outros jornalistas do programa a realizar a arrecadação de donativos e a organizar um leilão de obras de arte.

De seguida, deu-se destaque à descida do balão e à sua localização para o resgate da boneca Mónica e a pintura de Vik Muniz. Após a exibição das cenas da procura do balão em clima de tensão e de humor, o resgate foi concluído e o jornalista informou que ainda seria

[45] Mauricio de Sousa nasceu em1935, é um cartoonista e empresário brasileiro. Criou a *Turma da Mônica* e vários outros personagens de histórias de banda desenhada. É membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira nº. 24. É o autor brasileiro mais famoso e mais premiado da história da banda desenhada. Acedido em https://www.ebiografia.com/mauricio_de_sousa/, a 18-07-2023.

[46] Vik Muniz, nascido em1961, é um artista plástico brasileiro, radicado nos Estados Unidos da América. É conhecido por usar materiais inusitados nas suas obras como lixo, açúcar e chocolate. Acedido em https://www.ebiografia.com/vik_muniz/, a 18-07-2023.

preciso saber como transformar a doação dos artistas, na ajuda que a comunidade do Marajó tanto precisava. Nessa sequência, o jornalista convidou o empresário João Dória para realizar o leilão das obras de arte.

A segunda parte do quadro terminou no ambiente do auditório do CQC, com os jornalistas do programa, o aluno Francesco, e o cartoonista Maurício de Sousa, em direto, em conversa com o jornalista Marcelo Tas.

Na terceira parte do quadro *Cadeia de Favores*, foram apresentados os demais jornalistas do programa CQC, divididos por vários ambientes de arrecadação de donativos em São Paulo, Âmparo[47] e Palmas[48]. O resgate da boneca Mónica, após a viagem espacial, foi gravado intensamente, tendo sido a sua exibição intercalada com cenas de diversos ambientes de arrecadação de doações e cenas do leilão no estúdio do programa, com diversos famosos brasileiros a arrematarem as obras para arrecadação do dinheiro, que seria usado na construção da sala de informática e da biblioteca da referida escola. A angariação de donativos terminou com a imagem de um camião com as doações, que saiu de São Paulo, rumo a Belém do Pará, com paragem em Tocantins, onde decorreu outro momento de arrecadação de doações nas ruas da cidade.

A segunda e a terceira partes do quadro foram, essencialmente, performáticas. A preparação para o lançamento do balão com as doações de 2 artistas brasileiros, o lançamento efetivo, e depois a procura do balão após a sua queda, mobilizou a maior parte do programa. A performance do balão deu nome a esta edição da *Cadeia de Favores Missão ao Espaço*, e foi dada muita relevância a este episódio do lançamento e do resgate do balão. Reforçando o tom festivo e humorístico que o programa passou a ter nessa fase, vimos as arrecadações realizadas nas ruas, escolas e feiras. Foi através do humor, e num clima descontraído, que se propuseram a conseguir o engajamento de celebridades e de pessoas comuns para angariar os donativos necessários. Assim, identifica-se, nestas 2 partes do programa, uma forte ação voltada para o envolvimento e engajamento das pessoas, com a finalidade de cumprir o objetivo proposto pelo programa: promover uma cadeia de favores para ajudar uma comunidade escolar ribeirinha.

A quarta parte do programa começou com a saída do camião, carregado com as doações da cidade de Âmparo, e a paragem na cidade de Palmas, Estado de Tocantins. Nesse momento, o jornalista afirmou: “enquanto as crianças do Marajó têm um dia de aula normal,

[47] Âmparo é um município brasileiro do Estado de São Paulo. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Amparo_(S%C3%A3o_Paulo, a 26 -04- 2021.

[48] Palmas é um município brasileiro, fundado em 1989. É a capital e também a maior cidade do estado do Tocantins, na região central do Brasil. Acedido em https://pt.wikipedia.org/wiki/Palmas, a 26-04-2021.

nem imaginam que o camião está a caminho. Antes de chegar a Belém, vamos fazer uma parada com pessoas que querem aumentar o elo da nossa corrente".

Na cena seguinte, o jornalista apareceu a conversar com os bombeiros da cidade e, na sequência, começaram uma nova arrecadação de donativos pelas ruas da cidade. Enquanto essas arrecadações aconteciam e eram exibidas, o programa fez um corte, mostrando a imagem das crianças na escola Ponta Alegre, no Marajó, acompanhada da seguinte fala do jornalista:

> "o Brasil mostrou seu lado solidário, capaz de ajudar o próximo sem conhecer e sem receber nada em troca. Agora, vamos direto até Belém para pegar um navio e finalmente levar o sonho das crianças até a escola. Nosso agradecimento ao patrocinador "Ford Caminhões" porque sem eles esta viagem seria bem difícil".

Nos últimos 5 minutos da quarta parte do programa, foram exibidas imagens do camião a chegar a um porto em Belém e do jornalista, dentro de um barco, segurando o leme, com planos dos rios e das florestas amazónicas: "estamos no barco, rumo ao destino da nossa missão. Depois de oito meses de trabalho, o Brasil todo nos ajudando, chegamos na Ilha do Marajó, onde estão as pessoas mais importantes desta história, os pequenos estudantes".

Surgiram, então, imagens do barco a aproximar-se da escola Ponta Alegre, onde centenas de crianças estavam a aguardar, no porto. As crianças, eufóricas, começaram a gritar e o jornalista perguntou: "o que vocês acham que tem neste barco? Presente?". Depois da pergunta, ele saiu do barco e começou a descrever os donativos entregues: 324 litros de tinta, 20 computadores portáteis, 10 *tablets*, cerca de 20 projetores multimédia, mais de 100 caixas de alimentos produtos de limpeza, material escolar, 1 bebedouro, impressoras, cerca de 20 painéis solares, brinquedos, e cerca de 1.500 livros. Anunciou, ainda, que tinham arrecadado dinheiro para a construção de um Telecentro e de uma biblioteca.

A partir daí, as imagens passaram a focar a interação de 4 professores, que participaram no programa, agradecendo, afirmando estarem "maravilhados", e descrevendo como se sentiam emocionados. Para percebermos melhor a carga emocional desse momento, abaixo constam as transcrições das falas de alguns dos professores que interagiram com o apresentador do programa CQC, Oscar Filho:

> Oscar Filho: "A gente trouxe 20 painéis solares aqui, para vocês não passarem mais perrengue com o lance de não ter energia elétrica para iluminar a escola de vocês".
>
> Professora 1: "A gente não tem nem como agradecer".

> Oscar Filho: “Tem sim, me dá um abraço. Um abraço está ótimo”.
>
> Professora 2: "Quando vi chegando o barco, a movimentação das crianças, vendo a maravilha de material que nós estávamos recebendo, eu não tenho nem noção da quantidade de emoção que eu senti naquele momento”.
>
> Professor 3: “A alegria dessas crianças, é a nossa alegria, então, o que já veio, muito agradecidos seremos nós, com todo mundo, com todos os alunos, com toda a sociedade que está aqui, seremos todos maravilhados”.
>
> Professora 4: “Eu chorei mesmo, eu me senti emocionada, porque diante de tanta dificuldade que nós enfrentamos durante o ano com relação à questão de falta de recurso”.
>
> Professor 3: “Sem dúvida, é muito legal, o que vai transformar a vida de nossas crianças”.

Por fim, o jornalista encerrou o programa constando:

> “e tudo isto para quê? Para as crianças voarem, para tirar os pés das crianças do chão e dar a elas possibilidade de voar para onde quiserem. É por isto que agradecemos a todo mundo que nos ajudou a concluir esta missão. Esta foi a cadeia de favores 2014”.

A imagem que encerrou o quadro *Cadeia de Favores* foi a do jornalista, dentro da escola, a ser abraçado e aplaudido pelos alunos. O programa voltou, então, para o estúdio, conduzido pelo jornalista Marcelo Tas, que terminou, afirmando:

> “dá uma coisa no peito. Este ano se falou tanto em um país dividido, a gente viu quando as pessoas se unem, veja o resultado. E vocês aí da Ilha do Marajó, a escola é direito de vocês, temos que exigir, fiscalizar, computador, material não custa caro, o que custa caro é sustentar pilantragem”.

Nota-se que a quarta e última parte do programa, apresentou um quadro de intensas emoções, fruto do encontro do CQC com a comunidade escolar. Nesse momento, verificou-se uma participação ativa da comunidade, alunos e professores, que receberam o apresentador do programa CQC, Oscar Filho, num tom festivo, expressando alegria e euforia. Foi dada ênfase às cenas de interação dos professores, no momento da entrega dos donativos, com manifesta profunda gratidão e alegria, e algum choro à mistura.

Após o ápice de emoções, mantendo o tom sentimental marcado no início do programa, o tema “sonho” retornou, quando o CQC demonstrou como realizou “o sonho das crianças”. Deu-se um corte de cena, mudando o foco para o auditório, quando Marcelo Tas

finalizou o quadro *Cadeia de Favores* com uma crítica política, em que associou a falta de recursos na escola com a existência de alguma "pilantragem" (termo utilizado por Tas). Este último comentário, acerca do custo de *alimentar pilantragem*, enfatizou o tom político de apoio ao populismo que marcou o repertório das candidaturas deste tipo, um pouco por todo o mundo. Nesse sentido, e tomando um exemplo já mencionado na secção 2.1. deste capítulo, foi a mesma estratégia utilizada por Jair Bolsonaro, que, com o seu discurso e forte insistência nas questões da corrupção, encontrou eco para o seu populismo político no sensacionalismo mediático que opera como uma forma específica de populismo político-comercial das corporações de *media* no Brasil e, tal como foi dito, em outras partes do mundo.

Os discursos finais do programa evidenciaram ainda mais essa forma específica de sensacionalismo mediático, com o recurso às emoções no desenvolvimento do papel heroico e político do programa, reforçado na expressão de Tas: "se eles não fazem, nós fazemos".

2.6. A perspetiva da comunidade escolar após o término do programa

Até aqui, foi realizada a individualização do acontecimento, usando o exemplo do programa de televisão *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, tendo sido descrito, em detalhe, como decorreu este acontecimento, em que contexto e com que quadros de sentido, até à entrega dos donativos na comunidade escolar, colaborando assim para a construção da inteligibilidade do fenómeno objeto desta investigação.

Contudo, a apresentação do caso enquanto acontecimento, considera, inclusive, de forma relevante para o cumprimento dos objetivos desta investigação centrada na experiência vivida do acontecimento, quais as significações que dele decorreram, a partir da comunidade escolar que foi afetada por ele. Por isso,

> "ora, podemos começar por afirmar que a significação do acontecimento social deve-se à sua relação com outros acontecimentos, às significações que lhe são atribuídas pela sua inscrição social e cultural num universo de práticas, regras, convenções e instituições, à experiência pública e ao modo como a sua ocorrência e consequências que dele resultam são interpretadas, apropriadas e vividas. É preciso, por isso, que seja recebido por uma comunidade, que afecte alguém" (Babo-Lança, 2011, p.74).

Nessas circunstâncias, o quadro *Cadeia de Favores* do programa CQC foi um acontecimento na vida da comunidade da escola Ponta Alegre e, como ação feita, é um acontecimento no mundo, apresentando um efeito de descontinuidade com a vida anterior,

exibindo um elemento que surpreende e que inaugura algo novo. E assim, "interessa uma vertente analítica, capaz de descortinar, no acontecimento, o cenário que o torna possível e aquele novo que ele é capaz de iluminar" (França 2011, p. 61).

Para a construção da análise analítica, começaremos com o ponto fulcral do acontecimento em estudo, a entrega dos donativos, com a participação da comunidade escolar no programa de televisão. Nesse momento específico, deu-se o encontro entre duas perspetivas, ou duas realidades, sendo a primeira a que foi construída pelo programa de televisão e demonstrada numa intriga relatada nas secções acima; e uma outra realidade, a que estava expressa na vida quotidiana de uma comunidade escolar, interrompida pelo quadro *Cadeia de Favores,* do programa CQC.

A união dessas realidades ocorreu no dia em que a escola preparou uma festa, para receber um programa de televisão, quando o CQC conduziu a gravação da entrega dos donativos num episódio emocionante e festivo, que contou com a participação de toda a comunidade escolar. Esse momento incidental, que levou à intensificação de uma experiência subjetiva e à formação de sentidos, será alvo de aprofundamento no Capítulo 4, designadamente na secção sobre o potencial de integração do acontecimento mediático, bem como na secção sobre os efeitos dos *media,* ao nível da participação.

Ainda sobre esse encontro, antes de dar seguimento à descrição, com enfoque no que ocorreu após o programa, é importante mencionar que, após a entrega dos donativos, a comunidade escolar recebeu um convite de Marcelo Tas, jornalista do programa CQC, que apareceu numa tela grande colocada dentro da escola, com uma mensagem gravada, desafiando a comunidade escolar a construir, a partir dos donativos entregues, um Telecentro e uma biblioteca. Tas finalizou esse recado importante, dizendo que voltariam para confirmar se a escola tinha sido capaz de realizar tal feito. Essa fala encerrou o encontro e deu início a uma nova fase do acontecimento.

Após o decurso do programa, a comunidade escolar escolheu e organizou a forma como seriam divididos os donativos entre a escola e a comunidade; convidou e organizou um grupo de voluntários para começar, através de mutirões[49] de trabalho, a construção da biblioteca da escola e de um Telecentro para o uso do material de informática e dos livros doados.

[49] Um mutirão é uma mobilização de indivíduos, realizada de forma coletiva e gratuita, com o propósito de fazer algum trabalho que beneficie uma comunidade.

Em seguida, com o suporte da Pro Natura[50], o grupo comunitário continuou a trabalhar, garantindo assim, após 6 meses da exibição do programa, a construção de uma biblioteca e de um Telecentro comunitário. Mais ainda, a escola organizou um concurso para a escolha de um nome para o Telecentro, tendo ganho: "Telecentro CQC (Contigo Quero Contar)" e criou, através de uma comissão formada por professores, um programa pedagógico para a formação e a inclusão digital dos seus alunos.

O Telecentro e a biblioteca foram inaugurados no dia 15 de maio de 2015, com uma grande festa comunitária, que contou com a presença do Prefeito do Município de Curralinho, do Secretário de Educação, de líderes religiosos e de toda a comunidade escolar, e com a exibição, para os seus convidados, de apresentações de *carimbó*[51].

Percebe-se, assim, que a produção e a realização do programa também aconteceu num contexto comunitário posterior à gravação do programa, que será objeto de aprofundamento no Capítulo 5, que versa sobre a experiência, na vertente do público, do acontecimento vivido pela comunidade da escola Ponta Alegre, o qual também será configurado e individualizado sob a perspetiva da comunidade escolar, segundo as entrevistas realizadas com 30 representantes da comunidade escolar que participaram do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, do programa CQC, na Ilha do Marajó.

[50] A história da mobilização da comunidade escolar para receber o programa, bem como a construção e a inauguração do Telecentro no dia 15 de maio de 2015, pode ser consultada no minidocumentário chamado *Telecentro CQC*, realizado pela Oguata Projetos Socioculturais, e dirigido por Claudia Wer e Michel Santiago. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=1pQCAmte9Lg, a 12-07-2023.

[51] Carimbó é uma dança folclórica típica do Estado do Pará, na região Norte do Brasil. A dança surgiu no século XVII, e a sua origem mescla as culturas e os costumes indígenas, africanos e europeus. O carimbó é dançado em pares, e uma das suas principais características são os movimentos giratórios. A dança também é conhecida pelos nomes de "Samba de Roda do Marajó", e "Pau e Corda". Em 2014, o carimbó recebeu o título de Património Cultural Imaterial do Brasil. Acedido em https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/carimbo.htm, a 18-07-2023.

Parte 2

Capítulo 3: Comunicação como Cultura

O Capítulo 3 inaugura o aprofundamento teórico desta tese, necessário para a análise e para a construção de uma estrutura lógica para um posicionamento que sirva de base à questão geral formulada, relativa aos efeitos ao nível da experiência pública advindos da participação de uma comunidade escolar no programa televisivo '*Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*', exibido em 2014 pelo CQC, no canal brasileiro de televisão Bandeirantes.

Sendo o foco, nesta investigação, o domínio sobre os aspetos do programa televisivo que têm impacto direto e que caracterizam a experiência vivida, este capítulo será dedicado à comunicação e aos *media*, partindo-se, num primeiro momento, do campo de conhecimento relacionado com a Comunicação, sendo apresentada a abordagem adotada nesta investigação, desenvolvida sob a perspetiva da "Comunicação como Cultura", preconizada por Martín-Barbero (2018); Carey (2009); Hall (1980); e Morin (2002), enfatizando-se o seu caráter simbólico na construção e na manutenção de uma sociedade.

Iniciaremos esta jornada tendo bem presente a "visão ritual" da Comunicação e da Cultura popular proposta por James W. Carey (2009), estabelecendo sob que olhar os Estudos em Comunicação se alinham com os aspetos da experiência pública vivida no acontecimento mediático desta tese. De seguida, procurando contribuir para a compreensão da ambiência desafiadora, produtora de hegemonia e de dominações em que ocorre o programa de televisão em análise, será abordada a Teoria Culturológica de Edgar Morin (2002, 2003). E, na sequência, os Estudos Culturais ingleses de Stuart Hall (1980) e a sua ênfase na existência de um recetor ativo, que age e reage, participando ativamente no processo de produção de sentido e de criação de significado na dinâmica comunicacional. Partindo deste ponto, desenvolveremos o nosso trajeto, alicerçados na vivência latino-americana de Jesus Martín Barbero (2018), que resgatou e aprofunda a dimensão simbólica da comunicação que, juntamente com a cultura popular, estabelece um campo de batalha política e a busca por um sentimento de pertença a uma comunidade.

Fundamentados nesta abordagem da comunicação e na intersecção com os aspetos culturais apontados pelos autores identificados acima, daremos enfoque aos *media*, trazendo discussões a respeito de temas vinculados a características significativas do programa televisivo objeto desta investigação:

1) o papel e o impacto da televisão enquanto veículo de socialização, e a sua existência num contexto de intensa mercantilização e de corporativização dos *media*;
2) os géneros televisivos como estratégia da indústria de produção televisiva, e a sua influência nos processos de significação e de criação de sentido;
3) o entretenimento ao serviço da hegemonia cultural;
4) os limites e as fronteiras entre jornalismo e infoentretenimento, e em que condições a razão e a emoção cooperam, ou prejudicam, no tratamento de temas políticos e sociais e, nesse sentido, para a formação de uma esfera pública apta a promover conversas sociais relevantes num espaço democrático;
5) a participação nos *media* como atributo de uma nova cultura comunicacional, que fomenta discussões sobre os elementos que fortalecem o controlo, a vigilância, e a manipulação dos *media*, e, por oposição, a sua capacidade para a abertura de espaços para subversão, manifestação da criatividade popular e engajamento político.

Procuramos, por isso, obter suporte válido e profundo sobre a proposta de análise dos efeitos da participação de uma comunidade escolar num programa televisivo, que é precedido e enquadrado numa dinâmica comunicacional, em que existe uma determinada televisão, submetido a um determinado género, e que promove uma determinada qualidade de participação, com propósito e procura de resultados muitas vezes paradoxais e ambivalentes.

3.1. A "visão ritual" da comunicação de James W. Carey

Iniciamos o nosso percurso teórico, indicando como primeira e importante base para uma melhor compreensão da perspetiva comunicacional desta investigação, a "visão ritual" da comunicação, proposta por James W. Carey (2009, p.17), a partir da qual,

> "sob uma visão ritual, a notícia não é informação, mas drama. Não descreve o mundo, mas retrata uma arena de forças dramáticas e ação; existe apenas no tempo histórico, e convida à nossa participação a partir da assunção muitas vezes vicária, de papéis sociais dentro dela".[52]

[52] Na versão original: "under a ritual view, then, news is not information but drama. It does not describe the world but portrays an arena of dramatic forces and action; it exists solely in historical time; and it invites our participation on the basis of our assuming, often vicariously, social roles within it" (Carey, 2009, p.17).

Assim sendo, na sua perspetiva, as notícias ou esclarecem, ou obscurecem, uma realidade. O autor questionou-se, ainda, a respeito dos seus efeitos sobre as mudanças de atitudes e de comportamentos; se são geradoras de credibilidade ou dúvida, ou se, por outro lado, promovem a integração ou a desintegração de uma sociedade, questões relevantes para o desenvolvimento deste estudo. Nessas circunstâncias, a "visão ritual" da comunicação em Carey (2009), adotada neste estudo, apresentou-se como uma oposição à visão de transmissão da comunicação, que apresenta o seu foco no meio de comunicação como instrumento de divulgação de notícias, conhecimento ou entretenimento. Carey (2009) percorreu uma jornada na construção de uma "visão ritual" da comunicação, partindo desde o tempo em que a mesma era centrada na oralidade, quando as formas ancestrais de associação política e de entretenimento, eram comandadas pela fala e através da narração de histórias, até à alfabetização e à nova tradição escrita, que inaugurou comportamentos e hábitos introspetivos, e de conversação à distância. A partir daí, a comunicação assumiu uma função de transmissão, utlizada para difundir informações e ideias com maior rapidez, alcançando ambientes longínquos, tendo surgido em períodos de exploração e de descobertas, ainda que com motivações políticas e mercantilistas, quando os sinais ou mensagens transitavam com a finalidade de controlar tanto distâncias, como pessoas.

Passo contínuo, este novo contexto de comunicação com base na palavra escrita, juntamente com as tecnologias de transporte e de engenharia, permitiu a ligação entre distâncias e entre populações e, com isso, o desenvolvimento de unidades culturais. Foi, a partir deste ponto, que Carey (2009) explorou a noção de Cultura e de Estudos Culturais relacionados com a comunicação, acima das discussões restritas aos ideais de progresso vinculados à comunicação, ou de posições centradas no seu poder e na sua dominação.

A "visão ritual" de Carey (2009) está enraizada nas ideias do filósofo e pedagogo americano John Dewey que, segundo ele, lançou um comentário enigmático com potencial iluminador para os estudos contemporâneos: "de todas as coisas, a comunicação é a mais maravilhosa (Dewey, 1939, p. 38553 apud Carey, 2009, p.11)[54]", porque "a sociedade não existe apenas pela transmissão, pela comunicação, mas pode-se dizer que existe na transmissão,

[53] Dewey, J. (1939). *Theory Of Valuation*. Vol. II. The University of Chicago Press in Carey J. W. (2009). *Essays on Media and Society*. Routledge

[54] Na versão original, "of all things communication is the most wonderful" (Dewey, 1939, p. 385 apud Carey, 2009, p.11)".

na comunicação (Dewey, 1916, p. 5[55] apud Carey, 2009, p.11)[56]". Na conceção de comunicação como cultura adotada nesta investigação, entende-se que a comunicação, através da linguagem e de outras formas simbólicas, compreende a própria "ambiência da existência humana" (Carey, 2009, p.19)[57]. A comunicação é, então, o meio através do qual os homens passam a possuir coisas em comum e a viver em comunidade. Por outras palavras, "numa definição ritual, a comunicação está ligada a termos como 'partilha', 'participação, 'associação', 'comunhão' e posse de uma fé comum'. Essa definição explora a antiga identidade e as raízes comuns dos termos 'comunhão', 'comunidade' e 'comunicação' (Carey, 2009, p.15)"[58].

Diferenciadamente de uma visão de transmissão da comunicação, a "visão ritual" centra-se na "manutenção da sociedade no tempo" e na representação de crenças partilhadas, a partir das quais é construído e mantido um mundo cultural organizado e significativo (Carey, 2009, p.15). E, por isso mesmo,

> "reformular os estudos de comunicação em termos de modelo ritual, não é apenas aprender mais firmemente a essência desse processo maravilhoso, mas dar-nos uma maneira de reconstruir um modelo de e para a comunicação de algum valor restaurador na reformulação da nossa cultura comum" (Carey, 2009, p.27)[59].

Ainda em linha com Dewey, Carey (2009) afirmou que há uma ligação entre os problemas de comunicação e os problemas de uma comunidade, uma vez que a qualidade sentida nas nossas vidas está vinculada a um conjunto de atividades diárias ligadas à comunicação, tais como conversar; discutir; transmitir orientações; entreter-se, e à forma como tais atividades acontecem dentro de uma comunidade.

A sociedade vista como uma forma de comunicação, permite-nos identificar a dinâmica pela qual a realidade é criada, partilhada, modificada e preservada. Ou seja, em primeiro lugar, há um mundo real de objetos e de acontecimentos que observamos e, em

[55] Dewey, J. (1916). *Democracy and Education*. Macmillan in Carey J. W. (2009). *Essays on Media and Society*. Routledge.
[56] Na versão original "society exists not only by transmission, by communication, but it may fairly be said to exist in transmission, in communication" (Dewey, 1916, p. 5 apud Carey, 2009, p.11)".
[57] Na versão original "ambience of human existence" (Carey, 2009, p.19).
[58] Na versão original "in a ritual definition, communication is linked to terms such as "sharing," "participation," "association," "fellowship," and "the possession of a common faith." This definition exploits the ancient identity and common roots of the terms "commonness," "communion," "community," and "communication" (Carey, 2009, p.15).
[59] Na versão original "recasting our studies of communication in terms of a ritual model is not only to more firmly grasp the essence of this "wonderful" process but to give us a way in which to rebuild a model of and for communication of some restorative value in reshaping our common culture" (Carey, 2009, p.27)".

segundo lugar, esses objetos e acontecimentos são nomeados através da linguagem ou de símbolos. Assim sendo, há a realidade e depois há o que é relatado sobre ela. Segundo Carey (2009), as pessoas criam não apenas uma realidade, mas múltiplas realidades, e o pensamento humano é visto como interpretação da experiência e da construção de sistemas de significados. Nessas múltiplas realidades, há vários mundos culturais que se interpenetram, onde as pessoas vivem em simultâneo, carregando tensões e diferentes padrões de humor e de motivação.

Assim, construímos mundos próprios nos quais habitamos, que também induzem a autoenganos. Por essa razão, trata-se de um processo em constante reparação, uma vez que

> "a realidade deve ser reparada, pois ela desfaz-se consistentemente: as pessoas perdem-se física e espiritualmente, as experiências falham, são produzidas evidências contrárias à representação, o desarranjo mental instala-se, todas as ameaças aos nossos modelos de e para a realidade levam a um intenso trabalho de reparação" (Carey, 2009, p.24)[60].

Nesse sentido, comunicação e cultura não podem ser dissociadas e são elementos essenciais para a compreensão da "visão ritual" da comunicação proposta por Carey (2009), cujas bases sofreram influência de 15 anos de investigação sobre a interpretação das culturas do antropólogo Clifford Geertz[61]. O seu trabalho contribuiu para o desenvolvimento de uma Teoria da Cultura, que também se tornou numa Teoria da Comunicação, baseada em símbolos e processos simbólicos, a sua relação com a ordem social e as formas através das quais a experiência é trabalhada para a sua compreensão, partilha e celebração. Por outro lado,

> "conseguir uma teoria eficaz da cultura popular requer uma conceção de pessoas, não psicológica ou sociológica, mas cultural. Um tal modelo assumiria que a cultura é mais bem compreendida não se a relacionarmos com condições psicológicas ou sociológicas, ou, na verdade, com condições exclusivamente políticas ou económicas, mas como uma manifestação de uma disposição cultural básica para apresentar a experiência de forma simbólica" (Carey, 2009, p. 49)".[62]

[60] Na versão original "reality must be repaired for it consistently breaks down: people get lost physically and spiritually, experiments fail, evidence counter to the representation is produced, mental derangement sets in—all threats to our models of and for reality that lead to intense repair work" (Carey, 2009, p.24).

[61] O antropólogo americano Clifford Geertz publicou, em 1973, o livro *A Interpretação das Culturas: Ensaios Selecionados*. Naquela época, foi listada, no *Times Literary Supplement*, como uma das 100 publicações mais importantes desde a Segunda Guerra Mundial. Para Geertz, a cultura é uma ciência interpretativa em busca de significado.

[62] Na versão original "to pull off an effective theory of popular culture requires a conception of persons, not as psychological or sociological but as cultural. Such a model would assume that culture is best understood not by

Esta visão representou uma forte oposição à abordagem trazida no início dos Estudos em Comunicação de Massas, que faziam referência aos efeitos da comunicação, expondo um modelo de poder sobre o recetor passivo, negando o funcionamento de mentes autónomas[63].

Mesmo posteriormente, com o modelo funcional ligado à hipótese dos "usos e gratificações"[64], quando a visão de comunicação como um poder passou para uma visão da comunicação como uma forma de libertação de ansiedade, da busca na discriminação das consequências do comportamento para a manutenção de sistemas de pensamento, a comunicação de massas não era examinada com um "sistema de símbolos interativos e de significados interligados, que de alguma forma devem estar ligados às motivações e emoções para as quais fornecem uma saída simbólica" (Carey, 2009, p. 43)"[65].

Por isso, quando a ideia de cultura entrou na comunicação, não houve uma negação das visões anteriores, assumiu-se que havia alguma verdade em todas elas, devendo a cultura ser vista como "um processo pela qual a realidade é criada, mantida e transformada" (Carey, 2009, p.50)"[66], numa dinâmica que também concebe, e promove, a transformação social.

3.2. Os Estudos Culturais e o papel dos meios de comunicação

A origem dos Estudos Culturais é apontada a partir do século XIX, quando, na Inglaterra, teve início um debate original sobre a cultura enquanto instrumento para a

tracing it to psychological and sociological conditions or, indeed, to exclusively political or economic conditions, but as a manifestation of a basic cultural disposition to cast up experience in symbolic form" (Carey, 2009, p. 49)".

[63] A teoria hipodérmica foi desenvolvida no âmbito do paradigma funcionalista da comunicação e foi uma das primeiras tentativas de se explicar os efeitos da comunicação de massas na opinião pública. Considerava-se que a mensagem era recebida igualmente por todos os recetores, estabelecendo-se uma relação direta entre a mensagem e o comportamento do recetor e, deste modo, determinando o que foi nomeado de "efeitos totais da comunicação de massa" (Babo, 2015).

[64] "A hipótese dos 'usos e gratificações' articula-se em cinco pontos fundamentais: 1. a audiência é concebida como ativa, isto é, pressupõe que uma parte importante da utilização dos mass media tem um objetivo [...]; 2. no processo de comunicação de massas, grande parte da iniciativa de relacionar a satisfação das necessidades com a escolha dos mass media, depende do destinatário [...]; 3. os mass media competem com outras fontes de satisfação de necessidades. Destas, as que são satisfeitas pela comunicação de massas representam apenas um segmento do amplo espetro de necessidades humanas e o grau em que podem ser convenientemente satisfeitas pelo consumo dos mass media é, evidentemente, variável [...] Por isso, é necessário ter em consideração as outras alternativas funcionais; 4. do ponto de vista metodológico, muitos dos objetivos da utilização dos mass media podem conhecer-se através de dados fornecidos pelos destinatários, isto é, os destinatários sabem o suficiente para, em casos específicos, poderem expor os seus próprios interesses emotivos ou, pelo menos, para poderem reconhecê-los, se esses interesses lhes forem expostos verbalmente e de uma forma que lhes seja familiar e compreensível; 5. os juízos de valor acerca do significado cultural das comunicações de massas deveriam ser suspensos até as tendências da audiência serem analisadas nos seus próprios termos" (Katz, Blumer & Gurevitch, 1974, p. 21 apud Wolf, 1989, p.71).

[65] Na versão original "system of interacting symbols and interlocked meanings that somehow must be linked to the motivations and emotions for which they provide a symbolic outlet" (Carey, 2009, p. 43).

[66] Na versão original "a process whereby reality is created, maintained, and transformed" (Carey, 2009, p.50).

reorganização da sociedade impactada pela maquinaria, e pela civilização de grupos emergentes, como fundamento de uma consciência nacional. Esse debate foi absorvido pelo mundo intelectual na maioria dos países europeus, tornando-se no alicerce para o surgimento dos Estudos Culturais (Urteaga, 2009, pp.1-2). Segundo esta abordagem, a cultura passou de uma reflexão centrada no vínculo cultura-nação, para uma visão cultural dos grupos sociais, mantendo a sua dimensão política. Urteaga (2009, p.2) defendeu que a questão central passou a ser em que medida a cultura de um grupo social, nomeadamente das classes populares, questiona a ordem social ou, por outro lado, se alia às relações de poder. Complementou o autor que a inspiração teórica se propôs debater a respeito da desvalorização do marxismo, do surgimento de novas ideologias e teorias, e dos efeitos das mudanças sociais, tais como: "revalorização do sujeito, reabilitação do prazer ligado ao consumo dos *media*, fortalecimento das visões neoliberais ou aceleração da circulação global de bens culturais"[67].

No contexto académico inglês, a questão surgiu pela necessidade de sair do isolamento pedagógico nos textos da literatura inglesa e de reaproximar a academia de outras realidades sociais. Nesses termos, a consolidação dos Estudos Culturais deu-se no Centro para os Estudos Culturais Contemporâneos da Escola de Birmingham, na Inglaterra, na década de 60 do século XX, tendo como principais percursores: Richard Hoggart, Raymond Williams, P. Thompson e Stuart Hall.

Em 1975, Richard Hoggart publicou um livro considerado como a base fundadora dos Estudos Culturais – *Os usos da alfabetização: aspectos da vida da classe trabalhadora com referências especiais a publicações e entretenimentos* –, em que apresentou, como ideia central, a existência de uma tendência de superestima da influência dos produtos culturais sobre as classes populares. Para Hoggart, nas palavras de Urtega (2009, pp. 5-6), as influências culturais afetam, de forma lenta, a transformação das atitudes e são, muitas vezes, neutralizadas por forças mais antigas.

Já Thompson e William partilhavam, sobretudo, o desejo de superar as análises que transformaram a cultura numa variável dependente da economia, e a visão de uma história construída a partir das lutas sociais, e da interação entre cultura e economia, em que a noção de resistência à ordem capitalista aparece como central. Na obra *A longa revolução*[68], publicada

[67] Na versão original "revalorización del sujeto, rehabilitación del placer vinculado al consumo de los medios de comunicación, fortalecimiento de las visiones neo-liberales o aceleración de la circulación mundial de los bienes culturales" (Urteaga, 2009, p.2).
[68] Williams, R. (2011). *The Long Revolution*. Parthian Books

em 1961, William destacou o papel dos sistemas de educação e de comunicação, bem como o papel dos processos de alfabetização, na dinâmica da mudança social (Urtega, 2009, p. 6).

Um quarto homem foi adicionado ao trio dos fundadores dos Estudos Culturais, Stuart Hall, quando os estudos culturais amadureceram a visão mais aprofundada e ampla do papel dos meios de comunicação, tendo como princípio a realidade como construção social baseada em crenças, e a configuração histórica de uma sociedade, marcada pela luta e pelo poder.

Os Estudos Culturais afirmaram-se como uma teoria multidisciplinar, que tem como elemento central a cultura, como expressão diferenciada e heterogénea, que não considera apenas o conhecimento recebido, mas também as intervenções ativas. Há um reconhecimento da intencionalidade de dominação pela indústria cultural e de disputa, através de elementos intervenientes que têm impacto na realização desta intencionalidade. Concomitantemente, nota-se a submissão e a resistência da cultura popular num espaço de atividade crítica e de intervenção, rompendo com as ideias de alta cultura – relacionada com as atividades culturais dos ricos ou da elite, como ópera, sinfonia, literatura, etc. –, e a de baixa cultura – relacionada com as atividades do povo, tais como programas televisivos, grafite, vídeos musicais, entre outros.

Na década de 80 do século XX, os Estudos Culturais estabeleceram novas visões sobre o impacto dos *media* na sociedade, a partir da produção do sentido construído no momento da receção das mensagens, quando se deu a convergência de contextos e de práticas culturais, e de comunicação, definindo, a partir dessa receção, uma realidade social. Desse modo, a receção, nos Estudos Culturais, está vinculada a uma identidade cultural, e é onde efetivamente a comunicação acontece: "todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e tempo particulares, com uma história e uma cultura que são específicas" (Hall, 2003, p.116).

Nesse sentido, a atividade dos recetores é complexa, já que são entendidos como atores sociais que fornecem, no seu encontro com os *media*, a sua cultura, e definem os códigos que serão utilizados para interpretar as mensagens, de acordo com uma multiplicidade de contextos sociais e culturais. Assim, no processo de comunicação, não podemos dizer que há um circuito linear, ou transparente, entre o emissor e o recetor. O que ocorreu, segundo Stuart Hall (1980), foi uma articulação entre codificação e decodificação nas etapas de produção e de consumo da mensagem, segundo uma leitura que é definida, apenas em parte, pelo contexto institucional no qual a mensagem é produzida. Isto porque, segundo o autor, houve uma tentativa de hegemonizar a audiência como um exercício de poder, mas que nunca foi totalmente bem-sucedida.

Portanto, o recetor tem um papel ativo na construção do sentido das mensagens que, mesmo sendo homogéneas, podem levar a uma receção heterogénea, tendo em conta o reconhecimento da pluralidade e da diversidade dos públicos, e das suas interpretações, promovendo experiências diversas e o desenvolvimento de uma "comunidade interpretativa"[69]. A leitura não é apenas um processo individual ou subjetivo, está para além do momento em que o recetor é exposto aos *media*, pois envolve outros discursos. É construída a partir dos contextos familiares, do ambiente profissional, das instituições e de outros ambientes em que participamos na vida quotidiana. Morley (1996), por exemplo, explicou que a descodificação de um mesmo programa de televisão ocorre de forma distinta, de acordo com as origens sociais e culturais das pessoas, e as leituras individuais servem como fundamento para as dinâmicas culturais partilhadas. É possível, desse modo, ser identificada uma estrutura complexa, composta por subgrupos e subculturas, o que não nos permite perceber a audiência como uma massa indiferenciada de pessoas. Portanto, não podemos dizer que há uma construção de significado fixo ou único, uma vez que a cadeia comunicativa não apresenta linearidade ou transparência e, neste sentido, as mensagens acabam por admitir diversas leituras, ainda que haja algum limite[70], pois carregam sempre indicações de sentido.

Sobre esta dinâmica de esforços de dominação e controlo de sentidos exercidos com a técnica dos *media*, Edgar Morin (2002) desenvolveu contribuições valiosas com a condução da sua Teoria Culturológica, que entende, inicialmente, que o poder dos *media* consiste em adequar os seus conteúdos às necessidades e às aspirações da audiência, tornando-se numa forma de autorrealização do que é suprimido na "vida real", corrompendo e desagregando outras culturas; criando exemplos a serem seguidos; apontando para caminhos de felicidade; e gerando utopias. Morin (2002, p.36) apresentou-nos, ainda, a ideia fundamental para compreender esta dinâmica: "o sincretismo". Num esforço para captar o máximo de interesse e potencializar o consumo dos produtos culturais, o sincretismo serve para homogeneizar os conteúdos, unificando dois setores da cultura industrial: 1) o setor da informação que recorre

[69] "Comunidade interpretativa é um termo que teve origem nos Estudos Literários. Nos textos seminais de Stanley Fish (1980) e de Janice Radway (1984), o termo é usado no singular, para explicar a uniformidade de leitura numa comunidade interpretativa, cujas experiências de leitura partilhadas tendiam a interpretações partilhadas. Em Fish, o interesse reside nos constrangimentos através dos quais uma comunidade específica – a comunidade literária – produz interpretações 'autorizadas'. Para o autor, uma comunidade interpretativa produz textos e determina a forma do que é lido" (Schramm, 2005, p.9).

[70] O limite da interpretação é determinado pela atmosfera sociocultural da receção e pelo senso comum hegemonicamente estabelecido, ou ainda pelo horizonte das suas perspetivas críticas, mas dentro de quadros reconhecíveis, relativamente flexíveis, mas contidos no interior de balizas histórica e socialmente situadas pela cultura existente, conforme assinalou Stuart Hall, em vários momentos, na sua obra.

ao sensacionalismo e a elementos romanescos inventados, ou imaginados pelos jornalistas; e 2) o setor do romanesco, do imaginário, que recorre ao realismo, a ações e a intrigas com uma aparência da realidade.

Assim, "a cultura de massas é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário (Morin, 2002, p.37)", e nessas duas direções, Morin (2002) declarou que os personagens vivem por nós, desviando-nos da nossa vida e consolando pela vida que temos. Para o autor, a cultura de massas universaliza as necessidades de bem-estar e de felicidade no século XX, e

> "isso significa que a difusão da cultura de massas não resulta apenas da mundialização de uma civilização nova, ela desenvolve essa mundialização. Desperta as necessidades humanas subdesenvolvidas, mas em toda a parte virtuais, contribui para a expansão da nova civilização" (Morin, 2002, p.159).

Nesse processo de mundialização e de desenvolvimento de uma nova civilização, conforme descritos por Morin (2002), a cultura de massas gera um determinado desenvolvimento técnico e económico, e movimenta-se no sentido de promover a destruição de culturas locais por uma versão homogeneizada, mantendo o mesmo conteúdo com mensagens renovadas, nivelando e padronizando diferenças e interesses sociais. Portanto, de acordo com Morin, (2002, p.163), "a cultura de massas é, por assim dizer, o ópio sociológico da classe média e da burguesia do Terceiro Mundo", criando a projeção de sonhos e de aspirações, aumentando o consumo nas classes mais favorecidas e o bloqueio deste mesmo consumo às massas populares, provocando revolta e insatisfação. Assim,

> "por um lado, as necessidades insatisfeitas irrigam os grandes desabrochamentos imaginários da ação e da aventura, por outro lado, as plenitudes imaginárias da felicidade e do amor irrigam a vida empírica. Por um lado, a cultura de massas alimenta a vida, por outro lado, atrofia-a" (Morin, 2002, p.170).

Essa dinâmica levou ao que o autor designou de "catalepsia do espectador" (Morin, 2002, p.164), mantendo-o numa espécie de "sonambulismo permanente ou de psicose obsessiva" (Morin, 2002, p.170), e "adapta o homem aos processos dominantes" (Morin, 2002, p.170).

Contudo, reconhecendo a maestria com que Morin (2002) descreveu o que o filósofo alemão Friedrich Hegel cunhou como o "Zeitgeist" (o "espírito do tempo") – que pode ser compreendido como o conjunto do contexto intelectual e cultural do mundo em determinada

época –, apresentamos, a partir desta descrição, elementos que apontam para a natureza dinâmica de todas as coisas e os processos contínuos de reparação e de busca de algum equilíbrio.

Não obstante todos os esforços de dominação se aprimorarem com a técnica dos *media*, o "Homo Complexus" de Morin (2001, p. 59), dotado de racionalidade e de irracionalidade, capaz de medidas e de desmedidas, que é sujeito de afetividade intensa e de caráter predominantemente instável, pode revelar também o seu potencial e a sua força.

A "catalepsia do espectador", sugerida por Morin (2002, p.164), coexiste com o reconhecimento do "recetor ativo", conceito central nos Estudos Culturais, confirmando a hipótese trazida por Morin (2001), de que ação e a reação não estão necessariamente ligadas por uma racionalidade e, desta forma, boas ações podem criar maus resultados, e más ações podem ter boas consequências. O sincretismo evidenciado por Morin (2002), assim como outras dinâmicas perversas existentes e provocadas pela cultura de massas, podem também apresentar potencial para serem berços de resistências, ruturas, reparações e transformações. Foi assim, concluiu o autor, dando-nos indicações sobre tempos de mudança, que "o ocaso do século XX deixou como herança contracorrentes regeneradoras. Frequentemente, na história, contracorrentes suscitadas em reação às correntes dominantes podem-se desenvolver e mudar o curso dos acontecimentos" (Morin, 2001, p. 72).

3.3. Uma abordagem latino-americana sobre comunicação e cultura

O reconhecimento da presença de contracorrentes e o entendimento sobre a existência de possibilidades interpretativas, geradas a partir da apropriação dos discursos mediáticos pelo recetor, abalou a ideia do poder omnipresente dos *media*, colocando em evidência a força do recetor ativo, evidenciado nos Estudos Culturais ingleses. A ação advinda dessa dinâmica apontou para caminhos de resistência sublinhados por Morin (2001) e de construção de um conhecimento coletivo, desenvolvido em circunstâncias que reconhecem e admitem a intenção e a corrida pela hegemonia travada nos *media,* mas que também fortalecem e identificam a ação do recetor, com ruturas e reparações em resultado do impacto deste processo comunicacional sobre o modo de *viver,* bem como sobre os aspetos políticos, sociais e culturais de uma comunidade.

Tendo isto em consideração, e tratando-se de uma investigação centrada num programa televisivo brasileiro, torna-se pertinente visitarmos as ideias do teórico da comunicação Jesus Martin Barbero que, tendo desenvolvido na Colômbia a sua abordagem

orientada pelos aspetos culturais, manteve-se sensível ao facto de que as teorias europeias e norte-americanas não consideravam, integralmente, a realidade latina nas suas expressões.

Martín-Barbero (2018, p.10) convocou o pensamento metafísico do filósofo alemão Martin Heidegger, para afirmar que o espaço não está separado do sujeito, sendo uma dimensão constitutiva daquilo que é a experiência do que somos no mundo e, sendo assim, os processos políticos, os regimes autoritários, as lutas por libertação, as grandes migrações, constituem a cultura desses países. Segundo Martín-Barbero (2018, p. 13),

> "a centralidade incontestável que hoje os meios ocupam, é desproporcional e paradoxal em países como os nossos, com necessidades básicas insatisfeitas no âmbito da educação e da saúde, e nos quais o crescimento da desigualdade atomiza a nossa sociedade, deteriorando os dispositivos de comunicação, isto é, de coesão política e cultural".

Reconhecendo este processo de deterioração, onde as populações assimilam as mudanças tecnológicas, mas que somente, de forma lenta e dolorosa, recompõem o seu sistema de crença e valores, Martín-Barbero (2018, p.12) investigou a criação do que se entende por massivo para além deste processo, já que identificou diversas lógicas que não estão envolvidas pelas exigências do mercado, mas que estão fundamentadas numa matriz cultural que rejeita as elites, "ao mesmo tempo em que constitui um lugar de interpelação e de reconhecimento das classes populares".

Assim como Morin (2001), Martín-Barbero (2018) esclareceu que os *media* são o principal agenciador da mundialização e da transformação da sociedade em mercado. Contudo, para Martín-Barbero (2018, p.16), os *media* não são o "grande mediador" entre as pessoas e o mundo, já que as mediações contemplam "espaços-chave de condensação e de intersecção de múltiplas realidades de poder e de produção cultural". Nesse sentindo,

> "então, mais que objetos de políticas, a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o cenário estratégico que exige que a política recupere a sua dimensão simbólica, a sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertença a uma comunidade para enfrentar a erosão da ordem coletiva" (Martín-Barbero, 2018, p.15).

A partir da abordagem de Martín-Barbero (2018), podemos aferir que a presença das massas na sociedade contemporânea foi repensada, havendo uma distinção entre aquilo que definimos como sociedade e como comunidade. Na sociedade, permanece em evidência a razão fundamentada em manipulação, alimentando uma dinâmica individualista, vazia de relações

que levem à geração de laços de identificação. Por outro lado, na comunidade há, tendencialmente, uma unidade no pensamento e na emoção baseada em laços estreitos e de relações que envolvem lealdade, solidariedade e o desenvolvimento de uma identidade coletiva.

Nessa conceção, a comunicação de massas passou a ter uma amplitude maior do que os meios, para além dos elementos económicos e ideológicos de uma sociedade, há uma relação direta com a cultura quotidiana, que propicia o surgimento do recetor que reage. O recetor passou a ser considerado como sujeito, um ator do processo de comunicação, o que evidenciou a manifestação do que Martín-Barbero, em entrevista realizada no Brasil, chamou de um "ecossistema especial, em que os homens contemporâneos vêem e são vistos (Moura, 2009, p.10). A entrevista aconteceu em 2009, quando Martín-Barbero participou de um evento importante no Brasil, que ocorreu no Memorial da América Latina, em São Paulo, tendo sido, posteriormente, publicado, com base na sua aula, um artigo científico pela investigadora em Comunicação e jornalista brasileira Mariluce Moura, que contribuiu de forma ímpar para a compreensão das ideias de Martín-Barbero. Moura (2009, p.10) esclareceu os pontos cruciais a respeito do mencionado "ecossistema especial" de Martín-Barbero e a sua relação com o recetor que reage:

> "o sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem... Esta é a mudança" (Moura, 2009, p.14).

Essa relação ocorre num novo entorno, o qual Martín-Barbero, inspirado pelo "*El tercer entorno"* do filósofo e matemático basco Javier Escheverría[71], chamou de "tecnocomunicativo" (Moura, 2009, p.15), sendo que a imersão do recetor neste entorno não é pontual, não há hipótese de escolhermos estar fora ou dentro dele, pois ocorre na mesma medida em que permanecemos imersos na natureza ou nas instituições.

Utilizando os *media* e as suas ferramentas tecnológicas, vemos, somos vistos, construímos visibilidade e novas formas coletivas, que podem ser compreendidas como

> "transformações no *sensorium* da nossa época e de mutações político-culturais que anunciam o novo século. E refiro-me finalmente a essas 'novas

[71] Martín-Barbero baseou-se no livro de Javier Escheverría, publicado em 1999, *Los senõres del aire: Telepolis y el Tercer Entorno* (*Os senhores do ar: Telepolis e o Terceiro Entorno*), em que analisou o impacto das novas tecnologias na sociedade, levando a uma nova organização à escala global, fazendo emergir o que o autor chamou de "Telépolis", que representa "o terceiro entorno", um espaço social virtual, transnacional, instável e heterogéneo, diferente da natureza, que seria o primeiro entorno, e da cidade, apontada como segundo entorno pelo autor.

> maneiras de estar juntos' pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade a partir das coletividades de bairro para a resolução pacífica de conflitos e das emissoras de rádio e televisão comunitárias, em que se recuperam memórias e são tecidos novos laços de pertencimento ao território" (Martín-Barbero, 2018, p.20).

As novas tecnologias e as novas formas de estar juntos vieram alterar a circulação do conhecimento, causando uma profunda transformação na sociedade (Martín-Barbero, 2018, p. 29), pois a deslocação do conhecimento alterou a dinâmica cognitiva, e provocou a indefinição entre os limites entre o que é razão e o que é imaginação, conhecimento e informação, ou ainda, o que é natural ou artificial. Nesse sentido, o autor reforçou a ideia do sociólogo espanhol Manuel Castells, de que o computador veio anunciar o término da separação entre os dois lados do cérebro humano: razão e imaginação estavam unidas.

Foi neste contexto de transformações tecnológicas, em que a cultura, que foi depreciada pelos intelectuais da cultura letrada, emergiu pela internet e se misturou no hipertexto, através de expressões da cultura visual, oral, sonora e gestual, promovendo um movimento de intensa hibridização, e libertando o que Martín-Barbero apresentou, na sua entrevista a Moura (2009, p.15), como a "mestiçagem das culturas cotidianas". Nesta, surgiram descontinuidades culturais baseadas em estruturas de sentimentos, memórias e imaginários, que se misturaram e se rebelaram num ambiente de incertezas. Assim, forjaram esperança, "inventando novos públicos" (Moura, 2009, p.15), a partir das mediações e dos sujeitos que agem e reagem, amplificando e subvertendo o campo do conhecimento, muito para além das dimensões conhecidas e desenvolvidas pela cultura letrada e elitizada.

Estando perante uma nova ambiência comunicacional, Martín-Barbero comprovou a mutabilidade do "espírito do tempo" de Hegel, na sua entrevista a Moura (2009), na resposta à questão formulada pelo escritor colombiano Gabriel García Marquez, no discurso que fez no momento em que ganhou o prêmio Nobel de literatura, em 1982, indagando se haveria uma segunda oportunidade para os povos que sofreram "100 anos de solidão"[72]. Em resposta, Jesus Martín-Barbero confirmou que esse cenário mestiço, fomentado por sujeitos que agem e reagem, e que compõem novos públicos e constroem esperança, se trata da representação de

[72] Gabriel García Marquez contribuiu, com as suas obras, para que o mundo construísse um novo olhar sobre a América Latina. Preocupava-se com questões sociais e políticas e, de forma geral, com questões relacionadas com a condição humana e a solidão. No ano de 1967, publicou a sua obra mais célebre e de repercussão mundial, o livro *Cem Anos de Solidão*, em que contou a saga de uma família desde a sua origem, até à sua sétima geração.

uma segunda oportunidade na Terra para os povos que sofreram aqueles 100 anos de solidão apresentados na obra de Gabriel García Marquez

Pelo exposto, sob a perspetiva da cultura popular e dos sujeitos que a concebem e que são concebidos por ela, foi estabelecido um espaço de questionamento das classes populares, com o alargamento das dimensões da razão e da emoção que compõem o campo do conhecimento, possibilitando o surgimento de novos públicos.

Partindo desse quadro comunicacional, procuraremos enfatizar, na próxima secção, os contributos teóricos dos Estudos da Televisão, centrados no seu poder de socialização e, concomitantemente, de controlo e de domínio hegemónico, apoiados na mercantilização dos *media*. Seguindo essa lógica, adentraremos na compreensão da posição do entretenimento, do jornalismo, do infoentretenimento e da participação nesse ambiente mediático repleta de ambiguidades.

3.4. A televisão como veículo de socialização

As secções anteriores foram dedicadas ao entendimento da abordagem assumida por esta tese no que se refere à comunicação enquanto construção de um mundo cultural organizado e significativo, numa dinâmica em que a realidade é criada, partilhada, modificada, reparada e preservada, através dos sujeitos que agem e reagem, veem e são vistos (Carey, 2009; Hall, 2003; Martín-Barbero, 2018; Morin, 2001, 2002).

É a partir desta conjuntura que analisaremos o papel da televisão como uma prática comunicativa que estabelece articulações entre cultura, sociedade e política, afetando e constituindo os sujeitos sociais e o mundo ao seu redor e que, segundo as ideias de Wolton (1996), se reveste de um caráter de heterogeneidade, comum atributo democratizador. Por esse ponto de vista, a televisão é diferente em cada país e, uma vez que os telespectadores vivem em diferentes contextos culturais, sendo, por isso, decodificada de acordo com a carga cultural deles, alimentandos laços sociais que se formam na participação de uma atividade coletiva, por facultar assuntos sobre os quais os indivíduos podem conversar.

De acordo com França (2006a, p.39), o conceito de cultura popular está associado a 2 variáveis: a primeira vinculada a questões identitárias, sendo sinónimo de nação, autenticidade, aquilo que é verdadeiro e singular e que, por esta mesma razão, merece ser preservado e enaltecido através de políticas públicas; e a segunda, relacionada com a cultura dominante, definindo-a por características que a cultura popular não detém e não atinge. Na cultura popular, o lugar dos pobres é retratado como um lugar que prescinde de referências, de acesso à cultura

impressa, teatro, cinema e, deste modo, torna-se numa "expressão de não cultura" (França, 2006a, p.39), de um contexto de privação de reflexão e de consciência crítica, desenvolvendo um ambiente de desprezo e de um "zelo pedagógico" que, muitas vezes, justifica ações educacionais para apresentar a "verdadeira" cultura aos grupos ditos excluídos.

Posto isto, e com base num cenário televisivo envolvido por uma dinâmica cultural contemporânea, França (2006a, p.40) apresentou um novo sentido para a cultura popular, como sendo dirigido ao povo com o intuito de ativar e de aumentar o consumo a partir de dinâmicas de identificação, com uma programação voltada para conteúdos com um menor grau de informação e preponderância de entretenimento. Com o foco no aumento do consumo, as produções televisivas estabeleceram uma horizontalidade e, nessa dinâmica, as classes populares e as classes sociais mais altas acedem e partilham, em certas e variáveis medidas, os mesmos conteúdos, valores, referências e imagens, desenvolvidos com o propósito de fomentar o consumo das massas.

No Brasil, este cenário instalou-se a partir da segunda metade da década de 90 do século XX, quando teve início o destaque da programação popular, nomeadamente de programas jornalísticos voltados para a espetacularização dos acontecimentos, com cobertura de factos de conotação violenta, quando todos os esforços eram empreendidos com base em conteúdos que promoviam a identificação do brasileiro com a realidade em que vivia e os interesses da emissora no aumento dos índices de audiência (Araújo, 2006, p.47 e p. 49).

Para Bucci (1996), a TV no Brasil ligou-se à própria realidade do seu povo, pois

> "a televisão é muito mais do que um aglomerado de produtos descartáveis destinados ao entretenimento das massas. No Brasil, consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – e quase impossível o entendimento nacional" (Bucci, 1996, p.9).

Por essa razão, para França (2006a), os programas populares tinham como premissa a presença de pessoas e de temas decorrentes das classes populares, representando questões, temas, problemas, e as realidades da vida quotidiana das periferias, compondo uma nova dinâmica da cultura popular em constante tensão entre a presença das ideias e valores da cultura dominante, bem como um movimento de resistência e de embates. Dessa forma, as programações televisivas ultrapassaram os seus propósitos e espelharam a própria estrutura da vida social, e nesse sentido,

> "a dinâmica ideológica (a luta de sentidos, de representações) transborda o universo de glamour e assepsia em que muito tempo foi contida. Esta nova televisão não é uma televisão revolucionária, nem tampouco uma maré de detritos; ela fala de um quotidiano cada vez mais saturado de diferenças, de diferenças que reivindicam espaço e claridade" (França, 2006a, p. 43).

Não se desconsidera aqui o potencial de alienação, de empobrecimento cultural, de uma estrutura de dominação submetidos a partir da televisão, nem a predominância do poder simbólico da imagem sobre o inteligível, conforme foi, exaustivamente, defendido por autores como Bourdieu (1997), Baudrillard (1972), Sartori (2001), entre outros. Tampouco se irá menosprezar o quanto a referida estrutura de dominação está vinculada a uma lógica voltada para a mercantilização da televisão, como mais à frente examinaremos. Não obstante, o que se escolhe aprofundar nesta secção é a perspetiva da televisão enquanto veículo de informação e de socialização, que designa um repertório coletivo e que constrói determinadas representações.

Para Gerbner e Gross (1976, p.173), é o ambiente dos símbolos que dá sustentação à existência humana, e a televisão é um agente de socialização simbólica e de controlo. Sendo um sistema de mensagens, a televisão permite que uma pessoa construa uma perceção do que é real, normal, correto, e que esteja de acordo com a "ordem social estabelecida". A partir daí, deu-se a disseminação de conceções dominantes e a regulação das relações sociais. Por isso, de acordo com os autores,

> "a televisão é um meio de socialização da maioria das pessoas em papéis e comportamentos padronizados. A sua função é, numa palavra, a enculturação. A substância da consciência cultivada pela TV não são tanto atitudes e opiniões específicas, mas pressupostos mais básicos sobre os 'factos' da vida e padrões de julgamento nos quais as conclusões se baseiam" (Gerbner & Gross, 1976, p.175)"[73].

Considerando essa dimensão simbólica comum, Gerbner (1972) desenvolveu uma nova abordagem de investigação utilizando indicadores culturais para a elaboração de um relatório que teve impacto nos estudos dos efeitos de longo prazo da televisão na estrutura cognitiva dos indivíduos, através da qual as pessoas recebem e interpretam as suas experiências. Essa investigação tinha como ponto de partida a seguinte questão fundamental: "os conteúdos

[73] Na versão original "television is a medium of the socialization of most people into standardized roles and behaviors. Its function is, in a word, enculturation. The substance of the consciousness cultivated by TV is not so much specific attitudes and opinions as more basic assumptions about the "facts" of life and standards of judgment on which conclusions are based" (Gerbner & Gross, 1976, p.175).

televisivos pacificam ou incitam?"[74]. Utilizando o método chamado de "análise do cultivo"[75] (Gerbner & Gross, 1976, p.182), questionaram os pressupostos que são cultivados pela televisão a respeito dos factos, normas e valores da sociedade, apontando que a violência rege o mundo simbólico da televisão, trazendo consequências que devem ser analisadas. Num primeiro plano, indicaram que a cultura do medo e da anuência ao poder preparam a instauração da violência, para o seu exercício em grande escala. Para os autores, os dramas demonstram, através da violência, quem se safa com o quê, quando, por quê, como e contra quem, organizando roteiros que fazem com o que as "vítimas do mundo real e os violentos" (Gerbner & Gross, 1976, p.178)[76] possam aprender que papéis devem desempenhar na vida quotidiana. Ou seja, a narrativa televisiva apresenta-nos um realismo representacional, com riqueza de detalhes nas informações sobre os caminhos humanos, as suas ações e as consequências que delas advêm. A questão é que se coloca é: "com que frequência, e em que grau, todos os expectadores suspendem a sua descrença na realidade do mundo simbólico?" (Gerbner & Gross, 1976, p.178).[77]

O mundo fictício estabelece um lugar de aprendizagem para a vida real. Na conceção de Gerbner e Gross (1976, p.179),

> "na vida real, muita coisa está escondida aos nossos olhos. Muitas vezes, os motivos são obscuros, os resultados ambíguos, as personalidades complexas, as pessoas imprevisíveis. A verdade nunca é pura e raramente é simples. O mundo da televisão, pelo contrário, oferece-nos cogência, clareza e revolução. A contrário da vida, a televisão é um livro aberto"[78].

Assim, considerando essa perspetiva idealizada e supostamente transparente, a existência social fica vinculada à sua representação no mundo da ficção, construindo um mundo simbólico em que a grande maioria das representações fica restrita a géneros que predominam na ordem social. Um dos efeitos perversos dessa dinâmica descrita acima foi nomeado por Gerbner e Gross (1976, p.183) de "aniquilação simbólica"[79], que ocorre na ausência de

[74] Na versão original "does TV entertainment incite or pacify?" (Gerbner & Gross, 1976, p.173).
[75] Na versão original "cultivation analysis" (Gerbner & Gross, 1976, p.182).
[76] Na versão original "real world victims as well as violents" (Gerbner & Gross ,1976, p.178).
[77] Na versão original "How often and to what degree all viewers suspend their disbelief in the reality of the symbolic world. Surely we all know?" (Gerbner & Gross, 1976, p.178).
78 Na versão original "in real life much is hidden from our eyes. Often, motives are obscure,outcomes ambiguous. Personalities complex, people unpredictable. The truth is never pure and rarely simple. The world of television, in contrast, offers us cogency, clarity, and resolution. Unlike life, television is an open book" (Gerbner & Gross, 1976, p. 179).
79 Na versão original "symbolic annihilation" (Gerbner & Gross,1976, p.183).

representação de um determinado grupo de pessoas nos *media*, fundamentado por exemplo, pela sua orientação sexual, género, raça ou posição socioeconómica, sendo, segundo os autores, uma forma de manter a desigualdade social. Esta aniquilação simbólica tem sido usada para justificar a ausência de alguns povos ou comunidades na comunicação popular, deixando claro que a demonstração do poder e do controlo social são aspetos fundamentais da violência simbólica.

Com estas ideias e hipóteses sobre a manifestação da violência simbólica presentes na televisão, Gerbener (1972) contribuiu para a compreensão dos efeitos de longo prazo sobre a perceção da realidade, do comportamento, e da interpretação da experiência humana, nomeadamente no que se refere ao controlo social e ao poder. Alguns anos mais tarde, Hughes (2001, p.299) reanalisou os frutos das análises de cultivação de Gerbener (1972), e concluiu que pode ter ocorrido um certo exagero na simplificação a respeito de como a televisão tem impacto no comportamento, através da cultura. Hughes (2001) sustentou que a televisão também propicia o cultivo de visões funcionais do mundo, através de uma sequência de acontecimentos que afetam as pessoas, a despeito dos seus hábitos de consumo dos conteúdos televisivos. Desse modo,

> "por exemplo, as pessoas que assistem televisão podem ser portadoras de inovações culturais, formas de conceptualizar o mundo e variações no estilo de vida que, através da interação social no mundo real, são difundidas para pessoas que tiveram pouco, se houver contato com as mensagens originais. Além disso, a televisão estrutura os mercados de bens de consumo de todos os tipos e, portanto é, em grande parte, responsável pela forma como os consumidores estão ligados à economia e pela forma como os produtores desenvolvem produtos e organizam atividades de marketing" (Hughes, 2001, p.301).[80]

Procurando fortalecer este entendimento utilitário da TV, a socióloga e investigadora brasileira Vera França (2006a, p.22) aprofundou alguns conceitos-chave nas suas publicações sobre a televisão, que se alinham com os temas que são basilares nesta investigação, ensinando-nos que, inserida na vida quotidiana da sociedade, a televisão passou a ter uma função de lazer,

[80] Na versão original "for example, persons who watch television may be carriers of cultural innovations, ways of conceptualizing the world, and variations in lifestyle which, through social interaction in the real world, are diffused to persons who had little, if any contact with the original messages. Furthermore, television structures the markets for consumer goods of all kinds, and therefore is in large part responsible for the way consumers are tied into the economy and the way producers develop products and organize marketing activities" (Hughes, 2001, p.301).

de descanso, de socialização e de criação de referências comuns e identitárias. A "natureza polimorfa ou eclética da televisão" anunciou um lugar de espaço público, uma arena de discursos, de visibilidade e um "lugar de acolhimento e caixa de ressonância de diferentes falas sociais" (França, 2006a, p.28).

Por essa razão, podemos aferir a existência de múltiplas funções da televisão, propiciando inúmeros cenários de relações que podem ser estabelecidas com os recetores e com o mundo. Nesse sentido, grande parte das críticas que encontrámos, referem-se à "forma", como a televisão exerce as suas funções, tendo em vista a qualidade das informações transmitidas *vis a vis* com a constatação de que o entretenimento, com a lógica comercial que o sustenta, é o nicho preferencial da TV81.

Assim, partindo-se do reconhecimento do lugar importante que a televisão ocupa na nossa sociedade, e sendo o entretenimento a sua função predominante, a reflexão crítica encontra-se na alegação de que a televisão não fomenta a reflexão, dispensando a mediação do pensamento, propiciando a dominância de determinados discursos e falas hegemónicas. Para Vera França (2006a, p.22), "a TV mais do que qualquer outro meio é responsável pela disseminação e partilhamento de códigos, referências, representações e pelo estabelecimento de uma pauta ou roteiro de atenção, sintonizando todos em uma agenda coletiva". A autora destacou que a televisão beneficiou de sua omnipresença para desenvolver um poder para interpelar e chamar a atenção de um público volátil, desatento e dividido, e que precisa ser continuamente captado. Neste contexto de omnipresença, a televisão também nos dá um mundo, pois, segundo Bucci (1996), para além de que o que não existe na TV, não existe no mundo, procura sempre transmitir quando e como as nossas ações devem ser realizadas, conseguido também produzir estímulos para o mundo de consumo, criando modas e necessidades.

Há uma desigualdade estrutural entre o poder macro de emissão, voltado para a transmissão contínua para as grandes massas, e o poder negocial micro na receção dessa emissão, mantendo e modelando uma certa estrutura social conveniente aos interesses da indústria televisiva. Contudo, mesmo reconhecendo este *modus operandi* e a sua

[81] No caso português, os últimos dados da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, referentes a 2022, confirmam a predominância do macrogénero "Entretenimento" (mesmo descontado desta categoria o macrogénero "Ficção") nas televisões generalistas portuguesas. Igualmente, assinala-se o predomínio da função "Entreter" em detrimento de "Informar", "Formar" ou "Promover/Divulgar", nas mesmas estações, no mesmo ano (ERC, Relatório de Regulação 2022, Lisboa, dez. 2023, p.424 e p.429, respetivamente), acedido em https://www.erc.pt/download.php?fd=13478&l=pt&key=5ed98e25cb7cdb077ae47d79fbca474c.

preponderância, não há um sentido único na relação entre o indivíduo e a televisão e, por isso, subscrevemos a posição de França (2006a), de que um meio ou uma tecnologia não determina a forma como será usada, já que "o uso é construído na prática, na realidade específica de uma sociedade, de uma cultura (França, 2006a, p.23). Desta forma, podemos afirmar que a televisão define a sociedade, e a sociedade em dimensões inferiores, também colabora para a definição da própria televisão, como uma espécie de espelho que modela e, ao mesmo tempo, reflete a estrutura social em que a própria atividade televisiva age.

Procurando manter essa dinâmica, a televisão recorre a linguagem em movimento e, desenvolve, assim, um caminho de via dupla, já que tanto orienta as mensagens veiculadas, como também é constituída pelas mensagens decodificadas pelos seus recetores, definindo de uma relação bilateral. Sendo um lugar de prática, a televisão pode ser vista como um lugar de experiência da vida quotidiana, o que contrasta com a ideia de que provoca o esvaziamento absoluto da experiência e, portanto, podemos afirmar, "a televisão é uma experiência, nós afetamos e somos afetados; somos tocados por algo, nos apropriamos, damos nossa forma ao apropriado" (França, 2006a, p.33). Deixando-se daqui inferido que a televisão não representará uma função primordialmente dissuasora do pensamento, já que lidamos com inúmeras experiências na nossa vida quotidiana que não assumem um papel de reflexão prioritário, mas que, de alguma forma, nos afetam. Face a esta constatação, é relevante que se repense o papel da televisão na sociedade, ou das múltiplas televisões, já que "a televisão não é um remédio para todos os males – mas nem tampouco a doença da sociedade. Ela apenas nos diz do seu estado de saúde" (França, 2006a, p. 37).

Em suma, e para que possamos fixar inicialmente algumas das características relevantes da televisão, que continuarão sendo discutidas nas próximas secções, França (2006a, p.34), enfatizou os seguintes aspetos:

1) linguagem visual: a TV é imagem, que, por intermédio de reconhecimento e identificação, produz signos que interferem na construção da realidade do mundo;
2) sensorialidade: chega às nossas emoções e aos nossos sentidos;
3) instantaneidade e caráter massivo: são partilhadas imagens excessivas, de forma imediata;
4) fragmentação e diversidade: dissemina uma produção diversificada, descontinua, fragmentada, mesclando temas e géneros;

5) natureza industrial: segue uma lógica de mercado com produção em grande escala e com repetições;
6) inscrição no domínio do senso comum: participa da vida quotidiana, interagindo de acordo com uma determinada cultura e um universo com referências comuns de uma sociedade;
7) ficção e realidade: mistura realidade com ficção;
8) caráter lúdico e de entretenimento: interage com a vida quotidiana através do lúdico, assumindo uma função prioritária de entretenimento;
9) arena de discursos: assume-se com um espaço público central da sociedade contemporânea, um palco para diferentes vozes e atores sociais;
10) caráter institucional e de classe: existe dentro de uma determinada estrutura social, espelhando e reproduzindo uma sociedade em que os discursos e os atores não se apresentam de forma igualitária;
11) linguagem em construção: é construída no dia a dia através da interação com seus recetores;
12) interação comunicativa: é uma mediadora que participa do desenvolvimento de culturas na sociedade.

3.4.1. A televisão pós-rede e a sua natureza industrial

Complementando as características, funções e posicionamento acima elencados vinculados à televisão, é relevante considerarmos um aspeto fundamental que afeta o meio televisivo e o relaciona com mudanças sociais significativas: a transição da base tecnológica analógica da televisão para o digital. Essa mudança foi alvo da análise do estudioso norueguês Jostein Gripsrud (2004), que apontou as formas pelas quais a digitalização afetou a televisão aberta. Para Gripsrud (2004, p.213), no início, a digitalização apresentou-se como um ganho na qualidade da televisão, uma vez que, na tecnologia digital, assim como nos computadores, os sons e as imagens são produzidos, armazenados e transmitidos na forma de dígitos, trazendo, segundo o autor, 3 grandes consequências:

1) convergência: a televisão, o computador e telemóvel permitem o acesso ao mesmo conteúdo;
2) capacidade de transmissão aumentada: os sinais digitais ocupam menos espaço de banda larga, o que permitiu a multiplicidade de audiências segmentadas;

3) interatividade: verificou-se uma participação mais ativa do telespectador no processo de transmissão.

Segundo Gripsrud (2004), estas tiveram efeitos positivos política, social e culturalmente, uma vez que se constituem como base para o desenvolvimento de várias esferas públicas menores ou diversas, que possibilitaram o atendimento a comunidades ou culturas da diáspora, levando em consideração o interesse de grupos que estavam dispersos e que puderam, a partir desta nova dinâmica digital, construir comunidades e fortalecer identidades. Reforçando esse entendimento, Gripsrud (2004, p. 213) defendeu que

> "o posicionamento de um menu cultural mais ou menos partilhado pela radiofusão ainda é um elemento altamente importante na construção das pessoas e das suas identidades sociais, do seu senso de individualidade e da sua experiência de comunidade. A radiofusão refere-se às necessidades sociais e psicológicas fundamentais e elementares (vontades ou desejos) que provavelmente não desaparecerão num futuro próximo"[82].

Por esse motivo, a digitalização da televisão, ou qualquer outro desafio trazido pelas novas formas de comunicação, não coloca em risco a permanência da televisão, que resiste e se adapta, preservando o seu papel significativo de coesão social. Para confirmar, Gripsrud (2004, p.221) afirmou que

> "a possibilidade de chegar a todos os cidadãos com informações importantes continua a ser valiosa para os Estados-nação, e a necessidade de instituições que possam fornecer algum tipo de coesão social, não diminuiu. Ainda há necessidade de um conjunto limitado de arenas centrais em qualquer esfera pública democrática funcional"[83].

Tendo presente a constatação de Grisprud (2004), sobre os efeitos sociais positivos da TV na era digital, convém explorar os elementos que apontam que a televisão no pós-rede afetou, de forma crítica, a prática industrial da televisão, gerando uma cultura de produção e de conglomeração que, por sua vez, gerou instabilidade económica e cultural.

Os efeitos do processo de mercantilização ocorrido no pós-Guerra, intensificados na era digital, não excluíram a ideia do recetor ativo, como criador de contracorrentes, resistências,

[82] Na versão original "broadcasting's provision of a more or less shared cultural menu is still a highly important element in people's construction of their social identities, their sense of selfhood, and their experience of community. Broadcast media relate to fundamental, elementary social and psychological needs (or wishes or desires) that are not likely to go away in the foreseeable future" (Gripsrud, 2004, p.221).

[83] Na versão original "the possibility of reaching all citizens with important information remains valuable to nation-states, and the need for institutions that can provide some sort of social cohesion has not lessened. There is still a need for a limited set of central arenas in any functioning, democratic public sphere" (Gripsrud, 2004, p.221).

e relações sociais significativas, conforme a abordagem dos Estudos Culturais adotada nesta investigação. Reconhece-se a tensão entre o mercado e o sujeito que resiste e, foi nesse sentido que Wasko (2005) propôs uma integração das abordagens dos Estudos Culturais e dos Estudos de Economia Política dos *Media*, num ambiente em que é possível considerar a existência de um espaço para a resistência e subversão e, ao mesmo tempo, trazer à discussão o caráter económico e produtivo da dinâmica comunicacional, bem como dos elementos do contexto institucional ou estrutural onde ela ocorre. Para os economistas políticos, a indústria cultural tende a propagar homogeneização dos conteúdos, tendo impacto nas relações de poder dentro do capitalismo, criando estruturas sociais desiguais e desafiando a própria democracia.

Segundo Murdock (2005, p.17), a mercantilização afetou, de forma contundente, o acordo pós-Guerra que salvaguardava a diversidade de expressão na radiofusão pública, crucial para o bom funcionamento das democracias, através de várias combinações advindas de 5 intervenções políticas principais:

1) privatização: os ativos públicos foram transferidos para investidores privados que, ao contrário de empresas do serviço público que servem prioritariamente os interesses públicos, procuram, com prevalência, o lucro;
2) liberalização: permitiu a entrada de novos participantes num negócio que permanecia nas mãos de grupos específicos; a mercantilização transformou os *media* e a comunicação numa mercadoria vendida aos consumidores, por empresas com fins lucrativos;
3) diversificação: propiciou a expansão de empresas de comunicação com novas linhas de negócio, dentro do seu ramo de negócio (integração horizontal) e fora do seu ramo de negócio principal (integração vertical), possibilitando ainda a constituição de sinergias entre os negócios com vista à maximização dos lucros;
4) reorientação da regulação pública: com o afastamento da regulamentação dos serviços públicos centrados nos interesses públicos, teve início um movimento que prestigiava a abertura dos mercados e uma livre concorrência entre os interesses dos produtores, e os seus consumidores;
5) corporativização: promoveu-se a união de diversos conglomerados que mobilizavam recursos financeiros avultados, com interesses comuns, e que recorriam a esse poder para exercer pressão pública e política.

Esta última, a corporativização, materializa bem a preocupação da economia política a respeito dos potenciais abusos de poder pela propriedade privada dos meios de comunicação. Procurando ilustrar isso mesmo, Murdock (2005) deu 2 exemplos: o primeiro de Rupert Murdock, dono do jornal diário mais vendido da Grã-Bretanha, o que tornou num respeitado ator político, já que os sucessivos governos britânicos acreditavam ser fundamental o seu apoio para serem reeleitos, garantindo-lhe a não intervenção do poder público, quando o empresário assumiu o controlo do seu único jornal rival e a constituição de um monopólio no segmento da comunicação britânica; o segundo exemplo é o de Silvio Berlusconi, em Itália, que, tendo constituído três redes de comunicação de alcance nacional, criou um novo partido – Forza Itália – e foi eleito presidente do país, conseguindo aprovar leis destinadas a proteger os seus interesses pessoais e até a garantir imunidade em acusações criminais de que foi alvo. Estes oligopólios criaram uma certa homogeneidade de narrativa, tornando a televisão num meio capaz de se colocar ao serviço de táticas de programação política e económica, concebendo-se uma indústria de ideologias que afetam e que transformam o ambiente económico e político de uma sociedade.

Foi neste cenário que Caldwell (2004) enfatizou o desenvolvimento tecnológico como sendo um fator crucial, que colocou a comunicação num outro patamar, no ambiente económico. A era pós-rede transformou a televisão analógica numa televisão de convergência, acedida através de múltiplos aparelhos, criando um estado de omnipresença e de omnisciência, que comprova a capacidade de resiliência e de adaptação da televisão às diversas mudanças tecnológicas, económicas e culturais, inaugurando uma fase de crescimento industrial sem precedentes. Segundo Caldwell (2004, p.50), "a TV convergente com contextos digitais representa uma espécie de modelo para a mutação, migração e agregação de ideais textuais da prática industrial contemporânea"[84], tendo como propósito usar a internet como um meio para impulsionar mais programações, gerando mais *merchandising*, levando a um maior consumismo.

O aumento do caráter mercantilizado e mercantilizador da televisão levou à cooptação completa do recetor que, muitas vezes recebe os mesmos conteúdos reaproveitados, reembalados e partilhados em formatos e tecnologias diversas, dentro de uma lógica de justaposição. Esse funcionamento levou a uma "hibridização excessiva entre os géneros"[85], e à

[84] Na versão original "convergent TV Web sites, therefore, represent a kind of model for the mutating, migrating, and aggregating textual ideals of contemporary industrial practice" (Caldwell, 2004, p.50).
[85] Na versão original "excessive cross-genre hybridization" (Caldwell, 2004, p.58).

busca de uma originalidade que se contenta com a condição de ser "igual, mas muito diferente"[86], como explicou Caldwell (2004, p.58).

Um outro fator que fortaleceu o viés mercantil da televisão tem que ver como desenvolvimento do mercado de multicanais, que se escudaram com o serviço público e com a pretensão de abarcar as diversas culturas e representações sociais, mas que, segundo Caldwell (2004), fomentaram a criação de nichos nos formatos utilizados pelos conglomerados multicanais, com o objetivo claro de aumentar o seu próprio lucro. Com isso em vista, a indústria televisiva ultrapassou a redundância e as repetições, e começou a produção efetiva de uma "semiótica flexível e capital cultural" (Caldwell, 2004, p.70)[87], com competências forjadas na era da televisão digital, que mantiveram a televisão como uma ponte obstinada entre os novas e os velhos *media.* De outra forma,

> "o génio da persistência da televisão, como forma dominante de arte da segunda metade do século XX, foi a sua capacidade de produzir e de explorar um conjunto de condições económicas quantitativas e qualitativas que, por sua vez, alimentou duas componentes fundamentais na produção de uma rede de cultura globalizada: 1) criação de conteúdo de entretenimento marcado pela distinção; e 2) perceção e manutenção de um vasto sistema de consumismo e merchandising" (Caldwell, 2004, p.70)"[88].

3.4.2. Os géneros televisivos ao serviço da indústria televisiva

Uma estratégia da indústria de produção televisiva contemporânea é a utilização de diferentes géneros como meio de interface e de ligação entre a emissora de televisão e o seu telespectador. Os géneros têm influência nos processos de significação e de construção de sentido da produção televisiva, fazendo com que grande parte da programação assuma características de *franchising*. Segundo Jost (2004, p.17), os géneros afetam a forma como a televisão será consumida, tendo como objetivo criar uma relação de credibilidade com o telespectador e o máximo de audiência, baseada numa proposta de modelo de contrato, que o

[86] Na versão original "just-like-but-very-different" (Caldwell, 2004, p.58).
[87] Na versão original "flexible semiotic and cultural capital" (Caldwell, 2004, p.70).
[88] Na versão original "the genius of television's persistence as the dominant art form of the second half of the twentieth century was its ability to produce and exploit a set of quantitative and qualitative economic conditions that in turn fueled two fundamental components in the production of a networked, globalized culture: First, the creation of branded entertainment content marked by distinction (through the consolidation and intensification of capital in the entertainment industries); and second, the perpetuation and maintenance of a vast and reliable system of consumerism and global *merchandising"* (Caldwell, 2004, p.70).

autor apelida de “modelo de promessa”. A constituição do género está na base do modelo de promessa como mediação defendido por Jost (2004, pp.20-23), que apontou como a TV afeta o telespectador segundo um quadro semântico, apresentando uma série de atribuições relevantes:

1) função manipulatória, pois afeta diretamente a receção do significado;
2) poder de informação, uma vez que a descrição possibilita a compreensão do que o telespectador irá assistir;
3) noção de arquivo, pois possibilita a construção de uma história;
4) função de regularização, considerando a obrigatoriedade de cumprimento de determinadas características de exibição conforme o género apresentado e ainda o acesso a subvenções, que podem repercutir no resultado económico do programa;
5) direcionamento de interpretações e vinculação, através da promessa de que o nome carrega projetos anteriores que lhe servem de referência e adesão.

Estas características giram em torno de estratégias de imposição de sentido, que definem a comunicação televisiva na era da publicidade e se concretizam através de uma multiplicidade de atores e de ferramentas que alimentam as promessas sobre o “benefício do prazer simbólico” direcionadas para o telespectador (Jost, 2004, p.27). Com essas promessas, pretende-se manter um engajamento com o recetor e, diferentemente do contrato mediático que dita a lei do emissor ao recetor, num modelo assimétrico de comunicação, o modelo de promessa de Jost (2004), atribuiu ao recetor o direito de exigir o que lhe foi prometido. Nesse sentido, o género é uma construção, considerando certas propriedades e características apresentadas pelo texto, que servirão como “moeda de troca” ao recetor, e que irá ordenar o fluxo dos textos ou dos programas (Jost, 2004, p.27).

Todavia, os objetos mediáticos operam e recorrem a textos e de programas que se revestem de um carácter ambíguo e expressam a migração de géneros, que denotam a complexidade na formação do posicionamento, ou a caracterização de um programa segundo determinado género. Por esta razão,

> “é necessário, com efeito, admitir, para que essa expressão ganhe sentido, por um lado, que os géneros estão longe de ser objetos estáticos e estáveis, entidades sem histórias; e, por outro, que a sua estruturação não pode ser concebida à imagem de uma cartografia estabelecida de forma definitiva. (...) a atribuição de uma determinada etiqueta a um

> determinado texto é uma operação muito mais arbitrária do que se pode parecer" (Jost, 2004, p.31).

Sendo assim, as variações dos géneros também encontram fundamento na diversidade de materiais semióticos utilizados – como música, imagens, ou sons –, e o confronto entre inúmeros atores sociais envolvidos no programa com interesses distintos. Nessa lógica, segundo Jost (2004, p.32), os produtores priorizam a circulação do produto e de uma identidade genérica; os difusores centram-se em atribuir um significado semântico os objetos para que sejam atraentes; os mediadores definem a reutilização das categorias, segundo a predileção do público; e os expectadores dependem da categorização para interpretar o objeto mediático.

Neste ambiente de ambiguidades e de migrações, os géneros desservem como meio para estabelecer uma relação com o mundo, que define de que forma acontece a adesão e a participação do recetor que, inicialmente, procura compreender se as imagens que lhe são apresentadas se referem a objetos existentes, ou fictícios.

A partir desta ideia, Jost (2004, p.46) apresentou 3 abordagens sobre os documentos televisivos: 1) modo de autenticidade, através do qual observamos a realidade; 2) modo fictício, quando acompanhamos uma história inventada; e 3) modo lúdico, a partir da participação de um programa, segundo o estabelecimento de um papel. Jost (2004) alertou, ainda, que é criada uma estratégia de comunicação mutável que permite o aumento de possibilidades de venda de um programa e a sua alteração, caso o modo escolhido não traga o resultado almejado pelo emissor, tendo como fim atingir todos os públicos de todas as formas possíveis. Entre as possibilidades mutáveis dos géneros, Jost (2004) afirmou que o argumento do real, contido no modo de autenticidade é a estratégia mais utilizada pelo emissor, quando este tenta estreitar laços com o recetor, já que "a promessa constitutiva de um programa ao vivo, que carrega em si uma espécie de garantia de autenticidade, de conformidade com o mundo representado, mesmo se não exclui a montagem, tem um papel determinante na autenticação do programa" (Jost, 2004, p.47).

Um outro elemento que corrobora a busca de autenticidade, tem que ver com a exposição da vida quotidiana pois, para os *media*, a realidade baseia-se na aparência do que é exibido e, desta forma, para Jost (2004, p.48), o indivíduo em concreto não está ligado à sua posição social, ideias ou realizações, mas sim à sua vida quotidiana, pelas emissões que representem a sua vida.

Já no modo lúdico, encontramos uma televisão de *marketing*, que lucra com um programa menos dramático e menos exposto à rejeição, porque faz uso de uma estratégia dupla:

uma a partir do modo de autenticidade, na medida em que não envolve atores, e sim personagens reais, e uma outra com base no modo fictício, baseado na presença de uma roteirização do programa.

Quanto ao modo fictício, na televisão fazem-se as escolhas do que é apresentado, seguindo uma narrativa criada pelo programa com o propósito de criar engajamento, comover, despertar o interesse e construir uma relação de fidelidade com o telespectador. Jost (2004, p. 53) afirmou que, nesse modo, também se recorre a técnicas de autenticação, como por exemplo, a passagem da gravação em estúdio para um programa gravado ao vivo, construindo-se um suspense a partir da fragmentação do tempo e a dramatização do evento, tendo em vista combater o tédio do telespectador.

Esta tripartição dos modos de enunciação televisiva sucumbe à lógica e aos interesses do emissor, criando-se uma estratégia mutável com a permanente hibridização dos programas televisivos, pois "a constituição do programa e a receção conferem aos géneros uma aparência polimorfa. Pelas diferentes necessidades de comunicação, um mesmo programa pode migrar de um género para o outro" (Jost, 2004, p.66). Neste ângulo, é conferido ao emissor um grande poder em definir o que é realidade, podendo ainda inventar mundos e, se for necessário, ignorar a promessa realizada ao telespectador.

Num esforço contínuo para manter e desenvolver este poder em definir o que é realidade, a televisão cria dispositivos autenticantes, para atender à intensa necessidade do público de programas que mostrem sempre mais o que é real. Corroborando, Jost (2004, p.77) explicou que os programas apresentam pessoas comuns, sujeitos anónimos que colaboram com o empreendimento televisivo, expondo as suas vidas em público, e que se colocam em situações em que podem ser controlados por forma a afetar as emoções dos telespectadores, seguindo um roteiro pré-concebido, mantendo esse sistema sob o domínio do jogo teatral, em que cada um desempenha um determinado papel, forjando o que o autor chamou de "reinado do fingimento" (Jost, 2004, p.52).

3.4.3. Quando tudo se pode tornar entretenimento

Tal como foi mostrado anteriormente, os géneros não são consensuais, os seus cruzamentos e as constantes mutações de diversos critérios e classificações, criam um contexto de hiper hibridização, que serve os interesses da natureza industrial da televisão, fomentando um ambiente em que tudo se pode tornar entretenimento.

As consequências que advêm desta oferta massiva de conteúdo de entretenimento, merecem ser aprofundadas sob as perspetivas do controlo e de poder. Para Gitlin (1979, p.251), os programas televisivos de entretenimento são objetos culturais que funcionam como um alicerce para a edificação de uma estrutura hegemónica mais ampla. O autor baseou a sua investigação na análise de programas americanos, transmitidos em horário nobre, apontando características como o "(1) formato e fórmula (incluindo a rigidez da duração do programa e a curva narrativa da ação); (2) género: (3) cenário e tipo de personagem: (4) inclinação tópica; e (5) a solução imposta ao problema ficcional"[89], que são o fundamento na construção de mensagens televisivas que são incorporadas no sistema de discursos dominantes. Esta prática televisiva alimenta esses discursos dominantes, ainda que não os crie, pois segundo Gitlin (1979, p.253),

> "a cultura comercial não produz ideologia; ela transmite e reproduz, processa e empacota, focaliza ideologias que estão constantemente surgindo tanto das elites sociais, quanto dos grupos e movimentos sociais ativos em toda a sociedade (bem como dentro das organizações e práticas dos *media*)".90

Há uma ordem ideológica confusa em que, ao mesmo tempo que a cultura comercial transmite ideologias, também acolhe ideais oposicionistas, domesticando-os e transformando-as em subformas hegemónicas, o que, para Gitlin (1979, pp.254-255), justifica uma "sociedade contraditória"[91], submetida ao impacto poderoso que a televisão tem na vida pública, por entrar rotineiramente na intimidade dos lares, mas que não colabora com práticas de discurso, e tampouco permite alguma resposta pública. E, dessa forma, a televisão mantém a sua presença na vida quotidiana, sendo alvo de intensas e constantes mudanças, respeitando perceções empresariais que adequam o seu conteúdo para responder a um público com interesse em determinados temas, como por exemplo, a apresentação de comédias que exibem situações envolvendo "o racismo, o sexismo, e a decomposição das famílias convencionais" (Giltin, 1979, p.256)[92].

As novas proposições de temas e de formatos não podem ser totalmente explicadas pela demanda dos públicos existentes, pelo surgimento de novos públicos, ou, por outro lado,

[89] Na versão original "(1) format and formula (including the rigidity of program length and the narrative curve oi action); (2) genre, (5) setting and character type; (4) topical slant, and (5) the solution imposed on the fictional problem" (Giltin, 1979, p.251).
[90] Na versão original "Commercial culture does not manufacture ideology; it relays and reproduces and processes and packages and focuses ideology that is constantly arising both from social elites and from active social groups and movements throughout the society (as well as within media organizations and practices)" (Gitlin, 1979, p.253).
[91] Na versão original "contradictory society" (Gitlin, 1979, p.254).
[92] Na versão original "Racism, sexism, and the decomposition of conventional families" (Giltin, 1979, p.256).

pela busca frenética por verbas publicitárias. Giltin (1979) mostrou que o sistema de hegemonia cultural não é um sistema fechado e há, no entretenimento, uma ligação dessa dinâmica de mudanças constantes com os humores e os gostos populares. E nesse sentido,

> "novamente, vale a pena enfatizar que, para todos esses truques do comércio de entretenimento, o sistema cultural de massas não é unidimensional, o capitalismo corporativo de alto consumo implica uma certa sensibilidade ao gosto do público, um sabor que nunca é totalmente fabricado. Os shows são feitos adivinhando os desejos e tolerâncias do público, encontrando formas de falar com eles que perpetuam o sistema em andamento" (Giltin, 1979, p.263)[93].

Vemos que, não obstante a falta de interesse ou de compromisso das redes com a verdade, mantém-se uma certa sensibilidade aos desejos populares, já que são orientações relevantes para cumprir com os objetivos económicos do sistema hegemónico. O núcleo ideológico do entretenimento televisivo permanece sob as rédeas do capitalismo liberal, bem como da sua promessa de entregar felicidade, interiorizando e transformando os interesses, as oposições, ou os gostos populares, em produtos que mantêm e alimentam o próprio sistema hegemónico. Nas palavras de Giltin (1979, p.265),

> "o que é hegemónico na ideologia capitalista de consumo é precisamente as noções de que a felicidade, ou liberdade, ou igualdade, ou fraternidade, podem ser afirmadas através das formas de mercadorias privadas existentes, sob o olho benigno e protetor do estado de segurança nacional"[94].

3.4.4. Infoentretenimento, entretenimento e jornalismo

Os *media* procuram posicionar-se para dar o melhor atendimento às necessidades dos públicos, o que também se mistura com a perseguição contínua para alcançar os objetivos económicos, tal como foi amplamente mostrado acima, atravessa todos os géneros e transforma o entretenimento num elemento primordial na estrutura dos programas televisivos, cujo propósito é responder a uma exigência desses públicos por informação e por distração.

[93] Na versão original"Again, it bears emphasizing that, for all these tricks of the entertainment trade, the mass-cultural system is not one-dimensional. High-consumption corporate capitalism implies a certain sensitivity to audience taste, taste which is never wholly manufactured. Shows are made by guessing at audience desires and tolerances and finding ways to speak to them that perpetuate the going system" (Giltin, 1979, p.263).

[94] Na versão original "what is hegemonic in consumer capitalist ideology is precisely the notion that happiness, or liberty, or equality, or fraternity can be affirmed through the existing private commodity forms, under the benign, protective eye of the national security state" (Giltin, 1979, p.265).

Nessas circunstâncias, informação e entretenimento caminham lado a lado, e a hibridização dos programas jornalísticos acaba por levantar questões relevantes, já que o objetivo tradicional do jornalismo é tratar de assuntos com conteúdo sérios, baseados em factos verdadeiros, que dão suporte à informação da sociedade e à formação de uma opinião pública, em suma o que se entende como realidade no mundo social. A inquietação trazida pela presença do entretenimento no jornalismo foi apontada por Jurgen Habermas, na década de 60 do século XX, na obra *Mudança estrutural da esfera pública*, quando colocou em pauta a capacidade do entretenimento em afetar o uso da razão e a captação daquilo que é real, desviando e distraindo o público (Habermas, 1990).

Segundo Babo, Loureiro e Pereira (2021, p.174) a hibridez do infoentretenimento insere-se numa estratégia de poder, que alarga o campo jornalístico e causa a desagregação daquilo que é real, eliminando alguma garantia sobre a consistência da informação, da construção da notícia e do valor da própria notícia[95], premissas basilares do campo jornalístico.

O principal compromisso no jornalismo é com a verdade e com o rigor informativo. Todavia, o infoentretenimento embaralha, ou ilustra, a falta de demarcação de elementos que remetem para a cognição ou para a emoção, afetando a objetividade, a imparcialidade, e a busca pela verdade jornalística. Para os autores, o ambiente híbrido propicia a criação de "públicos distraídos" (Babo, Loureiro & Pereira, 2021, p.180) que, ceifados da reflexão e do estabelecimento de um foco comum, dificultam a construção, de forma clara, de uma opinião pública.

Na disputa acirrada pela atenção do público, a espetacularização e o revestimento emocional que são dados às narrativas passam a ser ferramentas relevantes para o entretenimento, mas que deflagram efeitos temerários, já que colocam em risco a ética jornalística, que preza pela separação entre os factos e as opiniões, pelo fortalecimento da cidadania, e pela preocupação com a elaboração de conteúdos com maior viés cívico (Babo et al., 2021).

[95] "Os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de 'óculos' para ver o mundo e para o construir. Sublinhamos, como o historiador Mitchell Stephens, as 'qualidades duradouras' do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. Mas os valores-notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional" (Traquina, 2005, pp.94-95).

No infoentretenimento, o lucro sobrepõe-se ao político, transformando os públicos em audiências, em clientes de uma indústria que não mede esforços para combater o tédio dos seus clientes que estão "paradoxalmente, sempre presentes e sempre em fuga" (Babo et al., 2021, p.183), mantendo e fortalecendo uma dinâmica que confirma o infoentretenimento como o estágio mais avançado da indústria mediática. Com o empenho da indústria mediática em servir os seus consumidores, a notícia e a informação, que outrora apoiavam e conectavam os ecossistemas sociais, políticos, culturais e técnicos, cedem o seu lugar ao espetáculo, ao trivial, ao simplismo, a uma nova lógica de "opacização do conflito" e a "mitigação dos dilemas" (Baptista, Silva & Ferreira, 2020, p.180), gerando efeitos que são inerentes às sociedades que separam e dividem as diversas comunidades. De todo o modo, ainda que as discussões e a construção contínua de uma consciência sobre os efeitos do infoentretenimento sejam relevantes para manter algum nível de transparência e limites, a respeito do tipo de informações e notícias que alimentam a esfera pública, facto é que

> "o escandaloso foi sendo trivializado até ser absorvido como o novo estatuto da normalidade social, a salvaguarda do instituído deixou de estar a cargo do jornalismo tradicional que teve, ele próprio, de adaptar-se às novas regras da espetacularização comunicacional, à nova gramatologia da imagem e, em seguida, da sua virtualização e instantaneidade plenas" (Babo et al. 2021, p.185).

Desta forma, o campo jornalístico passou a obedecer à lógica comercial da publicidade e às inúmeras tecnologias que servem como ferramentas estratégicas para capturar os públicos, sendo, por isso, crucial que analisemos formas para caminharmos no sentido de alguma proteção, ou clareamento, entre as fronteiras do entretenimento e do jornalismo. Foi nesse sentido que a investigadora Isabel Damásio (2021, p.200) reforçou a importância de se examinar o "tom principal" dos programas televisivos, expresso através de diversos elementos presentes no discurso, nos sons, nos jogos de câmara, no figurino, nas edições realizadas e até mesmo na postura dos atores. De acordo com a autora, este tom principal é o responsável pela produção de sentido, sendo lastro, por exemplo, para a construção das noções de confiança, credibilidade e verdade.

As variações desses sentidos afetam os públicos, orientando as suas expetativas em relação ao conteúdo que, conforme determinadas características, promove uma maior identificação ou com o campo jornalístico, ou com o campo do entretenimento. Assim, a identificação com o campo jornalístico ocorre quando há um menor grau de elementos de

entretenimento, quando se preserva o tom de informação. Por isso, "a questão é perceber se o nível de hibridização discursiva atingida na unidade programática que é o jornal televisivo altera ou não a realidade discursiva a que pertence esse conteúdo, a da meta realidade (Damásio, 2021, p.204). Esta reflexão é socialmente relevante, visto que o jornalismo é fundamental para o funcionamento da democracia, e a sua adaptação às realidades comunicacionais e culturais deve ser promovida, devendo confrontar-se a estratégia da televisão em permanecer indiferente a esse debate, mantendo assim os seus benefícios e o cidadão desprotegido. Para Damásio (2021, p.205),

> "tudo na evolução dos processos de comunicação parece convergir para que cada vez seja mais difícil a separação dos conteúdos jornalísticos dos do entretenimento – por isto, a proteção do conteúdo jornalístico é essencial, e para isso pode contribuir a clareza dos conceitos".

Nesse sentido, Damásio (2021, p. 210) apontou a necessidade de se procurar soluções, e acreditou ser possível o cruzamento do entretenimento com o campo jornalístico, sem que eles entrem em choque. Com essa intenção, o jornalismo pode adotar características do entretenimento que não coloquem em risco os seus valores, a partir da utilização de estratégias de produções mediáticas que permitam "a representação do mundo exterior respeitando o compromisso assumido com a verdade e a promessa de fidelidade aos acontecimentos e atores sociais envolvidos".

3.4.4.1. O jornalismo e os "Estudos Culturais"

Com base no pensamento de Dahlgren e Sparks (1992), que reviram os limites convencionais do jornalismo, passaremos a examinar o encontro desse campo com o entretenimento à luz da perspetiva dos Estudos Culturais, disponibilizando-nos a entender o jornalismo sobre novos prismas. Desde logo, é pertinente a constatação de que o jornalismo está imerso em inúmeras crises advindas de mudanças estruturais e dilemas económicos, éticos e profissionais, sendo obrigatória a sua redefinição para que, em intersecção com outros géneros, seja possível avaliar de que forma pode ser mais consciente e utilizado para fins socialmente positivos. Nessa perspetiva, para além do que pode ser definido como bom jornalismo, Dahlgren e Sparks (1992, p.8) preocuparam-se com o problema empírico fundamental de definir o que é, e o que não é jornalismo.

Para tal, é necessário referir que a racionalidade do iluminismo compôs os discursos jornalísticos dominantes, quando apenas a razão era capaz de transmitir conhecimento confiável

sobre o mundo. A partir desse contexto, encontrámos o homem integrado, exercendo a sua autonomia num mundo ocupado por dualismos como racional/irracional; mente/matéria; lógica/mítico.

Tais premissas foram problematizadas com o passar dos séculos, construindo caminhos que, segundo Dahlgren e Sparks (1992), possibilitaram o surgimento de pontes entre os Estudos Culturais e o jornalismo. Nos Estudos Culturais o foco está nas preocupações antropológicas e sociológicas, ligadas à análise das práticas e dos produtos da atividade humana, enquanto expressão e constituição de subjetividades. Como consequência, o significado é construído socialmente, transpassa questões identitárias, provocando, segundo Dahlgren e Sparks (1992, p. 5) "inflexões psicanalíticas"[96] que dão destaque à função do prazer e à posição do inconsciente nas práticas comunicativas.

Esta abordagem trazida pelos Estudos Culturais concentra-se na área de receção dos *media*, analisando-se a forma como as pessoas atribuem sentido às suas experiências mediáticas, integrando-as na vida quotidiana. Aqui, como já foi debatido em secções anteriores deste estudo voltado para os Estudos Culturais, partimos do pressuposto que as pessoas não podem ser consideradas como recipientes passivos, já que vivem e se mantêm num processo contínuo e ativo de interpretação do mundo e do seu lugar nele (Dahlgren & Sparks, 1992, p.12), agregando continuadamente significados aos termos, conteúdos e discursos que lhe são oferecidos pelos *media*.

Em acordo com esta perspetiva, Dahlgren e Sparks (1992, p.12) apontaram que os significados das palavras "informação" e "entretenimento" não são universais, e ainda que, em termos de identificação de géneros, os espectadores tenham plena capacidade de fazer a distinção destes significados, há inúmeras possibilidades de consequências ou ações diferentes, advindas da forma como as pessoas são afetadas e o que fazem com o conteúdo que recebem. Segundo os autores, não se pode partir do pressuposto que os textos sejam estáveis, pois as pessoas têm graus de liberdade interpretativa relevantes e podem atribuir sentidos diferentes aos textos jornalísticos. Por essa mesma razão,

> "embora grande parte da investigação jornalística pareça partir de uma conceção pré-freudiana do homem racional, os Estudos Culturais assumem que as pessoas, mesmo no seu papel como audiência jornalística, podem manifestar subjetividades múltiplas e mutáveis, caracterizadas por necessidades, medos e desejos conflitantes, que muitas vezes trabalham num nível inconsciente. O

[96] Na versão original "psychoanalytic inflections" (Dahlgren & Sparks, 1992, p. 5).

> que se encontra ali é um quadro de receção muito mais complicado do que sugerido pela investigação jornalística convencional" (Dahlgren & Sparks, 1992, p.12)[97].

Portanto, face a um cenário instável e mutável, deflagrado pelos processos constitutivos de significados, oriundos da receção dos espectadores, as fronteiras tornam-se fluídas, bem como as distinções que separavam o jornalismo, do não jornalismo; o bom e o mau jornalismo; notícias sérias e sensacionalistas; facto e ficção; jornalismo e cultura popular. Encaramos, neste ponto, uma estrutura baseada na "diferenciação subversiva"[98], que suplanta a busca do jornalismo em permanecer no domínio do que é racional e de ser, claramente, distinguível do entretenimento (Dahlgren & Sparks, 1992, pp.15-16). Na perspetiva dos Estudos Culturais de Dahlgren e Sparks (1992), a fluidez das fronteiras desencadeou a perda de um certo padrão das linhas divisórias entre o que é pessoal e o que é político; o que é privado ou público. Desta forma, sobreveio a interpenetração dos campos psicológicos, culturais e políticos, mesclando, ativando e renovando, continuamente, a perceção das pessoas sobre as questões que se apresentam em diferentes camadas, ligadas à linguagem ou ao inconsciente, envolvendo temáticas variadas, tais como género, raça, classe, identidade, geopolítica global, setor corporativo, religião, família, relações íntimas, entre outros.

Esta conjetura enfraqueceu a designação de espectadores anónimos, restritos à noção de consumidores dos *media* que, acompanhada desse movimento de dissipação de fronteiras, revela a ideia de constituição de públicos, baseados na busca do espectador por experiências partilhadas, de elementos simbólicos que possam modelar, ainda que mantendo características de mutabilidade, as suas identidades coletivas.

3.4.4.2. O onfoentretenimento e o papel das emoções

A subjetividade e as histórias das pessoas assumem um papel primordial na constituição de públicos e na articulação do bem comum. É nessa direção que a jornalista e investigadora inglesa Karin Wahl-Jorgensen (2019) tem focado os seus estudos, analisando a relação entre cidadania, *media* e emoções. A ideia de que o debate público deve ser racional, imparcial, desapaixonado, objetivo, e afastado da emoção, da parcialidade, da paixão e da

[97] Na versão original "while much of journalism research seems to start from a pre-Freudian conception of rational man cultural studies assumes that people, even in their roles as audiences o journalism, can manifest multiple and shifting subjectivities, characterize by conflicting needs, fears and desires, which are often at work on al unconscious level. What one finds there is a picture of reception which if far more complicated than that implied by conventional journalism research" (Dahlgren & Sparks, 1992, p.12).
[98] Na versão original "subversive de-differentiation" (Dahlgren & Sparks, 1992, pp.15-16)".

subjetividade, foi repensada por Wahl-Jorgensen (2019), que desafiou os pressupostos do modelo de esfera pública designados por Habermas (1989), e apresentou a vertente emocional como um estágio fundamental para a compreensão de uma esfera pública democrática. Na sua investigação de doutoramento, examinou as práticas editoriais em torno da seleção e edição de cartas ao editor, fundamentado no trabalho de campo etnográfico e em entrevistas com jornalistas a respeito da Baía de São Francisco, Wahl-Jorgensen (2019) identificou uma tensão importante entre os ideais normativos defendidos por Habermas (1989) e as nuances da experiência vivida. Esta tensão associava-se ao facto de que, nas entrevistas, os jornalistas que analisavam as cartas, subscreviam a importância do debate público racional, contudo, quando questionados sobre exemplos de cartas mais expressivas, mencionavam cartas que partilhavam experiências vividas, imbuídas de histórias concretas, enquadradas emocionalmente, tornando tangíveis as consequências dos acontecimentos e os desenvolvimentos abstratos inerentes (Wahl-Jorgensen, 2019). Não eram os méritos dos argumentos das cartas, nem os ideais normativos, que determinavam a sua força e pertinência, mas sim, segundo Wahl-Jorgensen (2019), a subtileza das experiências vividas, das histórias pessoais e emocionais, que eram valorizadas pelos jornalistas, e que promoviam a base para o desenvolvimento da capacidade de cultivar compaixão e de ampliar as nossas visões de mundo.

Para a autora, a emoção tornou-se num ponto cego epistemológico no jornalismo, sendo indispensável que o movimento das emoções se torne visível, uma vez que o melhor do campo jornalístico se baseia no peso que as emoções têm na tomada racional de decisões políticas, na esfera pública democrática. Wahl-Jorgensen (2019, p.3) constatou que a emoção "é uma força que pode unir ou dividir, auxiliar ou obscurecer nossas deliberações, mas é, em última análise, inseparável da tomada de decisões racionais"[99]. Essa força, que atua num ambiente com características e resultados ambíguos, ainda tem que lidar com a mistura de diversos géneros, mantidos com fronteiras quase impossíveis para distinguir o que são notícias, o que é entretenimento, o que são assuntos políticos e o que é a cultura *pop*.

Nesta ambiguidade é reconhecido o papel das emoções, sem desconsiderar que, num contexto de hibridização e de mediatização profunda, a variável emocional é também usada como uma tática no âmbito da economia política dos *media*, para aumentar as audiências a partir de estímulos que criem empatia dos espetadores (Baptista, Silva & Ferreira, 2020). Para estes autores, o modelo de *talk show* tradicionalmente americano, consegue demonstrar,

[99] Na versão original "it is a force that may unite or divide, and assist or cloud our deliberations, but is ultimately inseparable from rational decision-making" (Wahl-Jorgensen, 2019, p.3).

empiricamente, essa dinâmica construída pela vertente emocional, orientada segundo uma estratégia que segue uma dinâmica social, política e mediática complexa, como analisaremos a seguir, tendo como enfoque o elemento político.

3.4.4.3. O infoentretenimento e a política

Segundo Damásio (2021, pp.206-207), a associação de políticos com a cultura popular, comprovada pela presença nos programas de entretenimento, é uma estratégia de *marketing* político, para que seja possível levar as mensagens políticas aos públicos que não teriam acesso a elas comumente, e que não tem qualquer relação com o jornalismo, pois o objetivo principal, nessas situações, é o de entreter.

Há inúmeros outros componentes advindos da relação dos *media* com o recetor ativo que merecem ser analisados, quando se procura obter uma melhor compreensão dos efeitos da presença de atores políticos no infoentretenimento e de componentes emocionais, para a satisfação de interesses privados, sob o prisma dos Estudos Culturais adotado nesta investigação. Com este objetivo em mente, traremos, de seguida, discussões presentes em artigos em que foram examinados programas de entretenimento que recorrem a estratégias de ativação da audiência a partir de recursos emocionais, e abrem espaço para conteúdos e entrevistas de cunho político e que, para além da perspetiva da identificação do *marketing* político, demonstram outros efeitos no encontro do entretenimento com os conteúdos políticos.

Um dos exemplos é o trabalho dos autores Baptista, Silva e Ferreira (2020, p.169), em que analisaram o programa de *talk show* português *Programa da Cristina*, que apresentava efeitos afetivos através do uso contínuo de um tom emocional sobre o tema principal da discussão, com segmentos que utilizam o jornalismo, a política, a presença de celebridades, a exposição de escândalos sexuais, a participação de vários convidados, que viveram momentos cómicos, musicais ou de reportagem, ancorados numa forte ligação carismática entre a apresentadora e os telespectadores, proporcionando, segundo os autores, "oportunidades de participação num grande 'diálogo societal'".

Como consequência dessa partilha emocional, criava-se uma sensação de bem-estar e de confiança, propondo a organização, o preenchimento, e a orientação da vida quotidiana do espectador. Focando no vínculo construído, Baptista et al. (2020) aprofundaram os aspetos relacionados com a convivência do entretenimento e com a popularização da política, usando como exemplo, uma entrevista conduzida pela apresentadora, Cristina Ferreira, no dia 1 de abril

de 2020, ao Primeiro-Ministro António Costa, que atingiu o maior número de telespectadores desde a criação do programa, ultrapassando, naquele dia, todos os seus concorrentes.

É precisamente a estrutura afetiva, a ligação carismática com os entrevistados e com os espectadores, que desobrigava a apresentadora ao cumprimento da deontologia jornalística, permitindo-lhe explorar as dimensões humanas e públicas do governante. Se, por um lado, é notória a estratégia de cooptação e de aumento de audiência a partir desse formato, Baptista et al. (2020) apontaram diversos estudos em que se afirmou, de forma consolidada, que a presença de políticos em programas de entretenimento aumenta a participação dos cidadãos na política, favorecendo as conversas sociais.

Constata-se que o jornalismo político no século XX também foi afetado pelas fronteiras cada vez mais fluídas entre notícia e entretenimento, e entre assuntos políticos e a cultura *pop*. Desenvolvendo particularmente a sua investigação na integração entre infoentretenimento e política, o investigador americano Geoffrey Baym (2006, p.259) acreditava que esse cenário pode favorecer a conversa social. O autor examinou em pormenor o *talk show* americano *The Daily Show*, descrevendo-o como uma mistura híbrida de comédia, notícias e conversa política, e aclamando-o como a "reinvenção do jornalismo político"[100].

De acordo com Baym (2006, p.261), há 3 transformações estruturais que reconfiguraram a divisão entre o jornalismo e a esfera pública: a primeira situa-se no nível tecnológico, a segunda no nível económico e a terceira no nível cultural. O avanço tecnológico proporcionou a expansão de sistemas de distribuição de TV por cabo e por satélite; a internet possibilitou as conexões globais e instantâneas, e o surgimento de sistemas operacionais de edições mais simples e, consequentemente, com um custo mais reduzido. Já no nível económico, criaram-se os conglomerados de *media* integralmente vocacionados para a mercantilização de todo o conteúdo mediático, que perdeu o cunho de serviço público, tornando-se num produto embelezado apenas para cumprir com o seu fim lucrativo, transformando a audiência em consumidores. E quanto à transformação no nível cultural, adentrámos numa era marcada pela diversidade cultural, que modificou as fronteiras das esferas públicas e privadas, alterando a organização prática dos tipos de *media*, as suas propriedades e, por fim, os seus géneros.

Os 3 níveis interagem entre si, criando uma forma de falar, entender e agir, fundamentada pela permeabilidade da forma e pela fluidez do conteúdo, promovendo, segundo

[100] Na versão original "reinvention of Political Journalism" Baym (2006, p.259).

Baym (2006, p.262), um nível que se situa além do infoentretenimento Trata-se de "um fenómeno mais profundo de integração discursiva"[101], já que os discursos das notícias, do entretenimento, da política e do *marketing* passam a ser inseparáveis, dissipando as práticas e as linguagens específicas que os diferenciavam, criando arranjos jamais pensados.

Perante essa conjetura, Baym (2006, p.262) questionou se estaríamos perante um espaço de inovações significativas, ou uma viragem arriscada na comunicação política. De qualquer forma, a crise jornalística apelou a estratégias diversificadas de programação e, na guerra pelas audiências, alguns princípios fundamentais do jornalismo como independência, investigação, e verificação, acabaram por ser abandonados, na intenção de atender um público que procurava, cada vez mais, conteúdos aprazíveis.

É o caso do programa *Daily Show* que, embora tenha elementos similares aos que são utilizados nos *media* noticiosos, viola, frequente, e de forma contundente, algumas das convenções do jornalismo. É por isso que Baym (2006) o descreveu como um jornalismo alternativo que, através da sátira, interroga o poder e as notícias correntes, abrindo um espaço para o diálogo. Este formato apresenta a sátira como uma característica central, que é utilizada para enfatizar as fraquezas pessoais e as falhas de caráter dos atores políticos importantes, confrontando mentiras ou verdades fabricadas. Por essa razão,

> "a sátira, pelo contrário, representa uma busca pela verdade por meio de interação dialógica. Ao contrário das notícias tradicionais que reivindicam uma certeza epistemológica, a sátira é um discurso de indagação, uma retórica de desafio que pretende, por meio de perguntas não respondidas, esclarecer a moralidade subjacente de uma situação"(Baym, 2006, p.267)[102].

A sátira é apropriada em ambientes que desafiam a liberdade de expressão, em que a ironia e a insinuação dão suporte e uma certa proteção em tempos em que poucas pessoas poderosas estão abertas a uma conversa honesta e transparente. Para Baym (2006, p.268), o *Daily Show* faz uso do humor para se posicionar contra um contexto político repleto de desinformação e de dissimulação política, e para reivindicar movimentos que construam a responsabilização dos atores políticos.

[101] Na versão original "it is a more profound phenomenon of discursive integration" (Baym, 2006, p.262).
[102] Na versão original "satire instead represents a searching for truth through the process of dialogical interaction. Unlike traditional news, which claims an epistemological certainty, satire is a discourse of inquiry, a rhetoric of challenge that seeks through the asking of unanswered questions to clarify the underlying morality of a situation" (Baym, 2006, p.267).

Outro componente destacado por Baym (2006) que contribui para a interação dialógica, numa atmosfera de interrogatório público que caracteriza o programa, refere-se a uma maior liberdade dos apresentadores em envolver-se com as entrevistas, o que não seria adequado caso estivéssemos num cenário de respeito das convenções de objetividade prescritas pelo campo jornalístico. A ênfase dada a esses elementos que impulsionam o diálogo e uma conversa aberta do programa, apontam, de acordo com Baym (2006, p.272), para uma "teoria conversacional ou deliberativa da democracia"[103], definida pela existência de pessoas engajadas em discussões racionais com o propósito de alcançar uma ideia consensual de bem comum.

Nessa direção, a abordagem trazida pelo programa *Daily Show* contribui para o processo democrático num cenário em que cresce a irrelevância dos noticiários e a importância de se desenvolver e de fortalecer espaços de diálogo. Apoiado no trabalho de Habermas (1989), o autor reforça a ideia de que o diálogo é o lugar da democracia, onde os cidadãos constroem as suas escolhas e a vontade política. É, portanto, "uma noção dialógica de democracia que exige que os cidadãos possam ir além do autointeresse, proclamado numa teoria política de mercado, e se orientem para interesses públicos do fórum" (Baym, 2006, p.273)[104], pressupostos e propósitos que sempre foram norteadores do jornalismo.

Afinal, o riso, produto do entretenimento, alcança um ideal democrático, justificando politicamente a sua existência, a sua ligação com as notícias, proporcionando uma visão de um uso racionável do infoentretenimento. O humor tem o poder de agrupar o público e, assim, "deitado logo abaixo ou talvez imbricado dentro do riso, está uma demanda bastante séria por factos, responsabilidade, e razão no discurso político" (Baym, 2006, p.273)[105]. Mantendo o riso como elemento de análise e a sua ligação com o discurso político, Acselrad e Facó (2010) propuseram-se a questionar, a partir de uma investigação exploratória sobre o programa brasileiro Custe o que custar (CQC) – o mesmo que é objeto de análise desta tese –, a respeito do potencial do riso e da capacidade do humor em atingir pretensões que possam ultrapassar a noção de divertimento. A investigação foi realizada com um grupo focal de estudantes universitários que assistiram ao programa CQC, e os resultados permitiram aos investigadores adicionar apontamentos relevantes à discussão sobre o infoentretenimento:

> "o que os leva a assistir programas de humor é o prazer que esses programas proporcionam, é o

[103] Na versão original "conversational or deliberative theory of democracy" (Baym, 2006, p.272).
[104] Na versão original "it is a dialogical notion of democracy, one that "requires citizens to go beyond private self-interest of the 'market' and orient themselves to public interests of the 'forum" (Baym, 2006, p.273).
[105] Na versão original "lying just beneath or perhaps imbricated within the laughter is a quite serious demand for fact, accountability, and reason in political discourse" (Baym, 2006, p.273).

> divertimento que trazem. Os programas ‘ao vivo’ são os preferidos, pois, de acordo com os participantes do grupo, sempre acontece algo fora do previsto e os apresentadores acabam tendo que improvisar. Assim, esses programas não se tornam cansativos, não viram rotina e acabam tornando-se uma agradável surpresa.
>
> É justamente a surpresa, o inesperado, a quebra de continuidade/linearidade e a criatividade com que os apresentadores lidam com as situações que prendem a atenção deles e que os faz querer assistir” (Acselrad & Facó, 2010, p.60).

Em última análise, a investigação demonstrou que o prazer proporcionado pelo humor acarreta uma grande capacidade de atrair o público. Esse poder de atração e de divertimento baseia-se em elementos do programa como surpresa, criatividade, improviso e quebra de raciocínio lógico, abordando assuntos pesados de forma mais leve e até engraçada, atraindo um público que não tem o hábito de ler jornais, ou mostra interesse por causas sociais, e dessa forma,

> “o CQC acaba ganhando a simpatia do público e talvez até consiga recriar uma consciência política, além de incutir no público um sentimento de renovação e uma sensação de pertencimento, gerando assim, uma vontade de lutar pelos seus direitos. O programa usa o humor como um instrumento de discussão” (Acselrad & Facó, 2010, p.62).

Pelo exposto, vemos que a atração que o entretenimento exerce sobre os públicos convida continuamente à participação dos públicos, sendo capaz de abrir espaço para a criação de conversas sociais e de envolver pessoas em temas políticos, um interesse que não seria gerado por formatos mais sérios.

Entretanto, cabe aqui a advertência deixada por Babo et al. (2021, pp.186-188), que apontou, em relação à hibridização humorística do jornalismo, o riso como elemento que serve “às novas regras da espetacularização comunicacional”, contrariando a razão crítica, anulando e dissipando qualquer força política. O riso dá expressão ao que é residual, opondo-se ao campo informativo-jornalístico e ao seu *ethos* de rigor no tratamento do que é institucional. Segundo os autores, esse contexto dificulta a formação de uma consciência política e centra-se na busca para conseguir acesso ao público. Por outras palavras,

> “o rugoso, o deslegitimador, o descredibilizante, o derrisório, o patético, o espantoso são relegados para as periferias da ignorância intencional, usualmente praticada pelo noticiário formal, para

> apenas acederem ao público através da caricatura, *i.e.*, do entretenimento de raiz noticiosa" (Babo et al, 2021, p.186).

Nesta linha de pensamento, reforça-se o paradoxo que permeia o caminho das práticas comunicativas nos *media*, a participação dos públicos permanece submersa nas fronteiras fluídas entre informação e entretenimento, que preservam a tensão entre os efeitos positivos desse engajamento amplamente apontados nos artigos apresentados, e os riscos advindos de estratégias políticas e económicas daqueles que comandam os *media* e que, como extensivamente exposto em diferentes secções desse capítulo, visam exclusivamente a satisfação de interesses pessoais e a manutenção das suas ideologias.

3.4.5. A participação como característica de uma nova cultura comunicacional

A reflexão sobre a qualidade ou o tipo de participação oferecida pela televisão foi teorizada por Pierre Nora (1974) na obra *O regresso do acontecimento*, trazendo clareza à relação e ao contexto em que se situava a televisão e a participação que por ela foi promovida. Isto porque, conforme preconizado por Pierre Nora (1974, p. 226), a televisão constitui

> "para a era moderna o que o campanário era para o povo, o *angelus novus* da civilização industrial, mas portador de uma palavra imprevista; é como diz McLunhan, um "meio frio" que, dentre todos, pode oferecer ao domicílio e sem esforço uma participação mais intensa; esta participação, se nos é permitido assim dizê-lo, sem participação, esta mescla exata de distância e intimidade que é para as massas a forma mais moderna e geralmente única de que dispõem para viver a história contemporânea. (…) O acontecimento é projetado, atirado à vida privada e dado em espetáculo"[106].

Mesmo reconhecendo o aspeto espetacular do acontecimento mediático, Nora (1974) discordou da divisão realizada por Daniel Boorstin, entre acontecimentos efetivos e pseudoacontecimentos, uma vez que, enquanto sucessos organizados para a sua retransmissão mediática, o acontecimento mediático funde-se com a própria realidade. Nessas circunstâncias, Nora, (1974, pp. 223-227) defendeu que

[106] Na versão original "es a la vida moderna lo que el campanario al pueblo, el ángelus de la civilización industrial, pero portador de una palabra imprevista; es, como dice Mac Luhan, un medio frio, que, de entre todos los demás, puede ofrecer a domicilio y sin esfuerzo una participación más in-tensa; esta participación, si se nos permite decirlo, sin par-ticipación, esta mezcla exacta de distancia e intimidad que es para las masas la forma más moderna, y generalmente única de que disponen, de vivir la historia contemporánea. […] el acontecimiento es pro-yectado, echado a la vida privada y ofrecido en espectáculo" (Nora, 1974, p. 223).

> "não basta dizer que os *media* estão colados à realidade até fazerem parte integrante dela e que nos restituem a presença imediata da mesma, que adotam os seus comportamentos e peripécias. (…) não atuam simplesmente como meios cujos acontecimentos seriam algo de relativamente independente, mas sim como condição mesma da sua existência. A publicidade [publicitação] configura a sua própria produção (…) Na medida (…) em que o acontecimento se vinculou intimamente à sua expressão, o seu significado intelectual (…) esvazia-se em benefício das suas virtualidades emocionais. A realidade propõe, o imaginário dispõe"[107].

Essa "participação sem participação", descrita por Nora (1974), é determinante para elucidarmos o princípio de onde partiremos e quais os efeitos e as consequências dessa relação produzida entre a televisão, a vida quotidiana e a construção de significados e de realidades. O conceito de participação atravessa diversos campos sociais, sendo utilizado em linguagens políticas, jurídicas, económicas, culturais, entre outras, o que contribui para a complexidade de sua definição. No ambiente mediático, em algumas circunstâncias, a participação pode ser vista como uma simples presença, como no exemplo oferecido por Carpentier e Dahlgren (2011, p.8), em que o mero facto de estarmos *online* pode receber a etiqueta de participação. Há uma certa omnipresença do conceito de participação nos *media*, pois tornou-se parte de uma realidade cultural mais ampla e está enraizado num ecossistema cultural, em que a participação é transformada numa característica de uma nova cultura comunicacional.

Todavia, "a presença de uma cultura participativa, não pode ser confundida com a própria participação e a sua lógica de relações de poder igualadas" (Carpentier & Dahlgren, 2011, p.8)[108] pois, segundo os autores, a pré-condição para a participação é o engajamento político, sendo necessária a perceção do participante de que ele foi convidado, está comprometido e se sente empoderado com a dinâmica participativa. A participação e o envolvimento político estão vinculados às lógicas de poder e de tomada de decisão em sociedade, para além do domínio da política institucionalizada, foi impulsionada por

[107] "pero no basta con decir que están apegados a la realidad hasta el punto de formar parte integrante de la misma y que nos restituyen la presencla inmediata de la misma, que adoptan sus contornos y peripecias (…) no actan simplemente como medios cuyos acontecimientos serian algo relativamente independiente, sino como la mismísima condición de su existencia. La publicidad configura su propia producción. (…) En la medide, (…) en gue el aconteccimiento há estado vinculándose intimamente a su expresión, su significado intelectual, proximo a una primera forma de elaboracion histórica, se vacía en bencificio de sus virtualidades emocionales. La realidad propone, lo imaginario dispone" (Nora, 1974, pp. 223-227).

[108] Na versão original "the presence of a participatory culture cannot be conflated with participation itself and its logics of equal(ised) power relations" (Carpentier & Dahlgren, 2011, p.8).

movimentos sociais e por ativismos que ofereciam resistência às racionalidades políticas institucionais, e almejavam uma mudança cultural. O poder é o principal elemento que define a participação e a procura de um equilíbrio com a integração de pessoas nos processos decisórios, envolvendo-se numa luta político-ideológica que define e organiza as realidades políticas. Carpentier e Dahlgren (2011) associaram a aumento de participação dos atores desfavorecidos com a ocorrência de um desequilíbrio estrutural de poder.

Para Carpentier (2011, p.23), colocar em questão essas práticas sedimentadas por políticas institucionalizadas, define o que é democrático e social, e as lógicas que sustentam esse processo de participação no âmbito democrático, também operam no reino cultural e simbólico, ampliando o que é político para o terreno dos *media*.

Os *media* preservam o controlo sobre a produção dos seus conteúdos e resultados, afetam e limitam o acesso e a interação de atores sociais e, por essa razão, o conceito de participação pode ser controvertido. Nesse sentido, Carpentier (2011, p.26) defendeu que "a participação permanece articulada como uma contribuição para a esfera pública, mas muitas vezes servindo principalmente as necessidades e interesses do próprio sistema dos *media mainstream*, instrumentalizando e incorporando as atividades dos não profissionais participantes".

Desse modo, para que a participação se mantenha dentro de uma cultura democrática, deve ser convidativa, sendo indispensável que não seja imposta, e que preserve e respeite o direito de não participar. Carpentier (2011) apontou essa característica da participação convidativa como um dos elementos que trazem consenso no conceito, e desenvolveu um modelo denominado AIP (acesso, interação e participação) (ver Tabela 1) para diferenciar os tipos de participação segundo as diversidades de significados.

	Acesso (presença)			
	Tecnologia	**Conteúdo**	**Pessoas**	**Organizações**
Produção	Presença de (proto-) máquinas para produzir e distribuir conteúdo	Presença de conteúdo previamente produzido (ex.: arquivos)	Presença de pessoas para cocriação	Presença de estruturas organizacionais e de instalações para produzir e distribuir conteúdo
Receção	Presença de (proto-) máquinas para receber conteúdo relevante	Presença de conteúdo (relevante)	Presença de sites de consumo/ conjunto dos *media*	Presença de estruturas organizacionais para fornecer feedback
	Interação (relações socio-comunicativas)			
	Tecnologia	**Conteúdo**	**Pessoas**	**Organizações**

Produção	Recurso a (proto-) máquinas para produzir conteúdo	Produção de conteúdo	Coprodução de conteúdo como grupo ou comunidade	Coprodução conteúdo num contexto organizacional
Receção	Recurso a (proto-) máquinas para receber conteúdo	Seleção e interpretação de conteúdo	Consumo dos *media* como grupo ou comunidade	Discussão doo conteúdo num organizacional contexto (feedback)
	Interação (relações socio-comunicativas)			
	Tecnologia	**Conteúdo**	**Pessoas**	**Organizações**
Produção (e receção)	Codecisão sobre / com a tecnologia	Codecisão sobre/ com o conteúdo	Codecisão sobre/ com as pessoas	Codecisão sobre/ com a política organizacional

Tabela 1: Acesso, Interação e Participação - Modelo AIP (adaptado e traduzido)
Fonte: Carpentier, 2011, p.30

Carpentier (2011, p.29) explicou que o papel-chave para diferenciar participação, acesso e interação é conferido ao poder, e de que forma é distribuído nos processos de tomada de decisão. O acesso e a interação não se comparam com a participação, que pressupõe o poder de tomada de decisão, embora sejam condições relevantes para a participação, pois

> "o conceito de acesso é baseado na presença, em muitas formas diferentes: por exemplo, presença numa estrutura organizacional ou comunidade, ou presença no alcance operacional das tecnologias de produção dos *media*. A interação é uma segunda condição de possibilidade, que enfatiza a relação social comunicativa que se estabelece, com outros humanos ou objetos" (Carpentier, 2011, p. 354)[109].

É dado um destaque importante à interação como segunda condição, pois é nessa dinâmica que ocorre a construção de significados através de experiências partilhadas. Contudo, o que define a participação como um processo político é, segundo Carpentier (2011, p.31), a justaposição de acesso, interação e participação.

Nos *media*, em alguns géneros e formatos é aceite a participação de pessoas comuns, mas dificilmente se verifica uma participação estrutural, pois os participantes não são incluídos nas estruturas decisórias que organizam o ambiente mediático. O que se persegue são objetivos variados, na sua maior parte voltados para os interesses económicos, mas que raramente pretendem a organização da participação social e o empoderamento do público.

[109] Na versão original "The concept of access is based on presence, in many different forms: For instance, presence in an organizational structure or a community, or presence within the operational reach of media production technologies. Interaction is a second condition of possibility, which emphasizes the social-communicative relationship that is established, with other humans or objects" (Carpentier, 2011, p. 354).

Não obstante, Carpentier (2011, p.102) reconheceu a grande importância dos *media* para uma melhor compreensão dos processos participativos e conduziu uma análise significativa desse tema, considerando inicialmente os programas de *talk shows* de participação de públicos. Esse formato transformou-se num subgénero popular em que o público expressa abertamente, e de forma entusiasmada, os seus pontos de vista, e com esta entonação, "as contribuições dos participantes são consideradas emocionalmente significativas em si mesmas, e são fundamentadas na experiência pessoal, em vez de boatos ou factos cientificamente 'comprovados'" (Carpentier, 2011, p.104)[110].

Nessa mesma direção, Livingstone e Lunt (2013, p.4) invocaram uma inversão hierárquica de autenticidade, em que a voz da experiência do leigo se sobrepõe ao conhecimento científico, apoiando a criação de um fórum participativo e uma contribuição para a esfera pública. Segundo os autores, este espaço reorganizou as fronteiras entre o público e o privado, já que abrigava confissões íntimas em público e, por outro lado, também era capaz de promover o debate de assuntos públicos em situações privadas.

Muitos programas acabam por incluir a participação dos cidadãos e promovem um debate público, que pode ser visto como uma forma de envolvimento democrático, o que, para Damásio (2021, p. 209), está inserido na "responsabilidade social dos órgãos de comunicação social, em particular do serviço público de televisão e de rádio". Ao proporcionar o encontro e a interação entre grupos diversos, possibilitando a participação de pessoas comuns ao lado de especialistas ou políticos, os programas que se abrem às discussões dos públicos colaboram, em algum grau, para o exercício de formação do senso comum e para a construção de experiências comuns das realidades sociais e políticas (Carpentier, 2011, p.106). A participação, nesse aspeto, é relevante para o desenvolvimento do cidadão e da sua capacidade de agir coletivamente e, tais efeitos, segundo o autor, estariam ligados à abordagem emancipatória da participação nos *media*, que coexiste paradoxalmente com a abordagem vinculada à manipulação da participação no ambiente mediático.

Sob esse ângulo, Carpentier (2011, p.107) apontou o caráter manipulador ou pseudo participativo desses programas que propõem o debate público. É importante considerar aspetos transversais à natureza do contexto mediático mercantilizado, uma vez que os programas seguem uma certa comoditização, que pode afetar e alterar a participação de um público, que

[110] Na versão original "the contributions of the participants are regarded as emotionally signi!cant in themselves, and are grounded in personal experience rather than hearsay or scientifically 'proven' fact" (Carpentier, 2011, p.104).

expressa a sua voz sem, contudo, que ela interfira na tomada de decisões ou nas relações de poder na sociedade. Essa situação é sustentada por uma postura mantida pela produção dos programas, que Carpentier (2011, p.108) chamou de "senso de propriedade", mais especificamente, uma mistura entre este senso de propriedade com a responsabilidade de gerir recursos, o desenvolvimento dos conteúdos, com vista à entrega de um determinado produto. Ocorre que este senso de propriedade e a responsabilidade na gestão geral do programa estendem-se até à relação dos *media* com as pessoas.

Em prol da manutenção das estruturas de poder dos programas, os participantes não detêm, realmente, o controlo da narrativa de suas histórias pessoais, pois estes conteúdos pessoais são alvo de edição, onde é escolhido o que deve ser enfatizado, ou até mesmo o que deve ser excluído, para que o debate siga a rota determinada na construção da narrativa do programa.

Explorando especificamente a participação mediática a partir da realidade brasileira, a socióloga brasileira Vera França (2006b) apresentou uma contribuição valiosa com o artigo "O povo na TV, o povo para além da TV", em que explorou a estrutura de programas populares brasileiros que desenvolvem as suas premissas orientadoras a partir de personagens reais e dos seus dramas quotidianos. Esses personagens atuavam conforme papéis bem definidos de acordo com a orientação dos programas, que acabam por estabelecer como os factos serão expostos e contados, e qual deve ser a reação do participante, mantendo-os numa situação de fragilidade e de ausência de autonomia. Na participação em programas populares brasileiros analisados por França (2006b), os personagens assumiam o lugar de atores que outrora desempenhavam papéis na ficção e tornaram-se no próprio espetáculo, sendo esta uma estratégia para estimular o consumo dos programas e o aumento de suas audiências, através da criação de mecanismos de identificação. De uma forma geral esses programas seguem algumas características:

> "a presença de pessoas comuns, desconhecidas, e no caso da nossa amostra, extraídas das camadas mais pobres da sociedade; b. ênfase no real, nas histórias e problemas vividos pelas pessoas; c. exploração da vida privada, de aspectos que concernem à intimidade das pessoas" (França, 2006b, p.143).

Nesse contexto, estes programas, de acordo com França (2006b, p. 144), apresentam, na sua maioria, pessoas que trazem uma "clara marca de classe", brasileiros que estão submetidos a diferentes formas de exclusão e de desafios que envolvem a sua sobrevivência. Assim, rompendo com o modelo predominante da presença de celebridades nos programas de televisão, o "homem ordinário" é associado ao *status* central do espetáculo, com aparições

diferenciadas que têm influência a na forma como é tratado, quanto tempo, a forma e o lugar que ocupa no cenário (Araújo, 2006, p.52).

Essa dinâmica pressupõe o enquadramento e a imposição de um padrão, sendo sustentada pelos apresentadores, que assumem atuações performáticas, empáticas, e algumas vezes heroicas, conduzindo o *show* com base na sua grande capacidade de improvisação, e demonstrando, como tema central, a defesa de valores nobres e a denúncia de injustiças, com discursos moralistas e até mesmo autoritários. Nas palavras de França (2006b, p.145), os apresentadores,

> "em sua relação com as classes desvalidas assumem sempre um papel de defensores dos fracos, um lugar de denúncia e de ajuda, são juízes, delegados, psicólogos, assistentes sociais. São apresentadores que ocupam um lugar de exortação moral, num momento em que valores morais estão enfraquecidos".

Não obstante essa situação de submissão e manipulação deflagrada, França (2006b) não ignorou o valor do consentimento desses personagens que representam o povo, sendo este elemento um ponto relevante de atenção, uma vez que se denota a presença de uma certa satisfação, e até mesmo de prazer, na sua participação, dado que há uma oportunidade de denúncia da miséria, da carência e da dor, e ainda "maltratado que seja, o povo está na TV, e ele nos fala de uma realidade que está muito além da TV" (França (2006b, p.148).

A partir dessa oportunidade de denúncia sobre temas reais de vida, Araújo (2006, p.73) afirmou que se abre um espaço de escuta, já que "a TV de modo torto, ao dar visibilidade legitima esse tipo de discussão. Abrindo espaço para os problemas dos cidadãos comuns, ela lhes garante certa importância e cria a possibilidade de eles serem ouvidos na esfera pública". Segundo o autor, os sujeitos não são ingénuos, conseguem compreender a estrutura dos *media*, que acabam por promover um espaço de atuação advindo de um contrato, que pode ser escrito ou tácito, e que possibilita que o participante conte e/ou encene as suas histórias, comportando-se, ou não, de acordo com as orientações do programa.

Para Livingstone e Lunt (2013, p.8), não existia ainda uma resposta para entender se estas novas possibilidades de interação social e de criação de significado nos *media* são formas subtis de extensão do poder dos textos, manipulando e utilizando a energia e a criatividade das pessoas para inscrevê-las num processo social de construção de significado, ou se, de facto, seria uma nova forma de agência. O que se percebe, segundo os autores, é que os processos de

comunicação podem oferecer oportunidades de participação e de subversão e, ao mesmo tempo, novos meios de vigilância e de controle social.

Em linha com este ponto de vista, Pereira (2019, p.10), que se propôs analisar os meios através dos quais as sociedades perseguem fins louváveis, mostrou que não há relevância em identificarmos se os meios de comunicação de massas, que contribuem para o desenvolvimento da nossa cultura, estão empossados de boas, ou más, intenções sobre o humano e a sua ecologia. "Interessa antes conseguir descrevê-los e pensá-los na sua dimensão específica de meios, de recursos, de operações e dos seus efeitos sobre nossa experiência".

Alicerçados neste pensamento, encerramos o Capítulo 3, acreditando que o programa televisivo em estudo foi descrito e pensado na sua dimensão comunicacional e cultural, repleto de ambivalências e de tensões justificadas pela coexistência entre os aspetos e efeitos hegemónicos formulados pela abordagem da economia política dos *media*, e a presença de um recetor ativo, que rompe, resiste, cria, transforma, repara e intervém nos processos comunicacionais. E, assim sendo, a nossa próxima missão é discutir sobre os efeitos dos *media* sobre a nossa experiência, nas camadas mais profundas do acontecimento mediático, a partir das suas vertentes pragmática e hermenêutica, pelas formas como afetam e constroem a nossa experiência, individual e coletivamente.

Capítulo 4: O Acontecimento Mediático

4.1. O acontecimento televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*

O programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, do CQC, que teve como objetivo angariar donativos para uma escola municipal, e decorreu com a participação de uma comunidade escolar ribeirinha na Ilha do Marajó, é considerado como um acontecimento, na medida em que pode ser compreendido e identificado numa textura causal e de sentido, bem como inscrito numa problemática e constituído por um encadeamento de atos, conforme foi descrito, em pormenor, no Capítulo 2. É também um acontecimento mediático, na medida em que foi exibido publicamente por um programa de televisão, e contou com a participação de uma comunidade escolar, dinâmica esta que interfere na sua construção e inteligibilidade.

Essa inteligibilidade será produzida a partir das suas condições e consequências, que permitirão a constituição de um objeto identificado, compreendido, explicado, avaliado, e que pode ser encontrado no passado. Por isto, podemos dizer que o acontecimento está no campo da existência como no das ideias, expressando uma ocorrência concreta no mundo, que abre espaço para o surgimento de novos sentidos e novas ações. É por esta razão que o acontecimento nos afeta, causando-nos ruturas e apresentando-nos campos problemáticos, reorganizações, outras intervenções e até mesmo constituindo novos públicos, como veremos no capítulo seguinte, quando abordarmos to acontecimento na sua dimensão de experiência pública.

Esta afetação é construída quando transformamos a qualidade intrínseca e a pressão externa do acontecimento em algo com significado e, por conseguinte, passamos a ter consciência do objeto, o que influencia a organização da nossa conduta. Segundo Quéré (2012), para atribuir significado ao acontecimento, é imprescindível que ocorra a investigação sobre a sua natureza, as suas relações com outros acontecimentos, as suas condições e consequências. Com base nisso, é parte integrante da objetificação do acontecimento, e atuando diretamente sobre a elaboração do seu significado, considerarmos que se trata de um acontecimento produzido por um programa de televisão e desse, modo torna-se fundamental a compreensão do acontecimento partindo-se do meio em que decorreu a sua construção: os *media*.

Sendo assim, neste capítulo abordaremos aspetos teóricos fundamentais sobre os *media* e a construção da notícia, a construção do acontecimento mediático, televisivo e jornalístico, e de que forma as teorias apresentadas definem, explicam e contribuem para a análise do acontecimento mediático objeto desta tese, bem como o cumprimento dos objetivos traçados.

Passo contínuo, será realizado um enfoque relevante para a configuração adequada do acontecimento mediático do programa televisivo em análise, através da apresentação do "acontecimento mediático popular" de Couldry, Hepp & Krotz (2010), e dos efeitos deste conceito sobre a mercantilização dos *media*, a sua relação com o contexto dominante de espetacularização, e a consequente degradação do acontecimento pela televisão.

Por fim, após percorrer este caminho que nos permitirá compreender os bastidores que configuraram o programa CQC na Ilha do Marajó, alcançando a influência dos *media* na construção dos acontecimentos e as suas consequências na vida social, apresentaremos as reflexões e as ideias que podem desenvolver o potencial de integração do acontecimento mediático, tecendo bases importantes para o capítulo que seguirá a este, alusivo à experiência pública vivida no acontecimento mediático.

4.2. A construção da notícia e a construção mediática do acontecimento

Os processos comunicativos atuam como constituintes da vida coletiva, tendo os *media* ocupado um lugar central na produção simbólica[111] das sociedades contemporâneas, pois são uma fonte de informação para que os indivíduos possam construir as suas identidades e relacionar-se com outras individualidades (Tuchmann, 2002).

De acordo com a investigadora, segundo a qual o jornalismo e a notícia conferem pela sua mera existência um carácter público e, por conseguinte, um estatuto de importância aos sucessos que decidem relatar, não é descabido pensar que geram uma dinâmica que ocorre num contínuo movimento de objetivação e subjetivação para atribuição reflexiva de significado aos acontecimentos como notícias, e destas como parte integrante na construção social da realidade[112]. As notícias, como representação do que é real, revestem-se de formas textuais que enquadram os acontecimentos, acarretando uma valorização da linguagem, rompendo com o caráter especulativo da produção noticiosa e dando evidência ao seu processo subjetivo. Assim, através da orientação do nosso envolvimento subjetivo, que um acontecimento pode ser

[111] "Os 'sistemas simbólicos', como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, 'uma conceção homogénea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências'" (Bourdieu, 1989, p.9).

[112] Consideramos, neste tema, a perspetiva teórica da Sociologia do Conhecimento "que compreende a realidade humana como uma realidade socialmente construída", a partir da experiência dos homens na vida quotidiana, tendo em conta as suas dinâmicas comunicacionais de objetificação e subjetivação da realidade vivida (Berger & Luckmann, 1994, p.246).

reconhecível ou identificável, impondo-nos uma ordem, que pode limitar, incluir ou excluir uma informação, na criação de significado (Tuchman, 2002).

Desse modo, os *media* funcionam como operadores da construção de uma representação social da realidade, ou da construção mediática da realidade. Eles constituem o principal dispositivo para a publicitação dos acontecimentos, para que sejam conhecidos por um público, que procura sentido nas informações e atribui-lhes significados. Neste processo, a partilha coletiva de significados serve como base para a compreensão da realidade (Tuchman, 2009). Por isso, há um interesse pragmático na notícia que valida a sua relevância, pois sendo relatada e, posteriormente, um objeto de reflexão, acaba por assumir um significado novo e ideal, orientando o homem e a sociedade no mundo atual. Para Park (1966, p.183), "se esta função for cumprida, a sanidade dos indivíduos e a permanência da sociedade tendem a ser preservadas". Explicando melhor,

> "a vantagem de substituir o curso efetivo dos acontecimentos por palavras, conceitos e uma ordem lógica é tornar inteligível uma ordem efetiva, convertendo-a numa ordem lógica conceitual, e, na medida em que as formulações hipotéticas a que chamamos leis se ajustam ao curso efetivo dos acontecimentos, torna-se possível prever, a partir do presente, um futuro estado de coisas. Tal permite-nos especular com alguma segurança como e até que ponto qualquer interferência ou intervenção específica numa situação presente pode determinar a situação que está predestinada a sucedê-la" (Park, 1966, p.171-172).

Portanto, as notícias exercem influência sobre as pessoas e as instituições, criando uma atmosfera para os participantes na vida comum, ao indicar uma direção ou tendência para as suas atitudes e interesses. Nesse sentido,

> "os meios de comunicação influenciam atitudes não tanto de forma direta e pessoal, mas sim no âmbito de um certo contexto, considerando as pessoas como seres sociais cujas ideias são formadas pelo seu ambiente social. As pessoas ajustam seu pensamento e comportamento ao seu ambiente social, o qual é constituído por ideias" (Noelle-Neumann, 2002, p.151).

Em razão disso, as notícias carregam uma dimensão social e histórica e operam definindo e redefinido, constituindo e reconstituindo as significações sociais, mas também definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo as formas e os processos que vigoram nas instituições existentes (Tuchman, 2009, p.104). Assim sendo, também influenciam a política, pois é a partir delas que se geram discussões, que se dá um choque de opiniões e

sentimentos que levam à construção de um consenso, ou opinião coletiva, também chamada de opinião pública, que é a base para a ação política (Park, 1966). Deste modo, os *media*, não só permitem a visibilidade e o reconhecimento do acontecimento, mas constituem-se como verdadeiros suportes de sua identificação e exploração, propiciando o debate público que, tanto permite a elaboração de soluções, como a sua concretização, tendo como horizonte a construção do espaço público democrático.

Partindo-se da busca do ideal democrático, os *media* também influenciam a apropriação apassivação do acontecimento experienciado pelos sujeitos, gerando efeitos sobre a desigualdade e a disputa de significado entre vozes hegemónicas e vozes minoritárias, pois a forma como os acontecimentos podem ser configurados, ou mesmo reconfigurados, pelos *media*, cria tensão e disputas, muitas vezes desiguais, de vozes e de acessos. Tratam-se de fenómenos conhecidos na teoria do jornalismo como sobrerrepresentação e de sub-representação, que fazem com que, mesmo que todas ou quase todas admitidas, as ideias, como as pessoas, não competem em circunstância efetivas de igualdade. Nesse contexto, os dispositivos de mediatização utilizados na organização prática do mundo, exercem influência nos acontecimentos, especialmente sobre a sua constituição como objetos de discurso e na definição das suas consequências.

Posto isto, a questão que se coloca diz respeito à disponibilidade dos dispositivos técnicos e de como estes participam na definição do acontecimento suscetível de receber um tratamento mediático, e ainda como podem afetar a organização dos acontecimentos segundo seus interesses e preferências. Pode dizer-se, então, que os *media* constroem os acontecimentos como inúmeras interferências que podem alterar a realidade, de acordo com conveniências muitas vezes contrárias aos que poderiam considerar-se, num plano abstrato, os interesses comuns da sociedade, produzindo notícias que influenciam diretamente a opinião pública.

Logo, os modos pelos quais os *media* configuram, eles próprios, os acontecimentos pelo enquadramento (*frames*)[113], que lhes atribuem, e como se constituem como arenas de acesso diferenciado, interfere e influencia a forma como será elaborada a opinião pública, e como impactará a realidade e a vida quotidiana da sociedade. E, sendo assim, é compreensível entender que a notícia como construção, impacta e altera a realidade como a vemos, opondo-

[113] "Os quadros de sentido (ou *frames*) identificam, organizam e dão inteligibilidade às interações vividas; eles situam uma ocorrência vivida dentro de um dado contexto normativo, permitindo aos atores identificar a situação, adequar suas expectativas e orientar sua ação" (França, 2009, p. 68).

se, desta forma, à teoria do espelho[114], segundo a qual a notícia é um reflexo fiel da realidade, e fundamentando o motivo de ser impossível usar uma linguagem neutra. Aqui, o ponto de atenção, e até mesmo de tensão, está no modo como os *media* cobrem alguma questão, pois podem apresentar novos problemas e redefinir a sua natureza; confrontar ideias, ou iludir o público, mediante o enfoque dado à questão.

Isto demonstra o quão relevante é o papel dos *media* na construção, manutenção, ou até mesmo na destruição de ideias ou ideais, podendo ainda disseminar novas formas de compreensão, ou, mesmo de fomentar verdadeiras crises. É por essa razão que os efeitos dos *media*, que ocorrem principalmente num nível culturalmente profundo, e em longos prazos de tempo – ilustrando bem o conceito *long run* de Gerbner (1972) –, sendo despercebidos pelo recetor, precisam ser estudados em profundidade, o que foi evitado por muito tempo, para que os meios de comunicação não fossem responsabilizados pelos males da sociedade, tivessem menos responsabilidade, ao mesmo tempo que gozavam de uma maior liberdade de ação e menor controlo sobre eles (Noelle-Neumann, 2002). Com vista à manutenção deste cenário, as notícias passaram a ser consideradas como um produto que pode, no limite do possível, atender a um público de massas, com o intuito de agradar aos seus anunciantes, evitando públicos com pouco poder aquisitivo, ou que critiquem a imagem das empresas.

Essa pressão de base para obter lucro e a necessidade de proteger a imagem das empresas como "boas cidadãs", pressionou a criação de conteúdos mediáticos e desvirtuou, muitas vezes, a função social das notícias (Kovach & Rosenstiel, 2004), que, como ficou sublinhado acima, desempenham um papel vital na construção de uma representação social da realidade (Noelle-Neumann, 2002; Park, 1966; Tuchmann, 2009), e influenciam os processos individuais e coletivos de constituição e reconstituição das significações sociais. Pelo exposto, as notícias como produto, merecem um exame mais minucioso e uma melhor compreensão, relativamente à forma e ao motivo como são moldadas pelos interesses financeiros das organizações mediáticas.

No século XX, os *media* foram responsáveis por mudanças estruturais intensas nas sociedades. A Escola de Frankfurt, composta por um grupo de marxistas europeus exilado da

[114] A *Teoria do Espelho* baseia-se na objetividade total acerca da realidade almejada pelo jornalismo e foi constituída a partir dos conceitos do Positivismo, no século XIX, pelo filósofo francês Auguste Comte. Esta teoria compreende o jornalista enquanto um comunicador neutro e sem interesse ideológico, ou opinião pessoal, na reportagem, apenas relatando os factos num formato objetivo e imparcial, refletindo a realidade e a verdade. E assim, exclui qualquer elemento jornalístico que não expresse a exata descrição dos factos (Corrêa, 2016).

Alemanha para os Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, identificou a cultura de massas norte-americana pelo seu processo de produção maciço de qualquer outro tipo de bem, incluindo os *media.* Segundo essa perspetiva, a partir de técnicas de produção em massa, o aumento da quantidade pode levar ao menor custo dos produtos e a uma maior acessibilidade pelos consumidores. Esta ordem capitalista contemporânea, baseada no consumo, deu origem à indústria cultural[115], que desarmou a consciência crítica, distraindo-a e adormecendo-a (Adorno & Horkheimer, 1947; Debord, 1967), mantendo as massas iludidas, através de formas padronizadas de cultura (Adorno & Horkheimer, 1947; Ferreira, 2018).

Desta forma, os *media* passaram a disseminar, através de mecanismos culturais de lazer, consumo, serviços e entretenimento, uma "cultura mediática mercantilizada" (Best & Kellner, 1997, p.6), explorando o valor de uso das necessidades da sociedade como meio para aumentar o lucro e obter controle ideológico sobre os indivíduos. Tratou-se de uma nova forma de controlo social, a substituição do uso da força, pela construção de uma hegemonia cultural alcançada através de uma sociedade de consumo e dos *media*, inserida numa "sociedade do espetáculo"[116] (Debord, 1967). Os indivíduos passaram a consumir um mundo fabricado por outros, ao invés de produzir o seu próprio, separando-se da produção ativa de sua vida, e alienando-se do potencial humano de criar e de imaginar.

O espetáculo alastrou-se pelos contextos económico, político e cultural, influenciando a constituição da identidade individual e respetivas subjetividades (Best & Kellner, 1997), ao nível dos símbolos, imagens e informação, considerando uma sociedade cibernética baseada no consumo, nos *media* e na alta tecnologia. Os autores defenderam uma nova etapa de abstração, uma desmaterialização do mundo através de processamentos lógicos, nos quais as imagens e os símbolos são o fundamento para novos princípios de organização social. Estava-se, por isso, perante a transformação do ter em aparecer, quando o objeto deu lugar à sua representação semiótica. E nesse sentido, Best e Kellner (1997, pp.11-12) esclareceram que

> "a imagem e o reino da aparência determinam e superam a realidade, a vida não é mais vivida diretamente e ativamente. O espetáculo envolve uma forma de relações sociais em que os indivíduos

[115] Os filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) criaram o termo indústria cultural, anunciado no capítulo "A indústria cultural: iluminação como engano em massa", publicado no livro *Dialética do Esclarecimento* (1944). Os autores afirmaram que a cultura popular fabricava bens culturais padronizados que serviam para manipular a sociedade de massas. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural cultivava falsas necessidades psicológicas que seriam atendidas pela dinâmica do capitalismo.

[116] O termo foi cunhado por Guy Debord, no livro *A sociedade do espetáculo*, publicado em 1967. O livro apresenta uma crítica teórica sobre consumo, sociedade e capitalismo.

> consomem passivamente espetáculos e serviços de mercadorias, sem envolvimento ativo e criativo"[117].

Esta mecânica de consumo num mundo de fantasias e de necessidades criadas, distancia os indivíduos de sua própria existência, da sua realidade afetiva e dos seus desejos não imediatos, mantendo-os presos num circuito de dominação, excitação, prazer e significados, enquanto a vida quotidiana é desvalorizada e insignificante (Best & Kellner, 1997). Neste cenário, as performances sustentam ou mobilizam sentimentos e solidariedades coletivas com base na simbolização. A lógica do mercado permeia o mundo das notícias, e estas passam a ser moldadas por representações organizacionais que, cada vez mais, se aglomeram estreitando as informações e imagens que são disseminadas segundo as suas conveniências. Não era possível, por isso, confiar numa relação estável, ou ainda numa distinção clara, entre o acontecimento real e a sua representação mediada. O que devemos questionar é até que ponto a cobertura mediática tem interesse em construir a realidade de forma específica, até que ponto pode criar ou fomentar conflitos para manter suas posições discursivas e, assim, manter o seu poder próprio ou delegado.

4.3. O acontecimento mediático, jornalístico e televisivo

4.3.1. O acontecimento mediático

Recordemos que o acontecimento mediático do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, na Ilha do Marajó foi produzido pelo programa televisivo CQC, e teve como objetivo procurar o engajamento dos doadores para angariar recursos, visando a construção de um Telecentro e de uma biblioteca numa escola situada na zona ribeirinha do Marajó. Na edição especial no ano de 2014, esse quadro foi chamado de *Missão ao Espaço*, pois teve início a partir da história do lançamento de um foguete, foi enviado para o espaço sideral, com a ajuda de 1 jovem cientista, e de donativos de celebridades brasileiras, que foram leiloados para se conseguir verba suficiente para a sua concretização.

Não obstante o programa ter deixado claro, e num tom de seriedade, o seu cunho social e o objetivo "nobre"[118] de ajudar uma escola ribeirinha, na sua narrativa, o que preponderou, a

[117] Na versão original "Where the image and realm of appearance determine and overtake reality, life is no longer lived directly and actively. The spectacle involves a form of social relations in which individuals passively consume commodity spectacles and services, without active and creative involvement" (Best & Kellner, 1997, pp.11-12).

[118] Foi este o termo empregue pelo apresentador Marcelo Tas, ao anunciar a missão que seria realizada para ajudar uma escola ribeirinha no Marajó.

começar pela exibição dos preparativos para o lançamento do foguete, foi o tom do humor e das brincadeiras. Do total dos 47 minutos de duração do programa, o tempo de encenação sobre o lançamento e o resgate do foguete chamou a atenção, já que ocupou cerca de um terço do tempo total do programa, o que assinala, de forma contundente, o tom festivo, performático e espetacular utilizado. Nessa dinâmica, ao lançamento do foguete, somaram-se outras performances: a tentativa de angariação, pelos apresentadores do programa, de donativos nas ruas; o leilão realizado por uma celebridade, a partir de doações feitas por outras celebridades, juntamente com o auditório repleto de celebridades, prontas para apresentar lances para a compra dos bens doados; e, por fim, a travessia épica dos apresentadores, com para a condução de um camião de donativos, que cruzou o Brasil, saindo do Estado de São Paulo, sudeste do país, até ao estado do Pará[119], localizado no Norte do país.

Dada a natureza festiva marcante atribuída pelo programa CQC ao acontecimento mediático na Ilha do Marajó, iniciaremos esta secção com as caracteríticas do acontecimento mediático propostas por Dayan e Katz (1999). Para os autores, na sua reflexão sobre o acontecimental mediático, este comporta, em grande extensão, o que designaram por pseudo-acontecimentos, ou seja acontecimentos programados, pois dependem da utilização das tecnologias dos *media* eletrónicos; estão comprometidos com a estética da produção televisiva; e são programados e transmitidos à medida em que ocorrem, expondo a sua imprevisibilidade.

Nessa linha, os acontecimentos mediáticos não são organizados pelos *media* ou por fontes de produção a jusante ou a montante. Este tipo de acontecimento tem uma natureza de evento, e inscreve-se com frequência em ordens rituais de magnificência ou celebração, em que os *media* disponibilizam apenas a técnica da sua amplificação pública, através da organização da sua cobertura. Dá-se como por exemplo, uma conferência global sobre o meio ambiente, os jogos da Copa do Mundo, o falecimento da Rainha Elizabeth, entre outros (Dayan & Katz, 1999). Configuram-se como uma interrupção da rotina, rompendo com o curso normal das emissões mediáticas e da vida quotidiana, trazendo algo de extraordinário para se pensar ou fazer, e apresentando o potencial de transformar a vida do dia a dia. Desse modo, os acontecimentos mediáticos "integram as sociedades num pulsar colectivo e invocam uma renovação da lealdade para com a sociedade e com a sua autoridade legítima" (Dayan & Katz, 1999, p.23).

[119] A cidade de São Paulo fica a cerca de 3.000 km de distância da cidade de Belém, capital do Estado do Pará.

Marcando esse entendimento, o acontecimento mediático deve ser transmitido em direto, e a estória deve ser contada enquanto se está a desenrolar, como é contada depende dos *media* e das as escolhas do que será mostrado, ou não, de acordo com a importância que lhe é atribuída. Essa dinâmica está patente numa programação pré-determinada e, por esta razão, sendo transmitido em direto, há sempre a possibilidade de haver surpresas[120].

De uma outra forma, os acontecimentos mediáticos podem também não estar atrelados a uma programação pré-determinada, ou serem transmitidos em direto. Isso só ocorre quando a imprevisibilidade é o atributo que torna o acontecimento mediático relevante e adequado para a assimilação pelo discurso jornalístico, após a ocorrência de algum evento inesperado. Por isso mesmo, o acontecimento mediático pode ser compreendido como o "que é improvável, inesperado e que nos surpreende" (Babo-Lança, 2006, p.63), sendo, portanto, mais merecedor de ser relatado pelas produções jornalísticas, pois "os acontecimentos importantes são, em grande parte, inesperados" (Quéré, 2005, p.61).

Logo, nesta abordagem do acontecimento mediático, seguindo uma dinâmica de relato, os acontecimentos caracterizam-se como mediáticos quanto mais imprevisíveis forem e "romperem com as regularidades normatizadas pela vida social e pela natureza" (Bretas, 2010, pp.68-69). Diferente do acontecimento festivo e comemorativo, conceito proposto por Dayan e Katz (1999), aqui cabem acontecimentos das mais diversas estruturas, como por exemplo, um grave acidente, um desastre natural, um escândalo público, etc.

Na primeira abordagem do acontecimento mediático trazida por Dayan e Katz (1999), a imprevisibilidade deriva da sua característica de ocorrer em direto. Já na perspetiva de Quéré (2005) e de Babo-Lança (2006), a imprevisibilidade, sendo um atributo relevante que caracteriza um acontecimento mediático, é, em larga medida, o que definirá a sua apropriação, ou não, pelo discurso jornalístico, e o interesse em relatar o acontecimento de forma mediada, após ter ocorrido.

Entretanto, em ambos os casos, seja pré-programado, em direto, ou relatado *a posteriori*, estão sempre presentes o fator da imprevisibilidade, do inesperado e da rutura da rotina. Adicionalmente, em ambas as perspetivas, vemos mais 2 elementos em comum: 1) o conceito de acontecimento mediático atrelado à possibilidade de escolha, de determinação pelos *media*, a respeito do que será mostrado aos espectadores, que parte do acontecimento será enfatizada, e de que forma a narrativa será estabelecida, tendo em conta as suas referências e

[120] Durante uma transmissão televisiva, o direto nunca é totalmente direto. Entre o real e a sua transmissão ocorre um lapso de tempo compreendido entre 2 e 4 segundos.

interesses de programação; e/ou 2) o acontecimento mediático organizado fora do ambiente mediático, por um agente externo. Sobre este último, há um aspeto valioso para a compreensão do acontecimento mediático desta investigação e o seu adequado enquadramento teórico: foi organizado pelo próprio canal de televisão e não foi gravado totalmente em direto. Outro aspeto relevante, é que o quadro apresentou acentuadamente, e envolveu diversas celebridades na dinâmica de angariação dos donativos, divulgando, múltiplas vezes, os patrocinadores do programa durante a sua exibição.

Note-se que tais características ligam este evento ao acontecimento mediático apresentado por Couldry et al. (2010), que enfatizaram a relação do acontecimento mediático com a sua encenação e a comercialização popular, apresentando uma definição alargada do acontecimento mediático que levou em conta as culturas de consumo e celebridades, nomeando-o de "acontecimento mediático popular" (Couldry et al. 2010, p.8). Para os autores, o acontecimento mediático popular apresenta algumas semelhanças à abordagem do acontecimento mediático de Dayan e Katz (1999), mas também algumas mudanças:

1) rompem com o quotidiano, mas de maneira mais rotineira;
2) não monopolizam a agenda ou a cobertura dos *media*;
3) não acontecem ao vivo;
4) são organizados pelos próprios *media*;
5) estão relacionados com a encenação e a comercialização popular;
6) contribuem para os processos de construção do centro mediado.

As mudanças elencadas acima por Couldry et al. (2010) estão integralmente contidas no acontecimento televisivo deste estudo e reforçam as circunstâncias que favorecem e fortalecem a ideia de centro mediado. Segundo a abordagem de centro mediado, os *media* estão na raiz do poder cultural e da produção das significações sociais, guardando uma posição fulcral em relação aos centros de poder e das autoridades existentes. Nesse sentido, Best e Kellner (1997, p.5), declararam que,

> "em certo sentido, refere-se a uma sociedade midiática e de consumo, organizada em torno do consumo de imagens, mercadorias e espetáculos, mas o conceito também se refere ao vasto aparato institucional e técnico do capitalismo contemporâneo, a todos os meios e métodos que o poder emprega, fora da força direta, relegar sujeitos passivos à manipulação social e obscurecer a

> natureza e os efeitos do poder e da privação do capitalismo"[121].

Dessa forma, como já foi assinalado na secção anterior, e reforçado aqui no conceito de acontecimento mediático popular, as performances mediatizadas seguem lógicas económicas, ao invés das lógicas de autoridade e função social. Nesse contexto, Couldry et al. (2010) repensaram os conceitos originais de acontecimento mediático contemporâneo e estenderam-nos dentro de uma análise de cultura mediática globalizada, que quebra com a noção do público ordinário ou regular, passando a dar ênfase ao que é singular e excecional. Por isso, as novas reflexões a respeito dos acontecimentos mediáticos são essenciais, considerando o processo de globalização poderoso, sobre o qual a sociedade está imersa.

Para os autores, os contextos interativos e interrelacionados da cultura, numa era de globalização, justificam os efeitos desterritorializantes da modernidade e a reflexividade transnacional em relação aos produtos e às práticas culturais, os quais se tornam significativos além da sua constituição nos espaços sociais ou geográficos específicos (Couldry et al., 2010, p.10). Nesse sentido, os acontecimentos mediáticos populares são construídos a partir de múltiplas práticas culturais, advindas de contextos diversos, produzidos a partir do "espessamento das culturas" dos *media* globalizados, e participam na construção de significados, reposicionando e reconstruindo os acontecimentos mediáticos (Couldry et al., 2010, p.8).

Este ponto de vista apresenta uma crítica estruturada sobre a característica ritualística preconizada por Dayan e Katz (1999), que focaram a sua abordagem no acontecimento mediático, fundamentada no seu papel na integração das sociedades. Nessa crítica interpela-se se os rituais seriam, de facto, tão significativos para a manutenção da união social, pois tal abordagem parte do princípio que a sociedade é estável e marcada pela partilha de valores definidos, o que pode parecer duvidoso, se considerarmos a fragmentação da sociedade na pós-modernidade, causada pela manipulação de pedaços ou cortes dos acontecimentos, que fragmentam a realidade, desafiando a compreensão sobre a existência de um momento partilhado e comprometido.

Percebe-se, assim, que também o "acontecimento mediático popular" de Couldry et al. (2010) apontava para a degradação do acontecimento realizado pelos *media*, agravada pelo

[121] Na versão original "in one sense, it refers to a media and consumer society, organized around the consumption of images, commodities, and spectacles, but the concept also refers to the vast institutional and technical apparatus of contemporary capitalism, to all the means and methods power employs, outside of direct force, to relegate subjects passive to societal manipulation and to obscure the nature and effects of capitalism's power and deprivations" (Best & Kellner, 1997, p.5).

facto de que sob este entendimento, o acontecimento mediático é produzido e organizado pelos *media* que, através da encenação, do uso de celebridades e comercialização, fortalecem os seus comandos de manipulação e de corrupção de significados.

Pelo exposto, não obstante a identificação que as características do acontecimento mediático objeto desta investigação, esteja alinhado com o acontecimento mediático popular retratado por Couldry et al. (2010), também é possível equipará-lo às características relevantes do acontecimento mediático de Dayan e Katz (1999), nomeadamente aos aspetos ligados à sua dinâmica festiva e disruptiva da vida quotidiana, determinando, assim, a sua natureza híbrida quanto ao seu enquadramento, considerando a coexistência dessas 2 abordagens teóricas relacionadas com o acontecimento mediático em análise.

4.3.2. O acontecimento jornalístico

O jornalismo é um fenómeno de interpretação, um método para interpretar a realidade social do ambiente humano e dar forma aos acontecimentos da vida moderna, sendo regido por regras e princípios objetivos. Através de um esforço interpretativo do jornalista, é possível a descrição e a compreensão da realidade dos acontecimentos, com recurso à linguagem (Gomis, 1991, pp.36-37). Portanto, pode afirmar-se que o jornalista é um operador semântico, que "é obrigado a manipular, linguisticamente, uma realidade bruta, para construir uma mensagem adequada por meio de uma codificação acertada" (Gomis, 1991, p.37). Trata-se de um trabalho técnico, que tem como função impedir as consequências indesejáveis da comunicação de massas de notícias e, através de critérios objetivos, dar suporte a decisões importantes para o público, procurando impedir a sua sobre mobilização, ou excitação. Desta forma, o acontecimento jornalístico é sempre uma construção, e baseia-se no compromisso do jornalismo com a realidade, a partir de uma conceção filosófica implícita da verdade, como correspondência, na interpretação da realidade.

Assim, no acontecimento jornalístico, a escolha da narrativa é orientada pela aparência que a realidade assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua perceção e que lhe fornecem um repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas. Tavares (2002) destacou que o ponto de atenção que esta abordagem acontecimental nos oferece, neste regime de tensão institucional e temporal, é que os jornalistas acabam por priorizar a ação sobre a reflexão, levando a manter-se o foco das notícias no acontecimento e não nas suas problemáticas. Por essa razão, pode colocar-se em dúvida, ou questionar-se a forma de construção do acontecimento, em função dos critérios jornalísticos e dos *frames* da

imprensa, através das imagens, e outros mecanismos tais como sínteses, filtragens, exigências retóricas e semânticas, informações jornalísticas disponíveis, testemunhos filtrados, notícias normalizadas e adaptadas a rubricas e secções, e até narrativas híbridas – informação, comentário, opinião etc. (Babo-Lança, 2010 p. 59).

Além dessa tensão com as exigências e critérios, a organização dos jornalistas e dos processos produtivos influenciam a construção da notícia. É o que ficou explícito na hipótese *newsmaking* de Tuchman (2002), que sublinhou a importância do aperfeiçoamento das rotinas produtivas dentro das redações jornalísticas, para que o processo se torne socialmente mais eficiente e, consequentemente, o jornalismo possa cumprir a sua função social, uma vez que, como já foi dito, os meios de comunicação têm um efeito decisivo sobre a nossa atuação no mundo.

Outro aspeto importante da construção do acontecimento jornalístico está relacionado com a sua relação com o período histórico em que a notícia é veiculada. "Os acontecimentos jornalísticos são tipificados consoante seu valor-notícia" (Silva, 2011, p.89) e estes valores-notícia não são imutáveis, tanto que podem variar ao longo dos tempos, considerando o posicionamento das empresas jornalísticas, a sua política redatorial, bem como a necessidade de ser percebida, e de que forma, pelo público, tendo em conta um determinado quadro cultural, político ou social (Silva, 2011). Este enquadramento é a base para a recriação das estórias pelos jornalistas, para ter resposta do seu público, o que pode levar ao afastamento da descrição mais objetiva da realidade dos factos. Nesse sentido, Silva (2011, p.90) afirmou que os acontecimentos jornalísticos "são recriações de factos, são construções" e, por esta razão, podem influenciar comportamentos, nomeadamente no que diz respeito aos acontecimentos problemáticos.

O ponto controverso trazido por esta mecânica de enquadramento dos valores-notícia, considerando o seu contexto temporal e, por conseguinte, cultural, social, político e económico, vinculado aos interesses institucionais, refere-se à atuação do jornalista, que acaba por expor e interpretar parte do acontecimento. Assim,

> "no jornalismo televisivo, por exemplo, há uma fragmentação que advém do fluxo contínuo do que se designam atualidades, resultando na configuração do acontecimento ou da realidade do mundo de pedaços de informação, segundo uma lógica de narrativas fragmentadas, sem sequencialidade, sobretudo se compararmos com o trabalho historiográfico" (Babo-Lança 2010, p.61).

A fragmentação do acontecimento jornalístico acentua o presente, e é a notícia, considerando um enquadramento no contexto atual, desvalorizando o passado e antecipando o futuro, segundo o entendimento do jornalista, que redefine o valor e a inteligibilidade do acontecimento. Um elemento que reforça essa lógica de controlo sobre a inteligibilidade do acontecimento pelos jornalistas, relaciona-se com a forma como interagem com as suas fontes, como apresentam as suas vozes e controlam estas participações (Pontes, 2005, pp.102-103). Intensamente abordadas nos estudos sobre o jornalismo, nomeadamente na chamada corrente interaccionista que observa as relações complexas entre jornalista, fontes e público, tais práticas afetam, também, diretamente, a configuração da investigação e da constituição do acontecimento, considerando as dinâmicas de atribuição de significado e de análise das consequências.

Isso ocorre porque o resultado dessa interação pode causar efeitos como empatia ou distanciamento, identificação com um lado ou com o outro, apresentar, ou não, informação que suporte os diferentes modos de compreender os eventos, desafiar ou reforçar estereótipos. Essa forma de operar ainda considera "estratégias de marcação de sentido pela reiteração de frases chaves, uso de imagens evocativas e de tensão dramática", com o objetivo de destacar determinada compreensão dos factos, marcando imagens e emoções, que poderão ser fixadas e, assim, relembradas (Pontes, 2005, pp.102-103).

Neste fluxo, é possível concluir que, "para a lógica do jornalismo os acontecimentos funcionam como objetos que permitem chamar a atenção pública, razão pela qual são publicitados, muitas vezes segundo a lógica da persuasão e do espetáculo" (Silva, 2011, p.92). Esta lógica da persuasão e do espetáculo baseado num caráter económico, com o claro objetivo de lucro, tem impacto na construção da notícia, causando o afastamento do jornalismo da sua função social. O jornalismo deveria prover os cidadãos de informações necessárias, verdadeiras e objetivas, para que possam concretizar em pleno a sua liberdade e autogoverno, essenciais para a manutenção da democracia (Kovack & Rosentiel, 2004).

Pelo contrário, o cenário de afastamento do jornalismo da sua função, foi agravado com a chegada de novas tecnologias da comunicação, notadamente a internet, causando, ainda, a perda da sua força nos posicionamentos políticos, e revolucionando o jornalismo nas mais diversas formas (por exemplo, no processo de produção, armazenamento, edição e distribuição das notícias) (Dalhgren, 2010, p.8). Nesse sentido, Dahlgren (2010, p.8) detalhou as características de um novo ambiente, e

> "embora as organizações de notícias tradicionais tenham desenvolvido sua presença online, o anfitrião de novos atores 'não jornalísticos', como o Yahoo e o Google, também competem pela atenção do público. Além disso, também encontramos fornecedores especializados que atendem a 'comunidades' em busca de notícias, anúncios e informações de estilo de vida específicas (sobre, por exemplo, questões financeiras, *hobbies*, saúde) como parte desse novo *mix*. Num outro horizonte, vemos organizações de notícias alternativas, como a Indymedia (www.indymedia.org), agora presente em mais de 150 países. Toma como ponto de partida premissas ideológicas alternativas do que aquelas operantes na corrente principal. Além disso, devemos mencionar os sites que conduzem análises críticas de notícias e de informações convencionais, por exemplo, o Canal de *media* (www.mediachennel.org). Por exemplo, a Corporate Watch (www.corpwatch.org) monitorizaa as ações de grandes corporações e instituições financeiras, enquanto a One World (www.oneworld.org) enfatiza as notícias sobre questões ambientais e democracia e *PR Watch*".[122].

Nas diversas plataformas tecnológicas providas pela atuação global da internet, a informação caminhou em alta velocidade, permeando diversas realidades. O número crescente de fontes jornalísticas não profissionais, não tradicionais ou híbridas, acentuou as questões da procura pela veracidade dos factos que, por si só, já era difícil, mesmo pelos profissionais, uma vez que este novo contexto, de narrativas situadas em diversas realidades, nos apresentou uma nova noção da "verdade prismática", anunciada por Dalhgren (2010, p. 14), que teve impacto, de forma intensa, na construção jornalística.

O panorama de múltiplas realidades permite que os acontecimentos possam ser constituídos a partir de diferentes perspetivas jornalísticas e, nesta dinâmica, a "verdade" prometida pelo jornalismo pode ser revelada em diversas versões, descaracterizando e desconstruindo qualquer segurança que se espera para a tomada de decisões importantes na vida

[122] Na versão original "while traditional news organizations have developed their online presence, a host of new 'non-news' players, such as Yahoo and Google, are also competing for audience attention. In addition, we also find specialized providers that serve 'communities' seeking specific news, advertising and lifestyle information (on, for example, financial issues, hobbies, health) as part of this new mix. On the other hand, we see alternative news organizations, such as Indymedia (www.indymedia.org), now present in more than 150 countries. It takes as its starting point alternative ideological premises than those operating in the mainstream. In addition, we should mention sites that carry out critical analysis of conventional news and information, for example, Media Channel (www.mediachennel.org). For example, Corporate Watch (www.corpwatch.org) monitors the actions of large corporations and financial institutions, while One World (www.oneworld.org) emphasizes news on environmental issues and democracy and PR Watch" (Dahlgren, 2010, p.8).

quotidiana. O acontecimento jornalístico está inserido num circuito globalizado de comunicação, convivendo com um contexto complexo, imerso em "verdades" díspares, mantendo-se sob o jugo dos interesses das empresas jornalísticas. Essas instituições recorrem e moldam os critérios e os valores jornalísticos, enquadram as narrativas como lhes convêm, configurando acontecimentos fragmentados, que servem, prioritariamente, a linguagem do espetáculo e da coação.

4.3.3. O acontecimento televisivo

Um aspeto marcante do acontecimento televisivo está ligado ao papel que a televisão desempenha sobre o acontecimento, uma vez que "a tarefa essencial da televisão consiste em separar o acontecimento como figura sobre um fundo e, dentro deste pano de fundo, separar o que deve permanecer no seu âmbito e aquilo que deve deixar-se cair por ser irrelevante" (Dayan & Katz, 1999, pp.102-103). Essas escolhas são feitas pelos produtores, a partir de pequenos detalhes construccionais, considerando o que desejam comunicar sobre determinado acontecimento, sem que se perceba que o acontecimento foi alterado ou remodelado.

Apoiado nesta dinâmica, o domínio que a televisão estabelece sobre o significado do acontecimento possibilita que o mesmo seja recriado pelos produtores. Para isto, recorre-se a técnicas textuais paralelas, baseadas em histórias de interesse humano, como entrevistas, por exemplo, para dar ênfase a determinados significados e, com isso, construir um novo campo de compreensão do acontecimento segundo os seus interesses, termo que aqui se usa num sentido extra moral. Estes enquadramentos têm a capacidade de definir novas realidades, sendo que o uso das imagens televisivas estabelece um reforço significativo, com impacto na construção do acontecimento realizada pelos *media*. Portanto, "numa perspetiva de convergência mediática, tanto a ilusão referencial quanto a iconização despontam como características determinantes de novas narrativas" (Dalmonte, 2008, p.43).

Reforçando esse elemento imagético, Tuchmann (2002) mencionou que as imagens das notícias televisivas utilizam ângulos de câmara específicos como quadros simbólicos, para dar significados sociais às relações espaciais. Dessa forma, outras relações que seriam elementos para a constituição de uma história, são criadas a partir das sequências desses ângulos, e são depois, elas próprias, enquadradas ou dispostas em justaposições convencionais. É nesse fluxo que uma ocorrência é transformada em acontecimento e um acontecimento é transformado em notícia (Tuchmann, 2002). Dada a natureza performática da televisão, não importa se a transmissão televisiva nos passa uma versão verdadeira ou falsa do acontecimento

original, o que importa é que o acontecimento esteja ligado ao seu destino, ainda que seja necessário renunciar ao distanciamento jornalístico.

Para além da discussão da questão moral ou ideológica, a televisão pode alterar a forma do acontecimento, pois a sua reprodução pode transformar, por exemplo, uma simples cerimónia num espetáculo (Dayan & Katz,1999, p.83). Os autores afirmaram que a televisão propõe uma "tripla atribuição" para o acontecimento: 1) marca as suas características, determinando inclusive a sua precedência sobre outras notícias; 2) produz a sua interpretação; e 3) protege-o, garantindo qualidade estética na transmissão e na unidade de tom e ação (Dayan & Katz, 1999, p.83).

A partir dessas atribuições, a televisão apresenta a sua interpretação do significado do acontecimento, com a devida coerência na narrativa e na construção de um argumento. E, com base nisso, é possível entender quem são os participantes e quais os seus papéis, elementos essenciais para que o acontecimento possa ser compreendido como um todo e ter a sua identidade definida. Deste modo, a televisão decide como algum participante aparece, em que momento isto acontece, e que mensagem deve passar. Tudo deve estar alinhado com a interpretação que interessa ter, em consonância com o enquadramento referencial da televisão e dos organizadores do acontecimento. Fica claro que, na constituição do acontecimento televisivo, a televisão atua a partir de um "exercício de autoridade" (Dayan & Katz, 1999, p.88) e, segundo este funcionamento, a televisão "corrompe o sentido do que é real, importante ou sério" (Dayan & Katz, 1999, p.104).

4.4. A degradação do acontecimento televisivo

O sociólogo húngaro Peter Csigo (2010), investigador no campo dos *media* populares e políticas democráticas, aprofundou o estudo da subversão dos significados nos acontecimentos televisivos, ligando-a a um processo de desintegração social. O autor explicou que a programação da TV aberta moderna, foi adaptada a um ritmo de vida do espectador médio e exerceu um papel de regulação temporal da experiência na visualização comum das pessoas. Isso trouxe consequências de longo prazo para a criação de significados e serviu como espelho de sentimentos de familiariedade, confiança e estabilidade.

Contudo, a TV pós-moderna rompeu com a regularidade previsível da sua programação, o que mantinha, como foi dito, um ambiente familiar e um sentido de coerência. Neste novo contexto, o que os circuitos mais modernos produzem, é o que Csigo (2010, p.142) chamou de "turbulência dos *media*", um ambiente de desordem, abundância e saturação por

performances espetaculares. Esta situação causou um colapso sobre o antigo ritmo familiar da programação comum, o que, segundo o autor, aguça forças de rutura, polarização partidária, segmentação e alienação da sociedade. A atuação sobre o ritmo familiar provocou uma fragmentação temporal, estabelecendo-se uma série de "presentes perpétuos"[123] que, segundo Csigo (2010, p.143), levou ao "desmoranamento do 'eu' num conjunto esquizofrénico de apegos ilimitados" (Csigo,2010, p.143)[124]. Desta forma, a TV deixa de ser uma âncora confiável, sendo portadora de uma enxurrada de acontecimentos profanos, que levam à desintegração social a partir das forças absorventes dos espetáculos mediáticos.

Foi neste ambiente que Couldry e Hepp (2017, p.214) nos apresentaram o contexto de "mediatização profunda", que criou uma tensão entre o interesse geral do ator social na coordenação de si mesmo, da sua autonomia e da sua conveniência, e o interesse comercial das plataformas que continuavam baseadas na geração contínua de dados e de outros serviços, na busca do seu próprio lucro. Esta "mediatização profunda" apresentada por Couldry e Hepp (2017, p.214) revelou um cenário que envolvia todos os atores sociais em relações interdependentes e, segundo eles, crucial para a formação da realidade do mundo social. Isso acontece porque os meios de comunicação e as plataformas estão ligados na produção e no uso, "criando um espaço humano dimensional de possibilidades que chamamos de multiplicidade dos *media*". Estas relações de interdependência estão inseridas num modelo de complexidade causal não linear e,

> "no mínimo, a mediatização profunda deriva da interação de 2 tipos muito diferentes de transformação: um ambiente de *media* em mudança, caraterizado pela crescente diferenciação, conectividade, omnipresença, ritmo de inovação e dataficação (a emergência do múltiplo dos *media*); e a crescente interdependência das relações sociais (o papel complexo na vida social das figurações e figurações de figurações, que se baseiam, em parte, numa infraestrutura mediática, mas cuja dinâmica evolui para além dela)" (Couldry & Hepp, 2017, p. 215)[125].

[123] Jameson (1985) mostrou que a transformação da realidade em imagens e a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos, são traços característicos da pós-modernidade na sociedade de consumo.

[124] Na versão original "and the parallel disintegration of the modern Self into a schizophrenic set of limitless attachments" (Csigo,2010, p.143).

[125] Na versão original "at the very least, deep mediatization derives from the interaction of two very different types of transformation: a changing media environment characterized by increasing differentiation, connectivity, omnipresence, pace of innovation and datafication (the emergence of the media manifold); and the increasing interdependence of social relations (the complex role in social life of figurations and figurations of figurations, that are based, in part, on a media-based infrastructure, but whose dynamics evolve beyond it)" (Couldry & Hepp, 2017, p. 215).

Tendo em conta a trama interativa acima anunciada por Couldry e Hepp (2017), aliada à turbulência das notícias de Csigo (2010), conseguimos compreender melhor Quéré (2005), sobre a degradação do acontecimento efetuado no e pelo dispositivo mediático. Nessas circunstâncias, a informação preocupa-se com o presentismo que, segundo o autor, caracteriza o regime de historicidade, influenciando a perda dos significados e a compreensão do acontecimento. Estamos perante a impossibilidade de nos apropriarmos da nossa condição histórica que, para Miranda (2005, p.113), configurou uma crise, e "com ela, sai perturbado o afeto que nos fazia estar expectantes de algo por vir", o que Guy Debord anunciou como o processo de "anestesiamento da vida" (Debord, 1991, p. 16).

Esta discussão do empobrecimento da experiência do acontecimento levou ao debate sobre a técnica e o papel que as novas tecnologias têm na redefinição da cultura e na delimitação do humano (Martins, 2005). Os *media* produzem e administram emoções que mobilizam indivíduos, e essa é a razão pela qual se diz que a nova sensibilidade é híbrida, pois "são as máquinas produzidas pela ciência que mobilizam as afeções e as monetarizam" (Martins, 2005, p. 126). Estava, então, declarado o processo de perda contínua do sentido dos acontecimentos mediáticos, anunciado por Quéré (2005), e a consequente fragmentação da experiência, o que, segundo Martins (2005, p.126), definiu a "associação dos *media* à ideia de um trágico social".

4.5. O acontecimento mediático e o seu potencial de integração

O processo de desintegração social, cujo ponto de partida foram os *media*, ficou bem evidenciado. Tratou-se de um panorama que foi construído a partir da geração contínua e abundante de dados que mantêm um ambiente de saturação, performances fantásticas, alienação e polarizações baseadas na busca incessante do lucro, não se dando relevância à busca da verdade, ou o estabelecimento de trocas, ou mesmo de relações sustentadas na confiança. O que importava era o espetáculo e como a partir dele era possível mobilizar as emoções, para que estas pudessem também ser rentabilizadas.

Não obstante, face a esse sistema complexo em que se inserem os processos comunicativos e a sua influência na produção simbólica na constituição da sociedade, e ainda admitindo-se a reconfiguração dos acontecimentos realizada pela televisão, bem como os seus efeitos na criação de um novo mundo de significados, indagamo-nos, sob a perspetiva desta tese centrada no acontecimento mediático produzido pelo quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, sobre a capacidade dos *media* em desenvolver uma integração social, e neste aspeto,

sob que características do acontecimento mediático seria possível apresentar o seu potencial, para estabelecer referências de novos caminhos integrativos da sociedade.

A partir daí, a reflexão que se pretende expor nesta secção, tem o seu cerne na ambiguidade identificada sobre a hibridez do acontecimento em análise pois, como já foi visto, alinha-se com o acontecimento mediático popular de Couldry et al. (2010), que sustentaram a notória fragmentação social causada pelo contexto mediático, que também carrega características do acontecimento mediático de Dayan & Katz (1999), que consideraram o potencial de integração social do acontecimento mediático. Tendo isto em consideração, manteremos, nas próximas linhas, o foco na compreensão das perspetivas ou efeitos que apresentam a natureza de reparação, ou de reintegração da sociedade, conforme as abordagens mencionadas acima.

Em Dayan e Katz (1999), o acontecimento mediático não é organizado pelos *media*, ocorre em direto e, por isso mesmo, apresenta um caráter de imprevisibilidade, trazendo um ingrediente de tensão. Tensão essa que é reforçada, considerando que esta abordagem do acontecimento mediátio apresenta uma identidade festiva, ou cerimonial –como algo ligado à perspetiva "ritual", na terminologia de Carey (2009) –, e será, focando neste aspeto, que procuraremos desenvolver a compreensão do seu potencial de reintegração social.

Ainda que algumas das características acima mencionadas sejam divergentes das características do acontecimento mediático objeto deste estudo de caso, uma vez que o mesmo foi programado e organizado por um canal de televisão, ressalvamos, do trabalho de Dayan e Katz (1999) alguns aspetos relevantes, também presentes no programa estudado, para a análise aprofundada a respeito do potencial integrativo do acontecimento mediático.

O programa organizado pelo CQC, na Ilha do Marajó, revestiu-se de um tom festivo acentuado, com o envolvimento e uma intensa cooperação de uma comunidade escolar, de inúmeros doadores e de celebridades, diversas performances dos apresentadores para engajar o maior número possível de pessoas nas doações, e que culminou com um ato heroico do programa, que atravessou, por horas, um rio amazónico para realizar a entrega de uma quantidade enorme de bens para a construção de um Telecentro e de uma biblioteca, num episódio emocionante e de celebração.

Esta performance interrompeu a rotina de uma comunidade escolar ribeirinha com cerca de 300 alunos, os quais nunca tinham participado de um programa televisivo. A escola preparou-se por meses a fio para receber o programa e os donativos, tendo sido organizada uma grande festa para os receber, num clima de emoções fortes e de expetativas elevadas sobre a

transformação que a escola iria sofrer, após aquela experiência. Constata-se, por conseguinte, que um aspeto significativo do acontecimento mediático em foco é o seu tom festivo e, assim como as festas, os acontecimentos mediáticos, para Dayan e Katz (1999, p.20), sendo interrupções da rotina, acabam por influenciar diretamente o fluxo normal das emissões televisivas e, reflexivamente, na nossa vida, pois sugerem algo atípico para pensarmos, testemunharmos, ou fazermos. Isso acontece porque, antes do início do acontecimento televisivo, as mudanças já estão em curso e a sua aproximação desperta uma onda de reflexão e um ambiente especulativo intenso, o que sugere uma mudança cognitiva. Para os autores, a abordagem normal "terra-terra" da realidade política, abre caminho a um interesse extraordinário no domínio do possível e esta mudança pode ser caracterizada como uma "suspensão temporária da descrença" (Freud, 1939, apud Dayan & Katz, 1999, p.166)[126]. A suspensão temporária da descrença ocorre num enquadramento específico, sendo consciente e condicional, um exercício de imaginação conjuntiva.

Essas reflexões e ações ocorrem considerando que o acontecimento apresenta a realização de atos simbólicos e com relevância para a sociedade, expressando ainda a força da cooperação entre os organizadores e as estações emissoras, sendo exibidos com reverência cerimonial, com tons que expressam sacralidade e veneração. De tal forma, vemos que os acontecimentos mediáticos, na perspetiva destes autores, envolvem uma alteração discernível, tanto do domínio do simbólico, quanto do efetivo. E os novos valores propostos podem ser já conhecidos, ou podem reavivar de ideais abandonadas. Assim, podemos dizer que certos acontecimentos mediáticos funcionam como "arautos da mudança" (Dayan & Katz, 1999, p.145) e inauguram novos começos, já que

> "o momento liminar da própria cerimónia – o momento da interrupção do tempo social rotinado – pára a própria marcha da história, convida a sociedade a seguir caminhos alternativos e, ao fazê-lo, a voltar a sentir algo do caos, da angústia e do entusiasmo da sua gênese. Nascem novos projetos, à luz dos quais o passado é reinventado e a memória coletiva é reorganizada" (Dayan & Katz, 1999, p.157).

Com base nessas configurações, os acontecimentos mediáticos de Dayan e Katz (1999, p.160) apresentaram uma natureza transformadora e afetaram o sentido do lugar de uma sociedade, já que os membros desta "renascem" para um mundo diferente. É certo que

[126] Freud, S. (1939). *Moses and Monotheism.* Harmakis Edizioni in Dayan, D.& Katz, E. (1999). *A história em directo: Os acontecimentos mediáticos na televisão*. Editora Minerva.

permaneceram exatamente onde estavam, mas o mundo altera-se à sua volta, pois os acontecimentos mediáticos transformadores afetam a geografia simbólica, introduzindo uma remodelação do espaço simbólico. Neste contexto, a mensagem é de reconciliação, em que os participantes e as audiências se unem para superar, adiar ou diminuir um conflito ou um evento desafiador. Na maior parte das vezes, tais acontecimentos apresentam heróis, que serão responsáveis pela proposta subliminar de reintegração da sociedade (Dayan & Katz, 1999). Através de um acontecimento mediático com essas características, os autores afirmaram que se verifica um fenómeno de integração social conseguido pela via da comunicação de massas.

E, muito embora o acontecimento mediático deste estudo não siga algumas das características especificadas por Dayan e Katz (1999), alinha-se com muitos elementos relacionados com ações simbólicas, cerimoniais, festivas e heróicas, que compõem a abordagem ritualística destes autores, e que, atrelados à interrupção da vida da comunidade escolar em foco, revela o seu potencial de integração social. Essa interrupçao da rotina da comunidade escolar, interfere e afeta diretamente a dinâmica de sua vida quotidiana. Fez parte da construção da narrativa do programa de televisão o envolvimento e a participação comunitária, cada qual desempenhando seu próprio papel, professores, alunos e moradores daquela comunidade, num encontro intrigante entre o mundo da encenação e o "mundo real" para aqueles participantes.

Com base nesse encontro de realidades, e a partir das ideias de Csigo (2010), teceremos caminhos que se cruzarão com a busca do potencial de integração social do acontecimento mediático, mantendo-se o alinhamento ao caráter transformador e integrador do acontecimento mediatico indicado por Dayan e Katz (1999), sem excluir a presença de características antagónicas de fragmentação, dado o seu caráter espetacular e comercial, presentes no acontecimento mediático popular conceptualizado por Couldry et al. (2010).

Para dar suporte a essa reflexão, Csigo (2010, p.144) apresentou os "atos de reparação", atos de integração, baseados no desejo popular de ver por detrás do reino não confiável do espetáculo, quando se cria uma "continuidade paradoxal" (Csigo, 2010, p.144) de rutura e reparação, imersão e distanciamento, entre o espectador e o ecossistema mediático. Para Csigo (2010), o reconhecimento a respeito da desintegração social na TV pós-moderna, trouxe também formas imprevistas, pelas quais as forças opostas de rutura e de integração poderam aglutinar-se. Essa força disruptiva do acontecimento não podia suplantar inteiramente as forças de integração, pois os *media* continuavam a fornecer recursos simbólicos que afetam a construção das significações sociais.

Csigo (2010, p.146) desenvolveu a sua análise tendo como fundamentando a "sociologia do reparo" de Goffman (2001), que vislumbrava a vida comum marcada pela necessidade muito desconfortável de manter a nossa integridade enquanto enfrentamos uma infinidade de expectativas de papéis e de situações que estão prontas para nos separar. O autor convocou o paradoxo de Goffman (2001), baseado nessa tensão construtiva da vida social, que ocorre entre forças integradoras simbólicas e forças disruptivas, dando aos atores sociais uma função reparadora ininterrupta, uma tarefa constante de reconstrução, restauração e recuperação.

Essa dinâmica de enfrentamento sofreu a influência direta dos *media*, nomeadamente considerando o atual cenário de turbulência dos acontecimentos mediáticos, fazendo com que as pessoas saltem de situação em situação, vagando entre performances mediáticas, carregando um sentimento de rutura permanente, levando-os a colocar a questões como: "isso realmente sou eu"? ou "podemos acreditar em alguma coisa?" (Cisgo, 2010, p.146)[127].

Num ambiente simbólico desconfiado, os *insights* de bastidores, as quebras de quadro, podem ser consideradas como alternativas para ativar e envolver as pessoas na busca de novos significados. Trata-se de "práticas simbólicas" de reconstituição da coerência quebrada, "atos de integração contra todas as possibilidades", que não são produzidas por rituais integrativos, mas emergem como produtos secundários dos processos desintegrantes e alienantes da televisão pós-moderna (Csigo, 2010, p. 144).

Nesses momentos incidentais, percebe-se uma intensificação da experiência subjetiva e da formação de sentidos, que suspendem o distanciamento, a desconfiança, a monitorização. Não obstante tais argumentos terem sido desenvolvidos baseados na dinâmica de relações face a face de Goffman (2001), que pressupõe alguém que fala, alguém que ouve, Csigo (2010) advogou que esta ideia pode ser ampliada para as quebras de quadro mediadas, que estabelecem um potencial integrativo que proporciona ao público alguma independência em relação ao artista que revela a quebra de quadro. Tais quebras de quadro abrem espaço para a formação de novas visões de integração e de reparação de um ambiente em que houve um sério desgaste do sentimento de confiança, alimentando as emoções do público, nas circunstâncias em que as verdadeiras intenções dos artistas vêm à tona e "os véus do engano podem ser espreitados" (Csigo, 2010, p.147)[128]. Para o autor, o interesse das pessoas no sucesso e no colapso das

[127] Na versão original "is this really Me?" ou "can we believe in anything at all?" (Cisgo, 2010, p.146).
[128] Na versão original "the veils of deception can be peered through" (Csigo, 2010, p.147).

performances são estratégias de enfrentamento, criação e reparação dos significados num ambiente de hipermediação (Csigo, 2010, p.147).

Foi nesse cenário de crise e de reconhecimento da queda do reino dos sentidos e da fragmentação da experiência humana, que Csigo (2010) revelou o potencial integrativo do acontecimento televisivo, apontando para a possibilidade de reconstrução da relação de confiança entre o espectador e o ambiente mediático, a partir das "quebras de quadro", quando o artista permite que o espectador encontre alguma verdade por detrás da encenação.

Logo, tanto em Dayan e Katz (1999), como em Csigo (2010), se percebe a ocorrência de atos que trabalham sobre a alteração do domínio do simbólico e do real, causados por determinadas características do acontecimento mediático. No estudo em questão, a natureza festiva e interruptiva de um programa de televisão realizado numa comunidade escolar, marcaram e propiciaram o encontro de realidades, uma construída pelo espetáculo televisivo e outra, a vida "real" e quotidiana de ribeirinhos. É oportuno lembrar que, conforme descrito ao pormenor no Capítulo 2, o programa CQC teve a intenção de mostrar a "verdade" por detrás da câmara, de forma bem-humorada. E no caso do quadro *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* na Ilha do Marajó, a verdade por detrás da câmara centrou-se na exposição de um problema real na educação marajoara, na interferência festiva na vida quotidiana de uma comunidade escolar e na sua participação num programa de televisão.

Num cenário mediático fragmentado e desconfiado, os atos de reparação encontram-se na busca da verdade ao enfrentar realidades ambíguas: a que é encenada e a dos bastidores. Estes atos instauram o potencial de integração social, despertando uma onda de reflexão, sugerindo algo incomum para ser feito ou pensado, criando um ambiente propício ao exercício de um pensamento coletivo, capaz de revelar novos projetos e novos começos, a partir da integração criada.

Nessa dinâmica, a quebra de quadro pode permitir a busca do que é real nos bastidores, que pode ser a base para o resgate da confiança no ambiente mediático, abrindo espaço para que surjam novos "códigos universalizantes de solidariedade e responsabilidade" (Csigo, 2010, p.151)[129]. E é nesse sentido que o acontecimento televisivo pode contrariar as forças de fragmentação inauguradas pela turbulência dos acontecimentos na TV pós-moderna, e revelar o potencial de integração do acontecimento mediático, o que pode muito bem ser o fundamento

[129] Na versão original "Universalizing codes of solidarity and responsibility" (Csigo, 2010, p.151).

para o anúncio do papel relevante dos *media* na formação de uma nova comunidade, como reforçou Martins (2005, p. 126):

> "entendo igualmente que o trauma provocado pelo desaparecimento da confiança na comunidade histórica, assim como a melancolia que acompanha a banalização da vida, essa vertiginosa sensação de um trágico sem tragédia, além da própria impossibilidade de anulá-los, reclamam que nos recoloquemos no horizonte de uma "comunidade a vir" (Agamben, 1993), pois é nesse horizonte que se joga a salvaguarda das possibilidades da (a)ventura humana. Concluo então com uma última palavra sobre os *media*. Se alguma promessa eles podem hoje realizar, será exatamente essa, a de se colocarem de raiz no horizonte de uma comunidade partilhada" (Martins, 2005, p.126).

Esta comunidade partilhada, que se eleva no potencial integrativo do acontecimento mediático, precisa reforçar a capacidade dos indivíduos de ver através das suas ilusões e fantasias, e de recuperar a confiança perdida na fragmentação. A ilusão supera a realidade, mas a realidade pode ser recuperada por meio de uma hermenêutica crítica que consegue ver, além das aparências, ilusões e fantasias, as realidades a ser mascaradas e encobertas (Debord,1947; Kellner & Best, 1997).

Kellner e Best (1997) relembraram os argumentos de Debord e dos situacionistas[130] que defenderam a prática ativa, criativa e imaginativa para combater a alienação do potencial humano para criar e imaginar, gerada na sociedade mediática. Nessa condição criativa, identificamos a pertinência do "espetáculo interativo", que nos apresenta o "sujeito radical" contra a passividade do espectador, e resulta numa implosão do sujeito e do objeto, com a criação de novos espaços e formas culturais, e até de novos sujeitos (Kellner & Best,1997, p.1). Trata-se de indivíduos que constroem a sua própria vida contra as exigências do espetáculo, os seus próprios eventos existenciais apaixonados, participando plenamente da produção da vida quotidiana, da sua própria individualidade e, finalmente, de uma nova sociedade.

[130] O termo "situacionista" aparece pela primeira vez em novembro de 1956, num ensaio de Guy-Ernest Debord chamado "Teoria da deriva". Em 1958, Guy Debord fundou a Revista Internacional Situacionista.

Capítulo 5: A Experiência Pública

5.1 A experimentação no pragmatismo

Em novembro de 2014, o programa de televisão CQC, *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, apresentou a sua missão de colaborar com a educação brasileira, através de uma performance que tinha como objeto central o engajamento dos seus espectadores e de celebridades, para conseguir donativos para uma escola ribeirinha amazónica, que atende mais de 300 crianças. O programa interrompeu a rotina dessa escola com a entrega de inúmeras doações para a comunidade escolar, em especial material para a construção de um centro de formação digital e uma biblioteca.

Os dias de mobilização e de preparação da comunidade escolar que precederam a chegada do programa, tanto quanto os dias posteriores à presença esfuziante do CQC, são aspetos relevantes para a compreensão a respeito dessa experiência, o que se passou com esta comunidade escolar, e quais os efeitos deste acontecimento. A escola Ponta Alegre, tendo tomado conhecimento de que um programa de televisão teria lugar na sua comunidade, constituiu comissões para preparar o ambiente escolar e organizar uma festa para o receber. Posteriormente, participaram do acontecimento mediático, através dos seus depoimentos sobre a posição da educação no Marajó, receberam os donativos e interagiram com o repórter que os levou de barco até à escola, emocionaram-se e viveram esta experiência num tom festivo e comovente.

Após o término do quadro, a comunidade escolar organizou-se em grupos, e deliberou sobre a forma de realizar as doações de alimentos e de roupas aos moradores daquela comunidade, constituiu equipas e mutirões comunitários para iniciar a construção do Telecentro e da biblioteca, entre outras atividades coletivas que serão descritas no Capítulo 2, secção 2.6; e Capítulo 8, secção 8.2.

Posto isto, o que interessa neste capítulo é compreender o registo da experiência vivida pelas pessoas que integram a comunidade escolar, em consonância com as perspetivas destes atores, considerando a sua dinâmica de mobilização coletiva como processo de "co-definição e condomínio de situações problemáticas" (Cefai, 2009, p.15). Também importa, nesta abordagem, a produção coletiva de sentido e realidade, tendo em conta as racionalidades e legitimidades desta comunidade escolar como possíveis referências na construção de uma democracia deliberativa, aqui entendida numa perspetiva rousseuaniana de uma escala local e situada.

Considerando esse enfoque, será adotada na construção da estrutura teórica deste capítulo a Sociologia Pragmática francesa, que foi iniciada no início dos anos 90 do século XX, por Louis Quéré[131], no CEMS (Centro de Estudos das Mobilizações Sociais), que apresentou uma abordagem epistémica da análise dos públicos, da observação e da valorização da dimensão construtivista da vida social, tendo em conta as situações e as interações advindas de ações individuais e coletivas (Sales, 2021, p.46). Nessa teoria, a sociedade foi concebida como atividade e como processo e

> "os grupos sociais deixam de ser conceitos explicativos do mundo social para se tornarem um objeto a ser investigado e explicado, deixando de ser o ponto de partida da análise para se tornarem o objetivo a ser alcançado – o ponto de chegada da pesquisa" (Sales, 2021, p.47).

Assim, são questões fulcrais na Sociologia Pragmática francesa: a investigação baseada na observação da realidade; a preocupação com os problemas públicos; a perspetiva da sociedade como sendo atividade e processo; sendo o seu objeto central o "público", aqui entendido como "forma e modalidade de experiência" (Sales, 2021, p.46).

Dessa forma, para esta investigação, torna-se relevante compreender a "experiência", que é colocada num papel primordial nas obras de John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano, que exerce uma forte influência na Sociologia Pragmática francesa. Dewey (2008) questionou a autonomia do conhecimento científico, nomeadamente considerando as condições sociais da sua produção. Para Dewey (2010), é a experiência estética que ensina, unifica o que é fragmentado, totaliza o que está disperso, coletiviza o que é individual, supera a experiência científica. Para o autor, a própria realidade deve ser concebida como experiência, e é, em parte, experimental, está sempre aberta, inacabada e em constante transformação.

Por conseguinte, "a experiência da realidade está profundamente enraizada na realidade da experiência (Dewey, 2008, p. 86)"[132], sendo real o que eu experiencio, ou que nós experienciamos, e apenas a pluralização de experiências pode dar um acesso mais fiel à realidade do mundo que vivemos.

---

[131] Louis Quéré (1947) é um sociólogo francês, Diretor Emérito de Investigação do CNRS e ex-Diretor do Instituto Marcel Mauss (EHESS-CNRS), considerado como um dos principais expoentes do pragmatismo na França. A sua investigação centra-se principalmente na Sociologia da Ação, na questão regional e na Epistemologia das Ciências Sociais. A sua abordagem está particularmente alinhada com o pensamento de Jürgen Habermas, a hermenêutica de Hans Georg Gadamer (*Sociologia posta à prova da Hermenêutica*, 1999), o pragmatismo (de John Dewey e George Herbert Mead) e a etnometodologia. Acedido em https://www.babelio.com/auteur/Louis-Quere/141283, a 10-07-2023.

[132] Na versão original "l'expérience de la réalité est profondément enracinée dans la réalité de l'expérience" (Dewey, 2008, p.86).

A experiência partilhada da realidade do mundo em que vivemos por intermédio de um público emancipado, como demonstrou Dewey (1946), provoca as condições para que a grande sociedade se possa tornar numa grande comunidade. A ideia de democracia de Dewey (1946), no seu sentido social genérico, está centrada, então, em 2 pontos de vista: o do indivíduo, tendo em conta sua capacidade de formar e de coordenar atividades em grupo, de acordo com os seus valores comuns; e a dos grupos, considerando a libertação das potencialidades dos membros de um grupo, em consonância com os seus bens e os interesses comuns.

Esta capacidade do indivíduo em formar grupos submete-se à emergência imposta pela sociedade moderna para desenvolver um "eu", tendo em vista um projeto reflexivo para a construção e a formação de uma identidade, num contexto em que atuam inúmeras forças sociais, culturais, e uma enxurrada de realidades e de mundos. Nesse sentido, ocorre uma atualização das identidades das pessoas, na medida da pertença a coletivos sociais e ao seu potencial de ação e de participação na dinâmica social.

É essencial, para a vitalidade da política democrática, que o engajamento dos cidadãos ocorra em espaços em que possam expressar a sua criatividade e experienciar as dimensões empáticas e afetivas em discussões sobre a sua vida quotidiana (Dahlgreen, 2003, p297 e p.299).

5.2. O público

O pragmatismo, presente nas obras de John Dewey, oferece uma contribuição relevante para a teoria política, na medida em que apresenta a possibilidade de tornar compatível a competição e a cooperação dentro de um sistema democrático. Para isso, a organização dos públicos, a descoberta a respeito da sua restauração e as razões que evitam a sua constituição, passam a ser questões que desafiam diretamente a formação do estado democrático (Dewey, 1946), já que "a raiz da democracia está no caráter social da existência humana que constantemente move as pessoas para a comunidade" (Bybee, 1999, p.50)[133].

Estas discussões mantêm a sua relevância atualmente, pois o que se vive é a ameaça da vida social, que também é uma ameaça ao *self*, colocando em risco de desintegração da personalidade, uma vez que os avanços tecnológicos da comunicação levaram à desarticulação comunitária e ao surgimento de relações mais impessoais e individuais, que geraram indiferença

[133] Na versão original "the root of democracy is in the social character of human existence that constantly moves people into community" (Bybee, 1999, p.50).

e processos de ausência de empatia. Bieger (2020, p.1) acrescentou reflexões relevantes a este contexto, com o seu artigo em se referiu ao prémio recebido, em 2016, pelo conceito "pós-verdade" – circunstância em que os factos objetivos são menos importantes na formação da opinião pública do que os apelos emocionais e as crenças pessoais compartilhadas –, relacionando-o com a fragilidade do público em agir como público, por meio da participação política. A autora relembrou que, no pragmatismo pós-moderno, a verdade é construída socialmente e, desta forma, a política da "pós-verdade" golpeia o estado democrático, quando utiliza as emoções e a interação individual/pessoal como as principais ferramentas de interação e de engajamento dos *media* sociais, promovendo desinformação, desarticulação e desagregação.

Para Dewey (1946), a única saída é reviver o público eclipsado para que possa, como ator político, conhecer-se e, conhecendo-se, definir os seus interesses. O ator político envolvido nos seus interesses e determinações, poderá construir a sua verdade, de modo inclusivo e dialógico, com foco na produção de conhecimento. Trata-se de um trabalho em cooperação através das inteligências sociais, impulsionando a criação de arranjos democráticos.

Procurando uma melhor compreensão da visão de reconciliação do público como ator político Bybee (1999), apresentou as suas reflexões, baseando o seu artigo no famoso embate entre as ideias de Dewey e de Walter Lippman[134]. A questão é que o público, na conceção de Lippman, é tendencioso, distorce o que vê e precisa ter diminuída ao máximo a sua participação. O "público fantasma", assim chamado por Lippman, é desprovido de qualquer capacidade política, e a democracia apenas poderia ser salva a partir de um conhecimento que estivesse acima da subjetividade e da política, ou seja, o conhecimento científico (Bybee,1999). Por oposição a essa ideia, para Dewey, os problemas não poderiam ser resolvidos por intermédio de uma elite intelectual, portadora de uma verdade não afetada pelos interesses humanos, e sim constituídos e confrontados pelo público.

Para Dewey (1946), o público é um ator político, que se conhece definindo os seus interesses, que se articula e que age. Desse modo, "os cidadãos fazem política quando tentam controlar os problemas nas suas vidas diárias" (Cefai, 2014, p.1)[135]. É notória uma crença forte

[134] Walter Lippmann (1889/1974) foi um escritor, repórter e comentarista político americano. O *Público Fantasma*, é um livro publicado, em 1925, pelo jornalista, no qual ele expressou a sua falta de fé no sistema democrático, ao argumentar que o público existe apenas como uma ilusão, mito tornando-se, inevitavelmente, num fantasma. Esta obra seguiu-se ao seu trabalho mais conhecido, *Opinião Pública* (1922), que também versou sobre a desilusão com a política democrática.

[135] Na versão original "los ciudadanos hacen política cuando intentan controlar problemas en su vida cotidiana" (Cefai, 2014, p.1).

no desenvolvimento das competências individuais para a participação na vida social, sendo a fé na inteligência e nas capacidades da natureza humana; e o poder da experiência conjunta e cooperativa, o fundamento da democracia, na visão de Dewey (1946). Em suma, o público é, essencialmente, um público político e associativo, emergindo através das interações entre as pessoas que se constituem como investigadores, que se mobilizam e que participam (Babo, 2013).

Os indivíduos são afetados constantemente pelo mundo e desfrutam de uma capacidade de julgamento estético, moral e político. São atores que apresentam uma trajetória de engajamento, preocupação, sensibilização, comunicação, associação, cooperação e organização, que lhes permite um sentir em comum para enfrentar, através de uma atividade coletiva, os seus problemas e buscar soluções para eles (Cefai, 2007).

É através do procedimento pragmatista que essas experiências são conduzidas e descritas a partir da perspetiva desses atores, fomentando uma melhor compreensão das dinâmicas que levam à formação de coletivos, e a sua mobilização para as práticas de "problematização e de 'publicização'" (Cefai, 2007). São os atores que delimitam os problemas que têm alcance público e, ao fazê-lo, constituem-se como um "público" (Cefai, 2017, pp.196-197). O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, apresentando dois movimentos que acontecem simultaneamente: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público.

Num primeiro momento, acontece algo que foge ao que é esperado na normalidade, que interrompe os hábitos da vida com o surgimento de um distúrbio, de uma crise, de uma situação que é percebida como perturbação da ordem, ou sentida como ameaça diante da imprevisibilidade de suas consequências. A tomada de consciência desse momento ocorre através da inquirição, quando o tema começa a ser discutido, polarizado e investigado, revelando 3 elementos centrais nesta dinâmica: a problematização, a publicização e a experiência (Quéré, 2011).

É no processo de constituição de um problema público que transcorre o elemento simbólico da experiência, quando é possível transformar uma perturbação num fenómeno público, que passa a ser nomeado, vinculado a uma imagem, a possíveis causas e responsabilidades (Salles, 2021, p.56). Aqui, "o público emerge como uma identidade compartilhada e uma apreensão comum do mundo que as pessoas têm que atravessar uma ciência coletiva tornada visível e explícita por múltiplas materializações simbólicas" (Mateus, 2016, p.280).

Esta investigação relaciona-se com a dimensão objetiva, o momento em que há a apreensão da evolução, ou do crescimento do caráter problemático, e o desenho dos seus contornos, bem como o seu registo num campo problemático, que está em contínua mudança. Nesse ponto, o público define socialmente os seus valores, métodos, regras e regulamentos que são a base da criação de um contexto no qual as pessoas são capazes de organizar coletivamente o seu mundo social.

Já o processo de publicização apresenta 2 dimensões: a dimensão sensível, ocasião em que a partir do distúrbio surgem experiências afetivas, sensíveis ou avaliativas, que dão causa às investigações e conectam os indivíduos ao problema; e a dimensão objetiva representada pelo processo de problematização. Nesse ponto, a experiência inicial do problema, que se iniciou na dimensão sensível, é recolocada numa dimensão intelectual, inserida num contexto significativo, sendo a base para a constituição do campo problemático à volta de uma situação e para a constituição do público. É nessa dimensão objetiva que a publicidade apresenta 2 características importantes: uma ligada à diversidade de posicionamentos, de opiniões e de experiências, e uma outra ligada à confrontação representada por dinâmicas de debates, questões e disputas (Quéré, 2012). Em suma, "a publicidade é um dos regimes mais presentes da experiência social e contém o sentido próprio da palavra: publicar é a ação de fazer algo coletivo e social" (Mateus, 2011, p.6), quando a investigação sobre a situação perturbadora é levada para a praça pública, e a situação problemática passa a ser visível sem limitações, por intermédio das ações investigativas e da experimentação.

Neste último quadro, em que se encontra a experiência, o terceiro elemento central na formação do público, acontece quando é desenvolvida uma organização dinâmica, sequencial, cumulativa e orientada. Essa organização será desenvolvida nas próximas secções, considerando a vivência da experiência da comunidade escolar que é o foco desta investigação.

5.3. A vivência do acontecimento na experiência pública

A nossa experiência dos acontecimentos não é formada a partir de objetos isolados, pelo contrário, faz parte de um contexto, envolvido por uma estrutura de intriga ou história. Os acontecimentos não são inicialmente uma representação, mas retratam mudanças existenciais, apreendidas e experimentadas, considerando as suas qualidades imediatas e o seu condicionamento externo. A experiência do acontecimento é uma experiência dessas mudanças, combinando as dimensões do afeto, do conhecimento e da prática (Quéré, 2017). Assim, podemos dizer que "os acontecimentos são singularidades que se propagam num campo

problemático e na proximidade das quais se organizam soluções" (Quéré, 2011, p. 29). Esta forma de organização e determinação da nossa conduta ocorre, simultaneamente, numa experiência individual e numa experiência pública.

Perante isto, todos os acontecimentos são sentidos, vividos e apropriados na experiência pública, e apresentam, de forma mais intensa, um grau de ligação das significações do que acontece com a aprovação e com a vivência na experiência pública dos atores sociais. O valor simbólico e moral do acontecimento, assim como o seu impacto, é o que institui o acontecimento (Babo-Lança, 2011). Depreende-se então que, "em toda experiência há uma componente de sujeição, de sofrimento no sentido lato. Caso contrário, não haveria uma incorporação do que veio antes" (Dewey, 2010, p.118).

Os que são afetados pelo acontecimento interessam-se de forma coletiva e envolvem-se porque se sentem atingidos, são, assim, estimulados a reagir e a posicionar-se como forma de compromisso. Temos aqui, segundo Quéré (2011, p. 34), um traço cognitivo e um prático, no que concerne à organização da experiência: "a participação na apreciação visando reduzir a indeterminação e o carácter problemático da situação criada ou revelada pelo acontecimento; definição de 'uma resposta activa', determinação de um compromisso e organização de uma conduta".

Observamos, neste ponto, que tanto o valor hermenêutico, como o pragmático, do acontecimento – que afetam o viver e o sofrer –, produzem efeitos, significações e consequências. Há um interesse pelo que se passa, ou que passou, que gera um envolvimento, um atingimento, que é o que faz com que o acontecimento seja absorvido como estímulo a uma reação, ou ainda à tomada de uma posição, de um compromisso. A experiência baseada no seu efeito hermenêutico, acaba por explorar o passado do acontecimento, a situação que foi criada e as possibilidades futuras que são criadas por ele. A capacidade de perceber as significações é fundamental para a organização da experiência social, uma vez que as nossas condutas e comportamentos são organizadas a partir da compreensão s dos acontecimentos e das situações vividas.

5.4. A configuração do acontecimento na experiência pública

Mais do que interpretação, no conceito hermenêutico, o acontecimento "constitui-se progressivamente através de um processo de recepção, individual e/ou colectiva, sobre o pano de fundo de um 'campo de experiência' e de um 'horizonte de expectativa'" (Quéré, 2011, p.24), comportando uma vertente de aplicabilidade. Trata-se do processo de individualização

do acontecimento, que apresenta 2 dimensões: a receção, que determina a individualidade, considerando o seu efeito sobre quem o vive; e a confrontação do acontecimento por quem foi afetado, determinando também a sua individualidade.

O contexto recetivo e vivencial do acontecimento "envolve uma rendição. Mas a entrega adequada do eu só é possível através de uma atividade controlada, que bem pode ser intensa". Assim, "quando somos apenas passivos diante de uma cena, ela domina-nos e, por falta de atividade de resposta, não percebemos aquilo que nos pressiona. Temos de reunir energia e colocá-la num tom recetivo para absorver" (Dewey, 2010, p.136).

Por isso, é a partir da individualização que é possível que um fenómeno seja apreendido, ou observado, por um determinado indivíduo, quando lhe é atribuído uma identidade e a sua significação pode ser estabilizada, apresentando uma dimensão de identidade e de unidade, provida de uma organização e de traços singulares que o tornam único. Neste sentido, "se a individualização é diferenciação, segregação, unificação, qualificação, ela é também estruturação, integração, resolução de tensões e de contradições, engendramento de coerência e de significações" (Quéré, 2011, p. 14).

A partir da descrição das formas, constituídas por significados, apreende-se a estrutura qualitativa dos fenómenos, sendo possível inscrevê-los num mundo social, reconstruindo "o objeto para fazer dele um objeto sociológico constituído por um encadeamento de atos" (Quéré, 2011, p. 14). A apreensão e a descrição das ações ou dos acontecimentos, quando se procura compreender quem fez o quê, por que razão, com que resultado, consequências, reações e em que contexto. Esta dinâmica de constituição de um objeto sociológico e a sua inscrição num mundo social, são a base para um melhor entendimento sobre a "constituição da sociedade" (Quéré, 2011, p. 14).

O processo de individualização passa também pelo meio em que a experiência decorre e a sua relação com a resposta ativa de adaptação; pela singularização de quem é afetado pelo acontecimento e, por último, pelo campo prático quando são definidas as repostas às tensões para tratar dos problemas verificados na sua receção e interpretação (Quéré, 2011, p.25).

Durante o seu desenvolvimento, vê-se também que a individualização do acontecimento é um processo temporal e sequencial, que se baseia num evento prático e que pode ser observado. Durante a análise de um fenómeno, desenvolve-se um objeto concreto, um objeto significante, que resulta na organização de uma experiência. Desta forma, os acontecimentos são transformados em objeto, coisas nomeadas, e levam uma vida dupla, considerando: a sua existência original, baseada em factos, e a sua experiência ideal, quando

podemos aliar significados e reorientá-los na nossa imaginação, com novos poderes, novos modos de operação, e assim dotá-los de significado, tendo em vista as suas potenciais consequências (Quéré, 2017). Há uma nova perspetiva quanto à significação, pois

> "não é o contexto e a textura causal que a ele se liga que esclarecem o acontecimento, mas é o próprio acontecimento que revela uma situação, desvenda possibilidades e eventualidades, produz efeitos e significações mediante as consequências que lhes advêm" (Babo-Lança, 2005, p. 85).

Sendo assim, a significação do acontecimento é determinada pelos seus efeitos e consequências, que são mais aptos para o caracterizar, do que as causas que o criaram. Por esta razão, de início, o acontecimento não é compreensível, é construído progressivamente, apresentando uma componente de indeterminação, que permite o que é novo, e revela uma descontinuidade, um campo de possibilidades e de novas expectativas (Babo-Lança, 2005). Por conseguinte, o acontecimento é apreendido na experiência pública, sendo-lhe atribuído um passado, um futuro e uma situação. É nesse futuro que encontramos o sentido do acontecimento, quando se conecta com as suas consequências, determinando o seu significado e o seu valor simbólico, e de que forma os indivíduos ou grupos serão afetados e impulsionados para gerar uma reação. Por isso mesmo, devemos vigiar as consequências, pois são elas que nos ensinam, sendo nesta circunstância que a identidade do acontecimento é construída de acordo com as ações de resposta que foram instigadas pelo próprio acontecimento.

Confirmando esta ideia, verificamos que "a construção da identidade do acontecimento e a sua configuração dependem do modo como o acontecimento é sentido, explorado, interpretado e apropriado pelo sujeito (ou sujeitos) a quem ele acontece, sendo que este também se altera com esta experiência" (Babo-Lança, 2005, p.90).

5.5. Experiência pública e comunicação

Como observaram Cefai e Terzi (2015, p. 4)[136], "os seres humanos são o resultado contingente das transações que estabelecem com seus meios, nos cruzamentos entre diversos círculos sociais e entre organizações e instituições que favorecem ou não sua liberdade, individual e coletiva". Desse modo, a experiência pública é ativada pela participação na vida pública, através de práticas de trocas em conversas comuns, e o que é apreendido por um

[136] Na versão original "les êtres humains est le résultat contingent des transactions qu'ils entretiennent avec leurs environnements, à la croisée de divers cercles sociaux et au milieu d'organisations et d'institutions qui favorisent ou verrouillent leur liberté d'invention, individuelle et collective" (Cefai & Terzi, 2015, p. 4).

espetador, que é um participante ativo, observa, comemora, seleciona, interpreta, fazendo parte da performance e reconstruindo-a da sua forma (Quéré, 2017). Esta atividade do espectador na experiência pública "acontece em um 'espaço comum metatópico' e que, na sua vertente individual, é nada mais do que uma fase de uma atividade muito mais ampla, da qual a outra fase é a conversa social" (Quéré, 2017, p.246).

Para Mateus (2016, p.142 e p.144), a experiência pública é especial porque é duplamente vivida, acontece a nível individual, ao mesmo tempo é vivida e experimentada por muitos outros, tornando-se propriedade comum e partilhável, atuando entre as dimensões subjetivas e objetivas que definem as dinâmicas sociais. É precisamente porque somos seres sociais que existe uma necessidade de partilhar o que vivemos e aprendemos, e de saber o que os outros pensam, para que possamos pensar sobre nós mesmos.

É nesta atenção mútua, quando uns prestam atenção aos outros, que as experiências são constituídas de forma interdependente, mas os pontos de vistas individuais se mantêm. A consciência comum de um foco gera um "nós", uma troca de experiências comunicacionais que levam a transformações importantes e permitem o surgimento de "coisas fornecidas com significado" (Quéré, 2017, p.238). Cria-se uma consciência social das condições de convivência e uma preocupação em mantê-las ou modificá-las através da comunicação. Portanto, a comunicação é a condição prévia da participação e da formação dos públicos, pois na base destes estão as significações comuns partilhadas que estabelecem laços sociais e podem converter uma ação conjunta numa comunidade de interesses (Dewey, 1946).

A partilha de significações ocorre nas conversas sociais, quando as pessoas falam sobre as suas vidas, acontecimentos e questões comuns, produzindo-se a fusão das opiniões pessoais em opiniões coletivas, e promovendo um vínculo social e de integração. Para Dewey (1946, p.147), o público deve cultivar e fazer uso político da arte da comunicação, pois é através dela que os indivíduos vivenciam a sua interdependência, baseados num sistema de significados partilhados, essencial para a criação e a definição de interesses comuns. A partir desses significados partilhados, que acontecem na conversa social, é que se estabelece a preocupação com uma ação conjunta, a partir da participação de cada um.

Refira-se ainda que a experiência pessoal é limitada, mas os seus limites podem ser alavancados pela dinâmica da inteligência social (Quéré, 2017). Nesse cenário, um grupo consegue focar-se no mesmo acontecimento e preocupar-se com o seu desfecho, desenvolvendo uma inteligência comum, produzindo, em conjunto, uma compreensão dos acontecimentos, a sua apreensão na própria experiência e a manifestação recíproca de uma sensibilidade às normas

e valores desse coletivo. A inteligência social atua na experiência ideal, onde a existência original do acontecimento é significada e reorientada na nossa imaginação, fazendo surgir novos modos de operação, novos sinais, proporcionando a transformação de impulsos e de necessidades de ideias, desejos, fins, sendo, então, estabelecido o começo de "uma comunidade de interesse e esforço" (Quéré, 2017, p.238)[137].

Este novo panorama cria a possibilidade de uma consciência clara da vida em comum e de todas as suas implicações, o que se torna no fundamento para a ideia de democracia e do estado utópico da "Grande Comunidade"[138] preconizado por Dewey (1946, p.147), dependendo essencialmente do público, a partir de uma reflexão coletiva baseada na experiência e na comunicação partilhada.

5.6. O papel das emoções na Experiência pública

As emoções exercem um papel fundamental como veículo de transação entre o organismo e o meio ambiente, na formação de uma comunidade de interesse. Há uma funcionalidade que ultrapassa a valorização e avaliação da experiência, e acontece através de um raciocínio que irá organizá-la e unificá-la (Quéré, 2017). Para tal, as características da prática, da emoção e do intelecto, são inseparáveis. É a fase emocional que estabelece esse alinhamento, conectando todas as vertentes da experiência, formando um todo, unificando e diferenciando o acontecimento objeto. É por essa razão que

> "a emoção é a força motriz e consolidante. Seleciona o que é congruente e pinta com suas cores o que é escolhido, com isso conferindo uma unidade qualitativa a materiais externamente díspares e dessemelhantes. Com isso, proporciona unidade nas e entre as partes variadas de uma experiência" (Dewey, 2010, p. 120).

Quéré (2012, p.298; 2017, p.251) apelidou de "trabalho real" das emoções quando os pensamentos articulam e afetam as emoções, com base numa bagagem anterior de conhecimentos, práticas, hábitos sociais, crenças, preferências e expectativas do que pode ser considerado normal. Em favor disso, as emoções que compõem o "eu", também são variáveis e vinculadas à identificação, à configuração e à descrição do acontecimento, já que "a emoção faz parte do eu, certamente. Mas faz parte do eu interessado no movimento dos acontecimentos em direção a um desfecho desejado ou indesejado" (Dewey, 2010, p.119). Aí reside a

[137] Na versão original "una comunidad de interés y de esfuerzo" (Quéré, 2017, p.238).
[138] Na versão original "the Great Community" (Dewey, 1946, p.147).

importância de que os acontecimentos sejam transformados em objetos de investigação e configurados, tendo em conta uma história, uma intriga, que apresente fins práticos e que possibilitem a tomada de certas decisões e comportamentos com melhor ajuste à situação.

Identifica-se, por isso, um poder ambivalente das emoções, pois elas tanto podem paralisar a ação e a reação, como podem fornecer a energia necessária para superar os obstáculos e lidar com a situação que contrariou certos hábitos, orientações ou valores (Quéré, 2012, p.304). A libertação de energia para a ação está alicerçada no encontro mútuo da razão e da emoção, quando é revelado que as motivações e os valores são idênticos, produzindo-se, então, a troca de emoções. Essa troca ocorre numa dimensão dramática da experiência, pois o "clímax emocional destrói a 'distância simbólica' que as sociedades às vezes constroem". Dá-se uma comunicação intersubjetiva que aproxima e sintetiza o indivíduo e o coletivo, levando a uma experiência vivida como expressões culturais, baseadas em motivações e valores que se tornam objeto de um processo de mutualidade (Mateus, 2012, p.138).

É nessa troca que acontece o único meio de assimilação e convergência de valores, sendo a comunicação responsável pelo desenvolvimento de um contexto coletivo, a partir de um objeto coletivo, fazendo com que a troca de emoções funcione como ativador de valores comuns, e trazendo consequências para a vida coletiva (Quéré, 2017). É a partilha das emoções coletivas que confirma que as mesmas emoções são vivenciadas, que estão diante do mesmo objeto e da mesma busca de realização dos seus valores, provocando a transformação das emoções em valores socialmente reconhecidos e resistentes a um destino contrário (Quéré, 2012, p. 305), bem como a qualidade da confiança entre os indivíduos sobre o objeto da emoção, a qual interfere na convergência dos seus valores e objetivos.

Em síntese, a afetividade é um dos temas mais relevantes na experiência pública, uma vez que é o que faz com que haja experiência nas esferas percetiva, cognitiva e moral, garantindo o contato com as coisas e com as pessoas, preservando-as juntas numa situação e mantendo-as num determinado contexto (Cefai, 2007, p. 31).

5.7. Os *media* na Experiência pública

Há uma dependência da experiência no que se refere às produções dos discursos, conceitos, ideias, e princípios ético-jurídicos que são o fundamento das sociedades democráticas contemporâneas. As reações aos acontecimentos estão vinculadas a essas produções de discurso, que também são criadas pelo discurso dos *media*, interferindo na "construção de uma realidade ou a fabricação de um acontecimento" e afetando na construção

da identidade do acontecimento na experiência pública, e na organização da sua interpretação (Babo, 2013, p.229; Babo Lança, 2005, pp.91-92). Este panorama institui uma função social dos *media* relevante como arena pública[139] no desenvolvimento de uma publicidade crítica. Facto é que os *media* de massas levaram a publicidade crítica a perder terreno para a publicidade que manipula informações, afastando os *media* da sua função social, e colaborando para que o público seja mantido como anónimo e passivo, incapaz de avançar na formação de um juízo adequado para a formação de uma opinião pública[140] (Babo, 2013).

Essa circunstância pode ser explicada tendo em conta que a comunicação passou a servir os interesses de uma classe rica, que prioriza e controla os assuntos conforme o seu interesse, reprimindo a conduta política, e mantendo o público não localizado e não identificado, tendo este tido parte de responsabilidade na exploração do homem e da natureza, da escravidão e da pobreza (Dewey, 1946).

Corroborando esta visão, para Gusfield (2014), certos problemas são acompanhados de um projeto mediático e de uma politização, ocasião em que surgem os proprietários do problema, imbuídos de autoridade e de poder para enunciar uma situação como problemática, passando a agir, orientar e dirigir a organização dos recursos, como leis, opiniões, bens e serviços, e contribuindo com a solução dos problemas, segundo conveniências que podem, ou não, estar de acordo com os ideais democráticos.

Desse modo, com base num maior poder simbólico e moral para expressar uma voz, podem ser impostas definições, podem ser direcionadas pressões, sendo ainda possível estabelecer o que é um problema, e o que não é. Todavia, a capacidade coletiva do público em aprovar, ou rejeitar, a versão de um problema e apontar novas escolhas, é o que irá definir a eficácia deste poder (Cefai, 2014).

Por oposição ao controlo e ao afastamento dos *media* da sua função social, os primeiros autores da Escola de Chicago[141], convivendo com os desafios sérios que se verificaram na

[139] "Uma arena pública é uma arena social cujos atores visam bens públicos, referem-se ao interesse público, definem seus problemas como públicos e sentem, agem e falam em consequência disso" (Cefai, 2017, p.200).
[140] O termo "opinião pública" pode ser compreendido de diversas formas. Para efeitos deste trabalho, e segundo a compreensão trazida pelos autores na sua base, entende-se a opinião pública como comunicação política, definida pela existência e pelo reconhecimento, por indivíduos ou grupos, de um problema político no qual encontram um pretexto para a comunicação e empreendem ações, a fim de influenciar as autoridades políticas (Padioleau, 1981).
[141] A Escola Sociológica de Chicago surgiu nas últimas duas décadas do século XIX e marcou a história da Sociologia no Estados Unidos da América, tendo sido o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago o primeiro a disponibilizar oferta de ensino de graduação e pós-graduação vinculado com a investigação, sob a ótica da prestação de serviços à comunidade. Após a Primeira Guerra Mundial, a Escola de Chicago assumiu uma posição de destaque, através dos investigadores Small, Vincent, Thomas, Park, Burgess, entre outros (Eufrásio, 1995, p.37).

sociedade norte-americana no final do século XIX, relacionados com a criminalidade, pobreza, imigração intensa, entre outros problemas sociais, insistiam na ideia de que o vínculo social, a participação, a comunidade e a democracia, deveriam ser impulsionados pela comunicação e pelos *media* de massas (Babo, 2013). Este pensamento pode, também, encontrar respaldo no estado utópico de comunicação perfeita de Dewey (1946), a partir do qual a tecnologia da comunicação deve ser subordinada às intenções democráticas da vida de uma comunidade, para que o discurso público flua livremente, levando informação ao público, garantindo que seja devidamente apropriada, para que gere conhecimento e seja base para o desenvolvimento humano, estimulando a capacidade de uma comunidade em resolver os seus problemas.

Neste ponto, o que interessa é compreender o lugar dos *media* e das tecnologias da comunicação nas mobilizações coletivas, e na formação dos públicos. Porquanto, os atores sociais também se projetam no mundo, na medida da sua passividade na experiência e de como são afetados pelos acontecimentos mediáticos. A exposição às performances pode gerar um engajamento ativo, a partilha de uma visão de mundo, de cooperação e de comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público. Este, contrariamente às audiências, que são reativas, pois respondem a uma oferta, não se limita apenas a ver, mas, essencialmente, apresenta-se a si mesmo e a ser visto (Dayan, 2006). Há uma perspetiva cénica e dramatúrgica num público que pode ser visto, que se relaciona, que se mostra e que ostenta um certo desempenho.

O público apresenta-se, assim, como uma entidade coerente de natureza coletiva, e não como um mero espectador, nem como a soma de espectadores, pois implica sociabilidade, estabilidade, envolvimento e efetivação, caracterizando-se por uma dimensão de compromisso, de defesa de certas convicções, de adesão a certos valores e, por isso, implica escolhas e o assumir de riscos (Babo, 2013). Por conseguinte, as ações dos atores sociais que reagem a um acontecimento advindo dos *media*, podem estar na origem da formação de um público, e

> "o que interessa não é o que é recebido por um conjunto de receptores, mas o que estes fazem com aquilo que recebem e experienciam. Lêem, vêem, sentem, interpretam, avaliam, formulam juízos, emocionam-se, deixam-se afetar e podem constituir-se num público que reage às obras (literárias, visuais, audiovisuais etc.) ou às consequências de um acontecimento mediante uma ação coletiva" (Babo, 2013, p. 226).

Mais ainda, dependendo do formato dos *media* – se estamos perante uma peça de teatro, a leitura de um jornal, um programa de rádio ou um programa televisivo – registam-se

graus distintos de receção e consequente formação de um público, que terá determinadas características, segundo a dinâmica em que ocorre a afetação, ação, adesão e emoção, e de que forma impacta a vida de uma comunidade. Em suma, a construção da identidade de um acontecimento, por parte de um público mediático, está vinculada à configuração que lhe é dada pelos *media* na sua narrativa, e como o acontecimento é interpretado, explorado e apropriado por quem o recebe (Babo, 2013, p.229). O uso de um certo vocabulário na descrição e na motivação dada pelos *media*, movimenta, ou desmobiliza, determinados públicos e, por consequência, despoletam sentimentos ou ações correspondentes, podendo, por exemplo, gerar sentimentos de pena, ou revolta, ou ainda simpatia, ou solidariedade (Cefai & Pasquier, 2003).

Logo, é relevante compreender se há públicos que são constituídos a partir da receção de acontecimentos mediáticos, e se é possível aferir em que situações e condições ocorre a formação deste público, já que, frequentemente, o contexto e as condições de receção são concebidos pela produção dos *media* de massas, que adotam certas posturas dependendo dos efeitos esperados no contexto em que atuam. Ou seja, os *media* realizam uma indexação de acordo com os seus interesses, encenando, enquadrando e incentivando determinada mobilização coletiva.

A produção destas performances faz sobressair um "teatro de atores" (Goffman, 2001), definindo-se os papéis da produção e os respetivos papéis de receção, com lugares e atuações diferenciadas, conduzindo o público a envolver-se em quadros de participação, com a presença, por exemplo, de *experts* no tema da performance, animadores, convidados ou mediadores. Nestes quadros de interação pode ser elaborada uma experiência coletiva e os promotores ou mediadores de acontecimentos fornecem recursos políticos, culturais ou religiosos, com o objetivo de construir uma perspetiva dramatúrgica, elaborando um encadeamento que promete unir experiências, e que acaba por organizar e gerir também as emoções do público.

Assim sendo, os *media* influenciam a nossa sensibilidade, criam afetos e memórias, convidando o espectador a apreender uma "experiência sensível" de acordo com o seu enquadramento, realçando, ou não, o seu envolvimento com o campo problemático (Quéré, 2012, p. 303). E, por essa razão, as ações dos *media* reverberam nos atores, provocando emoções, moldando a experiência e a produção de significados.

Assim, não só quem recebe o conteúdo mediático produz significações, elas também são produzidas a partir da produção dos *media*, na medida em que são instituídas as condições de receção (Babo, 2013, p.226). Há uma coprodução de significados (Cefai & Pasquier, 2003,

p. 40) e um certo comando do capital cultural na receção dos produtos culturais[142], que afetam a construção de significados dos atores submetidos a esta performance e, por consequência, as suas ações e o processo de formação de um público.

[142] Para Bourdieu (1979), os mecanismos de dominação cultural são definidos pela burguesia, sendo a base fundamental das estratégias de distinção e dominação simbólica, conjugando-se com o capital cultural que guarda os seus próprios sistemas de valores e moldam os sistemas de significados específicos.

Capítulo 6: Comunicação para o Desenvolvimento

No Capítulo 6, procuraremos manter o alinhamento entre os capítulos anteriores, na construção de uma visão teórica sistémica sobre o nosso estudo de caso, que se ocupa da experiência pública de um acontecimento mediático ocorrido na Ilha do Marajó, uma região amazónica brasileira. Para esse fim, através da Comunicação para o Desenvolvimento (C4D) – uma área da comunicação que será devidamente apresentada na secção 6.2 – apontaremos os elementos de confluência entre a comunicação, os *media*, a experiência pública de um acontecimento mediático, e o assim designado desenvolvimento para a mudança social.

A exposição de uma comunidade ribeirinha amazónica a uma performance mediática, carrega um importante teor hermenêutico e pragmático, conduzindo a uma experiência repleta de afetações e significações, os quais podem estar na base da formação de um público, que vê, é visto, produz conhecimento e tem um papel ativo na prossecução dos seus interesses comuns, ou de mudanças que sejam compreendidas como imperativas para o seu desenvolvimento.

Muito embora reconheçamos que, de uma forma geral, um acontecimento mediático não esteja enquadrado como uma prática de Comunicação para o Desenvolvimento, o que procuraremos demonstrar são as conexões relevantes entre algumas das suas características. A título de exemplo, recorremos a Tufte (2017), que declarou que a mediatização é uma força social influente, que pode entreter e educar, e ainda revelar funções que podem definir e proteger uma agenda, criar um fórum cívico de debate público voltado para a mudança social. Com isto em mente, assumimos, neste estudo, um traço significativo a respeito da Comunicação para o Desenvolvimento, intitulado por Manyoso (2017, p.4) de "espetáculo do desenvolvimento"[143]. Nesse sentido, a C4D revela-se como um motor propulsor da mercantilização da comunicação e um instrumento para a propagação do neoliberalismo (Dutta, 2015).

De seguida, passaremos pelos paradigmas do desenvolvimento, sendo a identificação da indústria do desenvolvimento o primeiro passo para a elaboração e o fortalecimento de críticas severas ao modelo do paradigma da modernidade, que precedem e explicam a urgência do paradigma pós-colonial, na busca de uma Comunicação para o Desenvolvimento que conduza a uma mudança social, a partir da participação radical dos indivíduos, com uma abordagem do desenvolvimento centrada na cultura, e na inclusão da experiência e do

[143] Na versão original "the spectacle of development" (Manyoso, 2017, p.4).

conhecimento local das comunidades marginalizadas (Dutta, 2015; Manyoso, 2017; Melkote & Steeves, 2015; Tufte, 2017).

É neste contexto pós-colonial que daremos relevo, neste capítulo, aos Estudos Subalternos (Grosfoguel, 2008; Quijano, 2005; Santos, 2014; Spivak, 1993) e à ligação relevante entre o que Grosfoguel (2008, p.119) definiu como "corpo-política do conhecimento" e o desenvolvimento deliberativo ou alternativo, apontado por Manyoso (2017). O que nos interessa aqui compreender diz respeito à produção de conhecimento a partir de experiências quotidianas, de diálogos emancipatórios que possam levar à consciência e, assim, forjando o conhecimento local como caminho de emancipação, de resistência a narrativas dominantes e do exercício de reimaginar o mundo.

Com este propósito em mente, discutiremos a condição colonial amazónica descrita por Violeta Loureiro (2022) – uma teórica brasileira amazonista reconhecida –, que aprofunda o seu pensamento sobre a premissa de subalternidade das comunidades amazónicas, contribuindo para este estudo através da demonstração da posição epistémica, sobre a qual parte a experiência pública ocorrida a partir do acontecimento mediático promovido pelo programa CQC, na Ilha do Marajó.

Por fim, terminaremos o Capítulo 6 com colaborações teóricas complementares e úteis para a segunda parte desta tese, composta pela análise, considerando os aspetos ligados às características específicas da comunidade escolar em foco neste estudo, cujo histórico está vinculado ao surgimento das Comunidades Eclesiáticas de Base (CEB) na Amazónia. Neste aspeto, a compreensão do Desenvolvimento posiciona-se para além do atendimento das necessidades materiais, demonstrando que a libertação está ligada a conceitos espirituais, e que a conquista da humanidade ocorre a partir da fé em Deus e noutras divindades (Freire, 1970).

6.1. O Desenvolvimento

O conceito de Desenvolvimento tem vindo a ser debatido e sofreu adaptações ao longo dos anos. O leque de definições é amplo e tende a ser delineado sob determinada perspetiva espaciotemporal ou motivado por eventos significativos, como por exemplo, as duas grandes Guerras Mundiais. Estas provocaram a devastação de populações e de fronteiras, colocaram por terra impérios e economias, e foram responsáveis por grandes transformações na dinâmica sociopolítica e económica no mundo e, consequentemente, marcaram um novo ciclo de estudos, de propostas e de definições sobre o processo de Desenvolvimento.

Em 1944, antes mesmo do fim da Segunda Guerra, durante as negociações nas conferências de Bretton Woods, nos Estados Unidos da América, procurou-se estabelecer uma estratégia e um compromisso global em prol da estabilidade económica necessária para a reorganização do cenário mundial novo e complexo. Assim, foram estabelecidas regras para as relações financeiras e comerciais entre os países pertencentes à Liga das Nações – que foi substituída pela Organização das Nações Unidas, em 1945 – e foram também formadas instituições multilaterais que atuaram na governança global, como é o caso do Fundo Monetário Internacional, da Organização Mundial do Comércio e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento que deu, posteriormente, origem ao Banco Mundial (Chang, 2014. p.80).

Após 1945, segundo Conceição, Oliveira e Sousa (2016, p.11), o conceito de Desenvolvimento passou a estar vinculado à industrialização, como suporte para o crescimento da economia. Adotou-se o Produto Interno Bruto (PIB) como principal indicador de desenvolvimento, que mais não é do que a expressão do valor monetário de toda a atividade produtiva de uma determinada região ou país, num determinado período de tempo (Gomes, 2012. p.7). Por outras palavras, o PIB traduz a riqueza que um país, ou região, é capaz de produzir.

Os produtos advindos dessa industrialização trouxeram facilidades para o quotidiano das pessoas, atendendo a novas necessidades ou desejos de consumo. A industrialização possibilitou a criação de produtos em escala e, como consequência, estimulou a necessidade dos mercados de vendas em massa, num cenário onde os países desenvolvidos se estabeleceram no perfil de captação de compradores para os seus produtos, ou de matéria prima para a sua indústria, enquanto os países em desenvolvimento foram os principais fornecedores de insumos e compradores de produtos industrializados.

Como efeitos colaterais desta industrialização, podemos apontar que a incorporação desses produtos não aconteceu apenas com a apropriação física e material do bem em si, houve uma forte propagação da cultura e dos interesses do produtor ou idealizador. Então, se por um lado as propostas de desenvolvimento do pós-Guerra possibilitaram uma aliança em torno de uma perspetiva económica para a reconstrução mundial (O'Brien & Williams, 2010), por outro lado, também se estabeleceu um modelo único, um "padrão global" a ser seguido, para que se chegasse ao desenvolvimento.

Pereira (2019a) referiu que uma das críticas mais vigorosas a respeito da base industrialista à política de desenvolvimento ocorreu em 1942, com a publicação do livro *A Grande Transformação*, da autoria de Karl Polaniy, em que,

> "Polanyi defendia que o momento do industrialismo se configurava, pelas suas consequências, como o processo de uma transformação antropológica, no final de cujas contas, e por contraste com as comunidades arcaicas, nos deparámos com o facto de a morte por inanição se tornar, de um modo inédito, não só moralmente admissível como, também, um adquirido das sociedades humanas" (Pereira, 2019a, p. 82).

Outros autores teceram críticas ao modelo de "padrão global" de políticas e de governança, em que sugeriram a variabilidade das propostas aplicadas, abarcando outras perspetivas para além da económica, ultrapassando a prática de replicação de modelos, e procurando abrir a possibilidade do surgimento de inovações mais contextualizadas.

Na década de 60 do século XX, foi publicado o estudo do economista Simon Kuznets que, através da proposta da "curva de Kuznets" (O'Brien & Williams, s.p), indicou que, nos primeiros níveis de desenvolvimento, o crescimento económico foi acompanhado do aumento da desigualdade. Já nas etapas subsequentes de desenvolvimento, surgiu um cenário menos desigual na distribuição da riqueza. Em 1969, foi publicado o artigo "O Significado do Desenvolvimento" de Dudley Sears, em que se teceram críticas ao modelo de desenvolvimento ortodoxo, por este não incluir objetivos sociais e por não se preocupar com a equidade (O'Brien & Williams, 2010, s.p).

Albert Hirschman (apud Niederle, Cardona & Freitas, 2016), economista alemão radicado nos Estados Unidos da América, apontou que contextos sociais distintos definem trajetórias de desenvolvimento diversas, registando críticas ao modelo de soluções únicas, com imposição do padrão de instituições dos países desenvolvidos, aos países em desenvolvimento.

> "É verdade: o inimigo principal é a ortodoxia. Repetir sempre a mesma receita, a mesma terapia, para curar tipos diferentes de doença; não admitir a complexidade, querer reduzi-la a todo custo; ao passo que as coisas reais são sempre um pouco mais complexas" (Hirschman, 2000, p.96[144] apud Niederle et al., 2016, p.47).

[144] Hirschman, A.O (2000). *A moral secreta do economista*. UNESP in Niederle, P. A., Cardona, J. C. R.& Freitas, T. D. (2016). Hirschman e a economia do desenvolvimento. In P. A. Niederle & G. F. W. Radomsky (Orgs.), *Introdução às teorias do desenvolvimento* (pp. 38-45). SEAD, Editora UFRGS.

Uma outra proposta de crítica ao padrão ortodoxo e conservador do desenvolvimento, está patente na teoria económica de Schumpeter (Pivoto, Caruso & Niederle, 2016. p.19), em que o conceito de desenvolvimento se baseia justamente na inovação que surge, de forma nem sempre previsível, a partir da conjunção das variáveis contextuais e da prontidão das instituições. A inovação provoca uma mudança qualitativa no sistema, tirando-o do seu movimento de crescimento natural e levando-o, em sobressalto, para um novo arranjo, o que representa o fenómeno do desenvolvimento.

O Desenvolvimento é um fenómeno vivo e multifacetado, passou também a ser pensado e analisado a partir do homem-sujeito, conceito explicado pelo sociólogo brasileiro Paulo Freire (1997), que revelou que o desenvolvimento é dependente de uma educação como prática de liberdade. Estamos perante um homem produto da consciencialização das massas, que atinge uma postura de autorreflexão sobre o seu tempo e o seu espaço que, imbuído de consciência, é por si próprio inserido na sua história, agora não mais como espectador, mas como figurante. Neste mesmo sentido, Sen (1999) apostou na condição de agente dos indivíduos para lidarem com as suas privações. A privação de liberdade limita as escolhas e as oportunidades das pessoas para exercer a sua condição de agente e de constituir o desenvolvimento que precisam e, dessa forma, a eficácia do desenvolvimento depende da livre condição de agente das pessoas.

Foram inúmeras as novas perspetivas e interpretações que foram sendo apresentadas e que ratificaram a ideia de complexidade de definição única para o processo de Desenvolvimento. Este está relacionado com o alcance de uma nova configuração e com o movimento entre uma realidade estabelecida e outra que é desejável, notando-se uma ênfase nos componentes que se vão alterando, ganhando ou perdendo pertinência e importância, de acordo com o posicionamento histórico e geográfico analisado.

Não obstante o surgimento das críticas sobre o modelo de "padrão global" de políticas e de governança, e a ampliação e amadurecimento do conceito de desenvolvimento, a ideia de imposição de um modelo de desenvolvimento permanece, e estabeleceu-se tanto pela criação de uma imagem ideal de desenvolvimento a ser conquistada ou imitada, quanto pela exigência da criação de instituições e adoção de práticas de governança como condicionantes impostas aos países que, por exemplo, recorreram aos recursos do Banco Mundial ou ao Fundo Monetário Internacional, para financiar o seu desenvolvimento (Chang, 2007. p.2). Por este motivo, devido aos diferentes tipos e níveis de maturação das instituições e às particularidades intrínsecas de cada país, o processo de desenvolvimento não decorreu de maneira uniforme entre os países. A

globalização e a participação livre no mercado mundial ressalvaram a disparidade existente entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento (List, 1885 apud Chang, 2004, p.16)[145], muitas vezes ampliando e cristalizando a condição e o *status* de ambos, dentro dessas categorias.

Contribuindo para esta dinâmica, no ano de 2000, a Organização das Nações Unidas (ONUa) estabeleceu os *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio* (ODM)[146], apresentando para os países pertencentes à organização, as seguintes áreas prioritárias de atuação: pobreza, educação, empoderamento das mulheres, saúde materna e meio ambiente. O estabelecimento destes ODM representou uma proposta de parceria global de ações de desenvolvimento integrados e interferentes entre si, numa perspetiva de compromisso intergovernamental, dos governos dos países desenvolvidos, dos países em desenvolvimento, do setor privado, das fundações, das organizações internacionais, da sociedade civil e das organizações de investigação, em prol do desenvolvimento e da ampliação de acesso aos direitos humanos básicos.

A ONU(b) informou que houve progressos significativos quanto aos objetivos traçados, e, em 2015, renovou a agenda e estabeleceu os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS)[147], com 17 propostas, com enfoque nas dimensões social, económica, ambiental, paz, justiça e eficácia institucional. Mais de 150 países ratificaram a escolha e definição dessa nova agenda de objetivos como prioridades a serem atendidas até ao ano de 2030.

Por oposição ao pensamento de Chang (2007), a respeito da constituição de um modelo global de desenvolvimento a ser seguido, ou imitado, sem considerar as particularidades de cada país, Rodrik (2012) argumentou que o estabelecimento de "objetivos de desenvolvimento" no âmbito das Nações Unidas tem um caráter apenas propositivo e não impositivo, que estabeleceu mecanismos de fiscalização das ações. Afirmou que houve um efeito positivo de consciencialização e publicitação alcançada com esse tipo de iniciativa, e que o desenvolvimento humano e a redução de pobreza deveriam ser a primeira ordem de negócios entre os países, e não figurar somente como efeitos secundários de razões políticas, militares

[145] List, E. (1885). *The National System of Political Economy.* Longmans, Green, and Company, 1885. (Tradução da edição original alemã publicada em 1841 por Sampson Lloyd) in Chang, H. J. (2004). *Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica* (Trad. Luiz Antônio Oliveira). Editora Unesp.
[146] Organização das Nações Unidas (2000). *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio* – ODM. Consultado em https://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml.
[147] Organização das Nações Unidas (2015). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Consultado em https://nacoesunidas.org/pos2015/.

ou económicas. Segundo Rodrik (2012), a importância da definição de objetivos, ao nível de cúpulas globais como a Assembleia Geral do ONU, está no potencial de alinhamento e difusão que é capaz de provocar.

Dessa forma, a criação de um foco global, a sua comunicação e visibilidade são fatores fortemente mobilizadores que nos remetem para a relevância da discussão sobre a comunicação relacionada com o desenvolvimento, e a sua competência para percorrer caminhos ténues entre histórias, culturas, crenças e contextos tão diversos.

6.2. Comunicação para o Desenvolvimento, um campo normativo em formação

Pereira (2019a, pp.83-84) apontou que a articulação, com relevância académica das questões da Comunicação com as questões do Desenvolvimento, decorreu durante o que o autor chamou de "eixo sintagmático da Guerra Fria". Foi nesse período que surgiram as correntes de pensamento político-ideológico, preconizando um conceito de "mobilidade social" para as sociedades subdesenvolvidas, com o intuito de desenvolverem nelas uma economia de mercado e uma democracia eleitoral de consumo e, dessa forma, serem levadas a reproduzir a sua versão ocidental de nação desenvolvida.

Escudero (2013), por seu lado, afirmou que o objetivo perseguido nunca foi a comunicação para a democracia, mas comunicar e informar tendo em vista a implementação de um modelo económico que tem como fim maximizar os lucros. Por isso, "comunicação e desenvolvimento não se somam como um binómio, os seus significados acabam sendo antónimos" (Escudero, 2013, p. 2). O seu uso nas Ciências Sociais acabou por ser proveniente de uma necessidade de criar narrativas favoráveis ao crescimento económico e, por consequência, a um desejado progresso humano. Definitivamente, esta não era uma ideia partilhada por todas as culturas, já que grande parte dos povos apelidados de subdesenvolvidos não se sentiam, necessariamente, pobres. Pelo contrário, Escudero (2013, p.4) lembrou que muitos deles sequer equacionavam outra forma de viver, e que alguns viviam em culturas em que o desapego material é interpretado como uma virtude libertadora.

Contudo, o sucesso do desenvolvimento segundo uma lógica económica, deu-se a partir da criação de um discurso mediático hegemónico que, de uma forma agressiva impunha ideias, sem que houvesse espaço para reflexões, modificando o comportamento da sociedade e agindo como uma ferramenta para a construção de políticas de desenvolvimento, responsável pela geração de mais desigualdades, fome e guerras (Escudero, 2013).

Nessa condição, a comunicação difundiu o ideal de que "a supressão das necessidades do mundo pobre coincidiria com a satisfação dos interesses do mundo rico" (Pereira, 2019a, p.84), instaurando aqui um eixo dominante e um eixo subalterno (chamado pelo autor de "Sul"), através do qual se define a emissão e a circulação planetária de fluxos comunicacionais. Essa seria a base para a construção de um imaginário perverso, que deu origem a um modelo irracional, insustentável e fracassado, senão veja-se: "em 1960, os países do Norte eram vintes vezes mais ricos do que os do Sul, em 1980 eram 45 vezes mais ricos" (Escudero, 2013, p. 8). Face a esse cenário é compreensível entender que

> "a estratégia de desenvolvimento precisava inventar a existência de um Terceiro Mundo, o subdesenvolvido, que precisava ser redimido de suas "misérias". Tudo isso faz parte das novas formas de manter a colonização e é apoiado pelas mensagens emitidas e pela modelagem da opinião pública, talvez por isso uma parte da população ainda não perceba que o desenvolvimento é o maior fracasso gerenciado pelo ser humano, nunca houve tanta desigualdade e miséria no planeta" (Escudero, 2013, p. 2)[148].

A partir dos anos 50 do século XX, com base em investigações e práticas de comunicação direcionadas para o desenvolvimento do Terceiro Mundo, consolidou-se, segundo uma perspetiva técnica, a área "Comunicação para o Desenvolvimento". Quarry e Ramirez (2009, p.8) informaram que, na década de 70 do século XX, Don Snowden, no Canadá, recorreu a vídeos como ferramenta na resolução de conflitos, e que a professora emérita da Universidade das Filipinas, Nora Quebral, pioneira neste tema, adotou técnicas de comunicação para capacitar os agricultores pobres nas Filipinas. Mas, foi Erskine Childers, um especialista em comunicação irlandês, que levou a ideia de Comunicação para o Desenvolvimento para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e para o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Na sequência, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) criou, na sua sede, em Roma, uma área dedicada à comunicação de apoio ao desenvolvimento e, a partir daí, outras organizações da ONU criaram a sua própria área de

[148] Na versão original "la estrategia del desarrollo necesitó inventar la existencia de un Tercer Mundo, el subdesarrollado, al que era necesario redimir de sus 'miserias'. Todo ello forma parte de las nuevas formas de mantener la colonización y se apoya en los mensajes emitidos y la modelación de la opinión pública, quizás por ello una parte de la población no perciba aún que el desarrollo es el mayor fracaso gestionado por los seres humanos, nunca hubo tanta desigualdad y miseria en el planeta" (Escudero, 2013, p. 2).

comunicação para o desenvolvimento, segundo propósitos e interesses específicos ligados aos seus objetivos e respetivas atuações.

Foi também na década de 70, que Nora Quebral apresentou um conceito de comunicação para o desenvolvimento:

> "a arte e a ciência da comunicação humana aplicada à transformação rápida de um país e da sua população, da pobreza para um estado dinâmico de crescimento econômico possibilitando uma maior igualdade social e uma maior realização do potencial humano" (Quebral, 2012, p. 3)[149].

No conceito acima, Quebral (2012), além de posicionar a comunicação no processo de desenvolvimento, relacionou-o com a ampliação da realização do potencial humano. Esta relação foi também defendida por Sen (1999, p.3), ao definir Desenvolvimento como um processo de expansão das liberdades de que as pessoas desfrutam, assim como por Seers (Baster, 1972 apud Colman, 1983, p.21)[150], que evidenciou uma ligação direta entre o atendimento das necessidades humanas e a realização do potencial humano, pois "fica claro que os valores que necessitamos aparecerão à nossa frente, tão logo nos perguntemos: Quais são as condições necessárias para um objetivo universalmente aceito, o da realização do potencial da personalidade humana?".

Quarry e Ramirez (2009, p.9) referenciaram o que para eles é uma das melhores definições de Comunicação para o Desenvolvimento, lançada em 1998, no livro *Comunicando para o Desenvolvimento* de Colin Fraser, primeiro chefe da unidade de comunicação para o desenvolvimento da FAO, e Sônia Restrepo-Estrada, especialista colombiana em comunicação:

> "a comunicação para o desenvolvimento é o uso de processos de comunicação, técnicas e mídia para ajudar as pessoas a obter uma plena consciência de sua situação e suas opções de mudança, resolver conflitos, trabalhar em direção ao consenso, (...) planejar ações para mudança e desenvolvimento sustentável, ajudar as pessoas a adquirir o conhecimento e as habilidades de que precisam para melhorar sua condição e a da sociedade e melhorar a eficácia das instituições" (Fraser & Restrepo-

[149] Na versão original "The art and science of human communication applied to the speedy transformation of a country and the mass of its people from poverty to a dynamic state of economic growth that makes possible greater social equality and larger fulfillment of the human potential"(Quebral, 2012, p.3).

[150] Baster, N. (1972). *Measuring Development: The Role and Adequacy of Development Indicators*. Routledge in Colman, D., & Nixson, F. (1983). Desenvolvimento econômico: Uma perspectiva econômica (2ª ed., Trad. M. C. P. Guedes). Editora Campus Ltda.

> Estrada, 1998, p.63[151] apud Quarry & Ramirez, 2009, p.9)[152].

Como se constata pelo exposto acima, a realização do potencial humano está no cerne da Comunicação para o Desenvolvimento, mas o conceito também considera o processo através do qual é possível alcançar o seu objetivo maior. Neste mesmo sentido, apresenta-se o conceito cunhado no primeiro "Congresso Mundial da Comunicação para o Desenvolvimento", em 2006:

> "um processo social baseado no diálogo, que usa uma gama ampla de ferramentas e métodos. Trata-se também de buscar a mudança em diferentes níveis, incluindo ouvir, construir confiança, partilhar conhecimentos e habilidades, construir políticas, debater e aprender, para uma mudança sustentável e significativa. Não é relações públicas ou comunicação corporativa" (Morris, 2007)[153].

Reforçando compreensão que apresenta outras dimensões da Comunicação para o Desenvolvimento, trazemos o conceito de Jan Servaes, que afirmou que

> "em essência, a comunicação para o desenvolvimento é a partilha de conhecimento para chegar a um consenso para uma ação que leve em conta os interesses, necessidades e capacidades de todos os envolvidos. Trata-se, portanto, de um processo social. Os meios de comunicação são ferramentas importantes para alcançar esse processo, mas o seu uso não é um objetivo em si mesmo – também a comunicação interpessoal deve desempenhar um papel fundamental (Servaes, 2003, p. 3)".154

Trazemos ainda para a discussão o conceito proposto por 2 especialistas mundiais, teóricos e profissionais que atuam no campo da Comunicação para o Desenvolvimento, Quarry

---

[151] Fraser, C. & Restrepo-Estrada, S. (1998). *Communicating for Development: Human Change for Survival*. I.B. Tauris Publishers in Quarry, W.& Ramirez, R. (2009). *Communication for Another Development: Listening before Telling*. Zed Books.

[152] Na versão original "Communication for Development is the use of communication processes, techniques and media to help people towards a full awareness of their situation and their options for change, to resolve conflicts, to work towards consensus, (….) plan actions for change and sustainable development, to help people acquire the knowledge and skills they need to improve their condition and that of society, and to improve the effectiveness of institutions" (Fraser & Restrepo-Estrada, 1998, p.63 apud Quarry & Ramirez, 2009, p.9).

[153] Na versão original "a social process based on dialogue using abroad range of tools and methods. It is also about seeking change at different levels including listening, building trust, sharing knowledge and skills, building policies, debating and learning for sustained and meaningful change. It is not public relations or corporate communication (Servaes, 2003, p. 3).

[154] Na versão original "(...) in essence development communication is the sharing of knowledge aimed at reaching a consensus for action that takes into account the interests, needs and capacities of all concerned. It is thus a social process. Communication media are important tools in achieving this process, but their use is not an aim in itself—interpersonal communication too must play a fundamental role." (Servaes, 2003, p. 3).

e Ramirez (2009), que nos instruíram, a partir de diversos projetos e contextos, que a comunicação é tudo para qualquer iniciativa de desenvolvimento e que, algumas vezes, há muita comunicação e pouca compreensão. Segundo os autores, isso ocorre porque a comunicação pode ter inúmeras interpretações decorrentes e consolidadas por certos mitos, que podem, na prática, elucidar-nos sobre o que é e o que não é Comunicação para o Desenvolvimento. Os autores elucidaram-nos, também, sobre alguns mitos que existem sobre o conceito, como veremos de seguida.

Como primeiro mito, temos a ideia de que a "comunicação pode ser improvisada a qualquer momento". Para o desmistificar, Quarry e Ramirez (2009, p.11) afirmaram que a comunicação deve ser planeada, é importante que haja uma atitude de investigação de baixo para cima. Definir o público alvo é essencial para precificar e promover o projeto, de acordo com características que possam comunicar, ensinar e promover os seus benefícios. Os autores lembraram que conhecer a realidade do conhecimento existente nas pessoas é um elemento de base ensinado pelo especialista brasileiro em educação e comunicação de adultos Paulo Freire.

Já no segundo mito, julga-se que "a comunicação é o mesmo que o meio". A este propósito, Quarry e Ramirez (2009, p.12) informaram que a comunicação não é um vídeo ou algum meio de comunicação, o processo é o mais importante, e entender o que o público já sabe sobre um tema específico, e a que tipos de meios as pessoas têm acesso, é fundamental.

Sobre o terceiro mito, pensa-se que "as unidades de comunicação nas agências têm um mandato claro". Quarry e Ramirez (2009, p.13) clarificaram que as agências contam com unidades de comunicação que cuidam das necessidades institucionais, assim como das que surgem relativas à comunicação participativa para o desenvolvimento, que acontece no cerne dos projetos em campo. Essa dinâmica leva a uma atuação muitas vezes confusa, já que se tratam de campos totalmente diferentes, por vezes contraditórios, que exigem profissionais e talentos diferenciados.

No quarto mito, julga-se que "a comunicação é simplesmente mandar a mensagem". Explicaram Quarry e Ramirez (2009, p.14) que, na visão equivocada que a indústria do desenvolvimento tem sobre a comunicação, esta seria a mera transferência de informações de um grupo de pessoas para outro, acreditando-se que, se o grupo recetor das informações compreender o que o grupo emissor entende, as mudanças almejadas acontecerão. Esse pensamento é uma das expressões do paradigma dominante do desenvolvimento, que será aprofundado nas secções seguintes, e que apresenta uma dinâmica intervencionista e

instrumentalista, na qual os recursos e informações são interpretados como investimento, e o desenvolvimento como resultado.

Por fim, no quinto e último mito, acredita-se que "a informação fará o trabalho" Quarry e Ramirez (2009, p.14) esclareceram que "há uma lacuna incrível entre o conhecimento e a aplicação desse conhecimento". A falta de informação não é o principal motivo para que as pessoas alterem os seus comportamentos, pois os elementos como a cultura, o género, a idade, a estrutura de poder e a comunidade podem influenciar de uma forma mais preponderante do que a informação.

É importante referir aqui que há uma diferença relevante entre informar e comunicar: informar restringe-se a contar algo a alguém, e parece estar estritamente ligado às pessoas que acreditam que sabem o que deve ser feito em relação às que se encontram num contexto de desenvolvimento; já comunicar envolve contar e ouvir e, como apontou Nora Quebral, a comunicação compreende a existência de uma reciprocidade do pensamento.

Neste ponto de vista, para ouvir é preciso encorajar as pessoas para que expressem as suas necessidades, sendo necessária a disponibilização dos meios para o efeito, propiciando a narração e a escuta. São exemplo disso, de acordo com Quarry e Ramirez (2009, p.42) os fóruns de rádio, os grupos de discussão, os *workshops* e os conselhos municipais. Para os autores, o diálogo e as discussões são caminhos para que se possa responder a um problema de desenvolvimento, de uma forma alinhada com as aspirações e habilidades das pessoas que precisam de ajuda. A conduta baseada no diálogo e nas discussões poderia ser simples e eficaz, mas, na prática, não é o que ocorre. Quarry e Ramirez (2009, p.42) explicaram que o "negócio de desenvolvimento, tornou-se um pesadelo burocrático", sustentado por inúmeros empréstimos e taxas de juros. São negócios administrados como grandes corporações, repletos de exigências burocráticas, e uma cultura organizacional dentro das agências que é apoiada por incentivos e sistemas de recompensas, que facilitam a narração e o uso da comunicação de cima para baixo, ou seja, sem considerar, prioritariamente, o contexto social em que operam.

Veja-se que, nesse ponto, a Comunicação para o Desenvolvimento assume uma natureza que remete para o mercado, negócios, e para a indústria que está por trás e na base do seu desenvolvimento. Essa indústria do desenvolvimento foi referenciada por Manyoso (2017), já no título do seu livro, como *O espetáculo do desenvolvimento*, tendo explicado, nas primeiras páginas da obra, que o espetáculo estava vinculado a uma dinâmica específica de atitudes e de comportamentos dos atores centrais da indústria do desenvolvimento, causados, segundo a autora, por "ignorância, desinformação e arrogância direta, bem como um frequente

desrespeito pelos interesses reais dos grupos beneficiários e seus representantes e estruturas institucionais" (Manyoso, 2017, p.4).

Refira-se que as relações de poder existentes entre os que constroem as representações e os que são representados são desiguais. Sob a visão de espetáculo sobre o desenvolvimento, Manyoso (2017, p.15) chamou este sistema de representações de "pornografia da pobreza" ou a "pornografia do desenvolvimento", descrevendo 4 atributos que caracterizam este funcionamento do espetáculo:

1) o espetáculo da infraestrutura do conhecimento, a partir da qual a civilização ocidental controla a produção de conhecimento sobre o Sul e, nesse sentido, os imaginários do desenvolvimento permanecem baseados em estereótipos que levam ao desrespeito pelas vozes de grupos subalternos e as suas diferenças;
2) o completo desrespeito pelo bem-estar emocional da população local e a imoralidade no volume dos recursos investidos com consultores e funcionários internacionais que, muitas vezes, não trazem benefícios para as comunidades, que permanecem inertes e sem capacidade para parar qualquer contexto imoral ou prejudicial conhecido;
3) a participação dos envolvidos no espetáculo do desenvolvimento. Aqui, dois aspetos chamam a atenção: os funcionários locais mais experientes não detêm os mesmos benefícios que os consultores internacionais; e nem todo o público pode fazer parte do que está em curso, ficando restrito à experiência de assistir ao desenrolar das ações;
4) a ilusão da autorrepresentação, pois ainda que os grupos ou instituições locais tenham meio de conduzir os seus meios de comunicação e de desenvolver as suas narrativas, há uma orientação que persiste e que mantém os mesmos discursos e repertórios.

Portanto, com base nestes atributos, o espetáculo do desenvolvimento, segundo Manyoso (2017, p.15), cria um regime de desonestidade envolto em intervenções irrealistas em benefício de um grupo de opressores. Mais ainda, o espetáculo do desenvolvimento impulsiona a mercantilização da Comunicação para o Desenvolvimento, criando possibilidades e limitações às práticas de comunicação dentro de um campo sustentado por valores, ideologias, lutas de poder e agendas que, muitas vezes, são pouco identificáveis (Tufte, 2017, p.143). Houve uma corporativização da Comunicação para o Desenvolvimento, na direção de uma privatização da cooperação internacional através de alguns atores chave, que foram

exemplificados por Tufte (2017, p. 144): Fundação Rockefeller, Fundação Facebook, Fundação Bill e Melinda Gates entre outras, e que estavam ao serviço da agenda de desenvolvimento privatizado, seguindo uma proposta neoliberal.

Tufte (2017) criticou tanto a prática institucionalizada da Comunicação para o Desenvolvimento produzida por esses atores privatizados, como a das pelas agências da ONU, governos e ONG (Organizações não Governamentais), e acreditava que as visões e as ideias promulgadas por essas instituições não tinham a capacidade de promover mudanças estruturais sustentadas.

Juntamente com essas críticas que envolvem a C4D, para Pereira (2019a) ficaram por resolver 2 grandes problemas, absolutamente prioritários para qualquer prática de Comunicação para o Desenvolvimento. O primeiro deles está ligado ao facto de que comunicação não pode servir de alimento aos que ainda passavam fome; e o segundo, ainda no mesmo contexto, é relativo ao desafio imposto sobre a degradação das palavras, o que ficou mais evidente com Pereira (2019a), a partir de uma nota de Martín Caparro no seu relato analítico intitulado "Fome":

> "como contar aquilo que não sabemos - nem queremos - imaginar. (...) como lutar contra a degradação das palavras? As palavras "milhões-de-pessoas-passam-fome" deveriam significar alguma coisa, produzir certas reações. Mas, em geral, as palavras não têm esse efeito. Talvez acontecesse alguma coisa se pudéssemos devolver o sentido às palavras" (Martín Caparrós, 2016, p. 12 apud Pereira, 2019a, p.87) [155].

Numa postura crítica sobre a Comunicação para o Desenvolvimento (C4D), Pereira (2019a) revelou uma certa distância para chegarmos a um consenso a respeito de um campo normativo para a C4D que, segundo o autor, permanecia num percurso de teoria e de prática envoltos num grande labirinto, em busca de soluções de problemas e assimetrias oriundas de relações de poder.

6.3. Comunicação para o Desenvolvimento e os *Media*

[155] Caparrós, M. (2016). *A fome*. Betrand Brasil in Pereira, R. (2019a). A comunicação para o desenvolvimento nos seus labirintos. In E. Gonçalves (Org.), *Jornalismo e comunicação na aprendizagem do mundo* (pp. 81-90). Mundo Crítico - Revista de Desenvolvimento e Cooperação, CEsA - Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento. Lisboa.

Na perspetiva crítica da Comunicação para o Desenvolvimento proposta por Tufte (2017), a investigação e a prática dessa área deviam ser repensadas, tendo em vista uma comunicação para a mudança social por intermédio de novos atores e novas dinâmicas, que pudessem induzir a comunicação a estimular a mudança social, que é entendida como "um processo não linear, complexo, e muitas vezes contestado, aberto à multivocalidade, diversidade e contestação" (Tufte, 2017, p.172). Para repensar a Comunicação para o Desenvolvimento, considerando a complexidade dessa relação entre o uso dos *media* e os processos de mudança social, o primeiro passo sugerido por Tufte (2017, p.54) é a redefinição do nosso entendimento a respeito dos *media*, comunicação e mudança social, considerando os seguintes fundamentos:

1) o reconhecimento da mediatização como uma força social influente;
2) a ocorrência de uma mudança estrutural sobre a agenda neoliberal focada no crescimento económico e no isolamento de paradigmas de desenvolvimento não ocidentais;
3) a apropriação da perspetiva pós-colonial de mudança social, considerando o ponto de vista do subalterno;
4) a apreensão de uma abordagem do desenvolvimento centrada na cultura e, a partir dela, a escuta da voz do marginalizado e o entendimento da sua diversidade e multiplicidade.

Aprofundando os aspetos relevantes para a Comunicação para o Desenvolvimento, focamos no primeiro fundamento relativo à força da mediatização para a mudança social, Tufte (2017) assinalou que há 4 características comuns que definem o campo de atuação da Comunicação para o Desenvolvimento: 1) a prática institucionalizada da comunicação, como já foi dito mais acima; 2) a obrigatoriedade de se estabelecer previamente objetivos e resultados a serem alcançados; 3) o foco no planeamento de uma comunicação estratégica; e 4) o enquadramento normativo do desenvolvimento. De entre estas características, o autor questionou-se sobre qual seria o papel dos *media* na Comunicação para o Desenvolvimento, nomeando-a, sob esta indagação, como o "ausente notável" (Tufte, 2017, p. 50). Para responder a esta indagação, Tufte (2017, pp.50-52) recorreu à investigação de 2 estudiosos do campo de Comunicação para o Desenvolvimento: Martin Scott (2014) e Manyoso (2012). Ambos propuseram o mapeamento do campo dos *media*, recorrendo à mesma abordagem de 3 fases para os *media* e desenvolvimento: *media* para o desenvolvimento, comunicação participativa e desenvolvimento dos *media*.

Na primeira fase, a dos *media* para o desenvolvimento, a figura dos especialistas nos *media* está no centro do processo, e são eles que os utilizam como ferramentas para a disseminação de informações com o objetivo de impactar e mudar comportamentos individuais, sem, contudo, apresentar qualquer agenda para a mudança social.

Já na segunda fase, a comunicação participativa é capaz de impactar processos de mudança social, a partir de uma abordagem de baixo para cima, cujo fim é o de alcançar a justiça social e o cumprimento dos direitos humanos. Na "participação radical", indicada por Tufte (2017, p.50), está patente uma compreensão de que as diferentes partes interessadas se servem da comunicação participativa para criar desenvolvimento de baixo para cima.

Finalmente, na terceira fase, nomeada de desenvolvimento dos *media*, o setor mediático é visto como uma organização independente e que pode ser fortalecida para a construção do seu melhor desempenho perante a sociedade. Nessa fase, a questão primordial apresentada é de que forma os *media* poderiam influenciar o desenvolvimento, e como esse debate poderia apontar caminhos sobre a democracia e boa governança.

Nesse sentido, Scott (2014 apud Tuftte, 2017, p.52)[156] apresentou os 3 papéis-chave para os *media*, considerando uma visão de comunicação para a mudança social: a função de cão de guarda, a função de definição de uma agenda, e a função de um fórum cívico que propicie o debate público. Não obstante a importância desses papéis para a mudança social, Tufte (2017) apontou uma limitação relevante, visto que, nessas condições, não ocorre qualquer captura das práticas quotidianas de comunicação que são produzidas pelas estruturas dos *media*. Sob o prisma da nova abordagem proposta por Tufte (2017, p.172), a Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social está vinculada ao entendimento de agência e governança e, considerando tais elementos, "os usos e apropriações dos *media* são vistos como processos ativos de criação de sentido".

Apesar da capacidade de criação de sentido já ter sido amplamente discutida no Capítulo 1 desta tese, o que aqui se refere diz respeito, especificamente, a um envolvimento dos cidadãos, dos que são impactados pelos *media*, que constroem bases de conhecimento locais e, a partir daí, orientam processos de mudança social. Foi nesse campo que a proposta de Tufte (2017) floresceu e sensibilizou para "uma necessidade desesperada de uma outra comunicação, uma comunicação que honra e valoriza o ponto de vista cidadão individual ou coletivo, e suas

[156] Scott, M. (2014). *Media and Development.* Bloomsburry Publishing in Tufte, T. (2017). *Communication and social change: A citizen perspective*. John Wiley & Sons.

necessidades de falar para articular suas aspirações e melhorar suas habilidades de agir" (Tufte, 2017, p. 177).

É nessa outra comunicação que encontramos caminhos confluentes entre os *media* e a produção de conhecimento que esteja enraizada localmente, e que exista segundo uma determinada realidade local e uma determinada economia política desse ambiente. Sob a ótica da Comunicação para o Desenvolvimento, Tufte (2017) reforçou que, para além das crises climáticas, financeiras, migratórias, estávamos perante de uma crise de representação do cidadão comum e do cidadão marginalizado, e foi esta a circunstância que impôs a verdadeira crise de desenvolvimento. Tal crise de representação excluía a participação e a experiência dos cidadãos comuns do debate público, mantendo o eixo do conhecimento distante dos quadros interpretativos dos locais marginalizados. Sendo este um tema de grande relevância para esta tese, e para a discussão deste capítulo sobre Comunicação para o Desenvolvimento, será aprofundado numa secção dedicada ao paradigma do pós-colonialismo, designadamente acerca da descolonização de estruturas epistémicas.

6.3.1. Comunicação para o Desenvolvimento e o Entretenimento e Educação

Na década de 70 do século XX, os especialistas em desenvolvimento mostraram interesse no potencial da televisão em disseminar ideias úteis para a instrução e práticas para o desenvolvimento. Nesse período inicial, Melkote e Steeves (2015, p.144) referiram uma primeira experiência decorrida na Índia, com a transmissão por satélites de programas instrucionais para aldeias de localização remota. Com o passar do tempo, observou-se, através de estudos sobre as práticas desses programas instrucionais, que os programas de entretenimento tinham a preferência dos telespectadores, os *media* de massas poderiam ser úteis como agentes de vigilância e favorecer o aumento do nível cognitivo dos telespectadores.

Foi neste cenário que as práticas de Entretenimento-Educação (EE) avançaram, desempenhando uma função de *marketing* social relevante, isto porque "os programas de EE representam uma estratégia única de promoção onde as ideias pró-sociais estão incorporadas em produtos de *media* de entretenimento geralmente como parte de uma campanha de marketing social maior" (Melkote & Steeves, 2015, p.145).

Tufte (2005) admitiu a existência de uma abordagem centrada no *marketing* social, com impacto nos comportamentos individuais, ainda que acreditasse que o Entretenimento-Educação pudesse ir além desse aspeto, afetando a articulação libertadora dos cidadãos e das suas ações para o estabelecimento de uma agenda para a mudança social. Por conseguinte,

podemos dizer que se estava perante 2 tipos de efeitos, ambos relacionados com a mudança social: o primeiro, a nível individual, influenciava a consciência, o comportamento e a atenção para uma meta socialmente desejada; e o segundo, a nível comunitário, inspirava iniciativas públicas e políticas num caminho perseguido por uma sociedade.

Assim, o EE tem sido utilizado como estratégia para espalhar mensagens associadas a questões de saúde, como a promoção de vacinas, a prevenção de doenças, o planeamento familiar e, mais recentemente, ao meio ambiente, desenvolvimento rural, mobilização social e empoderamento de grupos marginalizados (Melkote & Steeves, 2015, p.146). Uma outra estratégia de EE é o aproveitamento das telenovelas para a disseminação de objetivos sociais. Melkote e Steeves (2015, p.146) relataram que o México e a Índia foram os países percursores do EE, com temas ligados, por exemplo, à alfabetização de adultos e ao planeamento familiar, motivando, inclusive, outros países em desenvolvimento – como a Nigéria, o Egito, Brasil, Jamaica, Bangladesh, Turquia, Tailândia, Indonésia e Tanzânia – a recorrer ao entretenimento alinhado com as carências das suas próprias realidades.

O que se pretendia era promover a aprendizagem através de modelos positivos, que permitissem, através da identificação, o apoio social a modelos positivos que fortalecessem valores importantes para a realidade local em que a mensagem é construída. Para Melkote e Steeves (2015, p.149), essa mensagem tem um formato e uma condução lógica e, por isso, "a narrativa é uma poderosa estratégia comunicativa que coloca foco nos princípios de empatia, diálogo e diversidades, inerentes ao modelo de comunicação que ancora a metodologia de contar histórias".

Contar histórias, segundo Tufte (2012), tem um papel ativo na construção de confiança e da consciência, facilitando, assim, a mobilização social e a abertura de um espaço para a articulação das vozes dos desempoderados. Foi através dessa dinâmica de confiança, consciência, diálogo e ação coletiva, que alguns estudos (Melkote & Steves, 2015, p.149) apontaram para a ocorrência de mudanças cognitivas de pessoas expostas a programas de EE. Ainda que esses estudos sejam alvo de inúmeras críticas – uma vez que os programas de EE estão inseridos em campanhas de *marketing* com outras finalidades –, há uma solidez na perceção da sua eficácia na criação de consciência e na propagação de informações com vista ao desenvolvimento.

6.4. Os paradigmas do Desenvolvimento

Para compreender melhor a jornada da Comunicação para o Desenvolvimento é relevante dar ênfase a algumas referências sobre os paradigmas do desenvolvimento, nomeadamente o modelo de "três gerações da comunicação para o desenvolvimento" de Tufte (2017, p. 16); e o pensamento crítico de Dutta (2015), que sugeriu a apropriação da cultura e da participação nos discursos de desenvolvimento como veículos para a promoção do mercado capitalista.

A primeira geração está ligada ao paradigma da modernidade, quando os indivíduos eram considerados passivos e a sua cultura era percebida como um obstáculo ao desenvolvimento. O paradigma da modernidade surgiu na Europa, no pós-Segunda Guerra Mundial, vigorando até aos anos 80, e estava vinculado ao modelo capitalista de produção e ao ideal de que as ex-colónias, naquele momento independentes, deveriam seguir o modelo de sucesso de desenvolvimento dos países que as colonizaram. Nesta época, o desenvolvimento era liderado por uma pequena elite económica, que detinha, inclusive, o domínio dos meios de comunicação.

No paradigma da modernidade, as experiências eram baseadas numa lógica ocidental sobre o desenvolvimento, e mesmo com altos investimentos financeiros que prometiam mudança social, Melkote e Steves (2015) anotaram o fracasso de muitos projetos, os quais, algumas vezes, levaram até mesmo à deterioração da situação dos destinatários. Segundo os autores, a maior parte do discurso sobre o desenvolvimento contava a história de pobreza e desastres, posicionando os destinatários como vítimas e os trabalhadores de ajuda ocidental como heróis.

Nesse contexto, Tufte (2017) apresentou a segunda geração para o desenvolvimento, desta feita focada na procura de soluções para o problema de falta de informação, passando a orientar os indivíduos para desenvolverem a capacidade necessária para resolverem os desafios relacionados com a saúde, educação, higiene, entre outros. Nesta fase, havia um agente facilitador que, regra geral, não pertencia à comunidade, mas que pretendia encontrar pontos de contacto entre a informação que deveria transmitir e a cultura local.

A questão relevante deste paradigma é a desconsideração do conhecimento local e do envolvimento dos cidadãos, mantendo-os num estado passivo de beneficiário e não como protagonistas de assuntos relacionados com a sua própria vida. Segundo Dutta (2015), estas práticas perpetuavam a visão do Ocidente e prejudicavam a participação dos indivíduos em decisões sociais, políticas e económicas relevantes para a sua vida.

Marcando o final da era da modernidade, foi publicado, em 1987, um relatório importante, o *Report of the World Comission on Environment and Development: Our Common Future*[157], fruto de um evento realizado pela Organização das Nações Unidas, "Comissão de Brundtland". Para Ayres (2021), este relatório apresentou uma visão mais ampla a respeito do desenvolvimento e a noção de longo prazo para lidar com o tema. Contudo, esta autora mencionou que o relatório recebeu muitas críticas de investigadores e académicos, uma vez que serviu mais os interesses do capitalismo, dando menos importância aos aspetos sociais e ambientais do desenvolvimento. A partir deste cenário, compreendeu-se que os estudos, práticas e discursos eurocentrados do paradigma da modernidade sobre o desenvolvimento, não funcionaram. E as críticas a esse sistema de conhecimento levaram à revisão da relação entre o conhecimento dominante e o exercício do poder social, afastando a noção de que o conceito de desenvolvimento deve vir do ocidente, de países desenvolvidos, ou dos seus *experts*.

Tufte (2017) também acreditava que o motivo das falhas do paradigma da modernidade estava relacionado com o não envolvimento das práticas de Comunicação para o Desenvolvimento com a cultura e com as crenças das populações envolvidas. Foi a partir dessa constatação que surgiu o paradigma participativo que, mesmo colocando em pauta a relevância do conhecimento local para o desenvolvimento, para Tufte (2017), ainda não era suficiente para a inclusão real dos indivíduos, uma vez que a questão da participação permanecia mais nos relatórios, na teoria, e raramente acontecia na prática.

Essa crítica foi intensificada pelas ideias de Dutta (2015), que apontaram para a instrumentalização da cultura, que acabava por seguir os apelos do modelo ocidental de modernização e considerava as culturas tradicionais como atrasadas. A cultura foi incorporada nos programas de desenvolvimento como um recurso positivo dirigido por hegemonias globais, enquanto um recurso económico e um ator relevante para o crescimento económico.

Para Dutta (2015), a cultura e a participação foram incorporadas pelo novo paradigma da economia do desenvolvimento, estando vinculadas à ascensão global do neoliberalismo, que utilizava a participação e ao empoderamento das bases como estratégia de transferência da responsabilidade do desenvolvimento para as comunidades locais. Assim, a formação de espaços participativos servia para a realização de programas que promovessem ajustes estruturais e formulavam estratégias para a redução da pobreza, de acordo com as imposições do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (Dutta, 2015, p.124).

[157] Tradução livre: Relatório da Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento: O Nosso Futuro Comum.

Nesse sentido, a participação – que trouxe consigo ideias relativas ao empoderamento, e uma aparência de transferência de poder –; a autoajuda comunitária; e o fomento das capacidades empreendedoras, eram ferramentas usadas para a propagação de tecnologias neoliberais do mercado, sendo envolvidaa na busca de novos mercados e, principalmente, na localização de novas fontes de matérias-primas. Desse modo, "a ascensão da lógica do empoderamento e da participação comunitária correspondeu à ascensão do neoliberalismo ligada ao enfraquecimento dos programas de bem-estar social estatal e recursos públicos, a minimização de impostos e tarifas, e a abertura de economias" (Dutta, 2015, p.126)[158].

Essas dinâmicas justificaram as críticas pós-coloniais ao desenvolvimento que apontavam para a existência de uma violência da comunicação, baseada num centrismo ocidental que, como defendeu Dutta (2015, p.127), considerando "as noções ocidentais de modernização como os marcadores universais do desejo global, apagando outras formas de saber ao desconsiderá-las como não científicas e tradicionais, e circulando entendimentos monolíticos de desenvolvimento baseados no mercado economicamente impulsionado"[159].

A materialização dessa violência da comunicação estava patente na definição das agendas de pobreza, desigualdade e insegurança alimentar, segundo o entendimento e os objetivos do desenvolvimento neoliberal, que utilizava a participação, tornando-a num instrumento de violência e como uma tecnologia da comunicação, que empregava mecanismos de persuasão, formação de perceções e de opinião pública. Para Dutta (2015, p.129), a participação é uma dissimulação para "operações neoliberais que deslocam, oprimem e exploram os setores subalternos e extraem recursos subalternos"[160].

Vemos que os resultados advindos dessa participação foram contrários ao que se esperava de uma dinâmica participativa e, é por isso que "a hipocrisia do neoliberalismo está, portanto, justamente no encolhimento ainda maior das oportunidades discursivas de participação das classes subalternas realizadas por meio da linguagem do livre mercado, da abertura, e da participação" (Dutta, 2015, p.131)[161]. A partir dos estudos do autor, podemos

[158] Na versão original "The ascendance of the logic of community empowerment and participation corresponded with the rise of neoliberalism, tied to the weakening of state-based welfare programs and public resources, the minimization of taxes and tariffs, and the opening up of economies" (Dutta, 2015, p.126).
[159] Na versão original "the notions of modernization for-granted as the universal markers of global desire, erasing other ways of knowing by discounting them as unscientific and traditional, and circulating economically drivenmarket-basedmonolithic understandings of development" (Dutta, 2015, p.127).
[160] Na versão original "neoliberal operations that displace, oppress, and exploit the subaltern sectors and extract subaltern resources" (Dutta, 2015, p.129).
[161] Na versão original "the hypocrisy in neoliberalism therefore lies precisely in the further shrinking of discursive opportunities for participation of the subaltern classes accomplished through the language of free market, openness, and participation" (Dutta, 2015, p.131).

dizer que a participação se tornou no objeto primordial para a reinvenção do paradigma dominante da indústria do desenvolvimento do século XXI, integrando-a nas narrativas estatais e mercadológicas de desenvolvimento. E assim, a comunicação participativa, deslocou-se para o centro das políticas de desenvolvimento nos anos 80 e 90 do século XX, como ferramenta estratégica para aumentar, de cima para baixo, o alcance, a eficácia e a eficiência dos programas de desenvolvimento criados por especialistas dessa área, seguindo os interesses do mercado.

É neste contexto controverso que Tufte (2017), um forte defensor da participação do indivíduo, justificou a pertinência da terceira geração da comunicação para o desenvolvimento, reforçando a necessidade da "participação radical" do indivíduo elaborada por Spark (1993), concretizada em acordo com os direitos básicos e a justiça social, contribuindo, de facto, para a recuperação da dimensão política da Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social. A partir desta terceira geração, a Comunicação para o Desenvolvimento começou a valorizar o que tem base no conhecimento local e no alternativo, o que, para Melkote e Steeves (2015), podia até não resolver todos os problemas locais, mas certamente poderia ressuscitar o sistema de conhecimento local até então subjugado, empoderando indivíduos e grupos marginalizados, e criando ambientes de autossuficiência e de autonomia nas atividades de desenvolvimento.

6.4.1. O paradigma do Pós-Colonialismo e os Estudos Subalternos

Numa boa síntese desta tipologia geral de críticas, Grosfoguel escreveu :

> "nos últimos 510 anos do "sistema-mundo patriarcal/capitalista-colonial/ moderno europeu/ euro-americano", passamos do "cristianiza-te ou dou-te um tiro" do século XVI, para o "civiliza-te ou dou-te um tiro" do século XIX, para o "desenvolve-te ou dou-te um tiro" século XX, para o recente "neoliberaliza-te ou dou-te um tiro" dos finais século XX e para "democratiza-te ou dou-te um tiro" do início do século XXI" (Grosfoguel, 2008, p.140).

Com efeito, tanto o estudo, como as práticas da Comunicação para o Desenvolvimento, envolvem muitas disciplinas que vão além dos estudos em comunicação. Por isso, segundo Melkote e Steeves (2015), é relevante considerar, para uma melhor compreensão da Comunicação para o Desenvolvimento, temas como: Ciência Política, Economia, Sociologia, Psicologia Social, Trabalho Social, Educação, Estudos sobre Feminismo e Género, Estudos

Pós-Coloniais, Psicologia Comunitária, Organização Comunitária, Estudos de Política Internacional/Global, Estudos de Áreas Geográficas, entre outros.

Para esta tese, cujo cerne está na experiência pública de um acontecimento mediático ocorrido numa comunidade escolar da zona ribeirinha amazónica[162], interessa-nos o aprofundamento dos Estudo Pós-Coloniais ou os Estudos Subalternos, designadamente acerca de aspetos epistemológicos relacionados com a produção de conhecimento local. Nesse sentido, ressalvamos "a cumplicidade entre ciências sociais e a colonialidade do poder na produção do conhecimento e dos desenhos imperiais globais requer novos lugares institucionais e não institucionais, a partir do qual o subalterno pode falar e ser ouvido" (Grosfoguel, 2008, p.137).

O artigo "Can the Subaltern Speak?[163]", escrito pela crítica e teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak (1993), ficou conhecido como uma das obras fundamentais sobre o pós-colonialismo. Com esse trabalho, entende-se que eram os discursos ocidentais do Primeiro Mundo que representavam o Terceiro Mundo, segundo a forma de produção intelectual ocidental, que permanecia ligada aos interesses económicos internacionais, orientados por regulamentações que fortaleciam uma dinâmica imperialista. Essa representação estabeleceu e mantinha um poder hegemónico, que acabava por estrangular os povos marginais que, sem autorização para narrar, viam as suas consciências formatadas como sujeitos coloniais (Figueiredo, 2010). Na obra de Spivak (1993), o subalterno é sempre aquele que não pode falar e, assim, o silêncio passou a ser uma condição da subalternidade, enfraquecendo a capacidade do outro, do subalterno na sua autorrepresentação e a possibilidade de ser um agente de sua própria história.

Os Estudos Subalternos ligaram os subalternos às pessoas colonizadas, sob a perspetiva da história destes locais dominados, ouvindo os que foram marginalizados e questionando o modo como o pensamento europeu centrado acabou por excluir, a partir de um vínculo de subalternidade, grande parte das regiões do mundo. Houve uma releitura histórica, cultural e social, elaborada através da participação dos que foram silenciados por intermédio de fontes não convencionais, como por exemplo, a memória popular ou o discurso oral, dando voz aos povos marginalizados que convivem com uma realidade opressora e desigual.

Sob o olhar dos movimentos subalternos, as vozes subalternas passaram a ser integradas na participação dos processos de resistência, com vista à implementação de

[162] Na última secção deste capítulo, apresentaremos o trabalho relevante de Loureiro (2022) para esta investigação, publicado no livro *Amazônia, colônia da Brasil*, que caracteriza as comunidades ribeirinhas amazónicas como um público subalterno.
[163] Tradução livre: "o subalterno pode falar?".

mudanças estruturais que fossem capazes de inverter o paradigma do desenvolvimento dominante (Dutta, 2015). Com esse intuito, Dutta (2015, p.131) apontou a "Comunicação Centrada na Cultura (CCA)" como estratégia de descentralização e de exploração de múltiplos caminhos para o desenvolvimento enraizado na cultura. Na participação subalterna, que se reveste de um caráter político, a cultura é vista como um espaço dinâmico de articulação e de contestação e que, segundo o comando popular, oferece resistência às estruturas dominantes de opressão.

A teorização da cultura na CCA contrapõe-se ao entendimento dominante acerca do desenvolvimento, que considera a cultura como um recurso para gerar um desenvolvimento mais sustentável e eficiente, e com uma maior produtividade económica. No domínio cultural, a participação está fora dos mecanismos dominantes de representação do Estado e da sociedade civil, e tem como função principal colocar em questão as práticas opressivas de exploração e de representação construídas em nome do desenvolvimento participativo, fundamentando-se nas perceções culturais locais a respeito da vida humana e do bem-estar (Dutta, 2015).

Há um processo ativo de construção de significados e de ações correspondentes que refletem o livre arbítrio, a vontade comunitária, dentro de uma estrutura. Dutta (2015, p.132) explicou esta "estrutura" como um sistema de organização do mundo material que permitia, ou limitava, o acesso a recursos, em estreita ligação com as vertentes económicas, políticas e culturais da organização social, e as respetivas posições de poder. No contexto da cultura, a estrutura é o local de produção de significados, onde os membros de uma comunidade podem compreender as suas experiências, interagir com os contextos em que vivem, e criar "quadros interpretativos, as redes de significado e as redes de solidariedade em comunidades subalternas" (Dutta, 2015, p.133).

A participação subalterna, sob o ponto de vista da CCA, é concetualizada a partir da relação transformadora com as estruturas locais, nacionais e globais de organização social, conduzindo-a para ter um papel ativo na política popular, que oferece resistência e oposição ao desenvolvimento neoliberal (Dutta, 2015). Houve, nesse sentido, um trabalho para enfraquecer a hegemonia neoliberal por intermédio da articulação de outras materialidades que surgiam a partir da organização de vínculos locais, que trabalhavam coletivamente dentro de um quadro de resistência. Por essa mesma razão, segundo Dutta (2015, p.133), "as teorias do Desenvolvimento emergem, assim, de dentro das comunidades subalternas".

Pode dizer-se, portanto, que a participação subalterna apresenta um entendimento alternativo do desenvolvimento, contrapondo-se ao desenvolvimento como progresso, que

serve os interesses de elites políticas, comerciais ou religiosas, que impõem uma linguagem e promovem ações de dominação, devastando e ameaçando a subsistência e os modos de vida de comunidades subalternas. Como exemplo dessa compreensão alternativa de desenvolvimento, Dutta (2015, p.133) citou um caso de resistência que teve lugar na Índia, no início dos anos 2000, em que um coletivo chamado Dongria Kondh, opondo-se às operações de mineração nas suas terras, lutaram pela posse da montanha de Niyam Raja, que veem como um espaço sagrado. Para esse coletivo, o significado de desenvolvimento está patente na letra da canção:

> "Construíram barragens...
> Aldeias afogadas e ...
> Construíram fábricas.
> Eles cortaram florestas
> Escavaram minas
> E construíram santuários ...
> Sem água, terra e floresta, para onde vamos?
> Oh Deus do desenvolvimento, ora nos diga, como salvar nossas vidas?"[164]

Num outro caso trazido por Dutta (2015), um conjunto subalterno de movimentos sociais e de organizações de movimentos sociais indiano chamado Lok Adhikar Manch (LAM), apresentou a sua versão sobre o que entendem por desenvolvimento, através de uma declaração feita em abril de 2009:

> "não temos nada a ganhar com a liberalização, privatização [*ghoroi korono*] e globalização [*jogothi korono*], de que se fala hoje. Queremos viver da maneira que sabemos viver entre nossas florestas, riachos, morros, montanhas e corpos d'água com nossa cultura, tradições e tudo o que há de bom em nossa sociedade intacto. Queremos definir mudança e desenvolvimento para nós mesmos [*amo unathi abom parivarthanoro songhya ame nirupono koribako chaho*]. Somos amigos da natureza [*prakruthi bandhu*], então nossa principal preocupação é preservar a natureza e aumentar sua

[164] Na versão original "They built dams …
Drowned villages and …
Built factories
They cut down forests
Dug out mines
And built sanctuaries
… Without water, land, and forest, where do we go?
Oh God of development, pray tell us, how to save our lives?" (Dutta, 2015, p.133).

> influência em nossas vidas". (Kapoor ,2011, p. 462165 apud Dutta, 2015, pp.135-136).166

O desejo de definir mudança e desenvolvimento por si próprios, e segundo a perspetiva do que tem valor para o subalterno, faz da escuta um elemento desafiador das narrativas dominantes. E, nesse campo, nas visões e nos valores subalternos, a comunicação desempenha um papel ativo para reimaginar o mundo como um ato de resistência à ordem global atual que, a partir de princípios neoliberais promove, segundo Dutta (2015, p.136), "o apagamento da política popular por meio de programas participativos culturalmente sensíveis".

A imaginação de possibilidades alternativas possibilita a criação de redes locais, que estimulam políticas populares de resistência, a partir da participação subalterna. Contudo, o desafio aqui não se restringe à questão formulada por Spivak (1993), sobre a capacidade de o subalterno de falar, mas sobre a possibilidade de a sua voz ser ouvida nas estruturas criadas pelas elites, que procuram sobrepor os seus interesses económicos, tentando essas vozes subalternas. Por esse motivo, as conversas e os diálogos assumem uma outra dimensão, já que, é através dessas práticas, em que as vozes das comunidades subalternas são registadas, que também se dá o reconhecimento da impossibilidade de serem alvos de escuta.

Historicamente, a configuração do conceito de subalterno aconteceu precisamente pelo silenciamento das suas vozes pelas plataformas de diálogo dominantes, o que, de acordo com Spivak (1993), acabou por separá-los dos processos de mobilidade ascendente, constituindo-os como sujeitos colonizados. Por essa razão, as conversas nas comunidades subalternas foram assumidas como "pontos de entrada para a resistência (Dutta, 2015, p.137)", sendo um referencial metodológico através do qual se verifica um processo constitutivo, a co-construção de um quadro discursivo segundo a dinâmica interpretativa local. Nesse sentido, a conversação nas comunidades subalternas, segundo a CCA, tem como propósito localizar o eixo do

[165] Kapoor, D. (2011). Subaltern Social Movement (SSM) post-mortems of development in India: Locating trans-local activism and radicalism. *Journal of Asian and African Studies, 46*(2), 130-148 in Dutta, M. J. (2015). Decolonizing communication for social change: A culture-centered approach. *Communication Theory*, *25*(2), 123-143.

[166] Na versão original "we have nothing to gain from liberalization [mukto bajaro], privatization [ghoroi korono], and globalization [jogothi korono], which are talked about today.We want to live the way we know how to live among our forests, streams, hills and mountains and water bodies with our culture, traditions, and whatever that is good in our society intact.We want to define change and development for ourselves [amo unathi abom parivarthanoro songhya ame nirupono koribako chaho].We are nature's friends [prakruthi bandhu], so our main concern is preserving nature and enhancing its influence in our lives" (Kapoor, 2011, p. 462 apud Dutta,2015, pp.135-136).

conhecimento dessas comunidades, tendo como efeito a descolonização das estruturas epistémicas e a redefinição das estruturas globais de organização (Dutta, 2015, p.137).

É importante enfatizar que essas estruturas epistémicas apresentam obstáculos no acesso aos setores subalternos, com a imposição de requisitos básicos, como condições de linguagem, alfabetização, capacidade de comunicação, procura de informações e conhecimento sobre propriedade. Contudo, tais exigências são ultrapassadas na política popular, através da participação nas bases, com práticas culturais que funcionam como pontes de negociação com as estruturas dominantes. Explicando melhor,

> "a cultura política existe no domínio do popular, na forma de práticas de participação dos membros da comunidade nas atividades cotidianas da comunidade. A política é, assim, negociada no âmbito do popular. Pessoas comuns que de outra forma estão desvinculadas das estruturas do mercado e da sociedade civil encontram suas vozes na arena da política popular" (Dutta, 2015, p. 138)[167].

A política popular cruza-se com outras estruturas da sociedade civil, estabelecendo uma outra forma de entrada nas estruturas dominantes da democracia liberal, através de parcerias e da construção de vínculos de solidariedade. Esses vínculos são forjados para a articulação de mundos e de visões alternativas de desenvolvimento, baseados numa política subalterna, que se contrapõe e resiste aos quadros impostos por uma dinâmica neoliberalista (Dutta, 2015, p.140).

Perante isso, e a partir de um sistema de valores das comunidades subalternas, verificou-se uma reconfiguração sobre a compreensão da comunicação, que passou a estabelecer processos comunicativos de significação e de configuração das ações, através de histórias de lutas, que insistem e resistem aos quadros imperativos do mercado e ao seu *modus operandi,* centrado na apropriação dos recursos.

Por esse ângulo, segundo o pensamento de Tufte (2017, pp. 169-170), não se pode reduzir a crise do desenvolvimento a questões técnicas sobre os melhores formatos de intervenções, ou práticas comunicacionais. A crise pôs em questão o motivo fundamental dessas intervenções, dos objetivos, dos propósitos, do conteúdo da forma como era organizada, que resultados podiam ser esperados e, acima de tudo, levou ao reconhecimento de outras formas

[167] Na versão original "the Political culture exists in the domain of the popular, in the form of practices of participation of community members in everyday activities of the community. Politics is thus negotiated in the realm of the popular. Everyday people who are otherwise disenfranchised from the structures of the market and civil society find their voices in the arena of popular politics" (Dutta, 2015, p. 138).

de conhecimento, em resultado de uma diversidade de discursos e de práticas alternativas. Para o autor, é exatamente nessa diversidade que se situa o potencial transformador, indispensável para o desenvolvimento. Tufte (2017, p.177), entendeu que "compreender o ponto de vista dos participantes em particular considerando suas experiências e emoções surgiu como uma falha alarmante em muitas intervenções de comunicação estratégica, e é o que os movimentos sociais parecem ter sido capazes de entender".

6.4.1.1. Epistemologias do Sul

Consideramos, para esta tese, pertinente para aprofundar a compreensão dos contextos epistemológicos e a sua relação com o desenvolvimento, iniciando com os preceitos da obra *Epistemologias do Sul*, coordenada por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, publicada em 2009, que contou com a participação de vários autores, como Dussel (2009), Quijano (2005) e Grosfoguel (2008).

Santos e Meneses (2009), explicaram, na parte introdutória da obra supramencionada, que uma nova epistemologia foi criada pela produção e pela reprodução de um conhecimento, que aconteceu a partir de uma experiência social. Assim,

> "epistemologia é toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem se não no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. As diferenças podem ser mínimas e, mesmos grandes, podem não ser objecto de discussão, mas em qualquer caso, estão muitas vezes na origem das tensões ou contradições presentes nas experiências sociais sobretudo quando, como é normalmente o caso, estas são constituídas por diferentes tipos de relações sociais" (Santos & Meneses, 2009, p.9).

Vemos que o conhecimento apresenta uma relação com o contexto em que é produzido, seja em termos culturais, seja em termos políticos e, por isso, as experiências sociais são formadas com o suporte em diversos conhecimentos com características distintas. Foi esta diversidade epistemológica do mundo, que Santos e Meneses (2009, p.12) designaram por "Epistemologias do Sul", sendo a alusão do Sul uma metáfora para trabalhar com um campo de desafios epistémicos, os quais apresentavam o propósito de reparação sobre os danos e impactos causados ao longo da história pelo capitalismo na relação colonial com o mundo.

As “Epistemologias do Sul” definiram que há uma compreensão do mundo para além da perceção ocidental tanto que, de acordo com Santos (2009, p.43), na medida em que possam ser reconhecidas mais compreensões não-ocidentais, maior a probabilidade de reconhecermos a existência de muitas outras compreensões a ser descobertas, sendo incalculáveis as compreensões híbridas, que se fundem a partir de elementos ocidentais e não-ocidentais.

Foi neste contexto que Santos (2014) propôs uma rutura epistemológica com os discursos dominantes de desenvolvimento, promovendo oportunidades para uma outra comunicação, capaz de encadear processos de mudança social, com abordagens de desenvolvimento diferentes das que são guiadas pela lógica dominante. Estamos perante uma experiência social ampla e variada, que produz riqueza social abundante e diversa que, segundo o autor, não pode ser desperdiçada. Santos (2014) sugeriu a criação de um novo tipo de racionalidade, crítica ao modelo ocidental dominante, baseada na crença da capacidade humana de pensar e agir produtivamente sobre o mundo.

Na prossecução dessa missão, Santos (2014) apresentou-nos a “Sociologia das Emergências”, evidenciando a possibilidade de um alargamento simbólico do conhecimento, com a finalidade de constatar as tendências do futuro, que servirão de base para potencializar a probabilidade de esperança por referência à probabilidade de frustração. Nota-se um objetivo duplo nesta caracterização de Santos (2014): o de conhecer melhor as condições para se ter esperança, e o de definir os princípios norteadores da ação capaz de cumprir as condições identificadas.

Tufte (2017, p.168), um entusiasta da “Sociologia das Emergências” de Boaventura de Sousa Santos, entendeu que a ampliação simbólica empreendida nessa dinâmica é, na verdade, uma forma de imaginação sociológica, com um esforço que contempla e integra a reflexão, e a ação. Trata-se de uma forma de organizar as aspirações e a resistência de grupos oprimidos, considerando a mesma escala utilizada pelos seus opressores.

Assim, contrapondo-se a uma epistemologia dominante, que preconiza o conhecimento como regulação e a comunicação orientada para a difusão, as ideias de Santos (2014) estavam enraizadas na reivindicação de uma justiça cognitiva global, fundamentada numa epistemologia de reconhecimento da diversidade, do conhecimento como emancipação, e da comunicação orientada para a participação e para a mudança social.

A nova racionalidade proposta por Santos (2014), alinhou-se com as ideias do sociólogo porto-riquenho Ramon Grosfoguel (2008), segundo o qual, todo o conhecimento se situa, do ponto de vista epistémico, ou no lado dominante, ou no lado subalterno das relações

de poder. Para Grosfoguel (2008, p.120), a dominação e a expansão coloniais europeias/euroamericanas esconderam o lugar do sujeito de enunciação e, com isso, construíram, por todo o mundo, uma hierarquia de conhecimento superior e inferior, criando, consequentemente, a divisão entre povos superiores e povos inferiores.

Na visão de Grosfoguel (2008), o mundo pós-colonial era um mito, uma vez que se continuava a viver numa matriz de poder colonial. A descolonização jurídico-política marcou o fim do colonialismo global, mas eram mantidos sob um regime que Quijano (2005) chamou de "colonialidade do poder". O autor explicou que foi organizado, através da articulação de todas as formas históricas de controle de trabalho em torno da relação capital-trabalho, um novo padrão de poder mundial, baseado inicialmente na utilização de mão de obra não remunerada de etnias colonizadas. E, dessa forma,

> "essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. Em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo: o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle do trabalho. Mas ao mesmo tempo, essa relação social específica foi geograficamente concentrada na Europa, sobretudo, e socialmente entre os europeus em todo o mundo do capitalismo. E nessa medida e dessa maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista" (Quijano, 2005, p. 120).

Estávamos perante um "sistema mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno europeu" (Grosfoguel, 2008, p.124), envoltos por uma dinâmica em que a dominação e a exploração acabam por ser justificadas por uma "Missão civilizadora" (Grosfoguel, 2008, p.136). Sob a lógica da superioridade do saber europeu, propagaram-se discursos desenvolvimentistas, fundamentados no conhecimento científico, que ofereciam uma fórmula colonial sobre como reproduzir o mundo ocidental.

Foram os saberes subalternos, por intermédio de formas de conhecimento híbridas, que ofereceram um espaço para que fosse possível pensar novas utopias. Nesse sentido, "a cumplicidade entre as ciências sociais e a colonialidade do poder na produção de conhecimento e dos desenhos imperiais globais requer novos lugares institucionais e não institucionais a partir dos quais o subalterno pode falar e ser ouvido" (Grosfoguel, 2008, p.137). Foi assim que surgiu

o “pensamento de fronteira” como resposta epistémica do subalterno que, segundo Grosfoguel (2008, pp.137-138), representava um posicionamento face à imposição ocidental colonial eurocêntrica, dividida entre o nacionalismo e as abordagens fundamentalistas envoltas nas teorias que discutem o Terceiro Mundo. Esta resposta epistémica do subalterno produziu uma redefinição do que se entendia por relações económicas, bem como dos conceitos e das práticas atrelados à cidadania e à democracia.

Seguindo esse entendimento, na procura de respostas críticas descoloniais que considerassem culturas e lugares epistémicos subalternos, encontrámos o projeto utópico nomeado como “Transmodernidade”, apresentado pelo filósofo da libertação Enrique Dussel, cuja proposta estava fundamentada na concretização do projeto da descolonização (Dussel, 2001).A Transmodernidade indica a diversidade como projeto universal, considerando um diálogo intercultural entre o Norte e o Sul, com o propósito de descolonizar as relações de poder e de promover a imaginação de mundos alternativos, para além do eurocentrismo, ou dos posicionamentos fundamentalistas. Foi justamente a alteridade epistemológica e o reconhecimento e união dessas diversidades, que se apresentou como resposta aos desafios da modernidade (Dussel, 2001).

Essa união foi a base para a construção de um universo de significação, de um novo imaginário de libertação, voltado para uma luta anticapitalista radical contra o sistema. Portanto, a concretização de alianças é um elemento fundamental para a promoção do projeto de Dussel (2001), isto é, “o sistema de exploração é um espaço de intervenção crucial que requer alianças mais vastas, em termos não apenas de raça e diferença sexual, mas também de classes e entre uma diversidade de grupos oprimidos” (Grosfoguel, 2008, p. 141).

Complementando o raciocínio de Grosfoguel (2008) em busca de soluções globais descolonizadas, o autor defendeu a “Socialização do poder”, proposta por Quijano (2005), com vista à democratização radical das hierarquias políticas. Para Quijano (2005, p.138), “o socialismo deve conduzir a um caminho de “devolução do controle sobre o trabalho/recursos/produtos, sobre o sexo/recursos/produtos, sobre a autoridade/instituições/violência, e sobre intersubjetividade/conhecimento/comunicação à vida cotidiana das pessoas”. O que, na visão de Grosfoguel (2008, p. 142), promoveu a autogestão como instrumento democrático, uma vez que “as comunidades, empresas, escolas, hospitais, e todas as instituições que atualmente regulam a vida social seriam autogeridas por gente apostada em alargar a igualdade social e a democracia a todos os espaços do existir social”.

Para que a "Socialização do poder", proposta por Quijano (2005), pudesse traçar uma jornada adequada em favor da descolonização, foi crucial a criação de instituições públicas globais que garantissem a igualdade e a justiça, na produção e distribuição dos recursos mundiais pois, segundo Grosfoguel (2008, p.143),

> "a descolonização da economia política do sistema mundo patriarcal capitalista colonial/moderno, exige a erradicação das contínuas transferências de riqueza do Sul para o Norte e institucionalização de uma redistribuição global e da transferência de riqueza do Norte para o Sul".

Considerando a matriz do sistema mundo atual, o êxito de qualquer projeto de descolonização passará pela revisão da dinâmica global de transferência de riquezas. Vemos que os autores referenciados apresentaram abordagens complementares, com propostas que partem do reconhecimento da diversidade epistémica e do uso da reflexão e da ação integradas para a construção de soluções que possam dar suporte a um projeto que desafie o que Quijano (2005) designou como "colonialidade do poder". A descolonização pensada e perseguida por estes autores, possibilita um pensamento maduro e tangível, a respeito das bases e da estrutura de mundo a partir das quais devemos pensar o desenvolvimento.

Neste caminho, transpassado por componentes culturais, sociais e económicas, foi o sociólogo colombiano Grosfoguel (2008, p. 144), inspirado na fusão entre a "Transmodernidade" de Enrique Dussel e na "Socialização do poder" de Anibal Quijano, que nos ofereceu uma proposta de projeto de libertação, por ele nomeado de "Diversalidade anticapitalista descolonial universal radical", fazendo-nos crer que libertação, desenvolvimento e descolonização são termos que precisam estar em união.

6.4.1.2. *Amazônia Colônia do Brasil*

Esta secção será dedicada à exploração da mais recente obra *Amazônia Colônia do Brasil*, escrita pela socióloga Violeta Loureiro (2022), uma intelectual brasileira, nascida e criada na cultura da vida amazónica, em que procurou compreender a subordinação e a pobreza da região considerando o contexto nacional.

Nesta secção apresentaremos uma transição importante, e traremos, ainda, elementos teóricos relevantes para a discussão da primeira parte desta tese, com a imersão nas especificidades do contexto amazónico e dos aspetos relevantes da sua história, que determinam a sua condição colonial, a partir dos processos culturais e históricos que, como instruiu Loureiro (2022, p.12), causando a "permanente e persistente canibalização" da Amazónia. A

compreensão da realidade regional, sob o olhar de uma das maiores teóricas atuais sobre a Amazónia, construirá uma estrutura responsável para seguirmos com a segunda parte desta investigação, a partir de análises assentes numa perspetiva alinhada com a construção de uma proposta de resposta à questão geral formulada no início deste trabalho. A Amazónia é um elemento primordial neste estudo, que versa sobre a experiência pública vivida num acontecimento mediático específico, que ocorreu numa comunidade escolar ribeirinha, na Ilha do Marajó[168], localizada numa área que abrange 40.100 km^2 de floresta amazónica.

O que confrontaremos a seguir relaciona-se com o facto apontado por Loureiro (2002, p.16), de que, desde o passado até aos dias atuais, a Amazónia não é reconhecida como fazendo parte do "eu nacional" interior, sendo vista como o "outro", o "estrangeiro dentro do seu próprio território.

O primeiro documento oficial escrito pelo governo federal foi um discurso do então presidente Getúlio Vargas, apresentado no dia 10 de outubro de 1940, em que deixou claro o tom de missão civilizadora sobre a Amazónia, assente na superioridade dos que empreenderiam tal encargo. Senão veja-se:

> "nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os valores das grandes torrentes equatoriais transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. E a nós, povo jovem, impõe-se a enorme responsabilidade de civilizar e povoar os milhões de quilômetros quadrados (da região)" (Vargas, G., 1940169 apud Loureiro, 2022, p. 18).

Desta forma, a Amazónia começou a fixar a sua presença no imaginário social brasileiro como um elemento a ser explorado, dominado, disciplinado, disseminando, de forma subjacente, a ideia da existência de povos inferiores que ali habitavam. A exploração económica desta zona foi estabelecida como primeiro enfoque, tendo surgido, em 1968, um projeto do Estado chamado "Operação Amazônia", convidando grandes grupos económicos e financeiros, nacionais e estrangeiros, para uma "grande aventura de conquista e exploração econômica", que motivava o país para a ocupação de um lugar vazio e improdutivo (Loureiro, 2022, p. 22).

---

[168] A Ilha do Marajó foi apresentada, nos seus aspetos históricos, culturais, sociais e económicos, no Capítulo 1 desta tese.

[169] Vargas, G. (1940). O destino brasileiro do Amazonas - discurso pronunciado no Ideal Club, de Manaus, agradecendo o banquete oferecido pelo interventor e pelas classes conservadoras do estado. Biblioteca da Presidência da República - Brasil. Acedido em http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/31.pdf/view in Loureiro, V. (2022). *Amazônia: Colônia do Brasil*. Editora Valer.

Como consequência, a Amazónia passou por ciclos de intensa exploração, como por exemplo, o ciclo da borracha durante a Segunda Guerra Mundial e, nos anos 80, o ciclo do ouro, quando milhares de homens trabalhavam sob condições degradantes e desumanas, num local chamado de "Serra Pelada"[170].

Para compreender melhor a Amazónia e o processo político económico em que está enquadrada, Loureiro (2022, p.24) apresentou uma proposta nomeada "os quatro pontos cardeais", todos ligados à presença do que Loureiro (2022, p.24) chamou de "paradoxo amazônico", circunstância em que se reconheceu, nesta região, a coexistência de riqueza natural e de pobreza social. No primeiro ponto cardeal, a autora salientou a invisibilidade dos povos indígenas e caboclos, pois os governos não os viam como cidadãos brasileiros, nem a sociedade elitizada consentia a convivência tranquila entre povos de culturas diferentes. A falta de adesão dos povos amazónicos às ideias de progresso e de evolução, determinou o entendimento a respeito da sua inferioridade.

Com relação ao segundo ponto cardeal, Loureiro (2022, p.29) iniciou a sua explicação com as perguntas: "por que a riqueza escorrega sempre em direção daqueles que já são ricos? Quem é responsável por isso?" A resposta revelou muito do sistema baseado na concentração de riqueza em que estavam inseridos, pois o modelo de desenvolvimento brasileiro mantinha-se fundamentado na prevalência do capital subsidiado pelo governo em prol das elites. Nesse sentido,

> "o estudo da história social e econômica do país mostrara, desde sempre, algumas características perversas da sociedade brasileira, que justificavam e viabilizavam a preferência do Estado pelas elites: a relação direta e íntima destas com o poder central, que se reproduzia nos níveis regionais; o apoio mútuo entre Estado, governos e classes dominantes, uma vez que o sistema político brasileiro, especialmente no que tange ao processo eleitoral, desde a fase dos 'coronéis de barranco', se apoia nas classes dominantes e elites em geral e as mobiliza como sustentáculos políticos" (Loureiro, 2022, pp.32-33).

Este modo de funcionamento ocorreu, nomeadamente no caso amazónico, através de concessão, ou de algum tipo de facilidade na compra de terras, de incentivos financeiros, de isenções de impostos, entre outras práticas que fomentaram o acúmulo de capital por grupos

[170] No empreendimento de proporção gigantesca criado para a exploração do ouro amazónico, o Estado brasileiro era o único comprador do ouro para saldar a dívida nacional do país.

sociais diferenciados, e que acabou por causar um grave efeito colateral com a reprodução da desigualdade social.

O envolvimento das elites como mandatárias do governo central, com o propósito de promover o desenvolvimento amazónico, levou à perda de uma organização social pré-existente e, como explicou Loureiro (2022, p.34), "abriu uma fenda na harmonia amazônica", em prol de uma cultura do favorecimento dos brancos civilizados. Este comportamento indiciou, na prática, os fundamentos de uma ideologia da superioridade racial branca. Por todo o exposto, e em suma, as questões enunciadas no início do segundo ponto cardeal, tem a sua melhor resposta na seguinte explicação:

> "hoje, o que se constata cientificamente, e na prática cotidiana, pelo cidadão leigo, é que a origem da desigualdade social brasileira está, basicamente, na concessão e na transmissão de privilégios especiais para as classes alta e média, herdados, desde o período escravocrata, como "naturais" e meritórios, acumulados, renovados estruturalmente e legitimados na vida cotidiana. E, de outro lado, na perpetuação de condições desfavoráveis e na negação das mesmas vantagens, direitos e serviços não estendidos aos demais. Assim como a naturalização das carências, que são transferidas pelas políticas públicas, mecanismos legais e institucionais do Estado brasileiro, de geração a geração, às classes pobres" (Loureiro, 2022, p.38).

Passando ao terceiro ponto, que tem a seguinte pergunta norteadora: "o que justifica a repulsa à natureza e em especial à bela e generosa floresta amazônica?" (Loureiro, 2022, p.39). Neste cenário, partimos da constatação do estímulo e do financiamento pelo governo para a destruição da maior floresta tropical do mundo, entendendo que os mecanismos estatais promovem de forma antagónica, a produção e a reprodução da riqueza e da pobreza. Face a essa observação, Loureiro (2022, p.47) expôs a característica pendular do Estado brasileiro, que aplica decisões ambíguas, sem respaldo técnico, científico e até mesmo sem conhecimento político a respeito da magnífica e, simultaneamente, enigmática, desafiadora e complexa região amazónica. Nessas circunstâncias, para a autora, o Brasil, depois dos seus 200 anos de independência, continuava à procura de um perfil próprio e de um projeto de Nação.

Sob a perspetiva do modelo de desenvolvimento sugerido pelo Estado, a mata e a natureza eram vistas como obstáculos, e as árvores deveriam ser substituídas por pastos de capim, para alimentar a criação de bovinos. Havia uma depreciação do valor da natureza independentemente dos conhecimentos científicos, económicos ou naturais disponíveis, bem como um desprezo sobre o saber apropriado pelas comunidades amazónicas, que revelavam

outras visões de desenvolvimento fundamentado no potencial biológico, bioquímico e farmacêutico da floresta (Loureiro, 2022, p.52).

Para responder à questão formulada no terceiro ponto cardeal, Loureiro (2022, p.52) elegeu três pontos importantes vinculados ao problema da pergunta, a saber:

> "a) que não se tratava de desconhecer o saber local, popular, e colocar o científico como superior a ele, e, sim, de interesses econômicos nacionais e globais, que, pela força do capital de que dispunham, se sobrepunham aos dois anteriores; b) do comportamento mais do que secular do Estado brasileiro de privilegiamento das elites; c) e, como consequência, que a atribuição de valor zero à mais rica e biodiversa floresta do mundo (como foram as práticas dos órgãos federais e estaduais, quando da concessão de terras e incentivos à pecuária e à exploração da madeira), deveu-se ao aproveitamento de um elemento cultural das elites brasileiras e, mesmo, regionais, o preconceito contra "a mata", como algo selvagem, indomável, caipira e prova inconteste de nossa condição como sociedade primitiva!".

O quarto e último ponto cardeal apresentado por Loureiro (2022, p.53), para compreender a situação paradoxal da região amazónica, estrutura-se a partir da seguinte pergunta: "por que os saberes locais eram desprezados?". Segundo a autora, os moradores da Amazónia, em nenhuma ocasião, foram consultados sobre a sua visão a respeito do desenvolvimento da região em que viviam.

Pelo contrário, face à missão civilizadora do centro-sul do país, os responsáveis pelo pensamento e pelo planeamento do desenvolvimento da Amazónia foram os escritórios localizados naquela região, que venceram licitações promovidas pelo governo do Estado. As bancas eleitas eram representadas por profissionais respaldados em princípios racionais aparentemente profundos e nobres, mas que, na sua maioria, nunca tinham estado no território amazónico, ignorando as comunidades residentes e o grande potencial de recursos naturais. Nesses trabalhos mandatados ao Sul, foram raras as intervenções de técnicos e investigadores especialistas da região que tinham oportunidade, ou autoridade, para colaborar com os objetivos do Governo.

Assinala-se aqui a manifestação de uma ideologia do desenvolvimento baseada no vínculo da região amazónica com o capital internacional, a extração mineral e o agronegócio, desconsiderando, conforme esclareceu Loureiro (2022), que essa estratégia económica não tem qualquer impacto na melhoria das condições de vida das comunidades regionais. E assim, frente

a tantos equívocos fundamentais dos primeiros planos regionais, revelou-se a construção da subalternidade da Amazónia, a partir de "elementos que foram forjando no imaginário da sociedade brasileira, a ideia de Amazônia, como estranha, problemática e diferente do restante do Brasil" (Loureiro, 2022, p.147).

A diversidade dos traços culturais amazónicos, o isolamento e a distância do centro do poder político e económico do país, possibilitaram que a região fosse vista como o estranho, ou o selvagem, dentro do Brasil, respaldando uma dinâmica civilizatória baseada na destruição e na submissão de culturas e de povos. À vista dessa circunstância, grande parte da população amazónica sentiu-se inferiorizada, tendo-lhe sido atribuídos indicadores sociais e económicos persistentemente baixos, e tendo sido lesada, considerando a reincidência, durante séculos, de uma relação governamental marcada pela exploração.

A economia de base extrativista e a distância entre as regiões mais desenvolvidas do país, gerou, como informou Loureiro (2022, pp.217-218), um "polo de subordinação", uma "relação estrutural de colonialidade entre o Brasil moderno e a Amazônia atrasada", que ainda precisou lidar com inúmeras carências, como infraestrutura, educação, sanitária, aprofundando cada vez mais a dependência económica e cultural da região.

A Amazónia foi mantida numa nova situação colonial, propiciada pelas condições históricas da sua formação como "o outro" e, sendo organizada a partir da sua colonialidade, apresentou as seguintes características:

> "a) perda de autonomia político-administrativo-burocrática sobre seu próprio território;
>
> b) perda de auto-determinação decisória na esfera político-jurídica;
>
> c) perda duradoura de autonomia econômica;
>
> d) a condição anterior, por sua vez, compromete a capacidade decisória, no que se refere à concepção de planos e projetos voltados para empreendimentos econômicos de maior monta;
>
> e) a incapacidade de definir seu próprio modelo de desenvolvimento regional, segundo suas potencialidades e especificidades;
>
> f) no caso amazônico, as elites regionais encontram-se em condições de inferioridade em relação às elites nacionais, especialmente nos campos político e cultural. No primeiro caso, acabam tendo pouca representatividade pública e, muitas vezes, assumem a condição de aliados, "assimilados" ou cooptados pelos grupos mais fortes. E, no segundo caso, são inferiorizados em relação aos intelectuais

> do Centro-Sul, uma vez que figuram como representantes de culturas "menores", rebaixadas, “típicas”, que não espelham, não exprimem e não são reconhecidos ou identificados como representativos da identidade e da cultura nacionais como um todo” (Loureiro, 2022, p.224).

Todos estes elementos que ordenaram e compuseram a colonialidade da Amazónia foram subsidiados por mecanismos legais, institucionais, financeiros e sociais do próprio Estado, que “mantém e renova, sem cessar, os instrumentos e as estruturas de espoliação, dominação e esvaziamento político da região amazônica” (Loureiro, 2022, p.343). Percebeu-se, então, que essa dinâmica colonial se revestia de princípios e ideologias fundamentadas no progresso e no desenvolvimento que, na verdade, levavam a efeitos contrários, pois o que se notava eram situações opostas à conceção de desenvolvimento ou de modernização, tais como: conflitos e mortes no território amazónico, trabalho escravo e em situações degradantes, desemprego acentuado, multiplicação da pobreza, intensa criminalidade, entre outras repercussões procedentes de um modelo de desenvolvimento baseado na centralização de rendas e que se manifestava na destruição das formas tradicionais de vida.

O capital comercial, financeiro e industrial instrumentalizou o neoliberalismo, retirando direitos e empobrecendo milhares de pessoas, aumentando a riqueza de grupos de classes superiores, propiciando o que Loureiro (2022, p. 348) nomeou de “pseudodesenvolvimento”. A Amazónia e as suas comunidades foram silenciadas e sacrificadas, os direitos de minorias e de pobres violados em prol da exploração e da destruição da natureza, garantindo, com altos custos ambientais, sociais, culturais e até mesmo humanos, uma contribuição relevante para os indicadores económicos nacionais.

Por tudo o que foi exposto nesta última secção, sustentamo-nos nas palavras carregadas pela legitimidade construída pelo saber e pelo viver amazónico de Loureiro (2022), para contribuir e multiplicar a perceção de que, se a Amazónia foi uma colónia de Portugal, hoje é uma colónia do próprio Brasil.

6.5. Comunicação, Desenvolvimento e Espiritualidade

Segundo Manyoso (2017, p. 27), grandes teóricos como Paulo Freire (1970), Gutierrez (1988), e Escobar (1995), entre outros, acreditavam que o desenvolvimento é muito institucionalizado, instrumentalista e economicamente determinista, para entregar à humanidade a satisfação plena que esta busca. Diferente do desenvolvimento centrado nas necessidades socioeconómicas, na *praxis* de libertação que apresenta, a liberdade provoca a

emancipação total da opressão e tem como propósito afetar as formas externas e internas, materiais e espirituais do desenvolvimento. Seguindo essa premissa, a libertação está ligada a conceitos espirituais, e a conquista da humanidade só é possível a partir da fé das pessoas em Deus e noutras divindades. Nesse aspeto, e baseados no estabelecimento de vínculos espirituais, a mudança libertadora ocorre quando todas as formas de opressão são denunciadas e os indivíduos passam a encarar os seus próprios preconceitos, ignorância e arrogância, imaginando, a partir desse confronto, possibilidades de mudança social (Manyoso, 2017).

Reconhecendo os aspetos espirituais relacionados com a *praxis* de libertação, Manyoso (2017) destacou o facto de que os grupos oprimidos precisavam aprender a aceitar que a situação em que viviam não era aceitável e "que a própria mudança positiva, ou sua ideia é de natureza revolucionária e conflituosa, que a mudança é desestabilizadora e brutal, pois envolve quebrar a própria violência que gera opressão, muitas vezes espiritualmente e empiricamente" (Manyoso, 2017, p.28).

Destoando da regra de que são as crenças racionais que moldam as práticas de desenvolvimento e de comunicação, Melkote e Steeves (2005, p.333) destacaram que as dinâmicas emancipatórias apresentam características e elementos fundamentais motivados por preocupações filosóficas:

1) as necessidades materiais e espirituais, que estão ligadas dialeticamente, já que os objetivos de crescimento espiritual individual e de empoderamento são tão relevantes quanto a satisfação das necessidades materiais;
2) os projetos com esta abordagem não aceitam diagnósticos de desenvolvimento apresentados por pessoas de fora da comunidade. O processo de discussão e de tomada de decisão comunitária baseia-se nos seus valores culturais e espirituais;
3) os líderes religiosos e a prática religiosa desempenham um papel meritório no processo mencionado no item anterior;
4) os projetos estimulam a participação de várias classes sociais, considerando que as contribuições para tratar dos problemas sociais estão relacionadas e dependem do despertar espiritual de todos.

Tendo em consideração o enfoque espiritual nas dinâmicas comunicacionais, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire foi o estudioso mais influente a aplicar a teologia da libertação às práticas de comunicação, em contextos de desenvolvimento. Baseando as suas ideias na teologia da libertação cristã, apresentou, como argumento central, a "Pedagogia do

Oprimido" (Freire, 1970), declarando que é vontade inata das pessoas a intenção de se tornarem humanos, o que significa estarem livres de qualquer forma externa ou interna de opressão.

Melkote e Steeves (2015, p.335), que se propuseram a aprofundar o pensamento Freiriano, sugeriram que as fontes de opressão incluíssem interseções sociais, como por exemplo género, raça, etnia, religião, nação, deficiência, idade, educação, e pudessem ser impostas externa ou internamente (dir-se-ia, até, psicologicamente), ambas relacionadas com a imposição de limitações que abalam o senso interno de empoderamento. Para os autores, a pobreza como fonte de opressão tem especial destaque, visto que as diferenças trazidas pela riqueza e a pobreza extremas estavam, historicamente, vinculadas com a violência e o engano, obstáculos importantes na procura da estabilidade social e da paz. Outra fonte de opressão, referenciada pelos autores, era o sistema tradicional de educação, caracterizado por Freire (1970) como "educação bancária", através da qual os que se consideravam conhecedores concediam o conhecimento como um presente para os que eles consideravam não saber nada.

Na educação bancária debatida por Freire (1970), as pessoas eram vistas como seres passivos, faziam pouco pelo contexto em que se inseriam, adaptavam-se às condições que lhes eram apresentadas e, juntamente com o sistema de bem-estar social, conseguiam manter relações de classe e de poder que não demonstravam ameaças às posições de poder dos opressores. Era desencorajado o pensamento crítico, ao mesmo tempo que se estimulava a manutenção do *status quo* imposto pelo sistema de opressão.

Esse sistema de opressão foi, também, alimentado e mantido por professores e especialistas em comunicação, que estavam envolvidos em organizações opressoras e, segundo Freire (1970), acabavam, eles próprios, por ser tão oprimidos quanto as suas vítimas. Estes indivíduos tinham a sua capacidade de perceção limitada pelos opressores e não percebiam que os atos de dominação eram desumanizadores, pois qualquer relacionamento que parta de uma posição de controle repressivo é totalmente contra a própria natureza humana.

Foi neste cenário que Freire (1970) elaborou o seu raciocínio para o processo dialógico de libertação, partindo da premissa de que os indivíduos têm a capacidade interna para se desenvolver segundo os seus próprios termos, mas têm a necessidade de ter relacionamentos para reconhecer e agir de acordo com essa capacidade. Esses relacionamentos dependem de um processo de comunicação, que está vinculado a uma construção de significados partilhados.

Sob a ótica da teoria da libertação, a Comunicação para o Desenvolvimento não deve ser praticada como uma ferramenta para a entrega de mensagens, mas sim, de acordo com Freire (1970), como um diálogo emancipatório, concretizado num ambiente de humildade e de amor,

de forma igualitária, examinando conjuntamente as experiências de opressão sob as quais os indivíduos são submetidos. É no diálogo emancipatório proposto por Freire (1970) que ocorre uma experiência de aceitação e de afirmação nos relacionamentos, levando à comunhão com o propósito de libertação, ao desenvolvimento da comunidade, libertando as pessoas para imaginar e determinar o seu próprio futuro.

Para Freire, a Comunicação para o Desenvolvimento leva à expansão da consciência e do poder interno do indivíduo, que se torna capaz de fazer escolhas potencialmente transformadoras, assumindo riscos, perdas e mudanças fundamentais para a sua vida. Nesse processo, em contato com as suas fontes de opressão, também encontra as suas próprias fontes de poder, o que fornece a estrutura para a determinação das soluções individuais ou coletivas.

Para Melkote e Steeves (2015), a prática espiritual, que pressupõe a presença humana e a sua ligação com o que é divino, é a base fundamental para o sucesso do processo de despertar, através do diálogo proposto por Freire (1970). Por intermédio da prática espiritual, são gerados os recursos que oferecem energia e motivação para que ocorra uma mudança pessoal e social.

6.5.1. Comunidade Eclesial de Base

A Teologia da libertação manifestou-se com maior relevância na América Latina, no final do século XX, através do surgimento das Comunidades de culto, Análise social e Ativismo (CEB). Melkote e Steeves (2015) contaram que o pós-Guerra[171] trouxe um cenário de grandes mudanças globais, que levou à escassez de padres, especialmente nas regiões periféricas. Para tratar dessa questão e atender às comunidades católicas que precisavam aguardar meses para a prática de sua fé, foi criada, no início da década de 50, uma experiência catequizadora, cujo principal elemento foi a formação de pessoas leigas para reunir os fiéis e para liderar as reuniões de oração. Para albergar essas missas sem sacerdotes, foram construídas casas que, com o tempo, passaram a ser usadas com outras finalidades, para albergar eventos sociais e como cooperativas de alimento.

No Brasil, a abordagem política e ativista das comunidades de base começou a ter maior expressão a partir do final da década de 60 e no início da década de 70, logo após o golpe

[171] O autor refere-se à Segunda Guerra Mundial, um conflito em escala global que aconteceu entre os anos de 1939 e 1945.

de 1964, que implementou uma ditadura militar repressiva[172]. Neste contexto, verificou-se uma maior censura e o encerramento de espaços que, tradicionalmente, serviam de palco para as discussões políticas. Segundo Melkote e Steeves (2015, p. 340), foi este o cenário que levou ao aumento da importância das comunidades espirituais para a consciencialização política, recorrendo à análise bíblica para as discussões referentes às necessidades materiais e espirituais comunitárias.

Foi a partir do primeiro encontro nacional de líderes comunitários de base, realizado em 1975, que as comunidades de base se transformam num movimento nacional que, de forma organizada, passaram a influenciar a política, fomentando uma mudança social progressiva. Com o enfoque na articulação sob as premissas da "Teologia da Libertação", nomeadamente acerca das necessidades dos pobres, da redução do papel da tradição e da hierarquia da igreja, Melkote e Steeves (2015) afirmaram que o movimento CEB desempenhou um papel relevante no derrube do governo militar e na reabilitação das eleições democráticas brasileiras, em1985. Por outro lado, a lógica marcadamente não hierárquica das CEB, fez com que começassem a perder o apoio da igreja católica.

Durante as reuniões das CEB, aplicava-se uma metodologia de 3 partes chamada "See-Judge-Act"[173], iniciada por um processo de oração, seguida por um diálogo crítico, e culminada em ações práticas, com o objetivo de provocar uma mudança social. Dessa forma, após uma oração na abertura das reuniões das CEB, Melkote e Steeves (2015, p. 341) explicaram que, na primeira fase –, a da "visão" –, as pessoas presentes eram convidadas a partilhar as suas experiências e preocupações, fossem elas de natureza comunitária, ou individual. Na segunda fase – a de "julgamento" –, após a leitura bíblica em voz alta, era dado início a uma discussão que traçaria paralelos entre as experiências partilhadas e o ensinamento bíblico lido. Após a discussão, um membro da comunidade sintetizava e resumia os pontos levantados e, na sequência, noutra discussão, procurava-se examinar, com mais profundidade, as escrituras para ajudá-los a encontrar ideias para satisfazerem, a curto e a longo prazo, as necessidades expostas. A última fase – a da "ação" –, era uma consequência natural do êxito das fases anteriores, que promoviam a aceitação espiritual e comunitária, afastando o sentimento de vitimização e de passividade. Com base nessa experiência coletiva e na partilha da crença no evangelho, a

[172] O golpe de Estado no Brasil, em 1964, teve como consequência a deposição do Presidente brasileiro eleito democraticamente, João Goulart, por um golpe militar de 31 de março a 1 de abril de 1964, pondo fim à Quarta República, dando início ao período da ditadura militar brasileira.

[173] Tradução livre: "Visão-Julgamento-Ação". Esta metodologia, segundo Melkote e Steeves (2015, p.341), foi assim nomeada na conferência que decorreu em Medellin, na Colômbia, em 1968.

comunidade confiante, recebia energia, coragem e força interior para aplicar as suas ideias em ações concretas.

Sem embargo, o processo das CEB apresentou, na sua prática, alguns desafios que merecem ser referidos: o analfabetismo, já que a leitura e a discussão da Bíblia são elementos centrais na CEB; e o literalismo escravo, pois grande parte dos participantes resistiam à crença de que podiam ter conhecimento e informações carregados de valor para a comunidade, e apresentavam dificuldade na interpretação das circunstâncias reais da sua vida quotidiana. Após as eleições de 1986, face ao aumento da democratização de forma genérica, foram recrutados outros canais da sociedade para a discussão de questões de política partidária, causando assim o esvaziamento da agenda das CEB que, sendo um movimento contra-hegemónico, ao destacar a situação dos pobres e oprimidos, acarretava ainda a potencialidade de desempenhar um papel libertador de relevo na América Latina (Melkote & Steeves, 2015, p. 342).

Parte 3

Capítulo 7: Metodologia

Esta investigação está subordinada à questão geral de investigação "tendo em consideração que se trata de um programa que intervém na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação e enquanto acontecimento, a questão que se coloca é a de avaliar: "quais são os efeitos ao nível da experiência pública gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa CQC Cadeia de Favores – Missão ao Espaço"?

Nestes termos, os objetivos traçados para esta investigação permitirão avaliar, em que medida, um programa televisivo de infoentretenimento e de doação de bens, produzido com um carácter acontecimental na vida de uma pequena comunidade: 1) constituiu um Acontecimento mediático; 2) teve efeitos ao nível de uma Experiência pública; e 3) a comunidade escolar teve uma perceção de algum tipo de desenvolvimento, ou de mudança social.

Com estas informações estruturadas e a melhor compreensão possível dos efeitos e consequências de um acontecimento mediático, na Ilha do Marajó, pretende-se construir uma hipótese que possa revelar, em que medida, o acontecimento mediático é uma ferramenta com potencial para a transformação social, capaz de dar suporte ao desenvolvimento de comunidades que vivem em regiões que apresentem contextos análogos à região objeto desta pesquisa. E, deste modo, a construção de uma hipótese que demonstre o potencial transformador do acontecimento mediático como exemplo de como na prática a comunicação pode ser útil para o desenvolvimento de regiões que apresentem contextos similares aqueles apresentados em comunidades ribeirinhas amazônicas.

Considerando a questão geral e os objetivos acima mencionados, para a concretização desta investigação, optámos pela abordagem qualitativa, com base na pesquisa bibliográfica e documental, e na recolha de dados no campo, com a aplicação de entrevistas e a transcrição das intervenções dos entrevistados. Como proposta, foi realizada a exploração e a análise dos dados, a fim de gerar pressupostos teóricos para agregar às possibilidades da pesquisa. Para a análise dos resultados, escolhemos a análise temática e o método descritivo. O estudo foi, então, dividido em 3 momentos: 1) investigação teórica, com base na pesquisa bibliográfica e documental; 2) realização das entrevistas em campo; e 3) análise temática.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material publicado, constituído por livros, artigos e trabalhos científicos de vários autores. Segundo Gil (2002), a vantagem da pesquisa bibliográfica reside no facto de permitir ao investigador cobrir uma panóplia de fenómenos muito mais ampla do que a pesquisa de outra natureza. Como ferramenta de suporte à pesquisa bibliográfica, recorremos também à pesquisa documental. Para Gil (2002), esta aproxima-se da pesquisa bibliográfica, contudo, o que as diferencia é a natureza das fontes, uma vez que na pesquisa documental desse recorre a materiais sem tratamento analítico, cujas fontes foram construídas com materiais históricos. A partir dessas fontes, foi realizada a leitura e análise dos materiais encontrados. Os resultados dessa etapa serviram de base para a elaboração do guião de entrevista e para a análise temática.

7.1 Abordagem Qualitativa - o estudo de caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço,* do programa CQC, na Ilha do Marajó, através de entrevistas

Perante o contexto e os objetivos desta investigação, assumimos que a abordagem qualitativa é o meio mais eficaz para a condução da análise e para a obtenção dos resultados. Segundo Godoy (1995, p. 61) "a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador 'colocar-se no papel do outro', vendo o mundo pela visão dos pesquisados". Para a autora, a abordagem qualitativa apresenta características específicas, nomeadamente, o caráter descritivo; o ambiente natural como fonte direta de dados; o investigador como instrumento essencial; uma perspetiva indutiva; e a preocupação do investigador, a respeito do significado que as pessoas atribuem às coisas e à vida.

7.1.1 O estudo de caso

A pesquisa qualitativa pode ser realizada de diversas formas, de entre as quais se optou pelo estudo de caso de um acontecimento mediático ocorrido na comunidade Sagrada Família, no interior, ou região de floresta, da Ilha do Marajó. Para efeitos deste trabalho, recorreremos ao conceito de "acontecimento" para nos referirmos à edição especial do programa CQC, no Marajó, exibido na rede de televisão brasileira, em novembro de 2014.

Conforme foi descrito em detalhe no Capítulo 2 desta tese, dedicado à apresentação e ao enquadramento do programa televisivo em análise, verificámos que o mesmo teve início com a apresentação da escola Ponta Alegre, do contexto comunitário, e de todo o processo de arrecadação dos donativos, até à sua entrega. Após 6 anos desse acontecimento, em 2020, teve

início esta investigação, no âmbito do Doutoramento em Estudos de Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social, envolvendo a escola e a comunidade local, para uma melhor compreensão dessa experiência, nomeadamente sobre a perceção dos efeitos, e das consequências do evento, naquela comunidade. Na prossecução deste objetivo, o estudo de caso possibilitou-nos apresentar as explicações do caso, com os elementos que marcaram o seu contexto, permitindo um maior aprofundamento (Laville & Dionne, 1999), já que, como afirmou Yin (2001, p. 32) "um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos".

Yin (2001) esclareceu ainda que um estudo de caso visa elucidar uma decisão, ou um conjunto de decisões, por que razão aconteceu num determinado formato, e com que resultados. Para o autor, o resultado baseia-se em múltiplas fontes de evidências, com os dados a convergir para um determinado formato, e a partir do desenvolvimento prévio de proposições teóricas, conduz-se quer a recolha, quer a análise dos dados. Por outras palavras, Yin (2001) defendeu que o estudo de caso é uma estratégia abrangente de investigação, que contempla uma lógica de planeamento, bem como de abordagens específicas de recolha e de análise de dados. Acrescente-se ainda que, segundo Severino (2014), é importante que o caso estudado seja significativo e representativo, capaz de dar suporte a uma generalização para situações semelhantes. Para que isto aconteça, os dados devem ser recolhidos e registados com rigor, respeitando os procedimentos adequados para o trabalho de campo.

7.1.2 As entrevistas semiestruturadas

Procurando a melhor forma de levar a cabo a pesquisa no terreno, optámos, como procedimento metodológico de recolha e registo de dados, pela entrevista semiestruturada, ou não-diretiva, numa tentativa de garantir a melhor adaptação possível aos sujeitos que participaram nesta etapa do trabalho de investigação. A escolha baseou-se na possibilidade de lidar com

> "uma encenação livre do que a pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. (...) então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa" (Bardin, 1977, p.93).

Trata-se de propiciar, através do diálogo, da exposição, segundo Bardin (1977, p.94) "dos seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente".

Segundo Severino (2014), a técnica de recolha de informações versa sobre um determinado assunto, sendo diretamente solicitadas aos sujeitos que participam na investigação. Trata-se, portanto, de uma interação entre o investigador e o participante, uma técnica muito utilizada nos estudos da área das Ciências Humanas. O investigador tenciona apreender e registar o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. Através da entrevista semiestruturada, ou não-diretiva, de acordo com Severino (2014), recolhem-se informações dos sujeitos, a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se num estado de escuta atenta, registando todas as informações e intervindo de forma discreta, para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve promover um diálogo descontraído, deixando o participante do estudo em causa à vontade para expressar, sem constrangimentos, as suas representações.

Convém elucidar que o método escolhido para recolha de dados, a entrevista semiestruturada, foi construído sob a orientação da questão específica indicada na introdução deste trabalho. Tendo em consideração que se trata de um programa que interveio na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação, e enquanto acontecimento, a questão pertinente é a de avaliar quais são os efeitos ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*.

Os dados foram recolhidos, segundo os critérios definidos no início deste trabalho de investigação em 2 momentos: num primeiro momento, em novembro de 2022, na sua maioria *in loco* na escola Ponta Alegre, e quando tal não foi possível, mudámos para a casa do entrevistado, em dia e horário previamente indicado por ele, na área do Município de Curralinho; no segundo, em julho e agosto de 2023, nas casas de ex-alunos, e de pais e mães desses ex-alunos.

7.1.3 Os entrevistados

Numa investigação qualitativa, os sujeitos são essenciais para uma melhor compreensão do contexto em que ocorreu a experiência pública do acontecimento mediático analisado.

Nesta investigação, para lidarmos com uma realidade que deve ser construída a partir do olhar e da voz das pessoas que participaram do programa *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço,* na Ilha do Marajó, são fundamentais os testemunhos de: 10 dez professores; 10 dez pais ou mães de ex-alunos; e 10 dez ex-alunos, todos eles membros da comunidade escolar da Escola Ponta Alegre, à época do acontecimento mediático em análise, os quais serão representados de acordo com as respetivas siglas:

	Professores (PR)	**Pais e Mães (PM)**	**Alunos e Alunas (A)**
1	PR.EV	PM.IR	A.RE
2	PR.EA	PM.MD	A.TA
3	PR.EL	PM.MZ	A.YA
4	PR.JO	PM.MA	A.FA
5	PR.EP	PM.RR	A.JO
6	PR.LU	PM.JO	A.AD
7	PR.RI	PM.DO	A.AN
8	PR.RO	PM.JE	A.SU
9	PR.SI	PM.CA	A.AG
10	PR.RA	PM.ED	A.ED

Tabela 2: Sigla de identificação dos entrevistados participantes do programa Cadeia de Favores-Missão ao Espaço, na Ilha do Marajó
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Como se pode constatar, teremos 3 grupos de sujeitos, cada qual com características e formas de envolvimento diferentes, com o acontecimento objeto desta investigação. A partir das entrevistas realizadas, foram captados e analisado os pensamentos que apresentaram e de onde partiram, já que o confronto com aquela realidade só foi possível a partir da perspetiva destas pessoas, que são a base para aprofundarmos o entendimento correto acerca dos efeitos e das consequências advindas do acontecimento mediático protagonizado por elas.

7.1.3.1 Perfil sociodemográfico dos entrevistados

Todos os entrevistados foram convidados a preencher um questionário sociodemográfico[174] para a recolha de informações pessoais, com o objetivo de se conhecer melhor o perfil populacional do grupo de entrevistados, como idade, género, escolaridade e se tinham, ou não, filhos. O resumo com os resultados recolhidos é apresentado na Tabela 3.

[174] Ver Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico.

Entrevistado (a)	Sexo	Idade	Estado civil	Formação / escolaridade[175]	Número de filhos
A.ED	masculino	22	não informado	Ensino Médio	0
A.YA	feminino	16	solteiro(a)	Ensino Médio	0
A.AN	feminino	23	solteiro(a)	Ensino Fundamental	0
A.AG	masculino	19	não informado	Ensino Médio	0
A.FA	masculino	33	solteiro(a)	não informado	0
A.RE	feminino	23	solteiro(a)	não informado	1
A.SU	feminino	20	solteiro(a)	Ensino Médio	0
A.TA	feminino	31	união estável	Ensino Médio	0
A.JO	masculino	28	não informado	Ensino Médio	3
A.AD	masculino	25	união estável	não informado	2
PM.MA	feminino	47	casado(a)	Ensino Médio	4
PM.MD	feminino	54	solteiro(a)	não informado	4
PM.MZ	feminino	49	união estável	não informado	4
PM.RR	feminino	54	casado(a)	não informado	5
PM.CA	masculino	43	casado(a)	não informado	2
PM.DO	masculino	51	casado(a)	Ensino Fundamental	4
PM.ED	masculino	55	casado(a)	Ensino Médio	7
PM.JO	masculino	56	não informado	não informado	4
PM.IR	feminino	48	união estável	Ensino Médio	0
PM.JE	masculino	38	casado(a)	Ensino Médio	3
PR.EP	masculino	40	não informado	Ensino Superior	3
PR.JO	feminino	39	casado(a)	Ensino Superior	3
PR.EA	masculino	40	solteiro(a)	Ensino Superior	4
PR.RO	feminino	43	casado(a)	Ensino Superior	3
PR.LU	feminino	46	casado(a)	Ensino Superior	2
PR.SI	feminino	45	casado(a)	Ensino Superior	5
PR.RA	feminino	50	solteiro(a)	Ensino Superior	2
PR.RI	feminino	45	casado(a)	Ensino Superior	2
PR.EV	feminino	50	casado(a)	Ensino Superior	5
PR.EL	feminino	26	casado(a)	Ensino Superior	1

Tabela 3: Dados do perfil sociodemográfico dos entrevistados
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

7.1.4 Transcrição das entrevistas

Em relação ao processo de transcrição propriamente dito, invocam-se alguns autores, como Halcomb e Davidson (2006), e Bailey (2008), que defenderam que transcrever consiste em reproduzir palavras ditas num texto escrito. É um mecanismo que reduz, interpreta e representa conversas e falas orais em texto escrito, de forma a que seja compreensível e tenha significado. Para Davidson (2009), as transcrições são processos teóricos e seletivos. Ao

[175] O Ensino Fundamental, Médio e Superior, equivalem, em Portugal, ao Ensino Básico, Secundário e Universitário.

transcrever uma entrevista, analisam-se os detalhes, com o objetivo de minimizar as limitações associadas à intuição, ou especificidades pessoais. Além disso, permite a observação repetida e detalhada do percurso e do conteúdo da entrevista, a partilha das ideias com outras pessoas, e a reutilização dos dados (Stuckey, 2014).

Considerando que estas orientações práticas remetem para diferentes fases do processo de transcrição, optámos por organizar o nosso processo por etapas. Após a pesquisa na literatura apropriada, escolhemos trabalhar de acordo com a proposta de Halcomb e Davidson (2006), os quais propõem um procedimento baseado em 6 etapas, a saber: preparar, conhecer, escrever, editar, rever e finalizar. Na tabela abaixo, apresentamos as que foram escolhidas nesta tese.

É importante destacar que foram utilizados alguns materiais nas transcrições: gravador, fones auriculares e computador.

Transcrição
Etapa 1 – Preparação: inicialmente, é fundamental assegurar um conjunto de deliberações básicas em relação às gravações, tais como: identificá-las, fazer cópias de segurança, definir locais de armazenamento, reunir os materiais necessários para a transcrição, etc.
Etapa 2 - Conhecimento: após a etapa inicial de preparação, foi dedicado um tempo para conhecimento e familiarização com os materiais utilizados. Além disso, assegurou-se a organização das anotações recolhidas no campo, a fim de incluir informações úteis no momento da transcrição. Este processo permitiu o reconhecimento dos conteúdos e a habituação às particularidades discursivas.
Etapa 3 - Escrita: esta fase corresponde ao ato de transcrição. Com vista à agilização do processo de escrita, o objetivo foi, simplesmente, ouvir e escrever. Neste momento, ignoraram-se letras maiúsculas e minúsculas, pontuações, erros de oralidade, etc.
Etapa 4 - Edição: nesta etapa, foi realizada a edição do texto transcrito. Ou seja, colocação de pontuação, diferenciação de maiúsculas e minúsculas, retenção de aspetos emocionais e não-verbais, gestão de erros relacionados com a oralidade, a gramática, sintaxe ou pronúncia.
Etapa 5 - Revisão: nesta etapa, foi feita a comparação do texto resultante da transcrição com a respetiva gravação, permitindo assegurar a exatidão da informação transcrita.
Etapa 6 - Finalização: após a revisão da transcrição, considerou-se: O que fazer com as gravações? É preferível ter uma ou duas versões da transcrição?

Tabela 4: Etapas do processo de transcrição das entrevistas
Fonte: Adaptado de Halcomb e Davidson (2006, pp.41-42)

Por fim, é fundamental considerar que, o processo de transformar o discurso oral em palavras escritas, acarreta um conjunto diversificado de desafios, que podem ser ultrapassados com um planeamento cuidadoso e rigoroso sobre como proceder com as transcrições (Lapadat, 2000).

7.2 Análise e interpretação dos dados

A análise, e a posterior interpretação dos dados, foi realizada com o objetivo de sistematizar, de forma metódica, as informações e os testemunhos das entrevistas semiestruturadas. A escolha dos termos empregues pelos sujeitos entrevistados, a sua frequência e o seu modo de disposição, bem como a construção do discurso e o seu desenvolvimento, são as fontes de informações com que se pretende construir, em sua dimensão empírica, um conhecimento acerca do objeto deste estudo (Quivy, 1998), e fundamentar o desenvolvimento de uma resposta para a questão que norteia esta investigação.

7.2.1 Análise Temática - conceptualização e desdobramentos metodológicos

A Análise Temática será utilizada como método de suporte para a análise do conteúdo deste trabalho. Conforme indicado por Braun e Clarke (2006), a Análise Temática é um método de análise qualitativa de dados, que permite identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas). Propicia, ainda, a organização, descrição e interpretação num banco de dados rico em detalhes, configurando-se, para as autoras, como um processo de identificação de padrões, ou temas, que fornece informações imprescindíveis, muito úteis para a concretização da análise (p.78). Embora a Análise Temática tenha origem no início do século XX (Jofe, 2012), esta prática tem se manifestado de maneira estrita, sendo apontada como um método analítico pouco delimitado e reconhecido, ainda que amplamente empregue no contexto da Psicologia (Braun & Clarke, 2006; 2012; 2013; 2014; 2019). De acordo com as autoras, esta técnica de investigação apresenta uma vantagem considerável: flexibilidade, já que, "através da sua liberdade teórica, a Análise Temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados" (Braun & Clarke, 2006, p. 5)[176].

Neste sentido, Braun e Clarke (2006) apontaram que a Análise Temática consiste num método qualitativo de análise, que exige capacidades centrais, que se revelam essenciais para a realização do estudo. Destacaram que a Análise Temática adequada, e devidamente estruturada, não exige que os investigadores tenham aptidões específicas e, como método essencialista, evidencia o relato de experiências, significados e a realidade dos participantes, bem como uma

[176] Na versão original "through its theoretical freedom, thematic analysis provides a flexible and useful research tool, which can potentially provide a rich and detailed, yet complex account of data" (Braun & Clarke, 2006, p. 5).

série de discursos manipulados, dentro da sociedade. Assim dizendo, pode ser um método "contextualista", ou seja, possibilita uma reflexão da realidade (Braun & Clarke, 2006, p.9).

De acordo com Boyatzis (1998), a Análise Temática é um método que serve para identificar, analisar e relatar padrões (temas) de dados, descrevendo o seu conjunto de dados com uma riqueza de detalhes. Ademais, os temas ou padrões dentro dos dados, podem ser identificados por indução, ou por dedução. A análise indutiva é guiada pelos dados, sem tentar encaixar-se num modelo de codificação preexistente, ou baseando-se nos preconceitos analíticos do investigador. Todavia, como uma análise teórica ou dedutiva, é mais explicitamente orientada pelo observador, logo, esta forma de análise tende a descrever menos os dados em geral, ressaltando, de forma mais detalhada, apenas alguns aspetos dos dados (Braun & Clarke, 2006).

Também é importante decidir em que nível os temas devem ser identificados, sendo importante lembrar que estes podem ser identificados a nível semântico, ou a nível latente. Dentro dessa perspetiva, como uma abordagem semântica, os padrões são gerados dentro dos significados explícitos dos dados, ou seja, o investigador procura algo específico que foi dito pelo entrevistado.

É relevante referir que o padrão teórico e os métodos escolhidos devem corresponder ao que o investigador pretende, de facto, saber. Em termos de comparação, este modo de analisar conteúdos pode ser visto como uma análise dos significados. Bardin (1977) referiu que a Análise Temática tem, como procedimento inicial, o tratamento descritivo, em comum com outras formas de análise, como a linguística e as técnicas documentais. A autora destacou que a preocupação da linguística é o estudo da língua, sendo que a análise então recorre a este mecanismo para procurar outras realidades através das mensagens, ou seja, dos seus significados.

Em contraste, uma Análise Temática de alto nível compreende mais do que o conteúdo semântico dos dados, perpassa a identificação e investigação de ideias, suposições e conceptualizações – e ideologias – subjacentes, que são teorizados como formação, ou como informação do conteúdo semântico dos dados (Braun & Clarke, 2019). Portanto, com a Análise Temática pretende-se identificar os padrões repetidos de significado, a partir de um conjunto de dados – sejam eles obtidos através de entrevistas, da realização de grupos focais ou da análise de uma série de textos. Braun e Clarke (2014) acrescentaram ainda que a análise envolve um constante movimento – para frente e para trás – do conjunto de dados, seja, do que dos extratos codificados,seja do que já se identificou, a partir da análise.

Para uma melhor definição conceptual, neste trabalho consideraram-se as 6 fases para a realização da Análise Temática, propostas por Braun e Clarke (2006), conforme se apresenta a seguir.

Análise Temática
Fase 1 - Familiarização dos dados: é fundamental que o investigador mergulhe nos dados, a ponto de alcançar, com profundidade e amplitude, o conteúdo. A imersão envolve, geralmente, a leitura repetida dos dados, o que leva a uma procura por significados, identificação de padrões e assim por diante. É um exercício de leitura e de releitura dos dados, portanto, é um processo demorado, pois fornece a base para o resto da análise.
Fase 2 - Geração dos códigos iniciais: envolve a criação de códigos iniciais, a partir dos dados. Com eles, o investigador identifica as características dos dados, seja de conteúdo semântico, seja de conteúdo latente), que pode ser considerada em relação ao fenómeno. Todavia, os dados codificados diferem das unidades de análise que representam os temas e que são muitas vezes mais amplos.
Fase 3 - Procura por temas: esta fase só tem início quando todos os dados estão inicialmente codificados e agrupados, quando já existe uma lista de códigos diferentes, que foram previamente identificados no conjunto de dados. Portanto, esta fase envolve a triagem dos diferentes códigos dividindo-os em temas potenciais, sendo que, alguns dos códigos iniciais podem passar a formar temas principais, outros podem gerar subtemas, enquanto outros podem ser descartados.
Fase 4 - Revisão dos temas: fase que envolve dois níveis: o primeiro consiste na revisão dos extratos codificados nos dados; e o segundo envolve o refinamento desses temas. Nesta fase, é importante reler o conjunto de dados, e verificar se os temas se adequam ao conjunto de dados, ou se é necessário codificar quaisquer dados adicionais dentro dos temas, que porventura tenham sido perdidos em estágios anteriores da codificação.
Fase 5 - Definição e denominação dos temas: surge quando já se tem um mapa temático satisfatório dos dados e se passa para o refinamento dos mesmos, ou seja, pode-se refinar ainda mais os temas apresentados no final da análise. É fundamental que, no final desta fase, esteja clarificado o que os temas são e o que eles não são. Além disso, é nesta fase que se atribui o título de trabalho aos temas, portanto, os nomes precisam ser concisos, diretos, a ponto de o leitor ter uma ideia inequívoca sobre o tema.
Fase 6 - Produção do relatório: esta fase começa quando se tem o conjunto de dados totalmente trabalhados, e contempla a análise final e a escrita do relatório. Assim, é importante que a análise escrita forneça um relatório conciso, coerente, lógico, que contenha provas suficientes dos temas nos dados, em suma, que se escolham exemplos que capturem a essência do ponto a ser demonstrado.

Tabela 5: Fases da Análise Temática utilizada na pesquisa
Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006, pp.16-23)

Em suma, algumas das fases da Análise Temática são semelhantes às fases de outras pesquisas qualitativas, não sendo, portanto, etapas exclusivas deste tipo de análise. Portanto, "a análise temática é uma abordagem flexível que pode ser usada por uma variedade de epistemologias e questões de pesquisa" (Braun & Clarke, 2006, p. 28)[177].

[177] Na versão original "the thematic analysis is a flexible approach that can be used across a range of epistemologies and research questions" (Braun & Clarke, 2006, p. 28).

7.2.1.1 Aplicação da Análise Temática

A Análise Temática realiza-se a partir dos desdobramentos das entrevistas (Alhojailan, 2012; Braun & Clarke, 2006 e 2019; Vaismoradi, Turune & Snelgrove, 2016). Originalmente desenvolvida na área da Psicologia, este método insere-se neste trabalho como proposta metodológica de análise e de organização dos resultados Todas as etapas da Análise Temática foram desenvolvidas com o suporte de um *software* de análise de dados qualitativos, o ATLAS.ti[178], e de acordo com os 6 passos propostos por Braun e Clarke (2006), seguindo um processo linear de construção dos resultados, conforme a figura a seguir:

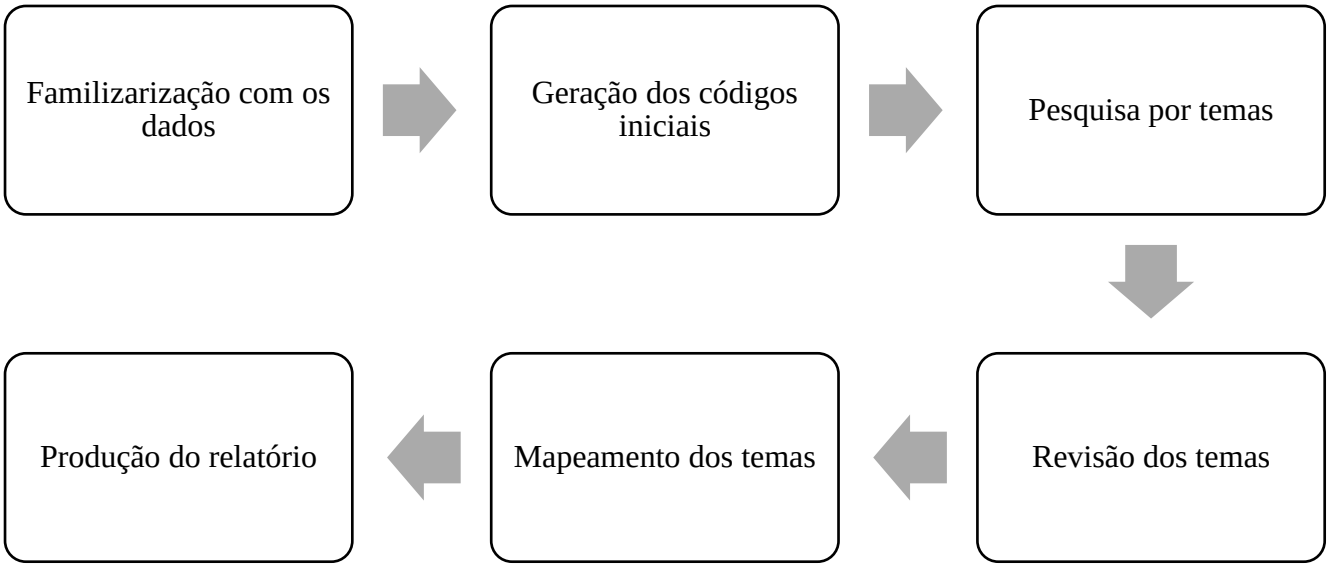

Figura 3: Fases da Análise temática
Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006, p.35)

Inicialmente, foi realizada uma leitura rigorosa e detalhada das transcrições. Nesta fase, foi fundamental registar algumas anotações e descrever as primeiras impressões geradas pelos resultados. De seguida, geraram-se os códigos iniciais, dando-se início à organização dos dados, de forma significativa e sistemática. A codificação permitiu reduzir os dados em pequenos fragmentos de significado, tendo sido codificado cada segmento de texto transcrito

[178] O ATLAS.ti é um software de análise de dados qualitativos, baseado em inteligência artificial, que facilita a análise de dados qualitativos na investigação qualitativa, quantitativa e com recurso a métodos mistos. Acedido em https://atlasti.com/.

que apresentasse relevância, ou que captasse algum trecho interessante sobre o problema central deste estudo. Inicialmente, este procedimento foi realizado manualmente, trabalhando em cópias impressas das transcrições com canetas e marcadores. No terceiro passo, começou-se a pesquisa por temas.

O tema é um padrão que captura algum elemento significativo, ou interessante, sobre os dados e a pergunta de pesquisa. Baseando-nos em Braun e Clarke (2006), é fundamental considerar que não existem regras rígidas e rápidas sobre o que faz um tema, uma vez que ele se define pela sua importância. Dessa forma, em cada conjunto de dados, identificámos os temas, que descrevem padrões nos dados relevantes para a questão principal desta investigação.

A quarta etapa do processo de análise temática foi a revisão dos temas, que veio complementar o trabalho feito na etapa 3. Durante esta fase, os temas atribuídos na etapa anterior foram revistos, modificados e aperfeiçoados, e reunidos a partir de dados relevantes para cada tema.

Na etapa 5 foi realizado um refinamento e, posteriormente, um mapeamento dos temas. A ideia principal foi a de compreender como é que os temas interagem e se relacionam com a questão geral desta tese.

Por fim, a etapa final da análise temática é a escrita. Neste momento escolheu-se complementar com o método descritivo, de natureza exploratória, o que, de acordo com Gil (2002), é o mais adequado para estudar, analisar, registar e interpretar os dados. Enquanto os estudos exploratórios "têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema" (Gil, 2002, p.41); os descritivos adotam "como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno" (Gil, 2002, p. 42).

7.2.1.2 O livro de códigos

Como referimos anteriormente, para a análise qualitativa dos dados recolhidos das várias entrevistas realizadas com representantes da comunidade escolar, recorremos a um software, o ATLAS.ti. Para esse fim, elaborámos um livro de códigos, que permitiu a adequada programação do *software*.

Esses códigos estão organizados em 2 dimensões: o acontecimento mediático (Tabela 6); e a experiência pública (Tabela 7), conforme se demonstra a seguir.

Código	Descrição	Base teórica*	Autor
1.1 Emoções	Identificar que emoções foram deflagradas pelo acontecimento mediático e qual teria sido o papel das emoções no acontecimento em análise	As emoções são o meio de transação entre o organismo e o meio ambiente, na formação de uma comunidade de interesse, sendo um ativador de valores comuns, com consequências na vida coletiva, aproximando e sintetizando o individual e o coletivo (Quèrè, 2017), e destruindo a distância simbólica que, às vezes, as sociedades constroem (Mateus, 2016).	Quéré (2017) Mateus (2016)
1.2 Memória e Significado	Identificar que memória persiste da experiência vivida e se é possível constatar o surgimento de novos valores e significados	A comunicação é a condição prévia da participação e da formação dos públicos pois, na base destes, estão as significações comuns partilhadas, que estabelecem laços sociais e podem converter uma ação conjunta, numa comunidade de interesses.	Dewey (1946)
		É nesse futuro que encontramos o sentido do acontecimento, quando se conecta com as suas consequências, determinando o seu significado e o seu valor simbólico	Babo-Lança (2005)
1.3 Aprendizagens	Identificar que aprendizagens foram apreendidas pelos entrevistados, a partir da participação da comunidade escolar no programa televisivo	O acontecimento mediático deflagra um efeito hermenêutico e pragmático: explora o passado do acontecimento, a situação que foi criada, e as possibilidades futuras.	Quéré (2011)
1.4 Participação Mediática	Identificar como decorreu a participação e se a exposição mediática acarretou alguma transformação na comunidade escolar	Ao proporcionar o encontro e a interação entre grupos diversos, possibilitando a participação de pessoas comuns, ao lado de especialistas, ou de políticos, os programas que permitem discussões com os públicos colaboram, em algum grau, para o exercício de formação do senso comum e para a construção de experiências comuns das realidades sociais e políticas (Carpentier, 2011, p.106). A participação, nesse aspeto é relevante para o desenvolvimento do cidadão e da sua capacidade de agir coletivamente. Tais efeitos, segundo o autor, estão ligados à abordagem emancipatória da participação nos *media*, que coexiste, paradoxalmente, com a abordagem vinculada à manipulação da participação no ambiente mediático.	Carpentier (2011)

		Recorrendo aos *media* e às suas ferramentas tecnológicas, vemos, somos vistos, construímos visibilidade, e novas formas coletivas, que podem ser compreendidas como: "transformações no *sensorium* da nossa época e de mutações político-culturais que anunciam o novo século. E refiro-me finalmente a essas 'novas formas de estar juntos', pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade, a partir dos coletivos de bairro, para a resolução pacífica de conflitos e das emissoras de rádio e televisão comunitárias, em que se recuperam memórias e são tecidos novos laços de pertença ao território".	Martín-Barbero (2018, p.20)
		O público, contrariamente às audiências, que são reativas, pois respondem a uma oferta, não se limita apenas a ver, mas, essencialmente, apresenta-se a si mesmo e a ser visto. Há uma perspetiva cénica e dramatúrgica, através de um público que pode ser visto, que se relaciona, que se mostra e que apresenta um certo desempenho.	Dayan (2006)
1.5 Humor e Entretenimento	De que forma o formato participativo e com tom humorístico, afetou o envolvimento da comunidade escolar no acontecimento mediático do programa CQC, na Ilha do Marajó	O humor pode favorecer a conversa social. Para lá do infoentretenimento, é "um fenómeno mais profundo de integração discursiva". Os discursos de notícias, entretenimento, política e *marketing*, passam a ser inseparáveis, dissipando as práticas e as linguagens específicas que os diferenciava, e criando arranjos jamais imaginados.	Geoffrey Baym (2006)
		"O CQC acaba ganhando a simpatia do público e talvez até consiga recriar uma consciência política, além de incutir no público um sentimento de renovação e uma sensação de pertencimento, gerando assim, uma vontade de lutar pelos seus direitos. O programa usa o humor como um instrumento de discussão"	Acselrad e Facó (2010, p.62)

Tabela 6: Códigos escolhidos para a dimensão Acontecimento mediático e seus fundamentos teóricos[179]
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

[179] As teorias e os autores mencionados como fundamento dos códigos relacionados com a dimensão do acontecimento mediático foram retirados do Capítulo 4. Nesse capítulo, pode ser consultada uma base teórica mais ampla para a fundamentação de cada código da Tabela 6.

Código	Descrição	Base teórica*	Autor
2.1 Organização	Identificar, nas entrevistas, se a experiência vivida indica a ocorrência de cooperação; organização de coletivos, diálogo, ou conversa social, na comunidade escolar	O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, apresentando 2 movimentos que acontecem em simultâneo: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público (Cefai, 2017). Os grupos demonstram capacidade de organizar, coletivamente, o seu mundo social, desenvolvendo uma organização dinâmica, sequencial, cumulativa e orientada (Mateus, 2016).	Cefai (2017) Mateus (2016)
2.2 Cooperação	Identificar se ocorreu o engajamento de outras instituições, ou organizações	A exposição a performances pode gerar um engajamento ativo, partilha de uma visão do mundo, de cooperação e comunicação, construindo uma experiência coletiva, através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público.	Dayan (2006)
2.3 Relações interpessoais	Identificar se os entrevistados indicam alguma mudança nas relações interpessoais, na comunidade escolar	A experiência do acontecimento é uma experiência de mudanças existenciais, combinada com as dimensões do afeto, do conhecimento e da prática	Quéré (2017)
2.4 Sentido de compromisso e continuidade	Identificar se houve a formação de um compromisso, a partir da experiência vivida, após o programa televisivo	Os que foram afetados pelo acontecimento interessam-se, de forma coletiva, e envolvem-se porque se sentem atingidos sentindo-se, assim, estimulados a reagir e a posicionar-se como forma de compromisso. Há um traço cognitivo e um outro prático, de reação.	Quéré (2017)
2.5 Produção de conhecimento local	Identificar se houve efeitos que tenham gerado, a partir da experiência vivida, produção de conhecimento local para a comunidade escolar e respetivo contexto.	O ator político envolvido nos seus interesses e determinações, poderá construir a sua verdade, de um modo inclusivo e dialógico, com foco na produção de conhecimento. As inteligências sociais podem produzir arranjos democráticos.	Dewey (1946) Cefai (2017) Mateus (2016) Babo-Lança (2005; 2011)

Tabela 7: Códigos escolhidos para a dimensão Experiência pública e seus fundamentos teóricos
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A organização dos dados, estruturada a partir de códigos e subcódigos, será a base para a formulação dos temas e de uma resposta para a questão geral apresentada nesta investigação. Tendo em consideração que se trata de um programa com intervenção na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma, ao nível da participação e enquanto acontecimento, a questão que se coloca é a de avaliar quais são os efeitos, ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*.

Tendo os códigos divididos por categorias e já organizados, daremos início ao processo de desenvolvimento e de escolha dos temas, cimentando a base para a análise desta investigação, que será aprofundada no Capítulo 8.

7.3 Questões éticas

Nesta secção, serão discutidas e elucidadas as vertentes da construção ética desta investigação, divididas em dois sentidos: o primeiro relaciona-se com a comunicação com os 30 entrevistados e os protocolos realizados durante essas entrevistas com os membros da comunidade escolar e os participantes do acontecimento que é objeto de análise deste trabalho; já o segundo, tem que ver com as relações institucionais e pessoais, entre os atores fundamentais para a existência da experiência analisada e o desenvolvimento deste estudo: a Escola Ponta Alegre, a agência Pro Natura Internacional e o programa CQC.

7.3.1 Comunicação e protocolo ético

A pesquisa no campo teve início em 2020, após uma conversa, por telefone, entre o Diretor da Escola Ponta Alegre e a autora desta investigação, em que se deu a apresentação do trabalho de investigação, os seus propósitos e um pedido de autorização para que os professores participantes do acontecimento pudessem ser abordados, através do envio de um convite para participar do estudo e, posteriormente, caso o aceitassem, para serem entrevistados dentro da sala do Telecentro CQC, na Escola Ponta Alegre. O consentimento foi concedido pelo diretor nos termos propostos, tendo sido dada, *a posteriori*, aprovação, por unanimidade, de todos os professores convidados, inclusive o próprio diretor, para participar das entrevistas, que aconteceram em novembro de 2022, na sua grande maioria dentro da sala do Telecentro CQC. A pedido de alguns professores, 2 entrevistas aconteceram nas respetivas casas, tendo-se seguido o mesmo protocolo das demais entrevistas, conforme será detalhado abaixo.

As entrevistas foram iniciadas com a leitura de um termo de consentimento[180], em que se apresentava o estudo e os seus objetivos, bem como o compromisso de ser mantido o anonimato do entrevistado, e o respeito pelas suas expressões. Este termo garantia, ainda, a possibilidade de interrupção da entrevista a qualquer momento, ou a abertura para que o entrevistado respondesse, ou não, a qualquer questão que lhe fosse colocada.

Embora a sala do Telecentro CQC estivesse disponível para o uso pelo público da comunidade escolar, houve uma atenção especial para que a sala de entrevista fosse utilizada durante os encontros, apenas para a realização das entrevistas, tendo sido certificado que não fossem interrompidas, ou que outras pessoas pudessem ter acesso às conversas que estavam a decorrer.

Um segundo momento de entrevistas foi realizado com os ex-alunos, e com os pais e mães de ex-alunos que participaram do acontecimento mediático, que decorreu nos meses de julho e agosto de 2023, tendo sido seguido o mesmo protocolo indicado acima. Estas entrevistas, contudo, foram realizadas dentro das casas dos entrevistados, por uma assistente desta investigação, residente na Comunidade Sagrada Família, localizada nas proximidades da Escola Ponta Alegre. A assistente, que frequentava o curso de Pedagogia, foi treinada pela autora desta tese, e implementou, com êxito, todas as entrevistas propostas, tendo enviado todos os termos de consentimento devidamente preenchidos e assinados.

7.3.2 Relações institucionais e pessoais entre a Escola Ponta Alegre, a Pro Natura Internacional e o programa CQC

No primeiro trimestre de 2014, um intermediário de um dos responsáveis da produção audiovisual do programa CQC entrou em contato com a autora deste trabalho que, naquela época, era Diretora da agência de desenvolvimento Pro Natura Internacional[181]. Era também a responsável pela gestão do "Programa de Desenvolvimento Sustentável da Ilha do Marajó", que tinha como foco as práticas socioeconómicas, nomeadamente através do suporte à organização de cerca de 22 associações de produtores e extratores de açaí, que viviam no interior do Município de Curralinho.

Os responsáveis pelo programa de televisão tinham conhecimento prévio do trabalho da Pro Natura na Ilha do Marajó e solicitaram ajuda para encontrarem uma escola ribeirinha,

[180] Ver Anexo 2 – Termo de consentimento.
[181] A investigadora manteve-se como diretora da Pro Natura até junho de 2023.

que tivesse interesse em receber donativos para a construção de um centro de formação digital e uma biblioteca. A única condição imposta pelo produtor do programa, foi que não houvesse qualquer tipo de remuneração para a Pro Natura. Para garantir o cumprimento dessa condição, foi assinado um contrato, entre as duas organizações, em que ficou estabelecido que as horas investidas para dar suporte ao CQC, na aproximação adequada com uma escola ribeirinha, seriam realizadas de forma voluntária.

A agência Pro Natura contatou os movimentos sociais[182] locais, que trabalhavam em parceria com a organização naquela época, assim como a prefeitura do município de Curralinho, para que a escolha da escola considerasse as suas necessidades, interesses e a possibilidade de receber o programa e os donativos. A escolha da Escola Ponta Alegre foi concretizada por uma rede de organizações, após o envolvimento e o posicionamento do diretor da escola. Essas organizações formaram uma parceria, que esteve em vigor antes e depois da exibição do programa, até à construção do Telecentro CQC e da biblioteca, colaborando com a Escola Ponta Alegre, que manteve o seu protagonismo e o poder de decisão em todas as fases da experiência, conforme será narrado e descrito durante as entrevistas analisadas no Capítulo 8.

7.3.2.1 A autora desta tese e a Escola Ponta Alegre

O trabalho da autora desta tese como representante da Pro Natura, na altura da realização do programa, e parceira da Escola Ponta Alegre, especialmente no apoio à organização das tarefas assumidas pela escola, após o término do programa televisivo, permitiu, além da proximidade profissional, uma certa proximidade pessoal, o que faz parte da natureza do trabalho de campo, uma vez que o contexto geográfico conduz à necessidade de viver, e de conviver, por vários dias, naquela realidade quotidiana ribeirinha.

O acontecimento vivido com a comunidade escolar em 2014, assim como e os vínculos construídos, proporcionaram acesso, interação, convites, agendamentos, que propiciaram, em última instância, a abertura e o à vontade nos diálogos das entrevistas, essenciais para esta investigação. Concomitantemente, assumimos, acarretou o desafio contínuo de manter uma postura de imparcialidade e de rigor científico.

Além da leitura prioritária do termo de consentimento, houve um esforço da investigadora em manter um tom mais sério e formal durantes as conversas, que começaram

[182] Os movimentos sociais envolvidos naquela época foram: Instituto Peabiru; Colônia de Pesca de Curralinho; AMAM (Associação dos Municípios do Marajó) e AMPEC (Associação dos Moradores e produtores extrativistas do Canaticu).

com uma ênfase do caráter científico e exploratório da investigação, e da importância fulcral que os entrevistados respondessem de forma sincera, não tendo de se preocupar se as respostas iriam agradar ou desagradar, se seriam respostas certas ou erradas, o que se pretendia era captar a sua perceção genuína sobre a experiência vivida.

Os entrevistados manifestaram expressões emocionais acentuadas, inclusive alguns deles choraram, aumentando o desafio de manter, por parte da investigadora, uma expressão natural e humana de empatia *versus* de imparcialidade.

O encontro de subjetividades tornou-se num elemento relevante para o entendimento e para a apreensão da perceção das experiências vividas pelos entrevistados, cada qual com a sua própria visão de realidade, e formas diversas de as expressar, tornando pertinentes invocar as palavras de Bardin (1977, p.94), já que

> "qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, mas também a aparência por vezes tortuosa, contraditória, "com buracos": com digressões incompreensíveis, negações incômodas, recuos, atalhos, saídas fugazes ou clarezas enganadoras. Discurso marcado pela multidimensionalidade das significações exprimidas, pela sobredeterminação de algumas palavras ou fins de frases. Uma entrevista é, em muitos casos, polifônica" (Bardin, 1977, p.94).

Não obstante as adversidades marcadas pela "multidimensionalidade das significações exprimidas" (Bardin, 1977, p.94), manteve-se uma relação de profundo respeito, e uma atitude de aprendizagem recíproca, entre a investigadora e os entrevistados, a partir de um exercício contínuo, e consciente, em manter os espaços e os silêncios necessários.

Capítulo 8: Análise temática do caso do programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço,* na Ilha do Marajó

Considerando que se trata de um programa com intervenção na vida de uma comunidade escolar e local, vivido ao nível da sua participação e enquanto acontecimento, a questão que se coloca é a de avaliar quais são os efeitos e consequências, ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*.

Com essa incumbência, neste capítulo, pretendemos oferecer fundamentos para responder à questão geral formulada acima, a partir da escuta dos representantes da comunidade escolar, organizando e analisando o conteúdo das entrevistas realizadas com 30 representantes da comunidade escolar, divididos em três grupos: o primeiro grupo com 10 professores; o segundo grupo com 10 ex-alunos; e um terceiro grupo com 10 pais ou mães de ex-alunos, que participaram do acontecimento mediático que decorreu em outubro de 2014, o programa televisivo CQC, na Ilha do Marajó.

No total, foram cerca de 160 páginas de transcrições feitas com base nos áudios gravados com as entrevistas dos 30 participantes. Conforme foi exposto em pormenor capítulo da metodologia desta tese, todo o material foi organizado com recurso ao *software* Atlas.ti, para suporte à etapa de codificação[183], para a realização posterior da análise dos textos, segundo as teorias apresentadas na primeira parte desta tese.

Cabe salientar que, tendo em consideração a quantidade considerável de dados, foi necessário um esforço para que a seleção das citações compreendesse tempos mais curtos e objetivos. Não obstante, algumas vezes, as citações escolhidas abarcam tempos de fala mais longos, analisados minuciosamente, para que se cumpra um outro importante objetivo deste trabalho, que é o de escutar, dar voz e espaço, para conhecer a perceção desta comunidade escolar ribeirinha, sobre a experiência da participação num programa televisivo.

Como veremos neste capítulo, durante as análises das entrevistas transcritas, foi possível observar que, cada grupo, percebeu e envolveu-se com o evento recorrendo a formas, profundidades, posições e tempos diferentes. Ressalve-se que o acontecimento pressupôs 3 fases: 1) a preparação da escola para receber o programa, a participação da comunidade escolar no programa televisivo, em que foram recebidos pela comunidade escolar inúmeros donativos,

[183] Codificar significa associar marcadores a segmentos de dados, que representam aquilo de que trata cada um dos segmentos. A codificação permite o refinamento dos dados, a sua classificação, e fornece-nos um instrumento para traçarmos comparações com outros segmentos de dados (Charmaz, 2009, p.16).

e culminou com a comunidade a ser desafiada, pelo programa, a construir um Telecentro e uma biblioteca; 2) as ações/reações que decorreram após o término do programa, com a construção de uma biblioteca e de um Telecentro (centro de formação e inclusão digital); e 3) o funcionamento da biblioteca e do Telecentro. É relevante apontarmos que esta investigação teve início no decorrer da terceira fase.

Quanto às diversas formas de participação dos grupos analisados, nota-se que os professores participaram ativamente na organização da escola, para a receção do programa televisivo, especialmente nas gravações que foram realizadas na entrega dos donativos. De seguida, foram os responsáveis pela organização das comissões, que trabalharam na construção da biblioteca e do Telecentro, e, posteriormente, pelo funcionamento do Telecentro. Até ao momento, todos os professores entrevistados continuam a lecionar na Escola Ponta Alegre, mantendo-se também em funcionamento o Telecentro e a biblioteca, embora com alterações nos últimos 9 anos.

Já os alunos que participaram do programa televisivo, usufruíram das estruturas construídas, e todos eles já saíram da Escola Ponta Alegre, há, pelo menos, 8 anos. Quanto aos pais e mães que participaram nas entrevistas como representantes desse grupo, não estiveram na escola durante a gravação do programa, mas foram envolvidos, sequencialmente, após o término do programa, como recetores dos donativos enviados pelo programa, e acompanharam os seus filhos como utilizadores da biblioteca e do Telecentro, tornando-se, ele próprios utilizadores dessas estruturas.

Face a este cenário múltiplo, em termos de envolvimento e de perceção, vemos que, alguns dos códigos analisados, que estão vinculados a determinadas fases do acontecimento, têm uma maior expressividade num ou noutro grupo, que representa a comunidade escolar.

Para além das diferenças apontadas, os entrevistados têm perfis variados, com representantes que desenvolviam muito bem a conversa, por contraponto de outros, que pouco falavam. Muito embora se reconheça a relevância da escuta de todos os grupos, aceitando as suas diversidades, percebeu-se, durante a análise das transcrições, uma diferença de profundidade nas falas notável e de posições demonstradas pelos professores entrevistados que, tal como dito, mantêm-se, até hoje, vinculados à Escola Ponta Alegre, contrariamente aos demais entrevistados, que já não fazem parte da comunidade escolar em questão. Ainda assim, ressalvamos que há citações relevantes, nomeadamente para a compreensão do impacto e das transformações ocorridas, a partir das falas dos ex-alunos entrevistados, e de representantes do grupo de pais e mães de ex-alunos.

Na análise, foi possível, através dos códigos escolhidos, identificar padrões e perceções comuns, mesmo nos grupos com perfis diferentes. Por outro prisma, na análise dos códigos que se segue nos próximos parágrafos, deu-se especial atenção às expressões ou pensamentos isolados, e às falas que indicavam aspetos negativos, ou críticos, sobre a experiência vivida.

Para a realização das entrevistas, foram elaborados guiões[184] fundamentados num quadro construído a partir das reflexões teóricas expostas nos Capítulos 3 a 6. As tarefas de organização, de sistematização e de análise das informações recolhidas a respeito da experiência do acontecimento mediático, sob a perspetiva dos entrevistados, foram realizadas tendo em consideração o teor dos capítulos mencionados acima, nomeadamente, os posicionamentos teóricos que estiveram na base para a determinação dos códigos e para a concretização da análise das entrevistas, divididos em 3 temas.

Cada tema tem o propósito de oferecer uma resposta para os 3 objetivos traçados no início desta investigação, com que se pretende avaliar em que medida um programa televisivo de infoentretenimento e doação de bens, produzido com um carácter acontecimental na vida de uma pequena comunidade: 1) constitui um Acontecimento mediático; 2) teve efeitos ao nível de uma Experiência pública; e 3) apresenta pela comunidade escolar uma perceção de algum tipo de desenvolvimento ou mudança social.

O primeiro tema foi nomeado como: "O Acontecimento mediático do programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó". Este tema tem relação com as teorias do "Acontecimento mediático e da Comunicação como cultura", desenvolvidas nos capítulos 3 e 4, que geraram os seguintes códigos: 1.1 emoções; 1.2 memória e significado; 1.3 aprendizagens; 1.4 participação mediática; e 1.5 humor e entretenimento.

O segundo tema, "Efeitos percebidos ao nível da Experiência pública vivenciada pela comunidade da Escola Ponta Alegre", vincula-se às teorias discutidas no capítulo 5 precisamente sobre a "Experiência Pública", discorre sobre a experiência coletiva vivida pela comunidade escolar e os efeitos percebidos pelos entrevistados, estando centrado na análise dos seguintes códigos: 2.1 organização; 2.2 cooperação; 2.3 relações interpessoais; 2.4 sentido de compromisso e continuidade; e 2.5 produção de conhecimento local.

[184] Ver Anexos 1 e 2

E, no terceiro tema, "Acontecimento mediático e a Experiência pública – convergências sob a perspetiva das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social", será analisada de que forma os códigos expressos nos dois primeiros temas, e os resultados sistematizados através das entrevistas realizadas com os participantes do acontecimento, se vinculam, ou convergem, com as teorias críticas sobre a "Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social", sob a ótica dos Estudos subalternos e Pós-coloniais; e, se é possível, a partir desses entendimentos, perceber algum tipo de desenvolvimento, ou de mudança social, na comunidade escolar.

8.1 O Acontecimento mediático do programa CQC, *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó

Neste tema, o programa foi analisado através das respostas dadas pelos entrevistados, considerando a dimensão comunicacional mediática do acontecimento, a partir dos aspetos que transparecem os modos e os formatos de afetações, que construíram a experiência individual e coletiva da participação da comunidade escolar no programa televisivo estudado.

Tendo em consideração estes pressupostos, foi realizada a sistematização das informações recolhidas nas entrevistas, recorrendo aos códigos escolhidos para o desenvolvimento deste tema, tendo sido identificados, nas entrevistas, os elementos que demonstraram: 1.1 qual teria sido o papel das emoções deflagradas pelo acontecimento mediático; 1.2 que memória persistia da experiência vivida e se tinham surgido novos valores e significados; 1.3. quais foram as aprendizagens apreendidas a partir da participação da comunidade escolar no programa televisivo em análise; 1.4 de que forma o formato participativo afetou o envolvimento da comunidade escolar no acontecimento mediático do programa CQC, na Ilha do Marajó; e 1.5 qual a perceção da comunidade escolar a respeito do tom humorístico e de entretenimento do programa em estudo.

Daremos início ao processo de análise com o código emoções, que apresenta uma grande preponderância nesta tarefa, já que, na maior parte das entrevistas, foram debatidos temas diversos, com a presença, ou a evocação da lembrança de alguma emoção.

8.1.1 Emoções

> "Eu lembro daquela grande emoção, daquela grande alegria, que hoje, quando eu lembro, passa aquele filme como se fosse hoje. E hoje, quando eu olho

> para o Telecentro ou a sala de leitura, vem aquela emoção daquele momento" (19:1 ¶ 2 in PM.MZ)[185].

As emoções, como sentenciámos no início deste capítulo, estão muito presentes nos diálogos durante as entrevistas, ativam as lembranças e as memórias e, quanto mais o entrevistado demonstrava as suas emoções, mais parecia estar conectado com o acontecimento, as suas lembranças, a clareza do seu significado, e as consequências. Por isso, a nossa proposta, nesta secção, é identificar as emoções apontadas pelos entrevistados, e de que forma, e em que contexto foram expressas, durante o acontecimento mediático em análise.

Quando questionámos sobre o que sentiram durante o acontecimento, os entrevistados manifestaram alguma intensidade emocional, não só a nível individual, mas também a nível coletivo. Embora a investigadora tenha mantido a atenção, para que a pergunta fosse direcionada para a identificação da perceção do que o entrevistado sentiu pessoalmente, as respostas apontaram, inclusive, para uma perceção do que a comunidade escolar sentiu.

A afetividade é um dos temas mais relevantes na experiência pública, pois é a responsável para que a experiência subsista nas esferas percetiva, cognitiva e moral, permitindo, ainda, o contato entre as pessoas e as coisas, mantendo-as juntas, conectadas numa determinada situação e contexto (Cefai, 2007).

Há um trabalho real das emoções quando se articulam os pensamentos e se interligam com a bagagem anterior de conhecimentos, práticas, hábitos sociais, crenças, preferências e expetativas do que pode ser visto como normal (Quéré, 2017). As emoções são o meio de ligação entre o organismo e o meio ambiente, na formação de uma comunidade de interesse, ativando os valores comuns, com consequências na vida coletiva, aproximando e sintetizando o individual e o coletivo (Quéré, 2017), destruindo a distância simbólica que as sociedades, por vezes, constroem (Mateus, 2016).

Como já foi discutido nos capítulos dedicados aos aspetos teóricos deste estudo de caso, os *media* influenciam a nossa sensibilidade, e a exposição às performances pode gerar um engajamento ativo, a partilha de uma nova visão de mundo, de cooperação e comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público (Dayan, 2006).

[185] Em todas as transcrições realizadas a partir das entrevistas realizadas, vamos manter as expressões, maneirismos e a linguagem exatamente como foram utilizadas pelos entrevistados, tendo sido transcritas exatamente o que e como foi dito, mantendo-se, inclusive, as marcas do coloquialismo próprias da linguagem falada.

Na análise das citações marcadas com este código, tornou-se evidente a relevância e a intensidade da presença das emoções no acontecimento mediático em estudo, nomeadamente de expressões que sugerem felicidade, alegria e gratidão, assim como de exaltação, entusiasmo e prazer. Para terminar a análise deste código, verificou-se a presença de sentimentos inversos aos mencionados, como: tristeza, ansiedade, preocupação, choque e um sentimento de pesar.

8.1.1.1 O impacto das emoções

As entrevistas deixam claro que se tratou de um episódio muito emocionante. Em exemplos de expressões utilizadas, como "até hoje me emociona"; "só de lembrar fico emocionado"; "foi muito emocionante"; e "foram muitas as emoções", é possível reconhecermos a acentuação dada ao elemento emocional, conforme pode ser verificado nestas citações:

> "Aquele momento foi muito emocionante e impactante na história de toda a comunidade escolar" (33:1 ¶ 1 in MP.CA).
>
> "Tanta coisa que só de lembrar emociona né, como era e como tá agora" (7:2 ¶ 2 in PR.RI)
>
> "É, até hoje emociona quando a gente ver o filme o vídeo da chegada, nossas crianças felizes né, sabia que a partir daquele momento da chegada do programa aqui nossas vidas ia mudar" (7:7 ¶ 8 in PR.RI).
>
> "Meu Deuuus! [Risos]. Aí.... Olha foi muito, muito emocionante aquele momento sabe, foi assim algo assim quase que inexplicável porque tu vivenciar algo assim que tu nunca imaginava de... de que pudesse acontecer, foi assim um momento muito marcante marcou muito aquele momento, marcou muito mesmo" (9:3 ¶ 16 in PR.SI).
>
> "Os professores, muitos professores choraram de emoção, né? Porque, poxa, nossa escola única que aconteceu isso" (12:5 ¶ 1 in A.RE).

8.1.1.2 A alegria, a felicidade e a gratidão

Na dimensão emocional, a expressão "alegria" foi, de longe, a mais indicada nas entrevistas, seguida de "felicidade" ou "feliz", e do "sentimento de gratidão". São estes sentimentos – alegria, felicidade e gratidão –, que constituem a base tríplice das emoções mais confirmadas pelos entrevistados.

“[A] gente foi muito feliz né porque acredito que entre milhões de escolas essa foi premiada né!?, foi muito gratificante” (1:5 ¶ 6 in PR.EV).

“[A] gente percebia a alegria dos filhos estarem ali recebendo uma visita uma ação recebendo ali algo diferente né” (4:15 ¶ 20 in 20 in PR.EP).

“Muito feliz porque como a gente vive numa área carente né, aí quando eu soube que a gente ia receber os livros que eram um projeto da escola montar uma biblioteca uma sala de leitura, então eu sinceramente fiquei muito feliz porque seria uma oportunidade de estar despertando o interesse dos nossos alunos ampliando os conhecimentos dele” (5:3 ¶ 7 in PR.JO).

“Os alunos ficaram todos felizes, sentimo-nos valorizados diante de toda a repercussão que houve, ao assistir o programa uma emoção tão grande que até hoje eu me emociono muito quando eu assisto né, o programa que foi exibido na época, então uma felicidade que a gente não consegue comparar né” (6:5 ¶ 27 in PR.LU).

“Todas as pessoas ali envolvidas, todas as pessoas ali tentando fazer o máximo né pra que pudesse acontecer aquilo da forma como seria para acontecer... eu me senti muito feliz, muito mesmo. Até hoje me sinto feliz. [Risos]” (9:4 ¶ 16 in PR.SI).

“Então, o que eu me lembro da sensação de todo mundo ali é… é… muito feliz” (12:4 ¶ 1 in A.RE).

“Eu era criança nessa época, mas eu me lembro que foi um evento que aconteceu na escola que provocou muita alegria para todos nós, sabe” (14:2 ¶ 2 in Entrevista A.YA).

“Foi um momento de alegria para a escola, emocionante mesmo foi” (15:1 ¶ 2 in Entrevista A.FA).

“E a gente ficou surpreso porque a gente não tinha o conhecimento do projeto, mas pra gente foi uma grande alegria, né?” (17:2 ¶ 2 in PM.IR).

“Eu me senti muito feliz e me sinto feliz ainda porque meus filhos foram alunos da escola” (17:5 ¶ 4 in PM.IR).

“Me senti muito alegre. Muito feliz, né? Por nós ter a, é... Digo assim, a oportunidade de nós conseguir um Telecentro “pra” nossa Escola Ponta Alegre” (18:2 ¶ 5 in PM.MD).

“Olha, foi…eu me sentia assim feliz, né? Muito feliz porque foi uma coisa que veio “pra” ajudar, né? “Pra” mudar as coisas, né? Porque é uma coisa que

> não tinha no nosso município, né?" (22:3 ¶ 4 in MP.DO).
>
> "Foi um momento de muita alegria, me senti muito feliz por aquele momento, por aquele acontecimento. Foi onde teve o envolvimento dos alunos" (37:2 ¶ 1 in A.SU).
>
> "Eu me senti satisfeita, alegre que chegou o Telecentro 'pra' ai 'pra' escola" (13:2 ¶ 3 in A.TA).
>
> "Eu senti que foi de emoção, porque naquele tempo o Telecentro foi uma grande conquista que a escola ganhou. E para mim foi um motivo muito de alegria mesmo" (16:2 ¶ 4 in Entrevista A.JO).

Como foi mencionado acima, o sentimento de gratidão foi um dos mais indicados nas falas dos entrevistados, tendo sido manifestado por representantes de todos os grupos, conforme se pode confirmar nos seguintes trechos:

> "foi uma experiência única e linda. Muito emocionante e gratificante de gratidão como eu falei pra você Fabiane, no começo, de ver pessoas que você não conhece, que você nunca viu na sua vida por cidades que você nunca pisou e se mobilizar para ajudar uma pessoa que tá no interior ribeirinho aqui" (3:26 ¶ 77 in PR.EL).
>
> "Eu acredito que o sentimento maior foi de gratidão pela solidariedade, empenho dos envolvidos no projeto" (32:2 ¶ 11 in MP.JE).
>
> "Sentimento de gratidão e reconhecimento de todas as pessoas envolvidas" (33:2 ¶ 1 in MP.CA).
>
> "Um sentimento de muita gratidão 'pra nós, quanto alunos, para mim, porque a gente sabia que todas aquelas doações eram para as melhorias dos nossos conhecimentos" (36:2 ¶ 1 in A.AN).
>
> "Nós né, que querem que a educação evolua no Brasil porque nós somos do Brasil né, e isso foi uma experiência linda e única de gratidão de muita gratidão por tudo sabe? E é uma experiência que eu nunca vou esquecer. que eu vou levar para o resto da minha vida, uma experiência que eu vou contar para o meu filho, porque eu acredito que o meu filho ele vai contar o para filho dele, porque se a gente preservar a gente sempre vai ter, vai estar aqui, o meu filho vai usar o filho do filho dele pode usar, então é uma experiência única sabe? E linda. Muito emocionante tudo o que aconteceu, sabe?" (3:27 ¶ 77 in PR.EL).

8.1.1.3 Exaltação, entusiasmo e prazer

Num segundo plano, ainda que não sejam propriamente sentimentos, foram aqui considerados como tal, uma vez que os entrevistados relacionaram estas palavras com expressão de seus sentimentos, merecendo destaque as seguintes: exaltação, entusiasmo e prazer.

> "A gente sentiu um entusiasmo muito grande, uma coisa que foi, "pra" nós, coisas novas que trouxe "pra" dentro da nossa comunidade, como a Escola Ponta Alegre" (20:2 ¶ 4 in MP.MA).
>
> "Projeto inédito, que trouxe muita alegria e entusiasmo para as crianças e todos da nossa comunidade ribeirinha" (32:1 ¶ 5 in MP.JE).
>
> "Foi prazeroso, foi dinâmico, foi divertido e, ao mesmo tempo, foi emocionante né?" (32:5 ¶ 23 in MP.JE).
>
> "Então, pra mim, foi uma coisa, tipo, que eu fiquei muito feliz e empolgado em ver, em ver tudo aquilo que "tava" acontecendo, porque, por ser interior, era uma coisa nova para a gente. Era uma coisa que, como criança, a gente não imaginaria que chegasse. Então, para mim, foi uma coisa muito boa e que também despertou em mim a área do conhecimento que eu pude conhecer e aprender várias coisas" (38:1 ¶ 2 in A.AG).
>
> "O meu maior sentimento foi de empolgação, porque vendo aquelas coisas novas que estavam chegando, eu me senti muito empolgado, muito elétrico para saber o que estava acontecendo. E aquilo foi muito bom para mim. O meu sentimento também foi de alegria por ver que a nossa escola, que naquele tempo talvez não fosse tão desenvolvida, está se desenvolvendo tão rápido. Então, o meu sentimento foi empolgação e alegria" (38:2 ¶ 2 in A.AG).

8.1.1.4 Um paradoxo de emoções

Por fim, mas não menos importante, importa mencionar as expressões que foram ditas com menor frequência, carregando, ainda assim, um significado relevante para a compreensão do papel das emoções neste capítulo. Perante o turbilhão de emoções, constataram-se emoções contraditórias às que foram discutidas anteriormente nesta secção, pois alguns dos entrevistados manifestaram ter sentido "ansiedade". Houve ainda outros entrevistados que, quando foram questionados sobre o que sentiram, responderam, por exemplo, que o evento foi "assustador";

“foi um choque”; “senti preocupação”; “senti o peso de tudo que estava acontecendo” e “senti tristeza”. Abaixo, deixamos alguns exemplos que o corroboram:

> “eu sinto assim um… algo diferente, por um lado valorização por outro assim tipo… algo negativo, se vem pela negatividade que se tem aqui né? Ai por um lado assim que se sente estimulado, encorajado, por outro se sente triste. Eu particularmente me sentia. Poxa se vem algum projeto para cá dentre tantas necessidades é porque a gente está muito atrás nos anos né!?” (2:5 ¶ 6 in PR.EA).
>
> “A gente quase não tinha acesso aos programas né, então, muitos de nós não conhecia esse programa CQC justamente porque a gente não tinha condição de ficar ligado né, de ter energia elétrica pra ver né os outros canais de televisão, então a gente assistia muito pouco então, quando ele veio pra mim assim foi um choque sabe? Um choque bom mas eu não entendi muito bem, confesso que eu não entendia muito bem eu sei que depois que o Márcio foi embora eu fiquei tão feliz né (6:10 ¶ 39 in PR.LU)”.
>
> “Eu me senti assim muito ansiosa né” (8:3 ¶ 22 in PR.RO).
>
> “Então foi um sentimento assim, Meu Deus como que o nosso município a nossa escola né vai… vai ser vista né, para o mundo todo né, através do programa televisivo então… não existia nem explicação naquele momento né, para isso. [Risos]. E mostrasse né, porque o programa foi mostrar a comunidade em si a integralidade em si como era realmente… o… como soube na época… então gerou uma certa preocupação, mas a ansiedade era muita né. Os problemas né? Que as pessoas viviam” (8:4 ¶ 22 in PR.RO).
>
> “A gente conseguiu sentir aquele peso do tamanho do trabalho que foi aquilo, daquele marco que estava acontecendo para a escola, pelo fato de sermos ribeirinhos, né?” (12:2 ¶ 1 in A.RE).
>
> “Eu lembro que nós estávamos muito ansiosos, muito felizes esperando aquela doação, que a gente não sabia o que era, mas a gente sabia que era para ajudar a nossa escola, para ajudar a nossa comunidade, “pra” trazer mais aprendizado para nós como alunos, e a gente estava muito ansiosa esperando aquele momento” (36:1 ¶ 1 in A.AN).
>
> “No fundo, no fundo, a gente se sentiu assim um pouco mal e culpado, nós se culpava porque não conseguimos contemplar todo mundo, porque o que veio não dava pra contemplar todo mundo” (1:35 ¶ 43 in PR.EV).

> “Nossa! Não dá pra esquecer, não sabe? Era uma ansiedade muito grande quando a gente soube a notícia de que a escola tinha sido contemplada com o projeto que vinha contribuir, vinha somar para o ensino de qualidade dos nossos alunos e assim foi um momento de muita euforia sabe?” (3:2 ¶ 6 in PR.EL).

> “Eu só tenho assim a agradecer e me preocupo também muito né, com tudo que a gente recebeu, de manter tudo isso vivo porque é da comunidade é.... É um bem tão grande pra comunidade que a gente precisa valorizar sempre e trazer pros nossos alunos de uma forma favorável” (6:6 ¶ 27 in PR.LU).

Uma diversidade de emoções, em maior ou menor frequência como foi detalhado acima, determina a relevância deste elemento para toda a análise do acontecimento mediático, bem como o seu impacto e conexão com todos os códigos e temas que estão a ser analisados neste capítulo. Abaixo, apresentamos uma representação das afetividades capturadas nas entrevistas:

Figura 4: Palavras usadas pelos entrevistados para descrever emoções sentidas a respeito de sua participação no acontecimento mediático
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

8.1.2 Memória e Significado

> “Quando eu lembro do programa em si é uma emoção muito grande, foi algo assim fantástico que aconteceu na nossa vida que marcou a minha vida

> enquanto professora que marcou a vida da Escola Ponta Alegre" (PR.LU, 2021).

O programa em análise foi exibido em 2014, mas as entrevistas só foram realizadas em 2021 e 2024. Conforme descrevemos no capítulo dedicado à Metodologia utilizada nesta tese, mais concretamente na secção "Limitações da Pesquisa", o hiato temporal foi um risco assumido neste trabalho de forma consciente, sendo uma variável que poderia distanciar e empobrecer o desenvolvimento do estudo, tendo em conta a perceção da comunidade escolar, ou, pelo contrário, a dependência da memória preservada pelos participantes, poderia revelar-se como um indicador da profundidade da afetação ocorrida. Há nessas memórias um conteúdo valioso para uma melhor contribuição das análises e para a obtenção dos resultados desta investigação.

Felizmente, o que se pode verificar, desde o início da fase do trabalho de campo, é que todos os entrevistados, sem exceção, se lembravam do acontecimento – muitos deles, refiriam-se, com um nível de detalhe bastante elevado – e, todos eles, manifestaram as suas emoções quando fizeram os relatos da sua memória do evento e o seu significado. Torna-se, por isso mesmo, oportuno dizer que as emoções foram um elemento transversal em todas as entrevistas e que, de alguma forma, estão presentes em todos os outros códigos criados, desafiando a organização e a sistematização das entrevistas. Muito embora a análise das emoções tenha tido dedicada uma secção específica – anterior a esta –, representa uma característica estrutural, e por essa razão, sendo reconhecida nesta investigação como uma ambiência preponderante da experiência analisada, é possível identificar o seu impacto na expressão e perceção dos entrevistados no código analisado nas próximas linhas, bem como em outros subsequentes, inseridos neste capítulo.

Com isso em mente, passamos à análise do código "memória e significado", esclarecendo o contexto prévio à chegada do programa televisivo – lembrado na fala de alguns dos entrevistados –, no que diz respeito ao facto de que, naquele tempo, não havia energia elétrica naquela região e ninguém, ou quase ninguém, conhecia o programa CQC. Prevalecia um cenário típico da vida ribeirinha – devidamente aprofundado no capítulo sobre a Ilha do Marajó –, ligado ao isolamento e a dificuldades de acesso logístico, assim como de outras necessidades estruturantes nas áreas de saúde e educação, por exemplo.

Durante as entrevistas, quando foi lançada a questão sobre o que lembravam em relação ao programa CQC na Escola Ponta Alegre, e o que significou, na sua opinião aquele acontecimento, das respostas obtidas, há 2 aspetos que chamaram a atenção, considerando a

frequência com que foram expostos por diferentes grupos de entrevistados: 1.2.1 a lembrança viva de um acontecimento ocorrido há mais de 8 anos; e 1.2.2 um encontro de realidades, o espetáculo e a vida quotidiana ribeirinha.

A seguir, avançaremos com a descrição pormenorizada dos 2 aspetos mencionados acima, procurando a construção de uma perceção a respeito da memória e do significado, em relação à participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa televisivo CQC, na Ilha do Marajó.

8.1.2.1 A lembrança viva do acontecimento

> "Já se faz um bom tempo, mas aquela lembrança ficou na nossa mente" (PM.DO).

Iniciamos esta secção com uma constatação importante a respeito da qualidade da memória dos entrevistados em 2021 e em 2024, que participaram do acontecimento mediático que decorreu em 2014. A lembrança vívida sobre o evento ficou demarcada em todas as entrevistas realizadas. Todos os entrevistados, com um grau de detalhe maior ou menor, alterando-se o foco da atenção que tiveram, lembravam-se da experiência vivida com a chegada do programa CQC, na ilha do Marajó. Vejamos, abaixo, alguns trechos que o exemplificam:

> "Até hoje é inesquecível quando a gente lembra do momento de tudo que passou, a gente não tem como apagar isso de tudo porque a gente viveu aquilo. A gente contribuiu para aquilo… e a gente viu resultados, e tem alunos aí que foram meus alunos na época, que também não esquecem hoje já 'tão' numa universidade" (4:16 ¶ 22 in PR.EP).

> "Eu lembro de quase tudo, né? Da preparação quando a gente soube que ia ser beneficiado com a cadeia de favores. Então foi uma coisa assim que todo mundo ficou feliz, todo mundo se empolgou para querer receber, para querer ser beneficiado, então eu lembro de muita coisas e que mobilizou na verdade toda comunidade" (5:1 ¶ 4 in PR.JO).

> "É eu lembro de todos os momentos né? Desde a chegada, esse momento que a gente se preparou para receber né? Então foi um momento assim muito especial né? Posso dizer, nós estávamos aguardando ansiedade né? E a gente.. eu lembro desse momento né… que os barcos vinham chegando né? O povo também vinha chegando para esse momento, essa recebida essa acolhida então foi algo assim que marcou muito. [Risos]. Não dá para esquecer" (8:1 ¶ 12 in PRF).

> "Já se faz um bom tempo, mas aquela lembrança ficou na nossa mente e foi muito importante esse momento, foi um momento de grande alegria para a comunidade escolar, para os pais de alunos que nessa época tinha muitos alunos que estudavam, ainda estudam" (17:10 ¶ 2 in PM.DO).

> "Eu lembro na chegada do…da embarcação, com o material, foi um marco histórico assim 'pra' gente sabe?" (12:6 ¶ 1 in A.RE).

8.1.2.2 O encontro de realidades, o espetáculo e a vida quotidiana ribeirinha

> "'Professora, seria bom abrir aqui a sala e a gente preparava umas faixas de agradecimentos porque a gente convidou também o prefeito pra vim né pra prestigiar o momento'', aí então falei, é vai precisar abrir porque vem bastante pessoas aí então se vocês puderem suspender a aula amanhã porque no outro dia né, no dia seguinte a equipe chegaria então" (6:14 ¶ 45 in PR.LU).

A chegada do programa televisivo interrompeu a vida quotidiana da comunidade da Escola Ponta Alegre, causando alterações significativas no seu fluxo natural, especialmente nos dias de preparação e de receção do programa televisivo, quando aconteceu a participação da comunidade escolar na gravação do episódio relativo à entrega de todas os donativos conseguidos graças à mobilização do CQC. A interrupção foi de tal forma comparável aos grandes dias festivos naquela região, que as aulas de centenas de crianças foram suspensas, foram preparados faixas e alimentos, e foram recebidas visitas das autoridades locais.

Os entrevistados descreveram o acontecimento questionando a dimensão da realidade que estavam a testemunhar. Expressões recorrentes, na maior parte dos entrevistados, foram surpresa, desconhecimento, e autoindagação acerca do que estava a acontecer. Alguns deles disseram, inclusive, que não entendiam o que estava a acontecer, e recorreram, com frequência, às seguintes palavras ou expressões: "parecia um sonho"; "foi uma grande surpresa"; "surreal"; "parecia que não era verdade"; "fantástico", entre outras afirmações com sentidos similares.

Todos esses termos utilizados indiciam a disrupção com a realidade, revelam as distâncias físicas e simbólicas, vividas pela comunidade escolar, relativamente a um programa televisivo que cruzou o país, e que fez uma travessia de barco, que durou cerca de 10 horas, rompendo, por completo, com a rotina da vida quotidiana ribeirinha.

Mesmo tendo sido informados sobre a vinda do programa, os participantes mostraram espanto e surpresa à chegada do mesmo, dando-se um encontro de realidades, propiciando a suspensão da separação simbólica entre a vida real e a vida fictícia que a televisão representa.

Neste momento, sucedeu o que Csigo (2010) indicou como uma "quebra de quadro", quando é possível ver por detrás das câmaras, possibilitando a interação e a participação entre o homem comum e um programa de televisão. Nesses instantes, também é possível deflagrar o significado do acontecimento, a partir das primeiras perceções dos entrevistados, tal como fica exemplificado nos trechos seguintes.

> "Uma esperança né, um sonho que tornou-se realidade na comunidade" (23:2 ¶ 4 in PM. JO).
>
> "Depois de oito anos, assim né!? Depois do programa eu ainda tenho na mente tudo que aconteceu toda aquela mobilização, toda aquela primeira notícia que chega e parece que tipo assim.... seria momento assim que parecia que não tava acontecendo nada, pareceria que seria um sonho aquilo... porque tipo assim um movimento um projeto tão grandioso que parecia que era algo... parecia na verdade que era um sonho, parecia que a gente não tava ainda vivendo aquele momento, então eu lembro como se fosse hoje toda aquela movimentação, toda mundo se mobilizando, todo mundo tentando para fazer de tudo para receber né, todo mundo tava com aquela expectativa aquela alegria aquela animação, aquilo tão tão gostoso" (9:1 ¶ 4 in PR.SI).
>
> "Quando eu lembro do programa em si é uma emoção muito grande, foi algo assim fantástico que aconteceu na nossa vida que marcou a minha vida enquanto professora que marcou a vida da escola Ponta Alegre" (6:4 ¶ 27 in PR.LU).
>
> Foi uma coisa surpresa praticamente para nós aqui e que a gente ficou muito feliz de ver tudo aquilo que a gente não esperava que fosse acontecer né" (18:4 ¶ 9 in PM.MD).
>
> "Quando chegaram pra falar pra gente que tinham esse projeto pra nossa escola então, foi algo assim assustador! Será que é verdade? Será que vai acontecer mesmo? E graças a Deus aconteceu e até hoje a gente tá tendo o resultado disso né, então são muitas coisas que vamos tem que lembrar" (7:5 ¶ 2 PM.RR).
>
> "Cara, chegar um projeto desse para a gente era… foi surreal, sabe?" (12:2 ¶ 1 in A.RE).
>
> "Então, pra mim, foi uma coisa, tipo, que eu fiquei muito feliz e empolgado em ver, em ver tudo aquilo que "tava" acontecendo, porque, por ser interior, era uma coisa nova para a gente. Era uma coisa que, como criança, a gente não imaginaria que chegasse" (38:1 ¶ 2 in A.AN).

8.1.3 Aprendizagens

> "Eu aprendi que momentos solidários existem, que aquele gesto que estava acontecendo naquele momento era um gesto de solidariedade, que ainda é possível" (19:3 ¶ 6 in PM.MZ).

Os entrevistados foram questionados sobre que aprendizados retiveram, a partir da experiência promovida pela participação no programa televisivo CQC. Destaca-se que a aprendizagem, nestas circunstâncias, não está intrinsecamente ligada às reações dos intervenientes, após o término do programa, nomeadamente a respeito da construção do Telecentro e da biblioteca. Estes serão analisados mais à frente, quando for abordada a perspetiva da experiência pública, a que se refere o código "produção de conhecimento local". Neste código, através das citações dos entrevistados, constatam-se 2 elementos distintos, ligados à perceção das aprendizagens: a aprendizagem está relacionada com a solidariedade e a união, e com uma experiência de amor ao próximo; e a aprendizagem está diretamente ligada ao formato participativo e humorístico do programa.

8.1.3.1 A aprendizagem relacionada com a solidariedade e a união, e com uma experiência de amor

Inicialmente, afere-se que a principal aprendizagem percebida nas entrevistas está relacionada com a solidariedade, com a união de pessoas e de instituições, com o objetivo de trabalhar para um bem comum, ligando a ocorrência dessa solidariedade à existência e ao propósito do acontecimento mediático.

> "Aprendizado muito grande porque nesse, nesse movimento mostrou a força da parceria da união todo mundo ali, todos tavam unidos e a união foi que fez aquilo acontecer, a união a força de quando se uni para se conseguir algo, é muito positivo e isso ficou de aprendizado, porque se não fosse a força da união né? A parceria de todo mundo, talvez não teria acontecido. Esse é o maior aprendizado, né" (9:5 ¶ 22 in PR.SI).

> "O programa, ele trouxe um exemplo sobre o que é a união, né? Projeto que só poderia ser realizado com a união e o apoio e a solidariedade de todos e foi basicamente isso" (37:1 ¶ 1 in A.SU).

> "Eu acredito que o sentimento maior foi de gratidão pela solidariedade, empenho dos envolvidos no projeto" (32:2 ¶ 11 in PM.JO).

> “Eu aprendi né que quando a gente se une, quando todo mundo se uniu com um objetivo a gente consegue. Com certeza a gente consegue, porque um ditado diz né? que uma andorinha não faz verão, mas várias, faz acontecer então, foi uma época que, a gente… a gente a nossa escola não tava num momento bom” (5:4 ¶ 9 in PR.JO).
>
> “Eu aprendi mais sobre os gestos de solidariedade, quando é importante ajudar o próximo” (14:3 ¶ 4 in A.YA).
>
> “Um dos aprendizados foi a união né, que a união faz a força, que sim, é possível oferecer dignidade, possibilidades de inclusão digital com mais igualdade, apesar da realidade geográfica em que vivemos” (32:4 ¶ 17 in PM.JE).

Alguns dos entrevistados acrescentaram que não é necessário conhecer as pessoas, ou o contexto que é o objeto de solidariedade, para que a aprendizagem ocorra. Há um entendimento de que a união que se testemunhou, é capaz de criar movimentos positivos e de superar obstáculos que distanciam as pessoas, e as instituições, da realidade da vida ribeirinha. É o que se pode confirmar nas próximas citações:

> “Bom, falando assim do meu emocional eu aprendi que para você ajudar você não precisa conhecer, você tem que querer ajudar para você querer que alguma coisa evolua positivamente você não precisa tá convivendo ali sabe? Pra saber o dia a dia, para saber como que é a pessoa, como que é o lugar, como que é a comunidade, mas basta você querer, querer que evolua positivamente você pode, você não precisa conhecer, mas se você quiser que aquilo evolua positivamente, que aquilo cresça positivamente, é…só você deixar fluir né” (3:5 ¶ 16 in PR.EL).
>
> “Aí meu aprendizado. Foi acreditar, acreditar através do CQC acreditar que tem pessoas humanas que ainda são capaz de ajudar e conhecer que não tem nada que não, que não possa ser concretizado né, não tem nada, não tem nada difícil basta a gente querer” (7:10 ¶ 10 in PR.RI).
>
> Numa última nota sobre a perceção de solidariedade como aprendizagem, deixamos trechos de dois entrevistados, que relataram que as suas aprendizagens estavam intimamente ligadas à perceção de uma experiência de amor ao próximo, com um significado mais subtil, para eles, a solidariedade e o amor ao próximo é o melhor caminho a ser percorrido.
>
> “Foi um aprendizado muito significativo que trouxe como base generosidade, disponibilidade, amor ao

> próximo. Diálogo e trabalho em equipe" (33:3 ¶ 2 in PM.CA).
>
> "Como criança, eu vendo aquelas pessoas tendo amor ao próximo e solidariedade, eu aprendi que é o melhor caminho e que ser uma pessoa boa e ajudar as outras pessoas sempre é o melhor caminho" (38:3 ¶ 2 in A.AG).

8.1.3.2 A aprendizagem vinculada ao formato participativo e humorístico do programa

Procurando trazer à discussão uma outra vertente, invocamos a referência de uma experiência participativa ligada a uma dimensão de aprendizagem, do conhecimento dos bastidores da produção televisiva, com a apresentação de um mundo que envolve pessoas e capacidades específicas, não comuns ao ambiente ribeirinho, conforme está patente no discurso destes entrevistados:

> "Os aprendizados eles aconteceram em diversas dimensões e direções também, porque pessoas técnicas, com outros níveis e pessoas com outras funções além da nossa, além da nossa região e assim programa de televisão tem toda uma produção então, ver de longe é uma coisa, e você conviver com essa equipe vê como que funciona tudo isso é uma loucura. E é uma… um desafio para gente que nunca viu isso né?" (4:20 ¶ 34 in PR.EP).
>
> "O que eu aprendi é que foi uma forma inteligente que eles trouxeram. Por ser uma escola de ensino fundamental, a maioria era criança e adolescente. Então, eles tiveram um pensamento, assim, inclusivo, que incluiu todas as crianças. Foi uma forma inteligente de trazer as informações para a criança, de ensinar, de explicar o que estava acontecendo. Então, sem críticas, para mim, foi uma ação inteligente deles e eu gostei muito" (38:4 ¶ 3 in A.AG).

8.1.4 Participação mediática

> "Mas eles vinheram buscar exatamente a convivência como o povo do Marajó vivia e vive e vai viver né, eles vinheram buscar aquela experiência, então, aquela alegria deles né" (1:14 ¶ 17 in PR.EV).

O programa CQC, na Ilha do Marajó, apresentou uma dinâmica festiva participativa e disruptiva da vida quotidiana de uma comunidade escolar ribeirinha. O tom humorístico, característico do programa, conforme ficou demonstrado na análise realizada sobre o mesmo, acentuou o clima festivo e contribuiu para a formação de um ambiente de emoções intensas – discutidas em secções posteriores –, com o envolvimento e a mobilização de todos os presentes.

Foi neste cenário, que traçámos o objetivo de analisar as respostas dos entrevistados, a respeito das suas perspetivas sobre a participação da comunidade escolar no programa televisivo, a partir de dois códigos: participação e humor, e humor e entretenimento, sobre a presença do tom humorístico e festivo utilizados na condução do programa na Escola Ponta Alegre.

Iniciaremos a análise sobre o elemento "participação", a partir das citações nos textos transcritos dos entrevistados que receberam esse código, procurando capturar que perceções os entrevistados demonstraram a esse respeito, sendo destacados, de acordo com as entrevistas, aspetos relacionados com a visibilidade, inclusão e mobilização.

8.1.4.1 A visibilidade e a valorização, um efeito transformador na comunidade escolar

O aspeto aqui discutido relaciona-se com a compreensão da forma como a exposição mediática, proporcionada pelo programa televisivo, afetou a comunidade escolar e que transformações podem ter ocorrido a partir dessa visibilidade. Sobre este tema, os entrevistados referiram: "mudou a nossa história"; "mudou a história local"; "a escola passou a ser notada"; "nossa escola não era bem-vista"; "agora somos referência"; e "nossa escola agora é padrão".

Nas falas dos entrevistados encontram-se indicações de que a exposição mediática trouxe à comunidade escolar, uma visibilidade transformadora.

> "É algo transformador pra nós. A principal transformação da nossa evolução, da nossa é.... Como eu falei e sempre falo a nossa escola evoluiu a partir daquele dia" (7:16 ¶ 40 in PR.RI).

Expressões como "agora somos vistos" e "sentimo-nos valorizados", foram encontradas com frequência, seja de forma literal, como descrito acima, seja de forma indireta, indicando-se esse mesmo sentido, sentiram-se "envaidecidos", "dignos" e "orgulhosos", ficando bem patente um aumento da autoestima da comunidade.,

> "E não foi uma surpresa só pra nós não foi assim uma coisa fantástica só pra nós, o município inteiro ficou sabendo ai todos ficaram felizes também né!? porque dentro do município a gente ser

> contemplado assim com um Telecentro e tornando-se a nossa escola hoje referência né dentro do município, melhorou muito a nossa autoestima, a autoestima da escola a gente teve uma mudança muito grande muito grande de forma positiva perante a sociedade em si e dentro da escola a gente se sentiu valorizada, a gente sentiu um orgulho tão grande de receber essas doações que fizeram tão bem pra nós" (6:11 ¶ 39 in PR.LU).
>
> "Da TV chegou aqui na nossa escola a gente não entendia muito bem o que tava acontecendo, não que a gente não tivesse sido informado porque a supressa ela foi tão grande né!? E.... Nós estarmos passando por um momento assim difícil, porque a gente não se sentia muito valorizado né" (6:3 ¶ 27 in PLMS).
>
> "Uma coisa que a gente aprendeu muito, né? Porque a gente foi, assim, valorizado, né? Como pessoa né, como pai, como os nossos filhos que estudaram, né? Se sentindo assim valorizado mais, né?" (22:4 ¶ 6 in PM.DO).
>
> "Porque a minha vida a partir daquele dia mudou, a minha vida a minha comunidade escolar hoje não é mais aquela escolinha, é uma escola padrão uma escola que evoluiu. Choro. Desculpa" (7:33 ¶ 91 in PRG).
>
> "Proporcionou a nós uma certa dignidade e inclusão no mundo digital" (32:3 ¶ 11 in PM.JO).
>
> "A gente ficou de certa forma até envaidecido" (2:2 ¶ 4 in PR.EA).
>
> "São vários sentimentos, risos e como professor o sentimento de valorização da profissão. (...) então esse sentimento aí de valorização foi bem superior né? ao material. Acho que sim" (4:14 ¶ 20 in PR.EP).

Corroborando a existência de um elemento transformador, advindo da participação mediática da comunidade escolar, assinala-se, ainda, nas entrevistas dos professores e de alguns pais, a menção, com uma frequência recorrente, da palavra "história", em frases que remetem para a passagem do um tempo, um "antes" e um "depois" da chegada do programa, nomeadamente na forma como a escola era vista, e como passou a ser vista, após o programa televisivo.

> "Porque daqui partiu é… com a vinda do CQC é… com tudo que aconteceu, e em seguida com a implementação do Telecentro houve um interesse muito grande de mostrar isso para todo mundo, e nós professores naquela época, nós fizemos o máximo, se esforçamos o máximo né!? Para

> também nos colocarmos à disposição para ajudar para contribuir né? Para falar aquilo que que a gente vive pra falar a nossa necessidade e… consequentemente a televisão mostrar isso né? Para as demais camadas da sociedade que assistem os programas de televisão. Então isso é muito importante" (4:10 ¶ 10 in PR.EP).
>
> "Então, a gente lembra, como hoje, um projeto que veio dar tanta visibilidade à Escola Ponta Alegre, nesse momento, por causa da importância que tem o processo digital nas escolas. Naquele momento, era um projeto audacioso, a primeira escola recebendo um projeto de uma empresa de comunicação, que é a Bandeirantes" (34:2 ¶ 1 in PM.ED).
>
> "Para resgatar uma história ou para mostrar uma história para mundo que a ilha do Marajó ela precisa ser olhada diferenciada" (4:8 ¶ 10 in PR.EP).
>
> "Foi um desenvolvimento para a escola. A escola ficou reconhecida municipalmente, no município de Curralinho, na nossa cidade. Então, foi um momento muito especial para a gente mesmo. Foi isso" (17:4 ¶ 2 in PM.DO).
>
> "É o nosso maior objetivo, ser incluído de fato, numa educação inclusiva em que todos possam se ver e isso nos proporcionou até hoje" (4:9 ¶ 10 in PR.EP).
>
> "Pra mim parece que não ia ser concretizado que não era realidade não era verdade, porque nós como ribeirinhos moramos no Marajó né ainda além de morar no Marajó numa ilha no meio do rio é bem difícil sabemos que no Marajó as dificuldades são muitas principalmente voltada a educação, antes oito anos atrás nossa escola era vista com um olhar diferente e não como estar sendo hoje de oito anos pra cá" (7:3 ¶ 2 in PRG).
>
> "Ser entrevistado por um programa de televisão, talvez aí uma valorização enorme" (4:13 ¶ 18 in PR.EP).

Com intenção de sublinhar uma marcação temporal, os entrevistados recorreram a palavras que indicavam pouca, ou mesmo quase nenhuma valorização, ou visibilidade, da escola, quando se referiam à escola antes do acontecimento do programa CQC, passando a usar descrições como "escola-padrão"; "escola-referência", após o evento, conforme se vê nos trechos abaixo:

> "Foi um desenvolvimento para a escola. A escola ficou reconhecida municipalmente, no município de Curralinho, na nossa cidade. Então, foi um

> momento muito especial para a gente mesmo. Foi isso" (17:4 ¶ 2 in PM.DO).
>
> "[A] nossa escola sempre era mais desprezada tudo aquilo que a gente fazia parece que não chamava olhar de ninguém, ninguém conseguia olhar pra gente. E a partir desse momento aí que o CQC chegou até nós, nós evoluímos a nossa escola é vista com um outro olhar até hoje, hoje meus colegas falam pra nós pra mim a escola Ponta Alegre hoje ela é a escola padrão a escola padrão, ela é vista como a escola padrão a partir daquele momento" (7:23 ¶ 67 in PR.RI).
>
> "Olha, eu lembro que mudou bastante a nossa escola, ela mudou para melhor e antes, antes ele não era bem-vista assim, ela era uma escola meio esquecida, vinha é… coisas assim, a gente via o movimento nas outras escolas e as outras escolas sempre foram superior à nossa. Sempre, a nossa ficava sempre lá embaixo lá… não era bem-vista, o que eu me lembro, aí depois com a chegada aqui do programa, né, do CQC aí já mudou a história, ela já começou a ser vista, ela começou a aparecer mais, começar vim coisas, também as pessoas queriam chegar para participar, assim que eu lembro. Eu lembro que ela… aí ela começou, sabe? Ter… ter mais ibope né? [Risos]" (10:2 ¶ 10 in PRP).
>
> "Eu lembro que foi um movimento muito grande e muito importante para a comunidade escolar Ponta Alegre. E que até hoje a gente lembra aqueles momentos que foram muitos valiosos. Foram muitos, assim, dedicados. Momentos que a gente teve uma valorização, sabe? Teve, assim, mais um entretenimento. E que foi uma coisa muito boa. E ainda continua, né?" (18:1 ¶ 2 in PM.MD).

8.1.4.2 Inclusão e motivação

No que tange ao sentimento de inclusão no programa, os entrevistados referiram o seguinte:

> "É o nosso maior objetivo, ser incluído de fato, numa educação inclusiva em que todos possam se ver e isso nos proporcionou até hoje" (4:9 ¶ 10 in PR.EP).
>
> "Porque daqui partiu é… com a vinda do CQC é… com tudo que aconteceu, e em seguida com a implementação do Telecentro houve um interesse muito grande de mostrar isso para todo mundo, e nós professores naquela época, nós fizemos o

> máximo, se esforçamos o máximo né!? Para também nos colocarmos à disposição para ajudar para contribuir né? Para falar aquilo que que a gente vive pra falar a nossa necessidade e… consequentemente a televisão mostrar isso né? Para as demais camadas da sociedade que assistem os programas de televisão. Então isso é muito importante" (4:10 ¶ 10 in PR.EP).

> "Lembro do… acho que foi dos jornalistas do pessoal que estava filmando, que até o processo de que todo mundo foi participativo na questão de pequenos diálogos né, pequenas entrevistas. Então eles passaram assim, essa… essa ideia de como a gente poderia né estar se organizando sim, inclusive, eu não lembro o nome da jornalista que estava, que fez… que fazia aqui as organização com os alunos, de como os alunos deveriam né.. se organizar para chegar para ir ao trapiche como poderiam receber né, acolher o pessoal né então foi feita assim esses exercícios aqui esses treinamentos aqui dentro da escola sim" (8:7 ¶ 37 in PR.RO).

> "As pessoas que vinheram que fizeram entrevistas, que a gente recebeu eram pessoas totalmente bem... animadas, bem alegres e aquilo motivava muito mais, motivou no dia da entrega né, porque eles souberam é...é.... agradar o povo que tava aqui e isso foi bom porque já pensou se ele chegam aqui com aquela característica lá do Sul do país porque eles são de lá?. Mas eles vinheram buscar exatamente a convivência como o povo do Marajó vivia e vive e vai viver né, eles vinheram buscar aquela experiência, então, aquela alegria deles né" (1:14 ¶ 17 in PR.EV).

Nota-se, em relação à constatação de um ambiente inclusivo e participativo, que os entrevistados deram ênfase à exposição das suas realidades, necessidades e demonstraram abertura para contribuírem com a sua presença e capacidades. Entre os entrevistados havia uma clara perceção de que o programa demonstrou uma disponibilidade para, de facto, conhecer a realidade da comunidade escolar, como pode ser verificado segundo os relatos a seguir:

> "'Olha professora, não precisa parar a escola, a escola tem que tá funcionando normal a gente quer que aconteça naturalmente'. E a gente não, a gente começou a montar os palco pra receber o pessoal, aí gente tava tão feliz tão envolvido que acredito que a gente pecou nesse…Nesse.... Nesse.... Na verdade.... Como é que eu digo assim.... Nesse.... Nesse assunto né!? porque ela falava assim, 'Professora, a gente não quer recepção a gente quer normal, a gente vai fazer a gravação com vocês'" (6:12 ¶ 43 in PR.LU).

> "A gente precisa dos alunos a gente precisa mostrar a escola funcionando, as aulas, os professores trabalhando em sala de aula'. Eu falei, ata então é assim é, eu falei então tudo bem a gente vai trazer os alunos pra aula amanhã, aí a gente voltou com os alunos no dia seguinte é e eles puderam ir junto também, junto com os condutores, fizeram toda uma filmagem toda uma filmagem no transporte com os alunos embarcando os alunos chegando na escola e fizeram também a gravação dos alunos na sala de aulas" (6:13 ¶ 43 in PR.LU).

> "Não sei quantos dias na semana, uns três dias que fizeram essas entrevistas que foram nas localidades né… e retrataram sim, com certeza… o … o retrato mostrado sim, foi de acordo com a realidade né. E que a gente vivia naquela época mesmo que passavam as famílias né, tanto social como econômico, tanto educacional então né, se retratou sim com certeza" (8:2 ¶ 16 in PR.RO).

> "Mostrou porque na verdade aquilo realmente faz parte da comunidade, da nossa realidade, as imagens que foram mostradas ali elas realmente retratam a nossa realidade, a realidade que eu acredito que não é apenas a nossa realidade do Canaticú, mas retratam também a....a.... retratam também a vivência do Marajó porque não é simplesmente a nossa realidade ali que embora estavam sendo mostrada, mas que também fazem parte de outras regiões" (9:2 ¶ 10 in PR.SI).

> "Creio eu o que passou para as pessoas vê é a mais pura realidade da comunidade. É assim mesmo que acontece, desse jeito" (10:3 ¶ 16 in PR.RA).

Além disso, constataram, ainda, que a dinâmica festiva mobilizou, envolveu os presentes, propiciando a motivação e a participação de todos naquela experiência.

> "Aquela cena foi maravilhosa 'pra nós, né? Nós, alunos, estávamos lá, ele vinha com as crianças, as 'tadinhas' (inaudível), os professores, se alegraram muito com aquele jornalista engraçado. Foi bonito, né? 'pra' escola, pôs... pôs lá o Ribeirinho do lado da escola também, os alunos e outro, enfim, o pessoal também lá do povo, né? Mora no lado também. Foi emocionante 'pra' eles também" (15:2 ¶ 6 in A.FA).

> "Aí eu acredito que algumas mudanças né de comportamento aconteceram ali né?… e… tive pessoas que se reconheceu ali, eu mesmo que tô passando na televisão e tal sim é você então daquilo ali houve uma motivação né, acho que a palavra que talvez se encaixa é a motivação, depois de tudo isso aí você vê ali não só a pessoa mas assim a

> comunidade sendo mostrada para o mundo então aquilo ali houve uma motivação muito grande né? e na época e até hoje né a escola por causa disso ela é uma escola referência no município né nessa região"(4:24 ¶ 50 in PR.EP).
>
> "Na verdade, todo mundo se envolveu, mas teve sim pessoas que foram… foram. dinamizadas para as entrevistas, foram pessoas que se organizaram na organização né, nessa condução dos alunos né, então houve essa divisão sim né" (8:22 ¶ 41 in PR.RO).

8.1.5 Humor e entretenimento

> "Acho que foi uma forma que eles, jornalistas, utilizaram para promover a integração, a descontração e a inter motivação entre todos os envolvidos" (39:3 ¶ 1 in A.ED).

Na análise deste código, procuraremos compreender a perceção dos entrevistados sobre a utilização do humor como linguagem do programa televisivo. No contexto desta investigação, o humor é entendido na modalidade do infoentretenimento como género televiso, tendo em consideração os pressupostos teóricos já discutidos no Capítulo 3.

O que se pode apreender das entrevistas, é que a utilização do humor foi um dos códigos mais bem desenvolvidos nas conversas com os professores, alunos e pais. Por outro lado, curiosamente, foi um dos temas que trouxe, ainda que manifestada por poucos dos entrevistados, algumas posições antagónicas, contrárias à utilização do humor como linguagem adequada para a abordagem de assuntos ditos sérios.

Realçando o posicionamento maioritário durante as entrevistas, quando o tema foi abordado, percebeu-se, inclusive, uma mudança no comportamento do entrevistado, que movimentava o corpo e algumas falas eram, até, precedidas de sorrisos, o que reforça e dá sentido à seguinte frase:

> "Nós marajoaras também temos essa linguagem bem expressiva sabe? De Humorista de querer juntar isso com o dia a dia então eu acho que casou um pouco essa… essa forma com o marajoara com essa região, então poucos pontos negativos nesse sentido houveram" (4:18 ¶ 26 in PR.EP).

Para a grande maioria dos entrevistados, o humor desempenhou um papel importante para chamar a atenção do público, para a mobilização, envolvimento, engajamento, e a participação de todos os presentes.

Conforme veremos nos próximos trechos, o humor foi responsável por propiciar, através do entretenimento, momentos prazerosos de alegria e felicidade, evitando constrangimentos de maior com a exposição de temas sensíveis à comunidade ribeirinha. E ainda que seja relevante apontar, no final das citações, entendimentos contrários à utilização do humor para lidar com assuntos sérios, é igualmente importante notarmos uma última e isolada fala, mas significativa, que liga o formato do humor à perceção da presença de amor.

> "Eu não sei por que motivo, mas essa... lembrança dessa entrega com esse jornalista, esse formato desse amor, dele interagir com a comunidade, saber levar o processo, é muito importante né? (34:5 ¶ 1 in PM.ED).

8.1.5.1 O humor como ferramenta de mobilização, envolvimento e engajamento

A ligação entre o humor com a mobilização, envolvimento, engajamento, que fomentaram a participação de todos, é bem visível nas seguintes citações:

> "A questão do humor ela faz parte né!? Ela deve fazer parte do programa, todo programa acho que tem que ter que é justamente pra uma forma de chamar atenção também" (9:7 ¶ 30 in PR.SI).

> "Aquelas brincadeiras que eles sempre fez, desde da hora que desembarcou do barco pra trazer até chegar aqui, aquilo inovou muito mais o projeto né porque eram pessoas que vinheram assim com toda aquela disposição pra vim, pra conhecer, pra entregar e pra depois divulgar, é uma coisa assim extraordinária de... de contexto porque a comunidade escolar ficou muito contente" (1:14 ¶ 17 in PR.EV).

> "Essa parte de humor ela mobiliza de certa forma a pessoa entendeu, eu pelo menos gosta das pessoas que levam as coisas, entendeu na parte do humor. Quando é muito sério, às vezes a pessoa fica meio desconfiada, entendeu?" (5:5 ¶ 20 in PR.JO).

> "A parte positiva é que se torna mais assim.... Chama mais atenção do público acredito né, pela forma de mostrar né, toda a realidade de brincar e pra quem tá assistindo se torna um pouco divertido né? E eu acredito que prazeroso também de assistir né? A realidade" (6:7 ¶ 35 in PR.LU).

> "Na minha opinião, esse tipo de humor foi muito importante principalmente para ajudar a manter o ambiente sociável, foi uma forma de promover a interação de todos, fazendo com que todos sentissem a vontade diante de tudo que estava acontecendo" (37:3 ¶ 1 in A.SU).

> "A minha opinião foi que foi a forma é…deles chegarem, porque eles não conheciam a comunidade, não conheciam os alunos, e para não criar um impacto negativo, ou então para eles se envolverem mais rápido, se conhecerem, foi a forma, eu acredito assim, que foi a metodologia que foi criada, mas de uma forma que brincando, gritando, foi naquele entusiasmo que eles conseguiram… se conhecer mais rápido" (19:4 ¶ 8 in PM.MZ)".
>
> A minha opinião foi muito legal, porque assim a gente conheceu várias pessoas, veio para dentro da escola (20:3 ¶ 8 in PM.MA)".
>
> "O apresentador realmente fez aquela motivação, aquela apresentação né, com aquelas brincadeiras. E aquilo trouxe muita, podemos dizer, alegria e uma motivação para a comunidade" (23:5 ¶ 8 in PM.JO).

8.1.5.2 O humor e o entretenimento na produção de diversão, prazer e felicidade

Um outro elemento que deve ser evidenciado, é a perceção dos entrevistados, especialmente dos alunos, sobre a produção de diversão e entretenimento durante o programa, trazendo prazer e felicidade, como se comprova nos seguintes discursos:

> "Não sou uma pessoa que gosta muito, sabe? Tipo, de pessoas que fazem humor através de notícias, mas naquele momento, era o que a gente queria, porque era um momento histórico, era um momento de felicidade" (12:10 ¶ 2 in A.RE).
>
> "Eles sabem é.... fazer uma programação assim como eles fizeram totalmente de agradável a todo mundo, uma coisa extraordinária" (1:68 ¶ 19 in PR.EV).
>
> "Foi prazeroso, foi dinâmico, foi divertido e, ao mesmo tempo, foi emocionante né?" (32:5 ¶ 23 in PM.JE).
>
> "Acredito sim porque eles vêm com aquela alegria que não incomoda né? as pessoas, os alunos, as crianças. É... com esse humor, eles… eles... os alunos eles acabam se divertindo também [Risos]. E ponto negativo não vejo. Eu acho que não vejo"(10:7 ¶ 50 in PR.RA).
>
> "Eu acho que não ficou uma coisa cansativa, não ficou uma coisa chata, não ficou aquela coisa muito adulta" (12:11 ¶ 2 in A.RE).
>
> "Foi divertido o humor aqui na escola. As crianças se divertiram com a "humorisidade" do humorista que estava aí, que fazia brincadeiras com as

> crianças, com os alunos foi muito bom" (13:1 ¶ 3 in A.TA).
>
> "Eu achei uma forma inteligente deles apresentarem o programa por conta de divertir as crianças que estariam assistindo o programa" (14:4 ¶ 6 in A.YA).
>
> "Eu achei divertido até que foi uma maneira de descontrair mais, que a gente estava muito tenso, nervoso na hora, mas aí foi bom até" (16:5 ¶ 10 in A.JO).
>
> "A minha opinião nesse formato é que os jornalistas que vieram, eles divertiram a escola, fizeram a sua entrevista, fizeram o seu trabalho, foi uma diversão para a comunidade escolar, para os alunos que estavam naquele momento lá é" (17:6 ¶ 8 in PM.IR).

8.1.5.3 O humor e o seu papel de evitar constrangimentos em assuntos sensíveis

É possível compreender, pelo teor das várias entrevistas, que o uso da linguagem humorística evitou que surgissem constrangimentos de maior, quando se abordaram temas sensíveis à comunidade escolar, reforçando a perceção anteriormente destacada, de que a experiência foi prazerosa, divertida e emocionante. Corroborando para esse entendimento temos:

> "Eu acho que foi um lado positivo porque quando a gente fala é… em interior, tem muitas pessoas aí fora que pensam que é extremamente pobreza sabe? Então eu acho que foi uma forma de colocar na mídia um… claro que existem as necessidades, mas de uma forma humorada não fica daquela forma impactante sabe? De dizer é… é interior, é extremamente pobreza como uma coisa assim… deixa eu ver uma palavra até meio feia de se colocar… no interior, assim, então eu acho que foi uma forma meio humorada para ser mais calma visando o interior. porque existem sim as dificuldades, a pobreza, extrema pobreza né? Existe ela né? Está esquecida não, ela existe sim, no interior, mas não é de muitas formas que algumas pessoas pensam né? Que é um lugar que não é totalmente desenvolvido, que não tem nenhum desenvolvimento. Eu acho que colocaram de uma forma humorada para não ter essa visão né? Que é um lugar pobre, desprezível, entendeu? Aí eu penso assim que foi colocado para não ser aquela notícia, aquele vídeo, uma notícia impactante, que não venha meu Deus! O interior é isso aí meu Deus, o interior é aquilo como algo ruim, entendeu? Como se o interior fosse algo ruim negativo, então eu acho

> que foi trabalhado de uma forma nesse sentido, sabe?" (3:7 ¶ 20 in PR.EL).
>
> "Através dessa característica deles, eles conseguiu… é… mostrar a realidade né… e eles transmitiu de uma forma bem… é… digamos assim extrovertida mesmo para que não achem que acontecesse assim um constrangimento das pessoas, dá… do jeito como a… foi mostrado né? Eu acho que.. é… é uma forma de transmitir o conhecimento através desse lado humorístico para que as pessoas não ficassem descontentes né? Eu acho que… não sei né a questão negativa, eu não sei se consigo, não consigo ver né"(8:6 ¶ 28 in PR.RO).

8.1.5.4 O humor e o respeito no tratamento de assuntos sérios

Há um fator importante de destaque sobre a perceção do humor. Ao contrário do código "participação" acima analisado, que foi apontado, por unanimidade, como um aspeto positivo presente no programa televisivo, há uma reflexão que condiciona a relação entre a utilização do humor e o respeito, em 3 reflexões dos entrevistados, que apontaram um "lado negativo" na utilização dessa linguagem durante o programa televisivo:

> "Olha eu penso que com relação a positivo é a questão do entretenimento. Quando você faz humor para envolver as pessoas é uma forma de entreter e quando se tem respeito como é o caso que a gente vê" (2:7 ¶ 26 in PR.EA).
>
> "A parte negativa que eu acho, que eu penso né, que houve no caso do programa CQC voltado pra cadeia de favores foi porque um tema tão importante, uma realidade tão precária né!? que a gente vive aqui no Marajó, precisa de uma seriedade maior, de um compromisso e pode ser mostrado e até interpretado como uma brincadeira né. Com brincar com algo que é tão sério e que precisa tanto de investimento, que precisa tanto ser olhado com carinho e trazer mais né, mostrar a realidade, não mostrar como se fosse uma brincadeira" (6:8 ¶ 35 in PR.LU).
>
> "Mas eu creio que através deles ser tão brincalhão, (Inaudível, minuto 9:19) será que alguém levou tão a sério assim que iam acontecer de fato, que eles iam trazer mesmo? Eu acho que teve" (7:12 ¶ 14 in PR.RI).

8.1.5.5 O humor, um formato de amor

Por fim, nas transcrições das entrevistas, sobressai um único que referencia o amor. Um dos pais entrevistados fixou a sua memória do programa na figura e atitude do jornalista –

nomeado, pelo próprio, desta forma –, e vincula a configuração do programa a um formato de "amor". Mesmo sendo uma fala isolada, ou que apresenta uma abordagem diferente das demais, o amor é aqui mencionado, e qualifica a interação entre o jornalista e a comunidade ribeirinha.

Essa citação tem a capacidade de revelar um elemento subtil, a partir do qual o humor pode ser constituído, percebido por esse entrevistado, a partir das interações ocorridas entre o representante do programa televisivo e os representantes presentes no acontecimento mediático da comunidade escolar. Senão veja-se:

> "Eu não sei por que motivo, mas essa... lembrança dessa entrega com esse jornalista, esse formato desse amor, dele interagir com a comunidade, saber levar o processo, é muito importante né? Quem dera que a gente pudesse ter quase todos os tempos esses jornalistas interagindo com a comunidade, vindo na comunidade fazer essa entrega de algum... de alguma questão, pode ser de material, ou pode ser de pessoa física mesmo, ou pode ser de alegria para a escola, esse é um processo de jornalismo muito importante para o processo da imprensa brasileira, da imprensa até local" (34:5 ¶ 1 in PM.ED).

8.1.6 Considerações finais a respeito do tema "O Acontecimento mediático do programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó"

Terminada a análise dos 5 códigos escolhidos e acima discriminados, conclui-se, neste primeiro tema proposto – "O Acontecimento mediático do programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* e a participação da comunidade escolar, na Ilha do Marajó" – que, segundo a perceção manifestada pelos entrevistados, o acontecimento mediático objeto desta investigação, foi um evento marcante na vida da comunidade da Escola Ponta Alegre, constituindo um Acontecimento mediático, na medida em que promoveu determinados efeitos e consequências, conforme se demonstra na Tabela 8 , e discutidos a seguir.

Código	Descrição	Efeitos e consequências
1.1 Emoções	Identificar que emoções foram deflagradas pelo acontecimento mediático e qual teria sido o papel das emoções no acontecimento em análise	Apresentação de uma dimensão emocional intensa, através da expressão de sentimentos de alegria, felicidade e gratidão e, em menor grau, satisfação, entusiasmo, excitação. Paradoxalmente, foi dada uma certa ênfase à expressão de sentimentos com sentido mais negativo: ansiedade, preocupação, choque, susto, tristeza, culpa e um sentimento de pesar.
1.2 Memória e Significado	Identificar que memória persiste da experiência vivida e se é possível constatar o surgimento de novos valores e significados	Após mais de 8 anos da ocorrência do acontecimento, ainda persiste a perceção de uma lembrança viva do acontecimento. O impacto do encontro entre o espetáculo e a vida quotidiana ribeirinha causou uma forte indagação sobre se estariam a viver algo real. Para os entrevistados, tratou-se de uma experiência, "surreal", um sonho que se tornou realidade
		Os entrevistados mencionaram que o acontecimento mudou a história da comunidade escolar e das suas vidas.
1.3 Aprendizagens	Identificar que aprendizagens foram apreendidas pelos entrevistados, a partir da participação da comunidade escolar no programa televisivo	Manifestação de uma aprendizagem relacionada com a solidariedade, a união, e com uma experiência de amor. Uma outra aprendizagem referenciada tem que ver com o formato participativo e humorístico do programa.
1.4 Participação Mediática	Identificar como ocorreu a participação e se a exposição mediática acarretou alguma transformação na comunidade escolar	A visibilidade e a valorização tiveram um efeito transformador na comunidade escolar
		Sentimento de inclusão e motivação da comunidade escolar. Disponibilidade do programa para conhecer a realidade local.
		A exposição mediática a que foram sujeitos foi apontada, pelos entrevistados, como a causa de um forte sentido de valorização, pois "agora, somos vistos". Perceção de uma abertura do programa para a contribuição da comunidade a partir de sua presença e capacidades.
1.5 Humor e Entretenimento	De que forma o formato participativo e com tom humorístico, afetou o envolvimento da comunidade escolar no acontecimento mediático do programa CQC, na Ilha do Marajó	As análises das entrevistas demonstram que o humor teve como função de evitar constrangimentos em assuntos sensíveis. Apresentaram uma ressalva ao facto de que o humor e o respeito devem coexistir no trato de assuntos sérios. E por fim, foi indicado que o humor também pode ser visto como um formato de amor.
		Os entrevistados indicaram que o humor foi uma ferramenta de mobilização, envolvimento e engajamento

Tabela 8: Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre as perceções dos entrevistados e sua relação com os códigos indicados para o Acontecimento mediático
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Destaca-se, inicialmente, a expressão de emoções intensas e diversas, como alegria, felicidade, gratidão, e mesmo algumas aparentemente contraditórias, como tristeza e ansiedade, demonstram o turbilhão emocional causado pelo programa televisivo, bem como das ações e experiências por ele proporcionadas. Foram as emoções que catalisaram as ações e as reações da comunidade escolar, sendo, tal como foi preconizado por Quéré (2017), o meio de transação entre o organismo e o meio ambiente, na formação de uma comunidade de interesse, um ativador de valores comuns, com consequências na vida coletiva, aproximando e sintetizando o individual e o coletivo. Desta forma, é possível perceber, através das entrevistas analisadas, que as emoções colaboram para a destruição da distância simbólica que, segundo Mateus (2016), às vezes, as sociedades constroem.

Instalou-se uma dinâmica festiva e disruptiva da vida quotidiana da Escola Ponta Alegre, que recebeu o programa televisivo em tom festivo, apenas comparável aos eventos e às festas comunitárias, com suspensão das aulas, presença de autoridades, produção de faixas para decoração da Escola e preparação de alimentos, que foram oferecidos a todos os participantes.

Nesse aspeto, conforme já foi discutido na segunda parte desta tese dedicada aos seus aspetos teórico, embora o evento tenha apresentado atributos do acontecimento mediático popular, conforme definido por Couldry et al. (2010), percebe-se, pelas entrevistas, que também é possível caracterizá-lo com os elementos relevantes do acontecimento mediático da definição de Dayan e Katz (1999), nomeadamente a dinâmica festiva e disruptiva da vida quotidiana, corroborando a afirmação da sua natureza híbrida.

Segundo as características ritualísticas, apresentadas por Dayan e Katz (1999), há um momento de interrupção do tempo social rotineiro, interferindo no decurso da história, elemento este que foi expresso inúmeras vezes pelos entrevistados, fazendo-os viver o caos, a angústia e o entusiasmo, sentidos na génese da sociedade. A partir do turbilhão de emoções e da rutura do dia a dia comum, nascem novos projetos, "à luz dos quais o passado é reinventado e a memória coletiva é reorganizada" (Dayan & Katz, 1999, p.157). Com esta dinâmica, instaura-se um ambiente especulativo, que indica uma certa mudança cognitiva, uma onda de reflexão.

Sob um efeito hermenêutico e pragmático do acontecimento mediático, os entrevistados revelaram aprendizagens relacionadas com a solidariedade, a união e com uma experiência de amor, e manifestaram novas referências de aprendizagens vinculadas ao formato participativo e humorístico do programa. Com base nesses elementos hermenêuticos e pragmáticos do acontecimento, explorou-se o passado do acontecimento, a situação que foi criada e as possibilidades que foram propiciadas por ele. Todos os entrevistados expressaram,

com fluidez, memórias e lembranças a respeito do acontecimento, e no encontro da vida quotidiana com o espetáculo promovido pelo programa televisivo, indagaram-se sobre a realidade dos eventos que viveram, afirmando que se sentiam como se estivesse a viver um sonho, demonstrando espanto e surpresa, e indicando características de uma experiência, que a eles lhes parecia ser surreal.

Constatou-se, na prática, tendo como base o acontecimento mediático em análise e as perceções colhidas através das entrevistas, o choque entre realidades ambíguas: por um lado, um cenário mediático performativo, fragmentado e desconfiado; e, por outro, a realidade dos bastidores. Dá-se, por conseguinte, o que Csigo (2010) definiu como "quebra de quadro", em a interação e a participação do homem comum num programa de televisão, lhe permite ver por detrás das câmaras, tirando-o de uma dinâmica fragmentada pelo espetáculo, remetendo-o para atos que apresentam um potencial de reparação, de integração social, de criar um ambiente favorável ao exercício de um pensamento coletivo.

O desejo popular de ver por detrás do reino não confiável do espetáculo, deflagra o que Csigo (2010, p.144) conceptualizou como "continuidade paradoxal", na qual coexistem rutura e reparação; imersão e distanciamento, sendo "micro-práticas simbólicas" de reconstituição da coerência quebrada, emergindo como produtos secundários dos processos desintegradores e alienantes da televisão pós-moderna. A continuidade paradoxal é compreendida numa marcação histórica anunciada nas citações transcritas das entrevistas, que revelam a existência de um antes e de um depois do acontecimento mediático, uma mudança de visão da vida pessoal e coletiva, de uma referência qualitativa a respeito da comunidade escolar, que passou a ser, segundo os entrevistados, uma referência para a região, a escola padrão do seu município.

A partir dessas perceções, resgata-se e aprofunda-se a dimensão simbólica da comunicação, que segundo Martín-Barbero (2018), ao lado da cultura popular, estabelece um campo de batalha política e estimula um sentimento de pertença a uma comunidade. A participação mediática desta comunidade escolar foi vista como um ato de reparação, que fomentou a inclusão, motivação e valorização dos participantes. A exposição mediática a que foram sujeitos foi apontada, pelos entrevistados, como a causa de um forte sentimento de valorização, bem patente nas suas próprias palavras: "agora, somos vistos".

Os *media* e as suas ferramentas tecnológicas constroem visibilidade, vemos e somos vistos, e novas formas de estar juntos em comunidade. Nessa construção, são tecidos novos laços de pertença ao território (Martín-Barbero, 2018). A participação, nesse sentido, é

significativa para o cidadão e para a sua capacidade de agir coletivamente, coexistindo de forma contraditória, segundo Carpentier (2011), evidenciando a perspetiva emancipatória da participação nos *media*¸ com a característica manipulatória da participação no contexto mediático.

No que tange ao tom humorístico adotado pelo programa televisivo em análise, para os entrevistados, o humor foi percebido como ferramenta de integração, mobilização, envolvimento, engajamento e como promotor da participação de toda a comunidade. O humor foi indicado como "a linguagem dos marajoaras", entendido como uma forma de originar diversão, prazer e felicidade. Para eles, o humor funcionou como uma forma de evitar constrangimentos, quando foram abordados assuntos sensíveis à comunidade escolar, e foi até apontado como um formato de amor, importante, na visão deles, para "o processo da imprensa brasileira" (PM.ED).

Por outro lado, foram feitas algumas observações, reforçando a relevância de se manter o respeito na utilização da linguagem humorística, e o risco, ou até mesmo impertinência, da sua utilização em assuntos ditos sérios.

É notório que o humor, neste caso, favoreceu a conversa social, observando-se o que Geoffrey Baym (2006) anunciou como um fenómeno de integração discursiva, em que, num cenário que entretenimento, política e *marketing* podem ser acomodados, dissipando as práticas e as linguagens específicas que os diferenciava, e criando, segundo o autor, arranjos jamais imaginados.

O espetáculo mediático aqui analisado propiciou um turbilhão de emoções aos participantes. O humor, o tom festivo, que interromperam a vida quotidiana da comunidade da Escola Ponta Alegre, serviram como convite à participação num programa televisivo que afeta as ações e as reações desse coletivo, levando-os a envolver-se ativamente no processo de produção de sentido, significados e aprendizagens dessa dinâmica comunicacional.

Em contradição com a passividade do espectador, percebeu-se uma disrupção de identidades dos sujeitos, com a criação de novos espaços e formas culturais. A partir desta dimensão criativa, deparamo-nos com o "espetáculo interativo", que nos apresenta o "sujeito radical" (Kellner & Best, 1997, p.1) espelhado nas falas e nas perceções analisadas neste capítulo.

Com base nas entrevistas realizadas, à luz dos códigos escolhidos, ficou evidente o conceito de espetáculo interativo, de Kellner & Best (1997) que, pelo respaldado pelas falas dos entrevistados, mostraram que a comunidade escolar construiu, contra as exigências do

espetáculo, a sua própria experiência, os seus próprios eventos existenciais emocionados e apaixonados, participando plenamente da produção da sua vida quotidiana, da sua individualidade e coletividade.

8.2 Efeitos percebidos ao nível da Experiência pública vivenciada pela comunidade da Escola Ponta Alegre

Na secção anterior, o foco foi estabelecido na análise da participação mediática da comunidade escolar no programa televisivo, caracterizada por um formato específico de experiência a partir dos *media*. Esse formato festivo, participativo, com um tom humorístico acentuado, envolveu a comunidade escolar num acontecimento espetacular, que serviu como propulsor de um turbilhão de emoções, próprio do cenário mediático, desenvolvendo-se, a partir dele, um contexto e uma situação que marcaram o sentido e o impulso de uma cadeia de eventos e experiências, que passaremos agora a analisar, desta feita sob a perspetiva de uma experiência pública.

Antes de mergulharmos nos próximos códigos, é crucial que se assinale um ponto axial que ocorreu após o término do programa CQC: a comunidade escolar recebeu os donativos e, junto com eles, o desafio de construir, por meios próprios, duas salas: uma para iniciar um projeto de formação digital dos alunos – o Telecentro – e outra para conceber uma biblioteca, ou sala de leitura.

Com isto em mente, nesta secção, serão analisados os códigos estabelecidos para tratar da Experiência Pública vivida pela comunidade escolar, que são: 2.1. organização; 2.2. cooperação; 2.3. relações interpessoais; 2.4. sentido de compromisso e continuidade; e 2.5. produção de conhecimento local.

O foco está em compreender como decorreu a experiência vivida por uma comunidade escolar que participou de um programa televisivo, e que foi desafiada para construir e implementar um projeto de inclusão digital, Telecentro, e uma biblioteca.

Este evento específico será analisado sob a perspetiva da formação de um público, da constituição de um "nós", e como as emoções, detetadas na secção anterior, contribuíram para a formação de uma comunidade de interesses, que apresentou uma série de ações e reações, organizações e cooperações. Também procuraremos apreender a ocorrência de atribuições de determinados compromissos, o reconhecimento de posicionamentos que indiquem a continuidade dessa comunidade de interesses e, por fim, que efeitos, ou consequências, podem ser identificados a partir dessa experiência, na perspetiva da produção de conhecimento local.

Cabe ressalvar que, embora tenha se optado por analisar o código “emoções” no tema anterior, relativo à constituição do acontecimento mediático, essas emoções constituem um fator crucial para a formação de um público, ou de uma comunidade de interesses. Como pôde ser observado, havia uma perceção de uma intensa dimensão emocional, partilhada por todos os entrevistados, que foi responsável pela organização e unificação da experiência vivida, tendo a capacidade de afetar, transversalmente, todos os códigos analisados neste capítulo.

Neste segundo tema, designado para tratar dos efeitos da experiência pública, a partir do acontecimento mediático constituído no tema anterior, será analisado, por intermédio dos códigos eleitos, as transcrições de trechos de entrevistas que demonstraram como se configurou a experiência pública vivida pela comunidade escolar, a partir do programa televisivo em estudo.

8.2.1 Organização

> “A gente sentou e começou a organizar e dividir as tarefas porque a gente viu que ia ser preciso. A gente ia receber um projeto e deveria ter uma organização de tarefa” (1:18 ¶ 29 in PR.EV).

Através da análise deste código, é possível perceber uma das principais reações decorrentes da chegada do programa televisivo. Os entrevistados demonstraram, nas suas intervenções que, assim que souberam sobre a participação da comunidade escolar no acontecimento mediático, reuniram-se e deram início à sua organização, priorizando a participação e o envolvimento de todos os membros da comunidade local. Apontamos, ainda a criação de comissões e a divisão de tarefas, com o intuito de preparar a receção, para organizar como decorreriam os donativos que foram recebidos para a comunidade local, e a construção do Telecentro e da biblioteca.

Por último, a análise das citações marcadas com este código, levou à constatação de que, a união entre as pessoas da comunidade escolar, é um elemento pré-existente à experiência deles no acontecimento em questão, e que houve a indicação de que a entrevistadora e autora deste trabalho, se envolveu na organização da comunidade escolar, conforme veremos nos trechos mais bem detalhados a seguir.

8.2.1.1 O envolvimento de toda a comunidade

Há 2 aspetos importantes a anotar sobre este código: a organização pretendia envolver toda a comunidade escolar, e foram criadas comissões para definir a divisão de tarefas:

> "Nós fizemos reuniões. Ta! bora acertar o que que vai acontecer, o que a gente pode fazer o que vai ser feito a partir de agora, não foi assim definido Fabiane por uma só pessoa ou duas pessoas sabe? Foi todo o corpo da escola, todo o corpo técnico, às vezes até em reuniões apareciam pais que também… fazem parte né da escola, e que também é como se fosse uma prestação de contas né, com o próprio pai do aluno. Olha isso aqui esse livro o fim dele vai ser isso aqui e se isso a finalidade dos computadores vai ser isso isso isso e aí foi toda uma organização sabe? todos participaram" (3:20 ¶ 54 in PR.EL).

> "Além de forma as comissões, primeiramente a gente reuniu a comunidade né, eu acho que esse seria o principal, a nossa comunidade a gente reuniu pra falar que a gente ia receber e pra colocá-los a par de tudo que ia acontecer, então esse foi o primeiro ponto que eu esqueci de falar (Inaudível, minuto 14:32) então o primeiro ponto principal foi reunir a comunidade geral, pais, alunos, responsáveis, chefes, igrejas é todos que fazem parte da nossa comunidade escolar" (7:14 ¶ 26 in PR.RI).

> "Então eu lembro que na época da semana que falaram olha vai ser tal dia que vai ser entregue o projeto nossa foi uma correria nessa escola eu lembro que muito trabalho organização, mas foi muito gostoso de se fazer muito prazeroso foi lindo" (3:3 ¶ 6 in PR. EL).

8.2.1.2 As comissões e a divisão de tarefas

Com base nas comissões criadas, as tarefas necessárias foram divididas em ações que foram executadas antes, durante e depois do programa. Resumidamente, conforme ficou evidenciado nas entrevistas, a divisão das tarefas foi a seguinte:

1) preparação da escola para receber o programa, como por exemplo a confeção de faixas de boas-vindas;

2) a organização para receber os donativos e a seleção das famílias que receberiam esses mesmo donativos;

3) a construção da sala que albergaria o Telecentro e a biblioteca.

As seguintes falas corroboram esta organização orquestrada pela comunidade:

> "Então, a gente montou as equipes né, a equipe que ficou responsável em fazer o projeto do funcionamento do Telecentro, no qual eu, professora Silvana ficamos responsável junto com Cleiton e o professor Carlos, Carlinhos e tivemos a equipe que ficou responsável pelo projeto da sala de leitura tá? Que também foi formado por uma outra equipe. Ai interessante foi pra mim assim foi muito legal montar equipe e quem fica de frente quem é a pessoa que vai ficar na frente do projeto, muito interessante esse aprendizado também pra mim, porque quando a gente monta uma equipe e fica todo mundo aqui junto ás vezes não funciona muito bem e um fica esperando pelo outro então, muito legal essa parte de coordenar o grupo e foi montado equipe também pra fazer as doações do que veio né, veio material pra doação veio roupa veio cesta básica e também a equipe da construção do tele centro em si, acho que foi o Marcio né, que ficou responsável e cumpriu toda a tarefa. Então, aquela forma de organização ela foi muito importante, muito importante porque todos levaram muito a sério naquele momento e o funcionamento de tudo deu certo a gente se preocupou muito com aquele projeto, eu pelo meno que fiquei né!?" (6:32 ¶ 69 in PR.LU).

> "Foi montado uma grande equipe de tarefas. Então, as tarefas foram subdivididas, os professores cuidam da parte mais de logística da organização, os alunos vão cuidar do espaço da escola e a equipe do corpo… Da cozinha vai cuidar do espaço da limpeza, vai cuidar da parte de alimentação, vai cuidar da parte de lanche" (4:21 ¶ 40 in PR.EP).

> "O grupo entre nós a gente chamou o representante da AMPEC, a comunidade sagrada família que tava na frente, comunidade local aqui, os professores e falamos bora dividir, o que é que a gente vai fazer? Tá, você fica responsável dividir roupa, você fica responsável dividir o calçado, você fica responsável dividir a alimentação e essa equipe aqui fica responsável podemos dizer assim, observar e ver qual família que vai ter a necessidade de receber, então a gente dividiu algumas equipe porque a gente precisava fazer isso" (1:37 ¶ 45 in PR.EV).

> " Como são muitos profissionais na escola fomos divididos, um grupo ficaria com as doações, um grupo ficaria com os materiais, os livros, outros, já professores… que já não estavam em outros grupos poderiam ir na entrevista falar sobre a escola, foi tudo organizadinho assim… até pais de alunos entraram na organização e foi tudo muito

> trabalhado, elaborado para que acontecesse de forma bem organizada, quando se tem organização, é a base, é a base para qualquer coisa, e teve sim organização dessa parte que aconteceu, que teve organização quem iria dar as doações no caso das cestas básicas, desde… desde…. como que eu posso dizer é... uma seleção daquelas famílias" (3:9 ¶ 34 in PR. EL).

8.2.1.2.1 A organização para a receção do programa televisivo

A organização da primeira tarefa acima mencionada, referente à receção do programa televisivo, decorreu conforme é explicado nas citações abaixo:

> "A gente formou a nossa comissão professores, alunos, auxiliar de serviços gerais porque toda a nossa comunidade alunos maiores de idade a gente se mobilizou pra que isso vinhesse acontecer, que a gente pudesse também contribuir. Então, cada equipe foi formada as equipes, ai como a gente foi informado que viria esses projetos parte de computador, alimentação, a gente formou uma comissão e cada um de nós ficamos encarregado de anota por exemplo, eu fiquei encarregada de ajudar as crianças de organizar os cartazes aqui '' bem vindo'' e decorar a frente da escola e tá lá com nossos alunos tomando conta dos menores e além disso eu também fui inserida no grupo de separar roupas, cestas básicas e selecionar as famílias mais carentes da nossa escola pra que a gente pudesse tá recebendo no dia que vinhesse chegar o CQC o programa, entrega de todos os matérias, tava formada as equipes responsável, cada um responsável anotando quantos itens vinham pra quem seria distribuído e assim que terminou a entrega a gente continuou na frente ali das equipes pra distribuir esses materiais que vinheram (7:13 ¶ 16 in PR.RI)".
>
> "Houve uma organização da gestão, inclusive fez parte… (inaudível) também né? A organização, uma semana antes, bem antes a escola já estava se programando aí quando ele chegou vieram mais algumas pessoas" (2:8 ¶ 46 in PR.EA).
>
> "Ela se organizou assim de… por categorias né? Professores né, inclusive a gente tirou assim, a… acho que um é.. metade de um dia ou um dia nessa organização de preparação do ambiente né, alguns cartazes, nós quanto professores produzimos para receber a, inclusive, teve também a participação de apoio. Na verdade todo mundo se envolveu, mas teve sim pessoas que foram… foram.. dinamizadas para as entrevistas, foram pessoas que se

> organizaram na organização né, nessa condução dos alunos né, então houve essa divisão sim né. E depois disso também né? Na organização do… de como ia receber né, houve toda… essas divisões de tarefas" (8:8 ¶ 41 in PR.RO).

8.2.1.2.2 A organização para a entrega dos donativos

Em relação à segunda tarefa, respeitante à entrega dos donativos recebidos pelo programa para a comunidade local, temos as seguintes validações:

> "Foi o grupo, professores, o pessoal que fazia parte que era da associação de estar com a gente né para decidir quem seriam as pessoas que seriam beneficiadas e aí a comunidade aqui escolar pensando mesmo conhecendo a realidade das pessoas aí optou para definir algumas famílias" (2:16 ¶ 86 in PR.EA).

> " Eu fiquei encarregada de ajudar as crianças de organizar os cartazes aqui 'bem vindo' e decorar a frente da escola e tá lá com nossos alunos tomando conta dos menores e além disso eu também fui inserida no grupo de separar roupas, cestas básicas e selecionar as famílias mais carentes da nossa escola pra que a gente pudesse tá recebendo no dia que vinhesse chegar o CQC o programa, entrega de todos os matérias, tava formada as equipes responsável, cada um responsável anotando quantos itens vinham pra quem seria distribuído e assim que terminou a entrega a gente continuou na frente ali das equipes pra distribuir esses materiais que vinheram" (7:13 ¶ 16 in PR.RI).

> "Nós, professores, formamos o grupo e nosso gestor, nosso diretor juntamente com nosso orientador, a gente formou um grupo pra fazer assim tipo uma seleção das pessoas mais carentes. Foi anotado, registrado (7:21 ¶ 59 in PR.RI)".

> "A organização se deu através de… dos grupos das equipes que foram formadas. Foi formada equipe do Telecentro né, foi formada a equipe para separar os pequenos projetos para a sala de leitura, foi formada as equipes para fazer as doações, então foi tudo por equipe né, tudo por equipe" (8:9 ¶ 43 in PR.RO).

> "A gente se reuniu com relação às doações, então foi feito um mapeamento a respeito das famílias né, e cada localidade né… os professores ficaram responsáveis de fazerem aquele mapeamento das famílias que mais precisavam para fazer essa distribuição das doações" (8:17 ¶ 65 in PR.RO).

8.2.1.2.3 A organização para a construção do Telecentro e da biblioteca

No que diz respeito à última tarefa, referente à organização para a construção do Telecentro e da biblioteca, os entrevistados mencionaram que:

> "Foi feito também a comissão pra tomar frente das atividades, tanto sala de leitura quanto Telecentro né. Então, responsável ficou na construção do Telecentro, ficou o Marcio e mais.... Eu não lembro outros professores que fizeram parte dessa comissão, comissão do Telecentro, mas tinha um grupo um grupo organizado que tomava a frente dos trabalhos da construção do espaço e também da sala de leitura também tinha uma equipe, que também estava cuidando da organização da sala de leitura" (9:9 ¶ 64 in PR.SI).

> "Para… questão de construção do Telecentro, para a construção aconteceram reuniões né!? Para decidir como seria. Onde seria? Se aqui iria construir uma sala para atrás da escola, ou se era… E aí nesse processo de reuniões e organização de … (inaudível minuto: 13:13) a gente optou para esse espaço que agora tem aqui" (2:9 ¶ 56 in PR.EA).

> "A organização, ela continuou no mesmo nível então por exemplo, foi escolhido apenas uma pessoa ou duas pessoas para conduzir o processo de construção, mas a escola ali ficou no apoio o tempo todo até o término da construção do Telecentro, até a inauguração do Telecentro a gente permaneceu com essa equipe montada" (4:22 ¶ 44 in PR.EP).

> "A mobilização foi a gente, a gente mobilizou toda a comunidade né, para a construção, e aí a gente trabalhou. Assim, quem poderia no trabalho voluntário, né? Para a construção, o material a gente comprou, agora a mão de obra não. Então tinha… tinha algumas… chefe de obra, mas tinha os ajudantes que necessitava né, muitas pessoas disponibilizaram para vim pra cá pra ajudar aí dessa forma que a gente se organizou. Dá para fulano trabalhar hoje? Então dá para fulano trabalhar amanhã. Então foi dessa forma" (5:7 ¶ 42 in PR.JO).

8.2.1.3 A união como elemento pré-existente

Para finalizar a análise a respeito da vertente organizativa mostrada pela comunidade trabalhada neste código, sublinhamos o conteúdo de 3 entrevistados. Aqui, evocamos as 2 primeiras, que fazem menção ao facto de que a união dos professores era um elemento pré-existente ao acontecimento desta investigação, é uma informação relevante para a compreensão

de que a organização se deu nos níveis acima descritos, evidenciando uma capacidade coletiva anterior ao acontecimento. Embora apenas 2 entrevistados tenham feito este apontamento, a análise de outros códigos que também trazem essa informação, permite-nos deduzir que a prévia união dos professores é um facto importante a ser considerado na organização que se verificou, descrita nesta secção, conforme pode ser percebido nas suas palavras:

> "Aqui graças a Deus a gente sempre teve uma boa relação, entendeu aqui na escola. Eu não tenho queixa de nenhum colega meu, a gente sempre se uniu para trabalhar junto, entendeu? Então eu acho que… não sei, não sei, não sei nem te responder porque a gente sempre trabalhou junto mesmo, entendeu?" (5:9 ¶ 55 in PR.JO).

> "A gente sempre trabalhou em conjunto muito forte de um defender o outro, sempre foi assim" (4:30 ¶ 56 in PR.EP).

8.2.1.4 Uma interferência externa na organização

Uma outra fala isolada, ou seja, não mencionada por nenhum dos outros entrevistados, igualmente importante de ser mencionada aqui, diz respeito ao reconhecimento, por parte de um dos entrevistados, do suporte que a entrevistadora e autora deste trabalho deu à comunidade durante a fase da organização e de divisão de tarefas:

> "E nos ajudou muito nessa organização, eu aprendi demais né, Fabi, com você com a equipe toda do Pro Natura sobre essa questão de coordenar porque a gente precisava mesmo né dessa ajuda, eu particularmente precisava dessa ajuda eu aprendi muito mesmo graças a Deus e a esse programa foi assim um aprendizado muito grande pra mim, muito mesmo" (6:32 ¶ 69 in PR.LU).

Conforme descrito no capítulo relativo à metodologia escolhida, especificamente sobre as limitações impostas a este estudo, de facto, a investigadora e autora deste trabalho envolveu-se, de forma voluntária, no suporte de algumas fases da organização do projeto de construção do Telecentro e da biblioteca, mantendo uma postura de absoluto respeito pela condução e pela autonomia da comissão eleita pela comunidade escolar, em todas as decisões.

A referência a este facto na citação acima, reforça que se trata de um ponto crítico desta investigação, tendo já sido alvo de reflexão, tal como foi dito. Porém, considerando que a fala acima citada foi, de entre todas as entrevistas realizadas, a única menção sobre a ligação da investigadora com a organização, pode ser considerado como um indício de que a autonomia da comissão foi preservada.

8.2.2 Cooperação

> "Eu lembro da importância né do projeto, e da organização, naquele momento, das instituições né, sociais que faziam parte, naquele momento né, da chegada do projeto, do Telecentro, e dessa união né, que existiu entre os movimentos sociais, a escola e o Pro Natura, o CQC" (23:1 ¶ 2 in PM.JO).

Neste código, analisaremos na visão dos entrevistados, que instituições, organizações, grupos, ou pessoas, participaram do acontecimento em estudo, e sob que condições agiram em colaboração, para desenvolver as atividades e tarefas descritas no código anterior – referente à organização –, que são: tarefas que envolviam a preparação da escola para receber o programa televisivo; a organização para receção dos donativos, seleção das famílias que receberiam as esses mesmos donativos e a sua entrega efetiva; e a construção das salas que albergariam o Telecentro e a biblioteca.

De uma forma geral, com base nas citações referenciadas, há 4 perceções relevantes, identificados na proposta de análise sobre a cooperação que decorreu nessa experiência:

1) ênfase na cooperação entre os membros da comunidade escolar;
2) identificação do "movimento social" como primeiro articulador da experiência vivida;
3) reconhecimento da importância da cooperação do governo e das instituições públicas;
4) indicação de outras organizações sociais que cooperaram com a organização dos eventos tratados na experiência.

8.2.2.1 A ênfase na cooperação entre os membros da comunidade escolar

Na primeira perceção baseada nas citações dos entrevistados, reconhece-se a colaboração e parceria de outras instituições externas, mas o foco da cooperação está dentro da própria comunidade escolar, demonstrando uma grande mobilização entre todos os funcionários da escola, alunos e familiares, como se lê seguir:

> "A gente mobilizou a comunidade para que todos vinhesse estar participando, ajudando de maneira com uma garrafinha de água, com uma pedrinha dali uma ajuda dali uma palavra um incentivo, então, a gente reuniu a comunidade geral pra que hoje a gente pudesse ter foi mobilização, foi contribuição de todo mundo, professores, porteiro, auxiliar de serviços gerais, nossa comunidade em geral. Foi um

> movimento que a gente fez também pra gente poder tá criando né, nossa biblioteca nosso Telecentro em parceria também com outros membros do nosso município né, que deram também essa contrapartida pra gente mas a principal foram nós da comunidade" (7:15 ¶ 28 in PR.RI).
>
> "Uma parceria muito grande, da escola, família, escola. Quando falo família, falo não só dos alunos, mas dos pais dos alunos, com os professores, do pessoal dos serviços gerais os vigias, foi uma parceria muito grande sabe? Quando não dava para alguém vim, mas o outro vinha e a…, mas nunca, nunca ficou sem vir, sabe? As pessoas para organizar desde lá da construção para levantar as salas de leitura, o nosso Telecentro aqui que a gente tem. Foi uma parceria muito grande, sabe? A escola teve essa parceria, teve essa união que foi muito linda até sabe?" (3:10 ¶ 36 in PR.EL).
>
> "E o que é mais importante é… os agentes fazerem parte dessa história, que foram nós professores, que foram os alunos, as famílias dos alunos, tudo isso foi gerando uma grande cadeia né!?" (4:6 ¶ 10 in PR.EP).

A cooperação identificada preliminarmente entre os membros da comunidade escolar, é referenciada como a causa do envolvimento e apropriação do Telecentro na história da comunidade. As circunstâncias identificadas deste trabalho colaborativo estão vinculadas à presença de um sentimento de valorização, orgulho e pertença, como podemos depreender nas palavras do seguinte entrevistado:

> "Eu acho que entre famílias foi muito positiva sabe em num nível muito alto porque é… não só e chegar aqui e fazer um trabalho desse, tem todo um cenário por trás, tem toda uma equipe que trabalha para fazer acontecer e quando você faz parte daquele trabalho as pessoas te valorizam e passam valorizar o que aconteceu e hoje a comunidade ela defende o Telecentro por causa disso por causa desse envolvimento é… de professores de alunos e de familiares de alunos então quando hoje alguém cita o nome do Telecentro a comunidade se sente orgulhosa por causa disso porque fez parte da história" (4:32 ¶ 67 in PR.EP).

8.2.2.2 A identificação do "movimento social" como primeiro articulador da experiência vivida

Sobre a identificação do movimento social denominado AMPEC –associação local comunitária –, nota-se que serviu como catalisador da cooperação entre as demais instituições

que participaram da experiência analisada. De facto, foi mencionada, algumas vezes, pelos entrevistados, a Colônia de pescadores e a Pro Natura:

> "A associação que contempla aqui a comunidade, então teve a colônia dos pescadores e várias outras entidades que sentaram juntos e fizeram né, tiveram uma conversa e.... Acharam importante trazer pra escola Ponta Alegre o Telecentro, por conhecer também o trabalho da escola, conhecer o trabalho das pessoas que estavam a frente e disseram que poderia ser a nossa escola ser contemplada naquele momento. Então, houve toda uma conversa entre eles, foram pontuadas várias coisas vários itens que na época ele nós mencionou, lembro bem que ele falou que uma das coisas foi que as outras associações, as outras áreas elas não estavam aptas né, não estavam funcionando direito faltava ainda legalização, outros não tinham ainda associação próximas as outras escolas, então movimento social na época mais forte que tava mais envolvido nas ações social era a associação aqui próximo que faz parte da escola Ponta Alegre" (6:9 ¶ 39 in PR.LU).

8.2.2.3 O reconhecimento da importância da cooperação do governo e das instituições públicas

Além do protagonismo da comunidade escolar, o apoio da associação local, a AMPEC, e a da identificação das organizações acima mencionadas, a Colônia de Pescadores e a Pro Natura, o governo assumiu um papel relevante na cooperação para a construção do Telecentro, conforme se verifica nas citações que se seguem.

> "O governo municipal deu apoio pra gente construir, o Pro Natura nunca deixou a gente de lado e AMPEC, a Associação local também deu maior apoio pra gente, na verdade foi através da entidade da AMPEC" (1:22 ¶ 33 in PR.EV).

> "A gente contou com os parceiros colônia dos pescadores né também, contribuíram, colaborou, foi parceiro, eu não sei na época a secretaria de cultura eu não tô lembrada se ela foi parceira na época né, mas assim muito, muito, eu acho que a… o movimento ele… ele… deu um alerta muito grande assim para os órgãos municipais na época né, muito mesmo e aí todo mundo abraçou a causa na época que acontecesse [Risos]" (8:11 ¶ 47 in PR.RO).

> "Houve esse interesse né? Das instituições públicas e privadas de também contribuir né com a educação é... técnica, com a educação superior. Nesse sentido, então houve esse crescimento emocional, esse

> crescimento é… de querer contribuir com a comunidade" (4:11 ¶ 16 in PR.EP).
>
> "Poca o vereador Portuga (Inaudível: minuto 14:31) estava aqui, ele veio aqui para se colocar à disposição para colaborar… o que a escola precisasse o vereador Portuga na época" (2:10 ¶ 60 in PR.EA).
>
> "Chegou novos parceiros, novas vistas veio, o pessoal da administração tanto da saúde, educação quanto da agricultura eles vem aqui visitar, eles fazem as atividades deles aqui na escola, eles pedem o espaço né!? Que é tudo climatizado, então isso aqui ajudou muito, melhorou bastante" (1:81 ¶ 57 in PR.EV).
>
> "Teve a parceria da prefeitura na época né!? na época o prefeito Léo Arruda ele estava na gestão também deu suporte, deu apoio inclusive era uma pessoa que também estava se sentindo também como diz o ditado…. [Risos]. Eu acho que também se sentindo com uma carga muito grande" (9:10 ¶ 66 in PR.SI).

8.2.2.4 A indicação de outras instituições que cooperaram com a organização das tarefas executadas durante a experiência

É notória a cadeia de organizações envolvidas para a realização das tarefas incumbidas à comunidade escolar, nomeadamente no que diz respeito à construção das salas do Telecentro e da biblioteca. Além das organizações já citadas, foram indicadas, ainda que com menor evidência, por outros participantes: Semente do Marajó, Peabiru e a AMAM[186]:

> "Eu acho que um dos nossos grandes parceiros foram os órgãos públicos né, municipal, caso a... o governo do município na época a questão da secretaria de educação, inclusive o espaço da… da... sala de leitura que a gente foi contemplada com os acervos, a construção se teve com o apoio da secretaria da educação que deram o maior apoio, fizeram o espaço, e hoje nós temos a sala né, de ambiente de leitura e… e eu creio que teve outros parceiros também, como Semente do Marajó" (8:10 ¶ 45 in PR.RO)".
>
> "O Peabiru teve participação importante né? Talvez não estivesse presente aqui, mas colaborou com

[186] A Cooperativa Sementes do Marajó é uma organização de extratores de açaí, fundada no município de Curralinho, em 2014, em parceria com a Pro Natura, a Colônia de Pescadores, o Instituto Peabiru, entre outras parcerias. O Instituto Peabiru é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) brasileira, que tem como missão facilitar os processos de fortalecimento da organização social e da valorização da socio biodiversidade. A AMAM é a Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó.

> alguma coisa, acho que também a Amam, associação do Marajó também contribuiu com essa participação eu não lembro se a prefeitura de Curralinho naquele momento tive participação efetiva né? mas estiveram presentes de alguma forma estiveram presentes não sei que de forma eles nos ajudaram também naquele momento, mas todo esse conjunto aí a gente é… reconhece a importância disso né?" (4:23 ¶ 48 in PR.EP).

Uma derradeira referência vinculada à cooperação, foi apontada por 1 único entrevistado, que indicou o CQC como uma instituição cuja participação condicionou a existência do Telecentro e da biblioteca:

> "[O] Telecentro não teria acontecido, se não fosse o programa né, chegar até aqui, ficava só em sonhos porque a gente tinha vontade de fazer, mas não sabia como. Não tinha como ainda né? e… ficava só em pensamento, a gente querendo fazer, mas não tinha conseguido, acredito que o CQC trouxe e aí conseguimos né. Telecentro, biblioteca" (10:15 ¶ 118 in PR.RA)".

O facto de ter havido apenas um único entrevistado a ter citado o CQC como agente de um sistema cooperativo, merece reflexão, e pode reforçar a presença e preponderância do primeiro elemento evidenciado neste código, a partir das citações dos entrevistados, referente à perceção de que a comunidade escolar foi o centro, e o principal agente mobilizador, das ações e tarefas vividas durante a experiência analisada nesta tese.

8.2.3 Relações Interpessoais

> "Era sim, era unido, mas depois… da chegada do Telecentro acredito assim que… a gente percebe sim, a união ficou mais fortalecida mesmo" (10:11 ¶ 98 in PR.RA).

As intervenções dos entrevistados a respeito de eventuais efeitos nas relações interpessoais da comunidade escolar, decorrentes da experiência do acontecimento mediático em análise, apontam para uma maior aproximação entre os alunos, professores, funcionários da escola, e pais e mães de ex-alunos, da Escola Ponta Alegre. Neste código, identificam-se as evidências que demonstram uma maior interatividade e um maior interesse dos alunos pela escola, e uma maior aproximação e presença dos pais e mães nas reuniões convocadas pela escola, indicando um aumento da vertente participativa nas relações entre os membros da comunidade escolar, estimulado especialmente pela disponibilidade e abertura do Telecentro, por toda a comunidade escolar, como foi indicado na fala que transcrevemos abaixo.

> "Mas houve assim a preocupação assim da comunidade de como a comunidade deveria fazer parte né, do uso do Telecentro, então isso foi uma discussão que aconteceu, que aconteceu no início né, inclusive, foi dado espaço né, para as pessoas da comunidade escolar, vim, tinha seus dias e horários para vim visitar o Telecentro para pesquisar né" (8:16 ¶ 61 in PR.RO).

8.2.3.1 O fortalecimento das relações interpessoais da comunidade escolar

Embora a aproximação seja o elemento mais decorrente nas falas, há uma nuance relevante na análise deste código, que se refere ao facto de que a maior parte dos entrevistados, quando estimulados a dialogar sobre esse tema, revela que a relação entre alunos e professores, e entre professores e pais e mães de alunos, sempre foi boa.

Depreende-se, por isso, que a experiência do acontecimento não criou relações, ou sequer novas formas relacionais, mas houve um fortalecimento do que já existia, seja na relação entre os professores; entre os alunos; entre professores e alunos; e entre professores e pais e mães de alunos, como se constata nestes trechos:

> "Essa… essa união da escola Fabiane já vem muito antes do CQC sabe? E o CQC ele veio só para consolidar, fortalecer sabe? E colocar para nós que a gente tá no caminho certo, que é com união que a gente consegue ainda mais, só que essa parceria ela já vem muito antes do CQC sabe? Muito antes mesmo, mas só que como era uma escola não tão vista né!?" (3:11 ¶ 38 in PR.EL).

> "A comunidade local ela sempre está em sintonia com a escola, independente da… Ela sempre participou" (9:14 ¶ 81 in PR.SI).

> "Eu digo que a relação, professor e professor aqui, aluno e professor sempre foi sensacional" (2:13 ¶ 70 in PR.EA).

> "Eu acho… aí parece que o projeto veio…parece que veio só para fortalecer para que a gente já tinha de ideia assim de parceria né?" (2:14 ¶ 70 in PR.EA).

> "Acho que essa parte da humanidade, de doação, sempre que alguém precisa entendeu? A comunidade está pronta para ajudar. A escola ela sempre foi parceira e acho que as pessoas sempre vem aqui quando estão precisando, quando estão doentes, aí vem pedir um apoio da escola. Eu acho que essa parte de humanismo mesmo" (5:11 ¶ 80 in PR.JO).

Ainda que tenha ficado evidente que as boas relações são uma condição pré-existente à experiência promovida pelo programa televisivo, fica evidente o fortalecimento dessas relações, assim como o maior envolvimento e interação dos alunos com os professores, e até com as atividades escolares, conforme podemos verificar nas citações abaixo.

> "Bom eu acredito que o sentimento entre nós, educadores, profissionais foi de… de apoio um ao outro de união sabe? De gratidão pelo outro porque todo mundo se doou pra que o projeto de fato acontecesse, para que a gente recebesse os benefícios, então foi um sentimento de reconhecimento um pelo outro, sabe" (3:15 ¶ 48 in PR.EL).

> "A comunidade participa mais, se tornou mais participativa na escola muito participativa os próprios alunos é… se interessaram bastante porque é algo novo, mas a escola jamais teria… era um,.. uma aula de informática né? Então a comunidade achou isso um benefício muito lindo, muito grande para os filhos, até propriamente para eles porque o que a gente tem hoje ainda existe… por incrível que pareça existem pessoas analfabetas no mundo digital" (3:18 ¶ 50 in PR.EL).

> "Então, a gente se aproximou muito um do outro com esse programa porque a gente ficava assim meio aleatório individual, pensando o que eu vou fazer amanhã pelo meu aluno? Então ia praticamente pra casa fazer a pesquisa em casa, mas como chegou aqui, às vezes você fica trocando ideia, será que esse programa aqui eu vou utilizar será que ele serve? A gente fica trocando essas ideias né porque a gente faz a pesquisa aqui mesmo, então, isso aqui é aproximou aluno, professor, comunidade um do outro e foi muito proveitoso, tá sendo muito positivo isso pra gente" (1:76 ¶ 39 in PR.EV).

> "Professor e aluno de um querer ajudar o outro. Então eu acredito sim, mudou" (5:10 ¶ 59 in PR.JO)

> "Houve mais envolvimento dos alunos dentro da escola é…. Eu percebo assim também que os alunos eles eram muito distantes, muito distantes até mesmo de nós professores, quase não conversava quase não dialogava, agora não, eles ficaram mais a relação ficou mais forte mais fortalecida" (6:20 ¶ 95 in PR.LU).

> "Eu acho que a interação foi maior, acho que a interatividade ela se tornou maior né… é… tanto do Telecentro e da sala de leitura. Porque a sala de leitura falando em si. A gente atuou lá é… e assim é… era… era muita interação das turmas dos alunos

> visitando, dos alunos pesquisando, dos alunos emprestando os livros para fazer leitura" (8:14 ¶ 59 in PR.RO).8.2.3.2 A diminuição de discussões e conflitos entre os alunos

Além do reforço da interatividade e da participação dos alunos, há uma especial menção sobre a diminuição de discussões e conflitos entre os alunos, tendo levado, inclusive, à diminuição de práticas relacionadas com supostos vícios, como revelado abaixo por uma professora que à época, era coordenadora pedagógica da escola.

> "Acredito que se houve foi pra melhor né? Que… cada vez mais eles estão… a gente tá assim… interagindo um com outro né? Procura se entender, procura se unir, acredito que só melhorou. Em termo de relação assim, relacionamento entre os alunos, que… porque antes até que aconteceu muitas brigas de alunos né? Na escola, a gente tinha sempre aquela preocupação a gente enfrentava muitas pesadas aqui as vezes, eu fui… eu fui coordenadora pedagógica, aí a gente enfrentou muitas barreiras aqui com alunos é… coisas… negócios de vício já eles começaram… aí depois que chegou o programa, a gente não viu mais, acabou essas coisas. Eu pelo menos não percebi mais essas coisas, essa preocupação, tipo assim como já tem as coisas para eles se preocuparem, mais coisas boas para eles se preocuparem, eles não, não fazem mais essas coisas assim" (10:9 ¶ 86 in PR.RA).

8.2.3.4. A aproximação dos pais e mães de alunos na comunidade escolar

Uma outra constatação significativa tem que ver com uma maior aproximação dos pais e mães de alunos na comunidade escolar, que se tornaram mais participativos e mais responsivos às convocatórias para reuniões da escola, como se verifica nas falas abaixo.

> "Quando a escola chama, quando a escola convoca para alguma coisa eles vem mesmo. Porque antes, às vezes, eles não davam muita atenção né? Aí depois desse momento, qualquer coisa a escola pode chamar, eles já estão… todo mundo vem, participa, quer saber" (10:13 ¶ 108 in PR.RA).
>
> "A partir daquele momento passamos ter é nossa comunidade mais presente na escola, os pais responsáveis de alunos ficaram mais participativo por tudo aquilo que aconteceu na nossa escola, nossos projetos nossas culminâncias de projetos, sempre eles começaram a participar" (7:22 ¶ 65 in PR.RI)".
>
> "Antes a gente fazia, a gente convocava os pais para esclarecimentos e não dava uma quantidade assim

> de pai esperado, depois disso não, não era nem preciso convocar os pais já iam na escola para saber como que tava, como se dava o comportamento dessa logística toda porque mudou ali algumas pedras do jogo o aluno já ficava mais é… quatro horas só com o professor já tinha ali o campo de pesquisa já tinha ali o campo de informática tinha outras habilidades, que nós acreditávamos, acreditávamos que o pai percebia isso na vida" (4:33 ¶ 73 in PR.EP).

Os entrevistados apontaram que os donativos entregues pelos professores às comunidades mais carentes e afastadas, onde alguns dos pais e mães de alunos residiam, aproximou realidades, contribuindo para a criação de um ambiente comum mais participativo:

> "Na verdade a características da convivência ela foi bem… bem assim mais proveitosa mais bem sucedida depois que o programa chegou, por que? Porque aquelas pessoas que viviam um pouco mais isoladas da comunidade escola, com aquela doação que a gente fez pra ele depois eles vinheram agradecer, vinheram contemplar a escola, vinheram mais pra participação, porque podemos dizer assim…. tinha famílias que não vinham pra reunião, podia fazer a reunião com os pais dos alunos mas não vinha, depois que chegou o programa, chegou o tele centro, chegou a sala de leitura, a nossa biblioteca, chegou as doações né. A gente começou a se organizar melhor, as pessoas viram que aquilo ia fazer bem eles também começam a se chegar e vim participar, então uma característica importante a união ela ficou mais forte, o grupo que a gente tinha ele se fortaleceu e a gente hoje pode dizer assim, que a gente é um exemplo" (1:78 ¶ 47 in PR.EV).

> "Não, eu percebo assim que eles chegaram sim a ter uma relação melhor com a comunidade após as entregas né, porque assim, antigamente a gente montava reunião e os pais a família não comparecia, hoje não, depois que a gente recebeu o Telecentro houve assim um engajamento maior da comunidade com a escola" (6:22 ¶ 107 in PR.LU).

> "Famílias ficaram assim muito agradecidas com o que a escola estava… estava fazendo as ações né de doação, com certeza a escola, ela ficou mais né… a comunidade se achegou mais ao âmbito escola" (8:18 ¶ 74 in PR.RO).

8.2.4 Sentido de compromisso e continuidade

> "O problema não é ser o campeão o problema manter ser campeão essa é a grande, a grande talvez

> seja uma das dificuldades maiores" (4:27 ¶ 54 in PR.EP).

Como foi já relatado, o programa de televisão CQC concretizou vários donativos, entre os quais equipamentos para a implementação de um centro de inclusão digital e livros para a organização de uma biblioteca. A continuidade da experiência de participação da comunidade escolar no programa televisivo, foi marcada pelo desafio lançado pela produção do programa, para que a Escola Ponta Alegre construísse duas salas, uma para o uso pedagógico dos equipamentos e outra para os livros doados.

Tomando como ponto de partida a entrega dos donativos, nesta secção, será analisado o código nomeado como "sentido de compromisso e continuidade", para aferir o envolvimento responsável a respeito do cuidado e da durabilidade destas infraestruturas. Os entrevistados tiveram oportunidade de explicar as suas perceções acerca da continuidade do Telecentro e da biblioteca, construídos a partir do desafio lançado pelo programa CQC, com base nos donativos recebidos pela comunidade escolar.

A presença de um sentido de continuidade foi detetada através dos testemunhos que, de uma forma geral, deixaram expresso que a comunidade escolar sentia que os equipamentos lhe pertenciam, assim como mostrava um grande compromisso e responsabilidade para com o cuidado e a continuidade dos mesmos.

Ademais, demonstraram, de forma inequívoca, uma preocupação acentuada com os desafios para a manutenção do Telecentro e da biblioteca, como por exemplo, a respeito da sua segurança, sustentabilidade financeira, reparações técnicas, da necessidade de estabelecer uma parceria com a secretaria municipal de educação, entre outros, que serão detalhados abaixo.

8.2.4.1. Sobre a perceção de pertença do Telecentro e da biblioteca pela comunidade escolar

Quando indagados sobre a continuidade do Telecentro e da biblioteca, os entrevistados expressaram-se com recurso a palavras que demonstraram zelo, cuidado, intenção de preservação, e de apropriação desses equipamentos, valendo-se, algumas vezes, de metáforas que os equiparam a uma "plantinha no quintal de casa, e se a gente não molhar, ela vai morrer" (PR.EL), ou ainda "um bebezinho recém-nascido a gente tem muito cuidado" (PR.RI), como veremos nos trechos que se seguem.

> "É como se a gente tivesse uma plantinha no quintal de casa, e se a gente não molhar ela, ela vai morrer, e se a gente não vai tiver o nosso cuidado isso aqui

vai embora, vai se acabar e aí para construir de novo aí é muito complicado né.. hoje em dia quando a gente vê esses materiais a gente sabe que são caros, custa dinheiro, o valor é bem excessivo para gente conseguir tudo isso aqui… então eu penso que nós beneficiados nós temos que preservar" (3:14 ¶ 44 in PR.EL).

"Dizer que isso aqui é nosso a gente vai conseguir porque isso é nosso isso é patrimônio nosso, da nossa comunidade, a escola precisa, a comunidade precisa, nós profissionais precisamos sabe" (3:16 ¶ 48 in PR.EL).

"Então nós montamos um projetinho na verdade e ele começou a trabalhar com a questão do… Com as crianças do ensino infantil, era uma alegria tão grande com essas crianças no dia que cada turma vinha pra cá entendeu? Eles se sentiam demais, eles se sentiam valorizados eles falavam '' o Telecentro é nosso né professora?'' É o Telecentro é nosso" (6:21 ¶ 97 in PR.LU).

"A partir do momento que a gente recebeu o projeto então a gente começou a fazer um trabalho de conscientização com nossos alunos, a questão da importância, a questão da preservação, a questão do cuidar né!? Do cuidado com tudo que a escola tinha recebido, então tipo assim a escola ela começou a também é…. Tipo assim conscientizar a própria comunidade, os próprios alunos pra que pudesse também reconhecer, fazer o reconhecimento daquele trabalho que aconteceu" (9:11 ¶ 71 in PR.SI).

"Até hoje, a gente tem o mesmo cuidado, a mesma responsabilidade não só eu, mas como todos nós assim a comunidade escolar quando se trata de tudo aquilo que foi repassado, foi entregue pra nós nosso Telecentro nossa biblioteca, nossa! A gente zela como se fosse um bebezinho recém-nascido a gente tem muito cuidado" (7:17 ¶ 42 in PR.RI).

"Tudo que temos aqui é responsabilidade nossa de ter, manter os livros preservados né, não extraviar então tudo isso foi criando uma visão de … de responsabilidade de responsabilidade com nossos alunos. E hoje eles sabem que devemos ter esses maiores cuidados porque tudo que está aqui é doação, a gente passa esse… esses conhecimentos também para eles né?" (8:20 ¶ 94 in PR.RO).

"Pessoas que têm dedicação, têm coragem de levar a obra pra frente, tem jeito, têm um agrado, têm o carinho pra trabalhar. Mudou muito mesmo" (21:5 ¶ 25 in PM.RR).

> "As lideranças comunitárias que estão aqui ao redor da gente, tanto as comunidades católicas, quanto as evangélicas sempre perguntam 'Como é que tá o Telecentro, tá funcionando direito?' Não, porque aquilo né depois que acabou o recurso e trouxeram pra gente pra pagar o monitor, a gente teve aquela dificuldade, mas nosso compromisso sempre, sempre é de cuidar dele, de botar pra funcionar e mesmo com todas as dificuldades, mas a gente sempre, sempre vai, já fez tá fazendo e vai continuar pra que esse programa ele possa se estender digamos assim, por toda a vida da comunidade escolar" (1:74 ¶ 37 in PR.EV).

> "Tanto de professores, tanto de diretores e a gente percebe que… que esse cuidado… ele vem se mantendo em alguns aspectos" (4:28 ¶ 54 in PR.EP).

8.2.4.2 Um forte sentimento de preocupação

Durante a análise deste código vinculado ao senso de compromisso e de continuidade do Telecentro e da biblioteca, o sentimento de preocupação foi expresso com frequência e, em alguns casos, com intensidade, tendo sido utilizadas, pelos entrevistados, expressões que denotavam apreensão, e até mesmo uma certa angústia.

O trecho abaixo demonstra, de forma resumida, as questões que foram inicialmente debatidas numa conversa preliminar na comunidade escolar. A preocupação foi revelada desde o início, e pode também ser notado, nas citações posteriores, que se referiam às tensões expostas pelos entrevistados.

> "Mas antes a preocupação veio e a gente sentou para conversar e agora? Onde é que vai colocar todo esse material? A gente não tem dinheiro para construir o espaço, a gente não tem condições de construir, a preocupação ocorreu aí né mas graças a Deus com ajudar das doações que vinheram e posso dizer assim da administração municipal que tinha naquele tempo, ajudaram a gente a construir o espaço né mas posso dizer pra você que tudo aquilo não foi fácil, porque a gente tinha que correr contra o tempo porque esse espaço que tá aqui ele era totalmente diferente do que era, ele era um prédio totalmente abandonado, a gente teve que fazer muita coisa muita estrutura pra manter ele de pé do jeito que ele tá hoje mas a gente… a preocupação foi grande, porque a gente se preocupou, ele já vinheram aqui, já entregaram pra gente e agora a responsabilidade é nossa de construir de butar pra funcionar e de cuidar dele, como a gente cuida dele muito bem mas

> a primeira coisa foi questão financeira mas ainda bem que o programa tinha" (1:71 ¶ 31 in PR.EV).
>
> "Houve sim, uma tensão uma preocupação na época né e eu lembro que houve até uma reunião onde foi debatido isto mas foi, foi resolvido né foi uma tensão mesmo da comunidade" (6:24 ¶ 133 in PR.LU).

8.2.4.2.1. Inquietações relativas à manutenção e à continuidade funcional do Telecentro e da biblioteca

As preocupações e tensões iniciais, como as que foram elencadas no fragmento acima, não cessaram. Em outras intervenções, os entrevistados apontaram inúmeras inquietações relativas à manutenção e à continuidade funcional dos dois equipamentos em causa, nomeadamente a respeito da manutenção dos computadores; da sua segurança; das necessidades financeiras; e da necessidade de estabelecer uma parceria com a secretaria municipal de educação, tal qual pode ser verificado nas citações que se seguem:

> "Nós ali que fazemos parte da escola a gente se sente assim com uma responsabilidade muito grande até hoje, muito grande uma carga pesada na nossa costa porque assim é um projeto que a escola recebe e que a gente precisa se unir para que o projeto possa continuar, continuar vivo na verdade" (9:6 ¶ 24 in PR.SI).
>
> "É Fabi, a preocupação é muito grande, o que eu posso lhe falar é que a preocupação é muito grande da comunidade porque a gente é sempre, as pessoas perguntam né, sobre a questão do funcionamento do Telecentro é porque não tá funcionando? Tudo mais né, então eu particularmente eu sinto assim uma…. Até uma tristeza né!? Do nosso Telecentro não tá funcionando hoje como a gente deseja, como eu gostaria que fosse falando assim de uma forma muito particular minha né" (6:19 ¶ 81 in PR.LU).
>
> "Eu preciso saber como é que estar, quem é que tá fazendo o que é que tá sendo investido, então no momento eu lembro que houve sim uma na verdade uma preocupação da comunidade sobre a questão, acredito que fosse até memo né, da transparência do trabalho, não sei se foi da transparência ou alguma preocupação em si né sobre quem estava na verdade a frente da construção do prédio, podia ser" (6:25 ¶ 137 in PR.LU).
>
> "E aí gente correu e começou a se organizar e aquela preocupação né de organizar as coisas né" (1:56 ¶ 6 in PR.EV).

“Porque é uma coisa que podemos dizer é só aqui que tem, nas outras comunidades escolar nenhuma tem, então a gente é referência e já pensou se a gente deixar morrer? A gente tosse pra que as outras tenham mas se a gente não manter ele de pé as pessoas podem até dizer assim ‘’ a gente deu uma pra lá não cuidaram, a gente não vai dar outra’’, porque se sabe que é difícil conseguir um programa como esse, então a nossa preocupação é que todo o tempo o projeto esteja funcionando” (1:75 ¶ 37 in PR.EV)”.

“É muito preocupante de manter o programa porque principalmente quando chegar na questão de recursos financeiros, pra pagar as pessoas para trabalhar com a gente, mas a gente nunca desistiu dele e alguns que chegaram a dizer pra gente que a gente ia é… conseguir não fazer as coisas porque já tinham tido experiências de alguns programas que não tinham dado certo, mas é aquilo né quando a gente quer mesmo com as dificuldades a gente consegue fazer né? E a gente tá conseguindo fazer, a gente tem dificuldades? Tem! Tem problemas? Tem! A gente não vivem em uma coisa, em um mar de rosas, mas todos os problemas estamos superando eles, a gente vai superar eles se Deus quiser” (1:77 ¶ 41 in PR.EV).

“A preocupação é a mesma de sempre. Sempre as pessoas que fazem liderança com relação ao Telecentro ou… eu acho que todos têm a mesma responsabilidade que se tinha oito anos atrás… sempre” (2:12 ¶ 68 in PR.EA).

“Alguns materiais que precisam de manutenção esse que acabei de falar, talvez não estejam isso totalmente ligados à escola ou talvez sim né? Hoje precisa de uma pessoa mais técnica, mais competente para fazer isso, mas isso é coisa que vai se ajustando né? Acho que a gestão assumiram de lá para cá elas deram conta, deram conta e… acredito que o resultado disso é significante para a comunidade” (4:29 ¶ 54 in PR.EP).

“A preocupação de fazer manutenção nas máquinas sabe” (1:27 ¶ 37 in PR.EV).

“Sinto assim uma alegria tão grande e orgulho tão grande em saber que a escola ela foi contemplada e eu só tenho assim a agradecer e me preocupo também muito né, com tudo que a gente recebeu, de manter tudo isso vivo porque é da comunidade é…. É um bem tão grande pra comunidade que a gente precisa valorizar sempre e trazer pros nossos alunos de uma forma favorável” (6:6 ¶ 27 in PR.LU).

> "Problema não trouxe, mas o que trouxe foi preocupação. Como falei, porque a responsabilidade é muito grande né, quando se gera…. Até porque na zona rural a gente não tem uma segurança, quando montamos logo aqui o Telecentro a gente ficava preocupada por tudo que tava aqui dentro, será que tem segurança o suficiente?" (7:20 ¶ 50 in PR.RI).

> "Gera sim uma certa preocupação porque tudo que isso aqui foi doado, mas é um compromisso muito grande que a gente tem quanto escola de manter sempre né, os cuidados para poder continuar o nosso Telecentro jamais queremos perder o nosso Telecentro então a gente… a gente quando se fala no Telecentro a gente imagina meu Deus do céu, hoje tá um pouquinho parado e a gente se preocupa, é um projeto que não pode acabar, não pode ficar parado" (8:12 ¶ 57 in PR.RO)".

8.2.4.2.2. A preocupação em relação ao funcionamento do Telecentro e o seu vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho

Cabe uma atenção especial à preocupação demonstrada em relação ao funcionamento do Telecentro e o seu vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho que, tal como foi apontado pelos entrevistados em análise do código "cooperação", foi um dos parceiros fundamentais para sua a implementação. Como é indicado abaixo, era percetível a perceção da dificuldade entre a Secretaria de Educação no Telecentro e a sua presença no suporte para o funcionamento do Telecentro, como se comprova com o testemunho a seguir:

> "A gente sempre teve dificuldade né com parte da secretaria de educação tanto é que até hoje a gente ainda não conseguiu da forma como a gente sempre pensou que o Telecentro funcionasse, da forma que a gente sempre pensou da forma como estar no projeto na verdade, por causa dessa situação dessa dificuldade que a gente tem na questão da relação com eles" (9:12 ¶ 71 in PR.SI).

8.2.5. Produção de conhecimento local

> "Tinha um filho que estudava ainda, e um dia até ele chegou em casa e disse, mãe, eu não preciso às vezes estar pegando orientação com vocês, porque na escola tem o material suficiente pra gente fazer busca. Então, eu senti aquilo que foi uma coisa muito boa que veio pra nós, pra nossa escola" (17:8 ¶ 12 in PM.IR).

Como já foi pormenorizadamente descrito no Capítulo 2, o programa *Cadeia de Favores*, na Ilha do Marajó, teve como objetivo angariar donativos para ajudar a Escola Ponta Alegre, uma escola municipal, localizada na zona ribeirinha do Município de Curralinho. Marcelo Tas, o jornalista âncora do programa, destacou, nessa edição do programa, o problema sério de educação no Brasil, apontando o descaso dos políticos brasileiros para lidar com essa questão, e anunciou que, se os responsáveis não lidassem com esse desafio, o programa fá-lo-ia. O programa exibiu, de forma festiva e até mesmo espetacular – como já tinha sido explicado anteriormente, com um grande investimento para o lançamento de um foguete para a estratosfera do planeta Terra –, uma recolha de donativos de celebridades, de pessoas comuns e de instituições bastante expressiva. Os donativos foram colocados num camião e enviados para a comunidade escolar marajoara, que recebeu uma grande quantidade de alimentos, roupas, brinquedos, livros, equipamentos como computadores, projetores, impressoras, placas solares, entre outros, para a criação de um centro de formação digital e de uma biblioteca, e uma quantia em dinheiro, para colaborar com a construção dessas salas, pela comunidade local.

No final do programa, Marcelo Tas, num tom desafiador, e a partir dos donativos recebidos, convidou a comunidade escolar a mobilizar-se, por meios próprios, para a construção de um Telecentro e de uma biblioteca para a Escola Ponta Alegre que, prontamente, aceitou o repto. Assim, com os donativos recebidos, a comunidade escolar criou comissões, organizadas em 3 grupos. O primeiro ficou responsável pela entrega das doações de roupas, brinquedos e alimentos para a comunidade local; o segundo, pela organização de um mutirão para a construção das salas do Telecentro e da biblioteca; e, um último, pela elaboração de um projeto pedagógico para a formação digital e utilização das salas que estavam a ser construídas.

Após cerca de 6 meses de trabalho, no primeiro semestre de 2015, a comunidade escolar inaugurou a sala de formação digital, que nomearam de "Telecentro CQC (Contigo quero contar)", e a biblioteca, e sala de leitura, "Ambiente de leitura – Contigo quero contar".

Segundo informações da professora Lúcia Santiago, diretora pedagógica da Escola Ponta Alegre na altura do início das atividades do Telecentro, o centro abrangeu mais de 2.000 crianças com a formação básica para a inclusão digital, afetando, do lado da biblioteca, o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem de toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, e com base nas entrevistas realizadas, na secção que se segue, serão analisadas as citações filtradas a partir do código "produção de conhecimento local", as quais foram agrupadas nos seguintes temas: 2.51. O Telecentro e a Biblioteca CQC – acesso ao conhecimento e a criação de novos campos de pesquisa; 2.5.2. Impacto no Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB); 2.5.3. Impacto no corpo discente; 2.5.4. Impacto no corpo docente; e 2.5.5. Impacto na comunidade local.

8.2.5.1 O Telecentro e a Biblioteca CQC – acesso ao conhecimento e a criação de novos campos de pesquisa

> "Porque alteraram sim, porque aí tiveram mais acesso em pesquisar, em ler, em buscar conhecimentos através dos seus trabalhos, da escola. Aí alterou numa coisa muito importante e que é muito valiosa" (18:5 ¶ 11 in PM.MD).

O programa CQC, na Ilha do Marajó, decorreu em 2014, quando as escolas ribeirinhas da região de Curralinho ainda não tinham energia elétrica, tampouco equipamentos para suporte didático dos professores e dos alunos, como computadores, impressoras, ou projetores de vídeos e de imagens. Segundo as entrevistas realizadas, as pesquisas, ou a impressão de trabalhos, eram realizadas na área urbana do Município, o que exigia recursos financeiros para a logística de mobilização nos rios, o que poderia levar horas, dependendo da localização da residência do aluno.

Quanto aos cursos de iniciação digital, além do desafio logístico, acrescia o obstáculo financeiro, já que poucos alunos tinham condições para realizar algum investimento nesse sentido. Perante este cenário, o que se pode apreender é a presença de uma dificuldade de acesso ao conhecimento bastante relevante.

Esta situação foi relatada durante as entrevistas, e foi afetada com o início das atividades do Telecentro e da Biblioteca CQC (Contigo Quero Contar), como podemos aferir nos relatos a seguir:

> "A gente vive, na verdade, no interior. Então, tem muita coisa que a gente acaba não tendo acesso. E quando isso aconteceu, a gente meio que... todo mundo, na verdade, ficou assim, poxa, que legal que isso tá acontecendo. Que legal que o meu filho, que o meu neto, que alguém vai ter algo melhor pra poder se... se olhar, entendeu? pra poder olhar seu futuro, pra poder ver que o estudo não é só você ir pra escola e voltar pra casa todo dia, ou então terminou a aula, pronto, acabou assim isso. Não. É algo pra você pensar depois, pra você refletir, que no futuro você vai precisar, entendeu? Então isso foi maravilhoso" (A.RE).

> "Carol, eu lembro porque eu achei uma mudança muito grande, mudou depois que que depois que a chegou a Telecentro para ir, ela não tinha uma

> máquina assim para fazer uma xerice não tinha internet, não tinha computador. Quando passava o trabalho para fazer, tinha que levar em curralinho, imprimir em curralinho pra fazer os trabalhos "pra" trazer. Era uma coisa muito difícil. Aí depois, agora, melhorou. Porque tem computador, tem internet. Aquele atraso que tinha antes acabou" (21:1 ¶ 2 in PM.RR).
>
> "Naquela época, a gente tinha uma dificuldade muito grande com relação ao acesso à internet e meus filhos estavam terminando o ensino fundamental, passando para o ensino médio. E onde eles não tinham acesso a uma internet, eles não tinham celular, eles não tinham um equipamento que pudesse apoiar eles no estudo. E quando eu vi a escola recebendo aqueles equipamentos, eu, muito feliz como mãe, imaginava assim, meu Deus, meus filhos vão ter onde pesquisar o trabalho deles, porque, na época, era muito difícil" (19:2 ¶ 4 in PM.MZ).
>
> "Foi, algo inovador né!? Poxa nós moramos no Marajó (Inaudível, minuto 38:20) é como eu falei no meio do rio, a internet é difícil, acesso ao mundo digital pra nós era algo muito difícil muito, até uma biblioteca pra gente escolher pegar o livro ler viajar, mas através do Telecentro foi muito gratificante muito é....de suma importância mesmo pra vida, pra vida dos nossos alunos pro nosso aprendizado como informação digital que hoje a gente tem no nosso Telecentro" (7:28 ¶ 85 in PR.RI).

A chegada, quer do Telecentro, quer da biblioteca, foi vista como uma oportunidade de "olhar [o] seu futuro" (A.RE), para acesso a novos recursos, ao conhecimento, às pesquisas, e para o estabelecimento de novos vínculos entre a aprendizagem, a escola, e o desenvolvimento comunitário. É o que se relata nas citações que se seguem:

> "A gente vive, na verdade, no interior. Então, tem muita coisa que a gente acaba não tendo acesso. E quando isso aconteceu, a gente meio que... todo mundo, na verdade, ficou assim, poxa, que legal que isso tá acontecendo. Que legal que o meu filho, que o meu neto, que alguém vai ter algo melhor pra poder se... se olhar, entendeu? pra poder olhar seu futuro, "pra "poder ver que o estudo não é só você ir pra escola e voltar "pra "casa todo dia, ou então terminou a aula, pronto, acabou assim isso. Não. É algo pra você pensar depois, pra você refletir, que no futuro você vai precisar, entendeu? Então isso foi maravilhoso" (12:16 ¶ 4 in A.RE).
>
> "A gente finalmente teve nossa aula de informática, então quando eu saí de lá eu já tinha já o nível médio

> de informática, eu já sabia é…onde eu poderia encontrar mais pra mim…pra mim… tirar de mim, entendeu? Então, poxa, foi uma coisa muito, muito, muito boa mesmo pra gente" (12:9 ¶ 2 in A.RE).

A disponibilidade e o acesso a recursos que pudessem fornecer suporte ao avanço da aprendizagem da comunidade escolar, foram mencionados pelos entrevistados como uma experiência nova, algo que teve um profundo impacto na vida de todos os envolvidos, como podemos verificar nas falas que seguem:

> "Tinha computadores pra gente aprender coisas que a gente tinha que pagar antes. Se a gente queria aprender sobre informática, a gente teria que sair da nossa zona de conforto e pagar pra poder ter esses conhecimentos. E esse programa nos trouxe esses conhecimentos, nos trouxe os livros. Então, foi uma motivação "pra" nós quantos alunos. Foi uma coisa boa pra gente" (36:3 ¶ 1 in A.AN).

> "Com a chegada do Telecentro, com a chegada da Biblioteca, nós tivemos mais recursos para aprender, por exemplo, se precisasse para algum trabalho, a gente ia lá na biblioteca, dava uma "pesquisada" ou se preferisse ler algum livro, alguma coisa a mais para ter uma experiência, a gente ia lá, pegava o livro e lia. Já o Telecentro, a gente teve como aprender mais, porque naquele tempo, como eu disse, não tinha tanta tecnologia. Então, aquilo foi novo pra gente, a gente aprendeu a mexer no computador, coisas que muitas crianças não tinham acesso antigamente. Então, isso impactou tanto na minha vida, quanto na vida de muitas crianças" (38:5 ¶ 4 in A.AG).

> "Com o Telecentro eu pude ter o primeiro contato com o computador e aprender um pouco de informática e com a biblioteca pude aprender ainda mais a aprimorar a leitura em diversos livros literários de diversos autores" (39:4 ¶ 2 in A.ED).

> "[A]nossa realidade, nosso potencial de trabalho, eu tinha certeza que a gente ia evoluir por que? Porque a gente não tinha métodos a gente não tinha como evoluir porque a gente não tinha ferramentas de trabalho, então, através do CQC foram criadas foram vários benefícios que veio pra gente pra nossas crianças né, não só livros como computadores e hoje nós temos muitos ainda desses equipamentos que vinheram"(7:8 ¶ 8 in PR.RI).

> "Quando precisavam de algum trabalho, quando o professor passava algum trabalho, "pra" gente poder, que era de pesquisa, a gente tinha que ir pra Curralinho pagar "pra" mandar pesquisar, pra gente poder ter resposta, pra poder ter esse acesso. E com

> a chegada do Telecentro, com a biblioteca, foi... A gente teve a disponibilidade de ter esses livros, da gente sentar e poder estudar e poder encontrar as respostas que a gente necessitava" (36:5 ¶ 1 in A.AN).

O Telecentro e a Biblioteca CQC foram apontados como os meios de acesso ao conhecimento, deflagrando uma nova estratégia para gerar e ampliar o conhecimento e a aprendizagem. Os entrevistados validam esta constatação a partir das seguintes citações:

> "A comunidade passou a ter uma nova oportunidade de adquirir conhecimento tanto da informática quanto dos acervos literários e materiais para pesquisa" (39:5 ¶ 3 in A.ED).
>
> "Porque por meio da biblioteca e do Telecentro eu pude ampliar os meus conhecimentos no mundo da leitura, da escrita, nas ações diversas dos personagens, e também tive o primeiro contato com o mundo da tecnologia, que me ajudou a criar arquivos de digitação, de programas" (14:5 ¶ 8 in A.YA).
>
> "Veio mais conhecimento pra comunidade, conhecimento" (38:7 ¶ 4 in A.AG).
>
> "Trouxe desenvolvimento, é…uma estratégia nova de conhecimento e de aprendizado" (23:4 ¶ 6 in PM.JO).
>
> "Impactaram assim de uma maneira positiva, porque trouxe conhecimento, aprendizagem mais" (22:5 ¶ 10 in PM.DO).
>
> "Com a chegada do Telecentro a Biblioteca, não só eu, mas muito dos outros alunos começaram a ter mais interesse na questão de leitura e aprendizagem" (37:4 ¶ 1 in A.SU).
>
> "O Telecentro trouxe oportunidades importantes para a comunidade por meio de acervos de pesquisas, assim como conhecimento com a informática" (37:5 ¶ 1 in A.SU).
>
> "Uma relevância na questão de conhecimento, na busca por pesquisa, de trabalhos da grade curricular e de temas transversais também né?" (23:7 ¶ 12 in PM.JO).
>
> "E isso trouxe uma relevância em termos de conhecimento e também, podemos dizer assim, de uma forma de valorizar mais a escrita" (23:8 ¶ 14 in PM.JO).

8.2.5.1.1 A inclusão digital da comunidade escolar

> "É algo tão… na época tão novo que a gente não sabia nem ao certo como lidar com a situação" (2:22 ¶ 4 in PR.EA).

É possível constatar, através das entrevistas, que a criação de um centro de formação digital inaugurou a admissão da comunidade escolar num novo mundo, já que muitos dos membros da comunidade nunca tinham sequer visto, quanto mais utilizado um computador.

> "Um dos maiores desafios era a gente conseguir fazer parte desse novo mundo, para gente seria o novo mundo, a gente por exemplo fazer parte da mídia através dos meios tecnológicos eu vi aí um desafio porque para gente está só aqui acostumado só nesse marasmo do dia a dia aí é algo desafiador mesmo" (2:15 ¶ 72 in PR.EA).

> "A gente não tinha acesso à internet, tinha computadores, e veio a revoluciona" (16:6 ¶ 12 in A.JO).

> "E assim, a parte lá da computação foi uma parte muito importante também que a gente aprendeu. Tem muitas coisas que nós não sabíamos. Como ligar um computador, até mesmo utilizá-lo" (35:3 ¶ 40 in A.AD).

> "Era muita felicidade, porque a gente não sabia, a gente nunca tinha tocado no computador, a gente não sabia como era ter essa experiência. Então, teve um impacto muito grande na nossa vida" (36:4 ¶ 1 in A.AN).

> "Então esse é o benefício que o Telecentro trouxe pra gente, é o mundo digital né, a gente tá conectado em tudo que acontece, nós quase professores não mas nossos alunos vem aqui e ás vezes eles chegam lá 'professora, professor eu digitei e eu vi isso e isso lá no portal tal, no site tal', então, é muito, nossa sem nem te dizer não tem palavras, muito importante pra nós" (7:29 ¶ 85 in PR.RI).

> "Foi lá que ela começou. Ela começou lá pelo Telecentro, de lá ela continuou, lá na cidade hoje ela tem o curso já completo. Mas foi onde ela começou, foi pelo Telecentro, sim" (18:7 ¶ 13 in PM.MD).

> "Impactou até através da informática. O meu filho "fizeram" a informática, se deu muito bem, aprendeu muito bem. Foi um trabalho que eu não esperava de meu filho fazer uma informática aí na Ponta Alegre" (21:4 ¶ 18 in PM.RR).

> Há uma ênfase na disponibilização e no desenvolvimento de atividades de pesquisa, e a sua

relação com o avanço na aprendizagem dos alunos, conforme pode ser verificado nas próximas citações:

> "Os alunos que usarem vim fazer pesquisas os alunos utilizam muito hoje isso, inclusive é uma forma que eles utilizam muito o nosso Telecentro hoje é por meio de pesquisa, eles precisam fazer uma pesquisa acadêmica então eles utilizam aqui e esses alunos do ensino médio também quando precisam eles vêm aqui e a gente disponibiliza a eles os computadores, equipamentos pra pesquisa" (6:27 ¶ 146 in PR.LU).

> "A gente vê no Telecentro, a gente pesquisa como forma de potencializar, como mecanismo de ferramenta para melhorar o aprendizado dos nossos alunos" (3:17 ¶ 48 in PR.EL).

> "Não sei quantas turmas foram que receberam certificado através do tutor que trabalhou com eles, nossas criancinhas vinham aqui, nossos alunos primeiro segundo terceiro ano todos conseguem manusear um computador, nossos alunos vinham pesquisar. Então foi algo muito gratificante relevante pra nós, pra o desenvolvimento pra o aprendizado dos nossos alunos, muito bom" (7:25 ¶ 77 in PR.RI).

> "Eles vêm com outros horários para fazer as pesquisas né, inclusive, o orientador, a gestão escolar disponibilizou o computador né, para fazer pesquisas. Realmente os nossos alunos né, os alunos maiores que têm atividade de pesquisa, tá disponível para eles. Então a gente entra, a gente vê eles aqui né é pesquisando organizando o trabalho e na sala de leitura, lendo, verificando os livros, então aumentou sim, alterou sim com certeza" (8:21 ¶ 96 in PR.RO).

> "É muito comum dos alunos vier aqui realmente fazer essas atividades enviar atividade né porque antigamente era difícil e… e acho que a questão de pesquisa mesmo" (5:14 ¶ 105 in PR.JO)".

> "Eles impactaram, sim, porque ambos contribuíram com a comunidade como fonte de pesquisa, tanto o Telecentro quanto a biblioteca. E isso foi fundamental para todos nós" (14:7 ¶ 12 in A.YA).

> "Impactaram muito mesmo. O que eu pude aprender, eu aprendi muito lá no Telecentro também" (15:4 ¶ 10 in A.FA).

Muito embora os diálogos com os entrevistados fossem direcionados para a perceção do impacto da criação do Telecentro nos primeiros anos da sua atividade, verifica-se que,

durante os anos de confinamento ocorridos na pandemia, entre 2020 e 2022, o Telecentro desempenhou um papel significativo na formação e no suporte da comunidade escolar.

> "Como eu falei na pandemia, foi muito difícil para quem trabalha no interior, então nós tivemos muitos alunos que eles vinham para cá, entendeu? Então pegavam atividade pesquisavam, então eu acho que contribuiu muito porque muitos não têm condições de ir lá na cidade e fazer um curso de informática porque tem que pagar, e aí tem que ir todo sábado, e aqui o contato é mais direto a gente tem mais facilidade de chegar aqui. Apesar de não ser da daquela forma que deveria, que a gente gostaria fosse, de ter uma certificação, mas contribui muito para a formação sim" (5:15 ¶ 108 in PR.JO).

8.2.5.1.2 A Biblioteca CQC e a evolução da capacidade de leitura dos alunos e a influência no avanço da aprendizagem

> "E aí, a biblioteca era nossa…o nosso melhor caminho" (12:12 ¶ 2 in A.RE).

Nota-se que a biblioteca, da mesma forma que o Telecentro, contribuiu, de forma meritória, para o campo de pesquisa, que surgiu como consequência do acontecimento mediático em estudo, evidenciando a sua ligação com a criação de um novo acesso na procura de conhecimento. Para o confirmar, damos destaque às seguintes citações:

> "Eu lia todo tempo, toda semana eu pegava um livro e lia, todo dia eu ia na biblioteca e quando chegava o dia da gente estudar informática, era uma felicidade, não somente para mim, mas todos os alunos que participaram e tiveram a oportunidade de estudar nessa época" (36:4 ¶ 1 in A.AN).

> "Sim, alteraram o conhecimento. A biblioteca veio trazer para a escola o conhecimento didático com relação aos livros que foram entregues pelo projeto. Foram livros muito ricos que teve o avanço para os alunos. Os alunos tiveram como fazer suas pesquisas, seus trabalhos dentro da escola. Não precisaram tá saindo da escola para fazer pesquisa porque o material que veio são rico. E foi um trabalho muito especial mesmo que veio iniciar, fazer a iniciativa para nós da escola, como pais de alunos, como funcionários, professores que estavam trabalhando lá" (17:7 ¶ 10 in PM.IR).

> "Foi uma novidade "pra" gente nessa parte da comunicação, porque nós não tínhamos internet na escola, nós não tínhamos nenhum meio de… de fazer pesquisa, nós não tínhamos nada, nada. Aí então, com a chegada da biblioteca, a chegada dos

> computadores, a Internet ficou bom. Assim, nós começamos a fazer aula de informática. Assim, a parte também que eu mais amava na escola era a biblioteca" (35:1 ¶ 38 in A.AD).
>
> "Não vou na biblioteca, mas eu entendo e eu vejo, porque eu trabalho lá também, na comunidade, na vila, que muitas pessoas, muitos alunos buscam né a biblioteca no sentido de fazer pesquisa, de buscar um conteúdo. E, na verdade, ela trouxe um conhecimento e é importante para nós" (23:6 ¶ 10 in PM.JO).
>
> "Com a escola se adaptando com essas duas coisas, isso foi uma coisa muito, muito, muito boa "pra "gente, porque a gente precisava, muitas das vezes, precisava fazer um trabalho. E aí, cara, onde que a gente vai conseguir? Então, vamos nos livros. E aí, a biblioteca era nossa… o nosso melhor caminho. Então, a gente ia lá e fazia as nossas pesquisas da melhor forma. É… com o Telecentro também, só que aí devido às aulas, né, que também tinha isso. Teve as aulas, tinha as aulas, então nem sempre dava "pra "gente fazer as pesquisas" (12:12 ¶ 2 in A.RE).

Segundo as entrevistas realizadas, foi possível comprovar uma clara evolução na capacidade de leitura dos alunos, influenciando o avanço da sua aprendizagem, e da sua desenvoltura na sala de aula.

> "Olha, eu lembro que a gente tinha aluno sabe, que ele tinha muita dificuldade, principalmente em leitura, quando surgiu o Telecentro e a gente emprestava os livros e levava para casa para eles lerem, então despertou esse interesse e melhorou o aprendizado de leitura entendeu aí ele já esforçava mais porque, como a gente sabe né a leitura é a base, é a base de todo conhecimento é a leitura" (5:13 ¶ 94 in PR.JO).
>
> "[A] nossa biblioteca que é um grande suporte pra nós, aonde as nossas crianças a partir daquele período passaram a evoluir na leitura, na escrita porque ás vezes tinham dúvida a gente não tinha um cantinho da leitura com três quatro livros e hoje a gente tem uma biblioteca a partir daquele dia, nossa não só os livros, materiais, roupas que foram trazidos pra nossa comunidade que a nossa comunidade é uma comunidade Ribeirinha então, foram muita coisa muita coisa como eu falo sempre que eu lembro eu me emociono porque a partir daquele dia nossas vidas mudaram né?" (7:8 ¶ 8 in PR.RI).

> "Olha, eu, como eu trabalho com língua portuguesa no segundo ano, a gente, eu fazia assim, para o aluno que tivesse uma boa nota e que lesse mais livros, a gente daria dois, três pontos extras, e teve aluno que por incrível que pareça ele ia fica lá na nota final na quarta avaliação ele estava quase ficando reprovado em matemática. Ele já tinha lido seis livros em dois meses e uns dias, seis livros da biblioteca. Aí eu falei com a professora de matemática. Não! Mas ele lê muito, ele lê, eu… porque lê o livro, qual é a história? Qual é o contexto do livro? Do que se trata? Ele sabia o que tava lendo. Aí ela falou, ah então eu não posso deixar. Não, não pode ele avançou ele tá avançando. Aí muitos alunos leram muito" (2:19 ¶ 102 in PR.EA).

> "Eu tenho uma filha também que ela é aluna da escola né e eu posso acompanhar melhor ela, ela antes ela não tinha muito interesse pela leitura principalmente pela leitura e hoje ela gosta muito de ler por que? porque ela se acostumou a ir pra sala de leitura e ter o contato com os gêneros textuais que lá têm então, ela começou a se interessar pela leitura e ela diz que ela quer ser escritora" (6:28 ¶ 150 in PR.LU).

> [A] biblioteca, ela impactou minha vida tanto dentro da escola quanto fora. Porque quando eu pegava um livro para ler, eu poderia ter simplesmente a disponibilidade de levar ele para minha casa. Então, isso impulsionava e me dava cada vez mais vontade de ler aqueles livros, de ter uma interação. Então, isso me ajudou tanto na leitura quanto na escrita também" (38:6 ¶ 4 in A.AG).

O espaço da biblioteca passou a ser um local que os alunos gostavam de visitar, tendo sido reconhecido por eles o potencial dos livros em mudar o seu futuro.

> "A questão do incentivo, ele se sentem tão animados a animação aquela coisa toda, a sala de leitura então é o xodó deles também né, eles gostam de estar ali e sempre pegando os livros e tentando ler" (9:17 ¶ 106 in PR.SI)".

> "Quando eu sair daqui eu já sei onde eu então um livro ele pode te ajudar em muita coisa, inclusive até garantir o teu futuro" (12:15 ¶ 4 in A.RE)".

> "Aí, naquele tempo, a biblioteca foi fundamental pra gente quando a gente estudava" (16:4 ¶ 8 in A.JO).

> "O momento que a gente não tinha aula na parte do intervalo, eu sempre ia ler" (35:2 ¶ 39 in A.AD).

8.2.5.1.3 O impacto no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Escola Ponta Alegre

> "Ela teve o melhor IDEB do município de Curralinho. Ela teve o melhor IDEB do Marajó em 2016 por causa do Telecentro que trouxeram para dentro de Curralinho" (34:7 ¶ 1 in PM.ED).

De acordo com as entrevistas, metade do grupo de professores afirmaram que o novo acesso ao conhecimento e às pesquisas acima discriminadas, propiciados pela construção e funcionamento do Telecentro e da biblioteca, foram responsáveis pelo aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Escola Ponta Alegre. Este índice foi criado pelo Governo Federal brasileiro, em 2007, e tem como objetivo aferir, de 2 em 2 anos, a qualidade do ensino nas escolas públicas, segundo o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações realizadas pelos alunos.

O Telecentro e a Biblioteca CQC entraram em operação no primeiro semestre de 2015 e, no final desse ano, foram realizadas as provas que são a base para o cálculo do IDEB. Em 2016, foi apresentado o resultado do IDEB de 3,8 da Escola Ponta Alegre, referente a 2015, indicando um aumento neste indicador que, em 2013, medição imediatamente anterior ao índice de 2015, tinha sido de 2,6.

Segundo informações retiradas do site oficial do Sistema de Avaliação de Educação Básica (SAEB)[187], seguem, abaixo, os últimos IDEB da Escola Ponta Alegre:

Ano	IDEB
2009	1,6
2011	3,1
2013	2,6
2015	3,8
2017	3
2019	3,5
2021	3

Tabela 9: Resultados IDEB da Escola Ponta Alegre – período 2009 a 2021
Fonte: Adaptado pela autora, conforme Sistema de Avaliação de Educação Básica

Nas citações transcritas abaixo, observa-se que, na perceção dos professores, há um vínculo direto entre a criação do Telecentro e da biblioteca, com a diminuição do abandono

[187] Dados consultados em http://saeb.inep.gov.br/saeb.

escolar pelos alunos, assim como com o desenvolvimento e um novo olhar sobre a Escola Ponta Alegre, que passou a ser considerada como uma escola padrão.

> "[O]Telecentro com certeza ele vem contribuindo muito, muito positivamente com nossos alunos e nossos alunos hoje nós temos se eu não me engano são 5o anos é mantendo, batendo a nossa meta do índice de desenvolvimento que é o IDEB da escola, cinco anos" (6:29 ¶ 150 in PR.LU).

> "O Telecentro segurou nossos alunos porquê de lá pra cá a gente teve menos desistências, menos evasão escolar, a repetência caiu e depois que chegou o Telecentro nosso IDEB subiu e chegou a chegar a três ponto nove que era uma expectativa pra o ano que vem né!? E depois a gente caímos um pouco mas foi a maior nota que a gente teve em todo o município de 3.9, tanto é que a gente recebeu aquele quadro de reconhecimento viu, foi dado pra gente pela gente ter atingido 3.9 no IDEB um dos maiores IDEB'S da Ilha de Marajó mas foi com a chegada do Telecentro, então aquilo é.... inovou o nosso programa, teve reconhecimento receber aquilo" (1:80 ¶ 55 in PR.EV).

> "Hoje ela é referência Escola Ponta Alegre e a gente batalha muito para que seja sempre né, inclusive nos nossos IDEB, é.. então a partir disso, criou um novo olhar né, mas visível para a sociedade" (8:19 ¶ 82 in PR.RO).

> "[A] nossa escola sempre era mais desprezada tudo aquilo que a gente fazia parece que não chamava olhar de ninguém, ninguém conseguia olhar pra gente. E a partir desse momento aí que o CQC chegou até nós, nós evoluímos a nossa escola é vista com um outro olhar até hoje, hoje meus colegas falam pra nós pra mim a escola Ponta Alegre hoje ela é a escola padrão a escola padrão, ela é vista como a escola padrão a partir daquele momento por que? Porque vocês têm ferramentas, vocês tem equipamentos de alta qualidade, a partir daí nosso IDEB nosso IDEB que sempre foi lá embaixo o índice de desenvolvimento da educação dos nossos alunos, evoluiu e hoje a escola Ponta Alegre é vista com um outro olhar pra todas as escolas do município até por fora do outro município" (7:23 ¶ 67 in PR.RI).

8.2.5.1.4 O impacto no comportamento do corpo discente da Escola Ponta Alegre

> "Naquele tempo a gente não tinha acesso à internet. Aí foi um projeto que veio dar mais sentido pra gente continuar estudando. (...) aí veio melhorar

> mais o desempenho na sala de aula" (16:1 ¶ 2 in A.JO).

Na perceção dos entrevistados, além das mudanças relatadas nos itens anteriores, foram assinaladas outras significativas no comportamento dos alunos, após a criação do Telecentro e da Biblioteca CQC. Foi indicado que os alunos se tornaram mais respeitosos, motivados, entusiasmados, participativos e interessados, relativamente às atividades escolares, o que teve impacto direto no seu desempenho na sala de aula, no prazer de estar na escola e no interesse de muitos alunos em regressar para as atividades escolares.

> "Eles adquiriram mais experiência, porque veio a tecnologia que a gente não tinha e com a inovação que chegou, os nossos alunos não só passaram a se interessar mais pelas aulas, do que ter um comportamento mais... mais assim respeitoso por que? porque através da tecnologia a gente começou a mostrar pra eles onde a gente tava chegando, porque a gente vivia professor, quadro, giz e aluno e depois que chegou o Telecentro não, o professor, quando o professor quer trazer o aluno ele traz o aluno pra cá, ele usa todos os nossos equipamentos que tem data show, televisão, computador e mostra pra nosso aluno é... como que a gente tava antes, como que a gente tá vivendo agora e como que pode ser depois. Então essa questão aqui mudou o hábito dos nossos alunos" (1:79 ¶ 53 in PR.EV).

> "Eu me senti muito motivado, porque naquele momento essa questão de informática aqui no Marajó era uma coisa muito difícil né, não tinha praticamente" (23:3 ¶ 4 in PM.JO).

> "Porque quando eles não estão fazendo nada, não tão estudando, tão desocupados, porque às vezes acontece de ficar vago. Professor não vim por algum motivo, aí fica vago e eles. O que eles fazem? Eles vêm para a biblioteca, eles vêm para o TTelecentro, sempre tem uma ocupação. Ao invés deles estarem fazendo coisas que não devem" (10:10 ¶ 90 in PR.RA).

> "A gente fica preocupado porque eles já querem vir, eles estão mais interessados na tecnologia né!? estão a gente viu que eles ficaram mais interessados, se comportaram melhor, porque a gente viu que aquilo agradou eles, teve um incentivo maior na vida deles" (1:79 ¶ 53 in PR.EV).

Considerando o entusiasmo e o interesse dos alunos, foi também detetado impacto no ritmo de aprendizagem das crianças, conforme é narrado a seguir.

> "Olha, foi um efeito bom. Bom porque as crianças se entusiasmaram mais pra vim para escola no

> momento em que elas sabiam que vinham ao Telecentro para assistir desenhos em que… são desenhos educativos né? aí… elas se estimularam mais para vim para escola. Tinha aquele incentivo né? Que elas ficavam bem felizes, ficavam contando para aqueles dias, aqueles dias que elas viriam para cá né? Para assistir os desenhos, as coisas. Eles iriam aprender, e aprendiam mesmo e aprenderam e eles estão aprendendo. Eu digo que facilitou muito assim, essas crianças aprenderam mais rápido, tipo assim" (10:8 ¶ 78 in PR.RA).

Aumentou também a participação dos alunos, a vontade de estar na escola, e registou-se a perceção da diminuição do abandono escolar pelos alunos, assim como se deu o retorno de alunos para a sala de aula, conforme é relatado abaixo.

> "Antes de acontecer, antes do CQC trazer esses métodos pra nossa escola, nossos alunos quase não eram participativos, muita evasão escola e a partir desse momento nossos alunos voltaram, tiveram desejo, vontade espontânea de tá na escola, por quê? Porque tinha onde estar, professor não vivia mais só ali naquele quadradinho da sala de aula, nosso cronograma um dia pro segundo ano tá na biblioteca, outro na terça pro segundo ano, na quarta já vinha pra o Telecentro aquele que foi pra biblioteca na segunda na terça já vinha pra o Telecentro, na quarta quem tava na biblioteca na quarta na quinta já tava aqui no Telecentro. Então foi uma motivação pra que nossos alunos tivessem vontade, prazer de vim pra sala de aula, já não foi só aquele método de quadro giz, giz e quadro" (7:26 ¶ 79 in PR.RI).

> "Despertou um interesse né de permanecer na escola né de estudar mais né de ir mais longe é… hoje tem, hoje já tem aluno formado daquela época que já são técnicos que já são até quase professores também" (4:31 ¶ 63 in PR.EP).

> "Foi algo muito importante, principalmente pros nossos alunos né, foi uma maneira de trazer como eu falei muitos alunos voltaram, alunos que tinham deixado nossa escola há três, quatro anos voltaram principalmente por causa desse benefício, não somente por causa da sala de aula mas foi algo que veio contribuir para que nossa escola pudesse evoluir como eu falei, né. Nós professores também, os professores, eu ainda me considero uma analfabeta digital né, por causa que a gente não tínhamos né?" (7:24 ¶ 77 in PR.RI).

Por fim, distingue-se um relato singular que mencionou um ponto negativo, no que tange ao comportamento dos alunos. Na opinião de 1 dos entrevistados, os alunos tornaram-se

mais acomodados, pois estariam a fazer pesquisas num formato que, segundo ele, não estaria a estimular a aprendizagem e forma adequada.

> "[O] ponto negativo que eu achei, eu estava conversando com meus colegas, é que os alunos passaram a ser, mais, acredito acomodados né? Às vezes a gente passa um trabalho de pesquisa que é para o aluno pesquisar, ele acaba pesquisando e colocando tudo do google e a gente sabe, a gente conhece os nossos alunos, eu conheço os meus alunos sabe, e sei que aquilo não partiu dele, entende?" (3:24 ¶ 62 in PR.EL).

8.2.5.1.5 O impacto na formação académica do corpo docente da Escola Ponta Alegre

> "Que eu não sabia mexer aí a partir daí eu já consigo, já sei algumas coisas. Hoje já consigo, eu era muito… não entendia nada, não entendia mesmo. Isso foi bom né? Talvez me beneficiar né" (10:16 ¶ 132 in PR.RA).

A criação do Telecentro CQC teve também impacto diretamente no corpo docente da Escola Ponta Alegre. Como veremos nas citações abaixo, levando em conta essa perspetiva, registaram-se 2 consequências: a primeira referente à inclusão digital dos próprios professores, e a segunda, é relativa ao suporte fornecido pelo Telecentro para a formação e aperfeiçoamento académico dos professores. Grande parte dos professores consideravam-se, conforme as próprias palavras, "analfabetos digitais" e, assim como os alunos da escola, fizeram parte de um processo de inclusão digital, desenvolvendo habilidades para lidar com os computadores disponibilizados no Telecentro.

> "Então acho que isso despertou muito interesse dele e da gente também, porque a maioria de nós como a gente relatou somos analfabetos na parte de informática e, com essa criação a gente aprende, de qualquer forma a gente vai aprendendo, né, aí no dia a dia, com um ou com outro então sempre tá no processo de aprendizagem" (5:12 ¶ 90 in PR.JO).

> "Eu aprendi bem mesmo… pelo menos... olha… é... sobre computação, eu não sabia nem ligar o computador como professora né? analfabeta dessas coisas, a gente nunca viu é... nunca tinha, aí eu aprendi já a mexer no computador essas coisas, foi uma experiência muito importante" (10:4 ¶ 18 in PR.RA).

> "A comunidade fez um trabalho em relação a isso, começando pelos alunos e depois estendendo para as famílias, a gente começou a perceber na época que muitos professores não tinham habilidades com

> o computador a gente começou a perceber isso sabe? Junto com os alunos ali e os professores também acompanhado no mesmo ritmo, então houve interação para essa contribuição" (4:34 ¶ 81 in PR.EP).
>
> "Hoje, muitos professores utilizam a questão do computador, os próprios alunos já começam a orientar os alunos na construção dos trabalhos e os professores também pesquisam atividades e alguns assuntos então, tem auxiliado muito a questão do Telecentro né" (9:19 ¶ 110 in PR.SI).
>
> "Ajudaram muito mesmo naquela época. Naquela época ajudou somente eu, também, outros alunos também. E aí, os ensinadores que ensinaram nós também. Foi bonito. Aí, comecemos a aprender mais um pouco, as pesquisas também. Foi bonito 'pra' nós também" (15:3 ¶ 8 in A.FA)".
>
> "Que eu não sabia mexer aí a partir daí eu já consigo, já sei algumas coisas. hoje já consigo, eu era muito… não entendia nada, não entendia mesmo. Isso foi bom né? Talvez me beneficiar né?" (10:16 ¶ 132 in PR.RA).

Os desafios financeiros, e de disponibilidade de tempo, relacionados com a realidade logística ribeirinha, dificultavam o acesso do corpo docente a cursos, ou especializações. Foi referido que, um dos impactos da criação do Telecentro, foi o reconhecimento de que o centro de formação digital, criado a partir do programa televisivo, serviu como suporte para a formação académica dos professores, possibilitando que os trabalhos pedidos por curso fossem elaborados com os computadores do Telecentro.

> "Eu aprendi a conhecer não só novas pessoas, mas conheci muitos outros meios da tecnologia né?, porque eu não sabia, não tinha como eu buscar teve também, na verdade serviu pra minha formação acadêmica porque muitos trabalhos que eu precisava fazer eu fiz aqui dentro né, aproveitei os computadores e na hora dos intervalos eu fazia" (1:12 ¶ 14 in PR.EV)".
>
> "Porque já pensou eu tivesse que estudar ir lá pra Belém, porque eu não tinha tecnologia eu teria que sair daqui viajar hoje pra chegar amanhã, estudava amanhã pra depois voltar, mas não tinha recurso financeiro pra isso, aí barrava aí não tem recurso não vai e aí quando chegou o Telecentro, chegou a tecnologia pra nós e a gente ficou assim contemplado com ele as coisas melhoraram cem por cento, posso dizer assim, na minha concepção né?, tenho certeza assim que todos meus amigos, todos os meus colegas que precisaram fazer cursos superiores que era a distância contaram com isso

> aqui, contaram com tudo isso aqui porque sempre se apoiou aqui né" (1:86 ¶ 61 in PR.EV).

8.2.5.1.6 O impacto na comunidade escolar, o uso público do Telecentro e da Biblioteca CQC

> "Ela serve muito como esse instrumento de suporte, suporte para o estudo, de pesquisa, é um campo de pesquisa, né? Lá vai…vão vários alunos, pais de alunos. Ele serve como um suporte muito grande para toda a comunidade escolar" (19:7 ¶ 14 in PM.MZ).

A vertente participativa deflagrada por todo o acontecimento mediático, desde o envolvimento com a gravação do programa, bem como a entrega dos donativos, ou mesmo a organização do mutirão para a construção das salas do Telecentro e da Biblioteca CQC, foi mantida como característica singular em virtude da construção dessas infraestruturas

Segundo os relatos dos entrevistados, a comunidade sentia-se como parte integrante desse ambiente, e ex-alunos, pais e mães de alunos, e até mesmo pessoas que não faziam parte da comunidade escolar, também utilizavam o Telecentro e a biblioteca, demonstrando o caráter público desenvolvido nesses espaços.

> " Eu acho que um dos efeitos na vida assim é… foi trazer essa inclusão né… tecnológica nos meios de comunicação para os nossos… na vida dos alunos, de nós como professores, hoje a gente vê que é uma ferramenta importantíssimo e naquela época a gente não tinha, então eu acho que os efeitos mesmo é… foi fazer é… fazer com que a comunidade se sentisse parte né… desse meio tecnológico, meios de comunicação digitais, então eu acho que fazer… a comunidade fazer parte de tudo isso foi um dos efeitos muito grande né?" (8:13 ¶ 57 in PR.RO).

> "Sim, impactaram de uma forma, digamos assim, até emocionante, em relação a esse suporte que veio dar. Porque tanto meus filhos estudaram e utilizam até hoje como campo de pesquisa, porque eu tenho filhos já formados, tenho uns que estão na universidade, mas eles sempre procuram a comunidade escolar da Ponta Alegre para fazer algumas pesquisas, até eu também continuei meu estudo, me formei, fiz TCC, utilizei esse campo de conhecimento, tanto Telecentro quanto a Biblioteca" (19:5 ¶ 12 in PM.MZ)".

> "Foi um aprendizado muito grande, né? Veio para um desenvolvimento escolar, para os alunos, para pais e mães que quiserem participar. E foi uma coisa muito importante, que até hoje tá sendo na

> comunidade da Escola Ponta Alegre" (18:3 ¶ 7 in PM.MD).
>
> "Então é um fruto desse resultado… desse trabalho né hoje viram ali que pode ir mais longe, viram ali que eles também fazem parte de um mundo ou de um outro mundo que talvez ele não enxergasse isso né? Então isso mostrou… abriu a porta para muitas pessoas né, inclusive para quem não era ou que não fazia parte da escola né?" (4:31 ¶ 63 in PR.EP).
>
> "Nós tivemos aqui alunos de ensino médio fazendo uso dos nossos recursos da escola Ponta Alegre, pessoas que estavam na graduação, conclusão de TCC vinham aqui e olha, conversava com os profissionais, olha posso vim dar uma pesquisada? E falava pode! No horário que está tendo normal a aula pode! Eles vinham fazia pesquisa aí contava aqui, nunca faltou gente aqui nessa sala né, o pessoal da coordenação da direção, então acredito que não foi só um benefício para a comunidade, para os alunos da escola, mas alunos que não fazem parte da escola, alunos que já estão em uma faculdade, cursando uma graduação. Então não foi só um benefício para é... atingiu um público específico sabe mas para um público grande… sabe?" (3:25 ¶ 68 in PR.EL).
>
> O interesse da comunidade querer aprender, então além dos alunos, as pessoas da comunidade também podiam vim para, cá então eles fizeram ainda mais aulas, teve certificação então foi uma parte, uma fase boa entendeu? Muito boa mesmo" (5:8 ¶ 50 in PR.JO).

8.2.6. Considerações finais a respeito do tema "Efeitos percebidos ao nível da Experiência Pública vivida pela comunidade da Escola Ponta Alegre"

O segundo tema responde ao segundo objetivo traçado para esta investigação, apresentando os efeitos percebidos pelos entrevistados ao nível de uma Experiência pública, conforme descrito na Tabela 10 abaixo.

Código	Descrição	Teoria	Autor	Efeitos percebidos segundo a perceção dos entrevistados
2.1 Organização	Identificar, nas entrevistas, se a experiência vivida indica a ocorrência de cooperação; organização de coletivos, diálogo ou conversa social entre a comunidade escolar	O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, apresentando 2 movimentos que acontecem simultaneamente: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público (Cefai, 2017). Os coletivos demonstram capacidade de organizar coletivamente o seu mundo social, desenvolvendo uma organização dinâmica, sequencial, cumulativa e orientada (Mateus, 2016).	Cefai (2017) Mateus (2016)	Houve o envolvimento de toda a comunidade escolar, que criou comissões para a organização das tarefas divididas para: receber o programa de televisão, distribuir os donativos recebidos e construir as salas para o Telecentro e para a biblioteca, a partir das doações entregues pelo programa.
2.2 Cooperação	Identificar se ocorreu o engajamento de outras instituições, ou organizações	A exposição a performances pode gerar um engajamento ativo, a partilha de uma visão de mundo, de cooperação e comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público.	Dayan (2006)	A cooperação ocorreu a partir, e com ênfase, dos membros da comunidade escolar; apontaram como primeiro articulador o "Movimento Social" local, indicaram a relevância da cooperação do governo local e de outras instituições públicas e privadas, deixando clara a presença de uma cadeia de parcerias locais que cooperaram com a experiência vivida.
2.3 Relações interpessoais	Identificar se os entrevistados indicam alguma mudança nas relações interpessoais da comunidade escolar	A experiência do acontecimento é uma experiência de mudanças existenciais, combinada com as dimensões do afeto, do conhecimento e da prática	Quéré (2017)	Notou-se, desde o início, uma boa relação entre a comunidade escolar, pré-existente ao acontecimento. Nesse sentido, os entrevistados indicaram o fortalecimento das relações interpessoais; a diminuição de brigas e conflitos entre os alunos; e a

				aproximação entre os pais e as mães dos alunos e a comunidade escolar.
2.4 Senso de compromisso e continuidade	Identificar se houve a formação de um compromisso, a partir da experiência vivida, após o programa televisivo	Os afetados pelo acontecimento interessaram-se de forma coletiva e envolveram-se porque se sentiam atingidos, e assim, estimulados a reagir e a posicionar-se como forma de compromisso. Definiu-se um traço cognitivo e um outro prático (reação)	Quéré (2017)	Os entrevistados expressaram uma perceção de pertença através do cuidado e atenção que deferiram ao Telecentro e à Biblioteca CQC. Demonstram um sentimento intenso de preocupação com a manutenção, a adequada funcionalidade das 2 estruturas, e a preservação do vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho.
2.5 Produção de conhecimento local	Identificar a ocorrência de efeitos que gerem produção de conhecimento local para a comunidade escolar e entorno.	O ator político envolvido nos seus interesses e determinações poderá construir a sua verdade, de modo inclusivo e dialógico com foco na produção de conhecimento. As inteligências sociais produzem arranjos democráticos. O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, apresentando 2 movimentos que acontecem simultaneamente: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público.	Dewey (1946) Cefai (2017) Mateus (2016) Babo-Lança (2005; 2011)	O Telecentro e a Biblioteca CQC promoveram o acesso ao conhecimento e a criação de novos campos de pesquisa; a inclusão digital da comunidade escolar; um novo acesso na busca de conhecimento local; teve impacto no aumento do IDEB da Escola Ponta Alegre, no comportamento do corpo discente da Escola Ponta Alegre, na formação académica do corpo docente da Escola Ponta Alegre, e a comunidade escolar, no que diz respeito ao uso público do Telecentro e da Biblioteca CQC

Tabela 10: Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre os efeitos percebidos ao nível da Experiência pública
Fonte:Elaborado pela autora (2024)

Este segundo tema está relacionado com as perceções, efeitos e análises apresentadas no primeiro tema, referentes ao acontecimento mediático. As emoções geradas, os significados partilhados e as aprendizagens, apresentados sob a perspetiva mediática, afetam diretamente a experiência pública, que foi configurada, nesta secção, a partir dos efeitos percebidos pelos entrevistados.

O que se pretende deixar claro aqui, é que há uma continuidade, um encadeamento, e até mesmo uma interdependência, entre os resultados evidenciados no primeiro tema, e os efeitos que foram analisados neste segundo tema. Considera-se, por isso, primeiramente, como elemento de impacto e orientador da experiência vivida, o código analisado no primeiro tema relacionado com as emoções geradas pelo acontecimento mediático. Conforme foi descrito minuciosamente no tema anterior, as emoções são os estímulos necessários para promover as ações e as reações.

Trata-se, aqui, de uma experiência pública vivida a partir de um acontecimento mediático, sendo os *media* um elemento que marca, individualiza e caracteriza toda a experiência coletiva, que foi discriminada neste segundo tema, a partir dos códigos eleitos: organização; cooperação; sentido de continuidade e compromisso; relações interpessoais; e produção de conhecimento local. A análise destas vertentes configura uma experiência que apresenta características ligadas às dimensões do afeto – as emoções; da prática – as ações/reações; e da produção de conhecimento, sendo a experiência do acontecimento, uma experiência de mudanças existenciais para a comunidade escolar que a vivenciou (Quéré, 2017).

Com base numa análise aprofundada sobre as entrevistas realizadas, em que foram expressas as perceções de representantes que participaram da experiência coletiva pesquisada, é possível constatar o que Dewey (2010) nomeou de "experiência estética". Esta ensina, unifica o que é fragmentado, totaliza o que está disperso, coletiviza o que é individual, supera a experiência científica, tendo a capacidade de criar ou de transformar realidades.

Tendo em consideração o teor das citações acima analisadas, todos os membros da comunidade escolar participaram e envolveram-se na organização da experiência, criando, inclusive, através de práticas dialógicas, comissões para a execução de várias tarefas, que foram divididas de acordo com as seguintes ações apontadas em entrevista: receber o programa de televisão; distribuir os donativos recebidos para a comunidade local; e construir e implementar os projetos pedagógicos para as salas de um Telecentro e de uma biblioteca. Percebe-se uma capacidade de organização em torno de uma questão representada por estas tarefas, tendo sido identificado, pela comunidade escolar, o desafio ou o problema a ser enfrentado, em

concomitância com o surgimento de inúmeras reações que envolveram a tomada de decisões. É possível reconhecer que os membros desta comunidade se sentiram atingidos e estimulados a reagir, organizaram-se coletivamente, cooperarem entre si, assumiram riscos e posicionaram-se, assumindo compromissos, contribuindo assim para a formação de uma comunidade de interesses, dando a indicação clara e inequívoca da construção sólida de um "nós".

Nestes termos, corroborando para a manifestação do político que, segundo Cefai (2017), se manifesta quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, ficando claro, durante o processo, o surgimento de dois movimentos que acontecem em simultâneo: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público.

As análises efetuadas neste tema, demonstram a presença de uma capacidade de organização coletiva do mundo social da comunidade escolar, desenvolvendo-a de forma dinâmica, sequencial, cumulativa e orientada (Mateus, 2016), o que determina e carateriza uma experiência pública.

Além da organização demonstrada, os entrevistados partilharam que a cooperação ocorreu a partir, e com ênfase, dos membros da comunidade escolar e apontam, como principal articulador, o "Movimento Social" local. Indicaram, ainda, a relevância da cooperação do governo local e de outras instituições públicas e privadas, deixando claro a presença de uma cadeia de parcerias locais, que cooperaram com a experiência vivida.

Nota-se que a exposição às performances contribuiu para a geração de um engajamento ativo, de cooperação e comunicação, estabelecendo-se como base para a criação de uma experiência coletiva através da discussão, da experimentação e da formação de um público.

Quéré (2017) defendeu que os públicos, quando são afetados pelo acontecimento, interessaram-se de forma coletiva e envolvem-se porque se sentem atingidos, sendo, assim, estimulados a reagir e a posicionar-se como forma de compromisso, o que ficou evidenciado e refletido nas citações marcadas pelo código "sentido de compromisso e continuidade". Este sentido de compromisso e continuidade foi identificado nas falas dos entrevistados que expressaram uma perceção de pertença através do cuidado e atenção que dedicaram ao Telecentro e à Biblioteca CQC. Demonstram, ainda, preocupação com a manutenção, a adequada funcionalidade dos dois equipamentos, e a preservação do vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho.

Ressalve-se a ênfase que foi dada às preocupações advindas das responsabilidades geradas com a construção do Telecentro e da Biblioteca CQC, ligadas aos sentimentos de

angústia e ansiedade, o que indica o aparecimento de efeitos secundários importantes, gerados pelo compromisso assumido pela comunidade escolar.

Além das perceções analisadas vinculadas à organização, cooperação e sentido de compromisso e continuidade, a pré-existência de uma boa relação entre a comunidade escolar, é um elemento importante que teve influência no envolvimento com esta experiência e na formação de um público. Nesse sentido, os entrevistados indicaram que a experiência vivida não levou à criação de boas relações interpessoais, pré-existentes ao acontecimento mediático, mas sim ao seu fortalecimento, indicando, inclusive, que essa melhoria teve um efeito direto na diminuição de discussões e conflitos entre os alunos, e na aproximação entre os pais e das mães dos alunos e a comunidade escolar.

Um outro aspeto que indicia a constituição de um público e a formação de uma comunidade de interesses, é um resultado relevante que este coletivo concretizou através da construção, entrega e funcionamento do Telecentro e a da Biblioteca CQC, que trouxe uma série de consequências e mudanças, nomeadamente no que concerne à produção de conhecimento local, o último código indicado para dar suporte às análises dos efeitos da experiência pública desta investigação.

As duas infraestruturas criadas, foram disponibilizadas, não só à comunidade escolar, mas igualmente à comunidade local que vive nas proximidades da Escola Ponta Alegre, promovendo um acesso generalizado ao conhecimento e à criação de novos campos de pesquisa, bem como a inclusão digital da comunidade escolar, influenciando diretamente, segundo os entrevistados, o incremento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, da Escola Ponta Alegre. Para além do impacto detetado sobre a condução do código "produção de conhecimento local", ficou também determinado que este impacto se estendeu ao comportamento do corpo discente da Escola Ponta Alegre, especialmente sobre a diminuição do nível de abandono escolar e no desenvolvimento do prazer do aluno em estar dentro da escola; na formação académica do corpo docente; e no uso público do Telecentro e da Biblioteca CQC.

Nesta experiência, foi identificado um ator político, um envolvimento com base nos interesses coletivos, e uma determinação para a construção de uma realidade, com foco na produção de conhecimento. Trata-se, na prática, de um exemplo de inteligências sociais que produzem arranjos democráticos (Dewey, 1946).

Desta forma, constata-se a ocorrência de uma experiência pública de um acontecimento mediático, promovido por um programa televisivo que, a partir de uma cadeia

de eventos que envolviam emoções, ações, reações, decisões, compromissos e aprendizagens, facilitou a formação de um público, provocando consequências e mudanças sociais percebidas, apontadas e partilhadas pelos representantes entrevistados da comunidade escolar, conforme foi detalhado e aprofundado na análise de todos os códigos eleitos nestes dois primeiros temas.

8.3 Acontecimento mediático e Experiência pública – convergências sob a perspetiva das teorias críticas à "Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social"

No terceiro e último tema, será analisado de que forma os 10 códigos examinados nos 2 primeiros temas, e os consequentes resultados sistematizados através das entrevistas realizadas com os participantes do acontecimento, convergem, ou divergem das teorias críticas sobre a "Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social", discutidas no Capítulo 6 desta tese, especificamente sobre as vertentes ligadas aos Estudos Subalternos e Pós-coloniais.

Nestes termos, para encerrar este capítulo, pretendemos, através deste estudo de caso, abordar a experiência pública de um acontecimento mediático, segundo as práticas e vivências coletivas de uma comunidade escolar ribeirinha, colocando em diálogo as Teorias da Comunicação e da Sociologia, explicadas nos Capítulo 3, 4 e 5, com os temas vinculados aos Estudos Subalternos e Pós-coloniais, retratados no Capítulo 6, designado para discutir a C4DMS.

A convergência que se entende que foi criada nesse diálogo serve para responder à última questão definida nesta investigação, no que se refere à perceção de algum tipo de desenvolvimento ou mudança social.

Considerando os aspetos e os propósitos acima citados, parte-se da declaração de Tufte (2017), que anunciou como sendo a verdadeira crise de desenvolvimento, para além das crises climáticas, financeiras, migratórias, a crise de representação do cidadão comum e do cidadão marginalizado. Essa crise de representação provoca a exclusão da participação e da experiência dos cidadãos comuns do debate público, mantendo o eixo do conhecimento distante dos quadros interpretativos dos locais marginalizados.

Por essa razão, o ponto central deste último tema é analisar, com base nos resultados obtidos nos 2 primeiros temas, a participação e a experiência pública vivida a partir de um acontecimento mediático, sob o prisma da participação radical, nos termos definidos por Spivak (1993) e aclamados por Tufte (2017), considerando 2 ângulos: 1) como condição para a criação de redes de solidariedade e de cooperação; de voz e de visibilidade; e de construção de memória, de novos valores e de significados; 2) como agente ativo na criação de um novo eixo de

conhecimento, apontado como elemento fundamental na promoção do verdadeiro desenvolvimento, conforme disposto nos Estudos Pós-coloniais, com especial reflexo nas Epistemologias do Sul, segundo Grosfoguel (2008); Quijano (2005); Santos (2014); e Spivak (1993).

Por fim, averiguaremos, considerando o teor das entrevistas realizadas, qual o entendimento a respeito da perceção de mudança social e de uma definição de desenvolvimento, conforme é visto pela própria comunidade (Dutta, 2015).

8.3.1. A participação radical da comunidade escolar e local

Como já foi explicado anteriormente, a participação da comunidade escolar e local ocorreu em 3 fases: antes da chegada do programa, com a mobilização da comunidade para preparar a receção do programa; durante o programa televisivo, através da realização d entrevistas e das interações com o apresentador presente; e, após o seu término, quando foi desafiada pelo CQC, a comunidade escolar organizou-se para garantir a construção, e posterior manutenção, de um centro de formação digital e de uma biblioteca.

Sob o paradigma Pós-colonial, que preconiza uma Comunicação para o Desenvolvimento, que conduza a uma mudança social, será desenvolvido o tema da participação radical dos indivíduos, enquanto uma abordagem do desenvolvimento centrada na cultura, e na inclusão da experiência e do conhecimento local das comunidades marginalizadas (Dutta, 2015; Manyoso, 2017; Melkote & Steeves, 2015; Tufte, 2017).

Com isso em mente, mesmo tratando-se da análise de um acontecimento contínuo, para efeitos de uma melhor compreensão deste tema da participação radical, num primeiro momento, será abordada a participação da comunidade escolar no programa televisivo – que compreende as duas primeiras fases supramencionadas –; e após, a participação, sob a dimensão de uma experiência pública vivida, especificamente no que concerne às reações advindas a partir da vivência do acontecimento mediático, vinculadas à produção de conhecimento local.

8.3.1.1. A participação radical e os *media*

Segundo as análises e os resultados expostos nos dois primeiros temas, constatou-se que o programa televisivo em análise neste trabalho, promoveu a participação da comunidade escolar e local, estimulando, com recurso a um formato festivo e humorístico, a manifestação das suas emoções, o que resultou na ativação de um processo de construção de significados,

memórias e aprendizagens, relacionados com a solidariedade, a união, e com uma experiência de amor, de acordo com os entrevistados.

> "Como criança, eu vendo aquelas pessoas tendo amor ao próximo e solidariedade, eu aprendi que é o melhor caminho e que ser uma pessoa boa e ajudar as outras pessoas sempre é o melhor caminho" (A.AG).

Ficou ainda registado o processo ativo de construção de significados e de ações correspondentes que mais não foram do que o reflexo do arbítrio e da vontade comunitária dentro de uma estrutura que, no contexto da cultura, é o local de produção de significados. É nessa dimensão que os membros de uma comunidade compreendem as suas experiências, interagem com as estruturas que compõem a sua vida, criando "quadros interpretativos, as redes de significado e as redes de solidariedade em comunidades subalternas" (Dutta, 2015, p.133).

Mais de 8 anos após a ocorrência do acontecimento em questão, a comunidade ainda mantinha uma lembrança viva e detalhada do mesmo. O impacto do encontro entre o espetáculo mediático e a vida quotidiana ribeirinha, causou uma forte indagação sobre se estariam a viver algo real. Nas citações analisadas, foram detetadas algumas menções em que se percebia o evento como uma experiência, nas suas próprias palavras, "surreal", um sonho que se tornou realidade.

Perante o turbilhão de emoções que se gerou, concluiu-se que a exposição mediática proporcionada pelo programa televisivo mudou a história da comunidade escolar e das suas vidas a nível pessoal, afetando-os e levando-os a ter uma perceção de transformações, a partir da visibilidade criada. Para o ilustrar, os entrevistados utilizaram de expressões como: "mudou a nossa história"; "mudou a história local"; "a escola passou a ser notada"; "nossa escola não era bem-vista"; "agora somos referência"; e "nossa escola agora é padrão". Nas palavras de um dos entrevistados é possível reforçar este entendimento:

> "quando eu lembro do programa em si é uma emoção muito grande, foi algo assim fantástico que aconteceu na nossa vida que marcou a minha vida enquanto professora que marcou a vida da escola Ponta Alegre" (PR.LU).

Estes testemunhos contribuem para o indício da ocorrência da participação radical, enquanto vertente basilar para a perspetiva de desenvolvimento, segundo os Estudos Subalternos. Constata-se, pelas declarações recolhidas, a existência de processos de aprendizagem diacrónicos, ou melhor dizendo, evolutivos, que consideram a construção de uma memória partilhada da experiência vivida. Este fenómeno pode ser comprovado, se ao olhar

para trás, houver espaço para pensar, ou imaginar, o que ainda poderá ser vivido, ou mesmo, o que, em termos de inovação poderá ser possível de realizar, permitindo um olhar para a frente (Tufte 2017).

> "Que legal que o meu filho, que o meu neto, que alguém vai ter algo melhor pra poder se... se olhar, entendeu? pra poder olhar seu futuro, 'pra' poder ver que o estudo não é só você ir pra escola e voltar 'pra' casa todo dia, ou então terminou a aula, pronto, acabou assim isso. Não. É algo pra você pensar depois, pra você refletir, que no futuro você vai precisar, entendeu? Então isso foi maravilhoso" (A.RE).

> "Trabalhar virtualmente com nossos alunos, a gente tem um *data show*, a gente planeja nossa aula e coloca aqui pra nossos alunos, prepara nossos alunos pra o futuro, então CQC através dos seus parceiros eles vinheram mudar a realidade, a nossa vida, a nossa história, a nossa comunidade escola" (PR.RI).

Percebe-se, até aqui, a força social influente dos *media* para a criação de sentidos (Tufte, 2017), moldada, no caso do acontecimento mediático objeto desta investigação, de acordo com um formato de infoentretenimento. As análises demonstraram que, na perceção dos entrevistados, o humor foi uma ferramenta que se utilizou para promover a mobilização, o envolvimento e o engajamento da comunidade. Acrescentaram ainda que o recurso evitou constrangimentos de maior, quando se abordaram os assuntos sensíveis; e que, nesse formato híbrido, com a mistura de informação e entretenimento, é importante que o humor e o respeito coexistam no debate dos assuntos sérios. Por fim, mas não menos importante, surpreenderam, ao mencionar que o humor também pode ser visto como um formato, ou forma, de amor.

Posto isto, podemos afirmar que, através do acontecimento mediático em estudo, foi possível a promoção de uma comunicação participativa, que serviu como estímulo para a criação de desenvolvimento de baixo para cima, contribuindo para a recuperação de uma dimensão política da Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social.

8.3.1.2. A participação radical e a criação de um novo eixo de conhecimento

Nesse segmento, serão analisadas as reações verificadas a partir da vivência do acontecimento mediático vinculadas à produção de conhecimento local, sob a ótica dos Estudos Subalternos, ou Pós-coloniais, designadamente a respeito do que foi nomeado como Epistemologias do Sul (Santos & Meneses, 2009), abordada no Capítulo 6.

Epistemologia é uma noção, ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que é considerado como conhecimento válido. Uma dada experiência social torna-se intencional e inteligível, a partir de um conhecimento válido. Nas Epistemologias do Sul, o que se propôs foi uma rutura epistemológica com os discursos dominantes de desenvolvimento, na busca de oportunidades para outro tipo de comunicação, que possa promover os processos de mudança social, segundo abordagens de desenvolvimento diferentes dos que eram apresentados pela lógica dominante (Santos, 2014). De acordo com essa lógica e o autor, uma experiência social é capaz de produzir riqueza social abundante e diversa, que não deve ser desperdiçada.

Com esse intuito, exploraremos, de seguida, os resultados da análise dos códigos referentes à Experiência Pública vivida, sob a perspetiva de uma experiência social capaz de promover, a partir de uma comunicação participativa, novos eixos de conhecimento local, bem como processos de mudança social, considerando práticas de desenvolvimento diferentes das que são produzidas por lógicas dominantes, ou segundo experiências institucionalizadas.

Os novos lugares institucionais, e os não institucionais, devem ser criados tendo em vista a produção de um conhecimento local, em que o subalterno possa falar e ser ouvido, em que a cumplicidade entre as Ciências Sociais e o colonialismo do poder, na produção do conhecimento, possa ser desafiada (Grosfoguel, 2005).

Com esta perspetiva, a experiência pública descrita no segundo tema deste capítulo, será revisitada, reforçando-se a constatação de que a experiência vivida pela comunidade escolar colaborou para a formação de um público, ou uma comunidade de interesses, promoveu práticas de organização, de cooperação, de compromisso, e de produção de conhecimento local.

Como foi já referido anteriormente, foram criadas comissões para a organização das tarefas divididas para receber o programa de televisão, distribuir os donativos recebidos e construir as salas para o Telecentro e para a biblioteca, a partir das doações entregues pelo programa. A comunidade escolar articulou um sistema promovendo a cooperação interna entre os seus membros, por um lado, como base para todas as ações realizadas; e, por outro, externa, com o engajamento com outros movimentos sociais, organizações públicas e privadas. Foi, então, criada uma cadeia de parcerias locais que participaram e contribuíram para a execução das tarefas e dos objetivos traçados pela comunidade escolar, a respeito da entrega e partilha das doações recebidas e, especialmente, para a construção das salas do Telecentro Telecentro e a Biblioteca CQC (Contigo Quero Contar).

A disponibilização do Telecentro e da Biblioteca CQC para o uso público de toda a comunidade local, promoveu o acesso ao conhecimento e à criação de novos campos de

pesquisa, assim como permitiu a inclusão digital da comunidade escolar. Esta ação teve impacto na comunidade, com algumas consequências positivas, nomeadamente: o aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da Escola Ponta Alegre; a melhoria no comportamento e redução do nível de do abandono escolar do corpo discente; promoção da formação académica do corpo docente; o fortalecimento das relações interpessoais da comunidade com a diminuição de discussões e conflitos entre os alunos; e a aproximação entre os pais e das mães dos alunos e a comunidade escolar. Esta experiência coletiva foi também uma fonte de aprendizagens, permitiu a construção de novos valores e significações, tal como foi mencionado na secção anterior, fortalecendo e expandindo o conhecimento e as práticas da comunidade escolar. Em suma,

> "veio mais conhecimento pra comunidade, conhecimento" (38:7 ¶ 4 in A.AG).

Assim sendo, podemos constatar, a partir da ocorrência de diversas práticas participativas, a formação de um novo eixo de conhecimento, que emergiu das experiências produzidas coletivamente, e da construção de dois equipamentos disponibilizados para o uso público de toda a comunidade local, que promoveram o acesso a novas pesquisas e novos fluxos de conhecimento.

8.3.2. A definição de desenvolvimento pela própria comunidade escolar

Para Dutta (2015, p.133), "as teorias do desenvolvimento emergem, assim, de dentro das comunidades subalternas". A definição de uma mudança, ou de algum tipo de desenvolvimento, deve ser concretizada tendo em consideração do que tem valor para o subalterno. Nesse sentido, a escuta apresenta-se como um desafio às narrativas dominantes, que pode ter como consequência o enfraquecimento da hegemonia neoliberal, por intermédio de outras materialidades forjadas com a organização de vínculos locais, que promovem, coletivamente, a construção de um quadro de resistência (Dutta, 2015).

Com o foco no propósito de escuta, são reproduzidas abaixo, algumas citações que fazem referência ao que os entrevistados, representantes da comunidade escolar, manifestaram sobre a experiência vivida e as suas perceções acerca da indicação de algum tipo de mudança social ou de desenvolvimento.

> "Veio trazer uma visibilidade muito grande para dentro do processo escolar, do desenvolvimento local, do ensino-aprendizagem também, que os alunos trouxeram" (PM.ED).

“Carol, eu lembro porque eu achei uma mudança muito grande, mudou depois que que depois que a chegou a ‘Telecentro’ para ir, ela não tinha uma máquina assim para fazer uma ‘xerice’, não tinha internet, não tinha computador. Quando passava o trabalho para fazer, tinha que levar em Curralinho, imprimir em Curralinho pra fazer os trabalhos pra trazer. Era uma coisa muito difícil. Aí depois, agora, melhorou. Porque tem computador, tem internet. Aquele atraso que tinha antes acabou” (PM.RR).

“O Telecentro com certeza ele vem contribuindo muito, muito positivamente com nossos alunos e nossos alunos hoje nós temos se eu não me engano são cinco anos é mantendo, batendo a nossa meta do índice de desenvolvimento que é o IDEB da escola, 5 anos” (PR.LU).

“[A] nossa escola sempre era mais desprezada tudo aquilo que a gente fazia parece que não chamava olhar de ninguém, ninguém conseguia olhar pra gente. E a partir desse momento aí que o CQC chegou até nós, nós evoluímos a nossa escola é vista com um outro olhar até hoje, hoje meus colegas falam pra nós pra mim a escola Ponta Alegre hoje ela é a escola padrão, a escola padrão, ela é vista como a escola padrão a partir daquele momento por quê? Porque vocês têm ferramentas, vocês têm equipamentos de alta qualidade, a partir daí nosso IDEB nosso IDEB que sempre foi lá embaixo o índice de desenvolvimento da educação dos nossos alunos, evoluiu e hoje a escola Ponta Alegre é vista com um outro olhar pra todas as escolas do município até por fora do outro município” (PR.RI).

“Foi um aprendizado muito grande, né? Veio para um desenvolvimento escolar, para os alunos, para pais e mães que quiserem participar. E foi uma coisa muito importante, que até hoje tá sendo na comunidade da Escola Ponta Alegre” (PM.MD).

“Eu atribuo sim né, essas doações que nós recebemos e os nossos alunos sentiram muito mais motivados do que antes, diminuiu a questão da evasão da repetência né, o abandono depois que a gente recebeu as doações então soma muito de forma positiva pra o desenvolvimento dos alunos” (PR.LU).

“Foi um desenvolvimento para a escola. A escola ficou reconhecida municipalmente, no município de Curralinho, na nossa cidade. Então, foi um momento muito especial para a gente mesmo. Foi isso” (PM.IR).

Compreende-se, através destes trechos, que a experiência vivida pela comunidade escolar propiciou uma mudança social e desenvolvimento, que beneficiaram a comunidade em geral.

> "A nossa comunidade assim como nossos alunos eles tiveram mais vontade de vim pra escola de participar de estar inserido. Porque quando eu falou assim que houve? Porque foram equipamento que foram repassados pra nós que gerou um tele centro uma biblioteca então, até as próprias famílias que antes quase não vinham na escola saber o resultado dos filhos o aprendizado como tava, os nossos alunos que tavam fora que tinham desistido a partir daquele dia eles voltaram espontaneamente de querer, professora eu quero voltar a estudar e as famílias também vinheram né, através das contribuições que foram repassadas o que foi criado na escola, a maneira de como se tornou o ensino evoluiu, então houve mudança sim assim também como nós professores passamos a interagir melhor uns com os outros por que? Porque nós tivemos suporte pra gente tá buscando melhorias repassando um pro outro, aqueles que tinham dificuldade de manusear de buscar um método por exemplo é.... acessar uma internet tinha alguns professores que tinham dificuldade aqueles que não tinham você tem grupo vamos aqui organizar um projeto, então houve mudanças sim" (PR.RI).

> "Eu, por causa depois que aconteceu Fabiane que foi entregue né? Construiu Telecentro construiu sala de leitura a comunidade passou a participar mais da escola, a família né, nas reuniões a escola, a comunidade passou também a fazer parte disso aqui porque até hoje as vezes a comunidade tá precisando de alguma coisa, vem no Telecentro, vem na sala de leitura, questões assim de pesquisa sabe? Então eu acho que foi um… um impacto positivo até para a comunidade, não só para a vida dos alunos, dos professores na comunidade, porque eles fazem parte disso e eles também usufrui disso dessa... desse Telecentro da sala de leitura então… acredito que sim fazem parte sim [Risos]" (PR.EL).

> "Porque é real é verdadeiro e é algo gratificante que vem pra mudar a comunidade em geral, não só a escola como os funcionários, os alunos e é algo que fica marcado na vida da gente" (PR.RI)**.**

> "Nossos alunos, depois que chegou o programa eles se interessaram mais e facilitou muito, muito a vida deles, não só dos alunos como dos professores, como das pessoas da comunidade porque ele ajudou muito, principalmente quando veio a internet que

> faz algumas pesquisas aqui, que a comunidade vem aqui e a gente tem acesso, a gente sempre faz algumas pesquisas nossos alunos fazem pesquisas aqui que os professores pedem, toda as informações da escola a gente já faz diretamente daqui né. Então, a gente se aproximou muito um do outro com esse programa porque a gente ficava assim meio aleatório individual, pensando o que eu vou fazer amanhã pelo meu aluno? Então ia praticamente pra casa fazer a pesquisa em casa mas como chegou aqui, às vezes você fica trocando ideia, será que esse programa aqui eu vou utilizar será que ele serve? A gente fica trocando essas ideias né porque a gente faz a pesquisa aqui mesmo, então, isso aqui é aproximou aluno, professor, comunidade um do outro e foi muito proveitoso, tá sendo muito positivo isso pra gente" (PR.EV).

8.3.3. Considerações finais a respeito do tema "Acontecimento mediático e Experiência Pública – convergências sob a perspetiva das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social"

O terceiro tema apresenta um posicionamento para o último objetivo fixado nesta investigação, relacionado com a compreensão da perceção da comunidade escolar sobre algum tipo de desenvolvimento, ou de mudança social. Pelo exposto neste terceiro tema, é possível concluirmos que a experiência pública do acontecimento mediático vivida pela comunidade escolar, causou, a partir de um espetáculo interativo e emocionante, programado e produzido por um programa de televisão, efeitos e consequências que, segundo os entrevistados, levaram a transformações, mudanças, e a uma perceção de desenvolvimento da comunidade escolar, nos termos debatidos sob a ótica dos Estudos Subalterno e Pós-coloniais.

Conforme foi detalhado neste capítulo, tais efeitos indicam a construção de memórias, de novos significados, aprendizagens, a criação de redes de solidariedade, e a perceção de transformações, a respeito do sentimento de valorização e de visibilidade da comunidade escolar, a partir da sua exposição e da participação mediática. Mais ainda, as análises indicam que a participação no programa televisivo num formato de infoentretenimento, induziu o surgimento de reações e de processos coletivos, analisados a partir do ângulo de uma Experiência Pública, originando a constituição de um público, de uma comunidade de interesses, que se propôs a organizar comissões e tarefas, a cooperar, e a assumir um compromisso coletivo, para a construção e implementação de uma sala para a formação digital e de uma outra sala para a biblioteca.

Todas estas vertentes associadas e discutidas a partir das teorias ligadas ao Acontecimento mediático e à Experiência Pública, trazem elementos que, conforme demonstrado abaixo na Tabela 11, convergem com os temas relevantes apresentados nos Estudos Subalternos e Pós-coloniais, designadamente no que tange à configuração de uma "participação radical" da comunidade escolar, e da inclusão de uma experiência coletiva comunitária, na formação e na produção de um conhecimento local criado, vivido e validado por eles próprios.

Em síntese, a experiência pública deste acontecimento mediático específico, vivido pela comunidade escolar e local, a partir de sua participação no programa televisivo CQC, *Cadeia de Favores Missão ao Espaço*, na Ilha do Marajó, foi percebida como uma vivência de práticas que levaram a mudanças sociais e ao reconhecimento, pela própria comunidade escolar, do seu desenvolvimento.

TEMA 1							
Código	**Descrição**	**Base teórica**	**Autor**	**Efeitos e consequências percebidas (resultados das entrevistas)**	**Convergências entre a Experiência Pública de um Acontecimento mediático e as teorias ligadas à C4DMS**	**Base teórica C4DMS**	**Autor**
1.1 Emoções	Identificar que emoções foram deflagradas pelo acontecimento mediático e qual teria sido o papel das emoções no acontecimento em análise	As emoções são o meio de transação entre o organismo e o meio ambiente na formação de uma comunidade de interesse, sendo um ativador de valores comuns com consequências na vida coletiva, aproximando e sintetizando o individual e o coletivo (Quèrè, 2017), e destruindo a distância simbólica que as sociedades, às vezes, constroem (Mateus, 2016).	Quéré (2017) Mateus (2016)	Apresentação de uma dimensão emocional intensa. Foram expressos sentimentos de alegria, felicidade e gratidão. Ainda, em menor grau: contentamento, entusiasmo, empolgação. Paradoxalmente, houve uma certa ênfase também na expressão de sentimentos em sentidos negativos: ansiedade, preocupação, chocado, assustado, tristeza, culpa e pesar.	Não foram identificadas convergências.	O estudo das emoções relacionadas com a Comunicação para o Desenvolvimento foi incluído como limitação desta investigação, tendo sido indicado como um tema relevante para ser estudado e desenvolvido em futuras investigações na continuidade desta tese.	

1.2 Memória e Significado	Identificar que memória persiste sobre a experiência vivida e se é possível constatar o surgimento de novos valores e significados	A comunicação é a condição prévia da participação e da formação dos públicos, pois na base destes estão as significações comuns partilhadas, que estabelecem laços sociais e que podem converter uma ação conjunta numa comunidade de interesses.	Dewey (1946)	Após mais de 8 anos da ocorrência do acontecimento, persistia ainda a perceção de uma lembrança viva do acontecimento. O impacto do encontro entre o espetáculo e a vida quotidiana ribeirinha causou uma forte indagação sobre se estariam a viver algo real. Para os entrevistados tratou-se de uma experiência "surreal", um sonho que se tornou realidade	Convergente	Houve um processo ativo de construção de significados e de ações correspondentes que refletiram o arbítrio, a vontade comunitária, dentro de uma estrutura.	Dutta (2015, p.132)
		É no futuro que encontramos o sentido do acontecimento, quando se conecta com as suas consequências, determinando o seu significado e o seu valor simbólico	Babo-Lança (2005)	Os entrevistados mencionaram que o acontecimento mudou a história da comunidade escolar e das suas vidas.	Convergente	Os processos de aprendizagem diacrónicos (evolucionais) devem incluir a construção da memória partilhada (olhar para trás) e inovação (olhar para frente)	Tufte (2017)

1.3 Aprendizagens	Identificar que aprendizagens foram percebidas pelos entrevistados, a partir da participação da comunidade escolar no programa televisivo	O acontecimento mediático deflagrou um efeito hermenêutico e pragmático: explorou o passado do acontecimento, a situação que foi criada e as possibilidades futuras que foram propiciadas por ele.	Quéré (2011)	Perceção de uma aprendizagem relacionada com a solidariedade, a união, e uma experiência de amor. Uma outra aprendizagem está vinculada ao formato participativo e humorístico do programa.	Convergente	"No contexto da cultura, a estrutura é o local de produção de significados, onde os membros de uma comunidade podem compreender as suas experiências, interagir com as estruturas em que vivem, e criar "quadros interpretativos, as redes de significado e as redes de solidariedade em comunidades subalternas".	Dutta (2015, p.133)
1.4 Participação Mediática	Identificar como decorreu a participação e se a exposição mediática acarretou alguma transformação na comunidade escolar	Ao proporcionar o encontro e a interação entre grupos diversos, possibilitando a participação de pessoas comuns ao lado de especialistas, ou políticos, os programas que se abrem às discussões dos públicos, colaboram, em algum grau, para o exercício de formação do sentido comum e a construção de	Carpentier (2011)	A visibilidade e a valorização, um efeito transformador na comunidade escolar. Disponibilidade do programa para conhecer a realidade local	Convergente	A crise do desenvolvimento é uma crise de representação A participação radical recupera a dimensão política.	Tufte (2017)

		experiências comuns das realidades sociais e políticas (Carpentier, 2011, p.106). A participação, nesse aspeto, é relevante para o desenvolvimento do cidadão e da sua capacidade de agir coletivamente, e tais efeitos, segundo o autor, estão ligados à abordagem emancipatória da participação nos *media*, que coexiste, paradoxalmente, com a abordagem vinculada à manipulação da participação no ambiente mediático.					
		Utilizando os *media* e as suas ferramentas tecnológicas, vemos, somos vistos, construímos visibilidade e novas formas coletivas, que podem ser compreendidas como "transformações no	Martín-Barbero (2018, p.20)	Perceção de inclusão e de motivação da comunidade escolar. Perceção de uma abertura do programa para a contribuição da comunidade a partir da sua presença e capacidades próprias.	Convergente	Para além das crises climáticas, financeiras, migratórias, estava-se perante uma crise de representação do cidadão comum e do cidadão marginalizado, e foi esta a circunstância que impôs a	Tufte (2017)

		sensorium da nossa época e de mutações política-culturais que anunciam o novo século. E refiro-me finalmente a essas "novas maneiras de estar juntos" pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade a partir das coletividades de bairro para a resolução pacífica de conflitos e das emissoras de rádio e televisão comunitárias em que se recuperam memórias e são tecidos novos laços de pertencimento ao território"				verdadeira crise de desenvolvimento. Tal crise de representação exclui a participação e a experiência dos cidadãos comuns do debate público, mantendo o eixo do conhecimento distante dos quadros interpretativos dos locais marginalizados.	

		O público, contrariamente às audiências, que são reativas, pois respondem a uma oferta, não se limita apenas a ver, mas, essencialmente, apresenta-se a si mesmo e a ser visto. Há uma perspetiva cénica e dramatúrgica, através de um público que pode ser visto, que se relaciona, que se mostra e que apresenta um certo desempenho.	Dayan (2006)	A exposição mediática à qual foram submetidos foi apontada, pelos entrevistados, como a causa de um forte sentido de valorização: "agora, somos vistos".	Convergente	É o que Tufte (2017, p.50 apud Spark, 2007) chamou de "participação radical", que foi apresentada e defendida por Sparks, medida em que diferentes partes interessadas se servem da comunicação participativa para criar desenvolvimento de baixo para cima. Na obra de Spivak (1994), o subalterno é sempre aquele que não pode falar, e assim, o silêncio passa a ser uma condição da subalternidade, enfraquecendo a capacidade do outro, do subalterno, de se autorrepresentar e de ser um agente de sua própria história.	Tufte (2017) Spivak (1994)

1.5 Humor e entretenimento	De que forma o formato participativo e com tom humorístico afetou o envolvimento da comunidade escolar no acontecimento mediático do programa CQC na Ilha do Marajó	O humor pode favorecer a conversa social. Um facto que se situa além do infoentretenimento, trata-se de "um fenómeno mais profundo de integração discursiva". Os discursos de notícias, entretenimento, política e *marketing* passam a ser inseparáveis, dissipando as práticas e as linguagens específicas que os diferenciava, e criando arranjos jamais imaginados.	Geoffrey Baym (2006)	As análises das entrevistas demonstram que o humor teve como função evitar constrangimentos em assuntos sensíveis. Apresentaram uma ressalva ao facto de que o humor e o respeito devem coexistir no trato de assuntos sérios. E por fim, foi indicado que o humor também pode ser visto como um formato de amor.	Convergente	O humor pode colaborar para o desenvolvimento cognitivo, a partir da ação coletiva. Os *media* são uma força social influente para a criação de sentido	Tufte (2017)
		"o CQC acaba ganhando a simpatia do público e talvez até consiga recriar uma consciência política, além de incutir no público um sentimento de renovação e uma sensação de pertencimento, gerando assim, uma vontade de lutar pelos seus direitos. O	Acselrad e Facó (2010, p.62)	Os entrevistados indicaram que o humor foi uma ferramenta de mobilização, envolvimento e engajamento	Convergente	A EE (Educação e Entretenimento) está inserida em campanhas de *marketing*, em conjunto com outras atuações, fabricando uma solidez da perceção da sua eficácia na criação de consciência e na propagação de informações	Melkote e Steeves (2015)

		programa usa o humor como um instrumento de discussão".				que fomentem o desenvolvimento.	

TEMA 2							
Código	**Descrição**	**Base teórica**	**Autor**	**Efeitos e consequências percebidas (resultados das entrevistas)**	**Convergências entre a Experiência Pública de um Acontecimento mediático e as teorias ligadas à C4DMS**	**Base teórica C4DMS**	**Autor**
2.1 Organização	Identificar, nas entrevistas, se a experiência vivida indica a ocorrência de cooperação; organização de coletivos, diálogo, ou conversa social, entre a comunidade escolar	O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, revelando 2 movimentos que acontecem simultaneamente: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público (Cefai, 2017). Os coletivos demonstraram a capacidade	Cefai (2017) Mateus (2016)	Toda a comunidade escolar se envolveu, criando comissões para a organização das tarefas divididas para: receber o programa de televisão; distribuir os donativos recebidos; e construir as salas para o Telecentro e para a biblioteca, a partir das doações entregues pelo programa.	Convergente	"Em essência, a comunicação para o desenvolvimento é a partilha de conhecimento para chegar a um consenso para uma ação que leve em conta os interesses, necessidades e capacidades de todos os envolvidos. Trata-se, portanto, de um processo social. Os meios de comunicação são ferramentas importantes	Servaes (2002, p. 3)

		de organizar coletivamente o seu mundo social, desenvolvendo uma organização dinâmica, sequencial, cumulativa e orientada (Mateus, 2016).				para alcançar esse processo, mas o seu uso não é um objetivo em si mesmo – também a comunicação interpessoal deve desempenhar um papel fundamental".	
2.2 Cooperação	Identificar se ocorreu o engajamento de outras instituições, ou organizações	A exposição a performances pode gerar engajamento ativo, a partilha de uma visão de mundo, de cooperação e comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público.	Dayan (2006)	A cooperação ocorreu a partir, e com ênfase, dos membros da comunidade escolar. Apontaram, como primeiro articulador, o "Movimento Social" local; indicaram a relevância da cooperação do governo local e outras instituições públicas e privadas, deixando clara a presença de uma cadeia de parcerias locais, que cooperaram com a experiência vivida.	Convergente	"Há uma necessidade desesperada de uma outra comunicação, uma comunicação que honra e valoriza o ponto de vista cidadão individual ou coletivo, e as suas necessidades de falar para articular as suas aspirações e melhorar as suas capacidades de agir".	Tufte (2017, p. 177)
2.3 Relações interpessoais	Identificar se os entrevistados indicam	A experiência do acontecimento é uma experiência de mudanças existenciais, combinada	Quéré (2017)	Notou-se, desde o início, a presença de uma boa relação entre a comunidade escolar, pré-existente ao	Não identificadas convergências	O estudo das relações interpessoais existentes numa comunidade subalterna e a sua relação	

	alguma mudança nas relações interpessoais da comunidade escolar	com as dimensões do afeto, do conhecimento e da prática		acontecimento. Nesse sentido, os entrevistados indicaram o fortalecimento das relações interpessoais; a diminuição de lutas e conflitos entre os alunos; e a aproximação entre os pais e as mães dos alunos com a comunidade escolar.		com as teorias afetas à Comunicação para o Desenvolvimento foi indicado como limitação desta investigação, tendo sido sugerido como um tema relevante para ser estudado e desenvolvido em futuras investigações, na continuidade desta tese.	
2.4 Sentido de compromisso e continuidade	Identificar se houve a formação de um compromisso, a partir da experiência vivida, após o programa televisivo	Os afetados pelo acontecimento interessaram-se de forma coletiva e envolveram-se porque se sentiam atingidos e estimulados a reagir, bem como a posicionar-se como forma de compromisso. Verificou-se um traço cognitivo e um outro prático (reação).	Quéré (2017)	Os entrevistados expressaram o sentimento de pertença, através do cuidado e a atenção que deferiram ao Telecentro e à Biblioteca CQC. Demonstraram uma intensa preocupação com a manutenção, a adequada funcionalidade das 2 estruturas, e a preservação do vínculo com a Secretaria de Educação do Município de Curralinho.	Não identificada convergências	O estudo das vertentes relacionadas com os compromissos assumidos por uma comunidade, a partir de práticas coletivas que tenham como propósito a mudança social, ou o seu desenvolvimento, nomeadamente a respeito dos efeitos secundários de preocupação e de responsabilidade excessiva, e a sua associação com as teorias críticas afetas à Comunicação para o	

						Desenvolvimento foi indicado como uma limitação desta investigação, tendo sido sugerido como um tema relevante para ser estudado e desenvolvido em futuras investigações, na continuidade desta tese.	
2.5 Produção de conhecimento local	Identificar a ocorrência de efeitos gerados a partir da experiência vivida, como a produção de conhecimento local para a comunidade escolar e respetivo contexto.	O ator político envolvido nos seus interesses e determinações poderá construir a sua verdade, de modo inclusivo e dialógico, com foco na produção de conhecimento. As inteligências sociais produzem arranjos democráticos. O político manifesta-se quando os coletivos se organizam em torno de uma questão, sendo fixado durante o processo, apresentando 2 movimentos que acontecem	Babo-Lança (2005; 2011) Dewey (1946) Cefai (2017) Mateus (2016)	O Telecentro e a Biblioteca CQC construídos pela comunidade escolar e local, promoveram o acesso ao conhecimento e à criação de novos campos de pesquisa; a inclusão digital da comunidade escolar. Os entrevistados indicaram que essas 2 estruturas tiveram impacto no aumento do IDEB da Escola Ponta Alegre; no comportamento do corpo discente da Escola Ponta Alegre; na formação académica do corpo docente	Convergente	Nas Epistemologias do Sul, o que se propõe é uma rutura epistemológica com os discursos dominantes de desenvolvimento, na busca de oportunidades para outro tipo de comunicação, que possa promover processos de mudança social, segundo abordagens de desenvolvimento diferentes dos que são apresentados pela lógica dominante (Santos, 2014). A produção de conhecimento deve ser	Grosfoguel (2009) Santos (2014)

		simultaneamente: o aparecimento de um problema público e a constituição de um público.		da Escola Ponta Alegre; e no acesso ao conhecimento pela comunidade escolar e local, uma vez que o Telecentro e a Biblioteca CQC foram disponibilizados para o uso público.		promovida e enraizada localmente. O eixo do conhecimento deve estar nas comunidades locais (Grosfoguel, 2009).	

Tabela 11: Convergências entre a Experiência pública de um acontecimento mediático e as teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Capítulo 9: Conclusão

9.1. Resumo geral da tese e o cumprimento dos objetivos

No capítulo anterior, analisámos as entrevistas aos representantes da comunidade escolar, procurando a compreensão das suas perceções sobre os efeitos e as consequências da sua participação no programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço.* Esta parte do trabalho foi realizada a partir da perspetiva teórica dos temas ligados à Comunicação como Cultura, ao Acontecimento mediático, à Experiência pública, bem como das vertentes destas proposições convergentes com as Teorias Críticas da Comunicação para o Desenvolvimento, mais especificamente, as que estão ligadas aos Estudos Subalternos e Pós-coloniais.

Com base nesta estrutura teórica e, tendo em consideração que se trata de um programa que teve influência na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação e enquanto acontecimento, a questão geral que se colocou – e que foi respondida no capítulo anterior –, para esta investigação foi o de avaliar quais são os efeitos ao nível da Experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço.*

Procurando obter resposta à questão geral desta investigação, foram traçados 3 objetivos, com o propósito de se compreender em que medida um programa televisivo de infoentretenimento e de doação de bens, produzido com um carácter acontecimental na vida de uma pequena comunidade, 1) constituiu um Acontecimento mediático; 2) produziu efeitos nessa comunidade, ao nível de uma Experiência pública; e 3) apresentou pelo prisma da comunidade escolar uma perceção de algum tipo de desenvolvimento ou de mudança social.

Baseando-nos no cumprimento dos objetivos traçados, e tendo em vista a apresentação de uma resposta para a questão geral formulada, construiu-se uma hipótese que demonstrou, em que medida o Acontecimento mediático é uma ferramenta com potencial para a transformação social, capaz de dar suporte ao desenvolvimento de comunidades que vivem em regiões que apresentem contextos análogos à região objeto desta pesquisa, ou até, fomente novos estudos, em que o impacto do Acontecimento mediático possa ser identificado, em consonância com as estratégias de C4DMS.

Com isso em mente, no percurso investigativo, distribuído pelos 9 capítulos desta tese, deu-se a conhecer posicionamentos relevantes para a composição de um corpo-conhecimento único, que possibilitou o cumprimento dos propósitos indicados. Nesse sentido, temos o

conhecimento prévio do contexto em que viviam as comunidades ribeirinhas da Ilha do Marajó, disposto no Capítulo 1, e a apresentação do programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão,* do CQC, realizada no Capítulo 2, ambos relatados na primeira parte desta tese. Por sua vez, os Capítulos 3 a 6 foram dedicados às discussões teóricas relacionadas com a Comunicação como Cultura, o Acontecimento mediático, a Experiência pública, e a Comunicação para o Desenvolvimento, compondo a segunda parte do trabalho. Finalmente, na Parte 3, que engloba os Capítulos 7 a 9, apresentou-se a metodologia utilizada nesta investigação, as análises das entrevistas aos 30 representantes da comunidade escolar, e a conclusão.

Em cada um dos capítulos mencionados, foram elencados os elementos que contribuiram para o desenvolvimento de uma conclusão que considera a construção de uma visão sistémica e coerente, compondo e interligando os temas e os objetivos definidos, com vista a um posicionamento final original.

No primeiro capítulo apresentou-se a Ilha do Marajó, o maior arquipélago fluviomarítimo do mundo, localizado no bioma amazónico, no Estado brasileiro do Pará. Não obstante as abundantes riquezas naturais, uma boa parte dos 17 municípios que compõem a ilha, está marcada como região de pobreza extrema, apresentando alguns dos menores IDH do Brasil. A Ilha do Marajó tem um histórico de exploração, que foi iniciada durante a colonização portuguesa, e uma colonialidade perpetuada por um governo que, segundo Loureiro (2022), mantém práticas que levam ao isolamento, à dependência económica da região face aos centros urbanos; desconsidera as identidades e os saberes locais; e conserva modelos educacionais excludentes. Foi com base neste cenário que Loureiro (2022) anunciou a subalternidade das comunidades ribeirinhas pertencentes ao contexto amazónico.

No Capítulo 2 foi feita a apresentação do programa televisivo CQC, *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço,* que decorreu em 2014, na Ilha do Marajó, em prol e com a participação de uma comunidade escolar ribeirinha, localizada no interior do município de Curralinho, na escola Ponta Alegre. O programa apresentou a educação como um grave problema no Brasil e propôs-se a engajar e sensibilizar pessoas comuns e celebridades a doar alimentos, roupas, brinquedos, livros e equipamentos, para a construção de um Telecentro e de uma biblioteca. A respeito de sua narrativa, o programa fez uso de um quadro de sentindo que promoveu uma forte interpelação emocional, para despertar o interesse e o engajamento solidário a uma causa social. Os donativos foram entregues com a participação da comunidade escolar num episódio festivo e heroico, contando com as expressões emocionadas dos professores e dos alunos presentes. Neste capítulo, o programa foi individualizado, oferecendo-

se uma compreensão sobre a sua natureza híbrida de infoentretenimento, comportando elementos do jornalismo e do entretenimento, utilizando o humor e a sátira como instrumentos de intervenção política.

Segundo Mundim (2010), a proposta do CQC era de promover, através de técnicas de diversão e entretenimento, o acesso a notícias ditas mais sérias por cidadãos que não se interessavam por política. Por outro lado, o quadro *Cadeia de favores-Missão ao Espaço*, dedicado à escola Ponta Alegre na Ilha do Marajó, foi exibido em 2014, ano em que o programa apresentou o seu menor índice de audiências. Em 2015, o programa foi encerrado, despertando discussões intensas sobre as causas do seu fim, incluindo o debate sobre o uso do humor, de polémicas, e de circunstâncias que apontavam para a sobreposição dos interesses financeiros sobre os interesses jornalísticos do programa.

Encerrámos a primeira parte desta tese com uma visão clara sobre as circunstâncias e contextos que delimitam esta investigação, um programa televisivo de infoentretenimento, cuja emissora se encontrava localizada no sudeste do Brasil, e que mobilizou pessoas por todo o país para ajudarem uma comunidade escolar ribeirinha amazónica, que vivia em condições sociais desafiadoras e limitantes, como foi detalhado no Capítulo 1.

Na segunda parte da tese exploraram-se as teorias que permitiram fundamentar as análises realizadas para o cumprimento dos objetivos desta investigação, mais especificamente sobre a constituição de um Acontecimento mediático e os seus efeitos e consequências a nível da Experiência pública, na perspetiva de uma comunidade escolar, que participou do programa televisivo *Cadeia de Favores Missão ao Espaço*. Neste sentido, os 4 capítulos que a compõem, foram dedicados à construção de um posicionamento teórico, como se detalha em seguida.

No Capítulo 3, iniciámos as discussões teóricas, dedicando-nos primeiramente à Comunicação como Cultura, tendo em consideração o seu caráter simbólico na construção e na manutenção da sociedade, e a visão enquanto processo em que a realidade é criada, mantida e transformada. Sustentámo-nos, ainda, numa proposta sugerida por Carey (2009) para a reformulação da nossa cultura comunicacional, atribuindo-lhe algum valor reparador, numa dinâmica que também pode gerar e promover a transformação social.

Ainda que se reconheça a ambiência desafiadora e produtora de uma hegemonia e de dominação dos meios de comunicação, apoiando-nos em Wasko (2005), conduzimos a nossa investigação tendo em conta a possibilidade da integração entre os Estudos Culturais e os Estudos de Economia Política dos *Media*, estabelecendo-se o convívio entre o público que vê, é visto e que reage, com a manipulação e o poder comercial e político dos *media*.

A tensão neste convívio é mais bem compreendida na perceção da participação enquanto uma nova cultura comunicacional, tendo sido evidenciados elementos que fortaleceram o controlo, a vigilância dos *media*, por oposição à sua capacidade para uma abertura de espaços para subversão, criatividade e engajamento político (Livingstone & Lunt, 2013). Nesse sentido, percebemos que a abordagem de manipulação e de instrumentalização da participação, ligada aos interesses do sistema mediático, coexiste com a abordagem emancipatória da participação (Carpentier, 2011), quando ocorre o envolvimento ativo na produção de sentido e de significado da dinâmica comunicacional, compondo-se um novo campo de batalha política, que procura estimular um sentimento de pertença a uma comunidade (Martín-Barbero, 2018).

Nestas circunstâncias, adentrámos nas discussões relacionadas com o infoentretenimento, um género notoriamente utilizado pela indústria televisiva para o aumento do nível de audiências, com recurso a elementos marcadamente emocionais, que gerem uma resposta por parte do público. A compreensão das condições em que a razão e a emoção cooperam, ou prejudicam, o tratamento de temas políticos e sociais, revestiu-se como bastante relevante, nesta investigação em particular, já que a função do prazer e a posição do inconsciente afetam as práticas comunicativas (Dahlgren & Sparks, 1992). Assumimos a posição de Wahl-Jorgensen (2019), que, na sua investigação assegurou que as emoções eram inseparáveis da tomada de decisões racionais, sendo inclusive, justamente, os fundamentos no trabalho das emoções na tomada de decisões políticas racionais, o melhor que o campo jornalístico apresenta.

Mais uma vez, estávamos perante um campo de coexistências e de paradoxos, propostos a partir dos limites ténues advindos da natureza híbrida dos formatos e géneros que regem a atividade no mercado mediático. Senão veja-se: o humor, que é um elemento que pode dificultar a consciência política (Babo et al., 2021), também faculta oportunidades de reunião e de engajamento do público em discussões racionais, com o propósito de alcançar uma ideia consensual de bem comum (Baym, 2006). No desenvolvimento de um encontro socialmente positivo entre o entretenimento e o jornalismo, tal como Damásio (2021), acreditamos que é possível que o jornalismo adote características do entretenimento, sem colocar em risco os seus valores, desde que utilize estratégias de produção mediática que permitam uma representação do mundo exterior, com base no respeito pelo compromisso com a verdade, bem como a manutenção de uma promessa de fidelidade aos acontecimentos e aos atores sociais que estiverem envolvidos neles.

É precisamente esta dilatação das dimensões da razão e da emoção, que compõem o campo do conhecimento, que possibilita, segundo Martín-Barbero (2018), o surgimento de novos públicos. Apoiados nessa dinâmica comunicacional, adentrámos no Capítulo 4, em que foram expostas as teorias do Acontecimento mediático, no qual se explorou a dimensão acontecimental do programa televisivo aqui em análise, enfatizando o seu poder pragmático e hermenêutico e, em função disso, o seu potencial de afetação, de causar ruturas, de interromper a vida quotidiana, de produzir situações problemáticas, e até mesmo de estar na base da formação de novos públicos.

Entendemos, tal como Tuchman (2009), que as notícias se conectam a uma dimensão social e histórica, e operam definindo, redefinindo, constituindo e reconstituindo os modos de fazer as coisas e os processos existentes, nas instituições existentes. Neste processo, transformamos algo intrínseco em algo com significado, compondo e construindo socialmente uma realidade. Desse modo, os *media* permitem a visibilidade e o reconhecimento do acontecimento, constituindo-se como um suporte para a sua exploração e a sua identificação, propiciando o debate público, que tanto pode permitir a elaboração de soluções, como a sua experimentação, tendo como propósito a formação do espaço público democrático.

Em concomitância, também levamos em consideração que os *media* produzem e administram emoções segundo os seus interesses, atraindo-as para as monetarizar, num movimento circular expansivo, que induz à constatação apresentada no Capítulo 4, a respeito da natureza híbrida do acontecimento mediático analisado. Tal hibridez deve-se ao facto de que, por um lado, apresentou características do acontecimento mediático popular, conforme foi definido por Couldry et al. (2010), que apontaram para a degradação do acontecimento, bem como a manipulação e comercialização, e corrupção de significados, ligando-o ao processo de desintegração social causado pelos *media*. Por outro lado, também apresentou características indicadas no Acontecimento mediático proposto por Dayan e Katz (1999), revelando a visão ritual do acontecimento e o seu potencial de integração da sociedade, a partir de ações simbólicas, cerimoniais, festivas ou heroicas, assumindo-se como transformador, o que afeta o sentido do lugar de uma sociedade e que tem impacto na sua geografia simbólica.

Considerando a natureza híbrida do acontecimento mediático do programa televisivo analisado, reconhecemos os processos de desintegração social causados pela TV pós-moderna e, da mesma forma, afiliamo-nos ao pensamento de Csigo (2010), que apresentou os "atos de reparação", ou atos de integração, baseados no desejo popular de ver por detrás do reino não confiável do espetáculo, quando se cria uma "continuidade paradoxal" (Csigo, 2010, p.144) de

rutura e de reparação, de imersão e de distanciamento, entre o espectador e o ecossistema mediático. Por esse ângulo, vimos formas imprevistas, pelas quais as forças opostas de rutura e de integração se podem fundir, pois a força disruptiva do acontecimento não pode suplantar inteiramente as forças de integração, uma vez que os *media* continuam a fornecer recursos simbólicos, que afetam a construção das significações sociais.

Pelo conteúdo exposto nos Capítulos 3 e 4, vemos que, não obstante ser fulcral o entendimento da natureza industrial dos *media*, bem como os seus efeitos e consequências na sociedade pós-moderna, os *media* incluem-se no campo anunciado por Morin (2001), caracterizado por instabilidade e força, no qual ação e reação não estão ligados por uma racionalidade e, por assim dizer, boas ações podem criar maus resultados, tal como más ações podem criar bons resultados. Consideramos pertinente relembrar a orientação de Pereira (2019), que indicou não haver relevância na identificação das boas ou das más contribuições dos meios de comunicação de massas, interessa-nos, pelo contrário, descrevê-los e pensá-los tendo em conta os efeitos que produzem na nossa experiência.

Centrados no propósito de compreender os efeitos dos *media* na experiência vivida pela comunidade escolar, a partir de um programa televisivo, e com o suporte da teoria ligada à Experiência pública, desenvolvemos o Capítulo 5. Os que foram afetados pelo acontecimento interessaram-se, de forma coletiva, e envolveram-se porque se sentiram atingidos e estimulados a reagir, e a posicionar-se como forma de compromisso e da organização de uma conduta.

Conforme foi apresentado na primeira parte da tese, o programa *Cadeia de Favores Missão ao Espaço* mobilizou pessoas e celebridades para angariar donativos para a escola Ponta Alegre, promovendo a participação da comunidade escolar durante as filmagens da entrega dos donativos, desafiando-os, no final, a construir, a partir dos donativos recebidos, uma sala para formação digital, o Telecentro, e uma biblioteca. Foi exatamente nesta altura que a experiência produzida a partir do Acontecimento mediático organizado por uma emissora televisiva, tomou outro rumo, tornando a experiência numa forma de conhecimento.

Nesta investigação, o que nos interessou foi compreender o lugar dos *media* e das tecnologias da comunicação nas mobilizações coletivas, e na formação dos públicos. Porquanto, como foi pormenorizado no Capítulo 5, os atores sociais também se projetam no mundo, na medida da sua passividade na experiência e de como são afetados pelos acontecimentos mediáticos. A exposição às performances pode gerar engajamento ativo, a partilha de uma visão de mundo, de cooperação e de comunicação, construindo uma experiência coletiva através da discussão, investigação, experimentação e a formação de um público.

Há uma relevância social na produção coletiva de sentido e de realidade, como referências no desenvolvimento de uma democracia deliberativa. Por isso, a formação de um público torna-se uma forma e uma modalidade de experiência, estimulando a capacidade de uma comunidade em resolver os seus problemas. Cefai (2014), defendeu que, quando os cidadãos controlam os problemas da sua vida quotidiana, estão a fazer política. Por isso, os *media*, que têm utilizado as emoções como ferramenta de interação e de engajamento, para a promoção de desinformação, desarticulação e desagregação, podem, por outro lado, promover o reavivar de um público como ator político, que precisa conhecer-se para, assim, definir os seus interesses (Dewey, 1946).

Vimos que as emoções têm um poder ambivalente de paralisar ou fornecer energia para a superação de obstáculos. Juntamente com a prática e o intelecto, são elas que determinam a ocorrência de uma experiência, unificando-a e organizando-a, funcionando como como um ativador de valores comuns, e fazendo com que decorra a experiência nas esferas percetivas, cognitiva e moral.

Portanto, os *media* influenciam a nossa sensibilidade, criam afetos e memórias, e podem servir, em circunstâncias específicas, às intenções democráticas da vida de uma comunidade, promovendo a apropriação de uma experiência e a constituição de um público capaz de gerar conhecimento, e de ser a base para o desenvolvimento humano (Dewey, 1946). Podem, por conseguinte, contribuir para a vitalidade de uma política democrática, a partir do engajamento dos cidadãos, que exercem as suas atividades e experienciam as suas dimensões empáticas e afetivas na vida quotidiana (Dahlgreen, 2003).

Firmamos aqui a contribuição do Capítulo 5, no que respeita à perspetiva da constituição de um público, a partir de uma experiência coletiva deflagrada pela exposição a um acontecimento mediático, provedor de emoções intensas. Fundamentados na experiência pública, enquanto forma e estímulo para o desenvolvimento de capacidades de uma comunidade, para gerar conhecimento e resolver os seus próprios problemas, demos início ao último capítulo da segunda parte desta investigação, dedicado ao tema Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social.

O Capítulo 6 centrou-se numa crítica ao campo da C4D enquanto prática institucionalizada, baseando-se, especificamente, em autores vinculados aos Estudos Subalternos ou Pós-coloniais, os quais defendem a condução da C4D para a concretização de uma mudança social, através da participação radical das comunidades marginalizadas, e da inclusão da experiência e do conhecimento local na produção de conhecimento. Segundo essa

abordagem, são as experiências quotidianas que podem levar à consciência e à construção de um conhecimento local como caminho de emancipação, promovendo a resistência às narrativas dominantes e a capacidade de reimaginar o mundo, segundo os interesses legítimos das comunidades subalternas.

Nesta direção, apropriamo-nos das ideias de Dutta (2015), que constatou a violência na comunicação, quando se definem as agendas de pobreza, desigualdade e insegurança alimentar, segundo os objetivos neoliberais, sendo os *media* os responsáveis por empregar mecanismos de persuasão, de formação da perceção e da opinião pública. Acrescente-se ainda que, segundo o autor, a participação e o envolvimento das comunidades marginalizadas é uma dissimulação para a operação neoliberal que, a partir de recursos próprios dessas comunidades, desloca, oprime e explora os setores subalternos.

Não obstante esta constatação, concordamos com Tufte (2017) que reconheceu a mediatização como uma força social influente, sugerindo formas através das quais os *media* poderiam influenciar o desenvolvimento, promovendo um debate que propiciasse caminhos sobre a democracia e a boa governança. A partir deste outro tipo de influência, os *media* seriam capazes de dar suporte a uma mudança estrutural sobre a agenda neoliberal sempre focada no crescimento económico; apropriar-se de uma perspetiva Pós-colonial de mudança social, considerando o ponto de vista do subalterno; e considerar uma abordagem de desenvolvimento centrada na cultura e, a partir dela, a escuta dos marginalizados e a consideração das suas diversidades e multiplicidades.

Nessas circunstâncias, os que são impactados pelos *media*, são capazes de construir bases de conhecimento local e, a partir delas, orientar processos de mudança social. Nesse processo, Tufte (2005) arguiu sobre o entretenimento e o seu potencial de influenciar, a nível individual, a consciência, o comportamento e a atenção a uma meta socialmente desejada, e a nível comunitário, inspirar iniciativas públicas e políticas num caminho perseguido pela sociedade. Há uma falha alarmante em muitas intervenções de comunicação, ao não ser considerado o ponto de vista dos participantes, especialmente levando-se em conta as suas experiências e emoções (Tufte, 2004).

Por oposição a uma participação comunitária conveniente às práticas neoliberais criticadas por Dutta (2015), a participação subalterna caracteriza-se pela sua natureza política, sendo a cultura reconhecida como um espaço dinâmico de articulação, contestação, e baseada no comando popular, produtora de resistência às estruturas dominantes de opressão. Trata-se de uma política popular, que age através de parcerias e da construção de vínculos de

solidariedade, podendo ressuscitar o sistema de conhecimento local subjugado, empoderando indivíduos e grupos marginalizados, alicerçados em ambientes de autossuficiência nas atividades de desenvolvimento. Trata-se, por isso, de um cenário propício à imersão de Teorias do Desenvolvimento dentro das comunidades subalternas, as quais passam a definir o que é mudança ou desenvolvimento, segundo o que tem valor para elas.

Com esta abordagem a respeito da imersão das Teorias do Desenvolvimento fundamentadas no que as comunidades subalternas entendem como desenvolvimento ou mudança social, aproximamo-nos do contexto amazónico, local onde se situa a comunidade analisada nesta investigação e que, conforme anunciado por Loureiro (2022), é representado por comunidades que são incapazes de definir o seu próprio modelo de desenvolvimento. É precisamente esta incapacidade que determina a região amazónica como um polo de subordinação, alimentando uma relação estrutural de colonialidade entre o Brasil moderno e a Amazónia atrasada, onde os saberes locais são desprezados, mantendo-se uma ideologia de desenvolvimento baseada numa estratégia económica, vinculada ao capital internacional, à extração vegetal e mineral, e ao agronegócio.

Posto isso, encerrámos a segunda parte desta investigação organizada para as discussões teóricas, associando-nos à posição de Loureiro (2022) que proclamou a Amazónia como uma colônia do Brasil, anunciando, agora mais próximo de um entendimento a respeito do ambiente de escuta dos participantes do acontecimento mediático analisado, a terceira e última parte desta tese, focada na Análise Temática das entrevistas de um grupo de professores, alunos, e pais e mães de alunos, acerca das suas perceções sobre a participação da comunidade escolar no programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, do CQC.

Por conseguinte, o Capítulo 7 foi iniciado com a apresentação da questão geral de investigação: tendo em consideração que se trata de um programa que interveio na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação e enquanto acontecimento, a questão que se colocou foi a de avaliar: quais são os efeitos ao nível da experiência pública, gerados a partir da participação de uma comunidade escolar ribeirinha no programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*"?

A resposta à questão geral foi formulada a partir da formulação de 3 objetivos traçados para esta investigação, ligados ao desígnio de avaliar em que medida um programa televisivo de infoentretenimento e de doação de bens, produzido com um carácter acontecimental na vida de uma pequena comunidade: 1) constituiu um Acontecimento mediático; 2) teve efeitos ao

nível de uma Experiência pública; e 3) a comunidade escolar teve uma perceção de algum tipo de desenvolvimento ou de mudança social.

Considerando a tarefa estabelecida, escolheu-se uma abordagem metodológica qualitativa, com recurso à Análise Temática que, sendo um método contextualista, possibilita uma reflexão sobre a realidade, e acarreta o potencial de evidenciar o relato de experiências, significados e a realidade dos participantes. Foram definidos temas para organizar os relatos recolhidos através de entrevistas semiestruturadas aos 30 representantes da comunidade escolar, que participaram no Acontecimento mediático do programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço.* A análise foi elaborada e apresentada em 3 temas, devidamente detalhados no Capítulo 8, estando cada um deles, ligado ao cumprimento de cada um dos 3 objetivos determinados no início da investigação. A análise de cada tema permitiu a identificação dos elementos que atestam o cumprimento dos 3 objetivos estabelecidos, respondendo à questão geral desta investigação, o que foi feito nos termos descritos em pormenor abaixo.

O primeiro tema, que versou sobre a constituição do Acontecimento mediático, revelou-se a intensidade das emoções produzidas a partir da exposição mediática da comunidade escolar. Afirmaram as vozes aqui escutadas que a história da comunidade e das suas próprias vidas foi mudada pelo acontecimento, tendo sido notório o vínculo das emoções na elaboração de toda a experiência vivida, na formação de memória e na construção de novos significados. Confirmaram ainda as aprendizagens ligadas à solidariedade, à união e a uma experiência de amor e que a participação da comunidade escolar os levou a uma perceção da sua valorização e da sua visibilidade, demonstrada pelos trechos das falas dos que enfatizaram a ideia de que "agora são vistos". Ficou patente, também, a perceção de uma disponibilidade do programa para conhecer a realidade local, e de uma abertura para a contribuição da comunidade, a partir da sua presença, aliada às suas capacidades. Quanto à linguagem humorística, esta foi classificada pelos entrevistados como a "linguagem do povo marajoara", sendo responsável, segundo eles, pela inclusão, motivação e engajamento de toda a comunidade escolar no Acontecimento mediático. Para eles, o humor apresentou um formato adequado para se evitar constrangimentos no tratamento de assuntos sensíveis à comunidade escolar, contudo também apontaram a importância de ser mantido o respeito pelos assuntos sérios. Por fim, referiram-se ao humor como um formato de amor para lidar com a comunidade escolar – a este propósito, ver a Tabela 6 - Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre as perceções dos entrevistados a respeito da constituição do Acontecimento mediático segundo os códigos eleitos.

Depreende-se que, segundo a perceção expressada pelos entrevistados, o programa CQC *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço* foi um evento marcante, até mesmo histórico, na vida da comunidade da Escola Ponta Alegre, constituindo um Acontecimento mediático, na medida em que promoveu determinados efeitos e consequências instalados a partir de uma dinâmica festiva e disruptiva da vida quotidiana de uma comunidade escolar. O impacto nas emoções dos participantes teve um efeito relevante na experiência analisada, quer nas ações e reações deflagradas, quer nas atividades coletivas organizadas, assumindo-se como o elemento essencial para a formação de uma comunidade de interesses.

A exposição mediática e a visibilidade decorrente da participação da comunidade escolar no programa televisivo contribuíram para catalisar processos de aprendizagens, e de uma perceção de valorização da comunidade escolar, que se sentiu reconhecida nas suas capacidades para atuar e para agir coletivamente antes, durante e depois do término do programa. Após o acontecimento, houve uma alteração no *status* da escola que, segundo os entrevistados, passou "a ser vista", tornou-se uma referência na região, uma "escola padrão", indicando, em conjunto com todos os demais efeitos elencados na análise deste primeiro tema, uma transformação simbólica importante para aquela comunidade escolar, e, por consequência, evidenciando o potencial transformador, reparador e integrador dos *media*.

Embora tenha havido ressalvas sobre a importância do respeito no tratamento dos assuntos sensíveis da vida comunitária, o recurso ao humor estimulou o envolvimento ativo dos participantes no processo de produção de sentido e de significados, promovendo o que Kellner e Best (1997) chamaram de "espetáculo interativo".

Destaca-se, por fim, a constatação de emoções negativas, como por exemplo tristeza, ansiedade, culpa e pesar. Estes efeitos captados não representam as perceções maioritárias, mas merecem um maior aprofundamento, conforme será descrito na secção dedicada às limitações desta investigação.

No segundo tema – sobre os efeitos ao nível de uma Experiência pública –, constatou-se o papel primordial das emoções no gerar de energia para uma série de reações, que levaram à participação de toda a comunidade escolar na organização de uma experiência que promoveu a formação de uma comunidade de interesses. Essa comunidade envolvida por objetivos comuns trabalhou na constituição de comissões, na divisão de tarefas, no estabelecimento de novas redes de parceria, assumindo riscos e compromissos na construção de um Telecentro e de uma biblioteca, promovendo, conforme foi relatado, impacto nas relações interpessoais da comunidade escolar, no seu fortalecimento; no comportamento dos alunos, com a diminuição

de lutas e conflitos; e na aproximação entre os pais e mães e a comunidade escolar. Segundo a perceção dos entrevistados, a experiência promoveu o desenvolvimento de um novo sistema para a produção de conhecimento, através da inclusão digital, da criação de novos acessos para a pesquisa, da formação dos professores, do acesso livre para pesquisas no Telecentro e da biblioteca que passou a servir toda a comunidade local, assim como o aumento do IDEB da escola Ponta Alegre – para mais pormenores, ver a Tabela 8 - Resumo elaborado a partir dos resultados colhidos sobre os efeitos percebidos ao nível da Experiência pública.

Na Experiência pública desta investigação, a comunidade escolar demonstrou que a exposição à performance do programa televisivo gerou o estímulo necessário para desencadear uma série de reações que levaram à formação coletiva de um sentido para aquela experiência, sendo essa a base para a constituição de um público, que se organizou, que firmou parcerias e que teceu redes de solidariedade, tendo em vista atingir o objetivo proposto pelo programa de televisão, que foi aceite pela comunidade escolar, o de construir um Telecentro e uma biblioteca para a escola Ponta Alegre. Essa dinâmica mediática suscitou um turbilhão de emoções, ativando um público, que fixou os seus interesses comuns e agiu como ator político, em prol de interesses democráticos da comunidade escolar, apropriando-se, ao mesmo tempo, dessa experiência que gerou conhecimento local.

Um outro elemento relevante evidenciado neste segundo tema, refere-se à constatação de um efeito secundário decorrente do compromisso e da responsabilidade manifestados pela comunidade escolar, com intenção de garantir a continuidade do Telecentro e da biblioteca. Houve uma expressão de excessiva preocupação e ansiedade com a manutenção do Telecentro, mais especificamente a respeito da manutenção dos equipamentos e sobre a continuidade da parceria com o governo local, representado pela Secretaria de Educação do Município de Curralinho.

No terceiro tema – Acontecimento mediático e Experiência pública - convergências sob a perspetiva das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social –, foram identificados os elementos convergentes entre os temas-chave das teorias ligadas ao Acontecimento mediático, à Experiência pública e à Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social, e procurámos compreender se a comunidade escolar apresentou uma perceção de algum tipo de desenvolvimento ou de mudança social. Considerando-se as análises realizadas nesse tema, ficou evidente que, a constituição do Acontecimento mediático, conforme acima detalhado, e os efeitos encontrados ao nível da Experiência pública vivida, trouxeram elementos que possibilitaram estabelecer convergências entre os dois primeiros

temas e a abordagem das teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento, segundo os Estudos Subalternos e Pós-coloniais. Essa afirmação baseia-se, nomeadamente, na constatação, a partir das entrevistas realizadas, da participação radical da comunidade escolar; da inclusão de uma experiência coletiva comunitária na formação de um público que procurava a produção de um novo sistema de conhecimento criado localmente; e da sua perceção de que se deu, de facto, o desenvolvimento da comunidade da escola Ponta Alegre – ver Tabela 9 - Convergências entre a Acontecimento mediático, Experiência pública, e as teorias críticas à Comunicação para o Desenvolvimento.

Considerando as análises realizadas neste último tema, constatámos, na prática, o potencial dos *media* para influenciar, a partir das emoções determinadas por uma narrativa participativa de engajamento e de solidariedade, uma Experiência pública, provocando efeitos e consequências que tiveram impacto direto no desenvolvimento de uma comunidade escolar. A sua exposição a uma performance mediática, propiciada pela participação num programa televisivo de infoentretenimento, esteve na base da formação de um público que viu, foi visto, e que apresentou uma série de reações, aprendizagens e consequências vinculadas, pelos próprios entrevistados, a uma perceção de desenvolvimento da comunidade escolar. No caso em estudo, o humor foi percebido pelos representantes entrevistados como um elemento aglutinador, promotor do engajamento e da motivação comunitária, tendo sido considerado como um formato adequado no tratamento de assuntos sensíveis à comunidade. Nesse sentido, as emoções produzidas pelos *media* demonstraram a sua capacidade de ativação de interesses comuns, unificando e organizando uma experiência que foi capaz de criar parcerias e vínculos de solidariedade, que colaboraram para a criação de um ambiente de autossuficiência, a partir do fortalecimento do sistema de conhecimento da comunidade escolar.

Pelo exposto, ainda que as lógicas de mercado, que regem os *media* caracterizando a sua natureza e justificando a sua presença na atualidade, estejam centralizadas na busca incansável pelo aumento de audiência sem maiores vínculos com o desenvolvimento e a mudança social, cremos que, sob determinadas circunstâncias, os efeitos e as consequências de um Acontecimento mediático podem apresentar o potencial de influenciar o desenvolvimento de comunidades marginalizadas.

A partir dessa constatação, e com base no estudo de caso do programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, assim como nas entrevistas, em que ficaram patentes as perceções dos representantes da comunidade escolar, as próximas 2 secções serão dedicadas à elaboração e exploração de uma hipótese que considere em que circunstâncias e características um

Acontecimento mediático, de formato participativo e humorístico, pode catalisar uma Experiência pública, com o potencial de estimular o desenvolvimento e a mudança social de outras comunidades marginalizadas que vivam em circunstâncias análogas ao contexto apresentado nesta investigação.

9.2. O caminho para uma hipótese embasada numa eficácia cultural

Para fundamentar um caminho que nos direcione a este intento, inspiramo-nos no artigo "Bases Espistemológicas y Metodológicas para definir indicadores de eficácia cultural en la Comunicación del Cambio Social"[188] da autoria de Cosmes e Aldás (2017), em que foi apresentado o propósito de ordenar as experiências no campo e de discernir o que pode nelas ser generalizável, de um contexto comunicativo para o outro, procurando por regularidades que nos permitam aprender com a experiência e orientar futuras intervenções.

Para os autores, as teorias da comunicação precisam dialogar com as Epistemologias do Sul, designadamente quanto à produção de conhecimento local, colocando em diálogo diferentes áreas e abordagens, com o intuito de aprofundar, de forma interdisciplinar e atualizada, a avaliação da Comunicação para a Mudança Social. Definiram ainda que a delimitação do tipo de efetividade que deve ser perseguida por uma comunicação que trabalha para a justiça global, respalda-se numa aprendizagem constante partilhada, que precisa ser sistematizada e revista, integrando teoria e prática. Nesse sentido, o que se pretende é uma outra comunicação, diferente do modelo hegemónico dos *media* de massas, que seja participativa, problematizadora, personalizante e questionadora. Uma comunicação que promova a representação, a interpretação e a interação para a elaboração de discursos sociais que levem, não apenas à construção de significados, mas também de valores, de emoções, de crenças e de comportamentos (Cosmes & Aldás, 2017).

Com esta intenção, Cosmes e Aldás (2017, p.14) colocaram em destaque a performatividade da comunicação, uma vertente em que a comunicação "passa de uma atitude objetiva para uma atitude performativa, intersubjetiva, centrada no sujeito, não como objetos de comunicação, mas como participantes de toda a sua complexidade". Na comunicação performativa, os participantes assumem compromissos e responsabilidades, fazem denúncias,

[188] Tradução livre: "Bases Epistemológicas e Metodológicas para a definição de indicadores de eficácia cultural na Comunicação para a Mudança Social" (Cosmes & Aldás, 2017).

propostas, e constroem competências humanas, explorando novas formas de fazer as coisas. Nestes termos, Cosmes e Aldás (2017, p. 17) afirmam que "a eficácia cultural define a comunicação a partir de seus discursos sociais, ou seja, das consequências culturais dos processos comunicativos desencadeados pelos atores da mudança social", delimitando 3 níveis nas consequências performativas dos discursos: as ideias que são construídas; as relações que são propostas entre os atores envolvidos; e que reações e compromissos provocam.

Posto isto, o objetivo final da eficácia cultural, segundo Cosmes e Aldás (2017), é o de alcançar uma sabedoria partilhada, em termos de desenvolvimento das próprias capacidades, e a aquisição e criação de conhecimento partilhado, que possam ser utilizados para a conceção, ou para a restituição de culturas de paz, capazes de romper com todo os tipos de violência, atendendo às necessidades humanas básicas.

Baseando-se nesses fundamentos, Cosmes e Aldás (2017, pp. 23-26) propuseram 7 critérios, que para os autores pudessem ser incorporados como uma caixa de ferramentas para pensar a CCS e as suas experiências em conjunto. Ao lado dos resultados apresentados sobre os efeitos e as consequências do Acontecimento mediático investigado ao nível da experiência pública, a proposição instrumental de Cosmes e Aldás (2017) será o suporte para a exploração de uma hipótese relacionada com o estudo de caso desta investigação. Para isso, iremos apresentar os critérios indicados pelos autores supramencionados, discutindo, na sequência de cada um deles, aspetos ou elementos que possam ser identificados a partir dos efeitos e das consequências identificados nas análises realizadas no Capítulo 8, acerca das perceções de representantes da comunidade escolar sobre o Acontecimento mediático objeto desta tese ao nível de uma Experiência pública.

1) Abordagem política: segundo este critério, os objetivos coletivos devem ser colocados acima dos corporativos, sendo a CCS compreendida como um projeto partilhado de incidência política e estrutural, que vai além dos programas oficiais de desenvolvimento, devendo concentrar-se nos processos de construção política e cultural. Assim, será indicador de uma CCS culturalmente eficaz, uma dinâmica que coloca em movimento diferentes cenários e atores sociais da sociedade civil estruturada e informal, do Estado e do mercado, através de conversas e de negociações que combinem a disseminação de informações de qualidade, a consciencialização, a pedagogia política e uma cultura de solidariedade. Com base nas teorias discutidas e nas análises realizadas, nesta investigação, trabalhámos no sentido de demonstrar que o Acontecimento mediático, decorrido a partir do programa televisivo *Cadeia de Favores*-

Missão ao Espaço, apresentou características que impulsionaram a ocorrência de uma Experiência pública vivida por uma comunidade escolar ribeirinha, que teve impacto no desenvolvimento e na mudança social da comunidade. Neste sentido, apontamos que i) a proposta do programa se centrou num problema público, apresentado no início do episódio: a educação brasileira; ii) foram exibidas imagens, entrevistas com professores e informações a respeito da Ilha do Marajó e da vida quotidiana de uma escola ribeirinha que vivia numa região que tinha um dos menores Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil; iii) o programa mobilizou celebridades, empresas, organizações e pessoas comuns a fazerem donativos, ou a estabelecer parcerias em prol da escola Ponta Alegre, instigando uma atmosfera de solidariedade; e iv) o programa desafiou a comunidade escolar a construir a partir dos donativos recebidos, recorrendo às próprias habilidades, capacidades e recursos, um centro para a formação digital e uma biblioteca, que acabaram por provocar mudanças sociais relevantes naquela escola, conforme foi detalhado no Capítulo 8 desta investigação. Tendo tudo isto em consideração, concluímos que o Acontecimento mediático investigado apresenta objetivamente uma abordagem política.

2) Abordagem performativa: este critério antecipa os estilos participativos e transformadores pretendidos nos processos de produção e planeamento, e são guiados por indicadores como a ênfase nas capacidades mútuas e os compromissos estabelecidos pelos contextos de produção e de receção. São baseados numa abordagem denunciativa e proativa: uma comunicação como o objetivo final de mudança social, que revela a causa das injustiças, denuncia os responsáveis e torna visíveis os grupos que trabalham para a sua transformação, as suas propostas e a existência de formas de encontrar e de aplicar soluções. O acontecimento mediático investigado caracterizou-se por uma abordagem performativa comum à linguagem do espetáculo usada pelos *media*, com enfoque na participação mediática de diversas pessoas e de organizações numa rede cujo tema proposto se vinculou à solidariedade. O programa televisivo apresentou entrevistas dos professores, denunciando as limitações e os desafios da vida da comunidade escolar, conduzindo uma narrativa que sensibilizou e mobilizou os doadores, com o objetivo de propor uma mudança naquela comunidade escolar, através da construção de um Telecentro e de uma biblioteca.
3) Uso de estruturas alternativas: utilização de estruturas de ação coletiva – justiça social, movimentos sociais, direitos humanos, responsabilidade, diálogo –, que se baseiam na

mobilização de emoções, como indignação e esperança, bem como crenças sobre a dignidade de todos os interlocutores e a possibilidade de mudança. Como foi extensamente debatido neste estudo, os *media* mobilizam emoções e conduzem as suas narrativas conforme os interesses e os objetivos traçados por eles. O acontecimento mediático analisado mobilizou emoções que provocaram a empatia e a solidariedade dos doadores, e que deflagraram um turbilhão de emoções com e na participação da comunidade escolar. A exposição mediática desta comunidade, e as emoções provocadas, estão na base da constituição de um público que vê, é visto e que reage. Foram elas que forneceram a energia para a formação de uma comunidade de interesses, que se organizou em comissões, criou outras redes de parceria e de cooperação, com o objetivo de construir duas estruturas importantes, conforme já foi mencionado nos itens anteriores.

4) Ações de comunicação multifacetada e transmediática: considera a importância de ações de comunicação multifacetada e transmediática, que superem a exclusão digital e apliquem a interseccionalidade e a transversalidade no seu desenvolvimento, alcançando, ouvindo e incorporando no debate todos os grupos, sensibilidades e particularidades, e tendo consciência das possibilidades e potencialidades de cada espaço e formato, bem como as suas limitações. Nesse sentido, o artivismo e o humor, pela influência que exercem na viralidade e na disseminação de debates ou propostas, têm-se mostrado como indicadores-chave. O programa *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* do CQC foi enquadrado no formato de infoentretenimento, recorrendo ao humor como uma linguagem para aceder ao seu público, audiências e fomentar a interação com os participantes do programa. A análises das entrevistas demonstraram que o humor foi o responsável pela mobilização, engajamento e a participação de toda a comunidade escolar num Acontecimento mediático, que teve impacto e gerou consequências na vida de uma comunidade escolar. Foram destacadas menções de que o humor foi uma linguagem que evitou o constrangimento quando se focaram em assuntos sensíveis à comunidade escolar, e o mais relevante, considerando a perspetiva deste critério, o humor foi identificado como a "linguagem marajoara", facilitando e promovendo o entendimento e a interatividade entre o programa televisivo e a comunidade escolar.
5) Histórias contra-hegemónicas: a criação e a disseminação de histórias contra-hegemónicas, com ressonância cultural que incorporem abordagens capazes de se conectar com as preocupações e interesses da sociedade, é o que pretendemos envolver

num determinado momento. Segundo a perceção dos entrevistados, o Acontecimento mediático investigado era uma lembrança viva nas suas memórias, tendo mudado a história da comunidade escolar e das suas vidas pessoais. Para eles, a exposição mediática pela participação no programa, e as consequências da experiência, nomeadamente a criação do Telecentro e da biblioteca, causaram um forte sentimento de pertença e de valorização da comunidade escolar, manifestado pela expressão "agora somos vistos".

6) Transformação e aprendizagem: o recurso a cenários e conversas que acontecem ao longo dos tempos de aprendizagem e a transformação, são um indicador chave de até onde a nossa compreensão e a aplicação do CCS perseguem uma pedagogia política que trabalha para gerar saberes culturais plurais. As consequências da experiência do Acontecimento mediático, mais especificamente considerando a criação do Telecentro e da biblioteca, causaram uma transformação na comunidade escolar, uma vez que a escola Ponta Alegre passou a ser conhecida como uma "escola padrão". A inclusão digital da comunidade escolar, e a expansão do acesso às pesquisas e a novos conhecimentos, afetaram, conforme descrito nas entrevistas, a melhoria do comportamento dos alunos, numa melhor qualificação dos professores, na aproximação entre os pais e mães dos alunos e a escola, e no aumento do seu IDEB.
7) Cooperação e aprendizagem: este critério garante processos horizontais de aprendizagem cooperativa baseados nos bens comuns e, sobretudo a partir da não-violência, para que, mesmo com as questões mais controversas, não se perca a legitimidade como interlocutor e os princípios do diálogo e escuta mútua. A Experiência pública catalisada pelo Acontecimento mediático ocorrido a partir do programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, desencadeou uma série de reações, sendo a primeira delas a constituição de um público, que fixou os seus interesses e objetivos a partir da proposição recebida pelo programa para a construção de um Telecentro e de uma biblioteca. Com essa missão, a comunidade escolar desenvolveu as suas ações com base na cooperação interna, entre os membros da comunidade escolar, criando comissões e dividindo tarefas, e externa, construindo inúmeras parcerias com outras instituições públicas e privadas. As análises realizadas nesta investigação apontam para o estabelecimento de um forte compromisso e responsabilidade, a partir da construção e da implementação destas duas infraestruturas, que tiveram impacto direto no sistema de conhecimento local, ampliando o acesso às pesquisas e a novos

conhecimentos, permitindo, não só, o seu uso pela comunidade escolar, mas também pelo público em geral.

Pelo exposto, ainda que esta investigação não trate de um objeto vinculado a um projeto de CCS, entendemos que os resultados apresentados na análise acerca dos efeitos e consequências a nível da Experiência pública vivida pelo Acontecimento mediático desta tese, apresentam elementos objetivos que demonstraram a sua eficácia cultural, convergindo com os 7 indicadores propostos por Cosmes e Aldás (2017), corroborando e fundamentando a criação de uma hipótese que indique o potencial da Experiência pública de um Acontecimento mediático para influenciar o desenvolvimento de comunidades marginalizadas.

9.3. Acontecimento mediático e Experiência pública – a proposição e a resposta para uma hipótese final

Os avanços tecnológicos da comunicação, orientados pela sua natureza mercadológica, levaram à desarticulação comunitária e ao surgimento de relações mais impessoais e individuais, que geraram indiferença, processos de ausência de empatia, e contribuíram para que os *media* atuassem em dinâmicas que levaram à desintegração social. Constata-se ainda que estamos no caminho de uma mutação civilizacional que trouxe mudanças da subjetivação, causadas pela imersão humana no mundo digital. Nesse sentido, o que se vive é a ameaça da vida social, que representa também uma ameaça ao *self*, que produz um campo que nos coloca em risco de desintegração da personalidade.

Por essa razão, seguimos, nesta investigação, a abordagem dada pela Comunicação como Cultura, considerando o seu caráter simbólico na construção e na manutenção da sociedade, unindo-nos a Carey (2009) na busca de experiências que possam causar uma reformulação de nossa cultura comunicacional, para que dela possa nascer algum valor reparador, capaz de promover uma transformação social.

A desintegração social associada aos *media* não eliminou a sua força social para exercer o seu potencial para promover experiências que possam colaborar para a construção de dinâmicas ritualísticas e integrativas, considerando-se a inclusão da experiência, nomeadamente as que envolvem práticas participativas coletivas e comunitárias, como uma forma de gerar conhecimento com o potencial de desenvolvimento e de mudança social. Foi neste campo que propusemos a contribuição desta investigação.

Assim, baseando-nos em dois posicionamentos apresentados: 1. a convergência do Acontecimento mediático e da Experiência pública com os Estudos subalternos ou Pós-coloniais, conforme consta na Tabela 12, inserida no Capítulo 8; e 2. na constatação que o Acontecimento mediático e a Experiência pública vivida a partir dele, traz elementos que apontam para a sua eficácia cultural, tal como foi descrito na secção anterior; podemos afirmar que esta investigação contribui para o campo da Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social. Isto porque, esta tese conecta as consequências advindas da participação mediática num Acontecimento Mediático, à constituição de um público a partir de uma Experiência pública; examinando essa experiência nas suas relações ao potencial de desenvolvimento social e de mudança dentro de comunidades marginalizadas.

Nestes termos, com o suporte do Acontecimento mediático e da Experiência pública vivida pela participação mediática de uma comunidade escolar no programa televisivo *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço*, apresentaremos, a seguir, os aspetos e as características que conduziram à formulação e à resposta de uma hipótese final que possa revelar em que medida o acontecimento mediático é uma ferramenta com potencial para a transformação social, capaz de dar suporte ao desenvolvimento de comunidades em regiões que apresentem contextos análogos à região que foi analisada nesta investigação.

1) formato participativo e humorístico: o uso de determinado tipo de vocabulário na descrição e na motivação, movimenta ou abala determinados públicos e, por consequência, engaja ou mobiliza sentimentos ou ações correspondentes, sendo por exemplo, levados a sentir pena, revolta, simpatia, ou a mostrar solidariedade (Cefai & Pasquier, 2003);
2) o problema público: o programa deve apresentar um problema público. Os *media* influenciam a nossa sensibilidade, criam afetos e memórias, levando, tanto o convidado, como o espectador, a empreender uma experiência sensível de acordo com o seu enquadramento, realçando, ou não, o seu envolvimento com o campo problemático (Quéré & Terzi, 2015). Propiciam o debate público, que tanto pode permitir a elaboração de soluções, como a sua experimentação;
3) a participação de uma comunidade subalterna: a comunidade deve ser apresentada demonstrando, com a sua participação, o contexto e a realidade em que vive. A participação subalterna reveste-se de uma vertente política, na qual a cultura é reconhecida como um espaço dinâmico de articulação e de contestação, baseado no comando popular, produtora de resistência às estruturas dominantes de opressão. Trata-

se de uma política popular, que age através de parcerias e da construção de vínculos de solidariedade, podendo ressuscitar o sistema de conhecimento local, subjugado, empoderando indivíduos e grupos marginalizados, alicerçados em ambientes de autossuficiência nas atividades de desenvolvimento;

4) o engajamento solidário: o programa deve promover o engajamento solidário para promover a partilha do conhecimento acerca de outras realidades, dando suporte e encaminhamento para a angariação de recursos financeiros, ou para o estabelecimento de parcerias, com o propósito de colaborar para uma solução, considerando o problema público apresentado;
5) a proposta de impacto ou de mudança social: o programa deve apresentar, alinhando-se com a expressão da opinião da comunidade, e de acordo com as suas capacidades e habilidades, a proposta prática para colaborar com o desenvolvimento daquela comunidade;
6) a constituição de um público: a comunidade envolvida, motivada pelas emoções vividas na sua participação, é direcionada para uma ação que a convida e a desafia, de acordo com as suas habilidades e capacidades, a construir, segundo o seu próprio modelo e estrutura, uma experiência que gere conhecimento e colabore para o seu desenvolvimento, ou propicie uma mudança social. A formação de um público torna-se numa forma e numa modalidade da própria experiência, estimulando a capacidade de uma comunidade em a resolver os seus problemas;
7) desenvolvimento ou mudança social a partir da perspetiva comunitária: a força social dos *media*, através do engajamento solidário de pessoas e recursos, com a participação de uma comunidade subalterna, pode gerar um turbilhão de emoções, capaz de estimular a constituição de um público, que reage, e organiza as suas experiências, que podem apresentar o potencial de fornecer soluções para o seu próprio desenvolvimento, segundo os seus valores e interesses.

Todos esses aspetos e características indicados acima podem ser sintetizados a partir do que chamamos aqui de “Espetáculo interativo com o potencial para o desenvolvimento e para a mudança social, conforme Figura 5, apresentada a seguir.

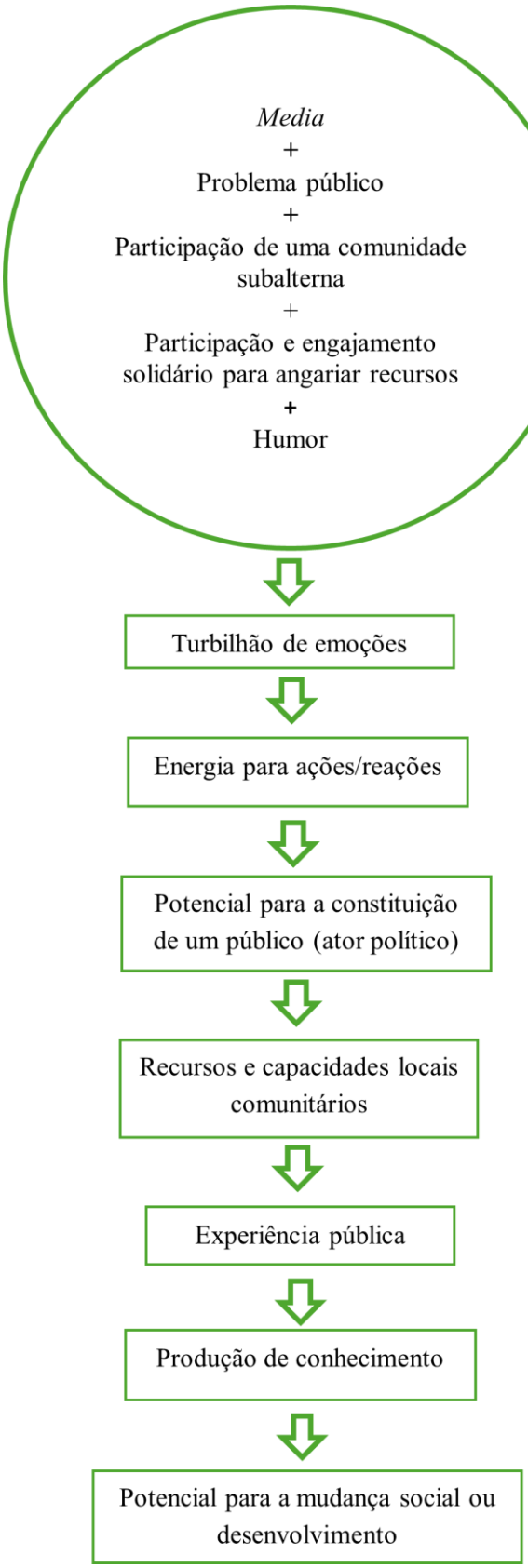

Figura 5: O Espetáculo interativo com o potencial para o desenvolvimento e para a mudança social
Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Em conclusão, com fundamento nessa estrutura, finalizamos esta investigação apresentando uma hipótese final em que

Um Acontecimento mediático produzido a partir de um problema público, que engaja pessoas e doadores para angariar recursos para uma determinada comunidade subalterna, apresentando a sua realidade, evolvendo-a e permitindo a sua participação a partir do tratamento mediático das situações problemáticas, por vezes através do humor, estimulando e prestigiando a sua participação fazendo uso das suas capacidades e habilidades, pode ter, e neste caso teve objetivamente (i.e., para além da subjetividade da sua idiossincrasia e limitações enquanto produto mediático-mercantil), o potencial de, com fundamento nas emoções geradas, ser a base para a constituição de um público, que organiza uma experiência coletiva, procurando a produção de conhecimento e, segundo as suas próprias perspetivas e valores, promove o seu desenvolvimento e a sua mudança social.

9.4. Limitações da investigação e proposições para estudos futuros

Esta investigação apresenta limitações que aconselham a ponderação do seu potencial de generalização dos resultados, com vieses ou restrições que podem interferir na aplicabilidade das conclusões, as quais serão listadas e comentadas a seguir.

No início desta investigação, esclarecemos que a hipótese apresentada e respondida na secção anterior indicava a potencialidade de um Acontecimento mediático e uma Experiência pública de influenciar o desenvolvimento ou a mudança social de uma comunidade subalterna, segundo os aspetos discutidos teoricamente, e a partir das análises das perceções dos entrevistados, específicas deste estudo de caso. Assim sendo, não se promovem ou se discutem certezas neste caminho.

A cultura do povo marajoara apresentou elementos específicos do contexto dessa comunidade, conforme foi descrito no Capítulo 1, o que pode influenciar na generalização dos resultados apresentados e na aplicação da hipótese proposta. Mais precisamente, a respeito da comunidade Sagrada Família, onde se localiza a Escola Ponta Alegre, há informações que indicam que sofreram a influência de práticas ligadas à Comunidade Eclesial de Base -ver Capítulo 6, secção 6.5.1., o que pode explicar a expressão dos entrevistados a respeito de uma união prévia existente na comunidade escolar. Esta questão não foi confirmada, ou aprofundada nesta tese, sendo um ponto de atenção sobre o impacto e os resultados desta investigação. Por outro lado, este tema apresenta um potencial para estudos futuros que possam discutir a hipótese

apresentada nesta investigação e a sua relação com as comunidades subalternas que tiveram experiências práticas com a Teologia da Libertação -ver Capítulo 6, secção 6.5.1.

Durante a análise das entrevistas, percebemos a tendência de uma perceção positiva sobre todas as experiências relatadas e, por essa razão, os temas analisados no Capítulo 8 destacaram também as perceções negativas partilhadas pelos entrevistados. A constatação de emoções negativas, como por exemplo tristeza, ansiedade, culpa e pesar, mesmo que não representem as perceções maioritárias, merecem um maior aprofundamento. Por esta razão ainda, propõe-se que o estudo das emoções relacionadas com a Comunicação para o Desenvolvimento seja considerado como limitação desta investigação, indicando-o como um tema relevante para ser analisado e desenvolvido em profundidade, em futuras investigações na continuidade desta.

Adicionalmente, sugerimos o estudo dos aspetos relacionados com os compromissos assumidos por uma comunidade a partir de práticas coletivas que tenham como objetivo mudanças sociais ou o seu desenvolvimento, nomeadamente a respeito dos efeitos secundários de preocupação e de responsabilidade excessiva, e a sua associação às teorias críticas afetas à Comunicação para o Desenvolvimento. A intensidade desses efeitos secundários pode, em alguma proporção, apresentar aspetos antagónicos aos valores e aos princípios que fundamentam o desenvolvimento e a mudança social, segundo os Estudos Subalternos ou Pós-coloniais.

Um outro aspeto relevante identificado, mas não desenvolvido nesta investigação, sendo eleito para estudos futuros, refere-se ao potencial do Acontecimento mediático na constituição de múltiplos públicos, para além daquele que foi foco deste estudo de caso centrado na experiêncial coletiva vivida pela comunidade escolar. Nesse sentido, verifica-se a formação de outros públicos cooperativos, como por exemplo: o público mobilizado para a doações organizado pela produção do programa antes mesmo da sua mediatização; e o público constituído por agentes externos à comunidade, movimentos sociais locais, que participaram como actor político, colaborando para que o processo acontecimental fosse vetor para o desenvolvimento e a mudança social daquela comunidade.

Por fim, sugere-se como tema para futuros estudos, a formulação de hipóteses que possam indicar de que forma essas experiências coletivas e comunitárias, vivenciadas a partir de um Acontecimento mediático, podem contribuir para, além de reconhecer os dispositivos de ocultação do poder, também interrogá-los a fundo. Muito embora este estudo de caso tenha destacado aspetos e contextos em que os *media* estejam ligados a um processo acontecimental que, considerando determinadas e específicos elementos, levou ao desenvolvimento e à mudança social de uma comunidade escolar, sabemos que tratamos de uma exceção. Uma exceção que demonstra potencial para ser referência de outros caminhos, e que guarda a responsabilidade da visão de que há muito a ser feito, pois mudanças estruturais também dependem de que as experiências em campo construam forças e capacidades críticas às hegemonias e às fragmentações causadas e perpetuadas pelo poder dos *media.*

Referências bibliográficas

Abramo, B. (2008). CQC decola com jornalismo irônico. *Folha de São Paulo*.

Abreu, J. C. G. (1992). *As regiões amazônicas: estudos chorographicos dos Estados do Gram Pará e Amazonas*. 2° edição. SECULT.

Acselrad, M. & Facó, K. M. (2010). Quem ri por último ri melhor. *Revista Famecos.v.17*. n.1,54-64.

Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1947). *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos* (*Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente*). Universidade de Brasília. Acedido em https://bds.unb.br/handle/123456789/114, a 19-07-2023.

Alhojailan, M. I. (2012). Thematic Analysis: A critical review of its process and evaluation. *West Easy Journal of Social Sciences, v.1*, n.1.

Araújo, C. A. (2006). Dramas do cotidiano na programação popular da TV brasileira. In *Narrativas televisivas: programas populares na TV* (pp. 45-70). Autêntica Editora.

Babo, I. (2013). O acontecimento e seus públicos. *Comunicação e Sociedade, 23*, 218-235. https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2013).1623

Babo, I. (2015). *Espectadores e públicos activos*. Editora Nova Vega.

Babo, I., Loureiro, L.& Pereira, R. (2021). *Infotainment*, jornalismo e entretenimento. In J. P. Figueiredo & V. Calado (Orgs.), *Infoentretenimento: Possíveis abordagens regulatórias* (pp. 172–197). Almedina.

Babo-Lança, I. (2002). Contexto. In *Dicionário de Sociologia* (p. 82). Porto Editora.

Babo-Lança, I. (2002a). Situação social. In *Dicionário de Sociologia* (p. 348). Porto Editora.

Babo-Lança, I. (2005). A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Acedido https://hdl.handle.net/1822/23784, a 24-05-2022.

Babo-Lança, I. (2006). *A configuração dos acontecimentos públicos, o "Caso República" e as manifestações nos Açores em 1975*. Edições Minerva Coimbra.

Babo-Lança, I. (2010). Configuração Mediática e Construção da Memória Colectiva. A História, a Memória e os *Media*. *Trajectos Revista de Comunicação, Cultura e Educação Nº17*, 53-60.

Babo-Lança, I. (2011). Configuração mediática dos acontecimentos do ano. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura, 10*, 73-84.

Babo-Lança, I. (2012). A construção dos problemas públicos: Elementos para uma análise do Caso Timor. *Revista Antropológicas, 4*, 113-130.

Bailey, J. (2008). First steps in qualitative data analysis: Transcribing. *Family Practice, 25*(2), 127-131. doi: 10.1093/fampra/cmn003.

Baptista, C., Silva, M. T. & Ferreira, A. H. (2020). *Big show* Cristina Ferreira: Emoção e entretenimento na televisão popular portuguesa. *ICNOVA - Artigos em Revista Nacional com Arbitragem Científica, 20*, 165-183.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa edições, 70, 225. Acedido em https://edisciplinas.usp.br/, a 17-03-2023.

Barros, O. F. (2004). Classes multisseriadas em escola rural ribeirinha: a práxis pedagógica de uma educadora. In: Oliveira, I. A. de (Org.). *Caderno de atividades pedagógicas em educação popular* (pp. 115-125). CCSE-UEPA.

Baster, N. (1972). *Measuring Development: The Role and Adequacy of Development Indicators.* Routledge.

Baudrillard, J. (1972). *Pour une critique de l'économie politique du signe.* Gallimard.

Baym, G. (2006). The Daily Show: Discursive integration and the reinvention of political journalism. *Political Communication, 22*, 3, 259-276.

Berger, P. & Luckmann, T. (1994). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.

Best, S. & Kellner, D. (1997). *Debord and the postmodern turn: New stages of the spectacle.* Acedido em http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/debordpostmodernturn.pdf, a 19-12-2022.

Bierger, L. (2020). *What Dewey knew: The public as problem, practice, and art. European Journal of American Studies*. Acedido em , a 04-2023.

Bolle, W. (2011). A escrita da história de Marajó. *Novos Cadernos NAEA v. 14*, n.1, 43-78.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Editora Bertrand Brasil.

Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development.* Thousand Oaks. Sage.

Braun, V. & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology. Qual. Res. Psychol. 3*(2), 1-41. Acedido em https://psycnet.apa.org/record/2006-06991-002, a 02-2024.

Braun, V. & Clarke, V. (2012). *Thematic analysis.* In: Cooper, H., Camic, P.M., Long, D.L., Panter, A.T., Rindskopf, D., Sher, K.J. (eds.) *APA Handbook of Research Methods in*

Psychology, Research Designs, (vol. 2, pp. 57-71). American Psychological Association, Washington.

Braun, V. & Clarke, V. (2013). *Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners*. Sage Publications, Thousand Oaks.

Braun, V. & Clarke, V. (2014). Thematic analysis. In: Teo, T. (ed.) *Encyclopedia of Critical Psychology*, (pp. 1947-1952). Springer, New York.

Braun, V. & Clarke, V. (2019). Refecting on refexive thematic analysis. *Qual. Res. Sport Exerc. Health 11*(4), 589-597. Acedido em https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806, a 03-2024.

Bucci, E. (1996). *Brasil em tempo de TV* (1ª ed.). Boitempo.

Bybee, C. (1999). Can democracy survive in the post-factual age? A return to the Lippmann-Dewey debate about the politics of news. *Journalism and Communication Monographs*, *1*,1, 1-28.

Caetano, V. N. S. & Silva, A.N. (2016). Desenvolvimento e educação no Marajó: estudo de caso no Município de Breves (Marajó/Pará/Brasil). *Revista Geoamazônia v. 04*, n. 07, 120-137, Jan./Jun. (Online). Acedido em https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/article/view/12474, a 03-03-2024.

Caldwell, J. (2004). Convergence television: Aggregating form and repurposing content in the culture of conglomeration. In L. Spigel & J. Olsson (Eds.), *Television after TV: Essays on a medium in transition*, (pp. 35-74). Duke University Press.

Cancela, F. E. T. (2013). *De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro*. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Carey, J. W. (2009). *Essays on Media and Society*. Routledge.

Carpentier, N. (2011). The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? *CM – Communication Management. Quartely*, 21, 13-36.

Carpentier, N. & Dahlgren. P. (2011). Introduction: Interrogating audiences – Theoretical horizons of participation. *CM – Communication Management. Quartely*, *21*, 7-12.

Cefai, D.& Pasquier, D. (2003). Publics politiques, publics médiatiques. In CURAPP (Eds.), *Les sens du public* (pp. 213-238). PUF.

Cefai, D. (2007). *Pourquoi se mobilise-t-on? Théories de l'action collective.* La Découverte.

Cefai, D. (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, *2*, 4, 11-48.

Cefai, D. (2014). *Los ciudadanos hacen política cuando intentan controlar problemas en su vida cotidiana.* (p.12). Acedido em https://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/21-257887-2014-10-20.html, a 20-03-2023.

Cefai, D. & Terzi, C. (2015). *Pragmatisme et sciences sociales: explorations, enquêtes, expérimentations. Sociologies*. Acedido em http://journals.openedition.org/sociologies/4915, a 08-11-2022.

Cefai, D. (2017). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). Trad. de Rosa Freire D'Aguiar. *Novos Estudos CEBRAP*, *36*, 1, 187–213.

Chang, H. J. (2004). *Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica* (Trad. Luiz Antônio Oliveira). Editora Unesp.

Chang, H. J. (2007). Institutional change and economic development: An introduction. In H.-J. Chang (Ed.), *Institutional change and economic development* (pp. 1-14). United Nations University Press.

Chang, H. J. (2014). *Economics: The user's guide*. Pelican.

Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa.* 2.ed. Artmed.

Chaves, M. P. S. R. (2001). *Uma Experiência de Pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá*. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Programa de pós-graduação em Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências. UNICAMP/CIRED. Acedido em http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287073, a 25-05-2023.

Chaves, G. P. & Furtado, L. G. (2017). Entre rios, furos e igarapés: o ambiente aquático no imaginário social dos ribeirinhos de uma sociedade Amazônica. In *Contribuciones a las Ciencias Sociales, Universidad de Málaga* (pp. 1-13). Acedido em https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/index.htm, a 25-05-2023.

Colman, D., & Nixson, F. (1983). Desenvolvimento econômico: Uma perspectiva econômica (2ª ed., Trad. M. C. P. Guedes). Editora Campus Ltda.

Conceição, A. F., Oliveira, C. G.& Souza, D. B. (2016). Rostow e os estágios para o desenvolvimento. In P. A. Niederle & G. F. W. Radomsky (Orgs.), *Introdução às teorias do desenvolvimento* (pp. 38-45). Editora UFRGS.

Côrrea, P. M. (2016). O reflexo da teoria do espelho na prática jornalística. In *Anais do XI EVINCI* (páginas?). Centro Universitário Autônomo do Brasil - UniBrasil.

Cosmes & Aldás (2017). Bases Espistemológicas y Metodológicas para definir indicadores de eficácia cultural en la Comunicación del Cambio Social. *COMMONS. Revista de Comunicación y Ciudadania Digital. Volume 6*, Número 2, 10-33. Acedido em https://revistas.uca.es/index.php/cayp/article/view/3326.

Costa, E. M. (2021). Escolas Ribeirinhas e seus desafios: faces da educação do campo na Amazônia Marajoara. *Revista Teias, v. 22*. n. 66, 384-397. DOI: 10.12957/teias.2021.51951.

Couldry, N., Hepp, A.& Krotz, F. (2010). *Media events in a global age*. Routledge.

Couldry, N.& Hepp, A. (2017). *The mediated construction of reality*. Polity Press.

Csigo, P. (2010). Permanent turbulence and reparatory work: A dramaturgical approach to late modern television. In N. Couldry, A. Hepp& F. Krotz (Eds.), *Media events in a global age* (pp. 98-116). Routledge.

Daniel, P. J. (2004). *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Vol. 1. Contraponto.

Davidson, C. (2009). Transcription: Imperatives for qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, *8*(2), 36-52. doi: 10.1177/160940690900800206

Dahlgren, P. & Sparks, C. (1992). *Journalism and popular culture.* Sage Publications Ltd.

Dahlgren, P. (2010). Charting the evolution of journalism: The horizon of democracy. *Media Studies*, *1*, 1-2. Acedido em https://hrcak.srce.hr/ojs/index.php/medijske-studije/article/view/6013, a 20-03-2023.

Dalmonte, E. F. (2008). Efeito de real e jornalismo: Imagem, técnica e processos de significação. *Famecos,13*(20), 41-47.

Damásio, I. (2021). *Infotainment*: Informação, entretenimento e jornalismo. In J. P. Figueiredo & V. Calado (Eds.), *Infoentretenimento: Possíveis abordagens regulatórias* (pp. 172-197). Almedina.

Dayan, D. (2006). Dar atenção à atenção: Um olhar sobre as audiências e os públicos. In J. C. Abrantes & D. Dayan (Eds.), *Televisão: Das audiências aos públicos* (pp. 67-80). Livros Horizonte.

Dayan, D.& Katz, E. (1999). *A história em directo: Os acontecimentos mediáticos na televisão*. Editora Minerva.

Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Acedido emhttps://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf, a 08-02-2023.

Derby, O. A. (1898). A Ilha de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, 2*(1/4), 163-173.

Dewey, J. (1946). The public and its problems: An essay in political inquiry. In M. L. Rogers (Ed.), *Penn State University Press*. Acedido em http://www.jstor.org/stable/10.5325/j.ctt7v1gh, a 20-03-2023.

Dewey, J. (2001). The Public and its Problems. Extract from "The Public and its Problems (1927). *Hermès, La Revue, n.31*.

Dewey, J. (2008). La réalité comme expérience. *Revue de Sciences humaines [En ligne], 9*. https://doi.org/10.4000/traces.204.

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência* (Trad. Vera Ribeiro). Editora Martins Fontes.

Diegues, A. C. S. (2001). *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 3. ed. Ed. HUCITEC.

Dussel, E. (2001). *Hacia una filosofía política crítica.* Desclée de Brouwer.

Dutta, M. J. (2015). Decolonizing communication for social change: A culture-centered approach. *Communication Theory*, *25*(2), 123-143.

Escudero, M. C. (2013). La comunicación del desarrollo: Construcción de un imaginario perverso. *Revista TELOS, Cuadernos de Comunicación e Innovación*, n.94. Acedido em https://telos.fundaciontelefonica.com/archivo/numero094/construccion-de-un-imaginario-perverso/?output=pdf.

Eufrásio, M. A. (1995). A formação da Escola Sociológica de Chicago. *Plural*, *2*, 37-60.

Flow Podcast (2020, 18 de novembro). Entrevista com Marcelo Tas no Flow Podcast #257. [Vídeo]. Youtube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=ZCVyTQ1txw8.

Folha de São Paulo. (2009, 10 de março). "CQC" reestreia com seis pontos de Ibope. Acedido http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/03/531962-cqc-reestreia-com-seis-pontos-no-ibope.shtml,a 08-2022.

França, V. (2006a). *A TV, a janela e a rua. Narrativas televisivas: programas populares na TV*. Autêntica Editora.

França, V. (2006b). *O povo na TV, o povo para além da TV. Narrativas televisivas: programas populares na TV*. Autêntica Editora.

França, V. (2009). *O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático*. Comnicação apresentada no VI SOPCOM, Lisboa.

Fraxe, T., Silva, S., Miguez, S., Witkoski, A., & Castro, A (2009). Os povos amazônicos: identidades e práticas culturais. *Pesquisa interdisciplinar em ciências do meio ambiente*. Manaus: EDUA.

Fernandes, J. S. N. & Moser, L. (2021). Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. *Rev. Katálysis, v.24*, n. 3, 532-541.

Freire, P. (1997). *Educação como prática da liberdade* (16ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido* (17ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fundação Amazônia de Âmparo a Estudos e Pesquisas – FAPESPA (2016). *Estatísticas municipais paraenses: Curralinho*. Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação.

Gabbay, M. M. (2009). A Cultura Marajoara: Autenticidade Em (Des)construção. *Ciber Legenda n. 21*, p. 1-19.

Gerbner, G. (1972). Violence in television drama: Trends and symbolic functions. In G. A. Comstock & E. Rubinstein (Eds.), *Television and social behavior. Vol. 1: Content and control* (pp. 28-187). Washington, DC: US Government Printing Office.

Gerbner, G. & Gross, L. (1976). Living With Television: The Violence Profile. *Journal of Communication*, 172-199.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4° ed. São Paulo: Atlas.

Gitlin, T. (1979). Prime time ideology: the hegemonic process in television entertainment. *Social Problems*, *6*, 3, 251-266.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas, 35*(2).

Goffman, E. (2001). *Manicômios, prisões e conventos* (D. Moreira Leite, Trad., 7ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.

Gomes, O. (2012). Macroeconomia: Noções básicas. Acedido em https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/1186/1/MacroIntroCap.pdf, a 01-08-2019.

Gomis, L. (1991). Teoría del periodismo: Cómo se forma el presente? Barcelona: Paidós. *Anàlisi: Quaderns de comunicación i cultura, n.14*, 245-246. Acedido em https://raco.cat/index.php/Analisi/article/view/41861.

Governo do Estado do Pará (2020). *Relatório do projeto "Mulheres Marajoaras – com elas e por elas"*.

Gripsrud, J. (2004). *Broadcast television: The chances of its survival in a digital age. In Book Chapter*.

Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais, n.80*, 115-147. https://doi.org/10.4000/rccs.697

Guidotti, G. B. (2016). *O fim do CQC*. Acedido em https://www.observatoriodaimprensa.com.br//tv-em-questao/o-fim-do-cqc/, a 18-06-2023.

Guimarães, D. & Caetano, K. (2009). Estratégias gráficas e humor sarcástico: A notícia levada a "sério" no programa CQC, da TV Bandeirantes, Brasil. *Interin, 7*, 1, 1-17.

Gusfield, J. (2014). *La cultura de los problemas públicos: El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente* (1ª ed.). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

Gutmann, J. (2008). Aspectos audiovisuais do *infotainment*: O CQC como propósito de análise. *Revista Colóquio Internacional – Televisão e Realidade*, 1-19. Acedido em https://tverealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Ju%20Gutmann.pdf.

Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo* (Tradução de G. A. de Almeida). Tempo Brasileiro.

Habermas, J. (2014). *Mudança estrutural da esfera pública*. (traduzido por D. L. Werle). Unesp.

Halcomb, E. J. & Davidson, P. M. (2006). Is verbatim transcription of interview data always necessary? *Applied Nursing Research*, *19*(1), 38-42. doi: 10.1016/j.apnr.2005.06.001.

Hall, S. (1980). Encoding/decoding. In *Culture, media, language: Working papers in cultural studies 1972-1979* (pp. 128-138). Hutchinson.

Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (Traduzido por A. L. G. Resende et al.). Editora UFMG.

Hughes, M. (1980). The fruits of cultivation analysis: A reexamination of some effects of television watching. *Public Opinion Quarterly, 44*, 3, 287-302.

IBGE (2022). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo 2022*.

INCRA (1996). Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Portaria nº 268, de 23/10/1996.

Jofe, H. (2012). Thematic analysis. In: Harper, D., & Thompson, A.R. (Eds.), *Qualitative Research Methods in Mental Health and Psychotherapy: A Guide for Students and Practitioners* (pp. 209-223). Wiley, Chichester.

Jornal Estadão. (2016, 22 de maio). "O CQC acabou porque perdeu a relevância". Acedido em https://www.estadao.com.br/emais/tv/o-cqc-acabou-porque-perdeu-a-relevancia--diz-mauricio-meirelles/.

Jost, F. (2004). *Seis lições sobre televisão*. Editora Meridional.

Jurandir, D. (2008). *Marajó*. 4. ed. EDUFPA/ Casa de Rui Barbosa.

Kovach, B.& Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo: O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto.

Lapadat, J. C. (2000). Problematizing transcription: Purpose, paradigm and quality. *International Journal of Social Research Methodology, 3*(3), 203-219. doi:10.1080/13645570050083698.

Laville, C.& Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, Trads.). Artmed e UFMG.

Lima, A. A. M., Oliveira, L. L., Fontinhas, R. L. & Lima R. J. S. (2004). *Ilha do Marajó: revisão histórica, hidroclimatologia, bacias hidrográficas e propostas de gestão. Relatório Técnico*. Secretaria Executiva de Ciência Tecnologia e Meio Ambiente – Núcleo de Hidrometereologia (SECTAM/NHM), Belém.

Lira, T. M. & Chaves, M. P. S. R. (2016). Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações, v. 17*, n. 1, p. 66-76.

Livingstone, S. & Lunt, P. (2013). *Talk on televison: audience participation and public debate.* Routledge.

Lordelo, E. R., Carvalho, A. M. A. & Koller, S. H. (Org.) (2002). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. Casa do Psicólogo.

Loureiro, J.J.P. (2001). *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Ed. Escrituras.

Loureiro, V. (2022). *Amazônia: Colônia do Brasil*. Editora Valer.

Magalhães Filho, F. (1987). Grandes projetos ou grande projeto? In COSTA, J. M. M da. (Coord.), *Os grandes projetos da Amazônia: impactos e perspectivas* (pp. 17-26). Belém: NAEA/UFPA.

Meggers, B. & Evans, C. (1957). The Islands of Mexiana and Caviana. In: Meggers, B.& Evans, C. *(Eds.), Archaeology at the Mouth of Amazon* (pp. 425-555). Smithsonian Institution.

Malheiros, C., Campos, D. T., Hongyu, K., Lacerda, W., Oliveira, L. & Wruck, F. (2017). Quantificação da microbiota do solo sob diferentes sistemas integrados de produção na Amazônia meridional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais, 12*. Doi: 10.46357/bcnaturais.v12i3.378.

Manyozo, L. (2017). *Communicating development with communities*. Routledge.

Marin, R. E. A. et al. (2015). *Povos tradicionais no arquipélago de Marajó e políticas de ordenamento territorial e ambiental*. Casa 8.

Martín-Barbero, J. (2018). Dos meios às mediações: 3 introduções. *Revista Matrizes, v.12*, n.1, 9-31.

Martins, M. L. (2005). O poder hermenêutico do acontecimento e os *media*. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. Acedido em https://hdl.handle.net/1822/23784.

Mateus, S. (2011). The public as social experience. *Revista Comunicação e Sociedade. 19*, 275-286.

Mateus, S. (2012). *O processo publicitário: Estudo sobre a experiência pública* (Tese de doutorado). Universidade Nova Lisboa.

Mateus, S. (2016). What public experience may be - on publicity, communication and the expression of lived experiences. *Coactivity: philosophy, communication / Santalka, 24*(2), 137-147. doi:10.3846/cpc.2016.255.

Melkote, S.& Steeves, L. (2015). *Communication for development: Theory and practice for empowerment and social justice*. Sage.

Mesquita, M. (2004). *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*. Edições Minerva Coimbra.

Miranda, J. A. B. (2005). O acontecimento como invenção necessária da história. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n.6*, 113-121.

Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez.

Morin, E. (2002). *Cultura de massas no século XX: Espírito do tempo 1 - Neurose* (9ª ed., M. R. Sardinha, Trad.). Forense Universitária.

Morley, D. (1996). *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Amorrortu.

Morry, C. (2007). *The Rome Consensus: Communication for Development – A Major Pillar for Development and Change. The Communication Initiative Network: 259 convening the communication and media development, social and behaviour change community [post em blogue]*. Acedido em https://www.comminit.com/content/rome_consensus-communication-development-major-pillar-development-and-change.

Moura, M. (2009). Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. *Revista Pesquisa FAPESP, 163*. Acedido em https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/, a 20-05-2022.

Moura, S. H. (1989). *História da Magistratura Paraense*. CEJUP.

Mundim, P. S. (2010). As consequências políticas do jornalismo de entretenimento: A eleição municipal de São Paulo em 2008 e a cobertura do CQC. *Íbero, 13*(25), 131-142.

Murdock, G. (2005). Continental shifts: Capitalism, communications and change in Europe. *Comunicação e Sociedade, 7*, 11-23.

Neto, F. R. & Furtado, L. G. (2015). A ribeirinidade amazônica: algumas reflexões. *Cadernos de Campo, São Paulo, n. 24*, 158-182. Acedido em http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/97408, a 25-05-2023.

Neto, J. C. M. & Oliveira, I. A. (2004). Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In Oliveira, I. A. (Org.), *Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazônidas* (pp. 53-66). CCSE-UEPA.

Neto, J. M. M. (2005). *Marajó – desafio da Amazônia: aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento.* 3. ed. EDUFPA.

Noelle-Neumann, E. (2002). Os efeitos dos meios de comunicação na pesquisa sobre os seus efeitos. In J. P. Esteves (Org.), *Comunicação e sociedade* (pp. 151-159). Livros Horizonte.

Niederle, P. A., Cardona, J. C. R.& Freitas, T. D. (2016). Hirschman e a economia do desenvolvimento. In P. A. Niederle & G. F. W. Radomsky (Orgs.), *Introdução às teorias do desenvolvimento* (pp. 38-45). SEAD, Editora UFRGS.

Nora, P. (1974). La vuelta del acontecimiento. In J. Le Goff & P. Nora (Dirs.), *Hacer la historia I – Nuevos problemas*, n.3, 220-239. Ed. Laia.

O'Brien, R.& Williams, M. (2010). *Global political economy*. Palgrave Macmillan.

Oliveira, B. P. D. (2018). *Análise da conjuntura de mercado da bubalinocultura no Brasil e no Estado do Pará*. (Monografia). Universidade Federal do Paraná.

Oliveira, I. A. (2001). *Filosofia da educação: reflexões e debates*. UNAMA.

Oliveira, I. A. França, S. M. P. & Santos, T. R. L. (2011). *Educação em classes multisseriadas: singularidade, diversidade e heterogeneidade*. EDUEPA.

Oliveira, H. J. S. (2018). *Redes, aprendizados e ativos territoriais na Amazônia: O processo de qualificação do açaí do rio Canaticu, arquipélago do Marajó, Pará* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará.

Organização das Nações Unidas (ONUa) (s.d). *Objetivos do milênio*. Acedido em https://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml.

Organização das Nações Unidas (ONUb) (s.d). *Agenda 2030*. Acedido em https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf.

Otero, M. (1997). *"Esta televisão é sua"* [Vídeo]. Facebook. Acedido em https://www.facebook.com/provaoral/videos/10154021065253231/, a 23-07-2022.

Pacheco, A. S. (2009). *Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Pacheco, A. S. (2012). Os estudos culturais em outras margens: identidades afroindígenas em "zonas de contato" amazônicas. *Fênix Revista de História e Estudos Culturais, n. 3*, v. 9, 1-19. Acedido em https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/416.

Padiglione, C. (2015). 2015 foi o ano de menor Ibope do "CQC". *O Estado de S. Paulo.* Acedido em https://www.estadao.com.br/cultura/cristina-padiglione/2015-foi-o-ano-de-menor-ibope-do-cqc--imp-/.

Padioleau, J.G. (1981). *Quand la France senferre: La politique sidérurgique de la France depuis 1945 (Sociologies).* Presses universitaires de France.

Park, R. E. (1966). A notícia como forma de conhecimento: Um capítulo na Sociologia do conhecimento. In Steinberg, C. S. (Org.), *Meios de comunicação de massa* (pp. 169-185). Cultrix.

Pereira, R. (2019). *Pensar em tempos de não-pensamento. Notas para uma analítica do brutal na contemporaneidade*. Grácio Editor.

Pereira, R. (2019a). A comunicação para o desenvolvimento nos seus labirintos. In E. Gonçalves (Org.), *Jornalismo e comunicação na aprendizagem do mundo* (pp. 81-90). Mundo

Crítico - Revista de Desenvolvimento e Cooperação, CEsA - Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento. Lisboa.

Pivoto, D., Caruso, C. O. & Niederle, P. A. (2016). Schumpeter e a teoria do desenvolvimento econômico. In P. A. Niederle & G. F. W. Radomsky (Orgs.), *Introdução às teorias do Desenvolvimento* (pp. 38-45). Editora UFRGS. https://doi.org/ISBN 978-85-386-0326-9.

Plugado Podcast. (2022). Entrevista com Marco Luque em 01 de outubro [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=wxw2jXMT2PA.

Podihhcast. (2022). Entrevista com Murilo Moraes e Luciano Guima em 07 de julho [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=L9diw6Tymak.

Pojo, E. C., Elias, L. G. D.& Vilhena, M. N. (2014). As águas e os Ribeirinhos: beirando sua cultura e margeando seus saberes. *Margens - Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação, v. 8*, n. 11, 176-198.

Ponte, C. (2005). *Media* e acontecimentos (com)sentidos. *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, 06*, 15-29.

Quarry, W.& Ramirez, R. (2009). *Communication for Another Development: Listening before Telling*. Zed Books.

Quebral, N. C. (2012). *Development communication primer*. Southbound.

Quéré, L. (2005). Entre o facto e o sentido: A dualidade do acontecimento. *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, 06*, 25-38.

Quéré, L. (2011). A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública (Trad. I. B. Lança). *Revista Caleidoscópio, 11*, 13-29.

Quéré, L.& Terzi, C. (2012). Os fundamentos sensíveis da experiência pública. In V. França & L. Oliveira (Orgs.), *Acontecimento: Reverberações* (pp. 91-107). Autêntica Editora.

Quéré, L. (2017). Introducción a una sociología de la experiencia pública. *Revista de la Carrera de Sociología, 7*, 228-263.

Quijano, A. (2005). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. In Edgardo Lander (Org.), *Perspectivas latino-americanas* (pp. 117-142). Acedido em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf.

Rádio Jovem Pan. (2018). Entrevista com Rafinha Bastos no programa "Pânico Jovem Pan" em 21 de março [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=e4XXsfbSW7c.

Real Podcast. (2021). Entrevista com Rafael Cortes em 26 de agosto [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=6I88XBPE2NY.

Reis, A. C. F. (1997). *O seringal e o seringueiro*. Editora da Universidade do Amazonas.

Rodrik, D. (2012). *After the millennium development goals. Project Syndicate.* Acedido em https://www.project-syndicate.org/commentary/after-the-millennium-development-goals-by-dani-rodrik,a 20-08-2019.

Sales, L. (2021). O público na sociologia francesa dos problemas públicos. *Estudos de Sociologia.* Acedido em https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/250929/38603.

Salles, V. & Salles, M. I. (1969). Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. *Revista Brasileira de Folclore, nº 9*, (pp.257-283).

Santos, B. de Souza. (2014). Más allá del pensamiento abismal: De las líneas globales a una ecología de saberes. In B. de S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologías del Sur (Perspectivas)* (pp. 21-66). AKAL.

Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (Coord.) (2009). *Epistemologias do Sul*. Edições Almedina.

Sartori, G. (2000). *Homo videns: Televisão e pós-pensamento*. Terramar.

Schaan, D. P. (2007). Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 2*, n. 1, 77-89.

Schaan, D. P. & Martins C.P. (2010). *Muito além dos campos. Arqueologia e história na Amazônia Marajoara* (1 ed). GKNORONHA.

Schramm, L. (2005). *Comunidades interpretativas e estudos de recepção. Das utilidades e inconveniências de um conceito*. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. COMPÓS, XIV, Niterói/Rio de Janeiro.

Scott, M. (2014). *Media and Development*. Zedbooks.

Sen, A. (1999). *Development as freedom*. Oxford University Press.

Servaes, J. (2003). *Approaches to Development – Studies on Communication for Development.* UNESCO.

Severino, A. J. (2014). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez Editora.

Silva, M. C. (2002). *Dicionário de sociologia*. Comunidade.

Silva, C. M. T. (2011). Perspectivas acerca do conceito "acontecimento". *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura, 10*, 85-93.

Soares, E. C. L. (2010). *Família, compadrio e relações de poder no Marajó (séculos XVIII e XIX).* Tese de Doutorado em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Spivak, G. C. (1994). Can the subaltern speak? In P. Williams & L. Chrisman (Eds.), *Colonial discourse and post-colonial theory: A reader* (pp. 66-111). Columbia University Press.

Spix, J. B. V. & Martius, C. F. P. V. (1981). *Viagem pelo Brasil, 1817-1820. Vol. III*. (Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. 1ª ed. do original alemão: 1823-1831). Itatiaia e Edusp .

Stuckey, H. L. (2014). The first step in data analysis: Transcribing and managing qualitative research data. *Journal of Social Health and Diabetes*, *2*(1), 6-8. doi:10.4103/2321-0656.120254.

Talk TV. (2017). Entrevista com Dan Stulbach em 13 de janeiro [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=nmAixhRyinU.

The Economist. (2009, 12 de novembro). *Brazil takes off*. Acedido em https://www.economist.com/leaders/2009/11/12/brazil-takes-off, a 29-06-2023.

The Economist. (2013, 27 de setembro). *Has Brazil blown it*? Acedido em https://www.economist.com/leaders/2013/09/27/has-brazil-blown-it, a 29-06-2023 .

The Economist. (2016, 23 de abril). *The Great Betrayal*. Acedido em https://www.economist.com/leaders/2016/04/23/the-great-betrayal, a 29-06-2023.

Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são* (Vol. I). Editora Insular.

Tuchman, G. (2009). As notícias como uma realidade construída. In Esteves, J. P. (Org.), *Comunicação e sociedade* (pp. 93-106). Livros Horizonte.

Tudo sobre TV. (2011). História da TV. Acedido em http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv60.htm, a 10-06-2023.

Tufte, T. (2005). Entertainment–Education in Development Communication: Between Marketing Behaviors and Empowering People. In O. Hemer & T. Tufte (Eds.), *Media and Glocal Change* (pp. 159-174). Nordicom.

Tufte, T. (2012). Facing Violence and Conflict with Communication: Possibilities and Limitations of Storytelling and Entertainment–Education. In S. Melkote (Ed.), *Development*

Communication in Directed Social Change: A Reappraisal of Theory and Practice (pp. 80-94). AMIC.

Tufte, T. (2017). *Communication and social change: A citizen perspective*. John Wiley & Sons.

Urteaga, E. (2009). Orígenes e inicios de los estudios culturales. *Gazeta de Antropología, 25*(1), Artículo 23. Acedido em https://digibug.ugr.es/handle/10481/6872.

Vaismoradi, M. J., Turune H. & Snelgrove, S. (2016). Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. *Journal of Nursing Education and Practice, Vol. 6*, No. 5.

Vênus Podcast. (2021). Entrevista com Oscar Filho episódio *#18* [Vídeo]. YouTube. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=1dBZwIkNjqA.

Wahl-Jorgensen, K. (2019). Questioning the Ideal of the Public Sphere: The Emotional Turn. *Social Media + Society, 5(3),* 1-3. https://doi.org/10.1177/2056305119852175.

Wasko, J. (2005). Studying the political economy of media and information. *Comunicação e Sociedade, 7*, 25-48.

Watanabe, F. K. (2012). *Modificações morfológicas e caracterização textural dos sedimentos do Canal Norte do Rio Amazonas - Barra Norte*. Bacharelado, Faculdade de Oceanografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Pará, Brasil.

Wenzel, R. L. (1994). *Professor: agente da educação?* Papirus.

Wolf, M. (2008). *Teorias da comunicação: Mass media: Contextos e paradigmas; novas tendências, efeitos a longo prazo e newsmaking* (8ª ed.). Editora Presença.

Wolton, D. (1996). *Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão* (J. R. Siqueira, Trad.). Ática.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (2ª ed., D. Grassi, Trad.). Editora Bookman.

Zendron, M. (2012). "Falavam que o CQC não era humor brasileiro", diz Diego Guebel, o argentino prodígio da Band". Acedido em https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/04/16/falavam-que-o-cqc-nao-era-humor-brasileiro-diz-diego-guebel-o-argentino-prodigio-da-band.htm#fotoNav=in14?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola, a 12-06-2023 .

Anexo 1

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Guião para as entrevistas dos professores

Novembro de 2022

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores*, do programa CQC, na Ilha do Marajó"

Esta entrevista é uma parte relevante da tese "Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores* na Ilha do Marajó", realizada em sede do doutoramento em Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social. A pesquisa diz respeito ao programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, ocorrido na escola Ponta Alegre, localizada na comunidade Sagrada Família, município de Curralinho, e exibido no ano de 2014 pelo CQC, no canal brasileiro Bandeirantes. O programa colocou a questão da educação como um sério problema no Brasil, e pretendeu ajudar a escola mobilizando doadores de todo país, alunos, professores e comunidade local, tendo como objetivo principal a construção, pela comunidade escolar, de um telecentro para formação digital dos alunos.

O programa televisivo CQC é tipificado como um programa de jornalismo por parte dos seus produtores, constituindo, ao mesmo tempo, um programa de entretenimento e de participação de atores e das comunidades locais nas quais o programa se realiza. Deste modo, esta pesquisa irá abordar-se o infoentretenimento, pretendendo demonstrar-se que é nesse género que o programa deve ser enquadrado. A partir deste formato o programa apresentou uma dimensão acontecimental na experiência pública e como acontecimento televisivo.

Neste contexto, este estudo irá subordinar-se à seguinte questão geral de investigação: "Tendo em consideração que se trata de um programa que interveio na vida de uma comunidade escolar e local, vivido pela mesma ao nível da sua participação enquanto acontecimento, a questão que se coloca é a de avaliar: "Quais são os efeitos ao nível da experiência pública

gerados a partir da participação de uma comunidade escolar no programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*".

Deste modo, o objetivo desta entrevista é identificar as percepções dos professores que participaram do programa, relacionadas aos efeitos e consequências da experiência deste acontecimento mediático. Para efeito deste estudo, considera-se que esta experiência apresenta três fases: a primeira teve início a partir do conhecimento pela comunidade escolar a respeito da realização do programa, o que gerou a sua preparação para recebê-lo, posteriormente; na segunda fase, temos o momento das filmagens com a entrega das doações na comunidade escolar; e a terceira fase, baseada nas ações que ocorreram após as filmagens, e está relacionada com as doações de alimento à comunidade local, e construção do telecentro e da biblioteca.

Questões

I. Acontecimento mediático e participação

1. Depois de 8 anos, o que você lembra sobre o programa CQC na Escola Ponta Alegre?

2. O que o programa mostrou que faz parte da realidade da comunidade escolar? O que não retratou bem a realidade?

3. Como você se sentiu durante o acontecimento do programa CQC na escola Ponta Alegre?

4. O que aprendeu com esta experiência do programa CQC na Ilha do Marajó?

5. O programa CQC no Marajó apresentou um formato de divertido, com a presença de jornalistas engraçados, artistas e leilão com celebridades. Qual a sua opinião sobre esse formato? Quais são os pontos positivos e negativos?

6. Como foi o caminho/convite/percurso para a sua participação no programa CQC?

7. Quais foram as orientações que você recebeu durante a filmagem do programa?

II. Experiência pública

8. Como a comunidade escolar se organizou para receber o programa? Houve divisão de tarefas sobre, por exemplo, quem iria preparar a escola, quem iria ser entrevistado, quem iria receber o barco com as doações?

9. Após o programa como foi a criação do grupo de trabalho com os professores, alunos, comunidade ou governo para a construção do telecentro ou da biblioteca? Como funcionou?

10. Sobre a colaboração de outras parcerias, durante a construção do telecentro e da biblioteca conseguiram apoio do governo local, de outras organizações ou pessoas?

11. Qual ou quais foram os efeitos desta experiência com a televisão e na vida da comunidade escolar?

12. Na sua percepção como é hoje a preocupação, o compromisso e a participação da comunidade escolar acerca do cuidado e continuidade do telecentro e da biblioteca?

III. Relações interpessoais ao nível da comunidade escolar

13. Como ficou a relação entre os professores, alunos e comunidade escolar após o programa? E a relação entre a escola e a secretaria de educação? Como você sabe que isso aconteceu por "causa" do programa?

14. Em termos de relacionamento entre pessoas, quais foram os desafios advindos da experiência com o programa CQC? O que trouxe de ruim? Houve alguma tensão ou problema?

15. Como as doações afetaram a relação entre moradores locais e a comunidade escolar?

IV. Da percepção de algum tipo de desenvolvimento ou mudança social

16. Quem decidiu sobre o que fazer com as doações?

17. Qual característica que você percebe hoje que a comunidade escolar tem e que adquiriu a partir da experiência com o programa CQC?

18. O telecentro e a biblioteca poderiam ter sido criados se não houvesse a doação do programa? Por que?

19. Como o telecentro e a biblioteca alteraram o comportamento ou impactaram no aprendizado dos alunos e professores?

20. As crianças passaram a permanecer mais na escola considerando a existência do telecentro e da biblioteca?

21. Na sua percepção houve oportunidades criadas para a comunidade escolar considerando a existência do telecentro e da biblioteca?

22. Como o telecentro e a biblioteca contribuíram para a inserção da comunidade escolar no mundo digital?

23. Há algo que você ainda gostaria de falar sobre sua experiência com o programa CQC, que não mencionou ainda?

Anexo 2

Guião para as entrevistas dos ex-alunos e pais e mães de ex-alunos

Julho de 2024

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores* na Ilha do Marajó"

Esta entrevista é uma parte relevante da tese "Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores* na Ilha do Marajó", realizada em sede do doutoramento em Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social. A pesquisa diz respeito ao programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, ocorrido na escola Ponta Alegre, localizada na comunidade Sagrada Família, município de Curralinho, e exibido no ano de 2014 pelo CQC, no canal brasileiro Bandeirantes. O programa colocou a questão da educação como um sério problema no Brasil, e pretendeu ajudar a escola mobilizando doadores de todo país, alunos, professores e comunidade local, tendo como objetivo principal a construção, pela comunidade escolar, de um telecentro para formação digital dos alunos e de uma biblioteca. Deste modo, o objetivo desta entrevista é identificar as percepções dos alunos e dos pais/mães que de alguma forma participaram do programa, através das seguintes questões:

1**.** Depois de quase 10 anos, o que você lembra sobre o programa CQC na Escola Ponta Alegre?

2. Como você se sentiu durante o acontecimento do programa CQC na escola Ponta Alegre?

3. O que aprendeu com esta experiência do programa CQC na Ilha do Marajó?

4. O programa CQC no Marajó apresentou um formato de divertido, com a presença de jornalistas engraçados. Qual a sua opinião sobre esse formato de humor?

5. O Telecentro e a Biblioteca alteraram a sua relação com a Escola Ponta Alegre? Como?

6. O Telecentro e a Biblioteca impactaram a sua vida? De que forma?

7. O Telecentro e a Biblioteca impactaram a vida da comunidade? De que forma?

Anexo 3

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Termo de Consentimento para entrevista

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* na Ilha do Marajó"

Este termo tem o objetivo de declarar o consentimento para a participação de uma entrevista que é uma parte relevante da tese "Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* na Ilha do Marajó", realizada em sede do doutoramento em Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social pela Universidade Lusófona do Porto.

A pesquisa diz respeito ao programa televisivo *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*, ocorrido na escola Ponta Alegre, localizada na comunidade Sagrada Família, município de Curralinho, e exibido no ano de 2014 pelo CQC, no canal brasileiro Bandeirantes. Este estudo irá subordinar-se à seguinte questão geral de investigação: "Quais são os efeitos ao nível da experiência pública gerados a partir da participação de uma comunidade escolar no programa *Cadeia de Favores – Missão ao Espaço*".

As entrevistas serão individuais, realizadas de forma voluntária, isenta de despesas, penalidades ou prejuízo. Os áudios serão gravados e transcritos. Sempre que desejarem, os entrevistados podem não responder a algumas questões, comentar as mesmas ou mesmo desistir da entrevista.

Garantimos que as gravações serão usadas apenas para os fins deste estudo e de o anonimato dos entrevistados está assegurado. Se está de acordo em participar desta entrevista, por favor assine embaixo, indicando assim a sua aceitação.

Desde já, muito obrigada pela sua disponibilidade e por sua contribuição para esta pesquisa.

Cordialmente,

Este documento está sendo disponibilizado em duas vias originais, uma para ficar com o participante e outra para ficar com o pesquisador.

_____ Data __/__/__

Nome:

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a participação neste estudo.

_____ Data __/__/__

Fabiane Luisi Turisco

Assinatura da pesquisadora

Pesquisadora de doutorado da Universidade Lusófona do Porto

email fabianeturisco@yahoo.com.br e telefone: 11 – 912007557

Anexo 4

Acontecimento Mediático e Experiência Pública: o caso *Cadeia de Favores-Missão ao Espaço* na Ilha do Marajó"

Questionário Sociodemográfico

Novembro de 2021

Julho de 2024

Nome:

Sexo: Masculino ____ Feminino ____

Idade: _____ anos

Estado Civil: Solteiro ___ Casado (a)/União de facto _união estável ___ Divorciado(a)/Separado___ Viúvo (a) ___

Cidade e Comunidade que mora: _____

Número de Filhos: _____

Curso Superior de : _____Nível Médio _____

Data ___/ ___/___